Universidade Federal Fluminense
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

JOSÉ VICENTE PEREIRA JUSTO CARNERO

PSICOLOGIA POLÍTICA DO CORPO

NITERÓI

2024

JOSÉ VICENTE PEREIRA JUSTO CARNERO

PSICOLOGIA POLÍTICA DO CORPO

Tese apresentada para obtenção do título de Doutor em Psicologia no Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Doutorado, da Universidade Federal Fluminense.

Área de concentração: Estudos da Subjetividade.

Orientadora: Drª. Cristina Mair Barros Rauter

NITERÓI

2024

Ficha catalográfica automática – SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

C289p Carnero, José Vicente Pereira Justo
Psicologia Política do Corpo / José Vicente Pereira Justo Carnero. – 2024.
440 f.

Orientador: Cristina Mair Barros Rauter.
Tese (doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Psicologia, Niterói, 2024.

1. Clínica. 2. Psicologia política. 3. Psicologia corporal. 4. Wilhelm Reich. 5. Produção intelectual. I. Rauter, Cristina Mair Barros. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Psicologia. III. Título.

CDD - XXX

Bibliotecário responsável: Debora do Nascimento – CRB7/6368

JOSÉ VICENTE PEREIRA JUSTO CARNERO

PSICOLOGIA POLÍTICA DO CORPO

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Psicologia no Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Doutorado, da Universidade Federal Fluminense.

Área de concentração: Estudos da Subjetividade.

Linha de pesquisa: Clínica e Subjetividade.

Data de aprovação: 26 de agosto de 2024

Banca Examinadora

_____

Profª. Drª. Cristina Mair Barros Rauter – Orientadora

Drª. em Psicologia

Universidade Federal Fluminense

_____

Profª. Drª. Simone Aparecida Ramalho – Examinadora Externa

Drª. em Psicologia

Universidade Federal de São Paulo

_____

Prof. Dr. João da Mata Cesse Neto – Examinador Externo

Dr. em Psicologia

Pesquisador e difusor da Somaterapia no Brasil e na Europa

_____

Prof. Dr. Nelson Job Vasconcelos de Carvalho – Examinador Externo

Dr. em Psicologia

Pesquisador do HCTE/UFRJ e difusor dos Transaberes

_____

Prof. Dr. Auterives Maciel Junior – Examinador Externo

Dr. em Filosofia

Universidade Veiga de Almeida

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a minha orientadora, a professora Cristina Rauter, quem me ensinou a pensar uma clínica transdisciplinar junto com a filosofia de Spinoza. Essa contribuição original de sua pesquisa me marcou a ponto de eu passar a pensar Reich com Spinoza, daí em diante, como uma espécie de *software* de base. Também a agradeço por abrir e defender esses espaços de diálogos na UFF e por sustentar um grupo tão afetivo de orientandos, por conta das características doces e agregadoras de sua personalidade. Sou grato igualmente aos meus colegas de orientação pelas sugestões, ideias e diálogos enriquecedores.

Agradeço ao meu mentor Rudi Reali, que segue a linha reichiana, com quem trabalho há mais de 20 anos e tenho o privilégio de trocar ideias sobre o pensamento dessa linha de maneira prática diariamente. Agradeço a ele também por amparar e sustentar o espaço da Escola Pós-Reichiana Federico Navarro (EFEN), onde continuamos, com muitos amigos e alunos, a desenvolver a técnica e teoria reichianas e pós-reichianas.

Agradeço aos alunos e colegas das supervisões clínicas na EFEN, pois sem seus estímulos, interesses, questionamentos, empenhos e contribuições muitas das ideias dessa tese não teriam germinado. Agradeço, em especial, ao meu amigo Rafael Benini, que durante esses anos sempre trocou comigo suas descobertas e compartilhou indicações de textos.

Agradeço aos professores Carlos Gallo (Índio) e Ana Paula Macedo, com quem tenho a chance de estudar na Escola de Espagiria desde 2018, pois com eles pude compreender na prática que a matéria precisa ser aberta e decomposta, retificada de suas impurezas e então novamente reunida como forma de evoluí-la e exaltá-la vibracionalmente em direção a níveis mais espirituais e sutis.

Agradeço a Joana Matias, que organizou o primeiro treinamento do *Expand The Box* no Rio de Janeiro em 2020, ministrado por Clinton Callahan e Anne-Chloé Destremau. A eles também sou grato e a outros treinadores que me ajudaram a ancorar distinções importantes como as de Caixa, Gremlin, Ser e Responsabilidade Radical, dentre outras, ao longo dos treinamentos em que pude participar no contexto do *Possibility Management*.

Agradeço a Matt Schwenteck, fundador do Consentimento Somático (*Somatic Consent*), por ter me ensinado alguns princípios do Tantra, em 2023, como o "acordar as mãos"; ativar os sistemas de prazer parassimpáticos no corpo, a saber: pedir e tornar claro o

que desejo e poder relaxar o corpo para me nutrir daquilo que preciso. Agradeço igualmente a Kátia Rosa (Satya Mahakali), por ter me ensinado os princípios do Mahamudra Tantra.

Agradeço ao meu amigo Santana Júnior, que me ensinou a meditação do Tengui, que se faz movimentando continuamente o corpo e mantendo "uma intenção firme e sem desvios" para conduzir a energia do dragão de maneira suave, sem fazer força ou resistências, em direção ao único objetivo que importa, que é em direção a Deus.

Agradeço ao professor Nelson Job, com quem tive a chance de participar de muitos de seus cursos nos Transaberes, e por ele ter explorado o conceito de vórtex pelo ponto de vista da física quântica e, ao mesmo tempo, pelo ponto de vista da mística não metafísica e não transcendente. Me ajudou a compreender o vórtex reichiano (chamado por Reich de superposição cósmica) por pontos de vista completamente diferentes e enriquecedores.

Agradeço aos amigos do canal Walter Russell Brasil, em especial a Eduardo Henrique de Oliveira e a Davi dos Santos Salles pelas inúmeras conversas que tiveram comigo a respeito dos conceitos de Russell, autor cujas ideias me ajudaram a amarrar raciocínios na tese através da elucidação dos mecanismos de contração-expansão e do intercâmbio rítmico balanceado.

Agradeço ao professor Paulo Albertini que, com muita generosidade, leu meu livro sobre Reich e Spinoza e me fez críticas muito construtivas, que me ajudaram a balizar algumas ideias dessa tese, em particular, a revisão da ideia de que existam sistemas encouraçados *ou* desencouraçados.

Agradeço à professora Edna Bertini pelas aulas sobre a Teoria Polivagal de Porges e as contribuições da neurociência à análise reichiana, bem como pela conversa instigativa sobre a natureza da mente e as realidades virtuais.

Agradeço ao meu amigo Leonardo Borges, por haver me apresentado o conceito de *sankara* no budismo, e à minha amiga Marina Gante pelas conversas sobre temas do Advaita Vedanta, que me permitiram estabelecer algumas relações esclarecedoras com conceitos do pensamento reichiano.

Agradeço a cada membro da banca de doutorado, pela leitura cuidadosa e generosa da tese, pela indicação de pontos de melhoria e apontamentos valiosos que pude incluir na versão final.

Agradeço à Daniele Soares Carneiro pela revisão cuidadosa do texto e adequação técnica.

Por fim, agradeço à minha esposa Jenifer Paixão e a meu filho Benício, por gerarem um contexto amoroso e de companheirismo ao longo desses anos de pesquisa e escrita.

RESUMO

Esta pesquisa é fruto de anos de investigações transdisciplinares e contemporâneas da obra de Wilhelm Reich em diálogo com autores e pesquisas em diferentes áreas de saber, bem como de anos de prática clínica dentro da atuação como psicólogo e terapeuta pós-reichiano. Alguns conceitos da filosofia de Baruch Spinoza são utilizados como fio condutor das principais temáticas, como o conceito de *conatus* (esforço de perseverança) e de *imperium* (autodeterminação), que tanto permitem o desdobramento das ideias quanto indicam a necessidade de gerarmos clarezas no pensamento a respeito de nossas posturas políticas e micropolíticas. Algumas perguntas psicopolíticas nos servem de guia: o que geramos com nossos desejos? Qual é a clareza que temos das gerações que fazemos? E que tipo de práticas políticas constituímos a partir desses desejos? A diferenciação entre as ideias que construímos puramente verbais e as que construímos com a autopercepção do corpo constituirá a principal diferença entre os mundos virtuais transcendentes que geramos e aqueles com gradações maiores na imanência. O entendimento dos mecanismos de coengendramento constante dos processos de formação caracterial e de formação de contextos político-sociais baliza uma perspectiva clínico-política e uma psicologia política que inclui os processos autônomos do corpo, suas potencialidades e vicissitudes. A compreensão clínica de Reich a respeito do funcionamento do caráter e da couraça nos dá subsídios para explorar novos conceitos práticos à luz da teoria da informação, da física quântica, das pesquisas contemporâneas em bioeletricidade, da cosmologia do Universo Elétrico, bem como de elaborações gnósticas a respeito do estado de prisão em que as consciências vivem e a possibilidade de encontrarem liberdade. A filosofia de Bergson, em respeito à distinção que estabelece sobre realidade do espaço e do tempo, assim como sobre as dimensões do atual e do virtual, também fornece bases para revisitar os conceitos reichianos de caráter e couraça e produzir novas possibilidades e ferramentas de entendimento clínico. Por fim, este estudo busca desenvolver ferramentas conceituais que podem ser utilizadas para ampliar a compreensão do pensamento reichiano, da filosofia spinozista e bergsoniana, de práticas clínicas, de práticas psicológico-políticas e psicológico-sociais.

Palavras-chaves: Clínica. Psicologia política. Psicologia corporal. Wilhelm Reich. Prisão. Cosmogonia. Energia.

ABSTRACT

This research is the result of years of transdisciplinary and contemporary investigations of Wilhelm Reich's work in dialogue with authors and research in different areas of knowledge, as well as years of clinical practice as a post-Reichian psychologist and therapist. Some concepts from Baruch Spinoza's philosophy are used as a guiding thread for the main themes, such as the concept of *conatus* (effort of perseverance) and *imperium* (self-determination), which both allow the unfolding of ideas and indicate the need to generate clarity in thought about our political and micropolitical stances. Some psychopolitical questions serve as a guide: what do we generate with our desires? What clarity do we have about the generations we make? And what kind of political practices do we constitute based on these desires? The differentiation between the ideas that we construct purely verbally and those that we construct with the body's self-perception will constitute the main difference between the transcendent virtual worlds that we generate and those with greater gradations in immanence. The understanding of the mechanisms of constant co-engendering of the processes of character formation and the formation of political-social contexts guides a clinical-political perspective and a political psychology that includes the autonomous processes of the body, its potentialities and vicissitudes. Reich's clinical understanding of the functioning of character and armor gives us support to explore new practical concepts in the light of information theory, quantum physics, contemporary research in bioelectricity, the cosmology of the Electric Universe, as well as gnostic elaborations in respect of the prison state in which consciences live and the possibility of finding freedom. Bergson's philosophy, with respect to the distinction he establishes about the reality of space and time, as well as the dimensions of the actual and the virtual, also provides bases for revisiting the Reichian concepts of character and armor and producing new possibilities and tools for clinical understanding. Finally, this study seeks to develop conceptual tools that can be used to expand the understanding of Reichian thought, Spinozist and Bergsonian philosophy, clinical practices, psychological-political and psychological-social practices.

Keywords: Clinic. Political Psychology. Body Psychology. Wilhelm Reich. Prison. Cosmogony. Energy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 12

CONSIDERAÇÕES INICIAIS 43

CAPÍTULO 1. Sobre o "eixo do orgasmo" e o "eixo da narrativa" – Reich, Deleuze e Guattari..... 94

1.1 Práticas libertárias requerem contato com o que se sente..... 94

1.2 Diferentes semióticas e semiologias: como pensar o corpo pelo eixo do discurso e pelo eixo do orgasmo..... 98

1.3 Códigos sociais são "introjetados" como geração de programações condicionais..... 107

1.4 Algumas ressonâncias e diferenças entre a filosofia de Deleuze e Guattari e a prática clínica de Reich..... 111

CAPÍTULO 2. Sobre as catexias, o desejo e o *conatus*..... 122

2.1 O duplo estatuto da catexia: narrativa e esforço de perseverança produzem realidade..... 122

2.2 Os vetores do corpo e da mente são *conatus*..... 130

2.3 Tudo se move pelo *desejo* que é corpo e mente..... 132

2.4 O desejo é um arbítrio parcial determinado por regras e necessidades..... 135

2.5 O desejo em ato é uma propulsão do corpo..... 141

2.6 O desejo atualiza a forma do devir desejado..... 143

2.7 A forma das catexias elétricas pensadas pela Teoria de Cordas e Mundos-brana..... 147

2.8 A forma do devir desejado é um conjunto de catexias elétricas sustentadas pelo desejo..... 158

CAPÍTULO 3. Sobre a consciência vortexial e as catexias elétricas..... 163

3.1 A consciência como "saber que sabe" e autopercepção..... 163

3.2 A consciência vortexial: a consciência considerada como uma superposição cósmica..... 169

3.3 A Superposição Cósmica e o Universo Elétrico..... 188

3.4 O orgone pode ser de natureza eletrodinâmica, pois é uma onda variável..... 197

3.5 Por que é necessário saber navegar as ciências marginais se quisermos alcançar entendimentos não ordinários da natureza?..... 208

3.6 O problema não é a mística, é o misticismo..... 218

3.7 O controle oligárquico e as caças às bruxas modernas..... 222

3.8 O eletroma e a bioeletricidade como a cola cognitiva do corpo..... 232

3.9 Por que uma caça às bruxas não pode ser superada *dentro* de seu próprio contexto..... 248

CAPÍTULO 4. Sobre o tempo e as realidades elétricas..... 257

4.1 Contextos: moldagem de mundos-brana em âmbito sociorrelacional..... 257

4.2 *Setting* terapêutico/analítico como espaço contextual..... 261

4.3 A análise do contexto requer a análise do caráter..... 268

4.4 Mundo de jogo: atualização material do contexto relacional..... 271

4.5 Imaturidade caracterial..... 276

4.6 Mapas de segurança são mapas de navegação espaçotemporais..... 281

4.7 Contrato de realidade: esforço geométrico de perseverança..... 301

4.8 Imagens corporais da consciência: consciências individuadas retidas em mundos-brana que *são* mundos-brana..... 306

4.9 Bloqueio do plasma e contrato de realidade..... 311

4.10 Cada consciência aprisionada está *sempre* precisando/tentando sobreviver à realidade quadridimensional formada pelas regras do mundo-brana..... 316

4.11 Um mundo-brana seria uma crença, uma memória ou ambas?..... 318

CAPÍTULO 5. Sobre o espaço-tempo da couraça e a autodeterminação em mundos prisionais..... 328

5.1 Limiar de excitabilidade e anestesiamento sensorial..... 328

5.2 Couraça em quatro expressões: espaço e tempo da couraça de caráter, espaço e tempo da couraça muscular..... 332

5.3 O Aladdin e o Gênio da lâmpada são uma *joint venture*..... 336

5.4 Impulsos elétricos também são condicionados neurologicamente..... 340

5.5 Absorver, reter e gravar são o mesmo movimento centrípeto..... 342

5.6 O *conatus* testa a maturidade da consciência..... 346

5.7 Constructos tensos e relaxados: a geração na mente e no corpo são o mesmo *processo*..... 353

5.8 Passar da perseverança por tensão à perseverança por relaxamento e aprofundamento é um caminho na direção à própria maturidade..... 369

5.9 Como o querer pode facilmente gerar um mundo-brana prisional..... 374

5.10 *Imperium*: guiar-se pela razão afetiva e pela postura interna do que se deseja 376

5.11 Geração de constructos relaxados e habitação em estados de bem-aventurança 393

CONCLUSÃO..... 410

REFERÊNCIAS..... 420

INTRODUÇÃO

Começarei esta tese apresentando um pouco do meu percurso como clínico e pesquisador e o que me motivou a escrevê-la. Antes de iniciar meus estudos em Psicologia eu havia me formado em Administração de Empresas e não senti que me encontrava nas matérias exatas, até que comecei a ter aulas de gestão de pessoas e mediação de conflitos. Nesse percurso, eu convivia com algumas de minhas patologias de "cunho emocional", como gastrite crônica e dores na coluna. Remédios alopáticos tradicionais e fisioterapia tratavam os sintomas temporariamente, mas eles retornavam. Fiz duas terapias centradas na fala e não senti mudanças, até o momento em que descobri a Vegetoterapia (Terapia Reichiana). Para minha surpresa, em poucos meses, os sintomas desapareceram e compreendi que eles provinham de ansiedades e tensões que eu sustentava no corpo e que minha capacidade de perceber o que eu sentia era pequena, como se faltassem rudimentos básicos. Foi por esse bom resultado e pelo meu desejo de compreender as emoções que eu ingressei na área da Psicologia e, concomitantemente, na formação em Terapia Reichiana.

Reich para mim se tornou algo muito vívido e eu dialogava organicamente com ele com o que eu aprendia na Psicologia. Pensar política, energia, sentimentos e sensações passou a ser algo constante e me dediquei muito às matérias que tratavam de Análise Institucional, pois me parecia que compartilhavam os mesmos parâmetros, ainda que com nomenclaturas diferentes. Minha orientadora na graduação foi Maria Helena Zamora, quem também me apresentou à minha orientadora de mestrado e depois doutorado, Cristina Rauter. Ambas eram entusiastas da inclusão de Reich nas disciplinas, tanto da PUC-Rio quanto da UFF. Lembro-me de uma palestra em Macaé ministrada pelo professor Antonio Lancetti, analista institucional, em que dizia que a primeira coisa que observava quando chegava em uma casa era como estavam o bebê e o cachorro. Como eles eram muito sensíveis e não conseguiam verbalizar, todos os efeitos da tensão do ambiente e daquela organização social podiam ser observados diretamente neles.

Depois que me formei em Psicologia e na Escola Pós-Reichiana Federico Navarro (EFEN) passei a clinicar e, posteriormente, a dar aulas na Formação. A sede da EFEN era na antiga Associação Brasileira de Integração Corpomental (ABIC), onde Federico Navarro deu aulas por alguns anos. A ABIC tinha como propósito ser um centro de divulgação de palestras e cursos de pesquisadores acadêmicos de áreas como cosmologia, física quântica, filosofia, assim como de diferentes terapêuticas holísticas e não convencionais. Nossos

estudos sobre o pensamento reichiano e pós-reichiano ocorriam em meio a esses eventos e diálogos. Portanto, a maneira com a qual aprendi a pensar Reich também vem deles.

Igualmente, o tema da política esteve muito presente na Formação na EFEN por diversos fatores. Tanto porque parte da obra de Reich está dedicada a escritos políticos e psicopolíticos, como porque Federico Navarro foi pioneiro, junto com o antipsiquiatra[1] Franco Basaglia no movimento de psiquiatria democrática na Itália e trouxe essa assinatura consigo, como porque Rudi Reali – que participara ativamente como militante nas lutas contra a ditadura civil-militar no Brasil – após o falecimento de Navarro, tornou-se coordenador da Formação. Assim, não havia nenhum momento em que não pensássemos em clínica com política ou política com clínica.

Todos esses contextos e questionamentos me provocaram um vívido interesse em investigar as ideias políticas de Reich pelo aspecto da energia e da consciência, e foi com esse intuito que entrei no mestrado na UFF com a professora Cristina Rauter. Minha questão de base era: "como ter ideias políticas funcionais?" ou "como pensar funcionalmente a política?", então compreendi que não estava preparado para responder a isso. Felizmente, Cristina me apresentou as ideias de Spinoza, filósofo que se dedicou a elucidar o que são as ideias adequadas, as ideias inadequadas e a liberdade humana. Ele foi bem categórico ao afirmar, com outras palavras, o que era necessário: pensar além de suposições, compreender as causalidades, pensar com o corpo e expandir a capacidade de afetar e ser afetado.

Spinoza para mim foi um impacto. Quanto mais tentei avançar nas questões que me levaram ao mestrado, mais senti a necessidade de compreender melhor o que Spinoza dizia. Então, Cristina propôs que eu escrevesse sobre Reich e Spinoza, e me centrei na questão sobre "como ter ideias adequadas?", para que, em outro momento, eu pudesse pesquisar sobre "como ter ideias políticas adequadas?". A primeira questão foi a base do meu mestrado e do livro que escrevi a partir dele (Carnero, 2021). A segunda questão foi o que me levou a escrever esta tese. Por isso, ela é uma continuação e tem como ideia central a pergunta: "como pensar adequadamente fora de constructos prisionais?". Isso me levou a pensar a *gnose* que é pensar a natureza divina, os caminhos da liberdade e a superação das servidões, questões que foram comuns tanto a Spinoza quanto a Reich.

Dito isso, a maneira como apresento Reich nesta tese se faz numa conjunção da clínica, da ciência e da filosofia. Por isso, a perspectiva política que assumo não é partidária,

[1] De acordo com Volpi (2004, p. 1), em entrevista com Navarro, a antipsiquiatria era muito próxima ao pensamento de Reich, pois ela "fala da importância de mudar a condição social para [...] fazer uma prevenção da psicopatologia".

mas micropolítica, através do entendimento do funcionamento dos afetos e de uma perspectiva imanentista. Cabe dizer que o pensamento de Reich é um pensamento de esquerda, tanto quanto isso signifique uma perspectiva humanitária e a produção de espaços sociais que possibilitem a autorregulação, a autogestão e práticas de liberdade.

Ainda que parte dos escritos políticos iniciais de Reich tenha sido feita no período intenso de lutas políticas e críticas sociais conhecido como freudo-marxismo[2], a leitura política que faço busca ligar os questionamentos iniciais de Reich em *Psicologia de massas do fascismo*, obra publicada inicialmente em 1933, a respeito da resignação das massas e sua adesão voluntária às lógicas autoritárias, com os escritos de um Reich mais tardio, entre 1940 e 1950, quando desenvolveu suas pesquisas sobre a energia vegetativa do corpo e depois a energia orgônica. Meu intuito foi ligar o Reich que, na esteira do filósofo francês Étienne de La Boétie (1530-1563)[3], se questionava como as pessoas voluntariamente se submetiam à tirania, *com* o Reich que investigou como os bloqueios energéticos se davam a partir de um desbalanço na função de tensão-carga-descarga-relaxamento. Em outros termos, meu ponto de partida foi investigar *o que era a servidão voluntária em termos energéticos e como ela funcionava.*

Quando estava mais próximo à psicanálise, Reich trouxe as preocupações político-sociais para a clínica, pois a liberdade e a autorregulação são exercícios, não lugares a serem alcançados. Assim como há a necessidade de constantes lutas políticas para que os autoritarismos não se instalem, também há a necessidade de percepção interna das próprias posturas, pois são elas que dão origem aos autoritarismos. Como ele mesmo expôs: "*o prazer*

[2] O freudo-marxismo foi uma corrente de pensamento que buscou integrar as teorias psicanalíticas de Freud com aquelas da filosofia política de Karl Marx. Foi um movimento surgido sobretudo na Alemanha e na União Soviética entre os anos de 1920 e 1930. Em particular, Reich centrou-se na denúncia da metafísica do pensamento freudiano, sobre a pulsão de morte e a necessidade de castração, que reforçava os padrões autoritários e as posturas políticas conservadoras. Também foi bastante crítico ao regime totalitário de Stalin, chamando-o de "fascismo vermelho". Reich usou o termo para criticar a repressão e o autoritarismo que aconteciam dentro dos movimentos comunistas.

[3] Esse filósofo e humanista francês foi conhecido principalmente por sua obra *Discurso sobre a servidão voluntária*, publicada em 1576. Como explica Chaui (2014), o próprio nome "servidão voluntária" indica uma situação contraditória. Estar em servidão significa estar sendo submetido contra sua própria vontade, no entanto, o termo "voluntária" quer dizer que a pessoa deseja isso. A originalidade de La Boétie foi questionar a tirania não sobre como alguém que é dominador, corrupto, mau, opressor é capaz de governar as pessoas de cima para baixo, mas se perguntou como os tiranizados aceitam e, não raro, apoiam as ações do tirano. Como eles davam o suporte ao tirano que estava em cima? La Boétie responde que é porque as pessoas entregam suas honras, suas dignidades e suas integridades ao tirano, para que ele as use em benefício próprio. E por que as pessoas quereriam isso? Porque em todas elas habitam *tiranetes* que também querem oprimir, submeter e usar para seus próprios propósitos obscuros as outras pessoas. Na tese, explorarei que os *tiranetes* são as próprias consciências aprisionadas das pessoas que, ao se verem em becos sem saída, aceitam fazer acordos obscuros para obter promessas de sobrevivência e prazeres compensatórios.

e a alegria da vida são inconcebíveis sem luta, sem experiências dolorosas e desagradáveis autoavaliações" (Reich, 1988, p. 175, grifo do autor).

Não é difícil encontrar na história momentos em que logo que um espaço é liberto de uma opressão, em pouco tempo passam a emergir novas formas de opressão. Isso significa que há uma dimensão da realidade corrente na qual os tiranos se produzem continuamente, pois, como disse Reich, são os "zés-ninguém"[4] que nos habitam. Eles nos habitam o tempo inteiro, assim como os microfascistas, pois eles não estão em uma dimensão externa, mas em uma dimensão interna. No entanto, nem o externo nem o interno existem de maneira independente, pois são coengendramentos.

Por isso, ao longo da tese, defenderei dois tipos de prática política que são potentes quando pensados juntos: um do *fora* e outro do *dentro*. Os do *fora* envolvem as práticas de liberdade (Paulo Freire), as linhas de fuga (Deleuze), os bons encontros (Spinoza), as zonas autônomas temporárias (Hakim Bey/Peter Wilson), dentre outros que implicam práticas junto aos outros para gerar espaços de liberdade. Como disse João da Mata: "não se trata de construir um mundo apaziguado de conflitos ou uma sociedade hegemonicamente livre como condição futura. Mas gerar fissuras diante do que está posto, reconhecer os contornos do possível, mesmo que se queira o impossível" (Mata, 2021, loc. 70). Sem as práticas de liberdade, aquelas que fazem uma crítica permanente às diferentes formas de dominação, o que costuma imperar são as relações autoritárias ou de dominação.

Quando trato do autoritarismo e da dominação, não me refiro apenas às discussões feitas através do pensamento marxista que fez uma crítica às concepções repressivas do poder e que foi o contexto histórico do freudo-marxismo, dentro do qual Reich expôs suas ideias políticas iniciais. O autoritarismo e a dominação (bem como o aceitar a dominação), por serem *atitudes*, têm também uma microfísica interna e são estratégias de perseverança *dentro* de espaços internos inóspitos gravados no corpo nos quais o fim predeterminado é o *morrer* de alguma forma.

Digo isso, pois esses dois temas (o autoritarismo e a dominação) foram abordados por Foucault em *Microfísica do poder* (1998). No final do Cap. 12, o filósofo denomina de "hipótese de Reich" (p. 176) a ideia de que "o poder [seja] essencialmente repressivo. O poder é o que reprime a natureza, os indivíduos, os instintos, uma classe" (p. 175). Faz ainda uma crítica a essa hipótese e à vertente freudo-marxista que se baseia nela. Foucault demonstra que o poder não é apenas supressivo ou repressivo, isto é, não está concentrado

[4] Cf. *Escuta, Zé-Ninguém!* (Reich, 2007 [1946]).

apenas nas mãos de instituições tradicionais como o Estado, a polícia ou grandes corporações, mas, ao contrário, ele permeia todos os níveis da sociedade, em suas relações cotidianas, a partir da produção de discursos, normas e práticas que passam a determinar o que é verdadeiro ou correto em uma sociedade. Assim, o poder opera em níveis microscópicos, nas interações cotidianas, interpessoais, e são esses processos de normalização e disciplina transmitidos e retransmitidos pelas pessoas que passam a moldar os comportamentos, discursos e práticas sociais.

Para o filósofo, a "hipótese de Reich", também chamada de hipótese repressiva, parte da ideia de que a repressão sexual é a principal causa das neuroses e dos adoecimentos psicológicos, sendo que a liberação dos impulsos sexuais poderia curá-los. Assim, Foucault acredita que tal concepção gera uma visão simplista, que não toma em conta a complexidade das relações de poder e das práticas sociais que moldam a sexualidade e a saúde mental. Tomá-las como fenômenos biológicos apenas seria uma maneira de minimizar um campo de práticas e discursos que são influenciados por poderes sociais e políticos.

Acredito que a leitura de Foucault sobre Reich se deva ao fato de o último ter elaborado sua teoria sobre a repressão sexual no contexto do que o filósofo denominou por "sociedades disciplinares" e "poder repressivo patriarcal", que abrange o período do final do século XVII até meados do século XX. No entanto, vale dizer que a "repressão sexual" para Reich é um tema bastante abrangente e precisa ser compreendido no significado do termo "economia-sexual", que denota a *distribuição, propósito e uso da energia do corpo* para fins de perseverança. Foucault não abordou essa distinção, por isso, o que chamou de "hipótese de Reich" tornar-se-ia um tanto defasada, já que a eficiência do controle social justamente ocorre *não apenas pelo poder repressivo direto*, mas pela sugestão e controle dos discursos, o que podemos entender como *colonização da imaginação*[5].

Ao longo da tese irei demonstrar como os mundos de histórias e narrativas imaginárias que levam as pessoas a temer, se conformarem, lutar pela própria servidão, são *moldados* de forma econômico-energética no corpo. Por isso, a "hipótese de Reich" de Foucault precisa ser atualizada com as investigações de um Reich tardio, da energética orgonômica. Do contrário, estaremos sempre falando de um Reich *anacrônico*, ou seja,

[5] Conferir o artigo de Cristina Rauter *Autonomia e subordinação do povo brasileiro no século XIX: resistência e colonização de corpos e mentes no momento da independência* (2021). Como aponta: "o que aqui denominamos *colonização da imaginação* é o contágio da multidão por afetos tristes, fazendo com que esta acredite em sua própria impotência. Enquanto estiver dominada por afetos tristes, a multidão não pode resistir adequadamente e repelir o que a oprime, afirmando seu direito" (p. 22, grifos da autora).

relegado a ser lido naquele único enquadramento. Também o termo "patriarcal" precisa ser atualizado como *modus operandi* e não como indicador de um poder repressivo direto, como o do pai que submete a mãe, que submete os filhos. Como *modo*, o patriarcado é capilar porque ele se refere à "qualidade do homem produzida pela cultura moderna – em outras palavras, homem autorreferenciado, homem problemático, conivente, arrogante[6]" (Callahan, 2022, loc. 132). Assim, é importante compreender como as redes de relações de poder são moldadas dentro de modos subjetivos emocionais imaturos e irresponsáveis. Esses modos são *resultados* de supressões de impulsos emocionais no corpo, e os discursos sociais apenas conformam com essas moldagens emocionais.

Por isso determinar que a liberdade está na "potência orgástica" ou na "liberação da energia sexual" como o objetivo desejado da clínica em termos *discursivos* apenas pode levar a equívocos, pois os lugares discursivamente moldados abrem margem a novas apropriações pelo poder e geração de novas formas de controle e autoritarismos. Logo, a chave da potência e da liberdade não está no discurso. Alguém, então, poderia se perguntar: "seria potência orgástica o atingimento de um lugar?", "existe um lugar superior de quem conseguiu ou de quem não conseguiu?". Poder-se-ia dizer: "eu tenho potência orgástica, agora sou uma pessoa liberada"? Isso pode gerar normas e novas posições de poder, razão pela qual Foucault aponta que não se trata de "eliminar repressões" ou de "liberar a sexualidade"[7]. Se o discurso político for o de "libertar as amarras" de um contexto social qualquer e isso significar amarras *discursivas*, como romper com regras, normas e estruturas sociais montadas, não necessariamente isso conduz a qualquer tipo de liberdade. O autoritarismo pode sempre ser implementado com uma nova roupagem[8].

---

[6] Traduzido livremente do inglês: "the quality of man as produced by modern culture – in other words, self-referenced man, problematical man, conniving, arrogant".

[7] Segundo aponta: "Esta ideia de que a miséria sexual vem da repressão, esta ideia de que, para ser feliz, é preciso liberar nossas sexualidades, é no fundo a ideia dos sexólogos, dos médicos e dos policiais do sexo... [...] Sim. E é por isso que eles nos colocam uma armadilha perigosa. Eles dizem mais ou menos o seguinte: 'Vocês têm uma sexualidade, esta sexualidade está ao mesmo tempo frustrada e muda, proibições hipócritas a reprimem. Então venham a nós, digam e mostrem tudo isto a nós, revelem seus infelizes segredos a nós...'. Este tipo de discurso é, na verdade, um formidável instrumento de controle e de poder. Ele utiliza, como sempre, o que dizem as pessoas, o que elas sentem, o que elas esperam" (Foucault, 1998, p. 232).

[8] Sobre outras relações entre corpo e poder, a partir de uma análise sistemática das obras de Michel Foucault e Wilhelm Reich, remeto à leitura da tese de doutorado de André Valente Barreto (2007), chamada *A luta encarnada: corpo, poder e resistência nas obras de Foucault e Reich*. Nessa tese, o autor busca superar a tendência das ciências humanas modernas de ignorar ou tratar o corpo como um objeto simbólico, negligenciando sua materialidade. Por isso, recorre ao pensamento de Reich, para que os aspectos materiais e biológicos sejam incluídos aos aspectos simbólicos e sociais. Igualmente, considero a tese de doutorado de João da Mata Cesse Neto (2014) chamada *A arte-luta da capoeira angola e práticas libertárias*, onde discute também as obras de Foucault e as relaciona com as obras de Reich na relação entre corpo, emoção e práticas de resistência.

Por isso, Reich, em função de um pensamento antiautoritário, questiona a forma das relações: como são as relações entre amantes, entre pais e filhos, como educamos as crianças, como dimensionamos relações de governo uns sobre os outros? (cf. Mata, 2021, loc. 78). Quando essas relações estão impregnadas de opressões, chantagens, culpas, ressentimentos, as práticas de poder sociais tornam-se autoritárias e produtoras de culpas. Mesmo que o discurso *pareça* libertador. Assim, observar a instauração desses microfascismos nos espaços cotidianos e tomar medidas para combatê-los são uma parte do problema. Isso são as práticas políticas do *fora.* A outra parte é observar o surgimento dos microfascismos e de onde eles se originam. Isso nos leva às práticas políticas do *dentro*. O objetivo dessa tese é explorar o funcionamento da psicologia política no que acontece *dentro* do corpo.

Como é possível fazer com que alguém acredite na própria impotência? Como é possível fazer com que uma pessoa se torne dominada por seus próprios afetos de constrição e se sinta incapaz de repelir o que a oprime? A resposta pode parecer contraditória, pois não "se faz" isso. É possível *convidar* uma pessoa a acreditar, mas a adesão é voluntária. Os discursos, as normas e as práticas sociais geram um conjunto de regras que legislam sobre o que é possível ou não ser experienciado como seguro naquele espaço. Legislam também sobre o que é desejável e, por isso, passível de recompensas ou o que é indesejável e, portanto, passível de punições. Essas regras formam um *contexto* ou *mundo de jogo* que *convida* a modos de engajamento naquele jogo.

Uma pessoa adere às regras dos jogos externos, tanto quanto ela se adeque às regras de seus jogos internos. Uma pessoa que é convocada pelo ambiente externo (seja por outras pessoas, seja por normas, seja por sinais) a atuar de maneira autoritária ou sádica, o aceita alegremente caso essa atuação *seja uma das saídas viáveis que encontrou para suas próprias angústias internas*. Dentro do espaço onde ela vive internamente, ser sádico ou autoritário é uma saída *viável e aceitável* para que ela possa resolver problemas. Isso a torna uma pessoa moralmente inferior ou desprezível? Não. A pergunta é: *onde ela passa a maior parte do tempo vivendo dentro de si, ou seja, em qual lugar, ou submetida a quais regras de realidade, para que a sua solução mais viável e aceitável seja atuar de maneira sádica e autoritária*? Na tradição cristã, esse lugar é chamado de "inferno" e na filosofia budista é chamado de "sankara[9]". Reich chama esse lugar de "o reino do diabo" (2003 [1951], p. 133).

[9] *Samskaras* ou *sankaras* são um conceito central na filosofia budista e referem-se às formações mentais, condicionamentos e forças volitivas (impulsos) que moldam e influenciam a mente e as ações humanas. Nessa filosofia, os sankaras moldam como reagimos ao mundo e perpetuam os ciclos de sofrimento nele (samsara). Acredito que sejam muito próximos, se não equivalentes, ao que denomino na tese como constructos prisionais

No reino do diabo a pessoa está *sempre* sendo abusada, *sempre* precisando se submeter e entregar sua integridade para não morrer. Lá ela está *sempre* tentando tomar o poder de quem a abusa porque tem a esperança de que se for capaz de abusar também, então será livre. Mas, lá dentro, ela jamais se liberta. O *inferno* é um lugar de dor, desespero e *looping temporal*. O inferno não ocorre depois que morremos, mas ocorre em vida, pois é onde partes nossas ficam presas e retidas *precisando sempre* sobreviver. Por isso, o inferno também é povoado por tiranetes, ou pequenos tiranos, como dizia Étienne de La Boétie.

Se o inferno é uma prisão agonizante e inexorável e permanecer nesse espaço gera a necessidade de adaptação a ele, que maneira mais eficiente existe para isso, senão através da busca de *prazer e poder compensatórios*? Dentro da experiência clínica que pude investigar, uma consciência sobrevive retida no inferno, sem rebelar-se contra sua própria condição cativa, através de dois mecanismos: 1) ela precisa aprender a *gostar* dos benefícios secundários que é capaz de obter dentro do constructo infernal; e 2) ela precisa desenvolver estratégias para tentar retomar o *poder e o controle* perdidos e ter a esperança de, com eles, escapar da condição de impotência à qual se encontra subjugada. Acredito que desses dois mecanismos derivem a maior parte dos traços de caráter *reativos* que expressam as couraças crônicas.

Conforme apontou Albertini (2003), o conceito de *formação reativa* da teorização freudiana trata-se, em síntese, de uma "atitude ou hábito psicológico de sentido oposto a um desejo recalcado [...] (o pudor opor-se a tendências exibicionistas, por exemplo)" (Laplanche; Pontalis, 1983 [1967], p. 258 *apud* Albertini, 2003, p. 66). O autor aponta também que, enquanto no pensamento freudiano, "a formação reativa é parte integrante da formação do homem" (p. 66), ou seja, faz parte da estruturação humana, no pensamento reichiano, *ao contrário*, uma pessoa forma atitudes reativas ou reatividades como mecanismos de defesa que são patológicos, *justamente porque o problema da formação reativa é um problema econômico-energético gerado por modos autoritários do processo*

virtuais, pois são condicionamentos que influenciam o presente e geram *futuros estados de existência*. Esses condicionamentos têm uma natureza impermanente, por isso, ao estarmos retidos neles, vivemos vidas insatisfatórias. A compreensão dos sankaras são centrais no caminho do autoconhecimento do budismo, pois apenas ao conhecê-los é possível dissolvê-los. Nessa linha filosófica, a prática da meditação e da observação consciente conhecida como *vipassana* é uma das principais maneiras de dissolução dos sankaras. Quando uma pessoa se senta por dias em silêncio, pouco a pouco aprofunda a percepção em si mesma e começa a entrar em contato com seus sankaras. Conforme é capaz de observar essas sensações condicionadas e tendências automáticas e atravessá-las, isto é, não as julgar ou reagir emocionalmente a elas, *essas formações começam a se dissipar*. A meu ver, essa dissipação se deve à dissolução das tensões que mantinham coesas essas formações condicionadas. Não irei aprofundar na tese esse conceito, apenas busco apontar que talvez se trate do mesmo princípio de funcionamento comum que defendo de serem os constructos prisionais virtuais que compõem a couraça de caráter.

civilizatório, não um problema ontológico, atemporal e não processual da existência humana. Poderíamos dizer que a formação reativa é uma tentativa *desesperada* de encontrar balanceamento interno, quando isso não é possível, por conta de tensões e bloqueios. O "mal-estar na cultura" tem origens sociais e implica um diálogo fora-dentro-fora entre o organismo vivente e o ambiente no qual ele tem a *necessidade de perseverar*.

Se uma pessoa foi subjugada por um autoritarismo no passado, foi silenciada, ameaçada e sentiu-se incapaz de pôr limites nessa relação, ela *sabe* que esse método funciona, porque funcionou em si mesma. Então, assim, ela aprende uma habilidade também, a de utilizar o chicote específico que foi utilizado sobre ela. Nesse exemplo, cada vez que ela se sente impotente e utiliza esse chicote com outros e percebe que eles se submetem e silenciam, ela: 1) deleita-se com a sensação de prazer ao finalmente experienciar retomar o sentimento de poder perdido; e 2) tem a esperança de que, ao exercer o chicote, garante que jamais (ainda que dure um breve momento) será subjugada novamente. É nesse momento que essa parte de sua consciência, retida em um constructo infernal, torna-se uma tiranete. Cada vez que essa parte utiliza esse chicote para sobreviver, ela *ratifica* a própria condição infernal em que está constrita. Esse é um desafio clínico que poucas vezes é mencionado em âmbitos políticos, pois muitas vezes os *discursos* são mais importantes do que os *motivadores* das ações.

O *prazer compensatório* é o pagamento exigido pela parte que está retida no constructo, por sua própria existência cativa. Se não houvesse esse pagamento, ela poderia rebelar-se com mais facilidade, pois o preço de permanecer cativa tornar-se-ia alto demais. No entanto, se ela é paga ou *compensada* de alguma maneira, torna-se viável permanecer lá dentro um pouco mais de tempo. Todos os prazeres compensatórios entorpecem, isto é, anestesiam parte da dor e da percepção precisa do que ocorre no constructo, e, ao mesmo tempo, fornecem serotonina e dopamina, os principais neurotransmissores que participam nos comportamentos e práticas de adicção e compulsão.

A serotonina fornece uma sensação de bem-estar e felicidade e contribui para a diminuição da percepção da dor, enquanto a dopamina ativa o sistema de recompensa responsável pela sensação de prazer e motivação pela ação motora. A dopamina traz a sensação de que, de fato, a pessoa está fazendo algo a respeito, isto é, tomando uma atitude que lhe promete possibilidade de escape[10]. Essa parte de sua consciência retida pode dizer: "eu me sinto tão miserável e sem saída aqui dentro, que quando eu uso/faço [isso] eu me

[10] Sobre esse tema, recomendo a leitura do livro da psiquiatra americana Anna Lembke, *Nação Dopamina: por que o excesso de prazer está nos deixando infelizes e o que podemos fazer para mudar* (Lembke, 2022).

sinto livre dessa prisão. Se nesse lugar eu posso contar com [isso] e isso me é permitido, então isso é uma forma de eu aguentar e permanecer aqui dentro". Abdicar dos prazeres e poderes compensatórios é uma das principais vias de saída efetiva de constructos prisionais, pois a adesão voluntária a eles ratifica a própria existência da prisão.

Portanto, como funciona uma colonização do imaginário bem-sucedida? Através de *narrativas de impotência, convites de jogo e autorizações sociais*. Primeiro, explicou Reich em *Psicologia de massas do fascismo* (2001 [1934]), é preciso inculcar sentimentos de impotência na estrutura somatopsíquica das pessoas, através de autoritarismos e condenações nas formas de socialização. Logo, compreender que esses sentimentos formam mananciais energéticos, como panelas de pressão que irão buscar algum tipo de descompressão ou escape. Depois, encontram-se formas de *excitar* esses sentimentos e excitações já retidas em forma de tensão no corpo, e, então, organiza-se socialmente uma forma de escape controlado e autorizado dessas tensões e pressões internas, de modo que as pessoas nutram esperanças de libertação e saída, mas permaneçam presas em um novo formato de cativeiro. No mesmo livro, Reich aponta que essa engenharia social que envolve narrativas e economias energéticas foi a principal responsável pelo volume explosivo do movimento fascista na Alemanha.

Dito isso, esse mesmo princípio se aplica a quaisquer outras formas de controle e manipulação social que utilizam o *desejo* das pessoas como o combustível para que perpetuem práticas fascistoides. Sem a geração de *submundos prisionais* dentro do corpo e da mente e sem que as pessoas nutram internamente ânsias de prazeres e poderes compensatórios, não haveria propulsão ou momento (*momentum*) para que as pessoas buscassem, voluntariamente, formas de libertação através de práticas autoritárias e irresponsáveis. É porque as pessoas vivem em diferentes estados de dor, medo, insegurança e impotência que elas buscam *desesperadamente* por direcionamentos que prometam solução e saída desses infernos, sem que para isso necessitem olhar para dentro e observar onde e como estão presas.

É nesse sentido que as redes sociais ganham tamanha expressividade em como essa engenharia social ocorre nos tempos atuais. As mídias sociais colonizam a imaginação das pessoas ao moldar suas percepções, desejos e comportamentos de maneira sutil e, muitas vezes, inconsciente. Primeiro, é necessário gerar *narrativas* que façam as pessoas se confrontarem com sentimentos de impotência que carreguem dentro e perceberem que há um abismo entre o que é idealizado e o que elas vivem. Esse confronto, dado um elevado grau de imaturidade, reatualiza o sentimento de impotência.

O que é idealizado passa a ser capturado como uma promessa de libertação de dores e angústias internas, o que é suficiente para gerar adesão voluntária a essas idealizações. Podem ser idealizações estéticas, político-partidárias, de *status* social etc. Logo, há o *convite para participar de um jogo*: "veja, se você participar desse contexto, existe a promessa de que você experienciará os prazeres e poderes que você tanto deseja internamente". Em seguida, é preciso conceder a *autorização* a isso: "se você participar desse contexto, você tem a autorização para atuar de maneira irresponsável, sem que nenhum tipo de punição recaia sobre você. Ao contrário, o que você fizer para participar será bem-vindo e recompensado".

Esse princípio de funcionamento comum está presente nos fenômenos irracionais de adesão aos movimentos político-sociais extremistas, bem como está na base dos resultados dos diversos experimentos sociais, como o Experimento da Prisão de Stanford, em 1971, de Philip Zimbardo, descrito no livro *O efeito Lúcifer* (2018), ou os experimentos conduzidos pelo psicólogo Stanley Milgram na década de 1960 (Milgram, 2016), sobre até que ponto as pessoas obedecem a figuras de autoridade quando solicitadas a realizar ações que podem causar sofrimento a outros. Os estudos de Zimbardo e Milgram demonstraram que o comportamento humano é fortemente influenciado pelo contexto social e pelas estruturas de poder em que as pessoas estão inseridas, porém eles não abordam o que acontece *do corpo para dentro*, isto é, as organizações e estabilizações econômico-energéticas que geram *micromundos de jogo* ou *microcontextos ambientais* onde as pessoas se tornam cativas e buscando desesperadamente sobreviver através de anseios de prazeres e poderes compensatórios. Reich abriu esse tema nos livros *Psicologia de massas do fascismo* (2001, ao longo das edições de 1933, 1934, 1946 e 1953), e *A função do orgasmo* (1988, escrito em 1942). Meu intuito aqui é explorar essa abertura original e avançar nela com algumas compreensões contemporâneas, através de campos da filosofia, da ciência e da espiritualidade.

Por isso, irei desenvolver na tese o conceito da couraça crônica – como uma série de tensões sustentadas pelo desejo de não liberá-las como promessas de segurança – simultaneamente como *objetos dimensionais* e como *realidades dimensionais* retidas no plasma corporal, bem como podendo ser expandidas para além dele, na forma de um *contexto social*. Compreenderemos o conceito de couraça crônica a partir de três escalas dentro do

que chamarei de "uma consciência individuada[11]", tal como uma pessoa o é. Demonstrarei que a couraça, antes de ser *muscular*, é uma retenção energética no plasma da consciência[12]. A neuromuscularidade local apenas se auto-organiza em função da forma dimensional energética que persevera naquele espaço do corpo e da mente. Isso significa que a couraça é a geração de uma tensão centrípeta que se mantém conservada e gera um objeto dimensional, que pode ser visto em diferentes escalas.

Para fins didáticos, observe a imagem de uma "esfera de Hoberman". É uma estrutura isocinética que se parece com uma forma geodésica capaz de se expandir e se encolher. Quando comprimimos essa esfera, a vemos como um objeto dimensional composto por muitos vértices. Imagine que esse objeto está em constante movimento e sua forma é plástica, ainda que seja um modo limitado por "paredes" ou "membranas" que são as arestas dessa forma dimensional. Isso é um *objeto dimensional.* Agora, imagine que essa esfera de Hoberman pode ser expandida, como é próprio de sua mecânica, e você seja capaz de entrar *dentro* dela. Enquanto você habitar o interior dessa esfera, ela será uma realidade particular para você, uma espécie de minimundo, e nele, as regras da realidade são particulares e tudo

[11] O conceito de consciência que explorarei na tese pode ser lido como um "processo de individuação" e, para isso, me apoiarei em Gilbert Simondon (2020). Por isso, não utilizarei esse conceito como sinônimo de um "*self*" ou um "si mesmo narrativo", como o Ego freudiano, mas como um "processo de perseverança individuado", uma organização de partes que perseveram, têm inteligência, objetivos, buscam expansão e aumento de complexidade e, como explicitou Annaka Harris, têm uma fenomenologia interna, uma experiência de sentido (*felt experience*) (Harris, 2019, p. 11). Eu, você e todos os entes somos um agregado de partes viventes que, de maneira complexa e não linear, buscam perseverar de maneiras particulares. Spinoza chamou a isso de "modos finitos" na natureza. Neste trabalho chamarei a esses modos viventes de "consciências individuadas". Portanto, quando eu utilizo o termo "consciência" o faço próximo à definição de Harris (2024, [01:54-02:30]): "Então, quando eu uso a palavra consciência eu não estou falando sobre pensamentos de alta ordem [cognitiva] ou pensamentos complexos ou coisas que pensamos em termos de consciência humana, mas quando eu uso a palavra consciência eu estou falando sobre atenção/percepção, experiência sentida, senciência, permutavelmente, para falar sobre este sentido mais fundamental da consciência. E isso pode existir sem pensamento [discreto]. Poderia existir em um organismo muito simples, que não é capaz de pensamento [discreto, que divide ideias em partes separadas]". [Traduzido livremente do inglês: "So, when I use the word consciousness I'm not talking about higher order [cognitive] thinking or complex thought or things that we think in terms of human consciousness, but when I use the word consciousness I'm talking about awareness, felt experience, sentience, interchangeably to talk about this more fundamental sense of consciousness. And this can exist without [discrete] thought. It could exist in a very simple organism that is not capable of thought [discrete, that divides ideas on separate parts]"].

[12] O conceito de "plasma da consciência" explorarei no capítulo em que tratar da "consciência vortexial" ou da consciência entendida como uma *superposição cósmica.* Se todos os entes viventes são agregados de partes viventes, em uma escala extremamente pequena, cada sistema individuado ou cada "parte" se encontra muito distante uma da outra. O que une essas partes é um tipo de "cola cognitiva", que o biólogo Michael Levin (2023a) indicou como a bioeletricidade. Partes distantes que mantêm um certo tipo de coesão e perseverança funcionam tal como um sistema gasoso iônico que sustenta uma configuração eletrônica estável. Podemos pensar, nessa escala, o corpo e a mente como uma nuvem de gás configurada e mantida estável eletronicamente. Essa é uma das definições de plasma. Na tese, defenderei que a *extensão e o pensamento de uma consciência individuada existem no estado de plasma* e que os limites do que compreendemos ser a mente e o corpo humanos são apenas uma maneira de conceber essa consciência plasmática. Nesse nível, a *onda* ou *vibração* é o princípio de geração comum do corpo (matéria) e da mente (pensamento).

o que você pode perceber, pensar e interagir está confinado nas regras geométricas dessa esfera que se tornou o seu mundo. Isso é uma *realidade dimensional*.

Agora, expanda essa esfera e a faça crescer – como uma extensão do próprio processo de individuação que é você – de modo que outras pessoas possam ser *convidadas* a habitar essa estrutura dimensional energética que você gerou a partir do seu desejo. Isso se torna um *contexto social* que tem regras de realidade particulares, sistemas de segurança particulares, tem possibilidades de existência que são permitidas e outras que são negadas *aí dentro*. Sempre que uma pessoa dá um passo, apenas utilizando sua intenção ou o seu desejo, para dentro desse contexto dimensional, ela fica sujeita às suas regras de realidade. Esse contexto social torna-se um jogo relacional que é sustentado pelos desejos e as intenções das pessoas que organizam esse jogo.

Essas três escalas – objeto, realidade e contexto – são constructos energéticos. Uma consciência pode habitar um constructo que aumente suas possibilidades de sentir, pensar e agir, como pode habitar um que as reduza drasticamente. Como contexto social, por exemplo, você pode habitar o constructo de uma outra pessoa ou de um grupo de pessoas que é apenas uma expansão geométrica dos próprios constructos onde ela ou elas estão presas dentro de si mesmas. Enquanto você estiver habitando esse espaço, torna-se sujeito a ele e passará a ser convidado continuamente a pensar mediante as regras desse lugar.

O que mantém a "esfera de Hoberman" coesa são tensões elétricas centrípetas que se conservam em uma forma particular e, ao mesmo tempo, ela irradia centrifugamente *energia e informação* para seu exterior. A perseverança elétrica dessa forma, que gera densidade e realidade, é o que entendo como ser a *couraça* denominada por Reich. São retenções geométricas nas modulações do plasma da consciência. É uma releitura que proponho, ampliando o termo. Uma couraça sempre acumula tensão e carga, isto é, movimento centrípeto e aumento de energia potencial toda vez que há a *necessidade de conservação dessa forma*, e ela sempre libera tensão e descarga, isto é, movimento centrífugo e diminuição da energia potencial acumulada toda vez que essa forma *não tem a necessidade de conservar-se e pode relaxar*.

Uma couraça flexível pode aumentar ou diminuir tensão e carga conforme sua necessidade em tempo corrente, atual. Desse modo, uma couraça flexível gera densidade e realidade e pode se manter em equilíbrio dinâmico balanceado. Isso significa que ela *pode relaxar e soltar* e isso implica que aquela formação prévia pode ser desfeita ou dissipada, o que também implica que todas as regras ou definições retidas podem desaparecer, porque a retenção centrípeta depende sempre da necessidade do ambiente onde aquela parte da

consciência habita. Já uma couraça crônica também varia em tensão e carga em função de necessidades, contudo, essas *não são determinadas, necessariamente, pelo tempo corrente, atual.* Ou seja, uma pessoa pode estar cronicamente defendida, constantemente dentro de seu corpo e sua mente, e essas defesas não estarem relacionadas com as necessidades do seu aqui e agora.

Darei um exemplo clínico disso com uma narrativa ficcional, para fins didáticos, ainda que muitos casos semelhantes sejam comuns. Imagine uma pessoa que vivenciou, aos quatro ou cinco anos de idade, uma série de admoestações da mãe, de maneira injusta. As continuadas reprimendas da mãe apenas pareciam ter o propósito de "educar", mas o verdadeiro propósito era o de descarregar sentimentos de raiva acumulados, vindos de sua própria couraça crônica. A cada "erro" da criança a mãe podia, justificadamente, gritar e ameaçar, mas, dado seu grau de dependência e imaturidade a criança não tinha forças e nem estratégias para contestar o que era imposto. Nesse momento, ela gera algumas medidas de sobrevivência. Não entrarei em todas as medidas possíveis que provavelmente precisou desenvolver, mas me atentarei a uma em particular: ela aprendeu a suprimir o que precisava dizer. Se ela suprimisse sua crítica, então sua sobrevivência estaria assegurada, pois haveria uma chance de sua mãe descarregar menos raiva sobre ela.

Um dia essa pessoa, já adulta, decide fazer terapia. Ela traz o relato de uma situação abusiva na qual está padecendo e não se sente capaz de frear essa relação ou encontrar outras possibilidades. O terapeuta lhe pede que ela perceba como e onde sente essa dificuldade dentro dela e o que ela gostaria. A pessoa instintivamente leva a mão ao pescoço e diz que sente um "bolo" na garganta. No momento em que fez contato com o que estava sentindo e pensou em fazer algo a respeito, sentiu que se formou um "bolo" na parte superior da garganta e uma sensação de angústia.

A análise de um caso como esse poderia ter muitas nuances e aqui quero apenas evidenciar o que seria o "bolo". O "bolo" é uma reação aguda de aumento de tensão elétrica naquela região muscular. No entanto, essa tensão elétrica tem uma forma específica. Ela poderia ocorrer na forma de "pontadas", como pulsações doloridas, poderia ser uma sensação de que estava engasgada com algo na parte inferior da garganta, dentre outras formas. De qualquer maneira, essa compressão elétrica gera uma resistência na musculatura e isso torna-se uma inflamação subaguda, que pode *agudizar-se mais conforme a necessidade* do que ocorre lá dentro.

A questão aqui não é a ocorrência de um intumescimento muscular na garganta, mas a forma dele. Essa forma é uma forma dimensional elétrica e os músculos específicos se

enrijecem para *atualizar*, em âmbito muscular, essa forma. O "bolo" então é uma medida de segurança na forma de um dispositivo energético. O objetivo desse dispositivo ou bloqueio é proteger a vida dessa pessoa contra uma possível destruição, ao mesmo tempo em que retém uma grande quantidade de energia potencial que deseja ser liberada. Esse bloqueio, que tem uma forma específica e pode ser descrito pela própria pessoa em uma forma específica, é um *objeto dimensional* que existe eletricamente em seu plasma corporal. Essa região do pescoço vive em um estado de tensão muscular aumentada, por conta da tensão elétrica que é retida naquele espaço funcional.

Esse objeto dimensional é uma forma, mas *algo é vivido no interior dessa forma*. Isso significa que há uma realidade ali dentro que está sendo processada em *looping*[13], isto é, existe algo que está constantemente sendo experienciado ali dentro, sem descanso, que *requer* esse aumento de tensão como tentativa de *controle*. Lá dentro existe uma realidade que diz o seguinte: "irei morrer porque fiz errado mais uma vez e não posso escapar disso. Se eu tentar me colocar contra, apenas acelerarei esse processo". O terapeuta compreende que no interior dessa tensão na garganta existe uma realidade sendo vivida continuamente. Como essa forma dimensional é de natureza elétrica, é uma programação eletrônica, ela também irradia energia e informação sobre o que acontece lá dentro. Então, ele pede que a pessoa ponha uma das mãos sobre o lugar onde ela localiza o "bolo", e então relaxe e apenas diga o que sente *dentro* desse lugar. Após fazer contato com esse local, a pessoa permite que emerja o que sente ali dentro e, então, diz que sente muito medo e tristeza. Ela, então, chora e afirma: "eu não posso falar nada, eu vou ser abandonada. Quando me sinto lá dentro, me vejo completamente apavorada em fazer qualquer coisa".

Aqui existem, não apenas uma, mas ao menos *duas* consciências capazes de agência, em atuação. Existe a consciência/pessoa que está sentada na cadeira no *setting* analítico e existe a consciência/pessoa que sente, em outro espaço e outra gravação temporal em seu corpo, *que faz uma força contrária enorme para prevenir qualquer ação* que a leve, inexoravelmente, a ser abandonada. Somente uma consciência que experiencia uma realidade é capaz de agência, isto é, é capaz de gerar tensões, conduzir energia, para obter um efeito específico. Nesse exemplo, podemos observar que o interior do "bolo", que é um bloqueio, um objeto dimensional, é uma *realidade* com regras específicas sobre o que acontece e o que irá acontecer.

[13] Em linguagem de computação, um *looping* é uma estrutura de controle que permite a repetição de um conjunto de instruções enquanto uma condição é verdadeira.

Por uma condição de *imaturidade*, que explicarei ao longo da tese, essa consciência que está no aqui e agora e a consciência que está retida no constructo prisional mencionado, se encontram *misturadas* e incapazes de discernir onde estão. As duas realidades espaciais – o tempo e espaço do aqui e agora e o tempo e espaço do constructo prisional – se encontram *superpostas* e por isso a pessoa sente em seu corpo presente as mesmas impossibilidades e os mesmos perigos previstos do espaço onde aquela outra está retida. Ao mesmo tempo, a consciência que está retida tenta prevenir os impactos e tomar ações de segurança, utilizando o corpo físico da consciência que está presente ali no *setting* terapêutico. Esse é o efeito de *superposição* de duas realidades espaçotemporais. O trabalho clínico, nesse sentido, consiste em auxiliar a pessoa a desfazer o estado de superposição e sincronia temporal, de modo que ela, no aqui e agora, possa ter maior capacidade de agência, ser capaz de gerar novos constructos e habitá-los.

No entanto, ainda há uma terceira escala, a do contexto social, que é uma *expansão* da realidade dimensional onde parte dessa pessoa (ou uma de suas consciências individuadas) se encontra constantemente perseverando. Se, em um dado momento, a consciência que *dirige* as ações no aqui e agora for essa que está aprisionada e em estado de superposição, então o campo relacional que ela irá gerar possuirá as mesmas regras da realidade dimensional onde ela está restrita. Mesmo sem dizer ao menos uma palavra, ela irá *irradiar* um tipo de convite relacional e irá *atrair* os elementos necessários *que validem o controle e a estabilidade daquela realidade dimensional assumida*. Para que o constructo prisional (que lhe serve como promessa de controle e estabilidade) se mantenha ativo e coeso, o próprio *esforço autônomo de perseverança*[14] da pessoa buscará esses elementos no meio social/ambiente para confirmar a tese gerada no interior do constructo e trará de fora os investimentos necessários para que siga existindo.

Em termos práticos, o campo relacional irradiado pelo "bolo", como objeto e realidade, convocará outras pessoas para que se relacionem *sob essas mesmas normas* com ele. Há aqueles que irão recusar e achar estranho esse "chamado" intuitivo do campo e há aqueles que aproveitarão a oportunidade para terem a esperança de se salvarem, de suas próprias prisões internas, ao assumirem o papel de algozes ou perseguidores. Quando essa relação entre consciências aprisionadas e espaços prisionais é bem-sucedida, chamamos isso na clínica de *enganchamento*.

[14] Abordarei extensivamente esse *esforço* na tese, através do conceito de *conatus*, do filósofo Spinoza. Existe uma função autônoma e inteligente na base de toda vida e isso se deve a uma articulação entre a consciência (que é o agente do desejo) e a bioeletricidade (que é desejo em ato), segundo pretendo demonstrar.

Existem necessidades que podem perseverar como decretos ou contratos de realidade e eles implicam os termos “sempre” ou “nunca”. Se uma consciência, em um momento inicial da vida decreta: “eu vou morrer por abandono, ou por exclusão, ou por violência, ou por traição, ou por humilhação etc.”, logo ela gera um tipo de tensão para sustentar uma realidade em que ela *sempre* estará morrendo e, ao mesmo tempo, se esforçará ao máximo para *nunca* morrer dessa maneira. Essa tensão centrípeta, contrátil e continuada gera para ela um constructo prisional que passa a ser uma parte de suas couraças crônicas.

Como constructos são energeticamente tensos (i.e., têm movimento centrípeto continuado) e carregados (i.e., têm energia potencial acumulada) em algum grau, possuem forma e limite. Vistos de uma certa distância, são tensões que desenham uma forma no corpo que pode ser sentida e percebida pela pessoa através de sua interocepção ou por outra pessoa através de seus próprios neurônios-espelho. Algumas pessoas podem, com algum treinamento, sentir em seu próprio corpo essas tensões que ocorrem no corpo do outro. Quando esses constructos são muito tensos e autocondenatórios podem ser chamados de *bloqueios energéticos* e podem estar presentes em várias partes do corpo. Em termos de energia, isto é, compressão e carga, um bloqueio é uma *estagnação ou estase*. Em termos de informação, isto é, confabulação, história e tese narrativa, um bloqueio é uma *autocondenação.* Estase e autocondenação são os dois lados da moeda de um bloqueio que pode se expressar de maneira crônica, o que o torna “normal” e “natural” para a pessoa, como parte do funcionamento de sua personalidade, ou de maneira aguda, o que o torna “sintomático” ou “estranho” para ela.

Por isso, se olharmos de dentro do próprio objeto dimensional que é o bloqueio, essas tensões formam as “paredes” desse objeto, mas elas também são os limites da realidade conhecida para aquela parte da consciência que habita no seu interior. Isso significa que aquela “parte” da pessoa que fica retida *dentro* da tensão e *dentro* da autocondenação, que é o próprio constructo tenso e inexorável, é uma *prisioneira*. Em outros termos, a tensão dessas paredes que formam os próprios limites do objeto é o sistema de segurança existencial definido pela própria pessoa. Para além desses limites, ela não tem controle e nem segurança previstos. Estar autocondenada significa prever exatamente o que ocorrerá a ela no futuro e *saber*, tanto quanto exista um esforço de compressão, como irá ser destruída no final. Isso significa também que quanto mais esforço de controle e previsibilidade futura ela exerce, maior tensão compressiva ela exerce e *menos* ela consegue enxergar e gerar outras possibilidades para além daquela tensão que ela faz.

É por isso que, eletricamente, dentro da consciência individuada que é a pessoa com todas as suas *partes*, a prisão e o prisioneiro se fazem ao mesmo tempo. Dentro do bloqueio ela não pode se libertar, ao menos que dissolva ou irradie centrifugamente o próprio bloqueio. Apenas quando ela muda a decisão (o intento, a intenção, o desejo) de sustentar a tensão que configura e faz *durar* aquela realidade, é que essa realidade pode perder a coesão elétrica e pode ser remoldada ou desinvestida e abandonada. Sem descompressão não há saída da prisão. Ao contrário, quanto mais ela deseja habitar dentro do próprio bloqueio, a fim de controlar o que irá ocorrer, mais tensão centrípeta[15] ela exerce para que o bloqueio exista.

Uma couraça crônica deixa de ser crônica quando aquela parte da consciência que nela habita pode se transladar para outro espaço dimensional, com segurança. Isso significa que ela pode habitar outro espaço dimensional moldado em sua própria consciência que tenha mais possibilidades e que não tenha finais tão inexoráveis e sofridos quanto os do espaço anterior. Quando um constructo menos prisional é gerado e a pessoa consegue gravitar nesse novo espaço de possibilidades, o primeiro espaço não deixa de existir necessariamente. É mais provável que ele se torne obsoleto porque deixa de ser continuamente investido com tensões, então sua carga ou sua energia potencial torna-se muito baixa. Quanto maior for a necessidade de investimento em um constructo, mais energia ele receberá. O inverso é verdadeiro.

Durante a tese, veremos que essas tensões não são maléficas, ao contrário, elas são necessárias para a geração de qualquer efeito. Elas são uma concentração ou *convecção* de catexias, se tomarmos o termo que é psicanalítico[16]. Por isso, a vivacidade ou realidade perceptiva de um constructo depende da quantidade de *catexias* (investimentos energéticos) que ele recebe.

Imagine que um constructo é como um *carrossel*. Existe uma moldagem estrutural ali que é feita de energia cristalizada, formatada. Essa moldagem dá a forma dos cavalos,

[15] Cabe notar que não existe "tensão centrífuga", ela é apenas contrátil e visa um propósito determinado. Se existe o desejo de uma tensão exercida "para fora", isso significa compressão em outro ponto de interesse. Logo, para aquela necessidade, essa tensão passa a ser centrípeta. A descompressão é centrífuga porque ela é uma liberação, o desfazimento de uma forma.

[16] Brevemente, o termo "catexia" significa "investimento energético". Catexia foi nomeado por Freud para descrever o processo pelo qual uma quantidade de energia psíquica é investida em uma ideia, objeto ou representação mental. Essa energia deriva da pulsão e se refere ao modo como as forças do inconsciente ocupam e dirigem a atenção psíquica para algo em particular. Por isso, é um conceito relacionado à *economia da energia* psíquica no funcionamento da mente. Explorarei o conceito de catexia no Capítulo 2 e o atualizarei para um contexto reichiano contemporâneo, junto com o conceito de *tempo* bergsoniano, *conatus* spinoziano e a partir da *bioeletricidade* que forma padrões de auto-organização no corpo e na mente.

das hastes de metal, das caixas de música, dos motores que fazem girar o carrossel. São programações de forma e função organizadas como ondas estabilizadas. Como há um investimento suficiente para manter essas formas estáveis, o carrossel existe. Enquanto houver retenção, gravação ou *traços de memória*[17], existe um movimento centrípeto lento que estabiliza a forma e é responsável por sua *duração*. Isso é um tipo de "esforço de perseverança" como veremos[18].

Mas, para que o carrossel funcione, toque música, movimente os cavalos para cima e para baixo e gire, ele precisa de um investimento mais móvel, mais propulsivo. Ele precisa de *corrente*. Corrente é a catexia. A catexia é dada pela presença ou concentração da consciência naquele lugar, porque existe um desejo de estar ali e querer aquilo. Quando isso ocorre, o carrossel é investido de energia e começa a tocar música e fazer movimentos. Quando a concentração e a atenção não estão realizando compressão ou presença nesse lugar, então, o carrossel é desinvestido de energia e continua existindo lentamente. O carrossel existe, a parte da consciência que habita o carrossel existe, a programação existe, a restrição de possibilidades existe, mas a parte da consciência que vive no aqui e agora não está *misturada e indiscernida* com a parte da consciência que está retida no carrossel e, portanto, a maior parte da realidade que ela vive no aqui e agora não é a realidade das regras do carrossel.

[17] O termo "traços de memória" deriva da teoria de Richard Semon, o biólogo e teórico alemão que cunhou o termo *engrama* no início do século XX. Engramas são traços físicos de memória formados em um organismo como resultado de uma experiência ou estímulo. Reich se valeu dos escritos de Semon (Reich, 1988 [1942], p. 29) e do conceito de engrama para elaborar seu conceito de "traços de caráter". Segundo Ferri e Cimini (2011, p. 90-91), esses traços são os "sinais gravados" ou "impressões gravadas" no corpo e na mente devido a experiências emocionais, especialmente na infância. Os traços referem-se a padrões comportamentais, emocionais e corporais profundamente enraizados que se formam como resultado de experiências precoces na vida de uma pessoa. Esses traços marcados ou gravados na mente e no corpo influenciam como a percepção ocorre no mundo e as respostas a ele. Aqui explorarei diferentes aspectos dos "traços" gravados, em particular *como* os estímulos ambientais deixam (e retêm) marcas físicas nos sistemas viventes. Minha contribuição é através da leitura contemporânea do biólogo Michael Levin a respeito dos engramas de Semon como *padrões bioelétricos*. Na visão corrente da neurociência, eles são marcas químicas e físicas no cérebro e, por isso, associados a padrões de conectividade neuronal ou mudanças sinápticas, ainda que Semon não os tivesse identificado no cérebro. Contudo, a abordagem de Levin foi demonstrar que: 1) os engramas não estão restritos ao cérebro e podem estar presentes em outros tecidos ou sistemas biológicos, sobretudo em *sistemas bioelétricos* que regulam a regeneração de tecidos ou mesmo em redes moleculares distribuídas em *todos* os sistemas vivos, mesmo unicelulares; 2) engramas são dinâmicos e adaptativos e não entidades fixas, por isso são como *mapas* constantemente reinterpretados e ajustados para responder a novos contextos e necessidades; 3) engramas, como vêm demonstrando em estudos recentes (Levin, 2024c), atuam como *agentes cognitivos* e não apenas armazenam passivamente informações. As próprias memórias-engramas são *agentes*, isto é, contribuem para a improvisação cognitiva no aqui e agora, o que permite que sistemas biológicos integrem memórias a novas situações. Essas formulações de Levin participaram como bases para a minha compreensão do funcionamento dos constructos prisionais elétricos e das múltiplas consciências aprisionadas que se tornam agentes nas ações políticas práticas no cotidiano.

[18] Na tese trabalharei com a junção das ideias do filósofo Bergson e seu conceito de *duração e memória*, que teve influência direta no pensamento de Reich e das ideias do filósofo Spinoza e seu conceito de *conatus* ou esforço de perseverança.

Contudo, para aquela *parte* da consciência que deseja aquilo e está ali, habitando esse carrossel, o carrossel é muito vívido e tudo nele ocorre dentro das regras de realidade dele previstas. Lá dentro os cavalos estão sempre subindo e descendo, a mesma música está sempre sendo tocada, os motores fazem funcionar a mesma programação. Tudo é previsível e está sempre acontecendo. Dentro do carrossel, a consciência sente que está *vivendo* o carrossel como realidade e, de fato, está.

Por isso, pode haver essa parte que está vivendo *dentro* do carrossel e pode haver outra parte que está vivendo em outro constructo mais próximo do aqui e agora. Por exemplo, se você lê esse texto, existe uma boa parte sua que está focalizada na experiência do aqui e agora, embora existam outras partes que possam estar, concomitantemente, vivendo em vários carrosséis, alguns com menor e outros com maior investimento. Alguns desses carrosséis podem ser muito complexos e permitirem muitas possibilidades e funcionalidades. Mas, pode haver outros carrosséis em que os cavalos são tenebrosos, as músicas são distorcidas, as hastes são enferrujadas e carcomidas e lá é fácil ferir-se a todo instante. É possível habitar múltiplos lugares ao mesmo tempo e acredito que isso, de fato, ocorra. Por isso, defendo na tese a ideia de que temos muitos "eus" dentro do que consideramos como "eu mesmo" ou, em outros termos, muitas consciências que também somos nós, dentro de nossa própria consciência.

Quando recebemos uma série de sinais ou estímulos do exterior que são muito semelhantes aos originais experimentados – e que estão *gravados* como retenção de energia e informação na forma de constructos – ocorre uma espécie de superposição temporal. Dois espaço-tempos se fundem em um só: a parte da consciência que experiencia o aqui e agora, que tem agência direta sobre o corpo no aqui e agora e pode interagir com os elementos relacionais do aqui e agora se *transloca temporalmente* para o espaço virtual da consciência aprisionada. Já a consciência aprisionada passa a ter agência direta sobre o corpo no aqui e agora e interage com os elementos relacionais do aqui e agora, então é ela quem passa a *governar* e ter *determinação* no aqui e agora. São duas, mas estão misturadas e indiscernidas no espaço e no tempo.

Quem tinha governo e autodeterminação no aqui e agora, passa a sentir e pensar *vividamente* com as regras de realidade e as previsões fatídicas daquele espaço onde ela agora se encontra confinada. Todas as turbulências, restrições de possibilidades e sensações ambientais passam a ser *reais* para quem está lá dentro, porque a concentração e a presença nesse lugar tornam-se a catexia ou investimento que faz o carrossel funcionar como tempo e espaço. Quem estava preso no carrossel, agora possui agência para realizar no corpo que

habita o aqui e agora todas as tentativas desesperadas de sobrevivência que fazia dentro do carrossel. A pessoa não consegue discernir que está habitando, *de maneira superposta*, dois espaço-tempos completamente diferentes. Ela age no aqui e agora como se estivesse presa em um inferno e busca sobreviver ao inferno utilizando os elementos e as relações do aqui e agora.

Alguém poderia dizer que essa pessoa tem um "erro de julgamento", mas isso não seria correto, pois a resposta comportamental é sempre de acordo com a necessidade do lugar ou do ambiente onde ela está perseverando. O erro está em não compreender que não há apenas *uma* consciência atuando, mas, no mínimo *duas* nesse momento, ainda que haja apenas *uma pessoa* que pareça estar se movimentando. O que se pode dizer, contudo, é que existe um grau de imaturidade muito elevado pelo indiscernimento constante. Sua capacidade de governo e autodeterminação também se torna severamente comprometida pelas constantes superposições e abduções a esses espaços prisionais onde se torna refém, retida e em luta e fuga por constante desespero.

Então, quando uma pessoa atua de maneira desequilibrada e impulsiva no aqui e agora isso se torna uma dupla questão: "*onde* ela está perseverando e tentando sobreviver a que nesse momento?" E "*quem* está tomando conta do corpo dela e de sua capacidade de agência e governo nesse momento?".

Essas são as bases do que irei abordar nesta tese chamada de *Psicologia política do corpo* e cujo subtítulo poderia ser *Tempo e espaço da couraça de caráter*. Não há nenhuma ação de movimento ocasionado pela couraça, um modo de pensar, sentir e agir de uma pessoa, que não seja uma resposta a uma *necessidade* de onde e quando parte de sua consciência está retida naquele momento. Isso nos previne de assumir posturas moralistas a respeito da ação das pessoas e do que elas geram no meio social a fim de podermos compreender que *todas* essas ações possuem propósitos. Dentro da lógica de Spinoza, principal filósofo que utilizarei para compor esta tese, *tudo o que existe ou ocorre tem uma causa ou origem* e na base de cada ação e cada pensamento *existe um esforço de perseverança*, que também pode ser chamado de intenção ou desejo em ato.

Nossas práticas políticas e também relacionais dependem de um *ponto de origem da ação*, que significa onde e quando nossa consciência do aqui e agora está posicionada. O quão livre ou subjugada ela é ou está no lugar em que ela *usa como ponto de partida* para sentir, pensar e agir no aqui e agora? Será que basta apenas desejar saídas positivas? *Quem* é que conduz as nossas ações? É uma parte livre ou aprisionada? Compreender a própria posição cativa pode ser um tema fundamental para a psicologia política. Nesse sentido, me

apoiarei também no conceito de império (*imperium*) de Spinoza, que significa clareza, discernimento e autodeterminação. Segundo o filósofo, uma pessoa é tanto livre quanto possa desenvolver *império* dentro de si.

Em relação a tais conceitos, cabe uma ressalva em função do caráter *clínico* dessa tese. Aqui, não abordarei *questões diagnósticas* propriamente ditas, embora estas estejam implicadas nos *mecanismos das prisões*. O objetivo de tudo o que será apresentado está centrado na ideia de autodeterminação ou império de si, que significa o que uma pessoa comanda ou destina dentro de si baseado em seus desejos. É a partir dessa concepção que se desdobram os conceitos de catexia (do grego *káthexis, κάθεξις*), cujo significado original remete à *retenção, contenção ou fixação* – e que, em termos psicanalíticos, se refere ao *destino ou investimento* de energia psíquica; e de império (do latim *imperium*), que significa *comando ou ordem*. Autodeterminação, portanto, está relacionada àquilo que uma pessoa *investe, retém e comanda* internamente. Quanto mais conscientes forem esses desejos, maior será a capacidade de uma pessoa agir com responsabilidade na construção de um campo social relacional maduro. Auxiliar na compreensão desses mecanismos é o principal objetivo desta tese.

Assim, é importante destacar que questões diagnósticas clínicas não serão aqui amplamente tratadas nos termos de psicopatologias ou psicodiagnósticos funcionais sustentados por parâmetros reichianos. O foco está na investigação dos mecanismos comuns de geração de bloqueios energéticos, que considero válidos para todas as camadas históricas de desenvolvimento que compõem os traços de caráter. O nível de gravidade dos bloqueios dependerá do grau de complexidade de recursos que a pessoa foi capaz de gerar internamente para perseverar.

Quando os registros de memória são reatualizados – isto é, ativado o "carrossel" ou a *ecforização* dos engramas, na linguagem de Richard Semon (como será explicado) –, a gravidade dos sintomas psicopatológicos e somatopsicodinâmicos manifesta-se de acordo com a disponibilidade de recursos de mediação frente ao meio ambiente virtual no qual a consciência da pessoa está tentando sobreviver naquele momento. Quanto menores os recursos e as capacidades de posicionamento, mais intensos tendem a ser os estados internos de desespero. Quando essas realidades são reavivadas, a pessoa se apavora e tenta perseverar com os mesmos recursos de sobrevivência que foi capaz de desenvolver à época. Se ela está reatualizando memórias fetais, neonatais ou pós-natais, deve-se considerar – como evidenciaram Navarro, Ferri e outros – o nível de insuficiência de recursos, bem como os

graus de medo, ansiedade e/ou pânico com os quais a pessoa vive nesses espaços virtuais, e como ela se prepara para impactos iminentes.

Estou, portanto, estabelecendo as bases de um pensamento fundamentado nas *convecções elétricas do desejo* e nas *realidades espaçotemporais* que geramos a partir delas. Ou ainda, as bases sobre como geramos realidades que duram na consciência e funcionam como mapas para a auto-organização do corpo e estados mentais.

Em continuidade ao que exponho, considero necessário um segundo momento deste trabalho, que envolva a adequação dos princípios gerativos energéticos da consciência a códigos psicopatológicos e psicodiagnósticos funcionais e sistêmicos, os quais levem em consideração os momentos ontológicos de gravação e retenção dos constructos caracteriais. Acredito que tal adequação possa servir como base para a investigação e construção de possíveis metodologias clínicas e terapêuticas voltadas à *reorganização segura das regras de realidade e de perseverança* que carregamos internamente – possibilitando, assim, o aumento das funcionalidades relacionais, contratuais e de gestão política no meio social.

Dito isso, passo a apresentar um resumo do que será explorado em cada capítulo, como um roteiro do conteúdo a ser abordado.

Nas *Considerações iniciais* apresentarei o problema político trazido por Spinoza sobre as pessoas agirem menos pela racionalidade e mais pelos afetos os quais, na maior parte das vezes, elas desconhecem. Isso conduz a reações políticas e sociais baseadas em impulsos e não em uma ética fundamentada. Ele também demonstra que "normas quiméricas", isto é, conceitos sem utilidade prática concreta, levam a regras moralistas e teorias idealizadas. São essas que sustentam estruturas de submissão, violência e racismo.

Conhecer os próprios afetos requer conhecer os próprios bloqueios, dores e desesperos emocionais e isso nos leva aos temas da couraça muscular e da couraça de caráter. As couraças de caráter existem na forma de constructos virtuais e prisões psicológicas na mente, pois elas são normas de existência. Isso não significa que essas prisões sejam fatídicas, pois elas possibilitam formas de existência e estabilidade. Nós percebemos e sentimos *através* das construções da couraça de caráter, o que significa que não existe um total livre-arbítrio, mas existem os arbítrios *disponíveis* dentro das regras de realidade dessas construções. Mesmo em uma existência saudável, altamente sensível e responsiva, tempo e espaço precisam ser cristalizados em estruturas de sobrevivência e previsibilidade. As estruturas disfuncionais são aquelas cujas normas rígidas são disfuncionais às necessidades do aqui e agora.

Existem práticas políticas que são apenas pretensamente libertárias, sobretudo quando são reflexos de dissociações internas. Transformam-se em discursos moralizantes e repressivos que ocultam conflitos emocionais não resolvidos. Por isso, abordo a proposta central de que transformações políticas significativas são beneficiadas ao se abordar as prisões emocionais e corporais que moldam nossos afetos e decisões.

O conceito de Spinoza de "*conatus*", como o esforço contínuo de cada ser para existir e ampliar suas maneiras de sentir e agir, passa por uma releitura e, mais do que um "esforço", é a própria consciência em si. Como é simultaneamente *energia e informação*, esse esforço organiza experiências e dá sentido ao mundo na forma de narrativas sem palavras. Justamente por essa dupla característica, as narrativas podem ser distorcidas por bloqueios emocionais e tornarem-se realidades "paralelas" ou "transcendentes".

Esses bloqueios são expressos, relacionalmente, através do *triângulo do drama* de Karpman, através da dinâmica "vítima-algoz-salvador", e o triângulo é apresentado como a estrutura básica das interações neuróticas e reativas. Essas relações reproduzem estruturas de poder e impedem que as pessoas assumam responsabilidade por seus próprios sentimentos e ações. Ao compreendermos melhor as dinâmicas das couraças (físicas e emocionais) e os constructos prisionais, podemos organizar políticas mais conectadas à realidade imanente dos corpos e afetos e às necessidades práticas das pessoas.

Por fim, apresento o conceito de Deus como imanência, inspirado em Spinoza e Reich, rejeitando visões moralistas e institucionais. Critico a instrumentalização política do termo "Deus" e defendo um caminho de liberdade interior, a partir da vibração/pulsação livre e desimpedida como expressão do *conatus*. Igualmente, observo como essa visão aparece em tradições espirituais diferentes e enfatizo a libertação das autocondenações.

No *Capítulo 1 – Sobre o "eixo do orgasmo" e o "eixo da narrativa" – Reich, Deleuze e Guattari*, proponho dois eixos para analisar as duas expressões simultâneas do desejo e do orgone, como energia e informação. O "eixo da narrativa", no qual enfatizo as construções simbólicas e narrativas, e o "eixo do orgasmo", onde o ponto de vista é o das excitações, das tensões bioelétricas e da energia corporal.

Igualmente, exploro como a consciência coexiste simultaneamente em múltiplas partes, em múltiplos tempos e espaços. Essas "fragmentações" influenciam ações psicológicas e políticas. Faço uma crítica aos valores culturais modernos que imputam uma carência cultural nas pessoas no reconhecimento e observação de suas próprias sensações corporais e impulsos emocionais. Também faço uma tentativa de integrar alguns conceitos

filosóficos de Deleuze e Guattari com as teorias clínicas de Reich e destaco a necessidade de abordar os acontecimentos do corpo tanto em termos simbólicos quanto bioelétricos.

Como os desejos e tensões internas influenciam as dinâmicas sociais e políticas das pessoas, relaciono a forma da energia orgone que é retida no corpo e na mente com práticas políticas. Por essa razão, destaco a importância de desconstruir estruturas rígidas semióticas e corporais para promover práticas revolucionárias e libertadoras. A meu ver, o diálogo entre as teorias de Reich e dos filósofos da diferença, em particular a compreensão dos *códigos e identidades formatadas*, pode enriquecer tanto a prática clínica quanto o campo de estudos em psicologia política.

Apresento a ideia de que as programações condicionais no contexto humano são comparadas a sintaxes condicionais na computação, onde uma instrução segue a lógica de *se-então*. Contudo, no corpo e na mente, essas condições têm impacto emocional e energético. Quando essas programações não são resolvidas, geram *loopings* infinitos, que prendem o corpo e a mente em estados de tensão contínua. Isso se reflete em estagnações energéticas (no corpo) e padrões repetitivos (na mente). Essas programações são formadas em momentos de impacto emocional, traumas ou condicionamentos sociais, especialmente durante a infância, e são mantidas pela cultura e pelo medo de expressar sentimentos. A superação desses padrões envolve reconhecer os códigos internos e trabalhar para dissolver os *loopings*, restaurando o fluxo de energia e promovendo autorregulação emocional e corporal.

No *Capítulo 2 – Sobre as catexias, o desejo e o conatus*, começo explicando como as catexias (investimentos energéticos/bioelétricos) moldam realidades no corpo e na mente. Demonstro a relação entre o conceito de *desejo em ato* spinoziano e o conceito de *catexia* freudiano, a partir das considerações energéticas reichianas. As catexias são entendidas como correntes bioelétricas que, simultaneamente, organizam narrativas e padrões de ação, influenciando o comportamento humano. Demonstro como as catexias igualmente são capazes de gerar moldes energéticos que precedem a materialização de formas atuais, gerando "realidades dimensionais virtuais".

Explico o conceito de *conatus* spinoziano como o esforço de perseverar na existência, sendo expresso no corpo e na mente através do desejo. A partir de Reich, indico que as emoções bioenergéticas como prazer e angústia refletem movimentos energéticos no corpo. Tais movimentos são as correntes plasmáticas que geram tensões e relaxamentos que definem os estados emocionais.

Os moldes dimensionais catéxicos ou constructos virtuais podem ser entendidos como desenhos e *arquiteturas energéticas que antecedem a materialização de formas atuais*. A fim de explicar tais constructos virtuais, a partir de perspectivas científicas, e não apenas filosóficas, me valho de teorias contemporâneas da Física, como a Teoria das Cordas, onde vibrações são vistas como geradoras de forma e realidade. Também apresento um desdobramento dessa teoria, que é chamado de Teoria dos Mundos-Brana. Esses "mundos" são universos dimensionais restritos e podem variar drasticamente de tamanho, por isso relacionam-se com as três escalas mencionadas dos constructos energéticos – objeto, realidade e contexto. Aqui a analogia da "esfera de Hoberman" apresentada ganha, ao menos, uma validade matemática com a Teoria de Cordas e de Mundos-Brana.

A ideia importante apresentada no capítulo é a relação entre *tempo, correntes e investimento*. Tudo o que a mente faz é construir (imaginar) e reter (memória). Cada uma dessas ações gera um espaço dimensional. Esses espaços são feitos das convecções catéxicas que são *tempo ou duração*. O tempo é o movimento que uma consciência imprime pelo seu desejo. Não existe tempo sem movimento, assim como não existe tempo sem *conatus*. Por isso, tudo o que é gerado como existente tem tempo, movimento e duração.

No *Capítulo 3 – Sobre a consciência vortexial e as catexias elétricas*, estabeleci uma discussão a respeito da natureza da consciência em relação a conceitos filosóficos, científicos e cosmológicos. Apresento o conceito de consciência como um processo de individuação dentro de uma Consciência maior, universal, a qual relaciono com o conceito de Deus, o qual apresentei ao final das *Considerações iniciais*. Demonstro por que a sensação de ser de um indivíduo é apenas uma ilusão gerada pelas percepções e pela linguagem. Através do diálogo entre as ideias de Reich e Spinoza, proponho que um ente, ou consciência individuada, seja entendido como um *esforço para perseverar*, que se expressa através da modulação da energia e do fluxo das correntes energéticas dentro do corpo. Essa noção a expando, relacionando-a a fenômenos cósmicos e defendo que a consciência é um *vórtex energético* e não uma substância pertencente ao corpo ou à mente. Defendo que a percepção da realidade é construída a partir de e dentro de estruturas energéticas (as quais indico serem mundos-brana), que são como moldes perceptivos que limitam as possibilidades de existência consideradas pela consciência. Assim, o universo não é composto de objetos sólidos, mas de padrões de energia. Cada consciência individuada é um campo energético em movimento, estruturado em diferentes níveis de complexidade.

Nesse capítulo apresento também uma alternativa ao modelo cosmológico padrão baseada na cosmologia do Universo Elétrico. Nesse sentido, exploro a cosmogonia de Reich

e seu conceito de *superposição cósmica* através dos conceitos de plasma, gravitação, correntes energéticas em vórtices ou espiraladas, tais como as Correntes de Birkeland do Universo Elétrico. Como PFC (princípio de funcionamento comum), sugiro que o plasma, que permeia o universo, também está presente em organismos vivos, vibrando e conveccionando correntes elétricas no plasma da consciência (que é tanto corpo quanto mente). Busco trazer uma visão diferenciada de consciência, que não a considera um fenômeno individual narrativo, mas um processo de modulação, cuja percepção e esforços são moldados por mundos-brana (membranas e espaços dimensionais) no seu interior. Defendo que a consciência, em si, é um vórtex, um sistema auto-organizado de energia em movimento.

Por último, o capítulo dialoga com o que podemos chamar de *ciências marginais*, ou seja, áreas do conhecimento que estão à margem do consenso acadêmico tradicional, mas que propõem paradigmas alternativos para compreender a consciência, a matéria e a organização do universo. Nesse sentido, proponho que o conceito de energia orgone corporal, desenvolvido por Wilhelm Reich e frequentemente descartado pela ciência convencional, seja revisitado à luz de abordagens contemporâneas sobre *bioeletricidade*, *morfogênese* e *inteligência celular* – em especial aquelas investigadas pelo biólogo norte-americano Michael Levin, cujas pesquisas são centrais a esse trabalho. Também relaciono o conceito de autorregulação da energia organísmica aos mapas elétricos que guiam o desenvolvimento dos organismos.

Igualmente, nesse capítulo, passo a delinear a hipótese de que Spinoza, Reich e diversos outros pensadores, entre os séculos XVII e XX, já operavam dentro de um paradigma alquímico e hermético, considerando que, desde o antigo Egito – e todas as filosofias que dele derivaram – a cosmogonia era concebida a partir de um *motor inicial de movimento contínuo e simples*.

No *Capítulo 4 – Sobre o tempo e as realidades elétricas*, aprofundo uma das ideias centrais da tese a respeito da geração de mundos-brana e incluo o nível sociorrelacional, explorando como os contextos sociais são moldados pela intenção e pelo desejo em ato (catexia elétrica). O conceito central defendido é o de que a realidade social é uma construção energética moldada por campos de desejo e regras estruturadas, que podem ser analisadas e modificadas. Apresento os conceitos de *contexto*, de *sustentador de espaço (spaceholder)* e de *mundo de jogo (gameworld)*, que nos ajudam a compreender como as pessoas determinam as regras e valores de um contexto social que emerge de investimentos energéticos que se manifestam na forma de narrativas, significados e emoções. O contexto pode ser flexível e

fluido, mas também pode se tornar rígido, aprisionando consciências dentro de regras geométricas invisíveis.

Esses dois conceitos são explorados também no microcosmo social do *setting* terapêutico ou analítico. O *setting* é moldado pelas intenções energéticas do terapeuta e do paciente, e o terapeuta deve estar consciente de suas próprias catexias e bloqueios emocionais para não influenciar negativamente o processo. Traçam-se diferenciações entre a subjetividade (nível linguístico e simbólico) e a corporeidade (nível energético e emocional), destacando que as trocas de energia ocorrem antes mesmo das trocas simbólicas.

Do *setting*, o contexto pode novamente ser ampliado para a compreensão dos *ambientes sociais* e proponho que a análise de um contexto social ou terapêutico exige uma análise profunda do caráter dos envolvidos. Isso significa não apenas identificar os traços de caráter que moldam a forma de como um contexto é sustentado, como as intenções e regras invisíveis que estruturam um espaço, sobretudo na tentativa de reconhecer quais deles carregam germes de sistemas opressivos, como apontado por Reich, Deleuze e Guattari, e como isso está acontecendo.

Boa parte dos grupos autônomos e de autogestão tendem a naufragar ou implodir depois de alguns meses ou anos, devido às *imaturidades caracteriais* e pestilências emocionais que provêm de muitas camadas de *submundo* que não são tornadas conscientes pelas pessoas e que portam, em suas formações caracteriais, quando migram de um sistema social a outro ou simplesmente geram um novo. Bloqueios emocionais e imaturidades fazem com que muitas pessoas se agarrem a realidades fictícias, porque têm medo do desconhecido e da liberdade. Isso reforça estruturas de poder hierárquicas e sistemas sociais opressivos.

Por fim, aponto que os mundos-brana internos são mapas dimensionais usados para a navegação da consciência. Nesse sentido, aponto que a emoção do *medo* é a responsável pela geração desses mapas, pois ocorre conforme o ambiente é "escaneado", definidas regras de segurança, e uma versão deles torna-se reproduzida e *gravada ou retida* no plasma da consciência. Por isso, essa emoção não é negativa, como apontam muitas tradições e estudos psicológicos, mas, ao contrário, é crucial para a construção de parâmetros de segurança. Demonstro que o problema central não está em sentir a emoção de medo, mas *bloqueá-la*, o que impede que a informação e a excitação *acumuladas* se dissipem e autorregulem.

No *Capítulo 5 – Sobre o espaço-tempo da couraça e a autodeterminação em mundos prisionais*, exploro como os limiares de excitabilidade neural (que definem os graus de entorpecimento ou anestesiamento sensorial), os processos de encouraçamento crônico da mente e do corpo e as programações neurais condicionais moldam a percepção da realidade

e as resistências em modificá-los. Defendo que nossa percepção da realidade não é apenas um processo neurológico, mas um fenômeno energético e intencional, que estrutura nossos comportamentos, crenças e modos de existir, tanto individuais quanto coletivo-relacionais.

Exploro como o anestesiamento do sentir não é apenas um fenômeno neurológico, mas também psicológico e social, pois as pessoas bloqueiam suas sensibilidades como forma de proteção contra impactos emocionais. Igualmente, analiso como os poderes hierárquicos e autoritários na sociedade incentivam, através de programas bem determinados, anestesiamentos coletivos do sentir, pois pessoas que *sentem de maneira consciente* tornam-se perigosas para os sistemas de controle. Tais anestesiamentos preservam e fazem durar os mundos-brana prisionais dentro da estrutura de caráter das pessoas, prevenindo a transformação da realidade política e social para modos de gestão mais autorregulados e autogestionados.

Nesse capítulo, proponho ainda a ampliação do conceito reichiano de *couraça*, não apenas diferenciando-o em duas partes (de caráter e muscular), mas em *quatro*, a partir dos conceitos de tempo/duração e espaço/extensão bergsonianos. Tempo e espaço da couraça diz respeito: tanto à vivência subjetiva do tempo, contínua e indivisível da experiência, quanto diz respeito ao que pode ser delimitado e possui características quantitativas, que é a extensão. Defendo que ambos são apenas velocidades e geometrias dimensionais de catexias elétricas da consciência. Assim, temos: *espaço da couraça de caráter*, que corresponde às crenças, valores e narrativas que estruturam as realidades dimensionais elétricas, e *tempo da couraça de caráter*, que representa a duração das crenças e seus ímpetos (*momenta*) de resistência à mudança e estratégias móveis de perseverança. E temos: *espaço da couraça muscular*, que se manifesta no corpo físico, gerando tensões crônicas e bloqueios musculares em locais ou áreas funcionais específicas; bem como *tempo da couraça muscular*, que se refere à duração dessas tensões e compressões no corpo, afetando a postura, a respiração e a expressão emocional. A cronicidade da couraça de ambos, tempo e espaço, *nos quatro modos* é responsável pelo desenvolvimento e duração de patologias somatopsicodinâmicas. A cronicidade nada mais é do que um sistema de proteção contra o sofrimento, mas ao mesmo tempo denota o aprisionamento da consciência em padrões fixos de comportamento e percepção.

No capítulo, também exploro alguns conceitos da tradição hermética, tanto para demonstrar que os princípios gnósticos da busca pela "saída das prisões internas" têm suas bases em filosofias alquímicas antigas, como as egípcias, hindus e chinesas, quanto demonstrar que os pensamentos de Reich e de Spinoza beberam diretamente e indiretamente

dessa tradição e como seus conceitos e modos de investigação da natureza encontram-se imersos nesses mesmos paradigmas.

Por fim, abordo os dois conceitos que são os principais objetivos de toda a tese: o de *maturidade da consciência* e o de *autodeterminação ou império de si*. Demonstro que a maturidade caracterial pode ser avaliada pela capacidade da consciência, *que rege o aqui e agora*, de gerar e dissolver realidades catéxicas elétricas. Apresento cinco critérios para medir esse grau de maturidade: 1. capacidade de mudar crenças e regras quando necessário; 2. habilidade de gerar estados de segurança interna sem depender de estruturas externas rígidas; 3. distinguir o espaço-tempo prisional do espaço-tempo do aqui e agora e saber em qual está habitando e qual é o ponto de origem da ação; 4. flexibilidade para entrar e sair de diferentes constructos de segurança sem estados de ansiedade, pânico ou paralisia (ou seja, através da vivência consciente do *medo* e não de seu bloqueio); e 5. autoconhecimento suficiente para enxergar padrões emocionais e comportamentais sem autopunições como desespero ou culpa. Defendo que quanto mais rígida e imatura for a consciência, mais ela se apega a estruturas fixas de segurança e reage violentamente a qualquer tentativa de mudança.

Apesar desses cinco critérios indicarem maturidade, há um sexto do qual faz parte o que chamo de império (*imperium*), entendido como autodeterminação e soberania interna da consciência. O resumo da tese é o de que a consciência molda sua realidade por meio do *conatus*, mas pode estar aprisionada em mundos-brana rígidos que limitam sua liberdade. O verdadeiro império ocorre quando a consciência se liberta dessas rigidezes/controles, regula seus próprios estados energéticos e transcende condicionamentos limitantes de realidade, conectando-se diretamente à fonte de onde emana o *conatus*, que é o *amor de Deus em ato*. A liberdade plena, portanto, não é ausência de regras, mas a capacidade de *dissolver realidades e gerar novas mais adequadas* conforme a própria essência e necessidade de integração e união com o Cosmos imanente.

Na *Conclusão*, defendo que a psicologia clínica e a política são inseparáveis, pois os traços de caráter individuais moldam contextos sociais e políticos. Proponho uma visão *energético-política*, que se diferencia das análises tradicionais por: 1. ir além da narrativa política tradicional, investigando as estruturas emocionais que sustentam a ação política; 2. relacionar constructos prisionais à couraça caracterial e muscular, demonstrando que a política comum é um jogo de disputas de narrativas que propositalmente invisibiliza e irreleva o impacto dos padrões emocionais inconscientes; 3. explorar o impacto das reatividades emocionais na configuração de sistemas sociais; 4. investigar como gerar internamente e externamente contextos e espaços virtuais não prisionais.

Defendo que a servidão humana é antes de tudo emocional, e que a verdadeira liberdade exige um processo de autodeterminação (*imperium ou império de si*), no qual a consciência torna-se capaz de modular seus estados energéticos e vibracionais. Através da leitura *reichiana* do conceito spinoziano de *conatus*, argumento que o *conatus* é um fluxo cósmico de energia, e que a única forma de escapar das prisões internas e externas é através do *império interno*, que somente pode ser alcançado por meio do relaxamento, da responsabilidade pelo que se sente e se gera no mundo, de ter como *bússola interna* estados de êxtase e conexão com a Consciência universal.

Concluo que o caminho para escapar da armadilha da servidão é perseverar na direção de Deus / Consciência universal / Fonte primordial / Cosmos imanente, expandindo a consciência por meio do amor, do relaxamento e da dissolução da cronicidade de couraças emocionais e musculares.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Gostaria de começar esta tese apontando para o alerta que o filósofo Spinoza nos traz insistentemente ao longo de seu *Tratado político* (2009), que é o fato de as pessoas se conduzirem menos pelo uso da racionalidade do que pelo uso dos afetos, tanto que aquilo que as afeta ocorre de forma passiva, isto é, de modo que *não sejam capazes de formar uma ideia clara e distinta sobre o que as afeta*. Uma prática política que evada uma *ética* ou um conhecimento adequado de si e dos próprios afetos corre o risco de se tornar uma *teoria moral de deveres*, seja para censurar ou detestar os que não se adaptam às regras morais estabelecidas, seja para aplaudir aqueles que "querem parecer os mais santos" (Spinoza, 2009, p. 5). Diz o filósofo, na sequência desse texto, na mesma página, que esses políticos costumam escrever "sátira em vez de ética e que nunca tenham concebido política que possa ser posta em aplicação, mas sim política que é tida por quimera".

Por quimera, Spinoza (2015, p. 55-57) não se refere ao animal mitológico morto por Belerofonte, mas a um conceito *cuja realidade é puramente verbal*. Uma quimera é quando dizemos "uma mosca infinita" ou "um círculo quadrado", mas sequer somos capazes de imaginar isso. Em termos jurídicos é possível constituir normas que são quimeras e cuja aplicação prática conduz a uma eficiência mínima, senão inexistente. Um exemplo disso é a Lei Antidrogas brasileira, Lei nº 11.343, de 23 de agosto de 2006, em que as medidas de prevenção previstas ao consumo de drogas, em grande parte, passam por critérios subjetivos de policiais que teriam o papel de coibir o uso e restabelecer a ordem moral promulgada pelos juízes. Enquanto que ligar o problema do consumo a um problema de segurança seja uma quimera, o combate policialesco gerado como solução fantasiosa não é sem propósito, ele é determinado pelas estratégias veladas de manutenção de políticas de submissão, racismo, violência e terror do Estado e dos atravessamentos de poder neoliberais. Nenhuma realidade formal é construída sem propósito e este é o de fazer perseverar um tipo de lógica constituída.

Quando um parlamentar insiste na ótica moralizante da dependência química e define que os malefícios das drogas devem ser combatidos por meio de uma conduta rígida contra os desvios morais, a partir de internações compulsórias, abstinência e aumento das sanções penais, esse demonstra não apenas ignorar o funcionamento dos afetos, como também os efeitos deletérios e contraditórios de tais políticas. Como bem coloca Burgierman (2011, p. 13): "Como é que pode uma política pública: 1) não cumprir aquilo que se propõe; 2) custar uma fortuna que aumenta a cada ano; e 3) causar tantos novos problemas, cada um deles

muito maior que o problema original?". Dado um grande número de evidências, essa ignorância não é um salvo-conduto, ela também possui propósito.

Creio que se trata de dirigir uma solução simplista a um problema complexo, ou mesmo de encontrar culpados: "a culpa é dos usuários, que financiam o tráfico", "é dos traficantes, criminosos hediondos", "é dos policiais, corruptos e violentos", "é dos proibicionistas, fundamentalistas religiosos" (Burgierman, 2011, p. 134) etc., sendo necessário compreender *os benefícios ocultos que sustentam e alimentam sistemas políticos disfuncionais.* Como prenunciou Wilhelm Reich, trata-se de "investigar por que o animal humano, contrariando todas as experiências sensoriais na natureza, adere variavelmente ao estático absoluto, isto é, ao imóvel, à culpa. Esta tarefa é para a psicologia" (Reich, 2003 [1951], p. 36). Por que basear políticas em realidades verbais, transcendentes[19] e mistificadas, quando a realidade dos corpos, na prática, demonstra a *disfuncionalidade* atual de tais políticas? É uma pergunta de cunho psicológico profundo que costuma ser ignorada nas defesas apaixonadas de temas ou de figuras públicas.

Uma pessoa política que pensa por conceitos absolutos e por processos de culpabilização se pretende à margem de um projeto de aprisionamento do qual faz parte, enquanto *ignora diligentemente o conhecimento dos próprios processos afetivos.* E a que isso se deve? Conhecer o que cada um faz, de fato, com o corpo, e não em termos teóricos discursivos, seria a via spinozista de uma ética da liberação e de uma prática de vida verdadeira (cf. *Ética* V, Prop. 3[20]). No entanto, nos previne Reich que "até hoje não se compreendeu a *profunda aversão* da pessoa média a perguntas que tocam o cerne de sua vida" (2003 [1951], p. 42, grifos nossos).

Entrar numa realidade afetiva e formar dela "uma ideia clara e distinta" não vem sem um preço muito caro, tarefa à qual o homem médio possui verdadeiro *horror*. Anestesiar, reagir, gerar "normas de verdades universais" e aniquilar quem causa dissonância sempre foram saídas mais *fáceis* do que enfrentar os limites dos próprios *bloqueios, dores e desesperos emocionais*. Saber por que as pessoas se aliam a ideias ou estratégias de gestão,

[19] Job (2021a, p. 10), sobre o tema da transcendência, anuncia que esse se relaciona diretamente com o poder e "com a criação de um sistema de crença que afirma existir algo 'superior' que deve nos governar e ser obedecido". O autor também aponta, na esteira de Spinoza, que o problema político não deixa de ser um problema teológico, na medida em que "uma separação do mundo em dois: o mundo dos homens e o mundo de deus [...] envolve uma desresponsabilização, um desresponsabilizar-se sobre a própria vida" (p. 11).

[20] Nessa proposição Spinoza (2007, p. 371) nos diz o seguinte: "Um afeto que é uma paixão deixa de ser uma paixão assim que formamos dele uma ideia clara e distinta". E no Corolário segue: "Portanto, um afeto está mais sob nosso poder, e a mente padece tanto menos, por sua causa, quanto mais nós o conhecemos". O termo *paixão* pode ser entendido aqui como passividade e inconsciência.

isto é, suas motivações políticas, é menos potente quando se retira o corpo da equação da pergunta sobre essas motivações.

Em cada uma das camadas de estratégias históricas por meio das quais uma pessoa se esforçou em conservar-se em momentos específicos de sua vida, pode ser que tenha se sentido ultrapassada em sua capacidade de perseverar e, com isso, tenha *inventado recursos* para controlar o dano iminente. Podem ter sido recursos energéticos, mentais, fisiológicos e/ou emocionais originados pela necessidade de sobreviver. Não raro, o custo de desenvolver uma estratégia defensiva necessária requer *tomar decisões importantes e definir parâmetros de realidade* sobre *como* funciona o mundo. Delimitar regras de segurança, ao mesmo tempo que produz previsibilidade e controle, também nos condiciona a atuar, ver e perceber dentro de determinados limites e a *rejeitar instintivamente* qualquer ameaça a tais parâmetros.

É por essa razão que a definição de uma realidade pode coexistir com um *senso de impotência velado* cujos limites configuraram uma determinada *realidade virtual*, como uma espécie de *constructo psicológico* formado por lógicas, teses, crenças e normas que a tornariam *segura*. Essa realidade perceptual é formada na mente. Em outro atributo da mesma unidade funcional, no corpo, cada constructo é ancorado por meio de catexias ou investimentos energéticos inconscientes em tensões de tendões, fáscias e músculos que atuam como um mecanismo de *resistência* de passagem de ondas emocionais e vegetativas pelo corpo.

Esse sistema de catexias, tensões e resistências no corpo foi denominado por Reich como "couraça" e constitui-se enquanto um palimpsesto[21] de esforços ontogenéticos de perseverança de um ente vivente. Esses esforços *duram* na mente e no corpo. A couraça modula as tensões do corpo e organiza economicamente seus investimentos energéticos em função da atividade de autorregulação que necessite para perseverar, dada a realidade mental na qual esse ente esteja *imerso*. Quando essa realidade expressa muitos riscos e determina poucas possibilidades de escape ou autorregulação, a couraça se modula de modo a produzir *bloqueios* energéticos e fisiológicos cuja função é manter a catexia das estratégias defensivas

[21] Um palimpsesto é um tipo de papiro ou pergaminho no qual cada inscrição posterior é feita sobre as inscrições anteriores que foram raspadas ou apagadas. O custo de produção de um pergaminho era alto, sobretudo entre os séculos VII e XII, e a prática possibilitava a reutilização desse material. Contudo, o que chama a atenção é que a *gravação* da escrita recente se faz no mesmo material que *conserva os traços gravados* da escrita anterior, isto é, as impressões retidas no papel, ainda que a tinta seja removida para dar lugar à outra. Com o uso de tecnologias adequadas de escaneamento, é possível observar, no mesmo papel, as impressões históricas das camadas anteriores que lá permanecem e uma ideia de seus conteúdos, de modo que o pergaminho não contém apenas a escrita mais recente e superficial que se mostra imediatamente aos olhos, mas consiste de muitas gravações históricas e simultâneas que *duram* nele.

e, com isso, prevenir um *convulsionamento clônico*[22] *das emoções e das correntes vegetativas do corpo.*

Como disse Ferri (2022), existem muitos "tempos no corpo", muitas *durações*, se nos apropriarmos de um termo bergsoniano. Assim como todos os corpos passam por processos evolutivos filo-ontogenéticos, da concepção à maturidade, e guardam as marcas das relações pré-subjetivas e intersubjetivas, cada *tempo evolutivo gravado no corpo* guarda também, na mente, as *realidades geradas* como instrumento de autoconsciência, autoconhecimento e navegação em limites seguros em cada um desses tempos evolutivos. Assim, uma consciência pode transitar ou habitar simultaneamente em múltiplas realidades existentes dentro de si, pois elas coexistem temporalmente no mesmo sistema vivente. Uma pessoa pode estar presente no aqui e agora de forma parcialmente relaxada em um ambiente seguro e, no entanto, sua consciência estar habitando algumas realidades de risco nas suas *durações* corporais e mentais internas. Isso significa que, ainda que essa pessoa queira estar relaxada e socialmente engajada em um ambiente seguro, algumas de suas defensividades podem estar ativas, pois partes de sua *energia e consciência* podem estar confinadas em realidades temporais às quais necessite sobreviver de forma dura, tensa e constritiva.

A mente não pode registrar e formar com clareza as ideias dos movimentos que o corpo bloqueia. Ou ainda, as ideias que a mente forma e seus limites de segurança são determinadas pelos limites do quanto uma expressão emocional do corpo *retida* pode ser posta em curso novamente e *liberada*. Assim como um afeto é corpo e mente simultaneamente, um *bloqueio afetivo* também é um bloqueio simultâneo no corpo e na mente, por serem constituídos pela mesma substância cósmica. No entanto, extensão e pensamento possuem mecânicas e geometrias diferentes. Em sua extensa literatura, Reich

[22] Um convulsionamento clônico quer dizer uma série de movimentos musculares rápidos e rítmicos (uma convulsão) de contrações e relaxamentos alternados, que é precedida de uma fase de tensão acumulada. Em *A função do orgasmo* (1988 [1942]), Reich demonstra como no orgasmo, o corpo, após uma fase de sucessivas excitações e cargas, atinge um ápice (acme) em que inicia uma série de movimentos involuntários orgásticos. Esses movimentos, próprios do orgasmo, são uma forma de convulsionamento clônico.
Esse fenômeno não apenas é presente no orgasmo, mas na expressão de todas as emoções. Para que uma emoção seja completamente expressa, o corpo tem uma fase *tônica* aguda em que acumula energia, e então uma fase *clônica*, em que descarrega essa energia acumulada por meio de espasmos musculares involuntários no corpo. Medo, raiva, alegria e tristeza, por exemplo, têm esse mesmo ciclo orgástico. Todos eles só podem ser expressos através de tensão-carga-descarga-relaxamento. Tanto isso é verdade que quando uma emoção é bloqueada, ela permanece bloqueada por uma série de tensões retidas no corpo. No momento em que é permitido que essas emoções retidas sejam vividas profundamente, todas elas expressam um padrão clônico. Então a pessoa pode tremer convulsivamente, sentir intensas convulsões de raiva, chorar e soluçar convulsivamente, bem como gargalhar com contrações e relaxamentos rítmicos involuntários. Essas convulsões clônicas costumam vir acompanhadas de uma sensação de liberação. Normalmente isso significa que aquela tensão historicamente acumulada pode voltar ao seu curso.

deu ao nome do primeiro bloqueio de *couraça muscular*, enquanto que ao segundo, *couraça de caráter.*

A couraça muscular é a "soma total [dos] espasmos musculares crônicos que a pessoa desenvolve como defesa contra a [irrupção] de emoções e de sensações vegetativas, especialmente da ansiedade, da raiva e da excitação sexual" (Baker, 1980, p. 308), e a couraça de caráter é a "soma total das atitudes de caráter que uma pessoa desenvolve como defesa contra a ansiedade, tendo como resultado a rigidez caracterológica, a falta de contato, a insensibilidade" (p. 307). A última é também, segundo Reich (1988 [1942], p. 16), "a base do isolamento, da indigência, do desejo de autoridade, do medo à responsabilidade, do anseio místico, da miséria sexual e da revolta neuroticamente impotente, assim como de uma condescendência patológica". No trabalho ainda psicanalítico com as resistências dos pacientes à análise, Reich observou que mesmo que fizessem associações, as emoções poderiam não se revelar e "todos os esforços ricocheteavam como se houvessem batido em 'uma parede grossa e dura'. Eles estavam 'encouraçados' contra qualquer ataque" (1988 [1942], p. 124).

Na esteira de filósofos políticos como Spinoza, Foucault, Deleuze e Guattari, para Reich os afetos também são sempre biopolíticos e a política é sempre bioafetiva. O modo como nos movemos pelos campos dos afetos é determinante de todas as ações políticas. Podemos nos movimentar de forma ativa ou reativa dependendo de como nossa imaginação seja posta em marcha, e essa, por sua vez, é dependente de como nosso corpo seja excitado. Um modo de excitação recebido no aqui e agora por um corpo mobiliza os afetos gravados nele, e sua resposta bioafetiva que gerará uma atuação biopolítica no momento seguinte *é totalmente dependente dos lugares onde se encontre neuroticamente impotente dentro de si* ou dos lugares onde se encontre livre e em diálogo com a própria autorregulação.

Como pensar a política enquanto debates, medidas de gestão, exercício democrático, estado de direito, decisões, respeito às diferenças, formas de organização social, acatamento ou desobediência às leis e possibilidades de convívio se não considerarmos *como* as pessoas estão vivendo estases, entorpecimentos, bloqueios e congelamentos nos corpos e, na mente, sensações de becos sem saída, entendimentos rasos, confusões e ilusões esperançosas? Entender o funcionamento da couraça me parece fundamental para o exercício potente da micropolítica e para que possamos entender *por dentro* o que foi dito por Spinoza (2007, p. 181, *Ética* III, Prop. 13): "quando a mente imagina aquelas coisas que diminuem ou refreiam a potência de agir do corpo, ela se esforça, tanto quanto pode, por se recordar de coisas que

excluam a existência das primeiras". A atividade política é bastante dependente da *realidade imaginada* que uma pessoa projeta ou habita.

Ainda sobre a couraça, podemos pensá-la a partir de sua expressão em dois atributos, extensão e pensamento, que são, segundo Reich, *funcionalmente idênticos*[23]. Em adição, gostaria de trazer um ponto de vista *bergsoniano* à questão, tanto porque a ideia de "unidade do funcionamento psicofísico teve a sua origem no pensamento bergsoniano" (Reich, 1988 [1942], p. 30), quanto porque Bergson opera em sua filosofia com outro *par antitético* fundamental: o espaço e o tempo. De outro modo, poderia dizer que toda couraça, seja ela mental, seja ela corporal, seja ela de caráter ou muscular, pode ser entendida em termos de *realidade (espacial) e esforço (temporal).*

Proponho observarmos a couraça muscular e a couraça de caráter como um *espaço cristalizado e um tempo encapsulado.* Quando Reich se refere a uma "parede grossa e dura", no corpo isso se refere a um processo de enrijecimento e contrações físicas. Enquanto *espaço*, há uma *forma de resistir* por meio de tensões, na manutenção de formas pouco flexíveis do corpo e, enquanto *tempo* seria a *estase energética, o fluxo de energia vegetativa retida na e pela neuromuscularidade.* A couraça na mente é a couraça de caráter. No entanto, seu *espaço e tempo* não são físicos, mas *virtuais.* A resistência de caráter enquanto espaço são *esforços de perseverança* na forma de crenças, teses, regras, tradições, conclusões, expectativas, antecipações, suposições e especulações. No livro *A função do orgasmo* (1988 [1942]), Reich exemplifica essas construções de regras e como definem realidades:

> Certas expressões, habituais na educação pela boca de pais e mestres, retratam com exatidão o que aqui descrevi como técnica muscular de encouraçamento. Uma das peças centrais da educação atual é o aprendizado do autocontrole. "Quem quer ser homem deve dominar-se." "Não se deve deixar-se levar." "Não se deve demonstrar medo." "Cólera é falta de educação." "Uma criança decente senta-se quieta." "Não se deve demonstrar o que se sente." "Deve-se cerrar os dentes." Essas frases, características da educação, inicialmente são repelidas pelas crianças, depois aceitas com relutância, laboradas e, por fim, exercitadas. (Reich, 1988 [1942], p. 297).

Digo que a couraça de caráter é constituída de *arquiteturas e espaços*, porque todas essas expressões citadas por Reich *não são apenas pensamentos lineares bidimensionais, não são apenas frases ou teses inconscientes, mas são quadridimensionais* e produzem um

[23] De acordo com Reich (1988 [1942], p. 230-231): "As couraças de caráter eram vistas agora como funcionalmente equivalentes à hipertonia muscular. O conceito de 'identidade funcional', que tive de introduzir, significa apenas que as atitudes musculares e as atitudes de caráter têm a mesma função no mecanismo psíquico: podem substituir-se e podem influenciar-se mutuamente. Basicamente, não podem separar-se. São equivalentes na sua função".

bioma próprio, como uma *realidade virtual*, cujos elementos nele contidos, incluídas pessoas, entes e objetos, existem enquanto *códigos lógicos de organização de realidade.*

Um pensamento linear bidimensional é uma frase: "não se deve demonstrar medo". Essa frase pode estar inscrita na couraça de caráter de uma pessoa, como uma regra de segurança. Tridimensionalmente, essa frase é um *ambiente de risco*. Há uma série de relações de risco que ocorrem ali, onde a consciência e a energia da pessoa estão retidas e há um *modo arquitetônico* desse espaço composto por códigos, que são as regras ou programações do espaço construído como realidade virtual. A quadridimensionalidade é composta pelo tempo, que é o movimento que ocorre ao longo do espaço e no interior do espaço.

Os códigos do espaço não são estanques, são um movimento congelado ou *lentificado* a fim de formar estrutura. No entanto, o espaço é um tempo que se move muito devagar[24]. O tempo mais fluido, que corre no interior de um espaço cristalizado, não é um tempo livre, é um tempo mais rápido, enclausurado em um espaço que funciona como um cárcere. Tempo é movimento que flui, é um *esforço* de existir e resistir, é um *ímpeto energético* de perseverar nesse espaço.

Em termos spinozistas, espaço e tempo no interior de um sistema vivente são duas formas de expressão do *conatus*[25], uma mais lenta e outra mais rápida, ainda que lento e rápido não signifiquem uma *expressão livre*. "Não se deve demonstrar medo", enquanto código quadridimensional da couraça de caráter, é ao mesmo tempo: 1. uma *tese* linear descritiva da realidade, 2. um *ambiente* de perseverança e 3. *o ímpeto e a inteligência* de sobreviver ou perseverar nesse e com esse espaço. *Como* essa consciência e energia se esforçam *em movimento* para escapar e resistir a esse espaço ou mesmo buscar preservá-lo,

[24] Na tese trabalharei com duas filosofias principais, de Spinoza e de Bergson, pois ambas me permitiram abordar simultaneamente a questão do esforço (*conatus*) e do tempo. Apesar de Spinoza dizer na *Ética*, parte II, Prop. 13, escólio: "os corpos se diferenciam uns dos outros pelo movimento e pelo repouso, pela velocidade e pela lentidão, e não pela substância", e estar implícita aí uma questão temporal, isto é, do movimento, da vibração e do fluxo, a temporalidade é algo que não foi trabalhado por Spinoza. Isso foi feito com a noção de tempo e a noção de virtual por Bergson.

[25] *Conatus* é um conceito da filosofia de Spinoza que significa, ao mesmo tempo, um esforço de perseverança, de autoconservação e de liberdade na existência. É um esforço sem princípio teleológico, sem direção a um objeto predeterminado pelo ego e nem determinado pela livre decisão da vontade consciente. *Conatus* vem do latim e significa "esforço". Em *Ética* III, Prop. 6, Spinoza (2007, p. 173) define o conceito: "Cada coisa esforça-se, tanto quanto está em si, por perseverar em seu ser". Tal esforço é a essência atual de um ser e que define a potência para gerar as condições para persistir em seu próprio ser e não ser destruído. O *conatus* também implica uma atividade de resistência dos seres em um plano de formas (cf. Carnero, 2021, cap. 3), o que significa que o *conatus* é a expressão simultânea de um corpo e de uma mente que se esforçam em perseverar através de mobilidades, motilidades, desdobramento de habilidades, comportamentos, construção de artefatos, composição de partes e formulação de estratégias para mitigar a impotência e buscar a liberdade.

é a *sua dimensão temporal que se desloca em si mesma, como devir e não como sucessão de espaços*, como seriam os ponteiros de um relógio.

Enquanto *espaço*, a realidade da couraça de caráter é um *constructo*, um "quarto" virtual em que nossa energia, isto é, nossa intenção, atenção e consciência podem se tornar confinadas. No entanto, de dentro do constructo o que se percebe não é uma câmara tridimensional, mas um território, com profundidade e infinitude, ainda que legislado por regras particulares. *Exatamente como ocorre quando uma pessoa coloca em si uns óculos de realidade virtual e busca perseverar nessa realidade virtual.* Quanto mais essa realidade virtual não tiver correspondência com os objetos, relações e causalidades do aqui e agora, mais transcendente e ficcional ela é, e mais desajustadas e inadequadas serão as práticas e intervenções dessa pessoa nos espaços do aqui e agora.

Uma consciência que está *imersa em um constructo* não o sente como um espaço tridimensional particular e limitado, mas o sente enquanto uma realidade *em si*, como se ela fosse atual, ilimitada e infinita. As regras às quais uma consciência está submetida em um constructo virtual são sentidas como *reais e necessárias*, mesmo que delas não tenhamos uma ideia clara formada, assim como são reais e necessárias as relações de gravidade, massa, inércia e entropia do ambiente físico e atual onde estamos no momento.

Realidade é natureza, e natureza é Deus, e Deus, como entendido por Spinoza, é a base de sustentação e condição subjacente da realidade como um todo. Se a realidade considerada é imanente, Deus ou a natureza divina que rege essa realidade é imanente. Se a realidade considerada é transcendente, isto é, limitada e particular, o deus[26] que sustenta e determina essa realidade é particular e limitado. No entanto, não significa que ele não seja a autoridade máxima dessa realidade, que não seja onipotente, onisciente e onipresente e que todos que estejam imersos nela não estejam submetidos às suas regras. Explorarei mais esses conceitos quando tratar dos *universos prisionais gnósticos* que condicionam nossas existências.

[26] Coloco aqui "deus" com letra minúscula não para indicar Deus ou alguma deidade, como seres divinos, mas um *demiurgo*. Nas tradições gnósticas, o demiurgo é considerado um "criador" (deus) ignorante e imperfeito que cria o mundo físico como uma prisão para as almas humanas, impedindo-as de ascender a um domínio espiritual superior. Nessas tradições, enquanto Deus é a realidade perfeita, os demiurgos são figuras inferiores e arrogantes que *acreditam* ser o ser supremo, mas estão desconectados da realidade divina. Eles geram mundos prisionais que são a imagem e semelhança de suas próprias condições existenciais, por isso geram mundos de sofrimentos, imperfeições e limitações de possibilidades. Ao longo da tese, ficará claro que todos nós somos capazes de *funções demiúrgicas*, pois geramos para nós e para outros nossos próprios mundos prisionais. Demiurgos escravizam as pessoas para seu próprio benefício, enquanto as prendem em realidades limitadas e ilusórias. Essas realidades são o que chamarei de *constructos virtuais prisionais*.

Enquanto *tempo*, cada constructo de segurança *encapsula* um fluxo cíclico[27] e linear: boa parte dos eventos que se desenrolam dentro dele têm um começo e um fim determinados. Quanto mais rígido o constructo for, mais a pessoa saberá, com certa clareza de consciência, como irá *malograr (morrer ou ficar condenada)* e em qual ponto desse *script* se encontra. Uma forma eficiente de buscar prevenir um risco em qualquer situação é *saber de antemão como ele vai acontecer e qual é o seu final determinado*. Os constructos prisionais ou de segurança que constituem a *couraça de caráter* são acontecimentos espaciais e temporais simultaneamente e que são definidos em função da *necessidade* e do *esforço de perseverança* de um ente, seu *conatus*, inclusive do esforço em fazer *durar*, muitas vezes, uma relação espaçotemporal de segurança ou de autoaprisionamento.

No trecho citado, Reich (1988 [1942], p. 297) nos sinaliza não apenas a existência de *regras* que compõem a realidade, mas também a existência de *atitudes* do caráter. Atitudes são esforços vetoriais, possuem *impulso* e *momento*, há um esforço econômico de concentrar energia e dar a elas movimento. O impulso diz respeito à quantidade de esforço aplicado em um tempo, o momento diz respeito à direção do movimento do esforço. "Dominar-se", "não se deixar levar", "sentar-se quieto" e "não demonstrar o que sente" são exemplos de esforços nos quais há uma concentração de *quanta* energético que é propulsionado numa determinada direção. Isso é o tempo mais rápido, mencionado. Ele ocorre no corpo e na mente. Toda atitude é neuromuscular, isto é, tem impulsos elétricos que percorrem ou são retidos pelo corpo e, ao mesmo tempo, tem uma intenção, um propósito e uma história que a guia. Ao final, ela tem um *como, um jeito* particulares.

As atitudes de caráter, ao serem físicas e mentais, são a forma organizada de um *caos cósmico* se expressar. A parte da couraça de caráter que determina as regras de sua realidade particular[28] é formada por um *caos cristalizado*, são as arestas e as superfícies de um prisma, como um *espaço virtual* individuado que *contém e é composto* por regras específicas. Ao mesmo tempo, contido pelas arestas e limites desse prisma, existe um *caos livre e ao mesmo tempo confinado*. Essa é a parte *ativa e não estrutural* da couraça de caráter, é a parte da *energia vital*[29] cósmica, caótica, potencialmente criativa e não linear que é confinada pelas arestas do prisma e *deseja* libertar-se e retornar à sua fonte primordial, isto é, retomar as

[27] De uma outra maneira coloca a questão Guattari (1992, p. 80): "É a interface maquínica que opera a aglomeração ontológica de diferentes ritornelos existenciais".
[28] Tal como a realidade molar e atual que vivemos em tempo presente possui regras físicas determinadas, como gravidade, inércia, transmissão de forças etc.
[29] Bioenergia e energia vital são os nomes da *energia cósmica primordial*, que "está presente em tudo e pode ser observada visualmente, termicamente, eletroscopicamente e por meio de contadores Geiger-Müller [...] Descoberta por Wilhelm Reich entre 1936 e 1940" (Reich, 2001, p. xxxv, grifos nossos).

revoluções “que fazem explodir nosso tempo por todos os lados” (Guattari, 1992, p. 68). O termo *desejo* aqui o tomo em sentido spinozista, não teleológico, é um *esforço* em perseverar e fluir sem direção a qualquer objetivo final predeterminado.

O filósofo e psiquiatra Félix Guattari, leitor de Reich e que dialoga com suas elaborações energético-sistêmicas, explica a relação de produção do *caos maquínico desejante* e a necessidade de bifurcar-se mediante as limitações e gerar novas possibilidades:

> O mais diferenciado e o mais indiferenciado coexistem no seio de um mesmo caos que, com velocidade infinita, joga seus registros virtuais uns contra os outros e uns com os outros. O mundo maquínico-técnico [...] é barricado por horizontes de constância e de limitação das velocidades infinitas do caos (velocidade da luz, horizonte cosmológico do Big-Bang, distância de Planck e *quantum* elementar de ação da física quântica, impossibilidade de ultrapassar o zero absoluto...). Mas esse mesmo mundo de coação semiótica é duplicado, triplicado, infinitizado por outros mundos que, em certas condições, só exigem a bifurcação para fora de seu universo de virtualidade e o engendramento de novos campos de possível (Guattari, 1992, p. 67).

É somente do *caos* – ou como denominou Nelson Job (2021a, p. 108), a “consciência cósmica, o inominável, o impensável” – que se podem operar as complexificações infinitas e sair das configurações cristalizadas e das significações bem constituídas. Como disse Guattari ainda, o caos é essencialmente dinâmico e “povoado de entidades animadas com velocidade infinita”, ainda que sejam “elas mesmas suscetíveis de ter suas velocidades reduzidas em coordenadas energético-espácio-temporais ou em sistemas categoriais” (Guattari, 1992, p. 72).

Isso significa que estamos na esteira de considerar que há apenas *uma unidade cósmica e contínua*, um “todo aberto” (cf. Maciel Jr., 2017, p. 14-32) que, ainda que seja inconstante e imprevisível, pode ter sua velocidade reduzida em uma *configuração energético-espaçotemporal*, ou seja, um espaço prismático, um constructo virtual. Assim temos o prisma (*espaço*) e uma energia cósmica não linear evocadora de novas entidades intensivas resistentes a um sistema de modelização (*tempo*), em um mesmo *continuum*. No pensamento de Bergson, espaço e tempo não são duas realidades nem duas substâncias, são um *par antitético* que opera em um mesmo espectro funcional cósmico, como dois polos de um mesmo movimento, uma falsa dualidade, por assim dizer.

A *unidade dinâmica cósmica* (Job, 2021a) ou o *campo geral da consciência*[30], no pensamento de Spinoza e de Reich, é Deus (Cf., Carnero, 2021) e isso significa que parte da essência e da existência divina pode se configurar e se individuar em um espaço ou sistema particular, sendo que no interior desse, coletivos de energias caóticas e divinas podem circular de maneira econômica. *Economia é a gestão dos esforços em perseverar na existência,* isto é, *onde e como* a energia divina ou caótica será alocada no interior de um sistema.

Proponho abordarmos a constituição da *couraça de caráter* dessa maneira. Enquanto um prisma é um *caos cristalizado,* que na operação de encouraçamento se constitui enquanto um constructo de segurança formado por códigos e regras que transduzem os objetos contidos nele e substancializam uma realidade, o *caos livre e parcialmente confinado* prima, dada sua própria atividade desejante, por gerar saídas não lineares aos limites cristalizados de uma realidade particular. De forma resumida, poderíamos pensar na parte *estrutural* (e em certo sentido "passiva", que visa à estabilidade e à arquitetura) e na parte *anárquica* da couraça de caráter (que poderíamos chamar de "ativa", pois viabiliza a economia energética e busca escapar à homogeneidade).

A "passividade" da *estrutura espacial* da couraça também é relativa, pois se ela se conserva no tempo, resiste a mudanças e pode manter formas e regras cronicamente rígidas, ela não pode ser passiva no sentido de que a própria estrutura dessa realidade particular é definida por um acordo e uma intenção. Nesse sentido, somos todos *demiurgos*, deuses particulares que, muitas vezes, pretendem ser como o "criador" e definem que "à parte dessa realidade não há outra". Ao pensar assim, não passamos de *deuses cegos*[31] e construímos um *mundo prisional* ao redor de nós.

---

[30] Traduzido livremente do inglês: "general field of consciousness". Callahan aponta a existência de um "campo geral da consciência", que é um plano cósmico de imanência, e os "campos específicos de consciência" (*specific fields of consciousness*), que na tese chamarei de "consciências individuadas" ou "processos de individuação na Consciência universal", que acredito serem campos particulares ou específicos de consciência *em* Deus. Os conceitos podem ser conferidos em Consciousness (2025).

[31] No texto gnóstico *Hypostasis of the Archons* ("A realidade dos arcontes"), organizado por Robinson (1990), presente na tradução cóptica da Biblioteca de Nag Hammadi, é apontado que à parte do verdadeiro Deus, pai do Pleroma ou da Plenitude, há outros que se pretendem deuses, mas são cegos. Não possuem *gnose* e não conseguem ver para além da realidade deturpada e constritiva que geraram para si e para aprisionar outros sob seu jugo. Na Antiguidade, na obra de Platão intitulada *Timeu* (1977 [360 a.C.]), ele introduziu o conceito de *demiurgo*, que significa "deus-artesão" para responder à questão de como o mundo foi gerado e como a matéria do mundo é ordenada de modo que o mundo continue a funcionar. Esse conceito foi muito influente nas discussões platônicas, gnósticas, herméticas e cristãs ao longo dos três primeiros séculos após a morte de Cristo. Em relação à cosmogonia gnóstica que nos apresenta o funcionamento de um mundo prisional, o *demiurgo* seria um artesão que cria *um* mundo, mas ele é cego na medida em que acredita na sua criação como a única e em si como verdadeiro deus que dita as regras naturais.

Um *caos livre* pode estruturar uma forma e, ao mesmo tempo, manter-se livre enquanto ligado a um *sistema individuado,* e aqui valho-me das noções de *individuação* de Gilbert Simondon. A *energia cósmica primordial*, antes de ser bioenergia ou energia modulada em um sistema vivente, é *pré-individual*. Diz Simondon:

> Tentaremos, portanto, apresentar inicialmente a *individuação física como um caso de resolução de um sistema metaestável*, a partir de um *estado de sistema*, como o da superfusão ou da supersaturação, que preside a gênese dos cristais. A cristalização é rica em noções bem estudadas e que podem ser empregadas como paradigmas noutros domínios [...] Ora, pode-se também supor que a realidade é primitivamente, nela mesma – como a solução supersaturada e, ainda mais completamente, no regime pré-individual –, *mais que unidade e mais que identidade*, capaz de se manifestar como onda ou corpúsculo, matéria ou energia [...] as duas novas teorias que, até hoje, mantiveram-se impenetráveis uma à outra, a dos *quanta* e a da mecânica ondulatória: elas poderiam ser consideradas como *duas maneiras de exprimir o pré-individual* (Simondon, 2020, p. 18-20, grifos do autor).

Um sistema individuado, seja ele físico ou virtual, não esgota seus potenciais por se encontrar individuado, mas segue ontologicamente metaestável e superabundante de possibilidades. Segundo esse processo de individuação apontado por Simondon, o ser não é compreendido por sua individualidade mas por seu processo de individuação do qual resulta o sistema que é formado pelo indivíduo e seu meio associado. Assim, na individualidade a pré-individualidade não se desfaz e, portanto, o sistema permanece metaestável e conserva uma energia potencial que subsiste e torna possível outras individuações.

É a essa energia potencial que denomino *caos livre*, pois é de natureza não assujeitada, mas se encontra ligada ao sistema individuado metaestável. Quando digo "ligada" não quero indicar nenhuma forma de separação e que haja um ente de fora que se encontre ligado no sistema, mas um *campo relacional contínuo* (como lembra Job, 2021a, p. 13, ao citar o conceito de Henri Bergson em *Matéria e memória*). O que é passivo e ativo, cristalização e impulso, são *modulações vibracionais* (Job, 2021a, p. 54, 68) do mesmo caos, da mesma energia primordial.

Se separo *caos cristalizado* de *caos livre e confinado*, é apenas por convenção, para *distinguir* duas operações que nos serão importantes, o *espaço* e o *tempo* da couraça de caráter. Enquanto o primeiro *são as definições tridimensionais da couraça,* seus limites de segurança e as normas que estabilizam e constituem a realidade, o segundo atua como um

ente autônomo ao nosso Eu consciente. Em linguagem psicanalítica, uma aproximação seria pensá-lo como Id, defesa inconsciente do Ego e Superego, simultaneamente[32].

Há, ao menos, quatro funções desse ente autônomo que podemos discernir e que expressam modulações do mesmo caos que envolvem simultaneamente a realidade da mente e do corpo. Em funções fisiológicas, um ente autônomo se expressa como a parte do nosso Sistema Nervoso Autônomo (vegetativo, visceral) que atua por meio de estratégias de luta, fuga e anestesiamento, como diz Porges (2012). Tais estratégias, ao serem sustentadas pelo corpo, por *tanto tempo* quanto dure a necessidade de sobreviver ao constructo, causam espasmos, dores, depauperações, irritabilidades, inflamações e inchaços, que podem levar ao desenvolvimento de patologias médicas sem etiologia precisa. Tiques físicos, como certas contrações involuntárias de músculos da face, meneios de cabeça, elevações súbitas do pescoço, dentre outros, também podem atuar como defesa muscular à passagem de um impulso emocional vegetativo.

Uma pessoa, ao se sentir invalidada pode, sem dar-se conta de seu próprio movimento, fazer uma microexpressão de rosnar ou de erguer os olhos em tom desafiador, por exemplo. Ali, há a expressão desse *ente ativo* que vem ao auxílio da própria pessoa para livrá-la de uma realidade iminente e prisional que carrega consigo enquanto couraça de caráter. Nesse *espaço* há uma consequência prevista que diz: "se você for invalidado(a) você será destruído(a)". O esforço (o *conatus*) da parte autônoma ativa da couraça busca fazer a pessoa *evitar sentir* que será destruída enquanto concede a ela a *atitude* necessária para combater essa realidade iminente. A maneira como a pessoa *flui* com essa atitude é seu *tempo*, um *tempo* que se encontra aprisionado em uma *fixação ou cristalização* física e virtual.

No pensamento bergsoniano, tempo e espaço são duas realidades da *unidade* da vida, ou, para cada um de nós, duas maneiras de viver uma mesma unidade. Como aponta Worms (2010), "se há uma distinção na origem do pensamento de Bergson, […] é uma distinção

[32] Em *A função do orgasmo* (1988 [1942]), Reich expõe a dificuldade em conciliar os esquemas de Freud: "Aqui é onde se encontra a dificuldade. O esquema de Freud, da inter-relação do 'inconsciente' com o 'pré-consciente' e o 'consciente', não coincide com o seu outro esquema da estrutura psíquica, que consiste do 'id', do 'ego' e do 'superego'. De fato, frequentemente se contradizem. O 'inconsciente' de Freud não é idêntico ao 'id'. O último é mais profundo. O inconsciente compreende os desejos reprimidos e importantes elementos do superego moralista. [...] O próprio superego é provido de grande intensidade instintiva, particularmente de natureza agressiva e destrutiva. O 'ego' não é idêntico ao 'sistema consciente'. A defesa do ego contra os desejos sexuais proibidos é, ela própria, reprimida. Além disso, o ego tem origem no id, do qual é apenas uma parte especialmente diferenciada, embora, mais tarde, sob a influência do superego entre em conflito com o id. [...] De qualquer maneira, a pesquisa econômico-sexual da estrutura do caráter humano elucidou várias dessas questões. O conceito econômico-sexual do mecanismo psíquico não é de natureza psicológica, mas biológica" (p. 125-126).

precisa entre o tempo, ou antes a *duração*, e o espaço" (p. 11, grifo do autor). Na obra *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência* (Bergson, 1988) o filósofo aponta que frequentemente confunde-se o espaço com o tempo porque costumamos pensar o último como o avanço dos ponteiros de um relógio. Nesse senso, o tempo seria o *percorrer espacialmente* uma distância entre uma linha e outra representadas no relógio. No entanto, só conseguimos compreender que *houve* um momento em uma linha anterior porque *conservamos* essa experiência dentro de nós, então, o que percebemos na linha seguinte, onde para o ponteiro do relógio, se deve ao que conservamos do movimento passado até essa nova posição do espaço.

No entanto, diz Bergson (1988, p. 77), "quando sigo com os olhos, no mostrador de um relógio, o movimento da agulha que corresponde às oscilações do pêndulo, não meço a duração, como parece acreditar-se; limito-me a contar simultaneidades, o que é muito diferente". Sem o desenho das linhas, esses símbolos de referência exteriores, o tempo, para o "eu" que os vive, não seria uma sucessão de espaços, mas uma *duração* sem fora ou dentro.

Sem um "eu" que conserva o passado no presente só haveria símbolos representados e não uma passagem do tempo. Mas é justamente porque o "eu" precisa utilizar-se do espaço de forma *prática*, porque os objetos precisam ser *úteis*, é que os espacializamos, os cristalizamos, os isolamos como se existissem fora da duração. A vida prática requer que *cristalizemos decisões e determinemos que as coisas são como são ou serão como serão*, como se não houvesse mudança e os objetos e linhas do passado fossem os mesmos objetos e linhas do presente.

Quando *determinamos* que um cheiro ou um sabor do passado é o mesmo que o cheiro e o sabor do presente, isso não pode ser outra coisa que não pura invenção, pois cristalizamos uma experiência que, em cada momento, é móvel e heterogênea. Na vida prática nós *espacializamos a duração*, posto que é preciso acreditar que algo seja invariável para que possamos prevê-lo. Ao subir ou descer uma escada, se eu não *gerar* uma continuidade de que o próximo degrau será tão estável quanto o anterior, isto é, a não ser que eu determine que ele *não irá mudar*, não poderei pisar no degrau seguinte com a *confiança* de que ele terá a mesma estabilidade que o outro. No entanto, o degrau anterior mudou pelo fato de eu pisá-lo e o degrau seguinte só por *especulação* será um degrau com as mesmas características do anterior.

Aqui a duração é espacial, *é um conjunto de regras (de como as coisas são e serão) que defino para gerar estabilidade*. Isso é totalmente distinto do que carrego dentro de mim enquanto duração não cristalizada, inextensa e qualitativa, que são os dados imediatos da

consciência. Todas as experiências múltiplas e qualitativas que porto em mim enquanto me desapoio de um degrau e me apoio em outro incluem minhas motivações, minhas alegrias, minhas tristezas, minhas inseguranças e minhas tenacidades. Elas são distintas das *regras* que eu criei para aquela relação com a escada, no entanto, essa própria determinação espacial é o *conteúdo do tempo*, é o conteúdo da minha vida, que *dura* em modos ou em fundamentos diferentes. Foi porque vivi algo e encontrei utilidade que eu *quis* que as coisas se conservassem e perseverassem desse modo, para que eu pudesse me conservar e perseverar também.

Os dados imediatos da experiência só existem em um pequeno agora, muito pequeno para serem mensurados ou divididos. E quando isso ocorre a experiência não pode ser *parada*, ela se desdobra continuamente. Quando ela para, isto é, quando o tempo para, nós o tornamos espaço. Conceitos, objetificações, conclusões, predições são formas de espacialização que podem ser tanto *metafísicas ou mistificadas* quanto seja nosso *esforço* em acreditar que essas formas sejam seguras, previsíveis e imutáveis. Quando um espaço pode ser mudado ele se torna mais vivo e menos submetido a confinar coisas dentro dele.

A representação espacial pode ser um espaço. Posso dizer: "nessa sala há cadeiras, há mesas, há chão, há teto, há objetos de todo tipo e há eu e você". É um espaço composto por objetos físicos que também são espaço, porque eu os concebi dessa maneira na minha mente, como definições que duram. Isso é um mundo com objetos e de objetos, eles servem à utilidade.

Contudo, como nos alerta o antropólogo Ingold, esse modelo de criação determina uma gênese e um fim, é dado pela *imposição* de um agente que visa objetivos que *matam* o que está ali contido nessa forma hilemórfica[33]. Por isso defende que as coisas possam ser

[33] Hilemorfismo é um modelo formulado por Aristóteles para indicar que as formas (*morfís*) são criadas por um agente que tem um *design* particular em mente e o impõe a uma matéria (*híli*) passiva e inerte. Esse modelo de criação, de acordo com Ingold (2010), se encontra profundamente arraigado na história do pensamento ocidental e se tornou a maneira padrão de se pensar a criação das coisas. Ingold, no mesmo texto, propõe que, em vez de pensarmos em uma relação entre um agente e um objeto, consideremos, no processo de criação, que "as formas das coisas surgem dentro de campos de força e fluxos de material". [Traduzido livremente do inglês: "the forms of things arise within fields of force and flows of material"]. Em uma ontologia que não aposta na *imposição*, a criação não começa na mente de um agente, mas na *participação* das linhas de força do agente nas linhas de força dos materiais. Nessa relação de criação ambos se *costuram* e se transformam.
Dito isso, cabe dizer que o conceito de "geração" e não o de "criação" penso ser mais próximo ao pensamento de Ingold (2010), quando o tomo dentro de um parâmetro de "confluência de linhas", no qual o antropólogo se apoia. Uma confluência de linhas prévias *gera* uma forma, enquanto que "criação" nos traz a ideia de algo novo que surge a partir do "nada". Contudo, o termo "criação" nos aponta o surgimento de uma *nova forma*, singular, não existente. Se *compararmos essa nova forma com as formas anteriores*, nenhuma forma prévia era igual a essa nova, então, nesse sentido, é possível dizermos que houve uma "criação". Mas, no sentido de que uma nova forma sempre *surge*, por confluência de linhas múltiplas anteriores que já existem em *fluxo*, então essa nova forma que surge é *gerada*, não criada. Demarco isso, pois essa é uma das principais ideias que fundamentam esta tese: a de que as construções são *geradas* por convecções de energia.

trazidas “de volta à vida” (Ingold, 2012, p. 25) e afirma que um *objeto* não é uma *coisa*. Uma árvore, por exemplo, “não é um objeto, mas um certo agregado de fios vitais” (p. 26). De maneira semelhante o monge budista Thich Nhat Hanh propõe o conceito de *interser*, que aponta a interexistência de todas as coisas:

> Se você for um poeta, verá claramente que há uma nuvem flutuando nesta folha de papel. Sem uma nuvem, não haverá chuva; sem chuva, as árvores não podem crescer e, sem árvores, não podemos fazer papel. A nuvem é essencial para que o papel exista. Se ela não estiver aqui, a folha de papel também não pode estar aqui. Logo, nós podemos dizer que a nuvem e o papel intersão. [...] Olhando ainda mais profundamente, nós podemos ver que nós estamos nesta folha também. Isto não é difícil de ver, porque quando olhamos para uma folha de papel, a folha de papel é parte de nossa percepção. A sua mente está aqui dentro e a minha também. Então podemos dizer que todas as coisas estão aqui dentro desta folha de papel. Você não pode apontar uma única coisa que não esteja aqui – tempo, espaço, a terra, a chuva, os minerais do solo, os raios do sol, a nuvem, o rio, o calor. Tudo coexiste com esta folha de papel (Nhat Hanh, 2014).

Quando uma coisa *é sozinha* essa coisa está morta, ela é apenas um objeto. Um objeto, nesse sentido, é uma realidade em que eu *roubo, nego ou prendo* o devir que ele é. Podemos matar uma coisa pela superposição de uma realidade que torna essa coisa um objeto. Ao contrário, para estar viva e ser, uma coisa precisa “interser”, como disse Nhat Hanh. Isso não significa “ser *com*” alguém. Essa é a crítica que Ingold (2012) faz a Latour (1999) quando diz que um agenciamento não é uma relação entre um sujeito e um objeto ou entre objetos, uma relação de um *com* o outro, pois na superfície de um *objeto* há apenas uma conclusão, “um fato consumado, oferecendo para nossa inspeção suas superfícies externas e congeladas” (Ingold, 2012, p. 29). Quando um agente inspeciona um *objeto* ele já o olha como uma entidade delimitada, capturada e contida nas próprias *decisões* desse agente. Se eu digo: “nessa sala há comigo um copo. Isso é um copo” e o aponto, o que faço é *configurar* uma realidade e *congelar* essa realidade.

Tornar uma coisa um objeto, é, segundo Ingold (2010), uma forma de nos *cortarmos* do fluxo das coisas, nos privarmos dos processos de formação ou transformação e, com isso, perdermos *improvisação* com a coisa criada. Dentro daquela concepção, aquela geração passa a invocar uma relação predeterminada. Se o “copo é vermelho”, ele “é” um copo vermelho e, assim, deixo de ter acesso a que outras coisas essa coisa é enquanto ela “interé” (do neologismo “interser”) comigo. Nessa afirmação eu uso o meu intelecto para *buscar*, em qualquer momento, *o que já foi mapeado* pelos meus hábitos sobre esse copo. Logo, tudo parece óbvio. No entanto, eu retiro da duração também o meu *notar* do que se processa

simultaneamente nas outras expressões e relações do meu corpo com essa *coisa* que não é um copo e nem é vermelho. Existe um "brilhar" nele, assim como um "metalizar", um "esfriar", um "contrair da minha pele" ao me relacionar com esse esfriar, há um "arredondar" ou "ovalizar" dependendo do ângulo que eu o vejo, há um "vermelhar", há uma sombra e um vazio no seu interior como um fosso que não tem fundo, e há o meu medo quando eu me estico para saber o que há dentro dele.

Ingold nos mostra – ao seguir as intuições do pintor Paul Klee quando esse diz que uma linha é um ponto "que saiu para passear"[34] (Klee, 1961, p. 105 *apud* Ingold, 2010) – que nunca podemos dizer quando uma forma ou um desenho está finalizado, pois formas emergentes podem ser continuamente geradas a partir de um mundo de processos fluidos. No entanto, se o mundo *sem objetos* é de tessituras contínuas, por qual razão moldamos um mundo duro com objetos determinados? A que serve um mundo de devires reduzidos? Callahan (2021b) observa que *isso depende dos propósitos, dos discernimentos e das necessidades de quem estrutura a realidade dessa forma*.

Um objeto não deixa de ser, por conseguinte, uma ficção fabricada por uma conclusão sobre o que seja um conjunto ou um emaranhado de fluxos. No exemplo anterior, quando afirmei "isso é um copo", *isso* e *copo* são duas coisas que não têm conexão prévia, mas, ao utilizar o verbo ser ou estar, eu passo a *unir* essas duas coisas e a *concluir* algo sobre elas. Como ainda expõe o autor, "dentro de seu mundo de fantasia[35] suas conclusões suprimem suas experiências enquanto a vida passa por você"[36] (Callahan, 2021a). Isso ocorre, por exemplo, se digo: "eu sou brasileiro". *Eu* e *brasileiro* são duas coisas bem diferentes e eu as *amarro* como um único objeto final, fechado e definido por meio de uma história. "Eu" é um universo de multiplicidades que passa, daí em diante, a estar condicionado a uma história. Quando digo "eu sou brasileiro" gero uma realidade e defendo uma história particular na forma de um constructo. Enquanto minha singularidade estiver submetida a esse *espaço*, "eu" e "brasileiro" estarão submetidos às regras que eu gerei para constituir esse espaço, bem como tudo o que "eu" e "brasileiro" podem ser são esvaziados de todas as possibilidades que não estão contidas nesse espaço narrativo.

---

[34] Afirma Ingold (2010): "Ou, como Klee famosamente disse, a linha 'sai para passear'". [Traduzido livremente do inglês: "Or, as Klee famously put it, the line 'goes out for a walk'"].

[35] Nas palavras de Callahan (2021a): "Um 'mundo de fantasia' é um 'campo de possibilidades' autocontido que não tem conexão com a realidade porque especifica completamente suas [nossas] percepções, raciocínio, contexto e diálogo interno". [Traduzido livremente do inglês: "A 'Fantasy World' is a self-contained 'possibility-field' that has no connection to reality because it fully specifies your perceptions, reasoning, context, and inner-dialog"].

[36] Traduzido livremente do inglês: "Inside your Fantasy World your Conclusions suppress your experiences while life passes you by".

A chave, aponta Callahan (2021a), é que sempre que *prendemos* uma coisa a outra e geramos uma conclusão e uma definição, *aquela coisa já não é mais perigosa.* Seguimos uma intuição bergsoniana de que geramos amarras para que saibamos como manejar essas coisas e lidar com elas, ou seja, torná-las utilitárias. É o meu medo que coloca *arreios* nas coisas e define as *arestas* de como e quando essas coisas vão se relacionar. Essa amarra é uma primeira prisão. Um segundo efeito de prisão ocorre quando soberbamente dizemos: "eu sei", "eu entendo", ou ainda que eu diga "eu sei que não sei". Essas são formas de a mente *cortar* toda insegurança, todo o fluxo e todas as possibilidades que essa coisa pode mostrar ou expressar. Como todas as *prisões*, elas servem para tornar a mente *segura*.

O autor expõe a questão da seguinte maneira:

> A pessoa que podia ver o que estava acontecendo e tinha perguntas perigosas a fazer pode ter sido você quando era uma pessoa pequena. Você apresentou uma ameaça tão grande à figura de autoridade, que invocou sobre si mesmo sua ira impiedosa. De repente, você teve que tomar uma decisão de vida ou morte. Deveria você continuar com sua franqueza e desejo de justiça e ações responsáveis, promovendo sua invasão perturbadora no domínio da autoridade [...]? Ou, em vez disso, você deveria desenvolver uma técnica para se confundir, enfraquecendo sua percepção, tornando-se pequeno e adaptável, entregando seu centro de responsabilidade e imaginação criativa para se tornar menos perigoso e a autoridade [...] não precisar matá-lo? A escolha que você fez é óbvia. Você ainda vive (Callahan, 2010, pos. 1534)[37].

Em um *ambiente sem objetos (ASO)*, como aponta Ingold (2012, p. 31-32), não há formas finais fechadas em si mesmas, "há inchaços, crescimentos, afloramentos, filamentos, rupturas e cavidades, mas não objetos". Esse mundo aberto pode ser habitado, pois nele há vida e "a separação da interface entre terra e céu dá lugar à mútua permeabilidade e conectividade". Afirma também que o chão não é uma separação nem uma superfície estável,

[37] Traduzido livremente do inglês: "The person who could see what is going on and had dangerous questions to ask may have been you as a little person. You presented such a threat to the authority figure that you called down upon yourself their merciless wrath. Suddenly you had to make a life-or-death decision. Should you continue with your outspokenness and desire for fairness and responsible actions, furthering your disturbing invasion into the […] authority's domain? Or should you instead develop a technique for fogging yourself, disempowering your awareness, playing small and adaptive, giving away your center of responsibility and creative imagination so you become less dangerous and the […] authority does not have to kill you? The choice you made is obvious. You still live". (Callahan, 2010, pos. 1534).
O livro de Clinton Callahan (2010) *Directing the power of conscious feelings* ganhou uma tradução oficial para o português e foi publicado já na sua versão atualizada no Brasil em janeiro de 2025, sob o título *Sentimentos conscientes: um guia para uma revolução pessoal, relacional e cultural* (2025). Recomendo fortemente a leitura do livro. Apesar de não ser um livro dirigido a uma metodologia clínica, oferece compreensões importantes a respeito de mecanismos emocionais, gestão saudável e responsável de relações humanas e apresenta ferramentas práticas sociais, energéticas e corporais para a geração de relações humanas potentes e não neuróticas.

mas “uma zona na qual o ar e a umidade do céu se combinam com substâncias cuja fonte está na terra, na formação contínua das coisas vivas” (Ingold, 2012).

Aqui cabe recolocarmos a pergunta feita por Reich sobre *o que acontece com o corpo quando a mente está pretensamente “segura”*? Ele se torna menos *mobilizado.* O corpo se torna menos *excitado.* Nada é mexido nele. E o que ocorre se nosso corpo é mexido ou convocado a se mexer de uma forma insegura? Há perigo? Há profundo perigo. Repetirei o trecho que expus antes, tal como colocado por Reich (2003 [1951], p. 42): “até hoje não se compreendeu a profunda aversão da pessoa média a perguntas que tocam o cerne da sua vida”.

Nessa pergunta está um dos fios condutores desta tese. A pessoa média é aquela que costuma viver em estados perceptivos ordinários. Em parte, ela se relaciona com as coisas presa às conclusões antecipadas sobre o que sejam essas coisas e sobre para que elas servem, que é uma maneira de torná-las seguras e previsíveis. Uma garrafa é uma garrafa. Um cheiro de rosas é um cheiro de rosas. A Nona Sinfonia de Beethoven é a Nona Sinfonia de Beethoven. Não há nenhuma surpresa aqui. Parte do mundo ordinário está em *prezar as formas estéticas superficiais* e gerar com elas uma *relação descritiva* que categoriza o que se sente em um conceito fechado. Essa narrativa imposta passa a ser a natureza daquela coisa e, assim, ela não gera surpresas. Outra parte do mundo ordinário está em *buscar saídas às angústias emocionais sem que se entre em contato mais profundo com elas*. O mundo ordinário da pessoa média invisibiliza a profundidade emocional. No entanto, as emoções que não são metabolizadas por serem consideradas intensas demais e surgirem com estados de impotência determinam uma pressão no interior do organismo e a percepção ordinária consiste em invisibilizar a origem dessas pressões e gerar formas inconscientes de escape.

Todas as relações que vivemos provocam emoções. *Objetificar e tornar uma coisa morta*, como disse Ingold (2012), é uma maneira de diminuir excitações emocionais e inseguranças. *Objetificar uma pessoa* e torná-la presa em um constructo é uma forma de diminuir sua vida e seu caos não linear e torná-la segura. *Dramatizar relações* é outra forma de torná-las seguras, porque o *drama* é um modo de gerar escape às pressões emocionais não metabolizadas *sem* o aprofundamento em sua origem.

Por drama quero dizer as relações estabelecidas a partir do *triângulo do drama* de Karpman (Karpman, 1968; Gurowitz, 1978[38]) em que se alternam papéis de *algoz, vítima e*

[38] Stephen Karpman apresentou em 1968 esse conceito no artigo “Contos de fadas e análises de roteiros do drama” (*Fairy Tales and Script Drama Analysis*). Para um resumo que busca integrar a teoria de Karpman na

salvador nas relações. Apresentarei agora esse conceito, pois ele é fundamental para compreendermos como as relações neuróticas ordinárias são geradas e como elas *nos conduzem constantemente a ficarmos presos em jogos prisionais*.

O triângulo relacional dramático ocorre da seguinte maneira: uma pessoa alega sofrer maus-tratos de outra ou de alguma situação gerada da qual ela se sente vítima e impotente. Essa tensão interna é descarregada, em parte, como autocomiseração. Uma maneira da vítima não assumir responsabilidade ou agência é indicar um algoz em quem possa descarregar parte de sua angústia através de acusações e punições. Secretamente, a vítima procura um salvador que assuma a responsabilidade ou a agência por ela. O algoz é a pessoa que secretamente sente prazer em punir ou acusar em benefício próprio, o que, em parte, diminui sua pressão emocional interna. Ele também não assume responsabilidade ou agência em seus atos e necessita de uma vítima que entregue sua integridade e sua autogestão a um salvador. O salvador secretamente regozija-se na autoridade e poder concedido pela vítima para combater, de maneira justificada, o malfeito do algoz. Ao regozijar-se, a pressão interna exercida por seus sentimentos de impotência também é parcialmente compensada. Sua agência como salvador solicita que as pessoas abram mão de suas responsabilidades pessoais.

Nessa dinâmica há três pontos importantes. O primeiro é que os papéis se alternam continuamente. Quem é vítima pode, no momento seguinte, tornar-se algoz e daí retornar como vítima ou seguir para uma posição salvadora conforme a relação dramática se desenvolve. O segundo é que cada posição no drama gera uma condição segura e irresponsável ao mesmo tempo e permite que conflitos ou impasses sejam geridos com *pouca profundidade emocional*. Isso significa que a pessoa pode coletar benefícios indiretos e *evadir a perguntas mais profundas sobre o que sente e a origem de seu mal-estar*.

O drama é um dos modos básicos de relacionamento da pessoa média. Ela *evita* o problema da percepção clara da própria agência e sua motivação, *descarrega* parte das tensões acumuladas de sentimentos de impotência que geram a condição de prisão interna e *promete* ser uma forma de resolução que, em verdade, é uma *quimera*, pois sua realidade é, em grande parte, verbal, transcendente e mistificada. Como o drama está apoiado em *autoenganos*, não permite uma funcionalidade, o que costuma ser percebido apenas

análise transacional e na economia energética-sexual de Reich, conferir também o artigo "Considerações energéticas no tratamento do triângulo dramático" (*Energy Considerations in Treatment of the Drama Triangle*), de Edward Gurowitz (1978).

tardiamente, quando as relações implodem e as lógicas fascistas passam a aparecer nas estruturas lógicas da organização.

O terceiro ponto é que como essas relações geram descargas de energia estagnada e movimento emocional parcial, as pessoas no drama *sentem que isso é vida*. Elas estão emocionalmente engajadas e sentem que produzem ações que prometem saídas a empecilhos relacionais, políticos e também emocionais. Portanto, sentem-se vivas. A maior parte dos roteiros de novelas e músicas populares giram ao redor do drama, pois são maneiras de adereçar-se às insatisfações internas produzidas naquela cultura sem gerar agência ou percepção mais profunda. Contudo, drama não é vida, mas *simula* um tipo de vida que invisibiliza a percepção de uma série de realidades prisionais subjacentes, gera conforto, conformidade e aceitação.

Trago o triângulo porque penso ser muito difícil compreender relações político-sociais *funcionais* quando suas bases estão em relações dramáticas, porque parte das funções do drama é invisibilizar as prisões emocionais onde as pessoas estão situadas, que são os *lugares* de onde a pessoa média extrai suas resoluções políticas. Em realidade, como veremos, a consciência das pessoas, enquanto a narrativa de um *eu*, *posiciona-se* em prisões e busca extrair de suas lógicas intrínsecas maneiras de proceder e intervir socialmente. O drama é um *sintoma* de que as pessoas estão, naquele momento, situadas em uma prisão ou em múltiplas delas. Como disse Reich, a pessoa média tem *pavor* de entrar em contato com questões que exponham essas prisões, razão pela qual a política é um exercício feito, em grande parte, a partir de *defesas retóricas* que ocultam realidades emocionais diversas e desviam temas fundamentais.

Poder-se-ia dizer que o objetivo desta tese seria denunciar o exercício político "desencarnado" ou transcendente, baseado apenas em discurso, como efeito de uma dissociação entre o que se fala e pleiteia e o que se sente. Em parte isso é verdade, porque essa dissociação existe e esse problema é pouco explorado em meios de discussão política. Em outra parte, todo discurso político (e micropolítico) que é idealizado, suposto, generalizado e que indica essa dissociação, *não existe dissociado do corpo*. Nenhum discurso pode ser dissociado do corpo. Com isso, quero dizer que a natureza não verbal do discurso não está dissociada do corpo porque é uma projeção do próprio corpo.

O corpo não pode projetar ou estender algo que não seja ele mesmo, seu próprio movimento intrínseco. A extensão do corpo é uma arquitetura relacional, é uma extensão fractal da estrutura de suas próprias maneiras de perseverar, que é seu modo geométrico de perseverança, como explorarei. O discurso "dissociado" tem uma agenda, a própria

dissociação tem um propósito. Na verdade, não há "discurso dissociado", há a *coerência de onde e quando a consciência está posicionada*. Quando a fala ou o pleito é um, mas o que se sente é outra coisa, essa fala e pleito são *coerentes* com a estratégia de perseverança que essa consciência está vivendo no lugar onde está posicionada. Isso não significa que essa fala e pleito sejam coerentes com as necessidades do que ocorre no aqui e agora, que determina a imanência, mas são coerentes com as necessidades do espaço-tempo de onde elas se originam, que é um lugar particular, mas não é causal em tempo corrente.

Por exemplo, uma pessoa tem a intenção A e diz B. Ou seja, ela oculta de si mesma e de outros a intenção A e decide que é mais seguro dizer B. Ocultamento e falta de clareza normalmente remetem a processos inconscientes, mas seria simplista dizer apenas que a pessoa "pode estar dizendo B de maneira inconsciente" ou que "não necessariamente tem consciência do que faz", porque em termos de *agência social*[39] não há decisões passivas, portanto, inconscientes, *mas pode haver processos e decisões automáticas de invisibilização ou inconscientização da ação por medidas de segurança*.

Uma pessoa que oculta de sua própria percepção a narrativa consciente de suas próprias motivações, como um esforço de enganar a si mesma e a outros, poderá planejar e executar uma série de práticas que servem a um arco narrativo bem definido, mesmo que discursivamente afirme e defenda outros objetivos. Essa "dissociação" não é contingente, mas é necessária e circunstancial às condições ambientais dentro das quais a pessoa vive.

[39] A agência social, que é a capacidade de atuar, exercer atividade ou diligência em âmbitos sociais e representativos linguísticos, requer o uso de lógicas discursivas para compor *uma narrativa de consequências*, isto é, um arco de *história* a respeito do que é um estado de realidade inicial e uma previsão de consequências que se desenrolam a partir de uma atuação. Essa história é montada na mente a partir de uma decisão, de que a pessoa pode ter maior ou menor clareza. Em algum nível, ela precisa saber que sabe o que está fazendo, pois sem a *decisão de definir o que é essa realidade e quais são seus objetivos desejados nela* tampouco haveria necessidade de ocultar de si e de outros esse arco de história. A agência social é diferente de outras agências que ocorrem com outros corpos dentro de nosso corpo. Organismos vivos, como células, precisam ser capazes de resolver problemas, mas de maneira inconsciente, se tomarmos o sentido humano de uma consciência narrativa. Como demonstraram Fields e Levin (2022), a vida em multiescala necessita navegar de maneira competente em espaços arbitrários e, para isso, é equipada com capacidade inteligente de agência e resolução. Essa capacidade é o *conatus*, conforme explorarei a partir de Spinoza. As células, por exemplo, precisam saber o que fazer e se esforçam em consertar desvios para uma operação funcional adequada. Para isso, contam com uma espécie de "mapa elétrico" que as guia para uma posição final adequada, mesmo que o ambiente varie. Essa capacidade é uma competência inconsciente de nossas células e órgãos, o que significa que não precisamos e nem podemos microgerenciar ou saber de maneira intencional o que nosso fígado faz, por exemplo. A pesquisa de Fields e Levin demonstrou que organismos vivos portam mapas não genômicos, mas elétricos, como espécie de memórias preestabelecidas e, por isso, a autorregulação é possível. Contudo, em termos sociais *microgerenciamos* relações continuamente através de *narrativas* mentais sem palavras *das quais podemos saber a respeito*. Essas narrativas, como veremos, são *mapas elétricos* que construímos através de nossa intencionalidade ao longo do nosso desenvolvimento ontogenético e tornam-se diretrizes de auto-organização para nós. É outra forma de dizer que nenhuma agência social é arbitrária, pois existem propósitos e diretrizes espaciais preestabelecidas.

Ela dissocia tanto como medida de autopreservação quanto para que seus objetivos não declarados não tenham chance de serem barrados.

A juíza de direito aposentada do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, abolicionista penal, Maria Lúcia Karam, escreveu um artigo chamado "A esquerda punitiva" (1996), em que faz uma análise desse tipo de dissociação. Em sua análise crítica aponta como certos discursos de esquerda que teriam uma suposta intenção de defender práticas libertárias terminam por defender lógicas sádicas e punitivas. Um exemplo desse paradoxo é o de

> amplos setores da esquerda [que] aderem à propagandeada [...] imagem do bom magistrado a partir do perfil de condenadores implacáveis e severos. [...] E apropriando-se de um generalizado e inconsequente clamor contra a impunidade, estes amplos setores da esquerda foram tomados por um desenfreado furor persecutório, centralizando seu discurso em um histérico e irracional combate à corrupção [...] se faz revitalizador da hipócrita prática de trabalhar com dois pesos e duas medidas (o furor persecutório volta-se apenas contra adversários políticos, eventuais comportamentos não muito honestos de companheiros ou aliados sempre sendo compreendidos e justificados) e do aético princípio de fins que justificam meios [...]. Desejando e aplaudindo prisões e condenações a qualquer preço, estes setores da esquerda reclamam contra o fato de que réus integrantes das classes dominantes eventualmente submetidos à intervenção do sistema penal melhor se utilizam de mecanismos de defesa, frequentemente propondo como solução a retirada de direitos e garantias penais e processuais [...] (Karam, 1996, p. 80).

São desejos paradoxais porque defendem posições antagônicas e simultâneas. A lógica intrínseca do desejo de punir e da posição assumida de algoz tem menos a ver com algum tipo de refreamento de práticas deletérias ou reparação das ações sociais e mais com a necessidade de *vingar-se* e ser *ressarcido*, de forma prazerosa e indireta, por *sustentar* sensações de dor e impotência ao longo da vida. Existem outros exemplos, como o de ativistas que sobem em palanques para discursar em prol de um combate a algum tipo de opressão, mas o que geram é uma incitação de ódio. Esse convite às massas é uma *autorização* para que essas direcionem seus próprios sentimentos reativos de maneira justificada, uma maneira de quem está no palanque *descarregar* parte de seus próprios sentimentos de raiva historicamente bloqueados e não metabolizados e, ao mesmo tempo, *implementar* uma agenda de poder autoritário, ao tornar-se uma espécie de salvador.

A militância reativa[40] pode ser definida quando *narrativamente* a pessoa está bem ancorada nas razões que apresenta e que justificam seus pleitos, mas *internamente* se move

[40] Militância reativa é um termo que surgiu a partir de discussões realizadas na EFEN (Escola Pós-Reichiana Federico Navarro), no contexto de investigação clínico-política e supervisões clínicas, sobre como nossas posições caracteriais moldam acordos e espaços sociais. O tema vem sendo investigado dentro de um grupo

para atingir outros propósitos e objetivos não declarados *e não expostos com clareza sobre a mesa*. Ela não fala do que sente, ela atua para se compensar do que sente e para anestesiar o que sente. Em outras palavras, a militância reativa pode ocorrer quando uma ou mais pessoas desejam modificar a organização de estruturas e contextos sociais a partir de motivações e necessidades originadas em suas próprias construções prisionais e sentimentos de impotência e na impossibilidade autoimposta de escapar deles. Então, essa ou essas pessoas podem pleitear uma modificação de acordos, contextos, regras sociais e regras de engajamento que sejam *gerais*, em momentos em que pode não haver essa necessidade *funcional* no aqui e agora e no contexto *comum*. Nesses casos, o risco é buscarem implementar autoritariamente mudanças sociais de modo que essas mudanças *forneçam a esperança* de equalizar ou fornecer saída aos estados internos de impotência que são irrelevados ou desapercebidos. A orientação ética aqui proposta é: "primeiro observe se você está posicionado(a) em inferno, em uma prisão determinada por tensões das quais você não se sente capaz de escapar, e depois perceba quais são as necessidades funcionais que estão fora dessa prisão, no aqui e agora *comum* dos espaços".

Assim, forma-se um limite tênue: qual é o momento em que aquilo que essa pessoa militante faz serve apenas aos seus interesses pessoais? Qual é o momento em que irá cortar cabeças e reinstaurar uma relação hierárquica de poder? Nesse tipo de militância o que ocorre são *pactos narcísicos*[41] que as pessoas fazem por meio de sentimentos de raiva bloqueados e suprimidos. Elas gritam: "Vou afirmar e defender o meu eu!". Mas que "eu" é esse? Onde ele está? Esse "eu"[42] pode ser apenas a necessidade de se exibir e demonstrar poder.

Não há nenhuma funcionalidade nessas ações, exceto tentar aplacar a própria sensação de angústia e o desespero constante de sentir-se em sofrimento e sem poder. Como apontou Job (2021b), "a corrupção é ambidestra e eivada de representação partidária", o que significa que ela se encontra presente em todo espectro político, não sendo algo concernente apenas aos partidos de direita ou de esquerda. Isso acontece porque *as práticas políticas ocorrem por meio de uma base caracterial somatopsicológica que pode estar adoecida e*

iniciado por Rudi Reali, Mirella Rocha, Ticiano Lima, Fernando Tavares, Alice Souto, assim como eu, e do qual participam outros colegas que também têm práticas de militância e buscam trazer tais distinções para espaços políticos de discussão.

[41] Esse é um termo de Rudi Reali, coordenador da EFEN, que nos anos 70 participou de diversos movimentos militantes e observou esse tipo de conduta. Pactos narcísicos podem ocorrer em qualquer tipo de relação, em que o propósito de defender os próprios argumentos torna-se secundário em relação ao objetivo primário que são o exibicionismo e autoritarismo.

[42] Ao longo da tese veremos que esse "eu" é uma consciência que padece em um constructo prisional interno.

asfixiada, conforme explicou Reich (2001 [1934] [1953][43]). Como defendeu também em *Análise do caráter* (1998 [1933] [1949] [1952][44]), *torna-se importante saber entrar nessas asfixias e compreender como elas funcionam por dentro*.

Ao longo da tese tratarei bastante do tema da consciência, o que pode ser capcioso por conta das diversas compreensões possíveis do conceito, por isso, gostaria de clarear ao que me referirei. De modo geral, a crítica ao termo feita por pensadores como Spinoza, Marx, Nietzsche e Freud designa a consciência considerada como uma noção de eu humano dotado de livre-arbítrio e autodeterminação, apoiado por determinado grau de certeza e infalibilidade em relação às suas próprias avaliações de si e do mundo. Esse "eu", que separa objetos e sabe nomeá-los, que pensa, avalia e toma decisões, muitas vezes entendido como o ego, seria uma espécie de "núcleo" dos seres humanos definido pela racionalidade.

Esses pensadores, de diferentes maneiras, demonstraram que essa "certeza" do pensamento é bastante variável, por ser dependente de momentos históricos, processos de subjetivação, disposições corporais, processos emocionais reprimidos e não realizados. Sobretudo, aquilo que é pensado por isso que uma pessoa costuma identificar como seu eu, sua consciência, seus julgamentos e considerações é uma *redução* em um processo infinito de pensamento, e o que esse "eu" faz é contar histórias a respeito das reduções que faz. Por isso, não necessariamente: 1. pensa sobre a causa dos fenômenos, 2. compreende a natureza imanente das coisas, 3. atua com autodeterminação e liberdade ou 4. compreende seus próprios objetivos e afetos. O que esse "eu" faz é tentar organizar narrativas, ficções e histórias que lhe pareçam coerentes para tentar se autodeterminar. Por isso, o que esses pensadores e outros denunciaram é a quantidade de enganos originados pelas "certezas" da consciência e as práticas disfuncionais que decorrem delas.

---

[43] A segunda edição do livro *Psicologia de massas do fascismo*, em 1934, foi lançada após Reich ser expulso da Associação Internacional de Psicanálise e emigrar para a Dinamarca. Nesse ano, ele revisou o texto para reforçar suas críticas à repressão sexual e à política autoritária. Na edição final ampliada, de 1953, Reich introduziu *insights* adicionais baseados em seu trabalho com energia orgônica e suas observações clínicas. Sobre a apresentação e a problematização contemporânea dos elementos da análise reichiana que concernem à obra *Psicologia de massas do fascismo*, remeto-me à leitura os trabalhos de Simone Ramalho (2010), Marcus Vinicius Câmara (2009), Luiz Orlandi (2006), André Valente Barreto (2000) e Amadeu Weinmann (2003).

[44] Nessas três edições do livro *Análise do caráter*, Reich iniciou o tema do caráter como defesa contra conflitos emocionais, ainda na psicanálise (1933), logo relacionou o caráter com a energia orgônica e a pesquisa corporal da vegetoterapia (1949) e por fim aprofundou a relação da couraça muscular e os processos energéticos do corpo (1952). Para uma explicação das edições das obras reichianas, recomendo a tese de livre docência de Paulo Albertini (2015), chamada *Na psicanálise de Wilhelm Reich*. Já na dissertação de mestrado de Simone Ramalho (2001), chamada *Psicologia de massa do fascismo: Reich e o desenvolvimento do pensamento crítico*, a autora analisa a obra de Reich no período de 1920 a 1934, onde foi formada a base da teoria e técnica da *análise do caráter*.

A crítica se faz sobre a ilusão de supremacia, autodeterminação e liberdade. Contudo, se tal crítica estiver clara, essa noção de consciência não é inútil, pois ela existe e tem algumas funções importantes. Callahan (2021b) diz que "só existem duas coisas na vida: besteira e nada"[45]. "Besteira" são todas as narrativas que geramos sobre as coisas para defini-las como reais tal como as definimos. Essa é uma das funções do ego ou dessa "consciência narrativa" a que chamamos de eu. Se tirarmos o que o ego produz, temos "nada". De maneira jocosa ele quer dizer que a própria noção que temos do que seja "nós mesmos" é besteira e tudo o que geramos com a fala e dizemos que "é" ou "está" é somente uma narrativa, portanto é besteira em algum nível.

Narrativas são ficções, elas tentam transduzir e reduzir a quantidade de afecções que recebemos no corpo em nosso próprio estado imanente contínuo na natureza. Essa é a linguagem do "eu narrativo", que determina essa concepção mais comum de consciência. Contudo, essa linguagem tem duas funções importantes: permite gerar objetos virtuais com os quais geramos sequências lógicas e causais e permite navegarmos com o desejo em espaços quadridimensionais, isto é, em três dimensões espaciais e mais uma dimensão temporal.

Se penso "eu quero torta", "torta" é um objeto virtual, "quero" é o desenho de uma relação espacial com esse objeto virtual e "eu" é uma narrativa de um determinado estado de agência. Sem essas ficções não poderíamos nos localizar ou operar em nenhum espaço mental e, portanto, não poderíamos gerar nenhuma ação prática de perseverança. Por isso, a identidade de um "eu" e as coisas que nomeamos e as transformamos em "objetos" têm utilidade para gerar parâmetros de navegação. Mas apenas isso. De resto, elas são *besteira*, pois podem facilmente se transformar em regras rígidas e prisões.

No entanto, quando tentamos aumentar o grau de imanência dessas ficções, isso se torna nosso esforço em produzir um conhecimento mais adequado. Essa consciência a chamo de "narrativa", pois ela conta histórias no aqui e agora, para si mesma e para outras. Esse "eu" que fabrica narrativas é um dos tipos de consciência que temos.

Essa consciência, assim como todas as outras, como veremos, nada mais é do que uma *focalização* ou uma organização concentrada, centrípeta, de um movimento caótico energético. Nesse caso, é uma focalização capaz de narrar no aqui e agora histórias a partir de separações e distinções lógicas de objetos virtuais que é capaz de gerar. São competências de um modo cognitivo que existe em diferentes escalas evolutivas na natureza, *pois nenhum*

[45] Traduzido livremente do inglês: "there are only two things in life: Bullshit, and Nothing".

ente teria capacidade de agência se não pudesse gerar mapas e objetos virtuais em sua mente. No caso dos humanos, existe a capacidade particular de gerar metanarrativas, ou seja, narrativas sobre as próprias narrativas.

A metanarrativa é um problema quando o "eu narrativo" gera mundos fictícios com alto grau de transcendência, como ficções do tipo "eu controlo" ou "só existe um eu em mim" ou "existem coisas imutáveis na natureza constituída". Contudo, gerar cortes na experiência temporal corrente é o que essa consciência narrativa faz e sem esses não haveria possibilidade de distinções. Distinguir é perceber a ocorrência de um conjunto de afetações no corpo em diferentes modulações *simultaneamente*, em níveis fisiológicos, emocionais, intelectuais, energéticos, sensoriais, dentre outros.

Uma distinção é um momento "eureca!", é um tipo de afeto que traz clareza e, por isso, modifica um modo prévio de sentir e pensar. "Eu nunca tinha percebido que...", "não tinha ideia de que isso era assim", "isso sempre passou por mim e nunca percebi o que era" são frases que denotam a geração de distinções, que são diferenciações com clareza, não necessariamente traduzíveis em palavras. Distinguir não é uma capacidade humana, pois como disse, existe em amplo espectro na natureza. Contudo, saber que uma distinção foi gerada em si e que ela abre um leque de possibilidades que antes não havia decorre de uma capacidade metanarrativa.

Podemos chamar essa capacidade de "eu observador" pois consegue observar o que pensa. Contudo, quando esse observador leva a sério a intenção de observar o que gera em sua mente e observa em níveis de profundidade o que é gerado em sua mente, esse "eu narrativo" não é o mesmo "eu narrativo" que conta histórias obtusas sobre as coisas? Eu diria que sim. Ambos são geradores de ficções, ambos são funções de ego. Então qual seria a diferença entre eles? A resposta seria: "o quanto eles são capazes de retificar delusões". Um caminha na direção da sabedoria, o outro da autoilusão.

Logo, dizer que consciência é um termo que se refere ao ego não vejo como um problema, pois o que chamamos de "eu", quando nos referimos à nossa capacidade de agência ou nossos desejos, ponderações, avaliações, assertivas, é uma metanarrativa que varia tanto em escala de distinções sustentadas no corpo, quanto em escala de graus de delusão, ou expectativas, ou suposições com as quais se lida com a realidade. Então, qualquer ação desse ente que chamamos "eu" é um estado de concentração energética que gera uma cognição narrativa.

Essa focalização é um esforço em perseverar na existência. Esse ente precisa exercer pressão e concentração e sustentar isso de maneira balanceada *para existir*, do contrário se

dispersaria e não perseveraria como ente. Bem, cada célula do nosso corpo é um ente[46] que faz a mesma coisa: gera narrativas, constrói objetos e espaços virtuais e se auto-organiza de modo a alcançar objetivos de múltiplas maneiras. Cada uma dessas capacidades depende de focalizações que permitem aos entes permanecerem aglutinados, então cada uma dessas focalizações individuadas é uma consciência. Consciência, portanto, é uma questão de escala e multiplicidade. Mas todas as consciências que são delimitadas por construções virtuais podem fazer e conhecer até certo ponto.

A única Consciência[47] que tem onisciência, onipotência e onipresença e é capaz de observar o Universo como *um* é Deus, também entendido como Fonte ou Consciência universal. Em Deus há uma infinitude de aglutinações que são consciências infinitesimais da única Consciência que existe. Por isso, não faz sentido dividirmos corpo e mente, pois são densidades de aglutinação. Mas nos servem como distinções. Todo corpo é uma geração temporária e particular de formas em Deus e toda mente é a Mente de Deus expressa em uma geração particular de ideias que se expressam em formas. Por isso, não há nenhum sentido funcional ou cosmológico em considerar "Deus" uma figura antropomorfizada, como um senhor de barbas longas que julga o mundo enquanto está sentado em um trono celeste. A ideia misticista de que "há um grande humano lá em cima" parece ser comum na ampla concepção ordinária que as pessoas têm de Deus, sobretudo as que foram educadas em

[46] Digo o termo "ente" para me remeter a qualquer tipo de sistema vivente plasmático, não necessariamente seres que tenham *formações nervosas* formadas evolutivamente. Por isso, em muitos momentos, Reich se refere à "função plasmática vegetativa" dos sistemas viventes gerais, mesmo que eles não tenham constituídos *sistemas nervosos autônomos* ou *sistemas nervosos* vegetativos, que são sinônimos. Meu objetivo aqui é manter essa base de investigação reichiana que busca princípios de funcionamento comum em todos os sistemas viventes (o que será amplamente discutido por Michael Levin na contemporaneidade) e não apenas nos sistemas que exibem complexidades mais avançadas. É esse aspecto mais *basal* da percepção e das formações construtivas da mente que apresentarei na tese. Isso pode ser indicado pela frase de Reich: "a sensação não é por nenhum meio amarrada às terminações nervosas sensoriais. Toda matéria plasmática percebe, com ou sem nervos sensoriais" (Reich, 1973 [1951], p. 117-118 *apud* Rego, 1992b, p. 7).

[47] Na seção 3.2, "A consciência vortexial", apresentarei a diferença entre a *Consciência* cósmica, que é Deus (por isso, com C maiúsculo) e uma *consciência* particular e individuada *em* Deus (por isso, com c minúsculo). Trabalharei com uma concepção monista e não dual de Deus, como explicarei a seguir, razão pela qual não se trata de duas ou mais entidades separadas, mas apenas de uma que *contém e se expressa através de* uma multiplicidade de processos de individuação. Da mesma maneira, quando escrevo *universo* com letra minúscula e *Universo* com letra maiúscula, ao primeiro me refiro a um universo gerado, restrito e particular (tal como um mundo-brana, um espaço individuado por membranas dimensionais), enquanto que com o segundo me refiro a Deus. O mesmo se aplica ao termo *mente* e ao termo *Mente*. Na filosofia de Spinoza isso pode ser compreendido a partir da ideia de Deus como *Natureza naturante* e como *Natureza naturada*. O primeiro termo se refere a Deus como Fonte geradora de todos os movimentos, tanto de pensamento (ideias), quanto de extensão (corpos). Já o segundo termo nos fala de Deus como os estados gerados, existentes em ato, de ideias e corpos particulares. Por isso, enquanto que Deus visto como Natureza naturante é atemporal, Deus visto como Natureza naturada *é, contém e se expressa através da totalidade das formas* de ideias e corpos temporais, isto é, dotados de movimento, necessidade e devir. Portanto, essas formas serão chamadas de *natureza (Natureza naturada)* e Deus/Fonte chamado de *Natureza* (*Natureza naturante*). Em termos reichianos, são as existências dotadas de economia energética, isto é, sujeitas às regras de balanço gerado pelo equilíbrio dinâmico dos movimentos de tensão-carga-descarga-relaxamento.

contextos judaico-cristãos altamente carregados por ideias de punição, culpabilização e expiações necessárias. No entanto, não há como explicar que esse "grande humano" possa ser onisciência, onipotência, onipresença, e ser AMOR.

Na tese, abordarei as consciências múltiplas que existem dentro de uma consciência, em particular consciências que *estão contidas em constructos virtuais* e que têm certa autonomia de pensamento e ação. Dependendo do grau de inexorabilidade dos eventos que uma consciência vive dentro desses constructos, esses tornam-se constructos virtuais *prisionais*. Por outro lado, dependendo do grau de tensão e concentração bioelétrica contida no corpo e mecanismos que previnem essa dispersão, essa torna-se uma *estase energética* como Reich elucidou. Tanto os constructos prisionais quanto as estases, que são funcionalmente idênticos, não ocorrem no que consideramos mente ou corpo, mas ocorrem na consciência. Da mesma maneira, em cada um desses constructos e estases *perseveram* consciências aprisionadas e cada uma delas são "eus" que possuem diferentes autonomias e graus de cognição, delusão, esforço e estratégias de perseverança.

No livro *Para conhecer, escute seu corpo: diálogos entre Wilhelm Reich e Baruch Spinoza* (Carnero, 2021), em alguns momentos me referi aos conceitos de "organismo encouraçado" e "organismo desencouraçado" de Reich. Após uma leitura atenta e generosa, o professor Paulo Albertini[48] me sinalizou em uma conversa que essa conceituação reichiana é imprecisa, pois leva a crer que essas condições "encouraçado/desencouraçado" em uma pessoa ou ente sejam absolutas e unidirecionais, mas elas não existem dessa maneira. São *prevalências* ou estados que são *atualizados* em função do *esforço* e do *desejo*, isto é, de

[48] Como explicou Albertini (2003) em seu artigo *Reich e a possibilidade do bem-estar na cultura*: "Deve-se registrar que o autor [Reich] tem o cuidado de esclarecer que essa classificação [caráter genital e caráter neurótico] refere-se a tipos ideais, e que, na verdade, os caracteres reais são estruturas mistas, que se aproximam mais de um ou outro extremo" (p. 76). De fato, essas duas estruturas, a do caráter genital ("que atua com alto grau de harmonia interna e flexibilidade" (p. 79)) e a do caráter neurótico ("estrutura que vive em permanente conflito" (p. 79)), existem em uma mesma pessoa, pois há "uma certa *mescla* entre essas duas formações caracteriológicas" (p. 79, grifo nosso). O alerta do professor Albertini também formou parte do meu interesse de investigação que resultou nesta tese, pois compreender *como* essa "mescla" acontece passou a ser importante na minha compreensão das estruturas de caráter reichianas e pós-reichianas. Na pesquisa, que exponho aqui como tese, compreendi que existem "estruturas" de caráter neurótico e "estruturas" de caráter genital, ao mesmo tempo, em cada um de nós. Elas coexistem como *referências de possibilidades*. Essas estruturas são o que denominei como "constructos virtuais elétricos" ou "mapas de navegação espaçotemporais" que formam a caracterialidade geral de uma pessoa. Em certo sentido, essas estruturas gravadas não deixam de ser "crenças", como mostrarei na seção 4.11, ou "memórias espaciais" também chamadas de *engramas*. Em uma mesma estrutura geral e global de caráter de uma pessoa existem vários engramas balanceados que expressam virtudes, porque lá dentro *existem essas possibilidades*. Assim como também existem outros engramas desbalanceados que expressam vicissitudes e reatividades, porque lá *dentro*, elas são *necessárias* e existem impedimentos para outras possibilidades. A questão é sempre quais desses engramas estão assumindo o controle das ações e pensamentos no aqui e agora? Ou seja, quem comanda o império e a autodeterminação da pessoa?

"como" a pessoa sente *necessidade* de perseverar. A chave, diz Albertini, numa compreensão bergsoniana, está em possibilitar "uma estrutura com alto grau de liberdade; na verdade, um sucesso do élan vital, pois o projeto desse princípio bergsoniano é o de *inserir o maior número possível de indeterminação na matéria*" (Albertini, 2003, p. 82, grifos nossos). Em outros termos, *gerar possibilidades.*

Por isso, minha intenção é também atualizar esse conceito nesta tese, pois em diferentes âmbitos e momentos da vida uma pessoa pode variar em sua funcionalidade, flexibilidade de suas couraças e sua maturidade caracterial. A pergunta mais adequada seria: quais de suas partes estão mais livres, funcionais, autorreguladas e autodeterminadas (*sui juris*, como dirá Spinoza) e quais de suas partes estão mais aprisionadas, disfuncionais, compulsoriamente reguladas e determinadas do exterior (*alterius juris*)? Por isso, parte desta tese se dedicará a elucidar alguns mecanismos que *conveccionam*[49] (ou seja, concentram, geram e sustentam) essas "partes" que são consciências nossas que nos habitam (e que podemos habitá-las também no aqui e agora).

Uma prisão é um fechamento de possibilidades na forma de um espaço geométrico de regras. Quando uma parte de um ser está presa, seu esforço em perseverar na existência segue lá dentro, ao mesmo tempo infinito e restrito por um sistema de regras. Por isso, a ética do prisioneiro é sempre tentar escapar e esse é seu esforço de liberdade. No entanto, se ele não souber *dissolver, atravessar ou achar brechas nas barreiras geométricas ou gerar um novo espaço no constructo da prisão*, todos os seus ímpetos propulsivos para conseguir a liberdade, suas ideias, seus engenhos, suas ações, *estarão contidos pelas fronteiras*

[49] O termo "convecção" é derivado da Física e será amplamente utilizado aqui. Na Física refere-se a um processo de transferência de calor em fluidos (líquidos e gases) devido ao movimento causado por diferenças de temperatura e densidade. Em outros termos, devido a diferenças de *gradientes de pressão*. Quando, por exemplo, partes de um fluido tornam-se aquecidas, elas tornam-se menos densas e sobem, enquanto que as mais frias descem. Isso forma o que é chamado de "correntes de convecção". Neste trabalho, utilizarei o termo "convecção" como uma *confluência de linhas de energia ou linhas de força*. No entanto, em termos da Física tradicional, não seria correto dizer que a convecção é uma confluência de linhas de energia ou força, já que essas se referem, geralmente, às linhas de campo, como linhas do campo elétrico ou magnético, que representam a direção e intensidade de uma força em um campo vetorial. Portanto, na Física, não seria correto dizer que a energia térmica se propaga no formato de linhas direcionadas, como ocorre com a energia eletromagnética.
No entanto, essas definições *não levam em consideração o fator dinâmico da eletricidade determinado pelo desejo. O desejo gera vetores elétricos variantes que se destinam às necessidades de perseverança.* Por isso, demonstrarei que o desejo agrega e desagrega correntes de energia. Sempre que *agrega*, gera uma condição de pressão que é capaz de moldar formas dimensionais. Sempre que *desagrega*, desfaz as condições de pressão que geram e sustentam formas dimensionais. Na tese, sempre que eu utilizar o termo "convecção" o farei no sentido de geração de um vetor ou momento (*momentum*) que é o próprio desejo. *Querer* ou *desejar* é direcionar energia, por isso, um desejo criativo. Por ser *desejo de uma consciência*, criei o *neologismo* que é o verbo "conveccionar", para determinar que a convecção energética ou elétrica na consciência é desejo. Assim, conveccionar torna-se uma ação ativa, determinada por intencionalidade, ainda que essa intencionalidade possa estar inconsciente.

dimensionais do constructo. A vida na prisão passa a ser perseverar no constructo, sempre buscando escapar dele, mas nunca escapando. Com o tempo, muitas dessas consciências passam a gostar de viver nos constructos porque encontram alguns ganhos secundários que previnem que devidamente se rebelem.

Outra função desta tese é aprofundar o conceito de *estase* (energética/sexual) em Reich. Estase, como explicarei, é uma *parte do conatus que se torna aprisionada* por um decreto ou esforço de restrição de possibilidades autoimposto. Com isso, a consciência dissocia e gera, em si, um espaço de restrições virtual energético que determina as regras da realidade do que foi, do que é e sempre será. No mesmo movimento, aprisiona parte de si mesma nesse espaço e condiciona todos os seus ímpetos, possibilidades, esforços de perseverança e liberdade às restrições desse espaço. Em termos econômicos, esse aprisionamento gera um efeito de "panela de pressão", o que ocasiona angústias e dores no corpo. Em termos de consciência, existe todo um "bioma" ou ambiente virtual que se desenrola de maneira cíclica e constante nesse mesmo espaço de pressão, que é a estase. A questão é que não temos apenas uma estase ou um "bioma" que determina um tipo de sobrevivência específico dentro de nós, *temos várias estases, coexistentes e simultâneas.* Elas são as bases das nossas reatividades caracteriais.

Isso nos remove de pensar que a estase seja uma espécie de energia confinada no corpo que seja mecânica ou estática. A estase está viva e possui todas as características próprias do *conatus*, como ser autopoiética e autorregulatória, o que quer dizer que é um *influxo inteligente de energia* que segue buscando continuamente a perseverança do ente que ele é, assim como faz parte dele e o atravessa.

O *conatus* é consciência e atravessa a consciência, em diferentes graus de velocidade e lentidão, o que significa que um retesamento da energia não é torná-la inerte, como uma espécie de "muro morto", mas torná-la concentrada e menos permeável a ser modificada. Essa é a definição de *resistência*, em termos energéticos. Então, o próprio *conatus* pode gerar estruturas retesadas que são vivas, que seguem sendo *tempo* atualizado constantemente. Por isso, a própria estrutura gerada, que é *estase*, tem uma teoria da mente ou uma forma particular de pensar.

Penso que Reich estava correto ao dizer que a estase é uma maneira de estagnação bioelétrica no corpo. Creio que o termo "bio" não se refira apenas a uma particularidade do que consideramos organismos biológicos, pois *bio* vem do grego βίος (*víos*) que significa vida, e o termo *vida* tem sido compreendido em contextos cada vez mais amplos. Michael Levin é um biólogo que tem se dedicado à compreensão da inteligência diversa em sistemas

complexos evoluídos, projetados e híbridos, a partir de pesquisas em bioeletricidade. Ele afirma que a emergência de inteligência nesses sistemas somente é possível porque a vida é um *continuum*:

> Precisamos transcender categorias binárias superficiais e cada vez mais irrelevantes, que são destruídas pelo *continuum* de seres que não se enquadram perfeitamente em nenhuma delas. Nosso mundo conterá cada vez mais híbridos, quimeras, ciborgues e todos os tipos de novas formas de vida que não estavam em nenhum lugar da árvore da vida conosco. [...] "Infinitas formas mais belas" é a frase de Darwin que encanta com a diversidade da vida natural. Elas constituem apenas um cantinho do espaço astronômico de corpos e mentes possíveis, que será cada vez mais explorado nas próximas décadas[50] (Levin, 2024a).

Confinar "vida" apenas a organismos biológicos pode ser um reducionismo, por isso proponho pensá-la como "consciência e *conatus*" (e demonstrarei por que os penso como diferentes e sinônimos). Creio que isso é interessante, pois poderemos aplicar a pesquisa de Reich a formas de "mentes encarnadas", como citadas por Levin, pois *estase* e *livre fluxo de energia* ocorrem na consciência por convecções de *fluxos bioelétricos* que podem gerar estruturas com baixo grau de permeabilidade e tornarem-se prisões bioelétricas. Essas estruturas geram espécies de *loopings de programação* e as formas de pensar *dentro* desses *loopings* tornam-se disfuncionais, neuróticas e somente fazem sentido dentro desses espaços pouco permeáveis.

Tratarei, então, do tema das *programações e loopings de informação* que ocorrem dentro e ao longo de todos os constructos prisionais que constituem as nossas couraças crônicas.

Um *looping* ocorre quando sistemas vivos, isto é, *energéticos e informacionais*[51], cartografam o ambiente externo como projeções do próprio ambiente interno em uma ordem

[50] Traduzido livremente do inglês: "We need to transcend shallow and increasingly irrelevant binary categories, which are destroyed by the continuum of beings that do not neatly fit into any of them. Our world will increasingly contain hybrids, chimeras, cyborgs, and all manner of novel life forms that were nowhere on the tree of life with us. [...] "Endless forms most beautiful" – [is] Darwins's phrase that marvels at the diversity of natural life – are just a tiny corner of the astronomical space of possible bodies and minds, which will be increasingly explored in the coming decades".

[51] Ao longo da tese, mencionarei diversas vezes essa dupla função do orgone como energia e informação. A respeito desse entendimento, recomendo a leitura do artigo de Oliveira e Sigelmann (1996) *O outro lado do orgon: uma complementação ao conceito proposto por Reich de uma energia cósmica universal*. Dizem os autores: "Por um lado, a matéria pode ser vista como uma forma condensada de energia, por outro, a função básica da mente é lidar com informações. Estamos nos propondo a levantar algumas questões aqui sobre a antítese energia-informação. Nosso interesse por esta antítese vem da constatação das propriedades organizadoras do orgon. Organizar é do âmbito da informação, não da energia, logo *o orgon não é apenas energia, é uma energia prenhe de informação*" (p. 55, grifo dos autores). Estou plenamente de acordo com essa perspectiva e a necessidade de investigação do orgone (orgon) por meio das Teorias da Informação e da Computação. Há pouquíssimos estudos que relacionam a teoria de Reich com essas últimas e penso ser um

de previsão futura invariável. Isso significa que tudo o que chega a esse sistema como novo é reconfigurado com a forma dos próprios vetores de projeção, anulando ou invisibilizando os conjuntos de sinais "dissonantes" e realocando os demais sinais na ordem sintáxica da programação gravada. Isso torna-se um fechamento operacional ou normativo[52] no qual qualquer informação é traduzida para as descrições lógicas que o sistema faz de si mesmo e em si mesmo. Em termos informacionais, essa operação é a mesma que gera uma couraça crônica. Uma *couraça crônica muscular* é quando isso acontece na forma de tensões neuromusculares que não podem ser desfeitas e não podem relaxar. Uma *couraça crônica caracterial* é quando isso gera uma realidade recursiva, então o próprio sistema e seus subsistemas tornam-se presos em permanentes movimentos circulares. É o tempo *preso no corpo*. É a essa realidade recursiva que me referirei como *constructo virtual prisional*.

A questão da cronicidade e da disfuncionalidade gerada pela cronicidade residem: primeiro, na incapacidade da consciência de piratear as sintaxes condicionais lógicas que a aprisionam (achando brechas, modificando-as, dissolvendo-as); segundo, no conceito de que a invariabilidade da previsão futura depende de quão densa bioeletricamente seja a estrutura do constructo que prediz esse futuro. Em termos somáticos isso significa tensão bioelétrica atualizada em tensões neuromusculares. Couraças flexíveis ou que possuem maior grau de permeabilidade são *metaestáveis*, funcionam como mapas (como veremos) que definem parâmetros de realidade. A flexibilidade é caracterizada por uma abertura cognitiva, o que significa que a estrutura aceita mudar e aceita ser mudada. Veremos que isso somente ocorre nos sistemas inteligentes (isto é, determinados pelo *conatus*) se as previsões de regras futuras puderem ser variáveis. Ou seja, a estrutura do sistema precisa estar disposta a não saber o que vai acontecer. Em termos humanos isso significa "poder sofrer", "poder morrer", assim como também "poder sentir sensações orgásmicas" (Schwenteck, 2021), já que elas somente são possíveis quando há entrega e não há controle.

É claro que estar disposto a não saber o que irá ocorrer implica ao menos duas capacidades. A primeira é que o sistema precisa poder contar com sua própria capacidade de

âmbito de pesquisa muito frutífero. Na tese, explorarei essa vertente no Capítulo 1, a partir da filosofia de Deleuze e Guattari, e na seção 3.8, quando tratarei do tema da bioeletricidade.

[52] Aqui adaptei um pouco da linguagem do sociólogo alemão Niklas Luhmann, que investiga sistemas sociais a partir do conceito de *autopoiese* de Humberto Maturana e de *acoplamento estrutural* de Maturana e Varela. Segundo o autor: "A forma característica, em que são combinados o fechamento normativo e a abertura cognitiva, é a do programa condicional. Ela exige que as regras de decisão normativas (que, por sua vez, devem ser fundamentadas apenas internamente ao sistema) sejam formuladas de modo a tornar possível uma dedução da decisão a partir dos fatos (que, por sua vez, têm de ser determinados cognitivamente): no caso da circunstância x, a decisão y estará de acordo com a legalidade; caso contrário, não estará" (Luhmann, 2016, p. 68). Há muitas relações de ressonância que podem ser estabelecidas entre o pensamento econômico-energético de Reich e o pensamento sistêmico-comunicacional de Luhmann, contudo não serão o objetivo desta tese.

gerar soluções não lineares e ter a certeza de que é capaz de fazer ajustes rápidos quando isso for necessário. Essas são duas certezas intrínsecas cuja cognição deriva de *feedbacks* a si mesmo – por isso elas são sentidas. O sistema apenas sabe que consegue, é uma competência inconsciente. Essas capacidades já existem no sistema, mas essa cognição pode ser bloqueada. Se essas certezas fossem traduzidas em termos verbais, elas seriam mais ou menos o seguinte: "Instabilidades podem acontecer e eu tenho meios de encontrar saídas, de me auto-organizar e me reordenar para obter a funcionalidade que preciso".

A questão é que o *conatus* concede essa cognição a todos os entes, de acordo com as próprias regras cognitivas que demarcam suas existências. Intrinsecamente um ente não duvida de que "pode dar um jeito". Mas essa cognição pode desaparecer quando o ente está submetido a alguma regra sintática que lhe informa que isso não é possível. Tal regra pode parecer apenas lógica, por ser informação, mas ela também existe na forma de capas ou camadas de organização elétrica que organizam a própria matéria física do sistema.

A segunda é que o sistema precisa ter a capacidade de confrontar seus limites de segurança, isto é, abrir mão das programações de segurança previamente gravadas. Em princípio, isso pareceria requerer adotar uma posição de vulnerabilidade total, o que seria uma contradição lógica ou falta de discernimento. Seria como um sistema navegar de forma segura na internet sem um *firewall* ou um trapezista dar saltos no ar em segurança sem uma rede de proteção. Então, certamente não se trata disso. Não se trata de viver ao sabor dos acasos, trata-se de autodeterminação, o que não significa viver restrito em determinações fixas. Poder ser vulnerável não é abandonar uma coerência lógica, nem apostar em ingenuidade.

Esse confronto com os limites de segurança somente pode ocorrer se houver gravadas outras regras de coerência anteriores. Elas também precisam ser sentidas intrinsecamente; o sistema precisa saber que elas existem. Todo sistema vivente é um sistema de registros. A cada momento esses registros são atualizados. Então, a cada momento, é possível a ele saber: "se eu não me desmantelei antes, não vou me desmantelar agora", não porque gere uma narrativa que tente prever o futuro, mas porque o futuro que ele desenha é um presente contínuo. Assim, como o sistema sabe que tem essa capacidade de não se desmantelar? Porque é a *coerência* do que ele viveu até agora. Ele já não morreu porque seu *conatus* o sustentou.

Quando um sistema decide eliminar uma contenção de segurança que limita outras possibilidades do aqui e agora, ele somente pode fazê-lo se tiver gravada dentro outra base sólida. No caso, um sistema pode abrir mão de um *firewall* específico se tiver outro *firewall*

com o qual possa contar, assim como o trapezista pode ensaiar saltos no ar sem uma rede de proteção se ele tiver velocidade e discernimento suficiente para saber como não cair em diferentes variações de salto e dificuldades. Sua rede interna de possibilidades é ampla o suficiente para compreender que se não caiu no chão antes, não irá cair agora.

Um outro exemplo é quando uma função paterna é gravada adequadamente em uma criança. Um pai amoroso e seguro pode dizer: "filho(a), vou te mostrar que o mundo tem coerência e te ensinar a transitar por ele. Vou estar ao seu lado para te mostrar como resolver problemas e te dar espaço para que você experimente. Você pode soltar sua mãe e desenvolver suas próprias competências no mundo". Então, em um futuro, mesmo que o pai (ou quem fez a função paterna) não esteja por perto, a criança tem a cognição gravada de que o mundo tem coerência e é possível transitar nele. Essa gravação é um mapa, é um constructo de regras de possibilidades e seguranças.

Esse mapa não deixa de ser uma ilusão, mas ele gera uma base de coerência. Quando a criança buscar esse registro, ela o encontra. É como se ela tivesse um *firewall* ou uma rede elástica de proteção. Há quem pudesse dizer que isso tudo não seria real, mas imaginado. Mas então, volto à questão da *quimera* de Spinoza. Essa realidade imaginada é puramente verbal? Se for predominantemente verbal, então é uma suposição, um mundo de fantasia. E se essa realidade for sentida em diferentes corpos (fisiológico, emocional, intelectual e energético-sensorial) simultaneamente? Então, ela existe *em ato.* Essa matriz energética gravada no corpo e na mente não é apenas *imaginada*, mas *conveccionada*. Uma convecção energética é uma focalização construtiva da energia bioelétrica em ato. Quando um ente convecciona um tipo de entendimento que permanece gravado em seu plasma corporal, essa construção torna-se intrínseca. Isso significa que ninguém pode produzi-la pelo ente ou retirá-la do ente, pois ele usa sua própria energia para sustentar essa existência. A estrutura conveccionada passa, então, a ser virtual e atual, isto é, ter efeitos reais em vários níveis.

Logo, para a certeza de que algo existe, essa existência precisa ser uma formatação vibracional com grau de energia (movimento) suficiente para torná-la sólida de alguma maneira, de modo que passe a ser detectada pelo sistema interno do corpo. Essa formatação bioelétrica passa a se tornar um sistema de referência para esse corpo. Essa capacidade de gerar "certezas intrínsecas", mapas e redes de segurança é o que irá diferir, por exemplo, uma estrutura caracterial psiconeurótica de uma estrutura caracterial núcleo-psicótica, na terminologia de Federico Navarro (1995a).

Na primeira, essas matrizes de densidade bioelétrica foram formadas de maneiras mais ou menos eficientes e determinam sensações de segurança existencial e

sustentabilidade interna. Na segunda, ocorreram bloqueios tão primitivos que os registros gravados são o de que a existência pode ser desmantelada por muito pouco e a capacidade de geração de recursos internos de adaptação é muito baixa. Na primeira, a vulnerabilidade precisará ser trabalhada com a flexibilização das defesas; na segunda, a vulnerabilidade é condição dada como incapacidade de fazer frente aos desafios do ambiente. São apenas aspectos resumidos do que exploraremos adiante.

Por meio da pesquisa morfogenética de Michael Levin (2023a), compreenderemos que as multiescalas espaciais gravadas no corpo são sustentadas por redes bioelétricas em milivolts. Se os sistemas viventes não pudessem gerar e sustentar construções virtuais e atuais em si mesmos e não pudessem projetá-las, o *conatus* não poderia traçar direções ou objetivos e nenhum ente poderia ter agência. De fato, as realidades são feitas por esses tipos de construções em diferentes escalas de densidade, mas elas são apenas *movimento*. Se o retirarmos, o que restaria?

Essa é uma tese que tratará do tema das prisões internas, como as construímos, o que fazemos para permanecer nelas, quais estratégias geramos para sobreviver a elas e o que podemos fazer para caminhar na direção da liberdade e da autodeterminação. O que significa estar autodeterminado? Creio que essas respostas possam ser, ao menos, em parte, obtidas ao explorarmos o conceito de *conatus*. Todos os nossos estados internos podem ser *expandidos* e *projetados* como *contextos sociais*. Por um lado, a coerência de um sistema social é o espelho da coerência emocional e maturidade das pessoas que geram e sustentam esse sistema. Se as pessoas se sentem impotentes e imaturas e pouco se dão conta disso, apenas lamentam as consequências desses estados e participam constantemente de relações triangulares como as descritas por Karpman, então será pouco provável que sustentem sistemas sociais horizontais, libertários e autogestionados de maneira bem-sucedida.

Por outro lado, não há estados de encouraçamento crônico e sentimentos bloqueados que não tenham sido gerados, de alguma maneira, por *processos coloniais estruturais* da nossa cultura moderna. Em particular, como bem apontou Mirella Rocha (2020), a cultura moderna do nosso país foi feita em cima da violência do Estado durante o Brasil colonial, por métodos de repressão deliberados e violentos utilizados pelas classes dominantes e que construíram os modos das relações sociais vigentes no país. Cada cultura possui seus próprios processos de encouraçamento e formação de uma ordem autoritária patriarcal, contudo, no Brasil, essa ordem se deu sobre processos violentos de escravização, que conta nossa história de silenciamentos, submissões, usurpações e aprendizados desses

comportamentos. De maneira lúcida, aponta a necessidade de compreendermos os processos de adoecimento descritos por Reich em nossa própria formação cultural:

> Nessa esteira, encontrar o ser-precisamente-assim do racismo como forma particular do movimento dinâmico da caracterialidade fascista no Brasil, em sua organicidade histórica e viva na sociedade brasileira, expressa em suas relações sociais e funcionais – no que se refere à caracterialidade dos indivíduos histórico-concretos –, requer, portanto, observar a particularidade do desenvolvimento da sociedade capitalista patriarcal no Brasil, dado que não podemos esquecer, "a estrutura do caráter é o processo sociológico congelado de uma determinada época" (Reich, 1998 [1933], p. 7 *apud* Rocha, 2020, p. 585).

Assim, quando observamos nossas reatividades internas, nossas dores emocionais e padecimentos somatopsicológicos, cabe sempre lembrar que eles são produtos de acontecimentos históricos, políticos e sociais que moldam os contextos culturais nos quais fomos socializados e seguimos a perseverar até os dias de hoje. Spinoza e Reich, assim como diversos pensadores, deram atenção *à gênese das condutas e ao que elas se destinam*. Contudo, uma compreensão política adequada requer uma análise balanceada e constante, como quem segue o percurso feito por uma faixa de Möbius, o dentro tornando-se o fora e o fora tornando-se o dentro. Isto é, *caracterialidades que produzem processos de formação social de caracterialidades, e esses, por sua vez, produzem caracterialidades que produzem processos sociais*. Nas palavras de Reich: "a nossa psicologia política não poderá ser outra coisa que um estudo do 'fator subjetivo da história', da estrutura de caráter do homem numa determinada época e da estrutura ideológica da sociedade que ela forma" (Reich, 2003 [1951], p. 15). O que "o fora produz no dentro", isto é, como os processos sociais tornam-se processos subjetivos, e o que "o dentro produz no fora", ou seja, como os processos subjetivos tornam-se processos sociais, precisam ser compreendidos em coengendramento[53].

[53] A importância desse coengendramento é bastante significativa no pensamento de Reich, e ele é melhor entendido se conectarmos suas obras políticas iniciais às suas obras finais, como *A superposição cósmica* (2003 [1951]). Por isso, reitero o que mencionei, *a importância de que o final da obra de Reich (a parte energética) possa ser lido junto com o início, e o início (a parte psicanalítica e política) ser lido com o final*, pois, por mais que os assuntos apenas pareçam distantes e não se relacionem diretamente, isso não é verdade e torna anacrônico o entendimento. Como citou Albertini (2003, p. 85), "o que chama a atenção nesse tipo de reflexão é o fato de Reich não tender a atribuir a origem dos problemas humanos somente a fatores socioculturais passíveis de transformação". O problema do encouraçamento crônico, em si, não é um problema *em sua base* sociocultural. É a necessidade de *controle, medo da mudança e a sensação de risco*, que ocorrem sempre em uma relação *ambiental*. Compreendido o *ambiente*, que é algo sempre *virtual* para a percepção, aí sim, podemos entender como se dão as *relações ambientais humanas*, pois a vida humana é relacional *ao redor dos parâmetros de segurança, entrega e amor*, como definiu Stephen Porges (2012) em sua *Teoria polivagal*. A boa sociabilidade, a entrega, o brincar, o engajamento afetivo e sexual somente podem existir em *estados de segurança percebidos*. A percepção é a moldagem de um constructo de regras elétrico na consciência.

Essa perspectiva do fora-dentro-fora também foi defendida por Ramalho (2010) em sua tese de doutorado, quando diz:

> a ideia de que essa **dupla perspectiva** produziu uma mudança de curso no projeto reichiano: a saída de seu pensamento do campo sanitário *stricto sensu* para a inauguração de uma nova disciplina – a Psicologia Política – que procura olhar para o panorama social e focalizar o sujeito empírico e sua subjetividade em ação e faz, *ao mesmo tempo*, uma inflexão em direção ao sujeito, invertendo o foco: procura nas contribuições da cultura a arquitetura do mal-estar, posto ser sobredeterminado pela história (Ramalho, 2010, p. 57, grifos da autora em itálico e grifos nossos em negrito).

A autora chama de *pensamento crítico* desenvolvido pelo autor essa dupla direção: não apenas o "mergulho na cena social e no movimento socialista, interessado em se engajar na reconstituição radical dos arranjos sociais entendidos por Reich como adversários da plena expressão da vida humana" (Ramalho, 2010, p 56), isto é, os modos ocidentais patriarcais capitalistas, mas *também* a pergunta sobre a *opção irracional* da população ao que é objetivamente *contrário* aos seus próprios interesses. Segundo aponta, "tratava-se de perguntar: *o que levou a essa escolha?*" (Ramalho, 2010, p. 56, grifos nossos) como, por exemplo, à adesão proletária pelo nacional-socialismo. Mas essa pergunta genealógica reichiana, creio que se aplica a tudo, a todas as nossas escolhas micropolíticas e macropolíticas.

Segundo Ramalho ainda:

> Em *Psicologia de Massas do Fascismo*, Reich dará continuidade a essa linha de pensamento que se propõe investigar esse problema que teria "ficado sem resposta" [o de por que a maioria dos famintos *não* rouba e a maioria dos explorados *não* entra em greve], debruçando-se sobre a genealogia da servidão voluntária na construção das personalidades, por meio da educação e da moral, em acordo com as demandas da organização social (Ramalho, 2010, p. 59).

Como esse processo operava foi o fundamento da investigação de Reich e por isso é o elo da *política e da orgonomia*, porque o pensamento crítico é atravessado pelo *mecanismo do encouraçamento crônico*. Esse mecanismo, que é funcional em aspectos fisiológicos, psicológicos, energéticos e políticos, nos permite compreender que a atitude *irracional* é apenas irracional se tomarmos como referência o espaço e tempo correntes que chamamos de aqui e agora. Mas os mecanismos defensivos ou de *perseverança* são sempre *racionais* nos espaços e tempos onde e quando partes da consciência existem em *agonia.* São esses espaços e tempos que estão *gravados ou retidos* na couraça de caráter e são eles os responsáveis pelos pensamentos e ações "irracionais" no aqui e agora. Assim, temos a parte

da consciência que habita e determina a si mesma no aqui e agora que *coexiste* com partes da consciência que habitam simultaneamente espaços e tempos onde vivem em desespero.

De maneira geral, a psicologia social e a psicologia política investigam como o comportamento individual e de grupo são influenciados por ambientes e contextos sociais, como ocorrem dinâmicas de poder entre indivíduos e grupos, como normas culturais, ordens sociais e percepções de grupo moldam políticas públicas, modos de comunicação e comportamentos políticos. Contudo, como apontou Reich (1998, 2001), é necessário também uma perspectiva *clínica* que possa investigar os *mecanismos* que elucidem como pessoas médias se submetem e perpetuam os próprios processos autoritários que foram impostos sobre elas.

Talvez *essa* investigação seja a mais desafiadora, não por sua complexidade, mas porque em nenhum lugar o confronto com as impotências, dores e desesperos é tão pungente e tão fácil de escamotear do que no âmbito interno. No âmbito externo, impotências, dores e desesperos podem ser compartilhados e solidarizados com outros, já no âmbito interno, na maior parte das vezes são vivenciados em silêncio, solidão e anestesiamento. Então, pode tornar-se muito útil saber olhar para o dentro e gerar saídas, desmistificações, compreensões profundas, sentimentos de liberdade e, também, sabedoria.

A saída da prisão é também a saída da servidão. A meu ver, essa é a questão mais importante que Reich enunciou em toda a sua obra, presente no primeiro capítulo de *O assassinato de Cristo* (1999 [1953]), um de seus últimos livros escritos. Em suas palavras: "*A primeira coisa a fazer é procurar a saída da prisão*. A natureza da armadilha só apresenta interesse na medida em que ajude a responder a esta única questão crucial: ONDE ESTÁ A SAÍDA?" (Reich, 1999 [1953], p. 5, grifos do autor). Reich diz que a prisão é a estrutura de caráter humana e que faz parte dessa estrutura o medo de sair dela. É essa contradição que explorarei nesta tese.

A saída é o que chamou de "Vida viva" e "a função da Vida viva está em volta de nós, está em nós, em nossos sentidos [...] em cada animal, em cada árvore, em cada flor. Nós a sentimos em nosso corpo e em nosso sangue. Mas para os prisioneiros ela continua o maior, o mais impenetrável dos enigmas" (1999 [1953], p. 6). E prossegue: "O homem tem sua origem no paraíso, e continua ansiando ardentemente pelo paraíso. [...] Deus está, então, DENTRO do homem, e não deve ser procurado só fora. O Reino dos Céus é o Reino da graça e da bondade interiores" (Reich, 1999 [1953], p. 12-13).

Essa chave também já fora enunciada por Spinoza e muitos outros. De maneira resumida, creio que essa chave está no conhecimento do *conatus* e da natureza divina. O

conatus é a instância que não é apenas responsável pela *perseverança*, mas também *por conduzir todos os entes à perfeição*. A perfeição não é um tipo de estado moral a ser atingido por ser idealizado, mas é um estado de comunhão em Deus. É o Reino dos Céus. Se esse tema não fosse importante, não creio que ambos os autores teriam se dedicado tanto a falar de Deus, de corpo, de mente, de afetos e de política continuamente em seus escritos.

"Onde" perseveramos, "em qual direção" perseveramos e "ao que nos inclinamos" quando perseveramos? A qual *propósito* perseveramos, em última instância, é o que importa e o que define a única diferença entre o céu e o inferno. Em outros termos, podemos perguntar: "quando tenho uma dificuldade, persevero me afundando em um constructo prisional ou persevero em direção a Deus?" Isto é, "tento escapar adentrando cada vez mais no interior da prisão?". Para perseverar em direção a Deus é necessário *soltar tensões*, mudar o *lugar onde* a consciência pensa, o que significa dirigir-se a um lugar de maior liberdade e maior entrega, saber *ouvir* o *conatus* e para onde tenta nos direcionar e desejar isso.

No entanto, sabemos gerar nossas próprias prisões e prendemos partes nossas no interior dessas prisões. Por isso, demonstrarei que o *conatus* pode gerar *estruturas de perseverança*, que se tornam prisionais, e também pode gerar *ímpetos de perseverança* que se tornam *reativos* ao se esforçarem de maneira impotente pela liberdade. Tais ímpetos são governados pela promessa *delusional* de que a liberdade será atingida ao se compactuar cada vez mais com as regras da prisão.

O *conatus* está vivo e pode ser aprisionado. Quando isso ocorre, ele torna-se submetido às regras que o aprisionam. Por isso Reich disse: "*Dentro* da prisão, a Vida vive a vida de almas prisioneiras. Ela se adapta rapidamente e completamente à Vida na prisão" (1999 [1953], p. 14, grifo do autor). É por essa razão que anteriormente também eu disse: "A estase está viva e possui todas as características próprias do *conatus*".

A Vida é o *conatus* e o conatus é a Vida. Não existe a diferença de uma consciência particular, entre o conatus e a Vida, pois todos esses provêm de uma única fonte, que é Deus. O *conatus* é a presença divina de Deus, é a energia viva que circula no interior de todas as coisas e as forma. O *conatus* não ouve as palavras ou os verbos, porque ele é a linguagem do corpo. O *conatus* ouve apenas a voz do silêncio emitida por nossa própria intenção, por isso não se importa com *quimeras verbais*, pois elas são apenas autoenganos gerados pelo desejo de mundos fantasiosos da própria consciência.

Cabe dizer que utilizo a palavra "Deus" por uma adesão a um pensamento spinozista e reichiano que indicam ser Deus o próprio Cosmos imanente. Poderia, com o mesmo intuito, falar de "Brahman" ou "Tao" e não haveria grandes diferenças. Contudo, o termo "Deus"

tende a ter mais sentidos e, por isso, pode trazer complicações por algumas razões que pretendo tratar, a fim de que possa tornar claro de que "Deus" estou falando.

A primeira complicação é que falar de *política* e *Deus*, no contexto atual da sociedade brasileira, pode ser um convite à cooptação dos argumentos aqui presentes em favor de alguns tipos de teologia política e política teológica que defendem posições extremistas, autoritárias, culpabilizantes e violentas. Me refiro, em particular, àquelas da "Teologia da prosperidade" e da "Teologia do domínio". Elas têm contribuído significativamente para a expansão das igrejas neopentecostais a partir do final da década de 1970, para o fortalecimento das bancadas religiosas cristãs e para a perseguição de religiões afro-brasileiras, espíritas, bem como de outras práticas religiosas. De acordo com o teólogo Donizete Xavier,

> essa união entre Igreja e política está vinculada ao fortalecimento da extrema direita no Brasil, que faz eclodir uma teologia da batalha espiritual entre o bem e o mal, resultando em um certo tipo de dualismo epistemológico maniqueísta que impele seus fiéis a um certo escapismo. Ideologicamente, instaura-se a ideia do mal, do desagradável e do caos, instigando os fiéis a fugir de realidades que divergem daquilo que pensam e desejam, levando-os a combatê-las nessa grande batalha espiritual (Xavier, 2024, p. 2).

As correntes da teologia da prosperidade e do domínio se baseiam no ideário capitalista ("é prometido a você uma vida abundante, desde que você contribua com dízimos e ofertas. Quanto mais sacrifícios, fé e disciplina, mais bênçãos serão recebidas em saúde, trabalho e bens materiais") e na ênfase em doutrinas de guerra espiritual, em particular, para expandir os territórios políticos e "levar a palavra de Deus a toda parte". A doença e a pobreza são vistas como decorrentes de ações malignas espirituais. Assim, a obtenção da "graça da cura" está ligada à subordinação das normas da Igreja, o que significa que a "ação do Espírito Santo" ou o favor almejado se encontra determinado pelo cumprimento das práticas ritualísticas apontadas pelos líderes religiosos. Em termos político-partidários, isso significa também que "irmão vota em irmão" ou "irmão vota em Pastor" (cf. Bertani, 2018), pois eles são as lideranças do "grupo do bem".

Cabe dizer que qualquer religião ou doutrina espiritual institucionalizada, mesmo as que não têm ligação direta com a Teologia da Prosperidade e do Domínio, pode promulgar ritualismos que envolvam algum tipo de sacrifício físico, relacional ou financeiro, para que a pessoa alcance algum tipo de salvação. Poderiam afirmar: "você *deve* fazer esse ritual e pagar [da forma X], do contrário você estará condenado(a) [a que ocorra X]". A questão é que conceber um deus que pune, vinga, imputa culpa, condena ou se indigna, reflete o caráter

e os propósitos obscuros de *quem* promulga esse tipo de lei e gera esse tipo de realidade ficcional, e não o conhecimento da natureza divina.

Trago essa questão, pois há vertentes político-religiosas que utilizam o termo "Deus" para revestir qualquer contexto com normas e práticas moralizantes que se baseiam nos ideais da "vida em Cristo" ou no "alcançar o Reino dos Céus" como caminho da "salvação". Contudo, esses ideais tendem a estar voltados menos a um trabalho de observação e questionamento interno das próprias posturas e ações práticas e mais à adequação de regramentos, pautas e discursos morais que beatificam os que estão dentro das normas institucionais e demonizam os que estão fora. Nessa adequação, a causa dos padecimentos e a possibilidade de superá-los não reside em uma análise dos processos emocionais e sócio-históricos que uma pessoa vive, mas em uma *falta de entrega às doutrinas* da fé. Por isso, a frase de Reich "o Reino dos Céus é o Reino da graça e da bondade interiores" (1999 [1953], p. 12-13) poderia ser facilmente cooptada por um discurso moralista em que as pessoas deveriam ser "boazinhas", não se engajar em lutas políticas e obedecer a alguma doutrina da fé sob orientação dos representantes de Deus, como forma de alcançar o Reino.

Por isso, o termo "Deus" que exponho aqui pode causar incômodo se "Deus" significar a porta de entrada a um contexto institucionalizado, seja ele qual for. O uso do termo "Deus", dentro de um contexto institucional, raramente deixa de pregar a submissão a categorias morais transcendentes e idealizadas, e, não raro, convida os que estão dentro desse contexto a abdicarem de suas responsabilidades individuais e suas autodeterminações em prol de obediência a diretrizes que prometem salvá-los.

Portanto, deixo claro que a noção de Deus, que utilizo como sinônimo da direção ética à qual se dirigem todas as formas de *conatus*, não a penso dentro de qualquer norma institucional específica, mas a penso como a existência da pura *imanência* ou Natureza Naturante, segundo Spinoza, uma inteligência infinita, onipresente, eterna e indivisível, princípio de geração de tudo que existe no Universo. Nessa noção, não há sentido em falar em termos como "representante de Deus", "julgamento de Deus", "punição de Deus", "salvação de Deus", pois essas ideias são finitas e particulares, portanto, não podem ser Deus, mas são gerações temporárias e, em certo sentido, ilusórias.

A segunda complicação é que o termo "Deus" está ligado a uma forte tradição judaico-cristã e, mesmo com as ressalvas acima, podemos correr o risco de excluir outros tipos de seres divinos ou deuses, sobretudo os das filosofias que não menciono ou faço relação direta e extensiva na tese, como as das cosmopercepções afrodiaspóricas, os deuses afrodiaspóricos, os deuses dos povos originários, que estão presentes em diversas

confluências de saberes e práticas religiosas e não religiosas que compõem a cultura brasileira, por exemplo.

Nessas cosmopercepções, o conceito de "Deus" não costuma ser compreendido da mesma maneira que nas religiões monoteístas ou até mesmo em sistemas filosóficos como Brahman (do hinduísmo), Tao (do taoismo), Shiva (do xivaísmo), dentre outros. Contudo, elas reconhecem forças criadoras supremas ou princípios universais que sustentam a vida e estão profundamente conectados à natureza e à espiritualidade cotidiana. Por exemplo, na tradição iorubá, que influencia o Candomblé, Olódùmaré é o criador supremo, uma força transcendente e distante que delega poderes aos orixás, divindades intermediárias que governam aspectos específicos da natureza e da vida humana. Nesse sentido, tanto Brahman quanto Olódùmaré são vistos como a fonte de tudo, mas não interagem diretamente com o mundo.

Há tradições de povos originários que reconhecem uma força criativa universal, difícil de ser inteiramente compreendida em termos humanos e conectada à natureza e a todos os seres vivos. Nesse sentido, isso poderia ser aproximado ao Tao, pois trata-se da existência divina que é experimentada como um fluxo contínuo dentro do mundo natural e não algo em separado. Por outro lado, essas mesmas tradições de povos originários, assim como outras, reconhecem a existência de espíritos, deuses e forças que atuam como manifestações de um princípio maior. Assim, a concepção de um "Deus" monoteísta poderia minimizar ou invisibilizar a existência de outros deuses ou deidades.

Quando falo de *imanência* resta esclarecer se me refiro a uma concepção monoteísta, politeísta, henoteísta, panteísta ou animista. Há um Deus principal e outros secundários? Forças divinas são forças da natureza? Tentarei responder a essas questões a partir da concepção de Spinoza a respeito de Deus. Para esse filósofo, Deus é a única substância infinita e eterna, e nada pode existir ou ser concebido sem Deus. Deus é causa de si mesmo (Prop. 14 e 20 da parte I da *Ética*) e é autossuficiente. Por diversas vezes, ele afirma que os modos finitos, como as coisas e os seres, existem *em Deus*. Isso quer dizer que os modos finitos *mudam em Deus*, mas *Deus não muda*, pois é absolutamente perfeito e infinito, então não pode ser modificado, já que não pode ganhar ou perder nada.

Em meu livro *Para conhecer, escute seu corpo: diálogos entre Wilhelm Reich e Baruch Spinoza* (Carnero, 2021) penso que cometi um equívoco quando assumi que o conceito de Deus para Reich era o mesmo ou muito semelhante ao de Spinoza. Para Reich, Deus é a "energia orgone cósmica" (2003 [1951], p. 56) sob o aspecto perceptivo, qualitativo e subjetivo, enquanto que o Éter é essa mesma energia sob o aspecto material, quantitativo

e objetivo. É a energia orgone cósmica aquilo que permeia tudo, que é primordial e origem de todo movimento. Por isso, nem Deus nem o Éter podem ser algum tipo de *configuração* absoluta, estática ou eterna.

Creio que meu equívoco foi equiparar o *orgone* à "substância" spinoziana, como sendo Deus. Hoje revejo essa posição e penso que a aproximação mais eficiente seja pensar *o orgone como conatus* e o Deus de Spinoza como a *realidade imutável atemporal*. Mas, ainda assim, talvez não fosse correto em termos reichianos, pois Reich diz (2003 [1951], p. 43): "nas antigas filosofias asiáticas, o éter assume as propriedades de um ser vivente sem realmente vir a sê-lo – trata-se do conceito de prana e similares". Aqui há uma crítica de Reich à aproximação do *orgone* a conceitos como "prana", "*anima mundi*", dentre outros. Acredito que, por receio de uma compreensão mistificada e dualista a respeito do orgone, tenha feito essa separação.

Contudo, buscarei demonstrar que isso não é necessário e que o próprio orgone é um *fluxo inteligente*, pois se ele pulsa e se agrega negando a entropia[54], ele é *conatus.* Isso significa que pode ser compreendido como vida, porque é a força primordial gerada por Deus e utilizada para gerar, em sequência, toda existência. Tais existências buscarão tanto conservação quanto níveis mais altos de ordem e complexidade, tanto quanto possam. É a capacidade de *buscar* e de gerar *soluções não lineares*, o que torna os fluxos de orgone/*conatus* inteligentes.

Logo, quero esclarecer a que "Deus" me refiro, pois não é exatamente o Deus de Reich, nem tampouco vejo contradição com o que Reich escreveu a respeito de Deus, assim como Spinoza e o que escrevi na tese. Quando Spinoza dá a entender que Deus é imutável, isso não significa que a imutabilidade seja em termos de uma especulação fictícia humana. Na tese, defenderei que a *onda* é o princípio que gera a expansão e a contração, pois, em si, tem uma fase concêntrica e outra excêntrica. Igualmente, ela é a base da fórmula do orgasmo, pois uma fase de tensão e carga é seguida por outra fase de descarga e relaxamento, e são as *duas fases da onda* que geram o equilíbrio. Por isso, é um equilíbrio dinâmico, não estático. As duas fases só existem se forem contínuas e isso caracteriza um movimento que é o *tempo*. É uma mudança sucessiva de estados.

[54] Cf. Carnero (2021). Nesse livro, *Para conhecer, escute seu corpo*, escrevi um capítulo dedicado a esse tema intitulado "O princípio estratégico vital" (p. 303-324), no qual exploro a definição de Reich de que o *orgone é negentrópico*. Nas palavras de seu discípulo Ola Raknes: "a energia vital é negativamente entrópica, isto é, as concentrações mais fortes atraem mais energia das concentrações circundantes que são mais fracas. Esta entropia negativa se contrapõe à entropia mecânica e é essencial para a criação e a manutenção da vida" (Raknes *apud* Ferri; Cimini, 2011, p. 37-38).

Assim, apenas em termos *fictícios humanos* pode haver algo *gerado* que seja imutável ou que seja atemporal. Se é gerado, significa que obedece à fórmula do orgasmo, porque a *perseverança equilibrada de um sistema vivente* depende de um equilíbrio dinâmico ao longo de compressões e descompressões, tensões e distensões, cargas e descargas.

Logo, temos a questão spinozista. Estar e existir *em Deus* não significa o mesmo que *ser Deus*. Se estar em Deus é estar em equilíbrio dinâmico, que Reich chamou de *pulsação*[55], então estar em Deus é estar *vibrando*. Mas vibrar não pode *ser* Deus, mas é uma existência particular, finita, temporal, mutável em Deus. Todas as existências finitas precisam vibrar e todas elas se mantêm/perseveram em equilíbrio ao respeitarem a fórmula do orgasmo. Por isso, a vibração é *conatus*. O esforço de vibrar balanceadamente e buscar esse balanço. Se algo não vibra balanceadamente, ou isso adoece ou implode ou se dissipa e desaparece, mas não *persevera* de modo equilibrado e saudável. Qualquer agregado coeso de modos finitos que perseveram, também persevera.

Imagine-se como um agregado de células que têm suas próprias agências, necessidades e desafios. Todas elas têm *conatus* e são *conatus*. Outro modo de dizer seria "têm fluxos de orgone e são fluxos de orgone". Por outro lado, você, enquanto agregado de partes, tem outras agências, necessidades e desafios e você também persevera direcionando e moldando fluxos de orgone. No entanto, em termos spinozistas, *orgone* não é Deus, assim como *conatus* não é Deus. Poderíamos dizer que tanto *orgone* quanto *conatus* são manifestações fundamentais da essência de cada ser dentro da existência imutável e atemporal de Deus. Ou seja, orgone e *conatus* são modulações de Deus, vibrando dentro de você e conduzidas pelo seu desejo.

No xivaísmo da Caxemira[56], a palavra *spanda* significa "vibração" ou "pulsação". Nessa filosofia, Shiva (Deus) é a pulsação primordial que dá origem ao universo, mas *essa vibração não é um movimento físico temporal finito, mas é uma "vibração sem vibração".* Shiva (Deus) é um estado de repouso absoluto, em perfeito equilíbrio, a partir de onde a manifestação dinâmica (vibracional física, temporal, de formas mutáveis) é gerada. Isso é

[55] "PULSAÇÃO como a característica básica da energia orgone. Ela pode ser dividida em duas funções parciais antitéticas – *expansão e contração*" (Reich, 2003 [1951], p. 109, grifos do autor).

[56] O xivaísmo da Caxemira (ou *Trika Shaivism*) é uma escola filosófica e espiritual do hinduísmo, surgida na região da Caxemira, no norte da Índia, por volta dos séculos VIII a IX. Ele pertence à tradição tântrica e faz parte do xivaísmo, um dos principais ramos do hinduísmo dedicado à adoração de Shiva (Siva) como a realidade suprema. O xivaísmo parte de um monismo absoluto não dual, tal como a concepção de Deus de Spinoza. Diferente de outras escolas que veem o mundo como uma ilusão (*maya*) separada da realidade última, o xivaísmo da Caxemira ensina que Shiva é a única realidade e que o universo é uma manifestação dinâmica da sua consciência.

próximo da concepção de Deus de Spinoza, porque de uma existência atemporal e imutável, *geram-se manifestações vibracionais* que são finitas. Ou seja, do momento em que passam a pulsar, elas aparecem em Deus e um dia desaparecerão em Deus. A vibração é um "empréstimo" do desejo de Deus, por isso é *conatus*.

Essas manifestações vibracionais que perseveram, isto é, têm movimento e duração temporal, são *conatus*. O que direi na tese é "*conatus* livre" e "*conatus* confinado ou estruturado", pois a perseverança é uma organização ou confluência de ondas e é isso que o *orgone* também é. O que chamarei de "*conatus* livre" são as correntes cósmicas energéticas que fluem de maneira vetorial no macrocosmo (no plasma cósmico) e no microcosmo (no plasma corporal ou da consciência), e *"conatus* estruturado" as estruturas dimensionais ou formas temporais geradas por circuitos e membranas geométricas dessas correntes cósmicas abertas/livres. Já o termo "*conatus* confinado" refere-se ao fato de que partes do *conatus* livre tornam-se confinadas dentro dessas construções dimensionais. Esses conceitos serão amplamente desenvolvidos na tese e os trago aqui, sucintamente, apenas para indicar nossos caminhos de investigação.

Diz Reich (2003 [1951], p. 56) do orgone: "energia primordial / existe universalmente / permeia tudo / origem de toda energia (movimento) / origem de toda matéria / no ser vivente: energia biológica / no universo: origem dos sistemas galácticos". A onda, ou a contração e expansão livre, não formatada, não gera prisões nem constructos, mas ela pode ser *estruturada ou confinada* de maneira dinâmica e equilibrada e isso gerar existências finitas que *são constructos*. Formas materiais são constructos, assim como ideias formatadas espacialmente e narrativamente também o são. É apenas uma questão geométrica de forma e função, em respeito a como essas ondas são formatadas e em relação às suas possibilidades de funcionamento.

No livro *A doutrina da vibração*, há uma passagem que creio que reúne os conceitos de vibração/pulsação, consciência infinita sem constructos, consciência finita com constructos e Deus (alma suprema) imutável e atemporal: "[Essa] pulsação (*spanda*) é a consciência livre de constructos mentais. Ela é o estado no qual a Alma suprema se inclina, ativa [para a manifestação]. Ela atua de forma simultânea em toda parte [ainda que a Alma suprema esteja em Si mesma], sem movimento" (Dyczkowski, 2023, p. 183-184). Ou seja, Deus *ativa a onda para a manifestação*, mas Ele, em si, não tem movimento temporal, nem pulsação, tal como a conhecemos em termos humanos.

No hinduísmo (no Vedanta não dual), também há três conceitos que expressam isso: Brahman, Ishvara e jiva. Brahman é "Deus" atemporal e imutável, mas não em termos

fenomênicos humanos. Tudo emana de Brahman e retornará a Brahman, que é o Todo, o Uno. Por isso, Brahman é a Realidade última e todas as formações vibracionais são finitas e ilusórias, porque não são a Realidade. Disso decorre Ishvara, pois Ishvara é Brahman com *maya*, a forma ilusória fenomênica. A ilusão se deve apenas ao fato de que não há nada concreto, nem matérias, nem ideias. São vibrações. Se elas cessam, há apenas a Realidade última que é Brahman. A pulsação (*spanda*) é Ishvara, *orgone* é Ishvara, o oceano infinito é Ishvara. O princípio que forma as estrelas é Ishvara, deidades e seres divinos são Ishvara, assim como forças e elementos da natureza são Ishvara. Qualquer sistema que possa ser diferenciado e separado de outros pelos sentidos é Ishvara. Ishvara é o poder de Brahman (Deus) de fazer acontecer, através de *maya*, que é o poder de gerar, manter e transformar. Por isso, entendo que Ishvara também seja *conatus*, mas na escala de deidades, cujo corpo é do tamanho de todo o universo.

Os deuses são Ishvara, pois são Brahman refletidos em *maya*, são ilusões cósmicas do Uno, da fonte primordial. Quando uma pessoa faz uma oração *para* Deus ou alguma deidade, ele ora a Ishvara, não a Brahman. Não é possível orar a Brahman, apenas é possível *ser* Brahman, que é o estado de ser "um com Deus", alcançado através de estados meditativos. Orar a si mesmo, buscando Brahman (Deus), porque se *é* Brahman, é diferente do que gerar ilusoriamente uma deidade e se referir a ela, como um Deus que está fora ou que está minimamente distante de nós, em intenção. Essa ilusão, Ishvara, não é negativa, é apenas um Deus pessoal. A mente humana não consegue conceber Ishvara, por isso tentamos vê-lo através dos aspectos que o compõem. Devocionar a uma dessas Manifestações[57], personificando um Deus pessoal, pode auxiliar um conhecimento de Brahman.

Já jiva é uma consciência particular finita e limitada, é o ser individual. Enquanto Ishvara é o oceano infinito, jiva é uma gota no oceano. Assim, uma pessoa é jiva, um espírito é jiva, uma célula é jiva, um "bion"[58] é jiva. Eles são apenas temporariamente separados pela

[57] Ishvaras são considerados deidades no contexto do hinduísmo. A palavra "Ishvara" em sânscrito significa "senhor" ou "ser divino", que é entendido como uma manifestação pessoal de Brahman. O princípio de deidades pode ser estendido para além do hinduísmo, pois existem muitas filosofias espirituais que concebem deidades. Eis alguns exemplos: Krishna (hinduísmo), Osiris (mitologia egípcia), Zeus (mitologia grega), Iemanjá (candomblé/umbanda), Pachamama (cultura andina), Ogun (candomblé/umbanda), Amaterasu (xintoísmo), Nyambe (mitologia bantu), Tupã (guarani), Jesus Cristo (cristianismo) etc.

[58] No livro *Os experimentos com bions sobre a origem da vida [The Bion Experiments on The Origin of Life]* (Reich, 1979), publicado em 1938, Reich compila suas descobertas sobre os *bions* que acreditava serem estruturas microscópicas básicas intermediárias entre a matéria inanimada e vida. Ele os denominou "vesículas de energia orgone", pois eram estruturas rudimentares carregadas de energia que se auto-organizavam a partir de materiais inanimados. Os bions demonstravam funcionamento pulsátil e radiância (energia detectável), características que associou a sinais de vida primitiva. Basicamente, essas "unidades microscópicas" eram agregações ou aglutinações de energia que auto-organizavam os materiais orgânicos e inorgânicos que havia ao redor, provenientes de calcinações e fermentações.

ilusão que é *maya* e transcendem a ignorância quando percebem sua *unidade essencial* com Brahman e, portanto, com Ishvara. Ishvara, quando está identificado com um corpo e um ego (uma mente condicionada e restrita), torna-se jiva. Mas jiva é Ishvara e, por conseguinte, Brahman, com graus diferentes de *maya* (energia criativa ilusória). Assim, é importante compreender que Deus/Brahman é apenas o nome dado a um princípio e não que signifique *um Deus* personificado ou personalizado. Acredito ser esse princípio Deus descrito por Spinoza, assim como acredito que não haja esse princípio diretamente na teoria de Reich, o que não invalida o que ele disse a respeito de Deus. Logo, é com essa concepção de Deus, explicada acima, que irei trabalhar na tese.

Agora, retorno à frase de Reich no *Assassinato de Cristo*: "Deus está, então, DENTRO do homem, e não deve ser procurado só fora. O Reino dos Céus é o Reino da graça e da bondade interiores" (1999 [1953], p. 12-13). O caminho da liberdade é o caminho em direção a Deus. O significado que dou a isso, neste trabalho, é a possibilidade de posicionar nossa consciência, enquanto *habitação* e espaço de *focalização*, cada vez mais em espaços onde não nos autocondenemos ou onde o façamos cada vez menos.

Autocondenação gera déficit de êxtases e superávit de estases energéticas. Quando expandimos, como contexto, nossas próprias autocondenações, geramos espaços prisionais para encarcerar outros. Não viver em estase contínua é não viver em estados contínuos de luta, fuga e anestesiamentos interiores. Assim como o inferno está dentro de nós e nós coexistimos simultaneamente em muitos e muitos deles, segundo a gravidade autoritária das culturas que carreguemos dentro, assim também o Reino dos Céus está dentro de nós. Esse é o significado do Evangelho de Cristo, a "Boa Nova", que consiste, justamente, em que Deus não pode e nem precisa ser alcançado por nenhuma instituição humana específica, pois o estado de entrega a si mesmo, cada vez mais fora de constructos prisionais, é o que permite a consciência habitar Nele. Cada vez que nos dirigimos a habitar em Deus dentro de nós, isso gera na consciência (corpo e mente) um estado de êxtase ou de *graça ou glória*, que são apenas outros nomes para o mesmo fenômeno.

Nas tradições do Mahamudra Tantra, uma forma de tantra que é praticada individualmente através de visualizações internas, a geração do estado de êxtase, é uma bússola e um caminho para a liberação da mente das formas-prisão que retemos. Uma das razões disso é que o êxtase somente é possível segundo um exercício de desapego e de

entrega. O estado de êxtase sexual[59], através de cópula, é apenas o caminho inicial de uma exploração muito maior. O abandono daquilo que nos consome negativamente, que são nossas fontes de dores e medos internos não dissolvidos, é também o abandono das delusões, que são os mundos ficcionais que geramos através de expectativas.

Creio que quando Reich usa a palavra "bondade", considerando os ensinamentos do Evangelho de Cristo com o qual dialoga, isso não significa ser "bom" em termos morais, mas, *amor*, amorosidade. Digo isso porque uma pessoa pode ser boa e morta-viva, bastando que ela se adapte e abra mão constantemente de sua integridade para sobreviver. Isso significa não saber estabelecer limites e nem tampouco saber o que deseja. Se uma pessoa perturbar o *status quo*, seja ele qual for (social, político, familiar etc.) e os equilíbrios neuróticos que sustentam esse *status*, essa pessoa não será considerada "boa". Ao contrário, será considerada perigosa por todos aqueles que fizeram pactos para manter esses equilíbrios. Assim, Cristo não foi um homem "bom", foi um homem amoroso, o que é diferente. No livro, Reich aponta que ele foi assassinado justamente por não ter sido "bom" e por ter sido anárquico aos valores prisionais da cultura e tradições nas quais estava inserido.

Por fim, esta tese é sobre o que Spinoza denominou como *imperium*, que é a condição de maturidade interna e o império da razão afetiva. Trata-se de poder estabelecer império e autodeterminação, isto é, tornar-se *sui juris*, "senhor de si". Isso significa não ser determinado por "partes" ou consciências aprisionadas dentro de si que perseveram em desesperos e tentativas constantes de obter poder e controle e compensações compulsivas como modos de tentar equilibrar os sentimentos de miséria gerados pela prisão.

No entanto, aprender a *ver* as prisões não apenas é tarefa difícil, como é o primeiro passo para a liberdade. A chave está em pararmos, de tempos em tempos, para verificar a *fonte* de nossas angústias e sofrimentos e conhecer, ao menos um pouco, os *lugares* onde eles são constantemente gerados. Isso significa mudar velhas decisões de adaptar-se a esses lugares e aguentá-los um dia mais. Essas prisões são difíceis de ver, porque a própria consciência pede ao *conatus* que as invisibilize, sobretudo quando há um grau de imaturidade muito alto. Por sentir-se desamparada, também define que não irá suportar se entrar em contato.

[59] Albertini (2003, p. 74) também aponta que apesar de Reich ter iniciado suas elaborações na área sexual e ter focalizado o orgasmo sexual, "com o desenvolvimento da sua teorização, o autor estabeleceu uma aproximação entre o domínio tradicionalmente entendido como sexual e as demais esferas da vida". Albertini faz ainda uma citação de Reich que, a meu ver, indica que o envolvimento e a entrega geram o êxtase, e é o êxtase que se busca como *anseio (yearning)*: "Viver na plenitude é se abandonar ao que se faz. Pouco importa que se trabalhe, que se fale com amigos, que se eduque uma criança, que se escute uma conversa, que se pinte um quadro, que se faça isso ou aquilo" (Reich, 1999 [1953], p. 32 *apud* Albertini, 2003, p. 74).

Em outras palavras, Reich nos alertou sobre o pavor que é gerado nas pessoas médias quando começam a entrar em contato com as realidades desses submundos prisionais. Como disse:

> No fim de contas o problema não está na armadilha, nem mesmo em descobrir a saída. O problema está NOS PRISIONEIROS. Visto de fora da prisão, tudo parece incompreensível para uma mente simples. Há mesmo qualquer coisa de insano. *Por que que os prisioneiros não veem a saída nitidamente visível, por que não se dirigem para ela?* Logo que chegam perto começam a gritar e a fugir dela (Reich, 1999 [1953], p. 5-6, grifos do autor).

Não creio ser possível tornar-se *sui juris*, direcionar as ações a partir do comando da razão e operar claramente no interior de causalidades adequadas se não pudermos reconhecer e retificar as dimensões prisionais que nos determinam "do exterior" (*alterius juris*). Swami Vivekananda – principal discípulo de Sri Ramakrishna e primeiro monge a difundir a filosofia Advaita Vedanta (não dualismo) no Ocidente – enunciou em *Palestras inspiradas (Inspired talks)* a mesma proposta:

> Até desistirmos do mundo fabricado pelo ego, nunca poderemos entrar no reino dos céus. Ninguém nunca fez, ninguém nunca fará. [...] Esse ego traiçoeiro deve ser obliterado (p. 77). [...] Todas as lutas pela preservação dessa individualidade ilusória são realmente vícios. Todas as lutas para perder esta individualidade são virtudes (p. 171). [...] Nunca obtemos liberdade até que estejamos autorrefreados. O Eu é o Salvador do eu, não há outro[60] (Vivekananda, 1908, p. 241-242).

Vivekananda aponta que o único Eu que salva o eu é o Eu que está em Deus. O eu, em letras minúsculas, é uma individualidade ilusória, e os esforços que fazemos em preservá-lo são vícios. "Refrear-se" assume o mesmo sentido que Spinoza chamou de "*moderatio"*, que é a potência da mente para moderar os afetos. Em "Ética IV" diz: "chamo de servidão a impotência humana para regular e refrear *(in moderandis et coercendis)* os afetos. Pois o homem submetido aos afetos não está sob seu próprio comando *(sui juris [senhor de si])*" (Spinoza, 2007, p. 263).

Os "eus", que defendo serem muitos, estão contidos em prisões temporais, mas eles perseveram e tentam submeter nossa consciência do aqui e agora aos afetos, desejos, regras e impotências dos lugares onde estão submetidos. "Eus" são as consciências individuadas

[60] Traduzido livremente do inglês: "Until we give up the world manufactured by the ego, never can we enter the kingdom of heaven. None ever did, none never will. [...] This rascal ego must be obliterated (p. 77). [...] All struggles for the preservation of this illusive individuality are really vices. All struggles to lose this individuality are virtues (p. 171). [...] We never get freedom until we are self contained. Self is the Saviour of self, none else" (p. 241-242).

que nos habitam e nos compõem na forma de muitos "tempos retidos" em nossa couraça de caráter. "Nós" somos uma consciência individuada composta por muitas outras consciências individuadas. A questão é *quem* ou qual delas exerce autodomínio em nossa própria consciência?

A única consciência que pode ser "senhora de si mesma" é aquela *que vive e persevera no aqui e agora*. Essa é a única que é realmente imanente, pois persevera em Deus e não em suposições e antecipações. Reitero que toda prisão é feita de suposição e antecipação. O caminho da liberdade interior é o de trazer essas outras consciências aprisionadas, esses outros "eus", a poderem também estar no aqui e agora. Um "eu" aprisionado não pode ser refreado com tensão, luta, ameaça ou castração, mas pode ser liberto quando passamos a assumir a autodeterminação dos desejos que fazemos ao próprio *conatus*. Em outros termos, quando passamos a assumir o controle do *conatus*, direcionando com clareza o que queremos, com nossa intenção.

Eis algumas chaves: esse controle somente pode ser obtido quando há *império*, ou seja, não há tensão reativa. A tensão reativa é a própria medida da submissão e do desespero que nos domina. O desespero é uma resposta a uma sensação de beco sem saída, que é o que caracteriza um constructo infernal. Não ver saída nas próprias tensões internas é uma medida de imaturidade. A maturidade está na capacidade de não se misturar com as consciências aprisionadas e aprender a gerar saídas, quando não existia nenhuma antes. A saída é aprender a gerar constructos cada vez menos prisionais e autocompressivos e poder habitar neles.

Para finalizar esses comentários iniciais, gostaria de dizer que há alguns termos e conceitos novos que apresentarei e os esclarecerei durante a tese, tais como: *convecção catéxica, geração de mundos-brana, mapas elétricos, forma do devir desejado, consciência vortexial, contrato de realidade, constructo temporal virtual, mundos prisionais, consciências aprisionadas e translocação temporal da consciência*. O objetivo dessas terminologias é sinalizar alguns dos dispositivos que geramos com nossa intenção e possuem efeitos *práticos.* Alguns são retidos em nosso plasma corporal e outros são modos de pensar e construir em âmbito virtual. Acredito que desses termos possam ser desenvolvidas ferramentas práticas para que as pessoas possam saber como orientar o *conatus* e poderem desenvolver *imperium*.

CAPÍTULO 1

Sobre o "eixo do orgasmo" e o "eixo da narrativa" – Reich, Deleuze e Guattari

> "Suponho que me entender não é uma questão de inteligência e sim de sentir, de entrar em contato [...]
> Ou toca ou não toca".
>
> *Clarice Lispector*
> *(Entrevista a Júlio Lerner, TV Cultura, 1977)*

1.1 Práticas libertárias requerem contato com o que se sente

Esta tese tem uma pergunta fundamental: *como uma pessoa pode delinear diretrizes adequadas para práticas políticas ou psicológico-políticas libertárias se ela não desenvolver, antes, a consciência das prisões ou das condições de sujeição em que vive dentro de si?* As prisões internas, experienciadas na mente e no corpo, tornam-se espaços onde a consciência pode habitar ou onde múltiplas consciências nossas podem habitar de maneira mais ou menos permanente. Consciências propulsionam esforços a partir de meios ambientes nos quais habitam e os esforços se destinam a propósitos específicos a partir dos problemas colocados por esse meio. Por ora, tomo o conceito de consciência como o esforço para perseverar de uma unidade corpomental. Uma consciência seria um esforço individuado de perseverança que se empenha fortemente em um meio ambiente para perseverar.

Uma das chaves que buscarei discutir na tese é que o comando de uma ação, seja ela a defesa de uma bandeira, uma contraposição ou uma intervenção político-social, inicia-se em um esforço *que tem um propósito em relação ao meio onde a consciência está posicionada*. Contudo, apesar de a consciência ser ordinariamente percebida e sentida como uma experiência unitária, a "experiência de si" *não é unitária* e tampouco localizada em um *único tempo e espaço*. Caso pensássemos, sentíssemos e agíssemos apenas no tempo corrente onde as noções comuns podem ser formadas, teríamos apenas ideias adequadas e delas derivariam práticas políticas adequadas ou intervenções sociais adequadas em relação às necessidades dos espaços e dos tempos correntes.

No entanto, não é isso que ocorre. Em boa parte do tempo nossas consciências oscilam em habitar espaços e tempos particulares, não comuns, e espaços e tempos correntes,

comuns. Quando nossa consciência habita um espaço e um tempo particular, nosso corpo em tempo corrente se esforça para se adaptar e perseverar em tempo corrente *a partir das diretrizes do espaço e do tempo particular onde a consciência habita*[61]. Isso tem uma série de implicações para a saúde fisiológica do corpo, para o que pode um corpo em termos de ação e pensamento e para a adequação, em tempo corrente, das ações políticas.

Quando vemos projetos políticos inadequados às necessidades do aqui e agora, a gestão ineficiente de um espaço organizacional, a imposição de regras duras que retiram possibilidades de um espaço de convivência ou mesmo quando olhamos para um corpo que adoece por um dispêndio excessivo de esforço e energia em alguma de suas funções, *isso pode apontar para um problema de posicionamento espaçotemporal da consciência*. Quando uma mesma consciência simultaneamente habita um espaço e tempo corrente e um espaço e tempo particular e ambos se encontram sincronizados temporalmente, essa mesma consciência pode desejar coisas contrárias ou com propósitos diferentes ao mesmo tempo. A *ambivalência do desejo* desenvolve intervenções práticas que se tornam *ineficientes ou inadequadas* no meio social.

Em qualquer prática libertária as pessoas serão guiadas através de percepções, definições de realidade, esforços em se libertar ou gerar condutas e protocolos que tenham o propósito de fomentar práticas libertárias, não submissas e não assujeitadas. No entanto, como clínico, posso afirmar que isso pode ser muito menos claro do que aparenta ser. Quando o parâmetro do que guia uma pessoa são os discursos e as narrativas nos quais se apoia pode ser fácil distinguir isso, o que é libertário e o que não é. Há uma premissa comum, nos estudos da subjetividade e das filosofias da diferença, de que as tentativas de gerar e manter identidades rígidas, conformação social, submissão a regras, determinação de escolhas etc. são um uso normativo do poder que, não raro, está a serviço de políticas coloniais capitalísticas neoliberais.

Em termos *discursivo-acadêmicos*, essa distinção tende a ser muito mais clara e de fácil acesso, pois basta que uma pessoa tenha interesse em ler, ouvir e debater sobre autores e pensamentos críticos ao padrão colonial da nossa cultura. A *erudição* gera um saber adquirido por meio da leitura e da apropriação argumentativa de autores diversos. Enquanto esse modo de conhecimento possibilita debates e instiga novos modos de pensar e sentir, pode haver um *fosso* entre o que é defendido pelos autores e as práticas de quem lê, assim como quem lê pode

[61] Em *Análise do caráter*, Reich (1998 [1949]) nos aponta a direção clínica que é um dos objetos de investigação deste trabalho: "Se minha fórmula é correta ao dizer que, no tratamento analítico, o traço de caráter mais importante se transforma na principal resistência de caráter, então a questão de *onde está a energia de defesa* assume maior significado" (p. 281-282, grifos do autor). O *lugar* da energia de defesa é o lugar onde parte da consciência *sobrevive*.

conseguir uma boa apropriação racionalizada dos conceitos, mas estabelecer *poucos pontos de contato* com o próprio conhecimento sensorial. *Ser um bom erudito de ideias e saber fazer contato com essas ideias são lógicas bastante distintas.*

Quando o parâmetro é o corpo, não é uma tarefa tão simples *qualificar com clareza o que nos move* enquanto esforço sem palavras. Como veremos, existimos simultaneamente em múltiplas camadas temporais internas, algumas em que estamos submetidos e desejosos de submetermos outros, noutras, em que temos mais possibilidades de ação e, portanto, podemos nos orientar pela razão e pela concórdia. Justamente porque as *couraças crônicas* nos previnem de ver com clareza *o propósito e a realidade* dessas camadas temporais, não é tarefa tão simples distinguir *o que, em nós*, tenta gerar identidade, conformação, submissão e limitação de escolhas. As couraças são esquemas neuromusculares e perceptivos que *dirigem investimentos contra* tomarmos o impacto de compreendermos o que *vivenciamos internamente*, o que *fazemos*, e assumir *responsabilidade* por isso.

Digo que não é uma tarefa simples, porque observar e analisar o corpo talvez seja mais difícil do que observar e analisar o discurso, posto que a educação de base de grande parte das pessoas em nossa cultura moderna incita a ativar constantemente o pensamento cortical, isto é, textual, narrativo, lógico e linear, em busca de respostas ou na repetição de respostas consideradas corretas. Com um treino muito precoce nessa direção e, dificilmente, não obtido por meio de punições autoritárias, o aprendizado de *sentir com profundidade, mergulhar no incerto, no móvel e no fluido dentro de si, e saber transitar nisso com segurança*, muitas vezes, *não é feito nem em medidas mínimas*.

Nesse sentido, há uma carência de alfabetização sensorial em nossa cultura. A dificuldade de perceber e nomear o que se sente pode ser comparada a uma espécie de analfabetismo. Uma pessoa analfabeta é aquela que vê signos expressos que possuem significado, mas não os compreende. Considero que o "analfabetismo emocional" é característico dessa cultura e é semelhante ao que Uno (2009) chama de "analfabetismo botânico"[62], que também é uma deficiência da nossa cultura. Com o aumento de gerações que

[62] Esse termo aponta uma ausência de "letramento" em saber reconhecer espécies vegetais, sobretudo as comestíveis, o que torna as pessoas dependentes de conhecerem e consumirem apenas os vegetais que são indicados pelo mercado. Ou seja, ao menos que *o mercado indique* do que as pessoas podem se alimentar e desde que elas paguem por isso, nossa cultura moderna tende a *não orientar sobre outras possibilidades de alimento* que podem ser obtidas fora do mercado, de graça, em meios naturais espontâneos. Isso condiciona as pessoas a compreenderem o que podem *comer* em uma perspectiva reduzida, o que pode levá-las, por exemplo, a permanecerem famintas, mesmo com alimentos disponíveis ao redor. O termo em inglês, cunhado por Uno, é "*botanical literacy*" (letramento ou alfabetização botânica), enquanto que seu oposto seria o "*botanical illiteracy*" ou analfabetismo botânico. Kinupp e Lorenzi (2014) utilizam o termo para evidenciar o papel das PANC (plantas alimentícias não convencionais) na educação ambiental crítica brasileira e na análise de possibilidades alimentícias de um ambiente.

vivem em áreas urbanas e adaptam a vida ao consumo de alimentos rapidamente acessíveis, semiprontos e processados, há uma distância entre as pessoas e o que pode ser consumido como alimento fora das lógicas do mercado. Uma pessoa formada nessa cultura não é educada de modo a perceber as diferenças entre as plantas, relevá-las, identificá-las e os usos que podem fazer, tanto medicinais quanto alimentícios. Ela pode estar rodeada de recursos e não compreender as possibilidades que tem. No analfabetismo botânico uma pessoa pode olhar para uma planta e dizer: "vejo, mas não sei o que vejo".

De forma análoga, uma pessoa poderia sentir algo e não saber do que se trata: "sinto, mas não sei o que sinto, portanto, não sei o que fazer com isso". Essa pessoa poderia não saber identificar se sente medo, raiva, alegria ou tristeza e, assim, teria dificuldades em se apropriar do que sente para se guiar.

Nas análises clínicas que *privilegiam o contato com o corpo e não as elaborações do intelecto* isso pode ser percebido mais facilmente, pois esse costuma ser o contexto de trabalho. Na análise, é muito comum pessoas dizerem que *sentem de forma difusa ou confusa* e, assim, não compreenderem de onde partem suas ações. Também é comum afirmarem simplesmente *não sentirem nada*, ainda que o corpo processe todas as emoções básicas simultaneamente a todo instante. Também poderia ser dito que os psicólogos talvez fossem os mais capacitados a perceberem o que sentem com clareza, no entanto, isso não se demonstra verdadeiro. Nas universidades, a formação básica em psicologia requer que os alunos compreendam *academicamente* os conceitos sobre o funcionamento da mente, mas não há praticamente *nenhuma* instrução sobre *como* vivenciá-los *por dentro* e, a partir daí, gerarem suas próprias distinções como *bússolas internas*.

O *status quo* da nossa cultura comumente *ocorre contra* as distinções sensoriais, com as evidências do que é necessário internamente expressar – seja na forma de barulho, clareza ou espontaneidade, seja com relação a objetificar o que se sente e que convida a uma participação política e a um aumento da segurança daqueles que são afetados. *As pessoas têm medo de perguntar e saber com clareza o que o outro sente ou o que elas mesmas sentem.* É por conta desse *status quo* da nossa cultura que escrevo esta tese. Um trabalho politizado sobre as emoções é necessário porque aportar parâmetros sensoriais e sensíveis não verbais para a política possibilita saber *como e onde* as conformações, as submissões e as constrições do ser podem ocorrer de *maneira não narrativa*, mesmo quando as narrativas defendem, impecavelmente, o oposto. Este trabalho é também para gerar clareza sobre o autoengano na política.

1.2 Diferentes semióticas e semiologias: como pensar o corpo pelo eixo do discurso e pelo eixo do orgasmo

O estudo das submissões e opressões em psicologia política costuma ser feito por uma via de análises semióticas simbólicas e discursivas sobre o que é fomentado na cultura como produção de subjetividade ou como mecanismos de poder protetores de grupos sociais específicos, o que é útil para gerar clareza sobre as lutas sociais necessárias e gerar rachaduras e revoluções nos sistemas normativos dominantes. No entanto, essa via de análise diz pouco sobre *como* as prisões internas funcionam, as prisões que estão internalizadas dentro do próprio sistema autônomo de uma pessoa. Nelas podem se tornar presas consciências que buscam produzir ações políticas, mesmo que libertárias, e correm o risco de utilizar as mesmas regras dos espaços onde estão presas. Para estudar como funcionam a *submissão* e a *opressão* a partir das *prisões internas*, é preciso *inserir o corpo na análise*.

Quando digo corpo, não me refiro ao corpo visto pelo ângulo de semióticas discursivas, como poderia ser pensado pela filosofia, através da produção de signos do imaginário e do simbólico. O ângulo do corpo que defendo pode ser abordado e explorado pela psicologia política, sendo aquele de sua materialidade sensível e não verbal. Iniciarei, ao falar dele, pelo ângulo da filosofia, em particular a de Deleuze (1996) com seu conceito de "corpo sem órgãos" e a de José Gil (2001, 2002) pelo conceito de "corpo paradoxal". Com esses autores podemos pensar no corpo como um plano imanente de produção de sentidos, considerá-lo a partir de suas singularidades nômades, ou seja, um corpo que produz sentidos que podem ser deslocados, desdobrados e dessedimentados de suas normas. O corpo sinalizado por eles é dotado de uma profundidade que escapa aos jogos de linguagem, às imagens representadas e às regras socialmente determinadas. Contudo, o *eixo abordado por eles para pensar o corpo é o da linguagem*, seja tanto quando se tenta escapar aos seus limites, quanto quando nos esforçamos em nos adaptarmos a eles.

É nesse eixo e a partir dessa problemática que Deleuze e Gil, por exemplo, compreenderão o corpo *na filosofia da diferença*, por meio de suas interações e fabricações sociais. É o que chamarei de *eixo do discurso e da narrativa*. É uma maneira de compreender o *signo* e a *semiótica*[63] através de sentidos de enunciação das práticas do dizer, o que implica

[63] Nas palavras de Deleuze e Guattari (1995, p. 50): "Denominamos regime de signos qualquer formalização de expressão específica, pelo menos quando a expressão for linguística. Um regime de signos constitui uma semiótica". Um signo não é um conteúdo, não é um significante ou um significado, mas são indicativos de processos de *territorialização* ou *desterritorialização*, isto é, de formalização ou desformalização. Um sistema

significar, interpretar e gerar códigos. O outro eixo que me dedicarei a explorar, denomino *eixo do orgasmo, da tensão e da carga*, pois ele não se dá sobre a esteira do imaginário simbólico, mas da distribuição bioelétrica e da forma do esforço em perseverar de um corpo e uma mente. Ambos os eixos são maneiras de compreender "o ser do sensível", o *signo*. Ainda que não possam ser separados, precisam ser diferenciados, pois ambos são platôs, isto é, trazem diferentes ferramentas e possibilidades para práticas libertárias.

Na filosofia dos autores citados é possível compreender uma escala que vai desde pensá-lo como o "corpo empírico comum", o corpo sedimentado sob camadas de saberes e práticas que moldam os olhares sobre ele, até o corpo aberto às intensidades, às imagens nuas sem representação que habitam o "plano de fundo" do corpo antes que seja invadido pela linguagem. Domenico Hur explica essa escala em termos de um "eixo horizontal do agenciamento", no qual os sentidos se atualizam ou virtualizam, densificam-se ou se dissolvem:

> No polo esquerdo, situam-se as forças relacionadas às singularidades nômades e selvagens que incitam os processos de arrebatamento, fluidez, desterritorialização. Esse polo é denominado picos de desterritorialização. Já no polo direito, ocorrem os processos de contração, atualização e extensão das forças, constituindo as formas, estratos e territórios. Tal valência é chamada de lados territoriais. Dessa forma, num polo, há a predominância de processos de transmutação e de criação, enquanto no outro prevalecem consolidação e estabilização (Hur, 2019, p. 64).

No polo direito, o corpo empírico não é um corpo intensivo, nem de desejo, é um corpo cujo fluxo de suas intensidades foi interrompido. Esse é o caso do corpo quando é tomado pela razão e pela cultura, como, por exemplo, na medicina. Gil dirá que essa captura prende toda expressão e existência do corpo à sua geometria (Gil, 1997, *apud* Costa; Almeida, 2018, p. 4). O corpo visto dessa forma estaria inscrito, isto é, territorializado, por uma realidade dominante, a do saber médico. No polo esquerdo, o corpo aberto pode devir "na abertura permanente ao mundo, por intermédio da linguagem e do contato sensível, e no recolhimento da sua singularidade, por meio do silêncio e não da inscrição" (Gil, 1997, *apud* Costa; Almeida, 2018, p. 4).

Pensar o corpo *filosoficamente* nos permite abrir suas possibilidades de devir em espaços de regras, escapar a reduzi-lo ou prendê-lo em significados e significantes, evidenciar suas linhas intensivas, isto é, suas linhas de produção de sentidos, suas danças, seus

formalizado comporta regras, enquanto a desformalização ou desterritorialização é a soltura ou libertação dessas regras, que permitem novos arranjos e concatenações. Podemos pensar que um signo conta a história de um processo de regras que foi estabelecido e também pode ser decomposto. A palavra "nariz" é um sistema formal de signos que territorializa um significado. A conjunção "rizna" é uma desterritorialização que torna aberto o significado a uma nova territorialização.

metafenômenos visíveis e virtuais, sua emissão de signos através de suas texturas espaciais, o que amplia sua percepção como um objeto artístico. Como diz Gil (2001, p. 68), "um corpo [...] pode ser desertado, esvaziado, roubado da sua alma e pode ser atravessado pelos fluxos mais exuberantes da vida". Tudo depende de como podemos vê-lo, se colocamos primariamente sobre ele os hábitos das nossas inscrições culturais, as práticas e saberes que moldam nosso olhar, ou se o investimos das determinações de seu espaço interior, o que o autor chama de "alma" (p. 69). A alma é a vida do sentido, é o sentido no plano de imanência.

"Abrir o corpo", no sentido filosófico, é desterritorializá-lo. Quando os sentidos (narrativas/semióticas/códigos) que estão inscritos sobre um corpo, sentidos cristalizados, congelados e objetificados, podem ser descristalizados, descongelados e desobjetificados, aparece um corpo sem sentido, sem utilidade e sem enunciado. Um corpo passa a ser uma matéria que pode ser moldada na forma de uma nova prática. Essa liberdade estética é também política, uma vez que liberta o corpo de seu sentido utilitário e de ser possuído para algum tipo de ganho, como o lucro[64].

Quando alguém visa lucrar com um corpo, imediatamente seu olhar o reveste com um sentido: "Para que ele serve?". A partir desse momento, sob esse olhar, esse corpo passa a estar preso em uma prisão semiótica. O desejo utilitário inscreve sobre ele códigos que o formatam e retiram dele intensidades. Para libertá-lo das prisões narrativas que foram impostas sobre ele, é necessário abrir esses códigos através da experimentação: "Esse corpo não serve a um propósito, mas a muitos. Serve a qualquer significado, palavra, linguagem, movimento e expressão que você queira dar a ele. Basta que você o sinta, experimente-o, e, então daí, emerjam novos sentidos".

Filosoficamente, essa seria uma operação de descristalização e abertura de um corpo. Essa matéria que pode ser moldada, esse corpo que pode vir a ser em uma multiplicidade de pontos de vista, é o que Deleuze e Guattari (2004 [1972], 1995 [1980]) chamaram de *corpo sem órgãos* (CsO). Revitalizar aquilo que se pode é a política do CsO. Essa é a proposta dos filósofos para libertar um corpo de suas prisões semióticas. Os sentidos dos significados, dos modos de ser e dos devires podem ser enrijecidos e endurecidos em um corpo, o que gera uma série de processos psicopolíticos.

A *fabricação de sentidos* é uma peça fundamental na articulação entre psicologia e política porque ela *gera realidades semióticas narrativas* que irão conduzir os investimentos desejantes nas práticas políticas. Nessa consideração, Hur (2019) em seu livro *Psicologia,*

[64] Sobre o tema de considerar o corpo como *utilitário e lucrativo*, conferir o trabalho de Ordine (2016). O autor defende o oposto e disserta sobre a "utilidade do inútil".

política e esquizoanálise, aponta oito temáticas, ao longo dos escritos esquizoanalíticos, que auxiliam a fundamentação de uma *psicologia política crítica*. São elas: 1. Análise das forças como fundamentos do poder; 2. Processos de subjetivação; 3. Códigos, instituições, normas e imagem do pensamento; 4. Cartografia das forças do capitalismo; 5. Práticas e agenciamentos psicopolíticos; 6. Governamentalidade e micropolítica do fascismo; 7. Configurações do Estado e neocolonização; e 8. Movimentos coletivos para uma utopia ativa.

Como disse Baremblitt no prefácio do livro de Hur:

> Há [...] um funcionamento polissemiótico que não aceita em absoluto reduzir-se a uma semiologia maneirista do significante. Talvez se possa qualificar de *quântica* (*matéria-forma e energia-fluxo permutáveis*) a uma escritura que lembra aquela que Deleuze descobre nos Escólios da "Ética" de Espinosa (Hur, 2019, p. 9, grifos nossos).

Eis um substrato que nos permite compreender a coexistência do *sentido* em termos de *significado* e em termos de *catexia*. A *fabricação de realidades* prisionais ou libertárias, a meu ver, requer a compreensão de ambos.

Dito isso, pensar o corpo não filosoficamente, ao menos como uma possibilidade de diferenciação, é pensá-lo não por suas inscrições superficiais, ainda que estejam sempre presentes, mas por suas vias bioelétricas, vegetativas e orgonômicas. Orgonomia, termo cunhado por Wilhelm Reich, é o estudo das propriedades funcionais da energia formadora do Cosmos, a que chamou *orgone*. Nos corpos que pulsam, isto é, contraem e relaxam, em particular aqueles que possuem motilidade autônoma, o *orgone* percorre o corpo e molda seus espaços físicos e virtuais na forma de correntes.

Quando ocorre uma experimentação afetiva no corpo, dele emergem sensações que formam imediatamente *duas vias* de *sentido* e de *signo*. Uma é a que se dá no "eixo do discurso e da narrativa". Nele, o que é sentido no corpo se combina com os códigos do espaço exterior e o corpo adquire texturas que se intercambiam, e podem devir movimentos diferentes: homem, mulher, animal, vegetal, mineral, dona de casa, amante, trabalhador, oceano, inseto, furacão, tempestade, calmaria. É o que Hur chamou de "diferentes engrenagens de agenciamento" (Hur, 2019, p. 64). Os sentidos aqui são os estados de ser que podem ser enunciados quanto às suas formas intensivas. Eles são fabricados por meio de linhas, engrenagens e articulações e não surgem "como predicado nem como propriedade, mas, sim, como acontecimento" (Deleuze, 2003 *apud* Hur, 2019, p. 66).

Em termos de signo, ou do "ser do sensível", ou da "diferença na intensidade" (Deleuze, 2006a, p. 203), é a diversidade da qualidade que importa. Nesse eixo, explica

Auterives Maciel Jr. que o "ser do sensível é aquilo que só pode ser sentido pela sensibilidade. Algo intenso que mobiliza a sensibilidade, forçando o pensamento a se exercer" (Maciel Jr., 2018, p. 11) e que "o signo advém de um movimento intenso que coloca a sensibilidade em seu limite sensorial e faz com que ela só transmita às demais faculdades a violência sofrida no encontro" (p. 17). Um signo não necessariamente precisa determinar um significado linguístico[65], mas pode designar uma *excitação corporal*. Um signo sentido como excitação, como algo traçado ou gravado no corpo, pode ser visto num duplo estatuto: como *energia cinética* que é transduzida no corpo como energia bioelétrica, e como *informação*. Energia e informação. É por ser informação também que o signo força a imaginação a imaginar, a memória a rememorar e a romper com o eixo sensato das faculdades. Ser excitado é poder ser "acionado pela perplexidade da experimentação" (p. 18). Tal experiência põe em marcha uma atividade criadora, insufla a diferença na forma precedente do pensamento.

Auterives Maciel Jr. (2018) explica que a sensação que brota no corpo ao ser marcado por um signo é "um composto de afetos e perceptos" (p. 18) e que para Deleuze e Guattari "afeto é o devir não humano do homem" (p. 19), enquanto que "os perceptos são as paisagens não humanas da natureza" (p. 19). Se considerarmos os interesses práticos de um corpo em um meio, um signo faz brotar uma mobilização que transforma a disposição do corpo e, ao mesmo tempo, gera uma percepção na mente. Isso vai ser importante na obra de Reich. No entanto, como explica o autor, para a *arte*, a questão prática precisa ser superada, ou a arte é o que ocorre antes do interesse prático:

> Assim, o percepto e o afeto antecedem de direito as percepções e os sentimentos que habitam o vivido; e devem se tornar sensíveis na operação estética que destrói os clichês do vivido para alcançar a pureza da sensação sensorial. Extrair o percepto da percepção, extrair o afeto do sentimento, fender o vivido para tornar sensível a pura sensação; são estratégias estéticas que validam as condições de experimentação da obra de arte, sendo estas as condições que retiram a consciência de sua disposição habitual (Maciel Jr., 2018, p. 19).

[65] Um regime de signos que está gravado, está territorializado, o que não significa que esteja gravado em um corpo, pode estar em uma gramaticalidade ou serem signos numéricos ou signos atmosféricos, por exemplo, que indicam uma conformação. Um certo regime de signos que indica uma savana é diferente de um regime de signos que indica uma floresta tropical, mas suas organizações formais indicam distintos processos de territorialização. Como disse Deleuze, "existem, portanto, muitos regimes de signos" (Deleuze; Guattari, 1995, p. 58). Um signo gravado em um corpo, porém, indica uma excitação, um grau de movimento e de encontro, que foi traçado nele e foi, de alguma forma, retido como memória. Enquanto essa gravação for retida, um determinado regime de regras é também retido nesse corpo. Ao mesmo tempo, essa retenção de signos nos dá mapas e coordenadas para sabermos como navegar no território. Explorarei os conceitos de *gravação* e de *mapas* nos capítulos posteriores.

Pensar o signo e o sentido a partir do impacto do encontro e como o corpo tensiona fisicamente para produzir energia potencial e responder à questão que o encontro lhe coloca é a outra via, que chamei de *eixo do orgasmo, da tensão e da carga*. É diferente do primeiro eixo. Aqui a geração tem um estatuto diferente, que não é o do agenciamento de sentidos estéticos que podem ser enunciados, mas a geração de um *status de realidade* que define as *possibilidades de segurança de um ambiente*. É o que a pessoa ou o ente *decide* gerar. Não é a qualidade estética do que eles geram, mas é a *decisão*[66] de gerar e o *propósito* dessa decisão. Esse é o eixo por onde Reich vai pensar as couraças, a psicologia de massas do fascismo e a análise do caráter.

No primeiro eixo, o signo produz uma nova forma de ser e desenha uma paisagem, por isso é estético. No segundo eixo, o signo produz um esforço de perseverança, que ocorrerá no corpo na forma de *tensionamento* e na mente, na forma de uma *arquitetura ambiental*. Esses são os parâmetros que vão nos acompanhar ao longo de toda esta tese: tempo, espaço, esforço e prisão. Ou tempo, espaço, esforço e liberdade. A chave está *naquilo que será gerado pelo esforço*. Se a tensão puder ser solucionada e as correntes da energia potencial gerada puderem percorrer o corpo livremente, tempo e espaço no corpo não produzirão estase, assim como tempo e espaço na mente não produzirão prisão.

Em ambos os eixos as *correntes* serão pensadas: no primeiro, *o devir ou a repetição* dependerão se correntes *intensivas* poderão passar pelo corpo e insuflar a diferença no pensamento. No segundo, *a potência ou a impotência orgásticas* dependerão de as correntes *vegetativas* poderem percorrer o corpo e trazer energia e informação necessárias à vida. Nas experiências que um corpo vive, não há pausas ou hiatos. A todo instante, corpos e corpúsculos se chocam com os nossos e a mudança de forma é permanente. Seja uma qualidade intensiva que se conecta com outra qualidade intensiva, sejam ondas convulsionantes que percorrem o corpo na sequência tensão-carga-descarga-relaxamento, há um corpo que sente sempre. Mas as correntes podem se tornar presas.

No "eixo do discurso" é a codificação rígida que prende os sentidos que o corpo pode ter ou que ele pode ser. Ao contrário, o *fluxo* diz respeito não ao que prende, mas ao que deixa passar. Nos aponta Deleuze:

> Esses *estados vividos* [...] para dizer que não se deve traduzi-los em representações ou em fantasmas, que não se deve fazê-los passar pelos códigos da lei, do contrato

[66] A respeito do termo "decisão", desde já cabe dizer que absolutamente não se trata de "livre decisão" ou "império da vontade livre da mente". Como explorarei no Capítulo 2.4, decidir significa "pôr em prática uma estratégia de ação" originada por uma necessidade de perseverança.

> ou da instituição, que não se deve converter em moeda, que é preciso, ao contrário, fazer deles fluxos que nos levam cada vez mais longe, mais para o exterior, são exatamente as intensidades. O estado vivido não é algo subjetivo, ou não o é necessariamente. Não é algo individual. É o fluxo, e o corte do fluxo, já que cada intensidade está necessariamente em relação com uma outra de tal modo que alguma coisa passe. É o que está sob os códigos, o que lhes escapa, e o que os códigos querem traduzir, converter, transformar em moeda. Mas Nietzsche, com sua escrita de intensidades, nos diz: não troquem as intensidades por representações. A intensidade não remete nem a significados que seriam como a representação de coisas, nem a significantes que seriam como representações de palavras (Deleuze, 2006b, p. 169, grifos do autor).

Sob um aspecto, se a lei, o contrato e a instituição são formas cristalizadas de fluxos, são normas e regras *estruturadas*, quando as intensidades *passam* pelo corpo torna-se possível desenhar novas leis, novos contratos e novas instituições. Em lugar da "lei", poderíamos pensar na operação de um "legislar"; em vez de "contrato", uma operação de "contratar"; em vez de "instituição", uma operação de "instituir"; ou seja, pensar o *devir* aberto na operação que pode se *modificar* a qualquer instante por qualquer necessidade corrente. Deleuze (2006b) aponta que os fluxos semióticos são atravessados por intensidades e a intensidade é a sensação estética do que é experienciado. Então, quando um corpo sente algo novo, ele pode ser "aberto", como disse Gil[67], e novos agenciamentos podem ocorrer.

Experimentar equivale a sentir, sem conversão semiótica, sem tradução a significados ou significantes e sem submissão a um sujeito, que é uma orientação linguística e codificada de um Eu. A discussão "do que passa" e do que escapa ao código aponta diretamente para o que é vivido no corpo. No entanto, a discussão de Deleuze ocorre ao longo da linha do significante, do significado, da representação e da narrativa, mesmo que seja para dizer, justamente, que há uma produção que é anterior e atravessa esses sistemas de codificação. Diz o filósofo:

> Essa outra leitura é uma leitura em intensidade: algo passa ou não passa. Não há nada a explicar, nada a compreender, nada a interpretar. É do tipo ligação elétrica. Corpo sem órgãos, conheço gente sem cultura que compreendeu imediatamente, graças a seus próprios "hábitos", graças à sua maneira de se fazer um (Deleuze, 2006c, p. 16-17).

Sob outro aspecto, as intensidades também são as correntes energéticas que percorrem o corpo fisiológico. Por isso, creio ser possível dizer que Deleuze considera o signo também pelo ponto de vista da *energia bioelétrica* e da *informação*, porque o signo ocorre ao

[67] Segundo Gil, abrir o corpo é "abrir o espaço de agenciamentos de fluxos de intensidades, para que esses fluam segundo as vias mais adequadas. Agenciar é tecer, atar, anexar, forjar os dispositivos apropriados à intensidade das forças; numa palavra, é dar consistência à osmose para que não se transforme numa sopa psicótica" (Gil, 2004 *apud* Costa; Almeida, 2018, p. 4).

longo do corpo. Mas, diferentemente de Reich, não há uma preocupação com o corpo fisiológico e o percurso das cargas. Sua preocupação reside em não prender *as correntes do pensamento e fazer a diferença, a novidade, passar*. No *eixo do discurso e da narrativa* as correntes são consideradas pelo ponto de vista estético; ao passarem, geram novos sentidos no pensamento.

Para o filósofo, representar é o oposto de criar, porque quem representa é um sujeito e o sujeito é um "Eu penso" que opera com as faculdades do pensar representado: "eu concebo, eu julgo, eu imagino e me recordo, eu percebo" (Deleuze, 2006a, p. 224). Toda vez que o sujeito *representa* o "ser do sensível", ele *coloca em seu lugar outra coisa* já conhecida e, assim, reproduz forças de conformidade, de opiniões, de bom senso, de modelos de adaptação e de papéis sociais históricos bem delimitados. O pensamento fica impossibilitado de gerar o novo cada vez que ele se limita a representar ou a encaixar o que se sente em um modelo predeterminado de regras.

Por isso, a política é pensada por Deleuze como ética e estética, porque se apoia sobre o *devir*, isto é, poder *vir a ser* e não ficar preso em normas de ser estruturadas. Com Guattari (Deleuze; Guattari, 2010), aponta que a política do capital liberal opera exatamente dessa forma, ela constrange o que as pessoas podem ser para que elas sejam úteis ao mercado, descarta tudo o que elas podem ser que seja considerado inútil e destrói tudo o que possam ser que ameace as normas de poder sociais estabelecidas. O capital neoliberal irá fazer tudo isso ao incorporar velozmente qualquer diferença produzida, e qualquer grito revolucionário que se estabeleça poderá ser reeditado e absorvido pelo controle. Por isso, a política pensada como ética e estética toma o exercício do *devir contínuo* como alavanca de revolução.

Há mais a ser dito sobre o tema das sociedades de disciplina e de controle (Deleuze, 2006c, p. 209, 219), mas, por ora, quero indicar uma diferença, que é sobre o autoengano. Nas primeiras, o pensamento sobre a condição de se estar preso é claro, as tecnologias são de confinamento e imposição ideológica. Se uma pessoa está presa, ela sabe que está presa porque é negado a ela fugir ou pensar de outra forma. Nas segundas, essa condição não é clara. A tecnologia "não [é] mais por confinamento, mas por controle contínuo e comunicação instantânea" (Deleuze, 2006c, p. 216). Nelas, as pessoas passam a querer participar do cumprimento dos papéis sociais induzidas pelos poderes dominantes, contudo, sem que essa práxis social seja simbolizada com clareza e, por isso, não emerge à consciência. Como diz Deleuze na mesma obra: "tentam nos fazer acreditar numa reforma da escola, quando se trata de uma liquidação" (p. 216).

Não é que na sociedade de controle as pessoas não possam saber que estão presas em dispositivos de poder, mas o lugar de onde parte a negação do que elas podem sentir ou ser não é evidente. A chave, como veremos, é a adesão voluntária à prisão. La Boétie[68] foi o primeiro a apresentar o tema, Spinoza demonstrou que essa adesão envolve os afetos ligados às ideias inadequadas e Reich deu a fórmula de *como* isso acontece. Seja no exercício dos poderes soberanos dos governantes, disciplinares institucionais ou de controle, cibernéticos e midiáticos, o desejo precisa ser ativado. Como primeiro passo, é preciso fomentar estados de impotência na população, bloquear seus sistemas de autorregulação e tornar perigosa a espontaneidade da expressão. Isso forma uma "panela de pressão energética" e a necessidade de liberação *a qualquer custo*.

O segundo passo é *desenhar, projetar* como a saída desse vapor vai ser feita e por quais caminhos. As pessoas desejarão ou quererão liberar essa pressão nas direções que forem oferecidas a elas. Mas é preciso minimizar as contradições internas, pois as pessoas não podem *estranhar* suas maneiras de se liberar, e isso precisa ficar coeso e coerente dentro de uma narrativa pessoal. Atos vis, perversos ou indiferentes podem ser estranhados, ao menos que se encaixem numa justificativa plausível que copiem para si. Ela precisa sair de uma codificação semiótica externa, para se tornar uma codificação semiótica interna, sair de uma narrativa social para um diálogo interno mental.

Aqui as ideologias ou as "explicações que ocultam a realidade" passam a ser importantes porque estruturam *narrativas de razões* para se querer algo, basta que elas digam "seu problema se resolve assim" ou "você irá coletar benefícios se desejar isso". As pessoas aderem à saída prático-política orientada pelo poder porque elas têm uma *necessidade real*, cuja realidade não é narrativa, ela é energética, do corpo. Elas *precisam* se libertar em um sentido a-dogmático, porque a imagem codificada dogmática é formada no pensamento. A libertação é a do pensamento prévio à representação e da tensão que o corpo exerce de maneira não verbal.

Por isso não importa se a ideologia é feita com enunciados claros, com simbolizações reais de um discurso ou se ela é feita "de uma maneira muito próxima da linguagem da mídia: percepção estetizada, sígnica e clichê do mundo" (Ferreira, 2010, p. 44). A realidade estética, sensorial, precisa ser encoberta com "esquemas alienantes culturais", não para "colocar o espectador num outro mundo tirando dele o discernimento da sua realidade material" (p. 50),

[68] São questões clínico-políticas importantes para nós: "Como" o corpo diminui ou aumenta a própria potência de agir?. "Como" as pessoas tornam-se servis, por adesão a uma "servidão voluntária"?, como bem lembrou João da Mata Cesse Neto, a partir da filosofia de La Boétie. Conforme apontou em sua tese: "É difícil ler Reich e não se lembrar do jovem filósofo Étienne de La Boétie, autor do clássico *Discurso sobre a servidão voluntária* (2011), escrito originalmente na metade do século XVI" (Cesse Neto, 2014, p. 145).

mas para tranquilizá-lo dentro da realidade em que vive e neutralizar seus dramas de confronto com essa realidade. Então a ideologia, seja como for, vem para dizer: "você pode abraçar essa saída, não há problema".

Aderir à conformação requer desejar se libertar de uma pressão *e* tranquilizar-se moralmente, isto é, aceitar o que faz. A afirmação "é viável resolver dessa forma" precisa ser gerada em si, mesmo que essa autorização venha de fora. Por isso eu disse que precisa ser copiada para si, porque a realidade interna só é desenhada pela própria pessoa. Exemplifico. Se me sinto impotente e vivo um estado de tensão e pressão internas das quais não posso escapar, posso pensar: "é viável eu 'matar', 'usurpar', 'ludibriar', 'desarticular', 'ignorar', 'encolher', 'me elevar', 'me vingar', 'discriminar', 'delirar'... para que eu seja livre".

O terceiro passo é fomentar modos de pensar, dispositivos sociais, espaços políticos em que as pessoas *continuem com medo de sentir e de expressarem o que sentem.* Sem a manutenção constante de uma proibição, as pessoas *autorizariam* seus sistemas a expressarem emocionalmente e afetivamente o que necessitam. Aqui os códigos do senso comum são vastos. Em quantos espaços vividos em um dia há, ao menos *um* convite, um momento no qual se possa ser franco e sincero sobre o que se sente com clareza e isso seja bem-vindo? Ou necessário? Na família, no trabalho, numa relação amorosa, numa roda de amigos, no local de trabalho, numa mesa onde se discutem pautas de gestão?

Os espaços políticos, mesmo os que pretendam dar passagem à diferença e à polifonia, podem estar submetidos aos mesmos códigos que invisibilizam e não autorizam o sentir. Para isso é preciso que um espaço seja *construído* com essa autorização, ou que ela faça parte de seu contexto virtual de forma patente. Se o senso comum impera, mesmo que nada se diga, os códigos *podem* estar inscritos no espaço: "o que você sente é irrelevante", "que vergonhoso trazer o que você quer aqui", "aqui não é lugar para seus dramas pessoais", "aqui não importa a consciência individual, importa a consciência coletiva", "aqui estamos preocupados com o funcionamento da máquina e não com o que você sente desse funcionamento", "aqui precisamos de consenso, então adapte-se".

1.3 Códigos sociais são "introjetados" como geração de programações condicionais

Há também os códigos de desautorização e negação do sentir que foram modelados internamente pelas próprias pessoas. Um código social não pode ser "introjetado", como se explica psicanaliticamente, ele precisa ser copiado ou reescrito de forma voluntária pela pessoa em seus espaços mentais. Isso quer dizer que não há uma instância, de fora, que seja capaz de

colocar um código em uma pessoa, *ela precisa querer escrever uma realidade com ele* e é isso que garante a sua perenidade.

Normalmente esses códigos são copiados do exterior e/ou inscritos no caráter de uma pessoa no momento de um impacto emocional, de um trauma ou de uma consequência condicionada que não é desejada. A consequência ocorre, também, na forma de uma *programação*: "*se* eu chorar, vão dizer que sou maricas", "*se* eu reclamar da atitude do meu cuidador, eu apanho", "*se* eu não atender os desejos da minha mãe, ela me abandona", "*se* eu não cuidar do meu pai, ele morre e não cuida de mim", "*se* eu não vigiar minhas más ações e meus erros, as pessoas vão me julgar e me afastar delas". Em cada "<se>" da programação, há um custo de se desautorizar a sentir.

> Em Ciência da Computação, condicionais (isto é, declarações condicionais, expressões condicionais e constructos condicionais) são construções de linguagem de programação que realizam diferentes cálculos ou ações ou retornam valores diferentes […] chamados de *condição*. Condicionais são tipicamente implementadas ao se executarem instruções seletivamente.[69] (Wikipedia Contributors, 2023a, grifo dos autores).

Enquanto *desejo*, condicionais são decisões que formatam programações e regras de realidade lógica. As sintaxes do <se> ou <se-então> são ramos de condicionamento do controle de um programa.

Vejamos outras orientações úteis a respeito do conceito de condicional. A combinação dos termos <se> e <então> numa expressão gera um plano de execução para atender a esses parâmetros:

> o <se> e o <então> que a cercam e o consequente que se segue depois constituem uma *declaração* condicional, tendo significado intrínseco (por exemplo, expressando uma regra lógica coerente), mas nenhum valor intrínseco. Quando um interpretador encontra um <se>, ele espera uma [...] variável [que] contém um número maior que zero – e avalia essa condição. Se a condição for <verdadeira>, as declarações após o <então> são executadas. Caso contrário, a execução continua no ramo seguinte – no bloco <se não> (que geralmente é opcional).[70] (Wikipedia Contributors, 2023a, grifos dos autores)

[69] Traduzido livremente do inglês: "In computer Science, conditionals (that is, conditional statements, conditional expressions and conditional constructs) are programming language constructs that perform different computations or actions or return different values […] called a *condition*. Conditionals are typically implemented by selectively executing instructions".

[70] Traduzido livremente do inglês: "the <If> and <Then> surrounding it, and the consequent that follows afterward constitute a conditional *statement*, having intrinsic meaning (e.g., expressing a coherent logical rule) but no intrinsic value. When an interpreter finds an <If>, it expects a [...] variable [that] contains a number that is greater than zero – and evaluates that condition. If the condition is <true>, the statements following the <then> are executed. Otherwise, the execution continues in the following branch – either in the <else> block (which is usually optional)".

Veremos que é exatamente isso que ocorre dentro de um *constructo virtual prisional*. A prisão é dada pela *condicional* ou programação condicional. Por isso, inicio esse primeiro capítulo com os conceitos de "narrativas", "enunciações", "códigos" e "codificações", tão explorados por Deleuze e Guattari, como sobredeterminações da realidade imanente, que é caótica e que pode se organizar em sintaxes lógicas, identidades e conformações linguísticas. Os autores foram bastante enfáticos em afirmar que elas podem ser úteis e podem *aprisionar e constringir os devires.*

Por um lado, temos o "eixo do orgasmo" que nos diz que o caos é energia dinâmica cósmica, é uma energia desejante e sexual. Por isso, opera por graus de excitação e excitabilidade. Ao longo da tese demonstrarei por que acredito que essa energia seja *elétrica e opere gerando tensões elétricas*. Por outro lado, temos o "eixo da narrativa" que nos diz que o caos é codificável, ou seja, é formatável em lógicas de existência. Por isso, opera gerando sintaxes. Por exemplo, contração pode significar um valor "1" e expansão pode significar um valor "0". Ritmos alternados de tensão-distensão, contração-expansão, em múltiplas escalas e frequências vibracionais, podem facilmente gerar *programações eletrônicas*. Uma forma sustentada (como esforço de perseverança ou *conatus*) no corpo e na mente pode ser compreendida como uma *formatação elétrico-eletrônica*. Excitação e lógica quadridimensional de programação de realidade. Energia e informação.

No caso, o "interpretador" do trecho acima é o próprio *conatus*. Geramos a sintaxe condicional na forma de *realidade* com um pedido ao *conatus* ("Sou pequeno(a) e impotente, não sei como me orientar para sobreviver. Gere, por favor, uma previsão de realidade para que eu possa me orientar e ter uma chance de saber o que fazer"), *usando o próprio conatus que existe na forma de correntes energéticas*. Uma vez gerada a sintaxe, que é a definição de realidade, chamada de programação, *definem-se os termos para que o conatus encontre e gere estratégias de perseverança nesse espaço condicional*. Por isso, o *conatus interpreta* a sintaxe, ele "olha" para a realidade definida e olha para o pedido de ajuda da consciência desesperada aí dentro. Então ele diz: "vou te ajudar de acordo com esses parâmetros e dentro deles".

Por exemplo, uma pessoa que programou em algum momento "<se> eu encontrar minhas coisas mexidas, <então> fui desrespeitado(a), <então> irei enfurecido(a) buscar quem foi". Essa realidade condicional foi gerada por uma série de tensões no corpo, definições do que seja real e previsões de futuro. Ao mesmo tempo em que ela é uma medida de orientação para saber *como as coisas são e o que pode ser feito*, ela é uma prisão, pois ela condiciona *todas as estratégias possíveis do conatus a essa definição de realidade*. Dentre todas as opções que

essa pessoa poderia considerar de maneira indeterminada ou não linear para encontrar soluções, ela se autocondena a sentir, pensar e agir em um número muito restrito de possibilidades.

A questão relevante, que diferencia nossas *programações maquínicas do desejo* e as programações maquínicas de um *computador*, é que no computador, quando uma condição se revela verdadeira ou falsa, não há consequências diretas para ele, enquanto que para uma *pessoa ou ente*, a consequência impacta sua existência. Assim sendo, o desejo se *esforça* para que a condicional *nunca* se execute e isso implica que *a tese condicional ou o constructo condicional se mantenha em estado de suspensão*, sem nunca chegar ao seu final.

Disso deriva também uma segunda questão computacional, relativa ao "controle de fluxo" (*flow control*) (Wikipedia Contributors, 2023b) e à "repetição automática infinita" (*infinite loop*) (Wikipedia Contributors, 2023c). Falarei disso mais adiante. No momento, basta dizer que quando o fluxo condicional não pode chegar ao seu final e o desejo se esforça para retê-lo, isso no *corpo* forma uma *estase física* e na *mente* se forma um *loop infinito*, que é uma sequência de instruções que continua indefinidamente numa condição controlada, até que ocorra um erro na programação ou ela seja terminada por um operador. Essa compreensão será fundamental neste trabalho.

Em suma, o poder é bem-sucedido em ativar e guiar o desejo das pessoas quando ele é capaz de fomentar *fantasmas* dentro delas e o desejo de escapar deles. Vimos também que a manutenção de códigos semióticos externos e internos é fundamental para que as pessoas possam seguir na contenção de seus impulsos emocionais. No fim, ou os espaços negam e proíbem o sentir, sem que isso se torne claro para as pessoas, ou as pessoas nem sabem que elas mesmas negam isso, porque essa desautorização faz parte dos códigos sociais da sociedade de controle.

Os três passos citados acima são alguns dos desenvolvimentos do pensamento energético-político de Reich. Os mecanismos que ele explica, dentro do corpo, precisam ser pensados através de concentrações e dissoluções de energia, de correntes que percorrem a *fisiologia* e da economia do investimento ou da catexia da energia. Não creio que seja suficiente compreender *o corpo* apenas através das semióticas do discurso e das inscrições do saber e poder. Não se a pretensão é elucidar *como* "se montar uma máquina revolucionária capaz de se fazer cargo do desejo e dos fenômenos de desejo", *como* prevenir que o desejo continue "sendo manipulado pelas formas de opressão e repressão, ameaçando, mesmo por dentro, as máquinas revolucionárias" e *como* "podem deixar subsistir investimentos inconscientes de desejo não revolucionários, ou até fascistas" (Deleuze, 2006c, p. 29). O corpo precisa ser pensado *também* por sua fisiologia, sua materialidade sensível e não verbal, sobretudo porque a *clínica* pensada

por Reich traz orientações para esses objetivos, para a saída das prisões e o encontro com a imanência. O *como* é um esforço de perseverança estratégico e um *investimento energético*. Isso não ocorre apenas *sobre* o corpo, mas *de dentro* dele *para fora*.

1.4 Algumas ressonâncias e diferenças entre a filosofia de Deleuze e Guattari e a prática clínica de Reich

No "eixo do orgasmo, da tensão e da carga", a revolução de Reich é pensada diferente, é pensada a partir do prazer, do relaxamento e da entrega, porque esses mudam as catexias do corpo e da mente e os objetivos das ações políticas. A adequação de uma ação política se afirma em cima da autorregulação, da satisfação das necessidades do cerne, de proteção e prevenção de condições ambientais ansiogênicas e do engajamento social onde o prazer, o relaxamento e a entrega possam ocorrer. A alavanca de revolução, aqui, não é o devir, mas é o prazer, é a convulsão orgástica. Assim, pretendo demonstrar que ética, estética, relaxamento e orgasmicidade podem ser úteis para fomentar estados de liberdade e potência, se entendidos como lados da mesma moeda.

Enquanto Deleuze dissertou sobre os mecanismos discursivos de saber e poder que capturam a imaginação e a prendem em lógicas estruturadas, repetitivas e serializadas, Reich dissertou sobre os mecanismos do corpo fisiológico que prendem sua energia, retesam suas passagens e, na mente, coagulam o tempo também em lógicas estruturadas. Dito isso, podemos ensaiar uma certo quadro de ressonância de termos e interesses de cada autor que pode nos trazer clareza sobre suas similaridades e diferenças.

Cabe dizer que esse quadro é uma construção minha, a fim de evidenciar que o orgone, a pulsação e a vibração têm uma dupla expressão, como informação/narrativa e energia/excitação. Assim, estabeleci um *recorte* das teorias e filosofias de Deleuze e Guattari a fim de explicitar *o aspecto da enunciação, da narrativa e dos códigos que constroem realidades*, algo que foi pouco explorado por Reich[71]. Isso não significa que esses autores não

[71] Nesse sentido, Câmara (1998), em um artigo chamado "A propósito da (des)construção de alguns conceitos na teoria de Wilhelm Reich: a perspectiva deleuziana", faz uma análise dos conceitos de Reich e Deleuze. Conforme aponta, "se para Reich, o orgônio é energia física, o 'mundo' de Deleuze é virtual: o incorporal, o devir, a metamorfose" (p. 2), assim como "Deleuze assinala o quanto de identidade aprisiona, cristaliza o que ele compreende como fluxo" (p. 5), e "em Reich, a compreensão fisicalista do orgon pode ser criticada, à luz da teoria deleuziana, na medida em que a visão de mundo para o último enfoque é constituída de realidades virtuais" (p. 10). Concordo com o autor quando aponta que as realidades virtuais não foram exploradas diretamente por Reich, mas por Deleuze. Contudo, em vez de pensar nisso como uma *crítica*, compreendo que se trata de pontos de vista concomitantes e complementares, razão pela qual propus este primeiro capítulo.

sejam também herméticos[72], spinozianos e bergsonianos, tanto que há em Deleuze e Guattari momentos em que pensam em densidade, que pensam o Zen e que pensam o tantra. Então, de muitas maneiras, esse quadro pode e precisa ser ampliado, porque não falam apenas de "narrativa" e nem seus conceitos filosóficos pretendem ser representações da realidade, pois são conceitos que são acontecimentos virtuais.

Na *arte*, por exemplo, temos uma experimentação estética e no *sexo*, uma experimentação de comunhão. A representação na mente e a tensão fisiológica do corpo são as contenções ou imobilizações que obstaculizam o plano de imanência. Igualmente, quando um corpo relaxa e as correntes podem passar por ele, também se produz diferença no pensamento, pois há permissão para que ele seja alterado e haja uma mudança da forma previamente conservada, tanto fisiológica quanto mental e perceptual. As similitudes existem porque os eixos expressam semióticas diferentes ao se considerar o funcionamento da mesma energia/substância formadora do Cosmos.

QUADRO DE SIMILARIDADES DAS TEORIAS E FILOSOFIAS DE DELEUZE E GUATTARI E WILHELM REICH

EIXO DO DISCURSO E DA NARRATIVA	EIXO DO ORGASMO, DA TENSÃO E DA CARGA
Estética	Sensorialidade
Intensidade	Excitação
Arte	Sexo / Prazer
Território	Arquitetura do caráter
Devir	Convulsão / Orgasmo
Representação	Tensão
Diferença	Relaxamento
Subjetividade	Caracterialidade
Estrato	Linha do tempo evolutiva
Molecular / Caosmose	Orgonomia
Criação / Formação	Geração / Correntes
Conatus	Esforço / Resistência
Experimentação	Entrega
Plano de imanência	Éter / Deus

[72] Cf. "O Deleuze Hermético: Filosofia e Provação Espiritual" [*The Hermetic Deleuze: Philosophy and Spiritual Ordeal*] (Ramey, 2012).

Por que foi necessário montar esse quadro? Por uma surpresa e por prudência. Quando comecei a estudar o pensamento de Deleuze e Guattari e, posteriormente, a Esquizoanálise, a impressão que tive foi que um continente novo havia se descortinado (como quando descobri Spinoza) e que novos diálogos poderiam ser formados com o pensamento reichiano e pós-reichiano. Quanto mais eu os lia, mais próximos os sentia e tudo parecia muito semelhante, pois as bases dos raciocínios eram muito parecidas. No entanto, quando eu tentava agarrar as diferenças práticas, elas escapavam na precisão dos conceitos, uma coisa levava à outra e logo elas se misturavam.

Esse quadro pode nos ajudar a pensar a transdisciplinaridade e as transversalidades conceituais de ambos os eixos, visto que há pesquisadores que buscam estabelecer relações de ressonância entre esses autores. Contudo, esses conceitos não apenas foram pensados em momentos históricos diferentes, como as especificidades da clínica e da filosofia também são diferentes. Digo isso, porque, por vezes, essa busca pode recair em um tipo de epistemologia desvitalizante, que é quando se tenta entender um autor ao atualizá-lo através dos jargões de outro. Como Deleuze e Guattari foram posteriores a Reich e elaboraram uma complexa filosofia, por vezes jargões deleuzianos são utilizados para tentar explicar conceitos reichianos, com o uso de um rebuscamento que termina por não auxiliar o entendimento de nenhum dos autores. Mizoguchi e Souza (2017, p. 40) apontaram bem esse tipo de problema ao designá-lo um "deleuzianismo teórico etérico"[73]. Para que possamos trabalhar com ressonâncias e a concomitância dos diferentes *eixos* (e não com qualquer tipo de equivalência entre os termos deleuzianos e reichianos) gostaria de enfatizar algumas das diferenças de propostas desses autores.

As metodologias da Esquizoanálise e da Vegetoterapia Carátero-Analítica trazem potências diferentes e objetivos diferentes, por isso, elas podem ser vistas em conjunto, sobretudo no âmbito da psicologia política. A questão é que há muito mais produções textuais e letivas acadêmicas que discutem clínica e política a partir das filosofias da diferença (Nietzsche, Foucault, Deleuze e Guattari), do que de Reich. Então, há uma questão de ocupação de espaço, pois as pessoas raramente ouvem falar de Reich nas universidades. No entanto, não houve sequer uma vez em que tive a chance de falar sobre sua teoria e paradigmas nesses espaços, com alunos e professores, e a frase que mais tenha ouvido não fosse: "por que não temos isso aqui?".

[73] Nas palavras desses autores: "Por outro lado, nos incomoda também uma espécie de excesso de teorização etérea, de uma vulgata "deleuzianismo-foucaultianismo" (que ao sê-lo já traem muito esses autores, os quais sempre repudiaram "fazer escola", e seus conceitos ficam, assim, desgastados)".

Reich normalmente é trazido à tona de forma fragmentada e abordado de maneira bem cuidadosa por interesses específicos. As pessoas que falam de *orgone*, normalmente têm interesses místicos e estão distantes dos meios acadêmicos, as que falam do Reich político se remetem aos comentários de Deleuze e Guattari d'*O Anti-Édipo*[74] (2004) ou o trazem, de forma saudosista, em seu período comunista, e parece que essa é a cápsula temporal onde ele fica restrito. Quando é trazido para uma clínica corporal, muitas vezes confunde-se sua teoria e clínica com o que Lowen desenvolveu, o que ajuda a delimitar um nicho corporal nas psicoterapias e na psicologia, mas Reich parece ficar restrito a esse lugar. Há também o Reich da sexualidade, que é trazido pelo meio das práticas neotântricas, que vieram da costa americana dos anos 70, mas não costumam trazer uma preocupação com uma práxis clínica. Penso que trazer Reich de maneira mística (não misticista[75] e fantasiosa), *e* acadêmica, *e* política, *e* corporal, *e* clínica *e* sexual, *ao mesmo tempo*, seja mais interessante e potente do que pensá-lo separada e segmentadamente.

Também vejo uma diferença importante entre a prática clínica e a filosofia. Apesar das aproximações entre o pensamento de Reich e o de Deleuze, sobretudo porque ambos confluem com as filosofias de Bergson, Nietzsche e, de certa maneira, Spinoza[76], Reich não se dedica à filosofia, mas ao campo da *técnica clínica*. Sua divergência do pensamento de Freud, em parte filosófica, em parte científica, expressou-se no desenvolvimento de uma nova prática clínica, a partir dos campos da fisiologia, da medicina e da biologia, com a inserção do corpo no *setting* de análise.

A preocupação de Reich com a *técnica* está no *como* fazer. Seus conceitos teóricos clínicos e políticos se destinam a elucidar funcionalidades. Longe das *idealizações*, ele está

[74] Deleuze e Guattari dizem em *O Anti-Édipo:* "Como diz Reich, o que surpreende não é que uns roubem e outros façam greve, mas que os explorados e os esfomeados não estejam permanentemente em greve; porque é que há homens que suportam há tanto tempo a exploração, a humilhação, a escravatura, e que chegam ao ponto de as querer não só para os outros, mas também para si próprios? Nunca Reich mostrou ser um tão grande pensador como quando se recusa a invocar o desconhecimento ou a ilusão das massas ao explicar o fascismo, e exige uma explicação pelo desejo, em termos de desejo: não, as massas não foram enganadas, elas desejaram o fascismo num certo momento, em determinadas circunstâncias, e é isto que é necessário explicar, essa perversão do desejo gregário" (Deleuze; Guattari, 2004, p. 33).

[75] Sobre os termos místico e misticismo é importante fazer uma distinção. Entendo por *místico* as leis de funcionamento naturais que são *ocultas* dos parâmetros de controle da cultura moderna. Já *misticismo* entendo serem os mundos ficcionais delusionais gerados na mente por narrativas e que são tomados como parâmetros de realidade. Essa diferenciação se tornará mais clara em desenvolvimentos posteriores do trabalho.

[76] Aqui cabe uma correção, pois Reich não se diz influenciado diretamente por Spinoza, apenas o menciona brevemente em uma crítica sobre sua concepção monista da natureza. Contudo, como busquei demonstrar em *Para conhecer, escute seu corpo: diálogos entre Wilhelm Reich e Baruch Spinoza* (Carnero, 2021), existem semelhanças funcionais nas maneiras dos autores observarem a inseparabilidade do plano dos afetos, da política, do corpo e da ideia de Deus como Substância cósmica. Por essa razão, incluo como base comum no pensamento de Reich e Deleuze, o de Spinoza, ainda que conceitualmente isso não seja diretamente verificável. No aparato de Deleuze, por outro lado, a apropriação do pensamento de Spinoza é bem evidente.

preocupado em compreender *como* os bloqueios ocorrem, isto é, quais são *os mecanismos fisiológicos e mentais* que os produzem e *como* intervir sistematicamente, tanto para dissolvê-los, quanto prevenir que ocorram. Nos escritos de Deleuze não há uma preocupação direta com a prática clínica e Guattari, ainda que tenha trabalhado como psicanalista na clínica de La Borde por um breve período, não se dedicou a deixar escritos sobre técnica. Foram mais voltados à militância política com grupos institucionais e às análises críticas da atividade psicanalítica (Cf. Zamboni; De Barros, 2012).

Ainda que a filosofia se dedique a produzir conceitos-ferramentas para o pensar, ela não é uma *clínica* em si e não tem como seu objetivo o *tratamento*. Tratar requer a análise minuciosa do *funcionamento* e, então, as considerações sobre *como* proceder. Essa preocupação com o funcionamento é chave no pensamento de Reich e, por isso, também a tomo aqui neste trabalho.

Por último, há diferenças em relação ao sentido de *liberdade* considerado. Ainda que em ambos os "eixos" tratem de modos de gerar *prisões semióticas* e explorem *saídas* delas, há duas dimensões do corpo, que são a *contração e a expansão*, que nos permitem *sentir e navegar* com clareza corporal em *como sustentamos e nos mantemos em prisões*, porque no "como" está a necessidade, o ímpeto e o destino do desejo. Filosoficamente, por ser uma operação baseada em *conceitos*, isso não é tão fácil de ser observado quanto por uma *apreensão da experiência temporal no corpo*. Gerar um conceito é uma operação de entendimento complexo que *envolve* o corpo, mas facilmente pode *posicionar a consciência em uma abstração e não na experiência temporal não verbal* das correntes do corpo e seus esforços de perseverança em ato. Ou seja, a pessoa pode racionalizar os conceitos sobre as prisões e não as sentir em seu corpo. O risco é formar um conceito intelectual, a mente abrir-se em uma multiplicidade de ideias e a potência de pensar tornar-se *rarefeita*. Essa *expansão de ideias* pode levá-la para *longe* do contato íntimo do que se sente e do propósito do que se sente, isto é, o propósito dos vetores internos do corpo. Por isso, os "eixos" são diferentes.

O "como" do corpo, que são suas *correntes orgásmicas* e suas *correntes de tensão*, que se expressam no *organismo*, no plasma, nos órgãos, nas fáscias, nos músculos e tendões, *nos permite colocar problemas diferentes do que com o "eixo da narrativa".* Torna-se uma análise do esforço propulsivo e seus objetivos internos, pois os objetivos externos (políticos) são uma extensão dos objetivos internos (caracteriais). Como Deleuze disse em *Conversações*:

> Ainda não se viu nada, não há razão alguma para que o fascismo não se desenvolva. Melhor dizendo: *se não se montar uma máquina revolucionária capaz de se fazer cargo do desejo e dos fenômenos de desejo, o desejo continuará sendo*

> *manipulado pelas formas de opressão e repressão*, ameaçando, mesmo por dentro, as máquinas revolucionárias. [...] Os investimentos de interesse podem ser realmente revolucionários, e, no entanto, podem deixar subsistir investimentos inconscientes de desejo não revolucionários, ou até fascistas. [...] Por isso, não há revolução conforme aos interesses das classes oprimidas *se o desejo mesmo não tiver tornado uma posição revolucionária mobilizando as próprias formações do inconsciente* (Deleuze, 2006c, p. 29-30, grifos nossos).

Está dito que desejos fascistas podem ocorrer. A realidade é que eles ocorrem *continuamente*, mas não porque "emergem à superfície notadamente política e, *então*, existem". ELES FERMENTAM[77] NAS ESTASES DO CORPO. SÃO PROCESSOS DE PUTREFAÇÃO E ENCLAUSURAMENTO QUE TODOS NÓS PORTAMOS NA FORMA DE CONSTRUCTOS PRISIONAIS E TENSÕES CRÔNICAS NO CORPO. Dar-se conta e entrar em contato com isso é parte de um *processo energético-político* do corpo, e aprender a encontrar saídas libertárias também o é.

Guattari nos disse nos trechos acima: "se não se montar...", "se o desejo mesmo não tiver tornado...". Nesse caso, o "se" é um pronome que indica uma condicional que considero verdadeira. Contudo, o *como* não é claro. O QUE FAZ UMA PESSOA QUERER E ACEITAR O MODELO DE REPRESENTAÇÃO, ACEITAR OS CÓDIGOS, ENCERRAR POSSIBILIDADES DE DEVIR? Ou *como* ela quer e aceita? O que ela faz ou gera de dentro de si para querer e aceitar? Mesmo que o espaço externo político a bombardeie a todo tempo com "perceptos, afectos e conceitos"[78], construções do meio que convidam a sentir, por que ela seleciona uns e recodifica outros, reproduzindo em si mesma sensações e devires que aprisionam? Certamente a análise dos *modos de produção capitalistas e neoliberais* é crucial para o entendimento político, contudo, *por que* as pessoas desejam reproduzir essas formas dentro de si é outra questão. Essa pergunta é uma dobra: é um fora que é um dentro, que é um fora. A dobra é a *segurança*. Quando o coletivo que forma um sistema político *deseja* estar seguro, cada vez que *teme a insegurança* e deseja *controlá-la*, tende a tornar-se um coletivo rígido e autoritário. Quando pessoas *desejam* estar seguras e, para isso, definem que é necessário controlar a realidade e *diminuir sua variância*, geram atitudes rígidas e autoritárias.

Em *Conversações* Deleuze demonstra uma compreensão clara do problema psicopolítico quando afirma e pergunta:

---

[77] Como veremos, no pensamento alquímico, a *fermentação* é o *inchaço* de uma matéria que desconfigura sua forma e a torna menos rígida, portanto, possível de *desprender o espírito confinado por ela*. O espírito é o caos, é a *anima mundi*. Não é algo *conceitual*, é algo *vibracional*, é o movimento divino físico, livre de massa. Contudo, um *caos confinado* é como uma *fermentação que não areja*, que não troca. Enquanto está confinado, desagrega as partes extensas internas da matéria, bem como sua mente, e aumenta a entropia do sistema. Uma fermentação que areja expande a forma estabelecida e liberta o espírito aprisionado. *O caos é benéfico apenas se ele pode arejar e gerar liberdade*.

[78] Cf. *O que é a filosofia?* (Deleuze; Guattari, 1992, p. 193).

> Basta tomar os dois pontos em que a psicanálise tropeça: não consegue *atingir as máquinas desejantes* de ninguém, [...] não chega aos *investimentos sociais* da libido [...] o que são as tuas máquinas desejantes? Qual é a tua maneira de delirar o campo social? [...] Somos puramente funcionalistas: o que nos interessa é *como alguma coisa anda*, *funciona*, qual é a máquina. [...] o funcionalismo impera no mundo das micromultiplicidades, das micromáquinas, das máquinas desejantes, das formações moleculares (Deleuze, 2006c, p. 32-33, grifos nossos).

Essas questões, a meu ver, são extraídas diretamente do pensamento reichiano. Primeiro, porque seu método de pensamento funcional (cf. Reich, 2003 [1951]), que o diferenciou da psicanálise, toma por base o *funcionalismo energético (ou orgonômico)*, que é a compreensão dos mecanismos funcionais na natureza, seu operador clínico-analítico "como". Segundo, porque a questão que concerne ao *como* as pessoas investem suas *energias sexuais/libidinais* na construção dos meios sociais a partir do que desejam e anseiam *internamente* foi a principal questão psicológica política colocada por Reich. A essas, acrescento outra, que é sobre a *faixa de Möbius* contínua ao longo do FORA (formatações sociais) – DENTRO (formatações caracteriais e subjetivas) – FORA (formatações sociais), que é o objeto teórico da psicologia social[79], isto é, o que as pessoas sentem moldam um campo social que molda o que elas sentem[80]. A análise do *funcionamento maquínico por dentro* é a contribuição específica de Reich. Hur indica essa relação da seguinte maneira:

> Reich formula os alicerces do conceito de agenciamento psicopolítico [e] instaura, assim, uma diferenciação entre o funcionamento maquínico e o regime de enunciados [...] O DISCURSO CONSCIENTE DO INDIVÍDUO É LIMITADO, POIS PODE ENCOBRIR E MASCARAR SUAS RELAÇÕES DE FORÇAS E DESEJANTES. Esse fenômeno contraditório é constatado em ativistas políticos com perfil mais autoritário e de soberania. Quando estão na oposição, assumem postura crítica à situação, pautando-se em discursos transformadores. Contudo, ao assumirem cargos de destaque e de mando, passam a reproduzir a mesma lógica hierarquizada que criticavam, repetindo as mesmas práticas de dominação, exclusão e segmentarização (Hur, 2019, p. 220-222, grifo nosso).

Guattari e Deleuze, por uma via diferente que a *do corpo*, defenderam a necessidade de *desconfigurar* segmentaridades molares duras, sentidos cristalizados, para abrir espaço aos

[79] Estou de acordo com Urtuzuástegui (2016) quando afirma que foi Reich, em *Psicologia de massas do fascismo* (2001 [1933/1934]), quem "conseguiu estabelecer rigorosamente o objeto teórico da psicologia social". [Traduzido livremente do espanhol: "logró establecer rigurosamente el objeto teórico de la psicologia social"].

[80] Um dos exemplos dado por Reich está no *Análise do caráter:* "A extensão e intensidade das ideologias moralistas e ascéticas de uma sociedade são o melhor medidor para a extensão e intensidade da tensão não resolvida, criada por necessidades não satisfeitas no indivíduo médio a ela pertencente. Ambas são determinadas, por um lado, pela relação entre as forças produtivas e o modo de produção e, por outro, pelas necessidades que precisam ser satisfeitas" (Reich, 1998 [1949], p. 179).

fluxos desejantes, por meio da *experimentação*. Em todos os casos, creio que uma chave clínico-política importante seja *desconfigurar* as formas rígidas, pois asfixiam e reproduzem contenções aos afetos. Como aponta Deleuze:

> Sim, uma escola de esquizofrenia não seria mau. Liberar os fluxos, ir cada vez mais longe no artifício: o esquizo é alguém descodificado, desterritorializado. [...] Não dizemos que o revolucionário seja esquizo. Afirmamos que há um processo esquizo, de descodificação e de desterritorialização, que só a atividade revolucionária impede de virar produção de esquizofrenia (Deleuze, 2006c, p. 35-36).

Contudo, diferentemente do que o filósofo aponta[81], é necessário *cautela e responsabilidade* quando pretendemos *desconfigurar* formas rígidas na mente e no corpo de alguém. Desconfigurar é *perder ou dissolver* parâmetros de realidade, e as pessoas podem não ter desenvolvido matrizes internas (recursos de navegação, recursos catéxicos, recursos de maturidade, como veremos) para *sustentar* a posição "esquizo". Nesses casos, ou podem

[81] Segundo indica Deleuze: "Quanto a ser responsável ou irresponsável, não conhecemos esses termos, são noções de polícia ou de psiquiatria forense" (Deleuze, 2006c, p. 36). No livro *Micropolítica: cartografias do desejo* (Guattari; Rolnik, 1996), em uma entrevista em São Paulo, em 8 de setembro de 1982, Guattari é inquirido a respeito da mesma questão da prudência a respeito das experimentações. Guattari explica que essa especificação "é importante" e apenas cita que "*a economia de desejo pode também desembocar em fenômenos de catástrofe, de buraco negro*" (p. 275, grifos do autor). Ainda que o termo *economia* seja proveniente do conceito de *economia sexual-energética* reichiana, ele não explica como funciona a economia, apenas afirma o problema econômico-energético, mas não como é gerado no corpo e na mente. Digo que é proveniente, pois são paralelos que o filósofo constrói com o pensamento reichiano para desenvolver sua própria teoria. No livro *Caosmose: um novo paradigma estético* (Guattari, 1992) há muitos desses exemplos. As "máquinas de desejo" que aborda são investimentos da energia sexual (orgônica), que também é cósmica, em Reich. A "revolução maquínica" provém do conceito de "revolução sexual" de Reich. Apenas substitui o *sexual* por *criação estética.* Como diz: "As máquinas de desejo, as máquinas de criação estética [...] remanejam constantemente nossas fronteiras cósmicas. [...] seguir a eflorescência de revoluções maquínicas que fazem explodir nosso tempo por todos os lados" (Guattari, 1992, p. 67-68). O tempo ao qual se refere é a *energia do corpo*. O mesmo pode ser dito sobre o "Inconsciente de fluxo" (p. 23) de Guattari, que na teoria de Reich *é um processo inconsciente contínuo de todos os investimentos da energia sexual no corpo, pelo corpo e através do corpo.* O fluxo é o da energia do corpo e o "inconsciente" é um processo, não é um *substantivo* como para Freud.
O conceito de "estase sexual/energética" reichiano também é utilizado por Guattari quando denomina de "caósmica" a "energia orgônica", e de "maquínico" o "sexual". Gattari (1992) diz: "situando cada estase maquínica atual de encontro" (p. 68) e "uma estase existencial que qualifico de caósmica" (p. 101). Também Reich demonstra que o fenômeno da *estase* energética no corpo ocorre pelo bloqueio do desejo e dos afetos e, com isso, gera psicopatologias e somatizações. Esse mesmo fenômeno ocorre na *atmosfera e em sistemas fechados entrópicos.* Guattari diz ainda na mesma obra: "a existência de estases caósmicas não é absolutamente privilégio da psicopatologia" (p. 104). Por que digo tudo isso? PORQUE O OBJETIVO DOS FILÓSOFOS É DEMONSTRAR AS OPERAÇÕES ENERGÉTICAS DO DESEJO A PARTIR DA ENUNCIAÇÃO, NÃO A PARTIR DO CORPO E DE SUA LINGUAGEM ESPECÍFICA. Como explicou: "O espaço e o corpo, quando considerados por disciplinas como a arquitetura e a medicina, são apreendidos a partir de categorias distintas e autônomas. É de um ponto de vista completamente diferente que desejo aqui relacioná-los: o de seu Agenciamento de enunciação" (Gattari, 1992, p. 153). Por um lado, é muito benéfico que adentrem o entendimento do *desejo* pela teoria e física da complexidade. Contudo, falta o *corpo orgânico, sensorial, energético.* Na filosofia, o corpo é *incorporal*, por isso é abordado como um CsO (corpo sem órgãos). Contudo, se o pensarmos como *investimento, onda e vibração*, outras possibilidades clínico-políticas surgem e podemos aprofundar aspectos menos aprofundados do desejo, por meio da exploração dos *espaços* e dos *tempos* do corpo.

aprofundar as dissociações e cisões com a realidade (como maneira desesperada de buscar algum tipo de estabilidade psíquica e emocional, ainda que de maneira ilusória) ou podem reagir e intensificar as defesas ao sentir, o que *agrava a adesão a um pensamento e um sentir não revolucionários*.

É certo que *desfazer cronicidades* é enlouquecer de alguma maneira, pois os parâmetros do que é "normal e cotidiano" são dissolvidos. Não há como mudar para uma posição neguentrópica maior sem a *desconfiguração de estruturas estáveis rígidas estabelecidas* e sem experienciar *medo*. Desfazer pactos de realidade é passar por momentos nos quais não há chão e é necessário *sustentação interna* para segurar-se no "ar sem ter onde pisar" e sem entrar em desespero. Contudo, ISSO NÃO É SIMPLES. Construir sustentação interna não é simples, é preciso que o corpo compreenda e se capacite a gerar recursos internos. Não basta *desejar* uma atividade revolucionária, é preciso *suportá-la*. DOR e MEDO são a origem de todas as reatividades, de todos os anseios mistificados de libertação, de todos os estados paranoicos e paranoides e de todos os fascismos.

Também não creio que basta o alerta dos filósofos sobre haver *quatro perigos*[82] para as *linhas de segmentaridade*: um para a linha *dura* (medo de perder a identidade), um para a linha *flexível* (clareza excessiva sobre a própria condição dura) e dois para as linhas de *fuga* (fazer da *impotência* uma forma de *poder*, com o *desgosto pela vida* e o *desejo de fugir*) (cf. Deleuze; Guattari, 1996, p. 100-106). Como indicam: "O estudo dos perigos em cada linha é o objeto da pragmática ou da esquizoanálise, visto que ela não se propõe a representar, interpretar nem simbolizar, mas apenas a fazer mapas e traçar linhas, marcando suas misturas tanto quanto suas distinções" (p. 100). INDICAR PERIGOS E MAPEAR SUA EXISTÊNCIA NÃO É O MESMO QUE COMPREENDER COMO SE FORMAM, COMO EVITÁ-LOS E COMO TRATÁ-LOS. LINHAS MOLARES E MOLECULARES SÃO LINHAS NARRATIVAS, MAS, SOBRETUDO, SÃO LINHAS ENERGÉTICAS. Isso significa que as *linhas do desejo* são *investimentos da energia* que forma de maneira processual

[82] Deleuze e Guattari apontam em *Mil platôs* (1996): "Experimentação muito delicada, porque não pode haver estagnação dos modos, nem derrapagem do tipo: o masoquista, o drogado tangenciam estes perpétuos perigos que esvaziam seu CsO (Corpo sem Órgãos) em vez de preenchê-lo" (p. 11-12); "mas ele conhece também os perigos de uma desestratificação demasiado brutal, imprudente. Artaud não para de enfrentar tudo isto e aí sucumbe" (p. 25); "essas vibrações que nos atravessam, perigo de exacerbá-las para além de nossa resistência" (p. 64); "Por que esse tom desesperado? A linha de ruptura ou de verdadeira fuga não teria seu perigo, ainda pior do que as outras? É tempo de morrer" (p. 67); "Enfim ainda o último problema, o mais angustiante, referente aos *perigos próprios a cada linha*. Pouco há a dizer sobre o perigo da primeira, e seu endurecimento de difícil modificação. Pouco a dizer sobre a ambiguidade da segunda. Mas por que a linha de fuga, mesmo independentemente de seus perigos de recair nas outras duas, comporta, por sua vez, um desespero tão especial, apesar da sua mensagem de alegria, como se algo a ameaçasse exatamente no âmago do seu próprio empreendimento, uma morte, uma demolição, no exato instante em que tudo se esclarece?" (p. 74, grifos dos autores).

idêntica o corpo e a mente. É o querer em ato. É isso que quero dizer com a inclusão do *eixo do orgasmo, da tensão e da carga* que explorarei neste trabalho. Para compreendermos como funciona a segurança, o desespero, o propósito dos investimentos e a autorregulação é *necessário* incluir a linguagem do corpo. A linguagem do corpo não é a linguagem sobre o corpo, que são as inscrições simbólicas de sentidos, mas é a *linguagem dos sentidos (vetores) dos investimentos*, ou seja, são *sentimentos, sensações* e as *emanações não verbais* desses. Os sentidos narrativos acompanham essas emanações, mas sua origem é o esforço.

Postos esses quatro pontos, a filosofia da diferença tem sido usada como base e instigadora de diálogos para compor uma clínica transdisciplinar que afirma a *clínica política*[83] (Rauter, 2015) e uma *psicologia política* que se fundamenta na esquizoanálise (Hur, 2019). Em ambas, consideram-se as posições de Reich a respeito da espontaneidade do corpo, da negação da pulsão de morte, da diferenciação entre os agenciamentos revolucionários e os reacionários e do "fenômeno contraditório da cisão entre consciência e investimento desejante [e][...] entre discurso e prática" (Hur, 2019, p. 220).

Contudo, nas instituições acadêmicas, há um número insuficiente de produções que aprofundam as considerações terapêuticas em Reich em relação aos seus escritos políticos e aos funcionamentos energéticos no corpo. Há uma amplitude de contribuições energético-funcionais trazidas por Reich que abrem um campo de pesquisa pouco explorado até agora. Por isso, me parece que a desfragmentação de seu pensamento e a rearticulação transdisciplinar de seus âmbitos de pesquisa mencionados podem potencializar tanto a psicologia política quanto a clínica política.

Acredito que a fragmentação e segmentação se devam porque, historicamente, essa transdisciplinaridade de Reich causou muita polêmica e perseguições porque incomodou premissas cristalizadas de várias instituições. A Associação Psicanalítica Internacional e o Partido Comunista Alemão o expulsaram simultaneamente, por exemplo, por essa mesma razão. Há outros exemplos. Também talvez se deva a um momento em que ele tenha se isolado no Orgonon[84] nos EUA e não quis estabelecer diálogos acadêmicos ou com pessoas com quem poderia estabelecer aliança. Esse é o ponto de vista também de Rudi Reali, treinado por Federico

[83] A perspectiva transdisciplinar defendida por Rauter (2015) afirma a clínica política através da relação de transdisciplinaridade com teorias e práticas políticas – como o marxismo, o pensamento de Spinoza e o de Maquiavel –, dentre outras possibilidades singulares, pois não se trata da construção de um novo modelo clínico.

[84] Orgonon foi o nome dado por Reich ao centro de pesquisa inaugurado por ele no estado do Maine, nos EUA. Lá, conduziu estudos sobre a energia orgone, desenvolveu dispositivos como os acumuladores e dissipadores de orgone e investigou suas aplicações em saúde, biologia e meteorologia. Esse espaço funcionava tanto como laboratório quanto como espaço de ensino e divulgação de suas ideias.

Navarro, supervisor clínico e difusor das práxis reichianas e pós-reichianas. Para ele, isso lembra um pouco a posição de Nikola Tesla e de Thomas Edison, pois o primeiro, apesar de estar décadas à frente de seu tempo, desenvolveu suas pesquisas na forma de uma reclusão excêntrica, enquanto o segundo soube aparecer mais para as mídias sociais e estabelecer interações com as pessoas. É claro que removemos aqui quaisquer considerações sobre o escrúpulo de Edison ou o exibicionismo de Tesla.

O interesse no tema desta tese começa justamente no que aprendi com Rudi, ao longo de 20 anos na EFEN, a partir do que desenvolveu em seu aprendizado direto com Navarro. Navarro teve um interesse genuíno em atualizar o pensamento de Reich, desfragmentando-o e ampliando-o, em diálogo com as produções modernas sobre física quântica, teoria da complexidade e com os avanços em neurologia e neuroimagiologia. Meu interesse segue nessa mesma esteira, em desfragmentar e ampliar o modo de pensar funcional reichiano para que novas aplicações práticas possam emergir. Para isso, proponho investigar COMO A CONSCIÊNCIA OPERA AS PRODUÇÕES DE DESEJO SIMULTANEAMENTE NA MENTE E NO CORPO e como essas produções se desdobram em modos políticos de ser e perseverar.

CAPÍTULO 2

Sobre as catexias, o desejo e o *conatus*

> "Não se trata do fato de eu ter medo ou não. Eu me criei assim. Somente o que eu quero acontece dentro de mim. O que eu quero pode nem sempre acontecer ao meu redor, mas dentro de mim só acontece o que eu quero".
>
> *Sadhguru (2022)*

2.1 O duplo estatuto da catexia: narrativa e esforço de perseverança produzem realidade

Meu interesse em aproximar a filosofia da diferença ao pensamento reichiano é porque ambos se dedicaram a pensar a *formação da realidade* na mente das pessoas e as *práticas políticas* a partir de estatutos diferentes e complementares. Em ambos utiliza-se o parâmetro da energia cósmica como base fundamental dos processos de existência (seja ela imanência, *orgone* ou caosmose); o pensamento é formado a partir das experimentações do corpo; e os fluxos do pensamento e do corpo estão sujeitos à repetição, ao controle, à dureza e à formatação.

O *signo*, como impacto sensorial do exterior, *deforma* o corpo e afeta a sensibilidade, por isso produz ideias na mente, produz *sentido*. Aqui temos um duplo estatuto do signo corporal que demarca dois eixos concomitantes na construção de realidades. *O signo como sensação estética é informação*, gera no pensamento imagens, paisagens, territórios, associações, lógicas e possibilidades de ser e estar. A estética é a tentativa de estabelecer *linguagem narrativa*, de sentidos, de significados, onde há apenas sensações fisiológicas. É a linguagem da realidade que é narrada, com ou sem palavras. Para uma informação recebida ser *compreendida* ela necessita tornar-se uma *história* para o ser que a recebe.

Se alguém recebe um toque na pele, luzes nos olhos ou ouve uma palavra ou uma música, isso é um impacto, um signo. Quer dizer que o corpo foi marcado e isso instiga a pessoa a produzir ideias. Como esse impacto contém uma multiplicidade de dados, o ser precisa reduzi-los para apreendê-los. Como disse Hur,

> inicialmente, opera por mecanismos mais "primitivos", por processos de associação sensório-motores, que geram esquemas de ação. O dado é contraído em esquemas associativos, que são formas de apreensão pré-reflexiva do território.

> [...] Num segundo momento, os esquemas associativos articulam-se em nova configuração, compondo um sistema, uma regra geral de associações denominada hábito. O hábito [...] é um arranjo que opera a síntese esquemática sobre o dado. Atua com uma força de contração sobre o fluxo do presente, realizando articulação entre experiência vivida, imagens captadas e esquemas de ação (Hur, 2019, p. 83-84).

Essa articulação pode ser entendida como uma história, uma narrativa, que posiciona o ser em um contexto. Sem esse *posicionamento* num território, ele não pode avaliar o que está acontecendo com ele e o que pode, precisa ou quer fazer em um momento seguinte. Informação é um dado imediato da consciência, como disse Bergson (1988). Uma pessoa pode dizer: "esse toque na pele *é* confortável", "essas luzes fortes nos olhos *significam* que um carro *está* vindo", "isso que me foi dito *pareceu* um mau julgamento". Um cão pode ir atrás de um gato que não observou diretamente simplesmente porque ouviu um som semelhante ao de um gato. Uma bactéria pode se locomover na direção de um estímulo químico que julgou como bom. Todas essas narrativas servem a um interesse prático, "ordinário" das necessidades orgânicas, da "inteligência utilitária, voltada para a manutenção adaptativa do indivíduo ao seu meio" (cf. Maciel Jr., 2018, p. 12).

Há outra forma de narrativa que serve a um interesse "extraordinário", que se faz por um estado alterado de consciência, que não visa um *sobreviver*, mas um *viver*. "Nesse estado, o ser humano contempla o que percebe e objetiva o que sente, colocando-se na esfera do sensível, [...] algo no sensível que torna possível o ato de criar" (Maciel Jr., 2018, p. 13). Se esse estado é propício à criação de uma obra de arte, pois o criador entra em devir com uma coisa e pode compor, de forma inédita, um bloco de sensações, esse mesmo estado também nos permite saber sobre a *natureza íntima de um ser*, ou melhor, *da relação entre seres*, através da intuição direta. Para Bergson (1988, p. 14), "a intuição é a visão direta do espírito por ele mesmo", que nos permite acessar e aprofundar na duração interna de uma relação.

Uma pessoa poderia então dizer: "com esse toque na pele *senti* amor", "esse som *me faz* relaxar", "o cheiro desse óleo aromático *aguçou* os meus sentidos e *me trouxe* foco", "quando provo essa essência, *sinto vontade de* me recolher em introspecção". Todas essas "preensões" imediatas do tempo também são uma narrativa, pois falam da natureza dessa relação. Não se trata de uma ficção, mas de uma condição estética que pode se tornar inteligível com ou sem palavras.

Já *o signo como sensação do ímpeto/esforço é energia em forma corrente*. Gera na mente o mesmo sentido de sua *excitação biológica*. Esse segundo estatuto do signo, expresso pelo que chamei de "eixo do orgasmo", diz respeito ao que Reich afirmou como o problema

básico de toda a psiquiatria ao qual se dedicaram todas as pesquisas em biofísica orgônica: *os processos emocionais*. Segundo o autor: "Definida literalmente, a palavra 'emoção' significa 'movimento para fora', ou 'ex-pulsão'. Assim, não somente podemos como *devemos* usá-la no sentido literal para nos referirmos a sensações e movimentos" (Reich, 1998 [1949] [1952], p. 330, grifo do autor).

Reich aponta que, a partir de 1935, quando descobriu o *reflexo do orgasmo*, transferiu a ênfase do tratamento clínico para o corpo. Para ele, a psiquiatria se encontrava restrita a dois parâmetros que não eram suficientes para investigar a *psicologia profunda*. Por um lado, esse autor dizia que o psiquiatra poderia apegar-se a uma "psicologia de palavras e associações" (1998, p. 12) e negligenciar o organismo. Por outro, poderia tentar provar mecanicamente no corpo suas afirmações psicológicas, mas "nem as lesões cerebrais mecânicas nem os processos químico-físicos no organismo e, decerto, nem a localização cerebral – já ultrapassada – das sensações e ideias conseguiam dar uma explicação satisfatória para os processos emocionais" (Reich, 1998, p. 330).

A chave estava *nas profundezas biológicas do sistema plasmático do corpo*. Na natureza, todos os organismos, dos mais simples aos mais complexos, expressam suas *funções vitais* a partir da *mobilização das suas emoções.* E as emoções são idênticas às *mobilizações da energia orgone por meio de correntes plasmáticas no organismo*. O mais profundo do corpo é o sistema plasmático, porque é de seu funcionamento que partem as *funções psicológicas* e as *funções fisiológicas*, a partir da fisiologia dos nervos e dos músculos. Quando um ser sofre um *impacto*, um estímulo do exterior que *considera* (eis a *narrativa intrínseca*) agradável, esse signo provoca uma "emoção" de seu protoplasma, do centro para a periferia. Ao contrário, "estímulos desagradáveis provocam uma 'emoção' ou, mais corretamente, 'remoção' do protoplasma da periferia para o centro do organismo" (Reich, 1998, p. 330).

Para Reich, na mesma obra, as "duas direções fundamentais da corrente plasmática biofísica correspondem aos dois afetos básicos do aparelho psíquico – *prazer* e *angústia*" (p. 330, grifos nossos). Em Spinoza, por exemplo, esses movimentos corporais/psíquicos podem ser compreendidos como os afetos de *alegria* e *tristeza* (cf. Carnero, 2021, p. 280-288).

Esse deslocamento de *correntes energéticas* pelo corpo Reich denominou como "motilidade energética" e também como "motilidade vegetativa", referindo-se ao sistema nervoso vegetativo, hoje chamado de sistema nervoso autônomo. Contudo, antes de adentrarmos no domínio do corpo e da biofísica do orgone, cabe lembrar que Reich *parte* da teoria freudiana e logo se apropria dela, estabelecendo propostas próprias. Estou totalmente de acordo com Ricardo Amaral do Rego (1992a), Cláudio Mello Wagner (1996) e Paulo Albertini

(1994, 2015), que propõem que a fundamentação da orgonomia clínica deriva da primeira teoria das pulsões de Freud.

No artigo *A clínica pulsional de Wilhelm Reich* (Rego, 2003), o autor aponta o conceito freudiano de *pressão (Drang) da pulsão* que se relaciona diretamente com o conceito de *catexia*, que explicarei a seguir. A pressão é um aspecto importante do investimento libidinal (desejo), porque ela é a responsável pela ativação ou reatualização de todos os estados de realidade gravados no corpo e mente como *memória*. Na Introdução desta tese, mencionei a analogia do *carrossel*, para me referir a como a pessoa passa a reexperienciar sentimentos e sensações do "passado" no estado de corpo e mente presente. A energia ou investimento que *ativa* o carrossel e o faz girar e todas as cenas, luzes e movimentos acontecerem é a *pressão* exercida pela consciência no próprio carrossel. A pressão é a concentração da energia ou *convecção catéxica*, como trabalharei adiante. Ela não apenas confere vida e movimento a elementos psíquicos ou físicos, tal como na física newtoniana, como também propulsiona o movimento interno de um ser, seu desejo, de maneira inteligente e não linear, porque a pressão é exercida pela consciência, no interior da consciência. Por isso, *pressão* é desejo de convergência ou ativação[85]. Em termos de memória, Rego aponta que se o investimento libidinal for baixo, os elementos recalcados do inconsciente permanecem inconscientes, mas se for ativado, colocará "em movimento todos os processos que terminam na penetração do impulso na consciência[86]" (Freud, 1974 [1915], p. 175 *apud* Rego, 2003, p. 36-37).

Logo, tornar consciente um conteúdo emocional que foi suprimido ou inconscientizado[87], pode ocorrer de maneira casual, quando a pessoa experiencia sinais semelhantes aos das experiências passadas vividas, ou de maneira consciente e voluntária, quando a pessoa *deseja* saber o que porta dentro de si como realidade prisional e o que ocorre lá dentro. No processo terapêutico, a pessoa pode aprender a entrar no carrossel por vontade

[85] E assim como *descompressão* é desejo de divergência ou desativação. A questão da pressão é central em Reich, sobretudo em sua teoria da biofísica orgônica, pois em termos cosmológicos (seja no macrocosmo galáctico, seja no microcosmo humano e de formas viventes), a pressão é um movimento espiralado centrípeto de uma corrente que tem direção, tem vetor. A diferença é que, para Reich, a pressão (*Drang*) não é apenas psíquica, mas é somatopsíquica, pois a energia libidinal tampouco é apenas psíquica para o autor.

[86] Aqui o termo "consciência" não tem o mesmo sentido que eu utilizo, como sinônimo de ser, como "processo de individuação" ou "consciência individuada", mas Freud o utiliza no sentido de "saber que sabe sobre algo", como processo reflexivo que pode ser tornado conceitual. Um exemplo é você saber que sabe algo sobre si porque formou essa clareza em sua mente. Então, consciência, como Freud coloca, seria esse sentido de formar uma distinção. Assim, na tese há dois sentidos do termo "consciência" que podem se confundir: a consciência que "possuímos" ou "geramos" (cognição racional) e a consciência particular da qual nós e todos os seres somos *parte* ou um *modo* da Consciência Cósmica, que é Deus. Ambos os sentidos serão discutidos nas seções 3.1 e 3.2.

[87] Por *inconscientizado* quero dizer "anestesiado" ou defensivamente desinvestido, para que a pessoa não tome conscientemente o impacto da realidade prisional que porta dentro de si. Esses termos serão explorados nos capítulos seguintes.

própria, como forma de autoconhecimento. Por isso Rego (2003, p. 37) diz: "em relação aos conteúdos recalcados, se houver um investimento suficientemente intenso da pulsão, serão rompidas todas as barreiras, e as representações associadas à pulsão chegarão à consciência". E afirma também que "o *material recalcado* exerce pressão contínua em direção à consciência, e essa força tem de ser equilibrada por uma contrapressão também incessante. Decorre daí a questão da resistência" (p. 37, grifos nossos). Assim, o esforço de perseverar, mesmo que por posições contrárias dentro de uma mesma pessoa, ocorre através do mecanismo de exercer pressão através do próprio desejo.

Em termos clínicos, esse mesmo tema da pressão está presente na sensação de *angústia* descrita por Reich (cf. Carnero, 2021, p. 272): "quando a *periferia* do corpo é excitada, a sensação sexual é gerada; quando o *centro*, a área ao redor do coração e do diafragma, é excitado, a angústia é experienciada[88]" (Reich, 2023 [1934], p. 378, grifos do autor). Na sensação de angústia, a dor no peito ocorre em função da tensão muscular gerada pela tensão elétrica retida e não balanceada naquela região do corpo. A retenção de uma carga emocional que foi momentaneamente intensificada, mas que, por proibições internas, não pode ser solucionada (convulsionada, equilibrada), mantém a pressão elétrica nessa região funcional do corpo que ativa a compressão aguda neuromuscular. Por isso, a compressão elétrica mantém boa parte do material recalcado (informação / tese narrativa / construção de realidade) e também boa parte da excitação biológica (neuromuscular) retida naquela região corporal.

Dentro dos parâmetros psicanalíticos, tornou-se mais usual para Reich utilizar o conceito de pressão através dos conceitos de *investimento libidinal* ou *catexia energética*. Antes de 1935, quando ainda buscava elaborar sua teoria e clínica de tratamento do *caráter* e das *resistências do caráter*, esses termos eram utilizados.

Coloco exemplos e grifo os termos em negrito: "Em termos de técnica, portanto, a solução do conflito requer a 'eliminação do recalque' [...]. Mas a instância psíquica conhecida como pré-consciente fez surgirem 'contra **investimentos**' psíquicos contra a eclosão de impulsos recalcados inconscientes" (Reich, 1998 [1933], p. 17); "pode ser útil a lembrança de que remontar uma transferência [...] até a situação infantil não 'dissolve' o **investimento** do impulso" (p. 139); "o processo topográfico só se completa quando combinado com o processo *dinâmico-afetivo* [...]. São necessárias duas coisas para se conseguir isso: 1) a resistência principal deve estar pelo menos afrouxada; 2) a **catexia** da ideia que vai ser tornada consciente

[88] Traduzido livremente do inglês: "when the body's *periphery* is excited, sexual sensation is generated; when the *center*, the area around the heart and diaphragm, is excited, anxiety is experienced".

[...] deve ter atingido um grau mínimo de intensidade" (p. 96, grifos do autor); "presença de recalque; meta pulsional original reteve toda a **catexia**" (p. 184).

Em *A função do orgasmo* (1988 [1942]), Reich também demonstra que o próprio Freud compreendia as limitações do *aspecto apenas qualitativo* da experiência psíquica.

> Além disso, resolveu-se de maneira simples um problema da teoria da neurose que atormentou Freud nos anos seguintes. As enfermidades psíquicas revelam apenas qualidades. Todavia, sempre parecem depender dos chamados **fatores quantitativos, da resistência e da força, da catexia de energia**, das experiências e ações psíquicas. Em uma reunião do círculo mais íntimo de analistas, Freud uma vez aconselhou-nos a ser prudentes. Tínhamos, disse, que estar preparados para esperar perigosos desafios de uma futura *organoterapia* à terapia psíquica da neurose. Não havia maneira de saber o que poderia ser essa *organoterapia*, mas já se podiam ouvir os seus expoentes batendo à porta. A psicanálise deverá um dia estabelecer-se sobre uma base orgânica. Isso era uma verdadeira intuição freudiana! (Reich, 1988, p. 104, grifos nossos em negrito, grifos do autor em itálico).

Segundo Roudinesco e Plon, catexia (*catéxis, comando, investimento ou destino*) foi um "termo extraído por Sigmund Freud do vocabulário militar para designar uma mobilização da energia pulsional que tem por consequência ligar esta última a uma representação, a um grupo de representações, a um objeto ou a partes do corpo" (Roudinesco; Plon, 1998, p. 398). Em termos simples, a catexia significa a canalização linear de energia sobre um determinado objeto, como por exemplo, quando direcionamos amor, ódio, preocupação ou interesse sexual a uma pessoa. Freud (1996, p. 45) enunciou algumas de suas propriedades da seguinte maneira: "*as catexias podem com facilidade ser completamente transferidas, deslocadas e condensadas*" (grifos nossos). Ainda que a catexia tenha sido pensada por ele juntamente com o conceito de libido, tratava-se de uma energia que circulava entre as representações mentais e, portanto, puramente psíquica. Não havia nenhuma compreensão unitária de mente e corpo.

Dado o *background* filosófico de Reich com o pensamento bergsoniano, ele não pode sustentar nenhum tipo de dualismo ou paralelismo psicofísico[89] e, então, justamente o que fez foi *incluir o corpo* na compreensão das catexias, isto é, compreender como se dava o investimento energético e o controle da estase sexual de forma *fisiológica e quantitativa*, não apenas psicológica. Foi assim que afirma ter progredido da técnica da Análise do Caráter

[89] Conforme Reich declarou à Sociedade Psicanalítica de Viena em 1921: "O conceito de paralelismo psicofísico está se tornando cada vez mais difícil de defender; reflexões sobre a inter-relação entre soma e psique, como a de Bergson [...] estão se tornando mais significativas" (Reich, 1975 [1923]). [Traduzido livremente do inglês: "The concept of psychophysical parallelism is becoming increasingly difficult to defend; reflections on the interrelation of soma and psyche, such as Bergson's […] are becoming more significant"]. Posteriormente, no livro *A função do orgasmo* (1988 [1942]), Reich relembra-se desse período e diz: "A minha atual teoria da identidade e da unidade do funcionamento psicofísico teve a sua origem no pensamento bergsoniano, e se tornou uma nova teoria da relação funcional entre o corpo e a mente" (p. 30).

(intervenção com a fala), para a técnica da Vegetoterapia (intervenção com o corpo). No entanto, na passagem para esse segundo momento da técnica, os termos *catexia* e *investimento* pararam de ser utilizados e Reich passou a falar apenas sobre a "excitação biofísica do plasma" e como ela se expressa na mente como "sensação". De fato, uma emoção (mover-se em direção a) é um movimento do plasma corporal que envolve a unidade funcional como um todo, em âmbito fisiológico, mental e de *quantum* energético.

Isso significa que uma emoção *move essas expressões ao mesmo tempo*, numa mesma direção, num mesmo investimento. Se uma pessoa tem uma sensação de encolhimento, isso significa que em sua mente ela se retrai, em seu corpo fisiológico se retrai e as excitações de seu corpo se retraem. Isso é o que Reich chamou de angústia. Se uma pessoa tem uma sensação de expansão, isso significa que essa propulsão para o exterior ocorre também na mente, nos tecidos fisiológicos e nas excitações corporais, *simultaneamente*[90]. É o que Reich chamou de prazer. Prazer e angústia são *modos de investimento da energia corporal e mental.*

Ainda que Reich não tenha considerado a *libido* como uma energia exclusivamente psíquica, mas do organismo como um todo, pois do contrário seria assumir a divisão entre corpo e mente, talvez os termos *investimento e catexia* estivessem marcados como mais ligados ao domínio psíquico, logo, *excitação biofísica* poderia dar maior precisão para a atuação a partir do corpo. No entanto, nossa proposta é investigar *a construção de realidades semióticas, a*

[90] Reich explica que o princípio de funcionamento comum da excitação e da sensação é que ambos *são o mesmo processo na mente e no corpo*. Em particular, ele busca se diferenciar dos monistas que afirmam que "a mente e o corpo" seriam *lados* da mesma moeda, ou a mente ser o "outro aspecto" do corpo e vice-versa. Talvez o monismo de Spinoza não se encaixe nessa crítica, pois quando diz que a "mente é a ideia do corpo" não se refere a um "outro aspecto", mas a uma simultaneidade. Contudo, Spinoza diz em "Ética I" (Proposição 10, Escólio): "ainda que dois atributos *sejam concebidos como realmente distintos* [extensão e pensamento], isto é, um sem a mediação do outro, disso não podemos, entretanto, concluir que eles constituam dois entes diferentes, *ou seja duas substâncias diferentes*" (Spinoza, 2007, p. 23, grifos nossos). O filósofo afirma que são atributos distintos, apesar de serem a mesma Substância. Talvez isso tenha produzido em Reich uma crítica aos monistas, por duas razões: a primeira, porque o monismo afirma que "corpo e mente são uma só e *mesma coisa*" e não "um só e mesmo *processo*", o que não permite pensar *como* uma emoção retida pode formar uma somatização no corpo (cf. Carnero, 2021). A segunda, porque conceber os atributos "como realmente distintos" também traz a ideia de que são *aspectos* diferentes e não o mesmo *processo*. Como Reich explica, "essa foi uma abertura profunda no obscuro problema mente-corpo. A sensação emocional não é o 'resultado' de uma excitação biológica, como os mecanicistas presumiram durante milhares de anos; nem é a 'causa' da excitação biológica, como sempre acreditaram os espiritualistas. Não é independente da excitação, como acreditam os dualistas, nem o 'outro aspecto' da excitação, como afirmam os monistas. O experimento bioelétrico mostra que *excitação e sensação são o mesmo processo no aparelho biológico, porque a intensidade de uma sensação corresponde à quantidade de excitação e vice-versa*" (Reich, 1991 [1944], p. 27-28, grifos do autor).
[Traduzido livremente do inglês: "this was a deep breach into the obscure mind-body problem. The emotional sensation is not a 'result' of biological excitation, as the mechanists had assumed for thousands of years; nor it is the 'cause' of the biological excitation, as the spiritualists had always believed. It is not independent of the excitation, as the dualists believe, nor the 'other aspect' of the excitation as the monists contend. The bioelectrical experiment shows that *excitation and sensation are one and the same process in the biological apparatus, because the intensity of a sensation corresponds to the quantity of the excitation, and vice-versa*".]

partir do duplo estatuto do signo, como informação e energia, e as práticas políticas que decorrem da habitação da consciência em determinadas realidades semióticas. Assim, pensar em *catexia* pode ser útil para considerarmos *a condução das correntes plasmáticas ou energéticas do corpo* a partir de uma consciência. Digo isso porque é a consciência quem *investe* energia, força e resistência para *propósitos vitais* e, com isso, forma experiências, ações psíquicas e ações físicas.

Antes, eu havia mencionado que *o signo como sensação do ímpeto/esforço é energia em forma corrente,* e com isso me referi à catexia. No entanto, eu falei de ímpeto e esforço que se dão em forma de correntes. Ambos os termos estão ligados ao conceito de *conatus*, entendido por Spinoza como "esforço para perseverar na existência[91]". E esse conceito, conforme demonstrei em *Para conhecer escute seu corpo* (Carnero, 2021), pode ser pensado a partir do mesmo princípio de funcionamento comum ao conceito reichiano de *resistência de caráter*.

O *conatus* possui nos seres viventes um duplo aspecto: "o esforço de permanecer na existência e de preservação de um estado, e o esforço contínuo de aumento da própria potência, de buscar o que convém à própria natureza[92]" (Carnero, 2021, p. 324). Para Reich, isso caracterizaria o próprio conceito de resistência: um esforço de continuidade que não é direcionado a nenhum objeto predefinido e que, no entanto, impulsiona o ser *tanto* para que ele possa conservar energia e prevenir uma dissipação entrópica *quanto* para que possa incorporar fontes de energia e gerar uma expansão neguentrópica. Esses dois *vetores* do impulsionamento, ou da catexia, ou da excitação biofísica no corpo e na mente formam uma *estratégia ou inteligência econômico-energética de perseverança.*

É por isso que, como disse Reich, os pacientes não resistem "ao analista", eles *resistem a sentir* algo que possa destruí-los ou que não irão suportar confrontar. Isso significa que assim como os pacientes mobilizam *estratégias* de corpo e mente para buscar prazer, alegria e fontes de expansão, também mobilizam *estratégias* para não sucumbirem ou serem destruídos. O somatório dessas estratégias históricas que um ente criou para perseverar é o seu caráter e essas estratégias se tornam guardadas ou gravadas no corpo e na mente. A técnica da Análise do Caráter se faz por meio da análise do *modo e do propósito das catexias*, dos *investimentos energéticos* que uma pessoa faz para perseverar. Creio que a Análise do Caráter poderia ser

[91] De forma resumida, o conceito de *conatus* pode ser entendido na seguinte proposição de Spinoza: "cada coisa esforça-se, tanto quanto está em si, por perseverar em seu ser" (Ética III, Proposição 6 em Spinoza, 2007, p. 173). O desdobramento, que trabalharei aqui pelo ponto de vista reichiano, é que o *conatus* é a *pressão* ou o esforço elétrico (tensão-carga) gerado pela consciência para a geração de efeitos. *Perseverar* é igual a concentrar energia e liberar energia, com a prevalência da concentração e respeitando o balanceamento da fórmula do orgasmo.

[92] Cf. Proposições 6, 7 e 12 da Parte III da *Ética* de Spinoza (2007).

chamada spinozanamente de “Análise do *Conatus*” se considerássemos as múltiplas camadas do *conatus* gravadas na história ontogenética de uma pessoa.

2.2 Os vetores do corpo e da mente são *conatus*

O termo latino *conatus* significa “impulso, esforço, inclinação ou tendência”, tendo seus equivalentes em inglês, *drive*, e em alemão, *Trieb*, que se remetem à *pulsão* de Freud. Reich se apropriou do termo para demonstrar que o “impulso sexual” (*sexual drive*) era aquilo que propulsionava a vida através do fluxo de cargas elétricas que percorriam o organismo. Assim, o impulso não era somente mental, mas fisiológico. Era o “fluxo de cargas” o unificador da *quantidade de excitação física e a qualidade do que era percebido na mente*. Por isso a *energia* não é o que há “entre” mente e corpo, mas *é simultaneamente* a mente e o corpo. Contudo, Reich lamenta que isso não tenha sido entendido por Freud nem por seus colegas na época: “Reuni esses modestos achados em um curto ensaio intitulado “Zur Triebenergetik [Sobre a energética das pulsões]”, que apresentei na Sociedade Psicanalítica de Viena no dia 8 de junho de 1921, e que foi publicado na *Zeitschrift für Sexualforschung*, em 1923. Lembro-me de que não foi entendido” (Reich, 1988 [1942], p. 55, grifos do autor).

Apesar do conceito de *conatus* ser um dos principais fundamentos da filosofia de Spinoza, esse não foi um termo originado por ele. O termo *tendência* (ὁρμή) já era utilizado pelos filósofos estoicos e pelos filósofos peripatéticos na Antiguidade. O conceito também podia ser encontrado, com diferentes traduções, dentro da física islâmica medieval, da escolástica e de forma geral na filosofia medieval, em Tomás de Aquino, Duns Scot e Dante Alighieri. *Conatus* igualmente foi usado por Hobbes e Leibniz, que o herdou de Hobbes, e ambos o entenderam como o início do movimento dos corpos, a partir do qual se desencadeariam as ações voluntárias e involuntárias.

De forma geral, trata-se da inclinação inata que uma coisa tem para continuar a existir e se aprimorar. Na física islâmica de Avicena, no século XI, por exemplo, o conceito fazia parte da “teoria do ímpeto”, que depois foi base para o estudo do movimento parabólico de projéteis, dos pêndulos, da inércia galileana e da grandeza física do *momentum* ou momento linear. Esses aspectos nos interessam, pois quando Reich se refere aos impulsos de prazer do corpo e da mente e à motilidade das excitações bioelétricas, ele se refere diretamente ao *momentum* do organismo: “se analisarmos essa **inclinação,** encontraremos inúmeros movimentos, *como se o organismo **se esforçasse** pelo prazer oferecido. A atração do prazer nada mais é do que o **início***

desse movimento, e a intensidade do prazer se origina no **momento** do organismo[93]" (Reich, 1975, p. 149, grifos do autor em itálico, grifos nossos em negrito).

Ao falar de um *momentum* do organismo Reich indica o próprio movimento do *conatus* e do *desejo* de um ser, o que significa que existe um *quantum* energético, uma quantidade, que se desloca de forma *vetorial*, que é o momento, *o vetor da catexia*. Assim, podemos falar de *dois sentidos* dos sentidos que o corpo assume e esses são dois signos: o primeiro é o sentido estético, o sentido narrativo. O segundo sentido é o vetor da catexia, é o sentido dos momentos do corpo, os investimentos energéticos que ele faz. Em um mesmo ímpeto, temos *informação* estética que é perpassada pelo corpo e temos, simultaneamente, *energia de excitação* que se desloca na forma de correntes energéticas.

Nesse mesmo texto, Reich afirma um pouco antes do trecho citado, algo que nos será bastante precioso em relação ao tema da *catexia e a construção de realidades virtuais* e do ímpeto de sobreviver a essas realidades. Ele diz que nos conceitos da chamada "psicologia do ato", a experiência de prazer não era passiva, mas, ao contrário:

> Eles veem indícios de uma atitude individual tendenciosa em cada experiência psíquica; "está incorporada à experiência". Bergson [em *Matéria e memória*] denominou a percepção de "ação virtual" e também forneceu a descrição fenomenológica mais correta das sensações de prazer. O que é um grande prazer senão um desejo preferido?[94] (Reich, 1975, p. 149).

A EXPERIÊNCIA PSÍQUICA É UMA AÇÃO VIRTUAL E O *ATO* SÓ EXISTE COM O CORPO. Isso significa que quando uma catexia constrói uma experiência na mente como *virtualidade*, no corpo ela também é *atualidade*, pois é a motilidade das correntes plasmáticas no corpo. Na verdade, veremos que uma consciência *usa* catexias para construir realidades e essa construção *enquanto sustentada é ela*, em ato.

[93] Traduzido livremente do inglês: "if one analyses this inclination, one finds innumerable movements, *as if the organism were striving toward the pleasure offered. The attraction of pleasure is nothing other than the beginning of this movement*, and the intensity of enjoyment originates in the organism's momentum".

[94] Traduzido livremente do inglês: "They see indications of a biased individual attitude in every psychic experience; 'it is incorporated into the experience'. Bergson [in Matter and Memory] has termed perception 'virtual action' and has also provided the most correct phenomenological description of pleasure sensations. What is great pleasure other than a preferred desire?".

2.3 Tudo se move pelo *desejo* que é corpo e mente

No ensaio citado por Reich (1975, p. 149) intitulado "Sobre a energética das pulsões"[95], ele afirma que as preferências dos desejos são determinadas por "uma certa disposição dos nossos órgãos"[96], que gera sensações de prazer na mente e, então, corpo e mente *se inclinam* para a sensação preferida. Isso está de acordo com o funcionamento do Sistema Nervoso Autônomo (SNA), segundo Porges (2012), pois ele diz que o corpo "neuropercebe" sinais do ambiente e isso modifica a disposição visceral e essa mudança interna da visceralidade produz na mente uma necessidade de autorregulação de diferentes formas.

Nesse momento no ensaio, Reich cita a "psicologia do ato" e junto coloca uma nota de rodapé na qual convida o leitor a comparar o que desenvolveu com os escritos de alguns autores da psicologia, da fenomenologia e dos estudos da consciência de sua época: "[August] Messer, *Psicologia*; também [Edmund] Husserl, *Anuário de filosofia e pesquisa fenomenológica*; [Paul] Schilder, *Consciência do si e consciência da personalidade; um estudo psicopatológico* (1914)[97]" (Reich, 1975, grifos do autor). Esses autores abordaram temáticas que atravessarão o presente trabalho e fizeram parte das conceituações de Reich.

Os conceitos de Reich de "correntes de plasma" (1998 [1952], p. 259); "movimento plasmático [da emoção]" (1998 [1952], p. 330); "correntes bioelétricas/vegetativas" (1998 [1949], p. 45, 48, 68, 231, 244); "fluxo da carga elétrica do organismo" (1998 [1949], p. 54) e "autopercepção [...] com as funções autônomas do próprio corpo" (1998 [1952], p. 390, 406), que guiam a clínica reichiana, *não têm sua origem em Freud*, mas encontraram em Freud uma possibilidade de método e técnica de tratamento das afecções psíquicas. Reich se dedicou rapidamente em revê-los, tal como consta no Capítulo 1 de *Análise do caráter*: "Alguns problemas da técnica psicanalítica" (1998 [1933], p. 17), quando talvez estivesse motivado não apenas pela ideia de que corpo e mente formam uma mesma unidade em ato, como pelos estudos dos *fluxos temporais* de autores como Bergson e Husserl, por exemplo. O conceito de *libido freudiano*, quando foi considerado e elaborado por Reich, acredito que já estava imerso em um *paradigma temporal* e, por isso, a maneira de investigá-lo foi diferente.

---

[95] O título original em alemão é *Zur Triebenergetik*, e em inglês, *Concerning the Energy of Drives*. Foi publicado originalmente em 1923 e posteriormente traduzido para o inglês e incluído na coletânea *Early Writings: Volume One*, publicada em 1975.

[96] Traduzido livremente do inglês: "in a certain disposition of our organs".

[97] Traduzido livremente do inglês: "Messer, *Psychologie* [Psychology]; also Husserl, *Jahrbuch für Philosophie und phänomenologische Forschung* [Yearbook for Philosophy and Phenomenological Research]; Schilder, *Selbstbewusstsein und Persönlichkeitsbewusstsein; eine psychopathologische Studie* [Consciousness of Self and Consciousness of Personality; A Psychopathologic Study] (1914)".

Por exemplo, Husserl (1964), no texto *A consciência íntima do tempo*, publicado no *Anuário...* citado acima, disserta que *a consciência é um tempo intencional* e ela existe em atos, capaz de produzir também objetos intencionais. Como no ideário de Spinoza e Bergson, não há considerações transcendentes. Um objeto temporal que aparece à consciência é uma *modalidade do ato de uma substância* que também é consciência. "Substância" podemos tomá-la no sentido spinoziano como *Deus/Substância*, e no sentido reichiano como *orgone/energia cósmica*, pois o conceito de Husserl aponta para o mesmo plano de imanência. Ele explica que essa é a razão de uma psicologia empírica como a de Wundt não poder dar conta das modalidades do "ato de consciência" (*"acte de conscience"*), porque seus objetos virtuais imaginados são "consciência do tempo" (*"conscience du temps"*) (Husserl, 1964, p. 58). Eles são "edificados exatamente como cada fluxo constitutivo do tempo[98]" (p. 70) e isso é possível devido a uma "intencionalidade que constitui o tempo[99]" (p. 70). Creio que há uma chave importante em Husserl quando afirma que *os fenômenos da consciência são temporais*, sobretudo, que os atos de consciência são fluxos temporais. Outro autor citado por Reich, o neurologista e psiquiatra Paul Schilder, no livro *A imagem e a aparência do corpo humano*, afirma que, na mente,

> a imagem do corpo humano significa *a imagem do nosso próprio corpo que formamos na nossa mente*, ou seja, a forma como o corpo aparece para nós mesmos. Há sensações que nos são dadas. Vemos partes da superfície do corpo. Temos impressões táteis, térmicas e de dor. Existem sensações que vêm dos músculos e de suas bainhas, indicando a deformação do músculo; sensações provenientes da inervação dos músculos (sentido energético de Von Frey); e sensações provenientes das vísceras. Além disso, *existe a experiência imediata de que existe uma unidade do corpo*. Essa unidade é percebida, mas é mais do que uma percepção, à qual chamamos de esquema do nosso corpo ou esquema corporal, ou, seguindo Head, que enfatiza a importância do conhecimento da posição do corpo, modelo postural do corpo. *O esquema corporal é a imagem tridimensional que cada um tem de si mesmo*. Podemos chamá-lo de "imagem corporal"[100] (Schilder, 1950, p. 15, grifos nossos).

[98] Traduzido livremente do francês: "edifiés exactement comme chaque flux constitutif du temps".
[99] Traduzido livremente do francês: "intentionnalité qui constitue le temps".
[100] Traduzido livremente do inglês: "The image of the human body means the picture of our own body which we form in our mind, that is to say the way in which the body appears to ourselves. There are sensations which are given to us. We see parts of the body-surface. We have tactile, thermal, pain impressions. There are sensations which come from the muscles and their sheaths, indicating the deformation of the muscle; sensations coming from the innervation of the muscles (energy sense, [by] von Frey); and sensations coming from the viscera. Beyond that there is the immediate experience that there is a unity of the body. This unity is perceived, yet it is more than a perception. We call it a schema of our body or bodily schema, or, following Head, who emphasizes the importance of the knowledge of the position of the body, postural model of the body. The body schema is the tri-dimensional image everybody has about himself. We may call it 'body-image'".

Com isso pretende explicitar que a imagem do corpo não é apenas uma construção cognitiva, psíquica, mas é simultaneamente uma expressão dos desejos, das atitudes emocionais e da interação com outros. Para Schilder, energia libidinal e corpo são inseparáveis. Ele utiliza dois termos que podem parecer contrários, "esquema corporal" e "imagem corporal". No entanto, pensadas a partir da unidade funcional corpomental, tais diferenças são de expressão e não de natureza. Na mente, a imagem do corpo é um corpo virtual dotado de limites, expressão e forma. Em outros termos, um Si que experimenta a percepção do próprio corpo. No corpo, o esquema corporal são as estruturas neuromotoras que permitem ao ente a autopercepção, isto é, a consciência de seu próprio corpo anatômico, a partir da sensação de suas próprias partes, ritmos, pulsações e seus próprios ajustes constantes às situações variantes do ambiente e às ações adequadas a essas variâncias.

A importância de considerarmos uma "imagem corporal de nós mesmos dentro da mente", a partir da obra de Schilder, é que essa imagem é o nosso estado atual, aquilo que percebermos sermos "nós" e nossa perseverança. Sem essa imagem corporal, nós não podemos dizer que *estamos* em algum lugar ou em algum estado emocional ou que *somos* uma identidade qualquer. Não é possível *autopercepção reflexiva*, a meu ver. O senso de *ser* e *estar* depende de uma imagem corporal que é um modo narrativo de coesão da nossa existência. É esse senso, que é *a imagem e o esquema corporal*, que é capaz de habitar uma *realidade virtual* ou uma percepção. Esse senso de Si é formado por *dois signos* simultâneos e aparentemente duais, *informação* e *corrente* ou *narrativa* e *catexia*. Ambos são *energia* e são modos *ativos*, isto é, *intencionais* de a energia se organizar. Se retornarmos a Husserl, podemos considerar que tanto a imagem corporal na mente, a disposição corporal e suas correntes plasmáticas no corpo, quanto os objetos virtuais imaginados na consciência são *atos de consciência*. O que pretendo demonstrar é que ESSES "ATOS DE CONSCIÊNCIA" SÃO *CONATUS*, PORQUE *ELE NÃO É OUTRA COISA SENÃO FLUXOS DE TEMPO*.

Para investigarmos o "ser" que quer, que deseja, bem como o que constrói, que projeta *realidades espaciais*, espaços de existência na mente, espaços políticos no coletivo atual, é preciso elaborar o que acredito ser uma consciência, através da ótica desses autores. O tema da consciência não para de ser investigado por pesquisadores de diversas áreas, como filosofia, neurociência, teologia, psicologia, política, ciências cognitivas, física, cibernética, arte, dentre outras, pois os "estados da consciência" são aquilo que vivemos internamente e através deles investigamos e consideramos os funcionamentos da natureza. Certamente, não há um consenso sobre o que seja a consciência, pois cada ramo de pesquisa enfatiza determinados aspectos e todos eles tendem a se mostrar simultâneos.

Assim, não pretendo elaborar uma "teoria de tudo" absoluta do que seja a consciência, mas sim, uma teoria da consciência que traga as considerações dos autores citados e outros, sobretudo com as relações pouco exploradas no pensamento reichiano, a quem tomo por base para pensar uma *psicologia política do corpo*. Para isso, os temas do desejo, da energia sexual, dos impulsos e *momenta* do organismo, da intenção, da catexia, dos fluxos energéticos e do esforço em perseverar precisarão fazer parte do desenvolvimento de *um conceito pós-reichiano de consciência*.

Primeiramente, se assumirmos que "esforçar-se" é a essência verdadeira de uma coisa, conforme declarou Spinoza, e assumirmos que esse esforço não teleológico se expressa na forma de ímpeto e direção que podem ser ajustados para a perseverança e o esforço de conservação, podemos considerar que UMA CONSCIÊNCIA É *CONATUS* CAPAZ DE MODULAR *CONATUS.* Quero dizer que uma consciência é *um modo particular de aglutinação energética capaz de coagular, moldar e direcionar energia também para perseverar.* Isso está totalmente de acordo com a teoria da *superposição cósmica* de Reich, quando diz que todos os seres são *núcleos de energia focalizados em constante movimento de vórtex.* A energia orgone livre de massa *constitui* a mente e o corpo de um ser, *circula* nesse *sistema individuado* através de correntes plasmáticas e "a motilidade interna se nutre de energia orgone [cósmica] pulsando como uma onda, presa em um 'saco' membranoso" (Reich, 2003 [1951], p. 234). Ou seja, são as correntes de energia cósmica ou orgonótica que formam todos os seres e as coisas e são as mesmas correntes que concedem a eles ímpetos e propulsões evolutivas. Explorarei esse assunto quando tratarmos da "consciência vortexial". Por ora, continuaremos explorando o que significa "desejar em ato".

2.4 O desejo é um arbítrio parcial determinado por regras e necessidades

A *decisão*, o *querer*, o *ímpeto* constitui o esforço ou a tendência do movimento para aquilo que se quer incorporar, percebido como bom ou o movimento para se afastar daquilo que se considere como danoso. Isso é *desejo* para Spinoza. Os termos *querer* e *decisão*, os quais utilizarei amplamente neste trabalho, podem se confundir com os termos "vontade" ou "volição" *livres*, cabendo diferenciá-los.

A variação da utilização do termo *desejo* por Spinoza e por Hobbes é que no ideário do primeiro, cuja concepção nos é mais próxima, "o esforço [...] nada mais é do que a essência verdadeira da coisa em questão" (Spinoza, 2007, *Ética* III, Prop. 7), ou seja, *a essência de um corpo equivale à equação de seus movimentos internos*; o esforço, o *conatus*, é a essência atual

de uma unidade corpomental. E *para Hobbes, esse movimento desejante depende de uma realidade externa*, ele não existe sem que algo seja percebido e nomeado. Conforme entende, os seres se moveriam *para* um fim predefinido, se mobilizariam *para* alcançar um resultado, como se houvesse um ser livre de movimento aqui e, por uma vontade absoluta e livre, ele quereria ou desejaria ir para lá. Isso é *teleologia*, que seria dizer que tudo evolui para um fim, propósito ou para uma concepção moral de ideais predeterminados. O pensamento de Reich e de Spinoza são *não* teleológicos. Eles consideram a *necessidade* do movimento, a cada momento, em cada situação específica, pois o movimento desejante somente assume um *vetor* ou *propósito* em função de como o ser seja afetado do exterior.

O conceito de *vontade ou volição livre* se refere à ideia de que, em um determinado espaço e tempo, um ser é absolutamente livre para desejar ou querer qualquer coisa ou objeto de interesse desde que esses já *existam* e sejam *possíveis de escolhas*. As possibilidades já existiriam previamente e caberia ao ser racional escolher, *dentre elas*, sabiamente a que fosse melhor para si. Essa é a concepção de Hobbes[101]. Aqui o desejo é separado do ato. Um ser pode *querer* algo porque sua mente é livre, então se ele deseja, ele pode aplicar esforço e se mover para aquele fim, mas pode também desejar o inverso, desejar nada fazer e não se esforçar, pois ele *não é dependente de nada para querer*. O principal nessa concepção é que *corpo e mente estão separados*. A *vontade livre* é dizer: "eu quero torta" e isso ser narrado na própria imaginação ou enunciado a alguém *como verdade*. Não se considera o que o corpo fez ou como o corpo se *movimentou* para que essa frase fosse dita.

O que Spinoza e Reich vão dizer é que se uma pessoa diz: "eu quero torta", essa frase somente pode ser dita, como verdade, se houve um movimento do corpo *na direção desse devir chamado torta* e somente assim a frase enuncia o que foi referido, simultaneamente, à mente e ao corpo. É por isso que Spinoza, na *Ética* II, Proposição 48, afirma que a mente não tem nenhuma vontade absoluta e livre sobre o corpo, nem para escolher dentre múltiplos possíveis previamente existentes. O *ímpeto* da mente e o *ímpeto* do corpo *ocorrem juntos* porque o *vetor* que é o querer da mente (sensação) e o querer do corpo (fluxo plasmático) é *o mesmo*. Dizer que há um "querer livre" é dizer que a mente *quer*, mas o corpo *não está implicado*, então isso é somente uma ficção imaginativa, não é *querer*. A diferença entre o "querer livre" e o "querer condicionado pela necessidade atual do corpo" é a medida entre a ficção, o autoengano e a

[101] Em certo sentido, também é a concepção de Freud, quando separa o desejo de seu objeto. Um elemento (ou *coisa*, como dirá Ingold, 2012) ambiental quando é percebido como separado e reificado torna-se um objeto. Ele apenas *parece* algo que existe *em si*, sem nenhuma dependência causal, mas essa formatação perceptual é apenas uma extensão do próprio observador. Klein (1996) buscou tornar mais imanente a noção freudiana de "objeto" ao desenvolver o conceito de "uma relação de objeto parcial" (p. 306).

mentira, e a verdade. Já a *decisão* também não é livre, *ela diz respeito à estratégia de ação posta em prática pelo conatus*, a partir do "querer condicionado pela necessidade atual do corpo". A lógica assim seria: "Qual é a sua necessidade?/ Comer um doce." "O que você quer?/ Uma torta." "O que você decide fazer?/ Ir atrás da torta." Por mais simplória que pareça essa sequência, ela é a base da causalidade verdadeira das ações. A ação final não é livre, ela é sempre dependente da necessidade que a gerou, que é o mesmo que dizer que "ninguém faz o que quer livremente, as pessoas fazem o que precisam". Saber *por que* se *precisa* de algo é um dos questionamentos mais potentes possíveis de serem feitos.

Para Spinoza, todos os seres *são conatus*. Dizer que "são" significa que eles não se esforçam porque dependam de alguma construção externa, seja ela perceptual ou material, pois não há necessidade de que algo esteja previamente construído para que se esforcem. No entanto, como estão sempre em um *espaço contingente*, podem esforçar-se *numa direção*, por isso, *num vetor, numa catexia*, se assim esse espaço lhes gerar uma necessidade em um determinado momento.

Cabe aqui uma pequena diferenciação entre os termos *desejo* e *apetite* tal como usados por Spinoza. Com isso, também quero diferenciá-los dos termos *intento* e *intenção*, que usarei neste trabalho. Como o filósofo explica: "entre apetite e desejo não há nenhuma diferença, excetuando-se que, comumente, refere-se o desejo aos homens à medida que estão conscientes de seu apetite" (Spinoza, 2007, p. 177). Isso nos abre a possibilidade de considerar o "desejo" como existente em seres *não humanos*, no entanto, sem que tenham *consciência reflexiva* sobre seus próprios desejos. No *apetite*, o ser *sente* seu ímpeto e busca, porque seu *plasma corporal se move*, no entanto, não pode discursar sobre isso. No *desejo*, o humano *pode saber que sente* um ímpeto e uma busca. Ele pode *ignorar* esse movimento que ocorre em seu interior ou pode *observá-lo, isto é, colocar atenção sobre ele*.

Já neste trabalho, chamarei de "intento ou intenção": 1) o querer com a clareza do propósito (ainda que essa clareza *esteja* inconsciente); 2) o desejo pelo ponto de vista da *necessidade e do esforço para suprir* essa necessidade ou buscar *satisfazer* essa necessidade; e 3) o conjunto de catexias *aplicadas* pela consciência *(direcionamento energético)* para produzir um *efeito*. *Intentar* é um *ato de focalização ou de concentração.* Apetite, desejo e intenção são todos sinônimos pois são *conatus*, esforços estratégicos de perseverança na existência. Como explicado, todos eles são *situacionais*, por isso de uma *ação* pode ser extraída uma *causalidade afetiva* e não há aleatoriedade.

De outra maneira, podemos dizer que *a intenção é o desejo em ato da consciência*. No latim, tanto a palavra *intentio* (intenção), derivada do verbo *intendere* (dirigir-se a algo,

visar, focalizar), quanto as palavras *tensio* e *tensionis* (tensão ou esforço), derivadas do verbo *tendere* (estender, tensionar, esticar) possuem relação direta com os conceitos de *conatus*, *momento (momentum) e catexia*. A intenção é um movimento propulsivo na mente gerado por uma necessidade e um objetivo. No entanto, tal movimento propulsivo, por ser energético-virtual, não ocorre apenas na mente, mas no corpo igualmente, dado que a intenção determina uma propulsão de catexias elétricas no corpo. Quando um ente vivente, humano ou não, intenciona algo, ele gera correntes de tensão centrípeta para aquele local intencionado.

Aqui há um pequeno experimento que pode facilmente ser feito neste mesmo lugar onde você está lendo este texto. O experimento é o seguinte: relaxe o corpo e a mente, erga uma de suas mãos na altura de seus olhos, com a palma virada para seu rosto. Observe o centro da palma de sua mão e apenas *deseje ou intencione* concentrar energia ou presença no centro de sua mão. Mantenha essa concentração e focalização, com esse desejo, por alguns segundos. Observe se começará a sentir o centro da palma de sua mão levantada *formigar*, *aquecer e/ou pesar*. Em caso positivo, apenas relaxe e mantenha essa intenção de concentrar energia ou dirigir sua presença para esse lugar. É possível que você sinta essas sensações corporais aumentarem gradativamente.

Esse experimento nos dará uma clareza no entendimento: 1) do que é "concentração de excitações corporais" (ou convecção energética); 2) do que é *ativação corporal* (como Genovino Ferri[102] chama os *actings* da Vegetoterapia de Reich, Raknes, Navarro e outros pesquisadores pós-reichianos), que também é responsável pelo efeito de *ativação do "carrossel"* que são nossas memórias quadridimensionais corpomentais gravadas no plasma da consciência; 3) do que é o balanceamento expansivo (calorífico) que é gerado quando uma pressão concentrativa é aplicada em um ponto; e 4) do que se trata o conceito de "gravidade" ou "gravitação" no pensamento de Reich, quando tratarmos de uma cosmogonia baseada no orgone (cf. Reich, 2003 [1951], A Superposição Cósmica, ou uma cosmologia do Universo Elétrico no capítulo 3, seção 3.3 desta tese).

Intentio (intenção) e *in tensione* (em tensão) são termos intimamente ligados, pois apresentam o mesmo princípio de funcionamento comum que é a *convecção catéxica ou convecção elétrica*, conceitos nos quais nos aprofundaremos nos capítulos seguintes. Como

[102] Cf. Ferri (2022). Como expôs o autor: "Dentro de um projeto dirigido e sustentável, uma *ativação corporal* apropriada [*actings* da Vegetoterapia] pode mover os neurotransmissores que representam a história daquele apartamento no tempo e reequilibrar aquela 'mente de traço'" (p. 10, grifos nossos). Adiante, descreveu uma conversa entre o analista e uma pessoa que havia feito um *acting*, uma ativação corporal em terapia: "Analisada: Tive a tendência de ficar em apneia, as minhas pernas tremeram, estava alarmada, senti um forte calor, como em todas as vezes que esse *acting* me foi proposto. [...] Ferri (comenta): A sua reação de alarme nos indica a delicadeza da *ativação*" (Ferri, 2022, p. 39, nossos).

intenção também é um pensamento, é certo que ocorram em nós muitas e muitas intenções inconscientes. Existem muitas partes de nós (que são "imagens corporais", como dissemos, ou "consciências aprisionadas") que expressam intenções um tanto diferentes daquelas que julgamos ser as nossas intenções verdadeiras que pretendem governar o nosso tempo-espaço ao qual podemos chamar "aqui e agora". Essas intenções são *desejos, destinos* e também *tensões elétricas aplicadas*. Por isso, sabermos sobre nossas intenções *é também sabermos por que estamos aplicando tensão.* Se geramos e carregamos tensões em demasia, *temos a intenção de gerar o quê?* Não se gera nada na natureza sem que algum tipo de pressão e tensão sejam aplicadas e, consequentemente, *carga*. Da mesma maneira, não se dissolve nada na natureza se distensão ou despressurização não forem aplicadas, portanto, *descarga*. Enquanto a tensão gera, contrai e carrega, a distensão ou relaxamento dissolve, solta e descarrega.

Ainda que os termos *desejo* e *conatus* estejam intimamente relacionados, o *conatus* é um esforço sem objeto e o *desejo* é a tentativa simultânea da mente e do corpo de efetuar encontros. Colocarei aqui a diferença entre esses dois termos, a partir do que compreendo do pensamento de Reich, de Spinoza, de Bergson e de Deleuze. A meu ver, o *conatus* são as correntes cósmicas que existem no interior de um ser e o perpassam gerando movimento e impulso. É porque o *conatus* é uma força cósmica movente, absolutamente neguentrópica, absolutamente anárquica que vai buscar soluções onde encontre barreiras para que siga persistindo e fluindo, que os seres não são fixos e nem imutáveis. Estão sempre se movendo e isso não significa que se movam espacialmente, de um ponto a outro, eles se movem *internamente*, mudam de estado, mudam de forma, no entanto, mantêm um esforço de coesão.

Essa mudança interna foi chamada pelos "filósofos do processo" de *devir*[103] e por Reich de *motilidade plasmática*. É como a energia se movimenta dentro: desde um *fulcro* em um ser, ao longo desse ser e projetada por ele. O *fulcro* é o início do ímpeto, dada uma necessidade. A partir dele, como veremos a seguir, ocorre um fluxo energético espiralado que *reatualiza ou muda a forma* do ser. A diferença é que, em Deleuze, isso é pensado no "eixo estético" da *narrativa*, com ou sem palavras, e em Reich, é pensado no "eixo do orgasmo", das convulsões e do *deslocamento de cargas* em formas de ondas pelo corpo. Não há diferença de natureza, há diferença apenas no escopo em que o *signo* será visto, pois *informação e excitação* são aspectos da mesma expressão.

[103] O termo *devir* indica as mudanças pelas quais as coisas passam. Um estado de forma atual se deve a uma série de processos históricos de diferenciação e separação, de emergência e evanescência, de fluxo e mutabilidade. *Como um potencial devém (torna-se) uma forma* é o processo de atualização do devir. Os registros desse conceito se iniciam na filosofia de Heráclito de Éfeso (séc. VI a.C.) e posteriormente, outros "filósofos do processo" o utilizaram, como Aristóteles, Hegel, Nietzsche, Deleuze e Guattari.

O *desejo* é a expressão do impulso, da propulsão interna do *conatus* em relação ao que o ser precisa e quer. Por isso o *desejo* é o vetor do *conatus*, é o ímpeto, é o *momentum.* O desejo é a expressão e a demonstração da resolutiva interna do *conatus* de um ser, a partir do somatório de todos os "quereres" que constituem sua caracterialidade. Dentro do que ele vive internamente e conectado ao que vive externamente ele se *propulsiona* de maneiras diferentes. Em termos da linguagem da biofísica orgônica, o ser *desloca* energia, desloca cargas elétricas dentro de si e para fora de si para as direções e os espaços que necessita, a fim de perseverar, seja para *resistir* a ser dissipado ou destruído, seja para buscar *se unir e fundir* com aquilo que lhe aumentará a energia e a complexidade.

O nome dado por Reich a essa *regulação das catexias energéticas* foi "economia sexual" porque *a energia do querer*, do *desejar*, no sentido do desejo de Spinoza, *é a mesma energia sexual*[104]. Ela funciona no sexo e na genitalidade e para além de ambos. Por isso, o *desejo* é o *como* da expressão da energia, *como* o ser expressa seu *conatus*, seu esforço em perseverar na existência. Por essa razão, também poderíamos pensar na *análise do caráter* como a "análise do desejo" ou a "análise do querer". O caráter de um ser é seu modo de perseverar, seu modo de desejar, seu modo de sentir e pensar o que convém a ele e o que não convém e atuar de acordo com esse modo. O fulcro da ação caracterial é um *querer*. Querer não é uma idealização, é uma propulsão que ocorre no corpo e na mente, determinada pela "*soma total funcional de todas as experiências passadas*" (Reich, 1988, p. 129, grifos do autor[105]).

O querer ocorre *no presente* e um comportamento é um desejar, em ato. Desse modo, Reich também afirma:

> Já, antes disso, uma questão semelhante pedia uma resposta: como se preserva *no presente* a experiência histórica, infantil? Os dados clínicos revelaram que [a] experiência não ficava como um tipo de depósito no inconsciente e, sim, **era absorvida no caráter e se expressava essencialmente como modos formais do comportamento**. E destes modos de comportamento é possível extrair o conteúdo de experiências passadas (Reich, 1998 [1933], p. 283, grifos do autor em itálico, grifos nossos em negrito).

[104] Nas palavras de Reich: "O processo sexual, i.e., o processo expansivo do prazer biológico, é o processo vital produtivo *per se*" (1988, p. 18, grifo do autor).

[105] Nesse mesmo capítulo do livro *A função do orgasmo* (1988 [1942]), na página 128, sob os títulos: "Diagrama que mostra a unidade funcional antitética de instinto e defesa" e "O mesmo diagrama ilustrando os impulsos específicos", Reich demonstra o funcionamento das *catexias* na forma de diagramas com setas e também como as catexias se dirigem a "quereres" contraditórios dentro do corpo. Cada seta é a expressão de um desejo, um querer. Na página 251 também é possível observar os mesmos vetores das catexias na forma de setas, dessa vez "*o fluxo de plasma na ameba, na expansão e na contração*". O "querer" de uma ameba nada mais é do que a catexia que a propulsiona na direção do objeto desejado (expansão e movimento) ou a catexia que a encerra em si mesma (contração e imobilidade). Essas direções dos vetores do "querer" são linhas gerais, porque o movimento precisa ser autorregulado, entre estabilizar e avançar, entre contrair e expandir.

2.5 O desejo em ato é uma propulsão do corpo

Há algumas considerações que preciso fazer em relação ao "ser que quer", o que é esse "ser" que quer. Em *Ética* IV, Prop. 21, Spinoza diz: "Ninguém pode desejar ser feliz, agir e viver bem sem, ao mesmo tempo, desejar ser, agir e viver, isto é, *existir em ato*" (2007, p. 291, grifos nossos). Se o desejo existe sem que exista em ato, isto é, sem que haja correntes de excitação se movendo pelo corpo em tempo atual, esse desejo é meramente especulativo, é uma ficção. Ele pode existir em um âmbito verbal, como um conceito abstrato, mas não é imbuído de uma catexia que o torne funcional. Isso porque quando o desejo acontece imbuído de catexia, isto é, em ato, esse desejo é o próprio ser. Esse desejo é sua essência atual (seu *conatus*) e o ser é aquilo que deseja.

Essa operação de desejar e ser em ato não é possível sem que ocorra um *deslocamento* energético e uma *aglutinação* energética. Quando Reich fala de motilidade bioelétrica do plasma, isso implica o sistema vivente e a unidade funcional corpomental como um todo. Então, "desejar em ato" significa a *motilidade das correntes energéticas* no corpo e na mente, no aqui e agora. Esse *desejo energético* "motiliza[106]" as correntes que, *simultaneamente*, poderão mover grupos de tecidos e substâncias específicos no corpo e determinar sequências de pensamentos específicos na mente. As correntes energéticas são aportadas, distribuídas e organizadas em maior ou menor quantidade no sistema econômico-energético do corpo, de acordo com *o intento, isto é, a necessidade e o propósito.*

Isso significa que, na clínica, quando nos deparamos com uma *somatização*, como algum tipo de inflamação aguda ou crônica *sustentada pelo corpo*, *dentro* dessa somatização há uma necessidade e um propósito, pois a inflamação é resultado de uma *concentração de catexias e retenção dessas catexias.* O mesmo ocorre em um *comportamento neurótico ou reativo*: um conjunto de necessidades gera uma convergência de catexias para gerar um efeito que o ser entende como *necessário para sua perseverança*. Uma das chaves clínicas deixadas por Reich está em *podermos fazer contato (intuitivo, sensorial) com as catexias e autoperceber quais são as suas necessidades e a sua história*. Uma das indicações é *sentir o sentimento* que há dentro da somatização ou reação defensiva.

As correntes energéticas *aportam* quantidade de movimento e qualidade de movimento pelo corpo e pela mente. Elas poderão ser *retidas* ou *postas em fluxo*, de acordo com a *necessidade* de perseverar a partir dos encontros que o ser faz e de acordo com o que ele

[106] Coloco entre aspas, porque o próprio desejo já é as correntes em movimento, em ato.

quer / *deseja* / *precisa investir* para perseverar. Como o que o ser investe são catexias, *são correntes energéticas*, quando elas são dirigidas e sustentadas para um *mesmo efeito e mesmo propósito*, essas correntes se aglutinam e constroem formas. Formas de comportamento, formas de pensamento, formas de corpo, formas estéticas, formas narrativas, formas discursivas, formas dos espaços políticos, enfim, todas as formas *são estratégias de perseverança moldadas pelo conatus*. As formas são sempre temporais (fluxo) e espaciais (estrutura). Uma forma nada mais é do que um investimento energético estabilizado.

Da mesma maneira, quando um ser, que *é desejo*, gera algo, o que ele gera é também uma expressão de sua atividade desejante. É o seu *intento reproduzido* naquela forma, moldado naqueles materiais. Se, por exemplo, eu crio algo, crio uma forma, *não há como essa forma não ser uma parte reproduzida do meu próprio conatus*. Isso significa que a *forma do meu comportamento* é um investimento do meu *conatus* e qualquer forma que eu crie externa ao meu corpo, a partir da minha inteligência, *tem uma parte do meu próprio conatus que foi reproduzida ou sequenciada nessa forma*. Esses conceitos nos permitem localizar a psicologia dentro da física e da biofísica e, certamente, como demonstraram Spinoza e Reich, têm importantes consequências para a política. Como disse, nada do que é produzido pelo *conatus* é aleatório, mas tudo o que é determinado a existir é determinado por necessidade. Isso significa que "nada é do nada", nenhum pensamento ocorre "do nada", nenhuma vontade, ação, ímpeto ocorrem "do nada". Tudo tem causalidade, necessidade e perseverança.

É por isso que os *analistas institucionais* vão, primeiramente, avaliar um espaço institucional não apenas em função das narrativas verbais apresentadas pelos agentes, mas, sobretudo, *pela disposição dos elementos formais* que compõem o *espaço institucional*. A arquitetura, o formato das portas, das salas, a utilidade dos dispositivos, a forma de agir e pensar dos agentes, as práticas burocráticas etc., todas essas *disposições foram organizadas em função de um esforço de perseverança, de um conatus*. O *conatus* do sistema institucional, *suas lógicas formais e decisões de como perseverar naquele sistema*, também é expressão de *conatus coletivos dos agentes e idealizadores que geram e re-geram essas formas em si mesmos e nos espaços projetados por eles*. O mesmo pode ser dito dos *analistas caracteriais*, analistas reichianos. Enquanto na psicanálise lacaniana a análise do discurso lógico, semântico e simbólico é priorizada[107], na análise reichiana é a disposição das formas de se comunicar, tensionar e relaxar, porque elas demonstram as *resolutivas internas de perseverança que a*

[107] Na psicanálise freudiana isso ocorre parcialmente. Já nas psicanálises inglesas, como em Winnicott, Klein e outras, não há uma priorização do simbólico, contudo, é apenas em Reich que o corpo formal e não verbal passa a ser sistematicamente explorado.

pessoa carrega em si e sustenta até hoje. Na análise reichiana são os aspectos formais que indicam *a lógica do esforço* e, a partir daí, *os propósitos desses esforços* e que *tipos de adoecimentos e aberturas eles geram*. É claro que, em ambos os casos, *o desejo de manter uma forma* é a expressão de processos históricos (de dureza e impotência, flexibilidade ou potência) vividos pelas pessoas.

2.6 O desejo atualiza a forma do devir desejado

O que um ser *necessita* em um determinado momento para perseverar, ele automaticamente *busca* isso, o que não significa que ele vá atrás de algo que preexista, mas ele passa a *gerar* algo que necessita, virtualmente, livre de massa, numa realidade não material. Esse ponto é extremamente importante. O que um ser *quer* é o que ele *constrói/desconstrói* por meio da *condução energética de catexias*. É como uma pessoa desejar um objeto porque *precisa dele*, mas esse objeto não existe, *ainda.* Digo *ainda*, porque não existe de maneira atual, como uma aglutinação de elementos materiais que lhe dão *forma material*. No entanto, *ao desejar*, esse objeto existe de maneira potencial, *virtual*, porque o desejo já tem *a forma dessa necessidade*. O desejo gerador é uma (in)formação energética.

Na terapia, isso é muito importante. Uma das primeiras coisas que podemos fazer, no contrato inicial de trabalho terapêutico, é perguntar à pessoa: "qual é o motivo de você procurar terapia?" e "o que você gostaria de alcançar ou modificar com o processo terapêutico?". Essas perguntas são úteis porque são a *bússola inicial do que ela necessita*, a partir de seu cerne, a partir do tempo/espaço dentro de si que *busca liberdade*. A pessoa pode dizer: "sou muito ansiosa, me irrito com a minha filha, sinto ela se afastando de mim, quero encontrar uma forma para que a gente se aproxime". Talvez algumas conversas sejam necessárias para que a pessoa chegue a essa clareza do que ela *quer*, nem que seja inicialmente, *em uma direção de irradiação e de soltura através da qual deseje perseverar.*

No momento em que ocorre essa *clareza*, isso significa que a pessoa *deseja* que essa *forma se atualize*. A *forma desejada*, que seria "eu me aproximar da minha filha", é uma forma que é um *tempo* e um *espaço* dentro da mente dela e é um tempo e um espaço em seu *corpo, que já existem em ato* (tal como em *Ética* IV, Prop. 21). Essa forma desejada é seu *conatus*. Ela é potência porque parte de um desejo de liberdade que já é sua própria condição de existência. Essa forma existe como uma *realidade virtual e imanente*, ainda que não material. Ela é uma aglutinação de catexias energéticas que ocorrem no corpo e na mente. E aqui está a chave: *se há nela o desejo de perseverar nessa forma, com essa forma e a partir dessa forma* (porque o

"destino" é um devir que é ela mesma) e ela *mantém* esse desejo como sua *bússola*, como a guia do devir, o qual deseja, *seu conatus se esforçará em selecionar e buscar os meios para atualizar esse devir* que existe. *Sua existência é uma estratégia, um engenho e uma diagramação em um plano virtual moldados por meio das catexias atuais de seu corpo e sua mente*. É porque ela *deseja*, que se esforçará em convocar para si os elementos externos que necessita, os arranjos, os vetores de outras forças. Isso *não é feito por meio de uma "vontade livre"*, nem porque comanda sua mente a buscar o que melhor *idealiza*. Isso é feito porque *aporta continuamente investimentos, no aqui e agora, em sustentar essa forma, que é o "estado" que PRECISA tornar-se. Tornar-se de maneira material atual*. Quem realiza essa convocação, essa busca e seleção é seu *conatus*.

Ele *é* essa pessoa e é diferente dela, ao mesmo tempo. Essa pessoa e seu *conatus mantêm uma relação de parceria*, porque quando ela é capaz de *observar* o que *quer em ato (suas catexias: sua motilidade corporal e o surgimento de ideias em sua mente)*, significa que há uma distância entre o que pensa e seu ímpeto, então, é *como se houvesse duas entidades atuando, duas entidades desejando e se esforçando*, e, ao mesmo tempo, são apenas *uma*. É semelhante quando a mente (e corpo) de uma pessoa *quer(em)* uma coisa, racionalmente e verdadeiramente, e, ao mesmo tempo, ela *nota* ímpetos de seu próprio corpo e mente *querendo* outra coisa também, verdadeiramente, mas não racionalmente, isto é, sem razões que ela compreenda. Demonstrarei por que é útil considerar *o conatus como uma entidade autônoma que habita um humano e é ele, ao mesmo tempo*. Ambos são como uma espécie de *joint venture*[108], uma "aventura compartilhada". É uma relação entre "desejar algo" e "fazer um pedido a alguém", em que ambos vêm a ser a mesma coisa. Por ora, digo que *o desejo que arquiteta, que molda a forma do devir desejado e o desejo que encontra caminhos não lineares, que busca recursos para atualizar o desejado SÃO O MESMO DESEJO*, mas se comportam de maneiras diferentes. Um é espaço (estrutura, diagramação, forma) e outro, um tempo movente que atualiza esse espaço (fluxo, estratégia/inteligência, caos).

Como no caso da pessoa que estava em terapia, no exemplo anterior, *não é necessário saber antecipadamente como os recursos, elementos ou vetores necessários serão obtidos, encontrados ou agrupados, para que, então, ela possa se colocar a buscar e concretizar*. Não

[108] *Joint venture* é um termo corporativo que significa "união com risco" ou "empreendimento conjunto". "Ela, de fato, refere-se a um tipo de associação em que duas entidades se juntam para tirar proveito de alguma atividade, por um tempo limitado, sem que cada uma delas perca a identidade própria. Por essa definição, qualquer sociedade, mesmo envolvendo pessoas físicas, poderia ser classificada como *joint venture*. Porém, a expressão se tornou mais conhecida para definir a associação entre duas empresas" (Wolffenbüttel, 2006).

se trata disso em absoluto. Isso seria cair na concepção hobbesiana de desejo: "escolhe-se o melhor dentre as possibilidades previamente disponíveis". *O conatus gera possibilidades ao desejar.* Uma pessoa ao *querer* "sem saber como obter", *gera,* em ato, *o projeto ou o desenho da "planta baixa virtual*[109]*" ou "projeto arquitetônico" do devir desejado.* Essa *geração* é o próprio *conatus* da pessoa em uma *formatação virtual de um devir, um estado de forma.* Esse estado, que é sempre um metaestado, é a sustentação de um *molde virtual dimensional* que é conduzido e ordenado pelas catexias elétricas que são o desejo.

Poder-se-ia dizer que esse estado é apenas *imaginado* e, portanto, fictício. No entanto, vimos que a *ficção* se distingue da verdade e de uma realidade verdadeira pela existência das catexias que ocorrem no aqui e agora. A ficção é uma quimera que existe apenas em uma realidade verbal, quando o que é informado não corresponde ao que é sentido ou experienciado como causalidade. Quando o que é enunciado ou imaginado tem *a mesma disposição vetorial, em termos de narrativa e excitação, da energia que é deslocada ("motilizada") no corpo na forma de correntes plasmáticas: o que é imaginado possui existência real no corpo e na mente.* A motilidade plasmática não ocorre a menos que a pessoa *queira*, isto é, deseje em ato. Esse desejo pode ocorrer de forma *fugaz*, isto é, podem ser destinadas catexias a ele, para algum desejo temporal breve e específico, como uma *necessidade passageira*, ou pode ocorrer de forma *sustentada* e catexias podem ser *conduzidas continuamente*, a fim de manter um desejo temporal duradouro e também específico, como uma necessidade *perene e inexorável*. Não afirmo que existam realidades ou desejos perenes em si, portanto *imutáveis* na natureza, mas que a realidade construída e o desejo elétrico sustentado possam ser tão perenes *quanto a necessidade de que existam nessa forma e nesse molde seja perene*.

Alguém talvez nesse momento pudesse perguntar: "se eu gerar um cavalo alado em minha mente e realmente o desejar, isso significa que ele passará a existir?", ao que poderia ser respondido: "sim, porque sua existência não se inicia em uma materialidade já constituída por formas densas e elementos previamente agregados, mas se inicia por meio da agregação de

[109] Em arquitetura, uma *planta baixa* é um desenho técnico em escala que representa a vista superior de uma estrutura, como se fosse vista de cima. Em inglês, o termo é *blueprint*. O desenho é feito a partir de um corte imaginário a cerca de 1,50 m do piso, o que permite incluir as aberturas de portas e janelas. A planta baixa é essencial em projetos arquitetônicos e de design de interiores, pois mostra como os cômodos estão interligados e a disposição dos móveis e outros elementos. A planta baixa é utilizada por arquitetos e construtores na visualização e planejamento do espaço, *como forma prévia à construção material do espaço*. Nesse trabalho, utilizaremos a ideia de uma planta baixa virtual para designar uma forma elétrica dimensional, de densidades variáveis, que serve de *molde ou forma* para uma atualização *em curso*. No momento em que é *gerada*, passa a ter efeito de existência *em atualização*, o que significa que não é uma planta para uso futuro, pois sua existência é uma geração em ato.

catexias elétricas formatadas por um desejo determinado por uma necessidade. A forma dessas catexias, isto é, o que elas formaram tanto como estrutura virtual, quanto como ímpeto temporal, pode *dissolver-se* rapidamente e irradiar na forma de um caos desformatado, ou pode manter-se *condensada* conforme a *necessidade* que gerou sua formação persista". Decerto, quando tratamos de *catexias energéticas* elas apenas existem como *movimento*, portanto, como aduziu Reich, são *correntes energéticas* que *pulsam o corpo* e se deslocam ao longo do plasma corporal. Elas ocorrem em movimentos centrípetos (para dentro) e centrífugos (para fora), alternados, o que denominou como *correntes* ou *ondas senoidais plasmáticas*[110].

O pulso é o desejo que é reproduzido pelas partes do corpo, em contrações e relaxamentos rítmicos, em uma direção ou desejo vetorial, para que gere um efeito necessário. Sob essa ótica também, não podemos falar realmente de *criação*, pois nada se cria, nenhuma substância ou elemento novos são criados, porque há apenas *uma* substância na natureza. No entanto, o desejo *molda* ou *formata* a própria substância para que "crie", ou melhor, *gere* as condições de atendimento das necessidades da consciência que *deseja*. Essa "criação", que é uma *geração*[111], é *conatus*. Sempre que falarmos em "espaço" ou "estrutura" isso significa apenas *ímpeto* ou *tempo* lentificados, estabilizados. Quando falarmos em "tempo" ou "fluxo" isso visa apenas a nos referirmos a um ímpeto movente ou um tempo corrente, em ondas rápidas, instáveis. Catexia é duração temporal e ímpeto, isto é, *conatus* e desejo, movidos e direcionados pela *necessidade* de uma consciência.

Em nosso exemplo do cavalo alado, a respeito da *duração da realidade de sua existência*, seria interessante, para um entendimento mais aprofundado, a devolutiva de outra pergunta: "E qual seria o propósito do seu desejo de existência de um cavalo alado?". Se pudermos considerar que, em sua resposta, a pessoa não criou uma quimera, uma narrativa fictícia ou um engodo, ela precisou *se consultar internamente sobre a causalidade de sua necessidade.* Apenas *se* o *conatus* dela *permitir* que essa clareza seja obtida, desde que *não crie catexias opostas* que possam *prevenir* esse entendimento, a pessoa poderia dizer exatamente aquilo que é a sua necessidade: "porque sinto falta da minha infância e ter um cavalo alado

[110] De acordo com Reich: "É este caráter dinâmico da energia orgone que fundamenta o *funcionalismo* de todos os fenômenos conhecidos de orgone; isto é verdade mesmo para as manifestações mecânicas, como a onda senoidal ou a queda livre. Portanto, movimento, dinâmica, funcionalismo e mutabilidade se constituem em qualidades específicas, isto é, inseparáveis da energia orgone cósmica" (2003 [1951], p. 161, grifo do autor).

[111] Durante a tese, tenho a preferência de utilizar os termos "gerar" e "geração" em lugar de "criar" ou "criação", já que me remeto constantemente ao papel do *conatus* como desejo e convecção inteligente de linhas de força ou correntes elétricas. Como o *conatus* é impulso, ímpeto e *momentum*, ele apenas pode *gerar* formas e fenômenos, por convecção ou confluência, mas não "criá-los". Mesmo se pensássemos na "criação" como ideia original de uma mente, que pode ou não ser atualizada no mundo material, essa ideia sempre "inter-é", ela sempre surge da confluência de nexos anteriores, não surge "do nada" – tal como explicitei no conceito de "interser" de Thich Nhat Hanh (2014) na Introdução.

comigo me remonta a momentos bons que vivi e não os tenho mais", ou "porque quero escrever um conto e quero que as pessoas se transportem para esse mundo que criei".

A partir de uma necessidade, o movimento da catexia se inicia pela *formatação estabilizada da energia pelo conatus*. O correto seria dizer "pelo *conatus*, para o *conatus* e sendo o *conatus*", porque a consciência, que é *conatus*, direciona a catexia para o propósito do próprio *conatus*. Isso gera uma forma dimensional (isto é, temporal, pois as arestas são catexias temporais) que passa a existir como desejo estruturado, porque tem uma forma, tem uma coesão. Essa forma não é um *desenho representável por uma imagem estática ou uma construção verbal*, porque se *move* de forma lenta, é movimento. Tampouco é um *objeto previamente existente* na mente que é deslocado pela pulsão psíquica, como disse Freud[112]. É um investimento prismático, uma forma movente, mas é uma forma. Um "conteúdo" psíquico – mais do que um "objeto" definido, recortado, por um entendimento determinado – é uma forma espaçotemporal, é a forma de uma ou mais necessidades determinada por um fluxo de catexias. É a isso que chamei anteriormente de *molde virtual dimensional* porque é uma modelagem de realidade, dado um conjunto de necessidades. A necessidade já implica *um conjunto dimensional de propulsões* que serve como *guia* ao que se busca como necessário: obter/gerar/atualizar/chegar. Por isso, é a forma do devir, do *vir a ser*[113]. É a "planta baixa elétrica" virtual, que é origem e destino da necessidade.

2.7 A forma das catexias elétricas pensadas pela Teoria de Cordas e Mundos-brana

Talvez isso possa ser exemplificado, ao tomarmos como *analogia* a Teoria de Mundos-brana (*Braneworld theory*), proveniente da Teoria das Cordas (*String theory*), da física (cf. Strey, 2018). A Teoria das Cordas é uma das mais promissoras na física moderna, contudo,

[112] Na definição freudiana de pulsão e de libido, trata-se "da energia que circula entre as representações mentais", e as catexias são capazes de movê-las, trazendo-as à superfície da consciência. Essa definição é inadequada, segundo Reich, por ser parte da premissa da separação entre corpo e mente. Segundo Reich: "O método de pensamento de Freud essencialmente materialista, mas *dualista*; operava com dois tipos de impulsos que não tinham nenhuma ligação entre si em âmbitos profundos. Inicialmente, havia os 'instintos sexuais' e os 'instintos do ego'; depois, os 'instintos sexuais' e o 'instinto de morte'" (Reich, 1990, p. 7, grifo nosso). [Traduzido livremente do inglês: "Freud's method of thinking was essentially materialistic, but dualistic. It operated with two types of drive which had no connection in the depths. At first, there were the 'sexual instincts' and the 'ego instincts'; later there were the 'sexual instincts' and the 'death instinct'"]. A energia propulsora do organismo, a libido ou o orgon, ao mesmo tempo que é o princípio de funcionamento comum do corpo e da mente, *tanto* move-se no organismo *quanto* é organismo, ao se expressar como corpo e mente, como excitação corporal e sensação mental.

[113] Como explica Ehret, na filosofia de Platão, o "tornar-se" é "o mundo efêmero de constante mudança" (Ehret, 2023, p. 13). [Traduzido livremente do inglês: "the ephemeral world of constant change (Plato's 'Becoming')"].

não pode ser demonstrada por experimentos até o momento. Não é meu intuito entrar nos detalhes matemáticos dessa teoria, pois seriam vastos e minha formação não o permite. Tampouco quero afirmar que essas teorias *explicam* o que digo, por isso, as tomarei apenas como *analogias de visualização*, pois nos permitem gerar um raciocínio claro e análogo ao que tenho abordado e pretendo demonstrar.

Antes de apresentar essas duas teorias, gostaria de expor algumas vantagens que encontrei e porque as utilizarei amplamente daqui em diante. Boa parte deste trabalho está centrada em explicar e explorar o conceito de constructos virtuais prisionais, o que significa que são construções energéticas que não existem apenas como ideias na mente, mas também como resistências energéticas no corpo.

Se tomarmos um não dualismo, tal virtualidade dos constructos e objetos gerados na consciência ganha atualidade no corpo e na mente. Dito de outra maneira, tratamos de uma *mesma* estabilização e conservação energética no *plasma* da consciência que existe simultaneamente na extensão e no pensamento. Por isso, um bloqueio energético no "corpo" que causa um adoecimento somatopsicodinâmico é também um bloqueio energético na "mente" que causa o mesmo adoecimento; visto não por um ângulo fisiológico, mas por um ângulo de arquiteturas de pensamento e impulsos comportamentais. Um bloqueio ocorre na expressão e na regulação econômico-energética da consciência e se apresenta como uma *forma* dimensional retesada nela.

O bloqueio energético é *virtual*, no sentido bergsoniano, pois está vinculado à memória e à duração, como veremos. O plano virtual é um tempo indivisível, mas pode existir de maneira particular enquanto uma forma atualizada em âmbito virtual-energético, mas não ainda atualizada enquanto um comportamento específico ou uma retenção neuromuscular que caracterizaria um bloqueio neuromuscular. Quando uma forma (constructo/objeto) virtual é gerada e sustentada na consciência, passa a ser constantemente atualizada no corpo e na mente de maneira gradual e processual. Um bloqueio, por exemplo, serve de guia de atualização para entumecimentos, inflamações e depauperações do corpo fisiológico, como serve de guia de atualização para comportamentos impulsivos e reativos específicos. A forma virtual é uma formatação virtual de um esforço de perseverança (*conatus*) específico da consciência e sua existência/resistência significa uma constante atualização.

O virtual é o impensável, é um tempo pleno de possibilidades. Um molde virtual dimensional é uma estabilização constante de um espaço de redução de possibilidades. Contudo, o molde apenas não se dissolve e desaparece porque é alimentado por uma *convecção caótica não linear infinita*, que é o *conatus*. Isso significa que o molde virtual precisa ser

sustentado *energeticamente* por meio de um influxo constante. O molde é resultado de uma necessidade e um desejo, logo, existe uma instância infinita que é utilizada para atualizar constantemente o molde virtual e esse, por sua vez, atualiza o padrão desse molde em termos psíquicos e somáticos. Apenas adianto um pouco dos temas que tratarei a seguir.

Essa introdução é importante porque será necessário tratarmos da *natureza da energia do influxo* que molda em ato as formas dimensionais virtuais. Tudo o que Reich tratou a respeito da energia formadora do Cosmos, chamou de *sexual* em um primeiro momento, *bioelétrica* em um segundo e *orgônica* em um terceiro. Ela não é uma energia mecânica e "morta" mas uma energia viva dotada de inteligência, capaz de conferir às consciências capacidades de autorregulação, autopoiese e autogestão, dependendo do grau de cognição e agência com o qual uma consciência ou ente possa se expressar. Então faz sentido chamá-la de sexual, de bioelétrica, como também faz sentido chamá-la de *conatus* e outros nomes, como veremos. Ao final, Reich a chamou de orgone. Então, poderíamos dizer que a natureza de um constructo virtual é sexual, é bioelétrica, é *conatus*, é orgone.

Cada um desses termos implica um tipo de entendimento da natureza dessa energia, mas não torna claro *como ela é capaz de gerar superfícies dimensionais*. Por isso, mesmo que dissesse que todos têm o princípio de funcionamento comum de serem *ondas* e *vibrações*, como explicarei, conheci apenas uma teoria que pode explicar *como uma onda ou vibração pode gerar planos dimensionais* e essa é a Teoria das Cordas. Pode ser que estejamos tratando de "cordas" o tempo todo, ou "eletromagnetismo" e que *esses próprios termos estejam em evolução*, tal como historicamente o conceito de *força*, como explicou Jammer (2011) em seu livro *Conceitos de força*[114]. Isso importa porque se o orgone reichiano parece exibir os mesmos

[114] Durante a tese, utilizei o conceito de energia como "força", assim como "esforço". Algumas leituras também a nomeiam como "trabalho", como Reich mencionou em *A biopatia do câncer*: "*Energia é a capacidade de trabalhar*" (2009 [1948], grifos do autor). Creio que vale mencionar a leitura de Max Jammer, físico teórico e historiador da ciência, no livro *Conceitos de força: um estudo sobre os fundamentos da dinâmica* (Jammer, 2011). Para Jammer, o termo *força*, como sinônimo de energia, é uma noção fundamental na história da ciência, mas com significados variáveis ao longo do tempo, dependendo do contexto filosófico e científico. Por isso, analisa o termo não apenas como um conceito físico, mas como uma construção cultural e epistemológica que reflete mudanças no modo de pensar ciência e filosofia. Por exemplo, nos pré-socráticos, a *força* era um princípio que organizava a natureza e os sentimentos, tais como amor e ódio, que seriam forças cósmicas. Em Aristóteles, a *força* era o que gerava um movimento contrário à tendência natural de um objeto. Já na física clássica, para Newton, a *força* é definida quantitativamente como causa de mudança no estado de movimento (aceleração) de um corpo. Ao mesmo tempo, Newton, como alquimista, relacionava a *força* ao poder divino na organização do universo. Já na física moderna, com o surgimento da relatividade e da física quântica, o conceito de *força* passou a significar energia, momento (*momentum*) e campos de interação. Einstein, por exemplo, propôs que a força newtoniana fosse reinterpretada em termos de campos gravitacionais e curvatura do espaço-tempo. Por isso, Jammer demonstra que o conceito de força, apesar de ser uma noção central na física, é um conceito que continua sendo construído culturalmente, pois reflete os pressupostos filosóficos, teológicos e científicos de cada época. Creio que todos esses conceitos, inclusive o de "capacidade de trabalho"

princípios de funcionamento comum, ele terminou por tornar-se um termo-jargão confinado a nichos e contextos estritamente reichianos. O risco que corremos com isso é não atualizar o que Reich deixou como legado e nem estabelecer novos diálogos com teorias e técnicas inovadoras.

Apesar das vantagens que descrevi e minha opção em usá-la, vale dizer que a Teoria das Cordas é considerada atualmente por muitos físicos[115] apenas como uma "elegante solução matemática" dentro da proposta de unificar a mecânica quântica e a relatividade geral em uma mesma "teoria do tudo" (*ToE, Theory of Everything*). Talvez a principal dificuldade aqui seja a própria ideia de corda, não como vibração apenas, mas como um *objeto* (partícula) que vibra. O *gráviton*, por exemplo, seria uma partícula com um *spin* específico que, ao interagir com a matéria, curvaria o espaço. É claro que Reich não é um cosmólogo nem um físico, mas, a *gravidade* na cosmogonia reichiana (como veremos na seção 3.2) não seria resultado da curvatura do espaço, como descreve a relatividade, mas a *concentração de gradientes energéticos ou correntes energéticas*. Para uma melhor adequação, seria necessário retirar qualquer ideia de *partícula fundamental* da Teoria das Cordas e trabalhar apenas com o conceito de que tudo seria formado por *ondas*, sem nenhum tipo de objeto.

Dito isso, apresento a Teoria das Cordas e a de Mundos-brana.

No Modelo Padrão da física (a física "convencional"), as partículas – entendidas como os menores blocos de construção da matéria – são descritas como "pontos sem dimensão", com características diferentes. Já na Teoria das Cordas, são descritas como *pequenas cordas unidimensionais*, que podem estar abertas (imagine uma onda senoidal em movimento) ou fechadas em si mesmas (imagine a mesma onda fechada em si mesma, em uma forma). O enunciado básico dessa teoria explicita que os *quarks*, as "partículas fundamentais" que constituem toda a matéria, não são formas corpusculares, mas pequenas formas que vibram no espaço-tempo como "filamentos" de energia e se comportam como cordas vibrantes. Essas cordas possuem *tensão* e *comprimento*, de modo que a energia de uma corda seria sua tensão multiplicada pelo seu comprimento. Nesse modelo não há *diferentes tipos de partículas*, mas diferentes *emissões* de vibração de cordas às quais chamamos de "partículas".

---

podem significar "movimento centrípeto de compressão" ou apenas "compressão". Isto porque eles são o movimento e o efeito de *tensão-carga*, num espectro que abrange desde um movimento existente percebido como *virtual e sutil* (como a angústia emocional produzida por uma concentração elétrica e tensão mecânica no corpo), até um movimento existente percebido como *atual e denso*, material (como a pressão de um corpo físico sobre o outro).

[115] Como os físicos Lee Smolin (2006) e Sabine Hossenfelder (2018) quando criticam a obsessão da física moderna com teorias que são esteticamente belas e elegantes e que priorizam a elegância matemática em lugar da conexão com experimentos. Também os físicos Richard Feynman (1965; 2018 [1985]) e Carlo Rovelli (2013; 2017) expressaram reservas com teorias matemáticas "não testáveis" que não exibem evidências experimentais claras.

Essas cordas unidimensionais podem vibrar, como as cordas de um instrumento musical. Assim como uma "partícula", o som de cada nota não existe "em si", mas como uma expressão ou *estado de forma* de uma corda e sua emissão vibracional. As propriedades das "partículas" da física seriam, assim, flutuações vibracionais de uma corda fundamental, *abertas* ou *fechadas*. Cada "encarnação" dessas vibrações corresponde às partículas do Modelo Padrão da física. Carga, massa e energia que diferenciam as diferentes partículas subatômicas seriam apenas *estados vibracionais*. Como as cordas podem se *separar* e se *juntar*, isto é, se *condensar*, ou *desagregar*, isso determinaria o surgimento ou a destruição de partículas, como o decaimento radioativo. *Irradiar* seria a desagregação das cordas anteriormente agregadas. O parâmetro básico dessa teoria *é a tensão da corda, que basicamente é quanta energia uma corda tem por unidade de comprimento.* Muitos físicos criticam ou afirmam a beleza dessa teoria porque ela explicaria as quatro forças fundamentais da natureza (força nuclear forte, força nuclear fraca, força eletromagnética e força gravitacional), ao mesmo tempo, com o custo de um único parâmetro *desconhecido*, que seria a "tensão da corda"[116]. Para os críticos isso é compreendido mais como "arte matemática" do que "ciência observável", porque para *provar* a teoria seria necessário construir aparelhos muito maiores e mais sofisticados do que o Grande Colisor de Hádrons.

Os tubos ou filamentos das cordas se comportam como a trajetória dos elétrons no Modelo Padrão, quando disparados e recebidos por uma superfície. Durante a trajetória, o elétron se comporta como uma *onda*, sendo que ao atingir o alvo ele é registrado como *partícula*, isto é, ele se *materializa* em *algum lugar probabilístico* nessa superfície de registro. Na escala quântica somente *probabilidades* podem ser previstas. Por exemplo, em um disparo um único elétron (com comportamento de onda) pode ter probabilidade de 8% de se *atualizar* em uma região da superfície, 38% de se atualizar em outra, 14% em outra, 23% em outra. É para isso que as fórmulas da mecânica quântica servem, pois consideram todos os possíveis caminhos que um elétron poderia fazer e indicam quais são os mais prováveis.

[116] Como veremos, na cosmogênese hermética e alquímica, Deus, para gerar as formas existentes, simulou *simultaneamente* dois movimentos em si Mesmo, *solve* e *coagula*, dissolver e coagular, o que significa "descentrar" e "concentrar". Em outros termos, poderíamos dizer "centrífugo" e "centrípeto", para fora e para dentro, *relaxamento e tensão*. Como em Bergson, trata-se de um *falso dualismo*, pois é a alternância dinâmica de polos de um mesmo movimento. Esses dois movimentos em sequência geram uma *onda*. O balanço ou equilíbrio da onda ocorre pela alternância dos dois movimentos. Nessas bases, entendo que o movimento de *tensão da corda* é o movimento de formação, de contratilidade. A vibração da corda é a alternância. A *geração* de qualquer forma é feita, seja ela material ou não material, pela alternância rítmica de movimentos de onda e pela *sustentação, estabilização, coagulação* de determinados padrões de onda. Veremos que esse balanço pela alternância de dois movimentos antitéticos sequenciais corresponde também à fórmula do orgasmo reichiana.

A Teoria das Cordas aponta para a existência de mais dimensões espaciais, no total de dez. Quatro dimensões são familiares para nós, como *comprimento, altura, largura e tempo*, mas existem outras previstas. Cada ponto no universo tradicional (quadridimensional) seria um volume pequeno multidimensional, cujas outras dimensões estariam *compactadas* em níveis ainda menores nas cordas. Uma exemplificação simples é pensar em uma pessoa que se equilibra em um *slackline*: para sua perspectiva, seu movimento tem apenas duas dimensões, para frente e para trás, no entanto, para a formiga que anda ao redor dela, essa mesma corda tem três. A questão das dimensões adicionais não é se existem, mas sua *geometria de compactação*, que poderíamos pensar como uma geometria de *dobra* (em si mesma) ou de *concentração*. É essa geometria que determina *como* as cordas podem vibrar, isto é, *quais* partículas podem "existir".

O matemático Edward Witten, que nasceu em 1951, repensou a teoria das cordas e buscou unificar as diferentes teorias de cordas existentes[117], como pontos de vista de uma mesma teoria, que denominou "Teoria M". Nessa, incluiu a 11ª dimensão, que possibilitou a *expansão de uma corda*, como um maior espaço para que as cordas pudessem vibrar (cf. Witten, 1995). Uma corda expandida é conhecida como "brana", nome curto para "membrana dimensional". Dependendo da energia concedida a ela nessa dimensão, uma brana poderia ter um tamanho mínimo até o tamanho do Universo. Isso levou a especulações de que nosso Universo poderia ser uma *brana*.

Cada brana possui seu próprio conjunto de leis físicas ditadas pelas cordas que estão ancoradas nela. Na *cosmologia de branas*, um universo tridimensional é uma brana com três dimensões que se movimenta em um espaço-tempo com mais dimensões. Um "espaço" é um "subespaço" de outro maior. Não podemos ver diretamente um "espaço maior", pois as forças do espaço maior estão *confinadas* no subespaço onde estamos. Isso significa que os seres, as coisas e fenômenos que percebemos *dependem das regras das cordas (vibrações) desse subespaço habitado* e podemos não fazer ideia da existência de outros. Nossa experiência *ordinária* de vida, aquela que experienciamos em estados comuns de consciência, é comumente descrita em três dimensões espaciais e uma dimensão temporal. Esse é um dos motivos pelos quais nossa *percepção* tende a ser quadridimensional, ainda que o que vivenciemos possa

[117] As cinco teorias de cordas existentes eram: Tipo 1, Tipo 2A, Tipo 2B, Tipo SO(32) e Tipo E8xE8. A unificação delas foi feita por Witten nos anos 2000.

ocorrer, de maneira particular, no interior de vinte e duas dimensões espaciais, além das três conhecidas, por exemplo[118].

Uma corda unidimensional pode se expandir e se tornar uma corda bidimensional, uma brana, e uma brana pode se expandir e se tornar uma versão tridimensional de uma brana, também chamado de "mundo-brana", "volume-mundo" ou "3-brana". De acordo com Strey (2018, p. 74: "a 3-brana é na verdade a brana sobre a qual nosso universo 4-dimensional está induzido, nosso mundo-brana". Até 9-branas são previstas, na forma de branas inseridas no interior de outras branas[119]. Uma 3-brana é um "volume membranático" contido em um espaço dimensional maior. Um mundo-brana é uma configuração física em que a "matéria e as forças" (cordas) estão *confinadas* em branas. Isso não significa pensarmos nesse volume-mundo como um *prisma de arestas retas*, como um cubo, um hexaedro ou um dodecaedro. Isso também seria uma 3-brana, mas, como as branas são constituídas de cordas, uma 3-brana pode ser uma forma espaçotemporal flexível, como um contêiner que *pulsa*, por exemplo, *um prisma mutável*. Uma forma de considerar isso é pensar o eletromagnetismo como *geometrizável* (Strey, 2018, p. 8).

Isso significa que se nosso Universo é um mundo-brana, *nossas* leis da física, bem como as *partículas* do Modelo Padrão, não são *imutáveis*, são específicas das regras do nosso mundo-brana ou Universo. Em princípio, não podemos nos *mover* em dimensões espaciais que não as três citadas porque estamos confinados por esse mundo-brana. Apenas "partículas"

[118] De acordo com os físicos e matemáticos teóricos de teorias de cordas, vinte e seis dimensões, ou vibrar de vinte e cinco maneiras diferentes espacialmente e mais uma como tempo, seriam necessárias para que as cordas pudessem responder por todas as partículas conhecidas. Contudo, após a unificação da Teoria das Cordas pelo matemático Witten, isso foi reduzido para apenas dez dimensões de espaço e uma de tempo.

[119] Em 1998, os físicos teóricos americanos Lisa Randall e Raman Sundrum publicaram um trabalho sobre a *teoria das membranas ou "branas".* Os modelos de Randall-Sundrum concebem o Universo como existente em altas dimensões através de uma "geometria entortada". Nesses modelos físicos, a gravidade é muito mais fraca em nossa própria brana do que em outra brana que esteja separada de nós por uma quinta dimensão. O tempo é a quarta dimensão, que não pode ser diretamente observada. Nosso universo seria um *holograma projetado proveniente de uma brana de uma dimensão inferior*. Conferir o livro de Lisa Randall (2005), *Warped Passages: Unraveling the Mysteries of the Universe's Hidden Dimensions (Passagens distorcidas: revelando os mistérios das dimensões ocultas do universo)*. Conferir também o artigo "Fora do Buraco Branco: uma origem holográfica para o Big Bang" (*Out of the White Hole: A Holographic Origin for the Big Bang*), dos físicos Razieh Pourhasan, Niayesh Afshordi e Robert B. Mann (2014), que propõem que nosso universo é como um holograma, que existe em uma 3-brana que foi formada como o resultado do colapso de um buraco negro 4D em um "*bulk universe*" (*bulk* em inglês significa "volume", "magnitude", "inchaço").
Como explica Strey (2018, p. 74), "geometricamente, as 1-branas são cordas e as 2-branas são 'paredes de domínio', ou seja, membranas espaciais (tais como folhas de papel). [...] Podemos fazer uma analogia com as Matryoshka, também conhecidas por bonecas russas, que é um brinquedo que se constitui de uma série de bonecas colocadas umas dentro das outras, da maior (exterior) até a menor (a única que não é oca). Essencialmente nós adicionamos superfícies dentro de outras e no final obtemos um universo com a matéria geometrizada de uma certa forma. Devemos ressaltar que as 1-branas não estão dentro das 2-branas, apesar de as 1-branas e as 2-branas estarem dentro da 3-brana, que está dentro da 4-brana". Nosso universo quadridimensional visível estaria inserido *como um subespaço* em um espaço multidimensional maior chamado de "hiperespaço" ("*the bulk"*).

chamadas *grávitons* não estariam confinadas à nossa brana e poderiam se mover *entre* dimensões e "vazar" para o hiperespaço, mas um *gráviton* não foi, todavia, experimentalmente encontrado.

Ambas as teorias, a das Cordas e a dos Mundos-brana, são úteis na medida em que podemos utilizá-las para compreender *escalas fractais* de existência tanto de uma matéria, quanto de um espaço dimensional. Com elas, torna-se possível considerar porque as matérias *físicas e atualizadas* (partículas, elementos, células, tecidos etc.) *não são* constituídas por corpúsculos *preexistentes* cada vez menores, mas por *energias vibracionais formatadas*[120].

Aqui cabe mencionar as pesquisas em *cimática*[121] do Dr. Hans Jenny (2007), que investigam a organização material dos padrões de vibração. Os experimentos de cimática de Jenny consistem em fazer vibrar placas metálicas cobertas com partículas finas, como areia ou pó, utilizando frequências sonoras. As vibrações organizam os grãos em padrões geométricos complexos, que variam conforme a frequência aplicada. Esse fenômeno demonstra visualmente como o som influencia a matéria, revelando a estrutura de ondas no espaço. Há diversos vídeos no YouTube demonstrando os experimentos. Acredito que as pesquisas de Jenny apontam para o argumento que exponho aqui, de que *a matéria se auto-organiza em função do padrão da*

[120] Esse é um tema muito extenso, pois pode ser aplicado a uma série de disciplinas e não é meu objetivo cobrir todas as aplicações possíveis. Contudo, uma fala do físico teórico Michio Kaku, defensor do modelo da Teoria das Cordas, pode ser elucidativa: "Se tivéssemos um microscópio poderoso o suficiente, poderíamos ver que elétrons, quarks, neutrinos etc. são nada mais do que vibrações de laços minúsculos, parecidos com elásticos de borracha. Se colocarmos esses elásticos para vibrar inúmeras vezes e de formas diferentes, eventualmente conseguiremos gerar todas as partículas subatômicas conhecidas no universo. Isso quer dizer que todas as leis da física podem ser explicadas através dos modos de vibração dessas pequenas cordas. A química é um conjunto de melodias que podemos tocar com elas. O universo é uma sinfonia. E a mente de Deus, a que Einstein eloquentemente se referiu, é uma música cósmica que se espalha pelo espaço-tempo" (Kaku, 2022, p. 9).

[121] Ernst Chladni (1756-1827), físico e músico alemão, foi pioneiro no estudo da vibração de superfícies rígidas no século XVIII. Os padrões obtidos pela vibração de placas metálicas com areia ficaram conhecidos como "Figuras de Chladni" e correspondem aos nós da vibração, onde não há movimento e a areia se acumula. Já Hans Jenny (1904-1972), médico e pesquisador suíço, expandiu o estudo de Chladni e cunhou o termo "*cymatics*" (cimática) no século XX para nomear o "estudo do som visível" ou "geometria da vibração". Conforme comentou o Dr. John Beaulieu na introdução do livro *Cymatics*: "'A medicina energética' busca compreender as pessoas como campos de energia unificados ou, nas palavras do Dr. Jenny, 'como inteiros'. Metaforicamente, nosso corpo físico, emoções e processos de pensamento são como formas cimáticas que são organizadas por campos vibracionais subjacentes, com o mais denso (o físico) sendo animado pelas vibrações mais sutis (emoções e pensamentos)" (Jenny, 2007, p. 12). [Traduzido livremente do inglês: "'Energy medicine' seeks to understand people as unified energy fields or in Dr. Jenny's words, 'as wholes'. Metaphorically, our physical body, emotions, and thought processes are like cymatic forms which are organized by underlying vibrational fields, the densest (the physical), being animated by the subtler vibrations (emotions and thoughts)"]. O trecho é interessante, pois busca apontar a cimática como a *geração de formas vibracionais dimensionais*, o que me parece adequado. Contudo, considero que uma perspectiva *animista* (ser animado por), que parece demonstrada no trecho, não seja adequada, pois pode conduzir a um pensamento dual. Acredito que as formas vibracionais dimensionais sejam, simultaneamente, corpo e mente.
Cabe destacar que todos esses estudos se apoiam, de alguma maneira, na ciência de fractais e na Lei da Vibração indicada em *O Caibalion* (Os Três Iniciados, 2021) e no *Corpus Hermeticum* (Trismegisto, 2019).

vibração. É o padrão da vibração, que gera um molde virtual dimensional, que define o padrão da organização material. Assim, podemos pensar em um primeiro corpo que é gerado, o corpo vibracional daquela forma (sonora, luminosa ou excitatória de alguma maneira), e um segundo corpo, aquele que vemos expresso, que é a organização dos elementos materiais disponíveis desse padrão de excitação ou vibração que é o primeiro corpo.

A forma atualizada de uma matéria, que é sua existência material e atual à nossa percepção, é uma *determinação probabilística movente/vibrátil* e por isso, há matérias e formas estáveis e outras menos estáveis. São as *regras* de uma brana – sua *geometria vibracional*, isto é, o *como* ela vai vibrar – que determinam as propriedades desse objeto ou espaço e também *o que é possível existir, acontecer e ser percebido em seu interior*. Essa parte em itálico é o que nos interessa esclarecer primeiramente, depois, as propriedades interacionais ao longo de diferentes objetos e espaços.

Através dessas teorias torna-se claro também por que *uma matéria é também um espaço virtual (isto é, energético/vibracional) atualizado* e por que *um espaço material (um corpo físico, uma instituição etc.) também o é*, assim como *por que um espaço dimensional virtual é uma formatação de vibrações estabilizadas*. Por estabilizadas quero dizer que elas *sustentam uma certa distribuição de probabilidades*. De todas as *formas ou maneiras* em que essas vibrações poderiam se expressar/atualizar, elas são muito mais *propensas* a ocorrerem de uma *forma ou maneira*, como os elétrons disparados sobre uma superfície têm probabilidades de se materializar em lugares probabilísticos, porque uma *onda* não fornece uma localização exata, mas uma *probabilidade de encontrá-lo em diferentes posições.*

Um fenômeno são os elétrons disparados como *ondas abertas*, suas funções de onda incluem momento (vetor do ímpeto), energia (vibração) e uma certa probabilidade de ocorrerem posições, em um dado instante. Outro fenômeno é se os elétrons assumem modos de *ondas fechadas*, o que é previsto na Teoria das Cordas. Como os elétrons são entidades vibrantes estendidas, e não pontos no espaço-tempo como no Modelo Padrão, eles *podem moldar formas virtuais em diversas dimensões e essas formas virtuais podem ser atualizadas como partículas ou entidades físicas materiais, desde que essa forma vibracional seja sustentada ou mantida.* Nessa teoria, são as *regras geométricas* que definem a propensão estatística *vibracional* ou o que se chama de *estabilidade* de uma forma.

Chegamos, assim, ao porquê de eu utilizar a Teoria das Cordas e de Mundos-brana como *analogias funcionais* sobre como o desejo pode gerar ou formatar *moldes dimensionais*. Se visualizarmos as *catexias elétricas* como pequenas cordas e funções de onda *abertas* que tanto podem se conveccionar em *formas elétricas fechadas*, quanto podem se conveccionar em

correntes elétricas abertas, podemos ter uma ideia mais aproximada tanto sobre *como a mente e o corpo podem sustentar formas que não se dissolvem*, como constructos virtuais e tensões corporais, quanto sobre como a mente *pode gerar ideias (formas vibracionais) de que necessite em um dado momento*, ao sofrer uma afecção, como o corpo *pode gerar aporte energético e motilidade plasmática para e em regiões do corpo em que também necessite*. Ambas as *convecções* energéticas ou *catexias* geradoras são possíveis por conta do *desejo*, que é capaz de *modificar a distribuição probabilística das ondas das cordas para onde necessite*.

Em outros termos, a consciência, *por ser conatus*, tem o poder de conduzir o *momento/ímpeto* por assim o desejar, isto é, querer *em ato*. Proponho compreendermos, dessa maneira, o que diz Spinoza no final do Prefácio de *Ética* V, quando afirma que a "potência da mente" é sua inteligência e seu poder é sua potência de pensar. Como *tudo* o que move o corpo e a mente é uma alternância de correntes elétricas e o *conatus* tem o poder de buscar, moldar e se direcionar àquilo que é necessário, *a inteligência do conatus é sua capacidade de conveccionar catexias elétricas*. O oposto também é verdadeiro: se conveccionar é *agregar*, logo, dispersar ou expandir[122] é *desagregar*. Ser capaz de desagregar é também potência do *conatus*, isto é, soltar e relaxar as tensões e esforços que não são mais adequados.

Nessas *analogias de visualização*, o molde virtual dimensional seria o "mundo-brana", os filamentos de energia que são as cordas vibrantes seriam as catexias elétricas, que podem estar autoencerradas e formar um "volume-mundo" estabilizado e mais ou menos mutável, pulsátil, e/ou podem estar abertas e gerarem motilidade espaçotemporal. Isso tanto pode gerar espaços semipermeáveis e metaestáveis, quanto pode gerar *correntes pulsáteis* abertas que podem se reproduzir e propagar pelo corpo ou se agregar e gerar novas formas. A diferença é que esses "mundos-brana", no conceito que apresento, são gerados por convecções de catexias direcionadas por intenções, desejos de uma consciência.

Na Teoria das Cordas, a estabilização de formas pode ser alcançada de várias maneiras, o que envolve a *compactação* de dimensões extras em formas geométricas e superfícies topológicas específicas e a presença de *fluxos de campo*, que, em termos simples, significa a quantidade de "coisas" (que podem ser partículas ou vetores de energia e força) que passa/existe em uma área em um dado momento. Esses fluxos de campo podem influenciar a geometria de compactação do espaço virtual e, portanto, modificar as propriedades do espaço resultante. Um exemplo é eu pensar a minha consciência, compactada como a minha própria

[122] Aqui, novamente, prefiro o termo "expandir" a "dissipar".

imagem corporal, como a desejo em ato, em um espaço virtual[123]. Isso gera uma certa geometria desse mundo-brana. Contudo, se eu incluo, com meu desejo, outros vetores de energia e força, como a imagem corporal de outras pessoas que são relevantes para mim, e eu as construo de uma determinada forma nesse espaço virtual, *a geometria* desse mundo-brana *muda* e, assim, suas propriedades. *Isso significa que tudo o que é possível dentro desse mundo-brana e o que passa a não ser possível ali dentro muda*, porque eu decidi incluir esses outros fluxos de campo, então as *regras geométricas do que é possível ali mudam.*

Cabe dizer que esse "espaço virtual" não é o mesmo que simplesmente dizer "me imaginar em um lugar", porque essa imaginação é intencional e se dedica a um planejamento, isto é, a uma necessidade *que já possui uma certa clareza*. O próprio "se imaginar em um lugar", aparentemente livremente deliberado, tem um propósito anterior que o guia. Contudo, quando a mente gera *espontaneamente* ou autonomamente um "espaço virtual" no qual a imagem corporal de sua própria consciência (ou estado de sua essência atual) também se encontra, certamente isso se deve *a outras necessidades* que podem não estar imediatamente claras. Normalmente, "exercícios de visualização" utilizados por diversas práticas terapêuticas, nos quais se pede que a pessoa "se imagine em um lugar X, fazendo algo", são uma deliberação com uma intenção prévia clara, como demanda própria ou de alguém. Esses exercícios vão no *sentido oposto* ao de uma geração virtual autônoma ou espontânea. Já nessa última, a *necessidade guia a convecção das catexias, ou seja, o desejo gera o que entende como necessário para a perseverança*: no "exercício" *a geração* é para que as catexias sejam direcionadas ao estado ao qual se pretende chegar ou configurar. Como veremos, um "ambiente" não existe "externamente", todo ambiente é uma percepção imaginada e, logo, uma construção virtual. No entanto, *toda necessidade* de um ente finito provém *de sua relação com o ambiente no qual habita*.

A Teoria dos Mundos-brana nos permite explorar como as catexias energéticas conduzidas pelo *desejo* são capazes de produzir estados temporais prisionais no corpo e na mente, não apenas como sentimentos retidos, conflitos não elaborados, dores, traumas e medos não metabolizados, mas como *formas temporais*. O termo "mundo-brana" é bastante adequado, pois visto de uma certa distância ele é uma *forma* energética que contém e estabiliza parte das possibilidades existentes no plano virtual. Se houver uma alta concentração catéxica para tornar essa forma estável e pretensamente "imutável", ela torna-se um bloqueio importante à passagem de energia. Por outro lado, se essa forma for acessada *por dentro*, ela será um *mundo* com

[123] Certamente, como disse, isso somente ocorre *em conjunto* com uma série de tensões no corpo, em maior ou menor grau.

sistemas de regras que delimitam possibilidades para todas as consciências que habitam esse mundo ou *espaço dimensional vibracional*.

É por essa razão que no início eu disse que "cada brana possui seu próprio conjunto de leis físicas ditadas pelas cordas que estão ancoradas nela", pois é isso que um mundo-brana faz, ele gera volumes particulares que se tornam estruturas sob um aspecto e um universo particular por outro. Quando uma consciência pensa e age *dentro* das regras dimensionais de um mundo-brana, todas as possibilidades do que ela pode pensar e sentir estão restritas a essas regras. Então, para a consciência que vive essa forma dimensional como um *espaço*, não há a compreensão de que ela exista dentro em um espaço particular, mas terá a sensação de que vive em um *universo* determinado por regras universais.

2.8 A forma do devir desejado é um conjunto de catexias elétricas sustentadas pelo desejo

Esse molde virtual dimensional gerado pelo desejo, ao mesmo tempo em que é um *estado de realidade* que serve como *guia* à necessidade – qual é a direção do investimento – é o *final desejado como devir* que atenda à satisfação dessa necessidade – qual é o propósito do investimento. É um arco narrativo de desejo e satisfação autocontido. Assim, temos uma primeira definição de realidade que é uma *formatação estabilizada da energia pelo conatus*. Essa definição determina, sem palavras, mas em ato, *como é a realidade*, quais são *as contingências às quais é necessário se adaptar* e o que se *torna possível e não possível dentro dessa realidade*. É o que se constitui como realidade prévia à enunciação da frase: "eu quero torta". Quando essa frase é dita verbalmente ou percebida mentalmente em relação ao que se quer, isso é a percepção superficial de uma percepção anterior já formatada pelo desejo. Ou, quando digo "eu quero um cavalo alado", essa frase somente existe dentro de uma realidade previamente construída. Nem a torta, nem o cavalo alado se iniciam no momento de enunciação desse querer. Ambas as enunciações já são uma forma de o *conatus concretizar*, *solidificar*, *atualizar a forma do devir desejado*. Primeiro gera-se, convecciona-se a "planta baixa elétrica" (projeto arquitetônico) virtual do desejo e *depois* preenche-se, atualiza-se essa planta baixa com *densificações* que ganham forma cada vez mais material[124].

[124] O próprio termo "devir" deriva do latim, *devenire*, o que significa "tornar-se, transformar, acontecer e chegar a". Como explica Zourabichvili (2004, p. 24), para Deleuze, o "devir é uma realidade: os devires, longe de se assemelharem ao sonho ou ao imaginário, são a própria consistência do real (sobre este ponto, ver CRISTAL DE TEMPO)". Já o "cristal de tempo (ou de inconsciente)", Zourabichvili o explica ao citar alguns trechos de Deleuze: "A imagem-cristal pode ter muitos elementos distintos, sua irredutibilidade consistindo na unidade indivisível de uma imagem atual e de 'sua' imagem virtual (*A Imagem-Tempo*, p. 105)"; "No limite, o

Isso nos conduz à *formatação não estabilizada da energia pelo conatus*, que é o movimento *posterior* à estabilização de forma. Uma vez que a forma dimensional tenha sido desenhada, configurada e arquitetada pelo desejo e pelo *conatus* e passe a existir na mente e no corpo como o devir desejado, *em sequência,* o *conatus passa a buscar maneiras, encontros, recursos, através de um esforço gravitacional*[125] para atrair ou agregar elementos existentes necessários *ao plano arquitetônico inicial* do desejo. De fato, não há uma sequência linear preestabelecida, a sequência é apenas um processo de densificação do planejamento inicial (que chamei de planta baixa elétrica virtual e também de molde dimensional virtual) em um processo temporal corrente. Caso esse molde dimensional seja desfeito, dissolvido e irradiado no corpo e na mente *porque a necessidade que o estruturou em primeiro lugar deixou de existir,* então o processo de atualização material desse molde deixa de existir e cessa.

Em resumo, o primeiro é o querer, não é o "saber como resolver". O "querer verdadeiramente" já dispõe em ato, o corpo e a mente. O "saber como resolver antecipadamente" é uma *especulação baseada em tensão, suposição e impotência*. O querer *que liberta* necessita ser potência orgástica[126], como disse Reich, necessita ser *relaxamento*. O oposto é o querer *impotente*, que é *controle*. ISSO É VÁLIDO TANTO PARA O QUE GERAMOS COMO LIBERDADE, QUANTO O QUE GERAMOS COMO APRISIONAMENTO. Ao querer, o *conatus gera* o gradiente energético e a malha energética com as instruções de atualização e, a partir dali, *agrega ou aglutina* elementos diferentes para a composição atual dessa forma. A meu ver, *a*

imaginário é uma imagem virtual que se afixa no objeto real e, inversamente, para constituir um cristal de inconsciente. Não basta que o objeto real, a paisagem real, evoque imagens semelhantes ou vizinhas; é preciso que ele extraia sua própria imagem virtual, ao mesmo tempo em que esta, como paisagem imaginária, se engaja no real seguindo um circuito onde cada um dos dois termos persegue o outro, intercambia-se com o outro. A 'visão' é feita desse dobramento ou desdobramento, essa coalescência. É nos cristais do inconsciente que se veem as trajetórias da libido (*Crítica e Clínica*, p. 83)"; "O que constitui a imagem-cristal é a operação mais fundamental do tempo: uma vez que o passado não se constitui depois do presente que ele foi, mas ao mesmo tempo, é preciso que o tempo se desdobre a cada instante em presente e passado, que diferem um do outro em natureza, ou, o que dá no mesmo, desdobre o presente em duas direções heterogêneas das quais uma se lança para o futuro e a outra cai no passado (*A Imagem-Tempo*, p. 108)" (Zourabichvili, 2004, p. 17-18).
Como evidenciei, para o filósofo todo o sistema de devires é concebido pela e na produção de sentidos. Já Reich não opera com o conceito de devir, mas de *motilidade plasmática*, que é um processo de transformação excitatória (corporal) e sensorial (mental). Assim, a ideia de "cristal" ou "prisma" temporal que também nos é importante, a exploro a partir "do eixo da tensão e da carga", pelo conceito que apresento de "planta baixa elétrica" ou "molde dimensional".

[125] Adiante explicarei qual é a concepção reichiana de "gravidade" e como ela se dá através de um movimento centrípeto continuado.

[126] *Potência orgástica* é um conceito estritamente reichiano. Nas palavras de Reich: "*Potência orgástica é a capacidade de abandonar-se, livre de quaisquer inibições, ao fluxo de energia biológica; a capacidade de descarregar completamente a excitação sexual reprimida, por meio de involuntárias e agradáveis convulsões do corpo*. Nem um único neurótico é orgasticamente potente, e as estruturas de caráter da esmagadora maioria dos homens e mulheres são neuróticas" (1988, p. 94, grifos do autor). A potência orgástica requer *ser capaz de amar, relaxar o corpo e a mente, soltar as tensões e abdicar de controlar*.

força de auto-organização na natureza é o conatus e nenhuma auto-organização é aleatória, ela é sempre o resultado de um *esforço necessário e uma convecção de catexias energéticas*.

Isso é o que significa *desejar em ato.* O ser mobiliza catexias da mente e do corpo para um *propósito* particular, temporário e *ad hoc*, a fim de que possa gerar ferramentas, dispositivos ou espaços para sua perseverança naquele momento. Isso significa que *o desejo molda*, a partir da *convecção* de correntes de energia. Ele faz isso com a mente e com o corpo simultaneamente, porque o fluxo energético é o seu plano comum.

Em termos práticos, essas catexias vão determinar no corpo contrações e relaxamentos, aberturas e fechamentos, entumecimentos e desintumecimentos, retenções e solturas particulares, porque a energia *flui* pelo corpo, mas ela *é corpo*. Um corpo não é apenas fisiológico, ele é aquilo que ele emana também, são suas extensões materiais e não materiais. Por isso podemos ser afetados pelo som de alguém ou a expressão de sua face ou simplesmente sua presença, porque isso tudo é seu corpo extenso. Na mente, essas catexias vão determinar sentimentos, sensações, lógicas e narrativas particulares, com ou sem palavras, porque as catexias *são pensamento*. Nada é gerado na mente e no corpo como efeito por acaso, a geração se dá a partir de investimentos do *conatus*, isto é, do desejo. É por isso que o *esforço* não se dirige a nenhum objeto ou construção predeterminados, ele age em *causa própria*, gerando o *efeito*.

Laurent Bove, filósofo spinozista, afirma que o *conatus* é estratégico e busca auto-organizar a vida em função da necessidade do ser. Com isso, o *conatus* é uma força buscadora de boas estratégias de perseverança (cf. Bove, 2012, p. 455, 457, 460). Afirma ainda que o *conatus* não é primariamente teleológico, é uma potência de agir que se atualiza a cada instante e, por isso, não se destina a um objetivo e nem a um objeto predeterminados. Isso está de acordo com o Capítulo 1 do Apêndice de *Ética* IV, onde Spinoza explica que os esforços ou desejos se seguem da necessidade de nossa natureza interior. A necessidade é primeira e, então, o *conatus* propulsiona os esforços, os atos do corpo e da mente naquela direção.

Se a "estratégia do *conatus*" ocorre primeiramente como a estruturação virtual da forma de uma necessidade, a estratégia seguinte, dado que essa estrutura inicial *continue sendo conveccionada a existir*, é buscar. Não devemos pensar o "buscar" como o comando de uma vontade livre da mente, mas como *auto-organização*. Na biologia, a auto-organização não apenas implica a capacidade dos organismos se autorregularem, como implica a *gestão das extensões* do corpo e da mente. O alimento que um organismo precisa passa a fazer parte da estratégia de seu *conatus*, e o território existencial em si e fora de si que ele desenha e delineia, também. A forma que o ser gera em si, para si e a partir de si também é uma gestão de suas

extensões. O *conatus* realiza uma organização de cordas, ou vibrações, ou movimentos de onda elétricos. Como todos os elementos e corpos materiais extensos e atuais *são constituídos por esses mesmos movimentos estruturados e estabilizados em ordens diferentes de concentração e irradiação, contração e relaxamento, tensão e distensão,* o *conatus* "busca", e com isso quero dizer "auto-organiza", encontros para que os *incorpore* na sua arquitetura virtual desejada. O desejo formatado inicial torna-se um *atrator caótico*.

Job (2021a) aponta que Deleuze e Guattari desenvolveram o conceito de "máquina abstrata" para apreender essa modelagem espaçotemporal que se atualiza. Conforme explicita:

> esse vórtex que paira de forma transtemporal (e/ou transespacial): a *máquina abstrata* é uma auto-organização de forças virtuais que se atualizam intensivamente. Um exemplo seria uma mesma máquina abstrata que se atualiza no plano geológico como auto-organização de seixos e pedras em *camadas geológicas*, no plano biológico como auto-organização de genes em *espécies* e no plano linguístico como auto-organização de dialetos, atualizados em uma *língua* (Job, 2021a, p. 117, grifos do autor).

Job não se remete diretamente ao que denominei de "planta baixa elétrica" virtual, mas sim, ao *vórtex* que, conforme indica, é "uma auto-organização de vibrações" (p. 108). Adiante, esse conceito será explorado em conjunto com o conceito reichiano de "superposição cósmica". Tudo o que é *gerado ou formatado* é feito de forma concêntrica, o que gera vibrações mais densas, e o que é *desmanchado ou desformatado* é feito de forma excêntrica, o que gera vibrações menos densas (Job, 2021a, p. 108) até a dissolução da forma prévia. Como *os atos* do desejo e do *conatus* são concentrações e irradiações de catexias, conforme exploramos até aqui, esses movimentos do *conatus* formam *vórtices*.

Não pretendo trabalhar diretamente com o conceito de *máquina abstrata* de Deleuze e Guattari, pois a ênfase está em elaborar uma *geologia da linguística* a partir dos estudos de Louis Hjelmslev (cf. Roque, 2017). Há muitas aproximações possíveis entre a proposta de estratificação de camadas temporais dos autores citados e a estratificação de camadas temporais do caráter segundo Reich (1998 [1949] [1952]) e também investigada pelos psiquiatras italianos Federico Navarro (1995a; 1995b) e Genovino Ferri (2022). Como expus, o ponto de vista dos filósofos é o da semiótica linguística e dos regimes de signos de inscrições *sobre* o corpo. Meu intuito é investigar a estratificação temporal do signo, a forma do conteúdo e o universo conceitual percebido, não pela via dos significados semióticos *narrativos/discursivos*, mas pela via dos *sentidos/vetores semióticos excitatórios* do corpo e da mente, ainda que *ambas as vias semióticas ocorram ao mesmo tempo.* Pensar de forma *linguística* e de forma *elétrica e*

plasmática nos fornece percepções diferentes sobre como habitamos as realidades, em particular, como habitamos as formas-prisão[127].

[127] No artigo, Roque (2017, p. 108) afirma: "Mas tomemos algo como a prisão, como analisada por Foucault. A prisão é uma forma, a forma-prisão. Trata-se de uma forma de conteúdo sobre um estrato no qual está em relação com outras formas de conteúdo: escola, hospital, fábrica etc. Essa forma de conteúdo, essa coisa, não remete, todavia, à palavra 'prisão', mas a palavras bem diferentes, como 'delinquente, delinquência', que exprimem, por sua vez, uma nova maneira de classificar, de traduzir e mesmo de cometer atos criminosos. Logo, qual a forma de expressão que está em pressuposição recíproca com a forma de conteúdo 'prisão'? A resposta não está na palavra 'prisão', mas na palavra 'delinquência'. Essa palavra, por sua vez, não é um significante cujo significado seria prisão". Aqui a prisão é considerada pela semiótica discursiva. A programação condicional se dá por uma relação *narrativa* de coisas que não estão relacionadas, "a relação significante/significado não é arbitrária. É – de fato – uma manifestação particular arbitrária do poder" (Roque, 2017, p. 111). Quando a semiótica considerada é a *excitatória* e não a *narrativa*, isso nos permite compreender *como nos implicamos internamente em produzir prisões a partir daquilo que secretamente ou abertamente desejamos*.

CAPÍTULO 3

Sobre a consciência vortexial e as catexias elétricas

> QUAL É A SUA IDEIA PERIGOSA?
>
> A história da ciência está repleta de descobertas que foram consideradas social, moral ou emocionalmente perigosas em sua época; as revoluções copernicana e darwiniana são as mais óbvias. Qual é a sua ideia perigosa? Uma ideia em que você pensa (não necessariamente uma que você originou) que é perigosa não porque é considerada falsa, mas porque pode ser verdadeira?
>
> Questão anual da *Edge.org* proposta por Steven Pinker (2006)

3.1 A consciência como "saber que sabe" e autopercepção

Anteriormente, havia dito que *uma consciência é conatus capaz de modular conatus.* Digo "uma" consciência para me referir a um *processo de individuação* no que considero ser a Consciência maior, que é *Deus*. Se dissesse "uma unidade de consciência individual" isso não estaria correto, porque a *individualidade* é apenas uma delimitação fictícia que geramos através da linguagem verbal e dentro de um certo enfoque perceptual. No entanto, uma consciência *aprisionada* tem a sensação de ser "individual", pois está cativa em um mundo-brana cujas regras não permitem que perceba que está *imersa* e *constituída* por outra Consciência muito mais ampla. Job explica essa Consciência a partir do Advaita Vedanta:

> O Advaita Vedanta de Nisargadatta chamaria de *Consciência* (com "C" maiúsculo, sendo a "consciência" com "c" minúsculo, a mente individual) e o Taoismo chama de *jingshen*, ou seja, o *qi* (energia vital) em seu estado mais sutil e intangível, porém concreto. [...] Temos mais ressonância com a Consciência do Advaita Vedanta, se entendemos que ela também muda e mais ainda com o que o antropólogo inglês Tim Ingold chama ao longo da sua obra de *vida*, no sentido em que ele questiona a concepção animista tradicional de que "as coisas são vivas" e propõe que elas *estão inscritas na vida*. Na filosofia, estamos muito próximos ao que a filosofia "ocidental" vem chamando de *caos*, desde os gregos até o contemporâneo. É importante apreender que o que é *Consciência* para o "Oriente" é apreendido por caos no "Ocidente", fazendo com que essas diferentes percepções norteiem as diferenças que vão constituir suas maneiras de expressar a vida (Job, 2021a, p. 20, grifos do autor).

Uma consciência *individuada* tampouco poderíamos dizer que se trata de um *si mesmo* como uma experiência de individualidade, pois um *si mesmo* é um apontamento narrativo, não é a atividade da consciência. Essa é a vida em fluxo, não é a história que contamos sobre ela para nós mesmos. Contudo, talvez possamos falar de *uma individuação* como um "Si" (*Self*) ou "Si-sistema". Ferri e Cimini definem o Si da seguinte maneira:

> O Si é o núcleo biológico originário. O Si é a estrutura fundamental do homem vivente, cuja função principal é a de registrar as posições e as formas, é também de absorver, quase fazendo permear-se de movimentos-emoções, sejam estes familiaridades amigáveis ou lacerações afetivas, aquisições cognitivas, percepções sensoriais ou intuitivas, amor, alimento ou paixão. Este Si se faz permear e se exprime, mas não como continente no qual as forças concorrentes ou contrastantes se agitam, se unem e se combatem. Este Si se molda e se faz moldar, elabora, integra, transforma e se organiza inteligentemente atingindo a sua função expressiva máxima que é o Ego (Ferri; Cimini, 2011, p. 67).

Com isso Ferri demonstra que os seres não *possuem* um Si, eles *são* um Si. E o Si é uma *estrutura vivente*, não necessariamente a de um humano. Por *estrutura vivente* podemos entender *automodelagem*, com tempos e espaços mentais e corporais ontogeneticamente metaestruturados – *por isso registra, absorve, movimenta-se, percebe, exprime, molda-se e gera moldes.* Um Si modela e se automodela em função de seu *conatus*. O que define um Si? Uma membrana. Para Reich, a *membrana* é o que diferencia um *sistema de fluxo fechado de um aberto.* A membrana não separa, de fato, o *dentro e o fora*, pois tudo o que existe *são correntes cósmicas ondulando e modulando dentro do oceano de energia cósmica*. A "substância" de uma consciência individuada é a própria Consciência que é Deus, pois Ele é a única Realidade de todas as coisas.

No entanto, Reich não explica o que seja uma consciência dessa maneira, mas o faz de algumas maneiras que nos permitem chegar nessa concepção e, então, compreendê-la, como UM ESFORÇO EM PERSEVERAR CAPAZ DE MODULAR ESFORÇO EM PERSEVERAR. "Modulação", como explica Job, é "a *variação* na intensidade da vibração" (2021a, p. 52, grifo do autor). Variação, para Reich, é a *chave de saída do conflito entre o vitalismo e o mecanicismo, pois o corpo propulsiona cargas elétricas de acordo com suas necessidades e seus desejos.*

A compreensão de Reich a respeito do *que é a consciência* parece ser muito próxima à de Spinoza, ainda que com nomenclaturas diferentes. Primeiro, porque ambos afirmam que há uma *consciência* (*um saber*) do corpo em relação *a si mesmo*: o corpo é afetado e a mente sente a afetação do corpo. Segundo, porque o humano pode tornar-se consciente (*saber*) de si através do que sente em seu corpo. Spinoza explica isso em duas passagens. A primeira está em *Ética* III, Prop. 9, Demonstração: "a mente, por meio das ideias das afecções do corpo, está

necessariamente consciente de si mesma, ela está consciente, portanto, do seu esforço" (Spinoza, 2007, p. 175). A segunda está em *Ética* III, Prop. 30, Demonstração: "o homem está consciente de si próprio por meio das afecções pelas quais é determinado a agir" (2007, p. 199).

Por sua vez, para Reich, o saber do corpo sobre si mesmo é uma "função de autopercepção", o que não significa *perceber partes*, mas uma *percepção total* das suas sensações orgânicas (que são suas correntes energéticas plasmáticas) e do seu campo de energia. Ele diz o seguinte: "a *função da autopercepção, como um todo dependia do contato entre a excitação objetiva e o sentimento subjetivo da excitação*. Quanto mais íntimo fosse esse contato, mais forte seria a autopercepção" (Reich, 1998 [1952], p. 405, grifos do autor). A autopercepção é um desenvolvimento organísmico, sendo o que os permite *pensar o que sente (não sobre o que sente), avaliar (sentir se o corpo produz respostas positivas ou negativas a um estímulo), experimentar a alternância rítmica de suas expansões e contrações, bem como modular-se internamente e autorregular-se.* Ou seja, é perceber as sensações cinestésicas do próprio corpo e das relações que estabelece com outros corpos.

Já a *consciência*, para Reich, seria o "saber que sabe", ou seja, como o humano torna-se consciente do que sente em seu corpo e o que sente ao longo das relações que estabelece. Ele diz o seguinte: "*a consciência é uma função da autopercepção em geral, e vice-versa*. Se a autopercepção é completa, a consciência também é clara e completa" (1998 [1952], p. 405, grifos do autor). Reich denomina a autopercepção de "raciocínio orgonótico [energético]" (2003 [1951], p. 318), porque é o modo de pensar a partir das próprias correntes e da interpenetração com outras correntes. Isso significa que ele existe em organismos não humanos. Reich hipotetiza que com o *aumento dos giros do cérebro* desenvolveu-se a capacidade de "pensamento reflexivo"[128] (2003 [1951], p. 318), o que possivelmente diz respeito ao desenvolvimento do córtex cerebral e de uma especialização desse, o córtex pré-frontal. Nessa *evolução* ocorre uma *interdependência entre consciência e autopercepção*. Conforme Reich explica:

> a capacidade da matéria viva de perceber a si mesma e, em espécies mais desenvolvidas, de ter "**consciência**" de si mesma. Embora a autopercepção constitua a autoconsciência, e embora a *espécie* de autopercepção determine o *tipo* de consciência essas duas funções da mente não são idênticas. A consciência aparece como função mais elevada, desenvolvida no organismo muito depois da autopercepção. Seu grau de clareza e unidade depende [...] não tanto da força ou

[128] Como Reich explica: "o homem começou lentamente a raciocinar *de uma forma que ultrapassou* seu forte contato orgonótico e harmonia com a natureza, que até então tinham sido suficientes para mantê-lo vivo e desenvolvê-lo, chegando até a forma de um ser que raciocinava. [...] *No processo de seu desenvolvimento, o homem deve ter começado a raciocinar sobre suas próprias sensações de corrente, sobre sua capacidade de se perceber e sobre a própria percepção*" (Reich, 2003 [1951], p. 318-319, grifos do autor).

> intensidade da autopercepção, mas da *integração* mais ou menos completa dos *inúmeros elementos de autopercepção numa só experiência do SELF* (Reich, 1998 [1952], p. 405-406, grifos do autor em itálico, grifo nosso em negrito).

O que Reich quer dizer com "integração dos elementos de autopercepção"? Respondo com a pergunta oposta: "o que são elementos de autopercepção que não estão integrados?". A resposta está em sua teoria dos bloqueios e dos encouraçamentos, isto é, das *tensões (rigidezes e densidades energéticas sustentadas) e dos contrainvestimentos às ondas plasmáticas emocionais espontâneas do corpo*. Reich divide, de maneira geral, dois tipos de bloqueios, um que chama de "bloqueio dos afetos" e outro que chama de "cisão esquizofrênica".

No primeiro, quando ocorre a passagem de uma emoção pelo corpo, na forma de correntes plasmáticas, e *sentir essa emoção e o ímpeto trazido por ela*, como *esforço* de perseverar (convecção catéxica, propulsão da corrente de excitação pelo corpo) e trazer *clareza* (informação a respeito do que se sente, da necessidade e do propósito) *é algo perigoso, o conatus contrainveste. Excitações poderosas que saem fora das regras de segurança de um mundo-brana são perigosas.* Esse contrainvestimento é o que Reich chamou de "excitação *bloqueadora*". A emoção fica retida na forma de estase energética e torna-se "excitação *bloqueada*" (Reich, 1998 [1952], p. 404). QUANDO A EXCITAÇÃO NO CORPO É BLOQUEADA, A AUTOPERCEPÇÃO DA EXCITAÇÃO TAMBÉM É BLOQUEADA.

A excitação que não é percebida *torna-se insensibilidade emocional*[129], *que é um bloqueio da percepção*. Daí deriva que "as funções da consciência e do intelecto também serão rígidas e mecânicas" (p. 405) e também *embotadas*. A função da consciência segue a função da autopercepção, que a precede. Nesse primeiro caso, o contato psíquico com a sensação corporal pode ser *enfraquecido* quando a pessoa *aumenta o tônus e enrijece. Essa é uma medida de controle das excitações, mas requer capacidade catéxica*. Enrijecer é um engenho da couraça (isso é, do *conatus*) para *tensionar e não sentir, porque previne que as correntes passem*. Por isso, os pensamentos tornam-se rígidos, mecanicistas e a pessoa torna-se controladora *porque precisa controlar a si mesma*. Obviamente, como veremos, *o tempo também não passa*. A pessoa passa a prevenir e controlar indefinidamente, porque *sente que precisa* lutar contra e reter indefinidamente.

No segundo caso, da "cisão esquizofrênica", o bloqueio é muito mais acentuado por conta de um *déficit grave na capacidade de conveccionar tônus muscular*. O enrijecimento

[129] Reich explica que, por conta do bloqueio, "as correntes plasmáticas estão muito reduzidas e, consequentemente, *abaixo* do limiar da autopercepção ('insensibilidade')" (1998 [1952], p. 402, grifo do autor). Em outro capítulo, tratarei do *limiar da autopercepção*, denominado na *neurologia* como "limiar de excitabilidade".

muscular é uma defesa e uma medida de perseverança *se e enquanto for possível considerar possibilidades de lutar ou fugir*. Mesmo que a pessoa tenha a sensação/percepção/crença de que *precisará* fazer isso até o final. Uma pessoa que tenha experienciado *traumas intrauterinos ou neonatais e formado estados de pânico muito profundos*[130] terá problemas para *conveccionar tônus muscular rígido para sobreviver* PORQUE HÁ CONSCIÊNCIAS SUAS PRESAS EM ESPAÇOS BRANÁTICOS ONDE/QUANDO ISSO NÃO ERA POSSÍVEL. Ela não tem esse recurso catéxico à disposição, pois o mesmo espaço-tempo onde/quando precisou sobreviver NÃO CONTINHA ESSA POSSIBILIDADE, PORQUE SUA PREVALÊNCIA DEFENSIVA ERA NEUROVEGETATIVA E NEUROENDÓCRINA, NÃO NEUROMUSCULAR (cf. Navarro, 1991, p. 98). Na época, ela realmente não podia gerar tônus defensivo porque havia um *grau de imaturidade neurológica e caracterial* muito grande. Basicamente, ela tinha à disposição poucos recursos, podia *disparar hormônios e acionar inervações vagais-dorsais, mas não tensionar simpaticamente.* Ela podia ser atravessada por emoções plasmáticas intensas, desesperar-se, encolher e resignar, *mas não lutar contra, ao menos neuromuscularmente.*

Contudo, *o conatus busca gerar recursos de perseverança dadas as opções disponíveis*. Esse é seu sistema de autorregulação. O bloqueio aqui é diferente, a pessoa sente objetivamente as correntes plasmáticas emocionais percorrendo seu corpo, mas *cinde a percepção dessas.* No primeiro caso, a pessoa sente que coloca sua vida em risco se expressar e perceber determinadas emoções (fluxos de excitação corporal e informações mentais), então,

[130] Como explica Ferri: "A partir da 16ª semana, em situações de estresse (hipoxemia, hemorragia, redução do fluxo uterino), o feto consegue redistribuir seu fluxo sanguíneo, protegendo órgãos como o miocárdio e o cérebro, determinando a vasoconstrição de distritos como o esplâncnico, cutâneo e renal. [...] O feto no útero com 20 semanas pode apresentar nocicepção mais intensa do que um recém-nascido ou adulto. Possui maior densidade de receptores nervosos, sua pele é fina, o circuito neuronal descendente, que atenuará a dor desde o nascimento, ainda não está desenvolvido" (Ferri, 2023).
[Traduzido livremente do italiano: "Il feto dalla 16ª settimana, in situazioni di stress (ipossiemia, emorragia, riduzione del flusso uterino), è in grado di ridistribuire il proprio flusso ematico, proteggendo organi come il miocardio e il cervello, determinando la vasocostrizione di distretti come quello splancnico, cutaneo e renale. [...] Il feto in utero a 20 settimane può avvertire una nocicezione più intensa rispetto a un neonato o a un adulto. Ha una maggiore densità di recettori nervosi, la sua pelle è sottile, non è ancora sviluppato il circuito neuronale discendente, che attenuerà il dolore dalla nascita."].
Também explica o seguinte, a respeito do momento de gravidade e profundidade do *medo*: "*No pânico* há a ativação do *locus coeruleus*, da ameaça externa castradora ou interna de abandono. Estamos no Complexo Reptiliano, na profundidade do 6° nível (área umbilical-abdominal), próximo ao zero entrópico. Estamos em áreas onde não temos a possibilidade de alcançar o Outro na memória implícita, então não há reação de ataque amidaloide, nem a relação de contato dual límbico-cingulado anterior (ambas inibidas pela gravidade e profundidade do medo)" (Ferri, 2019, grifo nosso).
[Traduzido livremente do italiano: "*Nel Panico* c'è l'attivazione del locus coeruleus, da minacciosità esterne-castranti o interne-abbandoniche. Siamo nel Complesso Rettiliano, nella profondità del 6° livello (area ombelico-addominale), prossimi allo zero entropico. Siamo in zone in cui non abbiamo la possibilità di raggiungere l'Altro in memoria implicita, per cui non c'è la reazione d'attacco amigdaloidea, né la relazione di contatto duale limbico-cingolato anteriore (entrambe inibite dalla gravità e dalla profondità della paura)"].

contrainveste e bloqueia o que sente. Muitas vezes direciona essas catexias para outras expressões emocionais *menos perigosas* às regras de seu mundo-brana[131]. No segundo caso, a pessoa sente, sente que não controla o que sente, que não tem *condições/maturidade* para suportar o que sente, sente pânico e que *nada pode fazer, então... o que ela sente não é dela, está fora dela ou é proveniente de outro lugar.* Esse é um outro tipo de controle de impacto gerado pelo *conatus*.

Apesar de Reich ter compreendido esse funcionamento defensivo *em pacientes esquizofrênicos*, a "cisão" é um princípio de funcionamento comum quando a experiência não permite ativar defesas *simpaticotônicas* e na história ontogenética há *déficits de recursos catéxicos muito graves no amadurecimento neurológico*. Essas histórias *ficam gravadas como mundos-brana*, como veremos, e podem emergir *mesmo em pessoas que "nunca surtaram" e não imaginavam que isso poderia ocorrer*, uma vez que se acionem gatilhos de profunda insegurança em momentos na vida. Esse tipo de funcionamento defensivo, tampouco é do tipo "tudo ou nada", pois ocorre em *graus*, isto é, pode haver pequenos surtos e cisões momentâneas que a pessoa não percebe, mas suas ações e formas de pensar nesses momentos tornam-se "estranhas". A respeito desse funcionamento Reich explica o seguinte:

> *No esquizofrênico, por outro lado, as correntes plasmáticas continuam fortes e intactas, mas sua percepção subjetiva está obstaculizada e cindida*. [...] Dado que a percepção subjetiva não está relacionada, em termos de vivência interna, com as correntes plasmáticas objetivas, parece compreensível que o *esquizofrênico procure uma razão para essas experiências, que não sente como suas*. [...] Essa separação entre a função de autopercepção e as funções organísmicas só pode ser experimentada, em alguns casos, como "a alma deixando o corpo" ou "a alma *fora* do corpo". Dado que a percepção tem apenas um contato fraco e, por fim, nenhum contato com as funções bioenergéticas que reflete subjetivamente, uma pessoa sente, de maneira muito típica, uma "estranheza em relação a si mesma" ou um "afastamento para muito, muito longe". Por conseguinte, os processos de projeção, transe, despersonalização, alucinação etc. têm como base uma cisão *concreta* no sistema bioenergético (Reich, 1998 [1952], p. 402-403, grifos do autor).

Os bloqueios na autopercepção tornam-se *bloqueios na consciência*, no tornar-se consciente do que se sabe com o corpo e do que se sente. Tudo o que é possível ser expresso *narrativamente*, com ou sem palavras, tanto para si, quanto para outros, *depende da função de contato psíquico com as correntes plasmáticas do corpo*[132]. Isso significa que a compreensão lógico-causal de fenômenos experienciados também depende disso. Indica Reich:

[131] Sente raiva para não sentir medo, sente tristeza para não sentir raiva, sente euforia para não sentir medo etc.
[132] Vale conferir sobre o tema o artigo de Costa e Sigelmann (1999) *O problema da consciência no pensamento de Wilhelm Reich*.

> A RACIONALIDADE, atividade que tem objetivo e significado no que concerne ao ambiente e à situação bioenergética da própria pessoa, aparece então também como uma função da coordenação emocional e perceptiva. É evidente que nenhuma atividade racional é possível enquanto o organismo não funcionar como um todo de maneira bem coordenada (Reich, 1998 [1952], p. 408).

A partir das relações que Reich estabelece a respeito das funções plasmáticas, das emoções, das percepções e das funções da consciência, pergunta-se *como* tudo isso é gerado?

> *de que modo a energia orgone cósmica veio a formar a substância móvel plasmática, e de que modo as funções orgonômicas cósmicas estão presentes e ativas no animal humano*, em suas emoções, em seu pensamento, em seu irracionalismo, na experiência mais íntima de si mesmo. [...] É *isso* o que importa, e não a tensão muscular. [...] são FUNÇÕES CÓSMICAS, isto é, funções da energia orgone cósmica dentro do organismo, de forma aberta e sem disfarce. [...] funções que unem o homem à sua origem cósmica tornando-os *um* (Reich, 1998 [1952], p. 410, grifos do autor).

Aqui creio que Reich nos deixa pistas quanto à necessidade de aprofundarmos a questão da consciência sobre a união com o Cosmos/Deus – que Spinoza denominou de "beatitude" ou "conhecimento da natureza divina"[133] –, as maneiras como cindimos a experiência de unidade cósmica, como a convecção de correntes energéticas precede o desenvolvimento de estruturas materiais e como essas operações transformam-se em ímpetos, atividades e formas de organização política.

3.2 A consciência vortexial: a consciência considerada como uma superposição cósmica

Partimos do que falei a respeito da noção de Si, como um *sistema individuado*. Como declarou o filósofo alemão Thomas Metzinger em *Being No One: The Self-model Theory of Subjectivity* (*Sendo ninguém: a teoria do automodelo da subjetividade*): "O si fenomênico não é uma coisa, mas um processo – e a experiência subjetiva de *ser alguém* emerge se um sistema consciente de processamento de informações operar sob um modelo de si transparente"[134] (Metzinger, 2004, p. 1, grifos do autor). Por isso, segundo explica, *ter um si* é algo que não existe, pois não existe um *substantivo* da subjetividade, mas existem processos, modelagens.

[133] Em *Ética II* (Prop. 49, Escólio), Spinoza explica qual é o caminho que conduz à liberdade ou beatitude da mente: "essa doutrina, além de tornar nosso espírito inteiramente tranquilo, também nos ensina em que consiste nossa suprema felicidade, ou seja, nossa beatitude: unicamente no conhecimento de Deus, pelo qual somos induzidos a realizar apenas aquelas ações que o amor e a generosidade nos aconselham" (2007, p. 155-157).

[134] Traduzido livremente do inglês: "The phenomenal self is not a thing, but a process – and the subjective experience of *being someone* emerges if a conscious information-processing system operates under a transparent self-model".

No entanto, ele diz que é difícil que as pessoas reconheçam seus próprios automodelos como modelos, pois eles são transparentes: "você olha através dele. Você não o vê. Mas você vê *com* ele. [...] você se confunde constantemente com o conteúdo do automodelo atualmente ativado pelo seu cérebro"[135] (Metzinger, 2004, p. 1, grifo do autor).

As afirmações de Metzinger vão ao encontro da presente teoria que apresento sobre mundos-brana gravados na caracterialidade de sistemas viventes e também da hipótese da consciência como um sistema de *superposição de correntes energéticas*. Há diversas explorações possíveis com a filosofia de Metzinger, pois ele defende que a percepção fenomenológica pode estar *aprisionada dentro* de um modelo virtual e que ela não pertence literalmente *a ninguém*. De certa maneira, esta tese *parece* refutar a compreensão reichiana a respeito da autopercepção e da autoconsciência, pois *saber sobre si ao fazer contato com as próprias correntes vegetativas* a pessoa sente que tem uma experiência real e que não está iludida, pois pode *objetivamente* apontar que algo ocorre. Creio que isso seja verdade, mas *o que objetivamente ela aponta?*

Qualquer coisa que *digamos ou afirmemos* a respeito do que ocorre no corpo ou fora do corpo *será ilusório*, porque a experiência de primeira pessoa é uma *geração de mundo-brana*, que é uma formatação eletromagnética, de onda. Um padrão de onda neural, por exemplo, é uma formatação. Como disse Metzinger, nós *vemos com ele e através dele*. Cada objeto experienciado, cada *sensação de si, é totalmente dependente da estrutura multimodal, essa modelagem que chamamos de Si. Mesmo quando a metaestrutura é saudável, é permeável, é sensível e responsiva, não bloqueada, ela não tem objetividade externa*. O *genoma*, por exemplo, é um padrão de onda que é reproduzido e persevera. Ele altera a forma como um ser recebe e processa outros padrões de onda. O *eletroma*, como veremos, também faz o mesmo, define formas e possibilidades de processamento de padrões de onda. Cada espécie possui suas próprias idiossincrasias filogenéticas (são histórias de armazenamentos inteligentes), assim como cada Si individuado dessa espécie possui suas próprias idiossincrasias ontogenéticas (também histórias de armazenamentos inteligentes). Assim, resta a pergunta: do que as coisas são feitas? O que elas têm dentro? Uma resposta seria: "(de) nada do que possamos *representar*". Qualquer intuição, "sensação orgonótica" ou "sexto sentido" (Reich, 1998 [1952], p. 416) é uma *experiência temporal de comunhão e de interpenetração*, não é uma experiência objetiva nem do fora, nem do dentro. Mesmo as *correntes de plasma* são uma

[135] Traduzido livremente do inglês: "you look right through it. You don't see it. But you see *with* it. […] you constantly confuse yourself with the content of the self-model currently activated by your brain".

sensação e percepção de *movimento*. É a experiência temporal de *uma consciência* e da *Consciência modulada*.

Por isso, para Reich, sua compreensão de *consciência é uma percepção do ego*: "a percepção que o ego realiza é uma função do sistema vegetativo, do mesmo modo que uma pulsão também o é" (1998 [1949], p. 283). O ego é um "eu narrativo", é o que afirmei anteriormente a respeito de um *si mesmo* como experiência individual que somente pode existir como uma ficção, uma "história contada" sobre si, isto é, sobre o que narra para si a respeito do que sente e a respeito de como sente o mundo ao redor. A experiência temporal de um Si não é uma coisa, objeto ou qualquer tipo de entidade que possa ser localizada dentro ou fora dele, *ela é apenas conatus e desejo*. Por isso, afirmo que O SI É A PRÓPRIA CONSCIÊNCIA. Não é consciência *de* alguma coisa ou *sobre* alguma coisa. "Alguma coisa" já é consciência em ato, é consciência moldada, é consciência formatada, é consciência modulada. Qualquer mundo-brana, qualquer objeto fenomenológico de/em uma consciência é apenas uma modulação catéxica dessa consciência. Se a consciência é, ao contrário, *dissolvida*, então não há consciência, há apenas Consciência. Isso é válido tanto para um objeto da consciência, quanto para a consciência individuada (o Si) como um todo. Nesses termos, o que seria, então, *uma consciência*, para Reich? Eu diria que é *uma superposição cósmica*. Isso requer compreendermos um pouco da *cosmogonia reichiana*[136] em cinco aspectos: geração de massa, geração de gravidade, geração de campo, geração de individuação e geração de expansão neguentrópica.

A hipótese cosmológica de Reich inicia-se na libido, na economia energética, no corpo, nas correntes bioelétricas e chega a uma compreensão macrocósmica de um "OCEANO PRIMORDIAL DE ENERGIA ORGONE DESTITUÍDA DE MASSA" (2003 [1951], p. 211). Assim, tomarei o final como ponto de partida para chegarmos ao início, para a *concepção da consciência vortexial*. As leis mecânicas e químicas originam-se de processos funcionais nesse oceano. Isso é válido tanto para os fenômenos microcósmicos, como os bioenergéticos, quanto para os macrocósmicos, como a formação de galáxias.

O primeiro exemplo que Reich nos dá é o da "Galáxia do Cata-Vento" (*Pinwheel Galaxy*), catalogada como NGC 5457 ou Messier 101, aproximadamente duas vezes maior do

[136] Por que digo que é uma *cosmogonia* e não uma *cosmologia*? Porque o *modelo* utilizado para explicar a formação do Cosmos não o visa apenas enquanto dimensão física organizada, mas envolve também a compreensão de *como* os seres e as consciências posicionam-se nesse Cosmos e inclui Deus na equação. Deus/Cosmos/Oceano de energia orgone está dentro e ao redor de cada geração, cada ideia, cada extensão, cada propulsão, pois trata-se de um universo *em geração, não gerado* como forma "final" que então passamos a conhecer.

que a Via Láctea. Essa galáxia aparece como uma grande névoa arredondada com uma seção interna pequena e mais brilhante, contendo ao menos "quatro braços" no formato de um vórtex. Como Reich aponta: "É uma imagem bastante impressionante da SUPERPOSIÇÃO CÓSMICA de mais duas correntes de energia orgone cósmica. No centro vemos a forma quase circular do futuro 'cerne' onde acontece a fusão das várias correntes" (2003 [1951], p. 249).

Em realidade, Reich parte da Teoria do Éter, da física, que é um meio ou substância necessária para a propagação de forças eletromagnéticas ou gravitacionais. Assim, parte do conceito de que *não há espaços vazios ou vácuo no Cosmos*. "É UMA ENERGIA BEM DEFINIDA QUE É RESPONSÁVEL PELAS QUALIDADES FÍSICAS DO ESPAÇO. ESTA ENERGIA FOI DENOMINADA "ENERGIA ORGONE CÓSMICA" (2003 [1951], p. 154). Para ele, a teoria do éter segue válida, mesmo com as tentativas de refutação dessa teoria pelo experimento *Michelson-Morley*, pois esse baseava-se em uma premissa equivocada de que *o éter seria estacionário e não teria movimento.* Reich defende que qualquer dimensão ou forma gerada *nesse* oceano cósmico nunca pode ser estacionada ou imóvel, porque o *oceano é movimento.*

A partir de observações da *aurora boreal, da corona solar, dos anéis de Saturno, dos fenômenos do amanhecer, do funcionamento de furacões* e de outras observações prévias em laboratório com a desintegração de matéria orgânica e a verificação de emissão de radiação na desintegração (os experimentos com *bions*[137]), bem como pelos experimentos com a bioeletricidade do corpo, das sensações e emoções (os experimentos *bioelétricos*), postulou a existência de *duas* correntes energéticas (orgonóticas) que seriam responsáveis por dar movimento às galáxias, às estrelas, aos planetas, aos fenômenos gravitacionais, aos fenômenos de luminância nas auroras, aos furacões, à atmosfera em geral, *assim como, à circulação de energia nos sistemas membranosos*.

Reich postula "a existência de duas correntes concretas de energia orgone, *a equatorial e a galáctica*" (2003 [1951], p. 281, grifos nossos). A primeira ocorre no interior do planeta, ao redor dele e deriva da segunda. A segunda foi chamada de *corrente galáctica ou corrente cósmica de orgone* e é muito mais vasta. Ele diz que "todos os planetas movem-se em uma corrente orgone galáctica comum, coordenados no tempo e no plano do movimento geral" (2003 [1951], p. 294). Afirma também que o "**Sol e os planetas se movem no mesmo plano e giram na mesma direção** devido ao movimento e à direção da correnteza de energia orgone cósmica na galáxia. **Assim, o sol nada 'atrai' em absoluto. É simplesmente o maior dos**

[137] Cf. Reich (1979 [1938]).

irmãos de todo o grupo" (2003 [1951], p. 211, grifos do autor). A analogia que utiliza é a de uma corrente de água que flui em uma direção e vai "arrastando" bolas em suas ondas. As bolas são mais lentas do que as ondas, então, as "bolas", que são os astros, rolam no mesmo plano e na mesma direção. Isso significa que suas trajetórias não são eclipses keplerianas, pois a trajetória

> é necessariamente aberta e não fechada, já que há um movimento de progressão no espaço por parte do Sol e dos planetas que nunca volta para sua própria trajetória. [...] a trajetória dos planetas *é necessariamente uma onda giratória*. De qualquer maneira, postulou-se como MOTOR PRIMORDIAL dos corpos celestes o fluxo de energia orgone cósmica. Estamos livres agora da suposição canhestra de que esferas giram e se movem para frente em um "espaço vazio", isto é, sem forças físicas reais responsáveis pelo movimento dos corpos celestiais (Reich, 2003 [1951], p. 280, grifos nossos).

Essa *corrente cósmica/galáctica* flui fora da Terra e *dentro* da Terra, no *eixo Norte-Sul,* como uma correnteza. Ela assume a mesma direção dos *vetores do campo magnético da Terra, que são emitidos pelo polo sul magnético e recebidos pelo polo norte magnético. É um movimento Sul → Norte,* como Reich descreveu. Essa corrente existe no espaço e é responsável por gerar os astros. Da mesma maneira, era existente no planeta "antes de haver vida de qualquer espécie" (Reich, 2003 [1951], p. 316). O "fluxo de orgone galáctico" que flui ao longo do planeta e fora dele curva-se sobre si mesmo gerando um *segundo fluxo de orgone*, ao qual denominou *corrente de energia orgone equatorial*. Na analogia com a corrente de água, a *progressão* da corrente para "frente" seria a *corrente cósmica/galáctica* e o movimento de rotação das "bolas" seria a *corrente equatorial*. Essa "curvatura" ocasiona uma *eclíptica,* que "*seria o resultado de uma atração exercida sobre o sistema planetário pela corrente de energia orgone galáctica"* (Reich, 2003 [1951], p. 279, grifos do autor).

Essa corrente, que deriva do movimento da outra corrente mais ampla, dita "o tipo, direção e velocidade da energia orgone atmosférica [bem como seu] envoltório de energia orgone que não somente circunda o planeta, mas também o arrasta consigo" (Reich, 2003 [1951], p. 275). Como afirma o mesmo autor, essa é a "natureza do MOTOR do planeta. Agora sabemos por que a Terra gira e se move para frente. Está sendo arrastada pela CORRENTE DE ENERGIA ORGONE EQUATORIAL" (p. 276). A corrente equatorial é responsável por gerar o "envoltório de orgone" (p. 210) ao redor do planeta, que é o *campo energético da Terra*. Tanto o campo quanto a corrente equatorial movem-se na direção Oeste → Leste.

Até aqui expus, de maneira resumida, as colocações de Reich a respeito das *duas correntes energéticas que movem o planeta e os astros ao seu redor*. Contudo, resta abordarmos

como a *gravitação/gravidade* opera nesse modelo cosmogônico. Todos esses aspectos são importantes porque *se repetem em escalas fractais macroscópicas e microscópicas, e com isso poderemos compreender o que poderia ser "uma consciência", mesmo em um sistema plasmático unicelular*.

A *gravitação*, para Reich, é um "movimento primordial convergente de duas correntes de energia orgone", isto é, "uma função de correntes convergentes de energia primordial" (2003 [1951], p. 298). Essa *convergência*, ele chama de "função natural básica de SUPERPOSIÇÃO de duas correntes orgonóticas" (p. 298). É a *convergência de correntes que gera a gravitação, não a "massa inerte" dos astros*. Para ele, a gravitação não é uma lei eterna e constante, assim como não o são outras leis da física, pois trata-se de um *universo eternamente mutável*, inclusive suas leis. Ele defende que substituamos a visão mecanicista por uma "visão genética" em que "as próprias leis básicas da natureza são criadas e perecem repetidamente, como todas as outras funções naturais" (p. 296). Eis assim a questão *genética:* "*a gravitação das massas inertes na direção umas das outras deve ter surgido com a criação da massa proveniente da energia cósmica primordial livre de massa"* (p. 296, grifos do autor).

A compreensão de Reich, de que a gravidade não é uma força primordial e nem provém da massa de um corpo, mas é um efeito de convecção de correntes, também é suportada pela cosmologia do Universo Elétrico, a qual exporo no capítulo seguinte. Ainda que o que sejam "correntes" para ambos os pensamentos pareça divergir – já que Reich não tenha afirmado que as "correntes orgonóticas" e as "correntes elétricas" fossem as mesmas –, cabe expor o comentário do filósofo e pesquisador Peter Moddel[138], que apontou a mesma ideia na Conferência EU2017, organizada pelo Thunderbolts Project:

> Agora, a gravidade está realmente associada no entendimento geral com a matéria. A quantidade de matéria é supostamente a quantidade de gravidade. E então, ao ter um Universo que é baseado na gravidade, você está realmente apoiando toda a ideia, toda a ideia material que está por trás dessa abordagem física. Quando você muda para a eletricidade, essa coisa toda cai por terra. E então, a dificuldade que muitos têm em deixar de lado o fato de que a gravidade é uma força insignificante no Universo se comparada à eletricidade, é porque a gravidade ainda está ligada à matéria, e se você tem eletricidade, bem, não é matéria. Então, há toda uma outra

[138] A fala do autor foi transcrita do documentário "Quebrando a barreira da ciência: a ousada investida do Universo Elétrico contra a 'grande ciência'" (cf. *Breaking the Science Barrier: The Electric Universe's Bold Push Against "Big Science" (Full Movie)*, cuja estréia foi em 27 de setembro de 2024). Recomendo o documentário, não apenas por abordar diversas questões sobre o que é ser uma "ciência marginal", como explorarei nas seções 3.5 e 3.7, mas por dar uma ampla visão sobre o que é a cosmologia do Universo Elétrico, que é uma aposta que faço para a compreensão de muitos dos fenômenos cosmológicos descritos por Reich na *Superposição Cósmica* (Reich, 2003 [1951]).

> gama de entendimento que tem que se mover e que tem que sair, deixar de lado essa base materialista[139].

Explico então o que Reich chamou de "a forma básica da superposição galáctica, cósmica, [que] é a mesma que a forma básica da superposição organísmica e micro-orgonótica" (p. 254). Na cosmogonia de Reich, a *função de superposição conduz todos os movimentos de atração, conduz as gerações/criações de formas e conduz o ato de comunhão, fusão e interpenetração sexual em escalas micro e macrocósmicas*. O que é, então, a superposição e como ela ocorre?

O primeiro ponto a ser dito é que a função de superposição ocorre *por necessidade* e a necessidade está *diretamente ligada ao aumento de potência*. Nos organismos vivos, Reich explica: "dois sistemas orgonóticos envolvidos são levados a se superpor por uma força que, sob condições naturais, isto é, não restritas por obstáculos externos ou internos, está além de seu controle. É ação bioenergética *involuntária*" (2003 [1951], p. 201, grifo do autor). Isso exclui pensarmos em qualquer tipo de *vontade contingente*, isto é, aleatória, meramente verbal ou "decisão livre da mente". Reich explica cinco passos para a formação de uma superposição. Como auxílio à imaginação, pensemos em cinco passos para *formar um vórtex*. Reich explica sua concepção: "suas características funcionais são: 1. Duas direções de fluxo da energia; 2. Convergência ("atração") e aproximação mútua de duas correntes de energia; 3. Superposição e contato; 4. Fusão; 5. Curvatura acentuada da trajetória de fluxo" (p. 204). Contudo, ele explica um ponto importante, que é a *forma da corrente*. Ela *não ocorre em linha reta, ela ocorre de forma espiralada, como uma onda giratória*[140] (no original, em alemão, Reich a chamou de *Kreiselwelle*).

---

[139] Traduzido livremente do inglês: "Now gravity is actually associated in general understanding with matter. The amount of matter is supposed to be the amount of gravity. And so, by having a Universe that's based on gravity, you're actually supporting the whole idea, the whole material idea that lies behind this physical approach. When you shift to electricity, this whole thing drops out. And so, the difficulty that many have in letting go the fact that gravity is a negligible force in the Universe compared to electricity, is because gravity's still tied in with matter, and if you have electricity, well it's not matter. So there's a whole other range of understanding that has to move in, and that has to leave, let go this materialistic basis".

[140] A maneira como Reich chegou à compreensão dessa onda foi através de *observação direta* de um fenômeno *luminoso* que ocorre dentro do que chamou de "quartos de observação da energia orgone" (2003 [1951], p. 205). Esses quartos são "caixas de orgon" de grande escala, de tamanho do quarto de uma casa. Uma caixa de orgon é uma "caixa de Faraday" invertida, com camadas alternadas de superfícies metálicas e superfícies orgânicas, como cortiça, lã ou algodão. Em *A biopatia do câncer* (2009 [1948]) descreve bem o funcionamento desses aparelhos. Quando uma ou mais pessoas sentam-se totalmente no escuro e essa caixa/quarto está "carregada(o)", o *quantum energético em seu interior é maior do que no exterior, na atmosfera*. Com isso, o corpo absorve maior *quantum* da atmosfera no interior da caixa, pois passa a *concentrar radiações energéticas/orgonóticas*. Após sentar-se dentro por meia hora, uma hora ou mais, afirma Reich, que "podemos observar unidades luminosas de energia orgone seguindo determinadas trajetórias, *enquanto se deslocam pelo espaço girando para frente. Essas trajetórias mostram claramente a forma de uma onda giratória*" (2003 [1951], p. 205, grifos nossos). O desenho dessa onda é a imagem da "mola" que proponho.

Imaginemos que uma "mola" é um movimento. Se essa mola for apertada, contraída, ou esticada, expandida, *modificaremos sua amplitude* (altura da crista e do vale da onda) *e seu comprimento de onda* (a distância entre dois pontos idênticos consecutivos), que são parâmetros espaciais da onda. Também há o parâmetro temporal da onda, que é *sua frequência*, ou seja, o número de vezes que a onda se repete em um intervalo de tempo (no modelo padrão é medido em Hertz). Esses parâmetros são fundamentais para descrever as características físicas de qualquer tipo de onda, seja ela sonora, luminosa, ou de qualquer outra natureza. Reich não expôs o *movimento das correntes dessa maneira*, apenas disse que sua natureza era *giratória e propulsiva.* Contudo, esses parâmetros serão importantes como *possibilidades de expansão do conceito de orgone.*

Reich explica que quando "duas dessas unidades de energia orgone espiraladas e excitadas se atraem e se aproximam uma da outra até se superporem" (p. 205) elas *convergem*, "perde-se energia cinética, a taxa de movimento giratório decresce bastante, a trajetória do movimento encurva abruptamente e ocorre uma mudança da trajetória em forma de um giro alongado que avança no espaço para um movimento circular no lugar da superposição" (p. 206). Esse é o momento *gravitacional* e é o momento de *surgimento da massa.* Podemos imaginar como se duas ou mais "molas", como ondas giratórias, de diferentes direções, convergissem formando/formatando/informando um mesmo espaço dimensional individuado (que pode ser tanto uma "forma", quanto uma "massa"). Por "massa", Reich quer dizer "partícula", como, por exemplo, "'partículas' materiais químicas que compõem a atmosfera [e] surgiram originalmente – e ainda estão surgindo continuamente – da superposição de duas ou mais unidades de energia orgone girando no invólucro de orgone do planeta" (p. 206-207). Uma "forma" dimensional pode ser livre de massa, mas é uma *formatação induzida por uma concentração centrípeta de energia*. O MOVIMENTO CENTRÍPETO (DE CONJUNÇÃO, CONFLUÊNCIA, COMUNHÃO) DE ONDAS GIRATÓRIAS EM UM MESMO ESPAÇO GERA UM ESPAÇO FORMATADO, ISTO É, DELIMITADO POR GRAUS DE DENSIDADE. Seja essa forma uma partícula ou uma forma dimensional livre de massa, essa forma *não é inerte, ela é lenta e está girando lentamente. É um devir lento.* Reich indica que "forma, no pensamento orgonômico funcional, é movimento *congelado*" (2003 [1951], p. 201, grifo do autor). Explica também: "o ponto fundamental é a emergência de massa *inerte* a partir da energia cinética *congelada*[141]. Esta

[141] Grifei em itálico os dois termos para apontar que *congelamento* é lentificação de velocidade, por isso "inerte" não seria muito preciso, porque *o tempo não deixa de existir*, essa forma nem deixa de possuir movimento próprio e deixa de ter atividade. Do contrário, sequer a perceberíamos como existente.

suposição está totalmente de acordo com as bem conhecidas leis da física clássica. Também está de acordo com a teoria quântica" (2003 [1951], p. 206).

Esse espaço formatado (concentrado, confluído, comungado) passa a expressar, como forma geral, um *movimento de vórtex.* O termo vórtex não foi originalmente utilizado por Reich, mas, indubitavelmente, a *função de superposição cósmica* gera uma forma vortexial, que também poderíamos conceber como *toroidal*, bastando que a concebamos como um *campo energético em movimento espiralado contínuo que flui no sentido Sul → Norte e, ao mesmo tempo, em faixas longitudinais ou equatoriais, como diria Reich*. Se olhássemos essa forma "de cima" veríamos um vórtex, como é o *formato da Galáxia do Cata-Vento (Messier 101), que Reich apontou*. Contudo, se observássemos essa forma de movimento não "de cima" ou "de baixo", mas "de frente" *veríamos o formato de uma rosquinha ou* donut, *que é a forma de um toroide*, com "espessuras" diferentes. Essa é a forma considerada do campo magnético da Terra, por exemplo, como uma "maçã" vista de lado, com uma "invaginação" no lado superior e no inferior. Também essa é a forma do *campo energético humano*[142], segundo relatado por pesquisadores acadêmicos que buscam explorar contextos holísticos, à margem dos modelos científicos padrão.

A forma de vórtex já havia sido explorada pelo médico e físico alemão Hermann von Helmholtz, que estudou a *bioeletricidade* no corpo humano – em cuja escola formou-se Freud –, também por James Clerk Maxwell, físico escocês que deu forma à teoria moderna do *eletromagnetismo*, como também por Lord Kelvin (Sir William Thomson), em sua teoria do Átomo Vórtex (*Vortex Atom*), que defendia que *átomos são anéis vortéxicos que se auto-organizavam no éter*[143]. O formato em *espiral* também foi investigado por Pitágoras, Euclides e Apolonius de Perga, séculos antes de Cristo. A geometria das *Correntes de Birkeland*

[142] Conferir os trabalhos da Dra. Maria Kuman a respeito do conceito de biocampo (*biofield*) e do campo fraco informacional não linear eletromagnético (*weak informational nonlinear electromagnetic field (NEMF)*). Conferir também os trabalhos da Dra. Brooke Stuart e do Instituto HeartMath que exploram o conceito de Campo Toroidal do Coração (*Heart's Toroidal Field).*

[143] A esse respeito é bastante elucidativa a leitura do artigo *O átomo vórtex: uma teoria vitoriana de tudo* (*The Vortex Atom: a Victorian Theory of Everything*), da pesquisadora Helge Kragh (2002). Há muitas ressonâncias com a cosmogonia proposta por Reich. Ele mesmo diz: "não é a matéria, nem partículas ou pó e sim a energia orgone primordial que constituiria a 'matéria-prima' original a partir da qual são feitas as galáxias. *É claro que esta hipótese tende a competir com a teoria atômica*" (Reich, 2003 [1951], p. 259-260, grifos nossos). Enquanto o modelo do átomo padrão baseia-se em pequeníssimas esferas corpusculares, o modelo do átomo vórtex afirma que a forma do átomo não se deve a serem "corpúsculos", como no modelo newtoniano, mas "redemoinhos" ("*eddies"*) ou, como foi definido por Kragh: "uma linha de vórtice direcionada ao longo do eixo de rotação e também um filamento de vórtice. Este último era o tubo formado pelas linhas de vórtice que passavam por todos os pontos do limite de uma curva fechada infinitamente pequena" (Kragh, 2002, p. 36). [Traduzido livremente do inglês: "a vortex line, directed along the axis of rotation, and also a vortex filament. The latter was the tube formed by the vortex lines through every point of the boundary of an infinitely small closed curve"].

(Birkeland Currents) têm o mesmo formato de vórtex propulsivo proposto por Reich, assim como a geometria da *Convecção de Marklund (Marklund Convection)*, que é um *processo convectivo giratório que ocorre em correntes filamentares de plasma*. Essas duas fazem parte da *cosmologia do Universo Elétrico*, como veremos. Em particular, durante o presente trabalho, refiro-me com frequência às *convecções catéxicas geradas pela consciência*, que são propulsões elétricas do desejo em ato.

Em resumo, na cosmogonia reichiana, "massa" é gerada pela superposição de duas ou mais "unidades" de energia orgone que diminuem sua rotação e formam um "núcleo" estabilizado. O núcleo é o corpo material da superposição. Como *investimentos ou confluências continuam a acontecer*, "o centro material em crescimento estaria permanentemente cercado por um campo de energia orgone que, dali por diante, estaria sujeito à atração gravitacional daquele centro. Isso explicaria a origem *dos envoltórios de orgone do Sol (corona) e da Terra*" (2003 [1951], p. 209, grifos nossos). A superposição torna-se um sistema giratório que tem *cerne e campo, o cerne gira de maneira mais lenta do que sua periferia, que é seu campo*. A parte "interior" é mais densa, e a parte "exterior" torna-se cada vez mais rarefeita e emite "braços" que entram em confluência com outras superposições. Ao mesmo tempo, esse sistema torna-se *individuado* "do fluxo geral do oceano cósmico de energia [...] o oceano cósmico, unitário, até esse ponto, se divide em um fluxo de energia orgone principal e outro secundário" (p. 209), que forma seu cerne e seu campo, seu "envoltório". Por fim, "a concentração e a condensação aumentariam em direção ao centro do corpo em rotação, os elementos mais pesados localizando-se perto do centro e os elementos mais leves progressivamente mais perto da periferia" (p. 209-210), o que significa que a própria concentração centrípeta torna-se a "GÊNESE da função de atração gravitacional" (p. 210), o que torna essa forma vortexial *capaz de neguentropia e auto-organização*, ou, como Reich chamou, de "POTENCIAL ORGONÔMICO INVERTIDO; a energia orgone flui do sistema mais fraco ou inferior para o mais forte ou superior" (p. 157).

O movimento de vórtex pode ser bem observado em fenômenos naturais como na formação de galáxias espirais e furacões, dentre outros, contudo, Reich afirma que *as formas viventes são geradas por uma função de superposição e são uma função de superposição*, ao definir que "o *self* é somente um pedaço de energia orgone cósmica organizada [...] definiu-se a energia vital [do *self*] como energia orgone cósmica fluindo dentro de um sistema membranoso" (Reich, 2003 [1951], p. 304, grifo do autor). Reich afirma que a *função de superposição* também é responsável pelo "processo de *biogênese primária*, isto é, a formação

original de matéria viva, plasmática, através da condensação de energia orgone cósmica livre de massa" (p. 213)[144].

No capítulo chamado "O orgonoma vivo" Reich (2003 [1951], p. 213) afirma que, a partir da função de superposição, no processo de *lentificação ou "congelamento" do fluxo de energia*, que é a *geração de massa nuclear de um sistema, ou sua forma estabilizada*, "a energia se transforma em matéria" (p. 215). Faz também um comentário importante a respeito da natureza da energia orgônica: "'Energia solar' é nossa energia orgone que as plantas absorvem diretamente do solo, da atmosfera e dos raios de sol" (p. 215). Com isso, evidencia que ENERGIA ORGÔNICA É TAMBÉM ENERGIA SOLAR E QUE ESSA ENERGIA É TANTO CAPAZ DE EXPANSÃO E CONTRAÇÃO, QUANTO CAPAZ DE DAR FORMA A MOVIMENTOS E FORMA À MATÉRIA VIVA. Para sermos mais precisos, o próprio Sol foi gerado por superposição de correntes cósmicas. Em relação ao experimento de biogênese, explica:

> No processo de congelamento, a energia orgone livre de massa no fluido se contrai, exatamente como o plasma vivo. Por conseguinte, *essa contração* não depende da existência de matéria formada. Ela *existe antes da formação de matéria*, como função básica do orgone cósmico. A contração da energia orgone se faz acompanhar de condensação, e a condensação se faz acompanhar de formação de partículas de matéria de dimensões microscopicamente pequenas. O conceito

[144] Cf. Reich (2009, p. 62). Reich demonstra o funcionamento dessa operação de biogênese a partir do que chamou de "Experimento XX", nos anos de 1944-1945. Acredito que possivelmente o que Reich denominou como *bions* (cf. Reich, 1979 [1938]) sejam espécies rudimentares de *micoplasmas.* De acordo com Razin (1979) os micoplasmas são os mais simples e os menores procariontes e diferenciam-se das bactérias comuns por não apresentarem parede celular, nem estruturas celulares membranosas. *Constituem-se apenas por uma membrana plasmática muito simples, composta apenas por lipídios polarizados.* Também acredito que a maneira com que Reich afirma que eles "brotam" espontaneamente do meio líquido nutritivo seja por algum tipo de *tensão elétrica* que agrega as matérias do substrato líquido e talvez por algum mecanismo próximo da "hipótese da formação causativa" de Sheldrake. Como explica: "A ideia de *causação formativa não energética* fica mais fácil de se compreender com o auxílio de uma analogia arquitetônica. Para se construir uma casa, são necessários tijolos e outros materiais de construção, bem como os construtores que colocam no lugar os materiais e o projeto arquitetônico que determina a forma da casa. Os mesmos construtores, com a mesma quantidade de trabalho e usando a mesma quantidade de materiais de construção poderiam produzir uma casa de forma diferente com um projeto diferente. Assim, o projeto pode ser considerado uma causa da forma específica da casa, embora não seja, naturalmente, a única causa: ela nunca poderia ser construída sem os materiais de construção e a atividade dos construtores. De modo similar, um campo morfogenético específico é uma causa da forma específica assumida por um sistema, embora ele não possa atuar sem 'tijolos' adequados e sem a energia necessária para colocá-los no lugar" (Sheldrake, 2016, p. 77, grifos nossos). Apesar de me sentir próximo às ideias de Sheldrake, não as utilizei aqui porque, apesar do "campo morfogenético" ser uma *forma virtual*, o que estou de acordo, entretanto, para o autor, a *forma virtual, que chamarei de "planta baixa elétrica", não é de natureza energética.* Nesse sentido, prefiro pensar *a partir da pesquisa de Michael Levin,* professor de biologia da Allen Discovery Center da Tufts University (https://allencenter.tufts.edu), pois a pesquisa de Levin concentra-se na leitura, interpretação e escrita do *código morfogenético*, que é uma espécie de "planta baixa" *elétrica* das orientações de forma de um ser. Tanto a ideia de "planta baixa" quanto de "mundos-brana" que abordo na tese *são de natureza energética. Se não são cordas, são eletricidade.* De todas as maneiras, o princípio de funcionamento comum é *a onda*. A onda expande-se de maneira radial (como o campo magnético o faz) e agrega-se ou contrai-se (de maneira elétrica), gerando correntes abertas e/ou padrões geométricos "contraídos", "estabilizados".

> clássico mecanicista não oferece nenhuma conexão causal entre movimento de energia e forma organísmica (Reich, 2003 [1951], p. 217, grifos nossos).

Podemos resumir três propriedades de forma energética, segundo Reich: 1) as matérias vivas são núcleos ou *focalizações* centrípetas de energia cósmica orgone em espiral e são formadas por convergências de duas ou mais correntes em espiral; 2) a forma do movimento da energia orgone é a forma do movimento da matéria viva (filogenética, ontogenética e emocional, pois são *modulações como estabilizações e propulsões*); 3) a forma, que é uma contração energética, existe *antes* da formação da matéria, isto é, sua atualização em termos materiais.

Um "sistema orgonótico" que Reich denomina como "vivo", segundo compreende, necessita expressar *quatro aspectos*: ter um "cerne", uma "membrana periférica", um "campo de energia" e ser "organizado". Por organização Reich quer dizer *capaz de autorregulação*. O tema da *auto-organização* não foi abordado diretamente por Reich, contudo, em vista do processo de focalização de correntes energéticas, por necessidade, da estabilização de forma em um núcleo mais denso e uma periferia menos densa e por esse sistema gerado ter capacidade propulsiva de penetrar e ser penetrado por correntes de outros sistemas[145] (relação sexual), *podemos afirmar que se trata de um sistema de auto-organização.* Reich não declarou o termo, mas, se tomarmos toda a sua cosmogonia, ele *torna-se explícito*. Vejamos como Reich coloca a questão:

> A pergunta é: uma nuvem de raios constitui-se em um "sistema orgonótico"? Obviamente não; ela não possui "cerne", "membrana periférica" e "campo de energia". Não é "organizada" como um sistema vivo. Portanto não convulsiona, apenas descarrega cargas acumuladas. [...] o globo terrestre também possui um núcleo de energia, uma membrana (a crosta terrestre) e um campo de energia orgone, o "envoltório de orgone". Mas o planeta se convulsiona como um organismo vivo? Não devemos confundir o deslocamento de partes [como tempestade de raios ou terremoto] de um sistema como sendo uma convulsão. A convulsão em um organismo vivo é um evento total que, além de não ameaçar a integridade do sistema, melhora seu bem-estar (Reich, 2003 [1951], p. 197-198).

A "organização" a que Reich se refere é a autorregulação, baseada na fórmula do orgasmo (tensão → carga → descarga → relaxamento), que são movimentos de contração e expansão em ritmos cíclicos e o *movimento de descarga, por meio de convulsões, de cargas previamente acumuladas*. Se um sistema *retém cargas elétricas em demasia*, ele torna-se

[145] Como também explicou Job, em outros termos: "Um vórtex pode tanto se automodular como modular 'outros' vórtexes, sabendo-se que os 'outros' são extensões deles próprios, sendo impossível uma separação real entre eles" (2021a, p. 52).

confinado, preso, tenso e começa a desenvolver desejos neuróticos de libertação. Digo neuróticos porque a condição de *retenção*, que é uma forma de desejo (desejo de segurança, como explorarei), por ser desejo previne a própria libertação. Então, o sistema passa a *ansiar* por libertar-se sem conseguir fazê-lo, pois para que o consiga, necessita *relaxar e convulsionar as cargas e as tensões previamente acumuladas*. Contudo, *descarga e relaxamento* não são condições *automáticas*, são *variáveis* de acordo com os desejos em ato do corpo e da mente. Descarregar e relaxar depende de *permissões internas* para que isso ocorra, *o que significa desprender-se da sensação de segurança e proteção derivadas da tensão retentiva*. Autorregulação orgástica para Reich é a capacidade do sistema vivente *equilibrar cargas e descargas, tensões e relaxamentos* no corpo e na mente.

Por alguma razão, Reich não considera que o planeta Terra seja um "sistema orgonótico" ou um sistema vivente, o que, em princípio, tornaria inviável um diálogo com a "Hipótese de Gaia" de James Lovelock, também chamada de hipótese biogeoquímica. Como Lovelock desenvolveu o conceito apenas em 1972, após a morte de Reich, em colaboração com a microbióloga Lynn Margulis, muitos diálogos não puderam ser estabelecidos, contudo, Gaia apoia-se na ideia de que a Terra é um sistema complexo autorregulante ou, como explicou: "a noção da biosfera como um sistema de controle adaptativo ativo capaz de manter a Terra em homeostase"[146] (Lovelock, 1974). Há cientistas que defendem e outros que buscam refutar a hipótese de que a Terra seja um "sistema vivo", contudo, trata-se de um esforço evidente para contrapor o paradigma mecanicista da vida e do universo.

Talvez Reich tenha negado essa possibilidade porque *a convulsão plasmática/orgástica é um balanceamento de cargas* no sistema, ocasionado por *ímpeto e atração de correntes por necessidade (não vontade "livre")*. Essa convulsão ou, poderíamos dizer, *balanceamento equilibrado de cargas por descargas em ondas convulsivas pelo corpo*, Reich não pode constatar na Terra, de maneira geral, tanto porque "a natureza não viva não apresenta a sequência expansão → contração" (Reich, 2003 [1951], p. 197), quanto porque sua(s) descarga(s) "mais se assemelha à explosão de um aquecedor superaquecido do que a uma descarga orgástica" (p. 198). Em outros termos, seria difícil constatar *emoções* na Terra, ou ímpetos em realizar trocas e estabelecer relações sexuais e orgásticas. No entanto, considero difícil essa negativa porque é exatamente o que ocorre na *magnetosfera* da Terra, que é o que acredito que Reich chamou de "envoltório de energia orgone". A magnetosfera tem trocas

[146] Traduzido livremente do inglês: "the notion of the biosphere as an active adaptive control system able to maintain the Earth in homeostasis".

constantes com o Sol, na forma de correntes. São trocas elétricas variáveis no espaço. A *magnetohidrodinâmica*[147], por exemplo, é um modelo do *Universo Elétrico* no qual todos os tipos de partículas interpenetrantes são entendidos juntos, como um fluido ou meio contínuo único. Basicamente, é o comportamento magnético em plasmas de larga escala.

Sistemas auto-organizados são sistemas que não requerem uma intervenção mecânica externa para que se autorregulem e auto-organizem. Uma máquina mecânica necessita de constantes reparos e ajustes, feitos por um operador que é responsável pela manutenção da máquina. Então, se o sistema tem uma *membrana* (isto é, uma metadelimitação do espaço energético formativo ao redor, porque são necessários graus de permeabilidade e a capacidade de introjetar e ejetar excitações e informações que compõem ou não compõem com o sistema[148]) *que permita realizar ajustes internos e mediação com o meio, existem interações do meio com essa membrana e esse sistema consegue, com isso, gerar neguentropia*. Logo, é um *sistema auto-organizado*.

Uma cadeira é uma confluência de linhas energéticas (o *interser* de Nhat Hanh), mas não é um sistema auto-organizado, nem um pedaço de papel, um pedaço de madeira etc., pois apesar de *possuírem duração e dimensão temporal*, apenas expandem-se entropicamente para o espaço, *não há reconvecção desejante ou neguentrópica*. Em outras palavras, esses sistemas não variam tensão-relaxamento, nem carga-descarga *a fim de perseverarem*. Esse é o ponto principal de Reich. Contudo, em cosmogonias mais modernas, como a do *Universo Elétrico*, o Sol é um sistema auto-organizado, assim como a Terra e todos os astros. Nessa cosmologia, estrelas, cristais e elétrons são capazes de auto-organização, *ainda que sempre, assim como nós, delimitados por regras eletromagnéticas de contenção, nesses casos, chamados de órbitas.* Às vezes, é difícil escapar delas, pois é necessário um tipo de "salto", e poder saltar de uma restrição para "fora" dela requer um processo evolutivo.

Reich explica que nos sistemas membranáticos, *a corrente cósmica/galáctica*, ao mesmo tempo que forma, por concentração, a forma do sistema vivente, também *flui no seu interior*. Contudo, esse fluxo não é contínuo, *porque a energia orgônica não opera de maneira contínua, mas em pulsos*. A onda giratória é propelida por meio de *pulsos*, pois cada crista e cada vale da onda forma um pulso[149]. Como expõe:

[147] Nome dado por Hannes Alfvén, vencedor do Prêmio Nobel de física em 1970, também chamado de *ondas eletromagnéticas hidrodinâmicas*. Abordarei o trabalho de Alfvén a seguir.
[148] Cf. Carnero (2021, p. 269).
[149] Reich explica: "Investigamos a energia orgone cósmica o suficiente em diferentes áreas de funcionamento para formular diversos princípios de validade geral sobre a base de funcionamento comum de toda natureza. Entre esses princípios, encontramos a PULSAÇÃO como a característica básica da energia orgone. Ela pode

> a corrente plasmática não flui continuamente, e sim em impulsos rítmicos. Daí falamos em PULSAÇÃO. [...] A corrente pulsatória de fluidos corporais é trabalho do orgone organísmico. [...] Esta conclusão é confirmada pela observação de determinados protozoários, nos quais ondas pulsatórias de excitação atravessam o corpo e põem o protoplasma em movimento (Reich, 2003 [1951], p. 224).

Da mesma maneira, como Reich o faz diversas vezes ao longo de seus escritos, defende que A ORGANIZAÇÃO DA ENERGIA PRECEDE A ORGANIZAÇÃO MATERIAL, OU SEJA, PRIMEIRO OCORRE A CONVECÇÃO ENERGÉTICA E A GERAÇÃO DE UMA FORMA E, LOGO, DIFERENTES MATÉRIAS PREVIAMENTE ORGANIZADAS DESLOCAM-SE EM FUNÇÃO DESSA GERAÇÃO DE FORMA. ESSA É A FUNÇÃO *GRAVITACIONAL* PARA REICH, É UMA FUNÇÃO DE *FOCALIZAÇÃO E CONCENTRAÇÃO DE CORRENTES ENERGÉTICAS*, EM UM MESMO ESPAÇO, GERANDO ESPAÇO. Como explica: "*a pulsação mecânica resulta da pulsação funcional do orgone*, sua rotação que avança alternando expansão e contração alternadas. Como o movimento de fluidos é mecânico, ele só pode ser expressão e consequência da função pulsatória da energia orgone" (Reich, 2003 [1951], p. 225, grifos do autor). Explica também: "o orgonoma [forma vivente] "energético" conduz à formação do orgonoma material. A forma dos órgãos reflete a forma do movimento original de energia" (p. 234).

Ainda que um movimento propulsivo de um sistema vivente, isto é, um movimento propulsivo *desejante* ou *emocional*, pareça ser um *vetor catéxico para frente*, "descobriremos que há um movimento pulsatório de arremeter, que não se dá em linha reta mas à maneira de uma espiral, apresentando uma curvatura global" (p. 225-226). Essa é a maneira de Reich dizer que, no universo, linhas retas são conceituais, elas não existem de fato. Como todas as linhas são propulsões energéticas, elas não podem ser retas, apenas curvas, mesmo que a curva seja muito alongada. Cálculos que envolvam linhas retas são *puramente abstratos.* Na natureza não há *linhas retas*, as linhas energéticas são funções de onda. Inclusive, são linhas que não são estáticas, elas vibram, contraem-se e expandem ritmicamente, ainda que a forma persevere por metaestabilização. As linhas de todas as formas da natureza são curvas, *sejam linhas de forma retidas filogeneticamente, sejam linhas de forma retidas ontogeneticamente*[150], *sejam linhas de*

ser dividida em duas funções parciais antitéticas – *expansão e contração* – ou sintetizada a partir delas" (2003 [1951], p. 108-109, grifos do autor).

[150] As histórias de perseverança de cada ser de cada espécie determinam *formas específicas* do corpo e da mente desse ser, mesmo que existam reproduções filogenéticas. Os vetores dos esforços dentro do corpo e ao longo dele, pouco a pouco moldam o corpo e a mente, suas expressões e também suas possibilidades perceptivas, como explicarei. Em uma mesma espécie não é possível haver dois modos de corpo e mente idênticos, pois cada modo individuado é uma história de perseverança e de propulsões individuadas. As correntes cósmicas propulsionam no interior dos seres e, portanto, *propelem e mudam.* Mas "como" irão propulsionar, depende do

formas emocionais, pois as emoções são propulsões catéxicas determinadas por necessidades. O modo da linha, seja ela qual for, é um modo de organização energética que conta uma história processual de necessidades e propulsões. Todas elas são curvas.

A "matéria" da membrana nada mais é do que um *congelamento ou lentificação da energia*. Essa membrana torna-se densa, torna-se massa. Contudo, *no interior da membrana*, há o "orgone livre de massa [que] sempre luta para romper o enclausuramento causado pela membrana. *O orgonoma bioenergético é estendido e aberto; o orgonoma material é fechado*" (Reich, 2003 [1951], p. 235, grifos do autor). O que Reich chama de "orgonoma aberto" são as correntes livres e abertas que fluem no interior do sistema membranático. Já o orgonoma fechado é a forma da membrana, que é uma lentificação.

Desse ponto, faço algumas considerações. Reich não trata diretamente de formas virtuais energéticas, *ainda que afirme que a forma energética atualiza-se de maneira material*. Contudo, nosso objetivo aqui é investigar as *formas virtuais energéticas*, que determinarão o que chamarei de "espaço da couraça de caráter". O *espaço* da couraça de caráter é uma *superposição de múltiplos e simultâneos mundos-brana*. Ou seja, o caráter de um sistema vivente é uma função de superposição com múltiplas funções de superposição no seu interior. Explorarei esse conceito de diferentes maneiras, por ora, somente o menciono. Nesse ponto de vista, um "orgonoma fechado" pode ser físico e não material, ou seja, uma forma energética *estabilizada*. Mas essa forma *física, não material* possui limites, permeabilidade e regras de permeabilidade, por isso tem (mem)brana e é um sistema individuado.

Já um "orgonoma aberto" é o que chamarei de "tempo da couraça de caráter", porque é o *caos livre e fluido, na forma de correntes temporais*. A couraça é composta de espaço e tempo e iremos explorar isso. Aqui também há outra consideração que conecta Reich diretamente com o conceito de *conatus: o orgone livre de massa luta para romper o enclausuramento*. Talvez essa seja a mais importante, porque *há um esforço em perseverar para fora da prisão, do enclausuramento*. O esforço de liberdade é o mesmo esforço de propulsão emocional, o mesmo esforço para o que o sistema deseja e quer, o mesmo esforço de expansão. Também, como veremos, é a mesma propulsão do *anseio cósmico*, que é a atração autônoma de todos os sistemas viventes em direção a um sistema de complexidade e gradiente energético maior, que é Deus ou Cosmos. Todas essas propulsões são funções do *conatus*.

Nesse momento, alguém poderia perguntar: "mas o que fazer, se todos os sistemas auto-organizados têm membranas? Todos eles estão enclausurados ou encarcerados em alguma

sistema de regras *que sustente e reproduza dentro de si*. Por isso, a importância de compreendermos o funcionamento dos mundos-brana.

medida?". A essa pergunta responderia *sim*. Perceber e existir sempre se dá *dentro de branas, logo, dentro de sistemas de regras geométricas*. Deus gera branas, mas *não é* as branas. Consciências individuadas são branas. Branas que também moldam branas. A questão é o que *vivemos dentro* das branas, *como geramos* branas que atendem a nossas necessidades, *como desconfiguramos* branas disfuncionais e *reconfiguramos* outras com graus maiores de possibilidades de ação, de pensamento e de conexão com o Cosmos. O *CONATUS* É A PROPULSÃO ININTERRUPTA EM DIREÇÃO A DEUS, A GRAUS MAIORES DE PERFEIÇÃO E LIBERDADE.

Cabe também dizer algo a respeito do conceito de *desejo*, que Reich não utiliza diretamente, mas remete-se ao *investimento libidinal*[151]. A função de superposição em sistemas viventes, como explicou Reich, não ocorre "por livre decisão da mente", mas de maneira *involuntária*, nesse sentido. Ele nos dá dois exemplos disso. O primeiro é em relação à função da fusão sexual: "*de onde surge a pulsão irresistível que impele à superposição dos sistemas orgonóticos do macho e da fêmea?*" (2003 [1951], p. 199). Masculino e feminino aqui podem ser pensados também como união de funções aparentemente separadas e opostas, como o "amor que penetra" e o "amor que recebe" e, pela superposição de correntes, geram um terceiro. O segundo exemplo é o que ele diz:

> Quando duas crianças de três a cinco anos de idade, de sexos diferentes, se superpõem e seus organismos se fundem orgoneoticamente, não estamos lidando com procriação, já que dessa fusão não resultará um novo indivíduo. Também não estamos lidando com "busca de prazer" no sentido psicológico. O prazer envolvido na superposição é o resultado que se experiencia e não a força propulsora do ato. [...] Vamos penetrar até a profundidade suficiente que permita ver essa função como um processo de energia [...] Se fizermos isso, veremos claramente na superposição um evento transindividual, algo que toma conta da vida e a governa (Reich, 2003 [1951], p. 202).

Aqui, novamente, Reich refere-se à *superposição gravitacional*. Há um efeito de atração ou gravitação. O que leva uma criança a aproximar-se da outra e interagirem juntas, ou melhor, *desejarem isso*? Desejarem uma aproximação e uma fusão? É uma atração sexual, mas não é genital, certamente. No entanto, duas crianças estão *felizes, excitadas e radiantes*. Por isso, aproximam-se. O que ocorre? Reich explica que "não é porque previamente avaliam que será bom e, então, se aproximam", pois isso seria uma forma de expectativa, antecipação de futuro e especulação. Não seria uma função energética *irresistível e involuntária*.

Consideremos que a propulsão de uma criança seja uma *função de onda*. Logo, são *duas correntes ou funções de onda que entram em contato.* Quando ambas propulsionam e se

[151] Ambos em latim podem ser entendidos como *cupiditas*, que significa desejo, paixão, vontade forte.

encontram, sem nenhum tipo de percepção consciente (no sentido de "saber que sabe"), elas se inter-relacionam, *por uma relação de necessidade*. Aqui o conceito de *conatus* nos ajuda. *Um sistema vivente esforça-se em perseverar em função do que sente/avalia que aumenta sua potência*. Aproxima-se do que compõe com sua perseverança e afasta-se do que a decompõe. Em termos de *onda* isso chama-se "interferência construtiva". De acordo com a Enciclopédia SAO de Astronomia, da Universidade de Swinburne:

> Um par de ondas de luz ou som experienciarão interferência quando passarem uma pela outra. As ondas individuais serão somadas (superposição) para que uma nova frente de onda seja criada. A interferência construtiva ocorre quando os máximos de duas ondas se somam (as duas ondas estão em fase), de modo que a amplitude da onda resultante é igual à soma das amplitudes individuais. Equivalentemente, os mínimos das ondas estariam alinhados[152] (Swinburne University, 2024).

O oposto chama-se "interferência destrutiva", que é o que ocorre quando duas ondas se interpenetram e elas se superpõem de maneiras opostas. Em vez de a onda aumentar a amplitude do movimento, esse é *cancelado* e a amplitude da onda resultante é zero, é *anulada*. É claro que a interferência destrutiva é um polo oposto, é algo mais próximo a um *contrainvestimento da couraça* que anula uma onda emocional, e a consciência torna-se "emocionalmente insensível", como expôs Reich. Então, acredito que haja *graus* de interferência construtiva e destrutiva. A *onda* é a linguagem do *conatus*, segundo entendo. Quando as correntes das duas crianças se superpõem e existe grande ressonância entre elas, ou grande relação de *composição*, como diria Spinoza, *a potência aumenta*. O ato do *conatus* perceber/avaliar a relação de composição e o aumento ocorrer são a mesma operação. A *necessidade* é gerada nesse momento, pois é por necessidade que o *conatus* propulsiona a mente e o corpo da consciência, *por isso é irresistível.*

Como expliquei[153], um ser não propulsiona porque algo é bom, mas ao contrário. É porque é bom que ele propulsiona. Como uma criança que está radiante sente outra criança que está radiante *dentro de si*, automaticamente busca essa necessidade interna de aumentar sua potência. Quando elas se interpenetram, um fenômeno de *luminância* acontece. Essa é a "atração orgonótica". Em outros termos, *uma consciência quer/deseja aquilo que ela já possui*

[152] Traduzido livremente do inglês: "A pair of light or sound waves will experience interference when they pass through each other. The individual waves will add together (superposition) so that a new wavefront is created. Constructive interference occurs when the maxima of two waves add together (the two waves are in phase), so that the amplitude of the resulting wave is equal to the sum of the individual amplitudes. Equivalently, the minima of the waves would be aligned".
[153] Cf. Carnero (2021, p. 264-268).

dentro de si mesma, então busca aquilo que é sua própria necessidade interna como fonte de aumento de potência. Tanto a "excitação" que chega como informação é uma *onda*, quanto a geração de movimento propulsivo é uma *onda*.

Certamente, a *interferência* gerada pelo *conatus*, no encontro de dois ou mais *conatus*, depende diretamente das regras branáticas. Uma consciência busca o que é uma relação de composição para ela *em função das necessidades do espaço onde está*. Se uma onda é fonte de perseverança para ela, essa consciência irá buscar uma interferência construtiva *com* ela. A questão central, como veremos, é *onde* a consciência *está posicionada*, em qual espaço-tempo ou mundo-brana e sob quais regras? A estratégia do *conatus* depende do ambiente *e do que seja libertação para ela*. Se uma consciência tem uma prisão dentro de si e nessa, por exemplo, *difamar e humilhar* é uma *esperança de libertação,* logo uma *onda difamatória e humilhatória é entendida pelo conatus, nesse espaço, como fonte de liberdade e perseverança*. Por isso, consciências podem unir-se a partir de *vicissitudes* e gerarão interferências construtivas *na prisão, pois sentirão que isso é benéfico*. Esse é um dos mecanismos por trás do que Reich denominou como *peste emocional*.

A partir desse percurso, em que exploramos como se formam as superposições cósmicas, *cujas formas são vórtices*, e que o *self* é uma focalização de energia cósmica organizada, estamos de acordo com Scialanca, quando afirma:

> Da superposição nascemos. [...] Portanto somos um "congelamento" momentâneo de um movimento energético; o movimento primordial do nosso núcleo é circular, mas mantém sua linearidade na expressão do *ad-gredior*[154]. A massa é dada pelo turbilhão de energia sobre si mesma.[155] (Scialanca, 2001, p. 18, grifo nosso).

Assim, defino o *self* como *uma consciência individuada* e como uma *função de superposição cósmica*. Por isso, chamarei de "uma consciência", com "c" minúsculo como apontou Job, *a consciência vortexial*. Isso significa que não há uma mente ou um corpo "operados" por uma consciência, mas *mente e corpo, isto é, a unidade funcional energética, são uma consciência individuada na forma energética de um vórtex.* Uma consciência é

[154] *Ad-gredior* é um termo em latim que significa literalmente *agredir*, mas não no sentido de "destruir" ou "fazer dano", mas no sentido de *dirigir-se ou avançar para*, que nos indica a propulsão catéxica e o vetor do *momentum* em direção ao que se necessita e deseja. O ímpeto "para fora" é tanto na direção de "ultrapassar barreiras ou impedimentos", quanto na direção de encontrar outros sistemas para comunhão e aumento de neguentropia.

[155] Traduzido livremente do italiano: "Dalla superimposizione noi nasciamo. [...] Dunque noi siamo um momentaneo 'congelamento' di un moto energetico; il moto primordiale del nostro nucleo è circolare, ma mantiene la sua linearità nell'espressione dell'ad-gredior. La massa è data dal vorticare dell'energia su se stessa".

modulação *da Consciência* como *vórtex.* O conceito de Job de *vórtex* nos auxilia aqui para ampliar o conceito de *consciência* e de superposição cósmica:

> A vibração com determinada intensidade, de oscilação mais lenta, produz um "coágulo", um emaranhado [...]. Um vórtex é formado por vórtexes, que são formados por vórtexes ao infinito, no *microcosmos* e um vórtex forma outros vórtexes também ao infinito, no *macrocosmos*. Micro e macrocosmos se expandem ao infinito, podendo ser infinitamente maior e menor. As relações entre um ou mais vórtexes também são um vórtex, sendo que, como afirmamos anteriormente, inexiste uma separação real entre um vórtex e outro. As vibrações que os compõem se estendem ao infinito, impossibilitando um vácuo real no cosmos. À soma de todos os vórtexes, chamamos *Unidade Dinâmica*. [...] Além disso, o *vórtex é instável*, podendo perder qualquer vestígio de relação micro e macro ou fractalidade. O *vórtex é uma auto-organização de vórtexes, de vibrações* (Job, 2021a, p. 52-53, grifos do autor).

Job chama também a *Unidade* dinâmica de "Consciência cósmica". Defende também que "*todo vórtex é consciente*. [...] O que se chama de 'mente individual' é a aglomeração complexa de vários vórtexes que vibra mais que o corpo biológico. A diferença entre mente e corpo biológico é apenas a frequência vibracional, sendo que mente e corpo são imanentes uns aos outros, são contínuos" (Job, 2021a, p. 54, grifos do autor). Corpo e mente, para Reich, são o *mesmo processo energético*, é a "energia orgone cósmica, a força criativa primordial do universo" (2003 [1951], p. 308) *organizada como superposição vortexial*. Por isso, penso na mesma esteira, que o corpo e a mente são *processos energéticos auto-organizados e expressam formatações com graus diferentes de densidade vibracional*.

3.3 A Superposição Cósmica e o Universo Elétrico

O modelo cosmogônico de Reich *não* pode ser entendido através do Modelo Cosmológico Padrão (MCP). Há várias razões, mas três são fundamentais. No MCP, a negativa da existência do éter segue válida, a gravidade é a única força capaz de organizar a matéria no espaço e a Teoria do Big Bang segue como a principal razão para a criação[156] da matéria. Ou

[156] Aqui utilizo o termo "criação" e não "geração" para demonstrar como o conceito de Big Bang, a teoria cosmológica que explica a origem e evolução do universo, se apoia em uma ideia de um momento histórico onde não havia *nada* e, então (a singularidade), tudo se expande e segue continuamente em expansão até hoje. "Geração" envolve existir um processo gerador prévio, como um gerador de energia. Gerar energia é *friccionar, acumular e expandi-la, através de convecções*. "Criar" nos traz a ideia de que algo é gerado do nada, sem nenhuma relação prévia, nenhum conceito prévio. Isso não se adéqua às ideias processuais de constituição do Cosmos, como demonstrado no conceito de "linhas" de Tim Ingold (2012) ou no conceito de "interser" de Nhat Hanh (2014), como vimos na Introdução da tese. Se as "criações" são *confluências de linhas ou correntes de energia*, então uma nova construção de forma é *gerada*, não *criada*. Isso é bastante mais próximo da função do orgasmo de Reich (função tensão-carga-descarga-relaxamento), porque a "tensão-carga" é processual e não

seja, não há éter como meio contínuo, correntes no espaço, a gravidade não é um fenômeno variável e, sobretudo, trata-se de um universo formado por matéria que expande infinitamente, destino que foi denominado como Grande Esfriamento (*Big Chill*) (Ryden, 2017), pois a temperatura do universo diminui monotonicamente com o passar do tempo. *Isso significa um universo que não expande e contrai ritmicamente, mas apenas expande entropicamente*. Contudo, por que os sistemas viventes são capazes de alternar expansão e contração, isto é, recondensar energia para gerar novas formas, gerar autorregulação e auto-organização *pelo balanceamento alternado de cargas e descargas*, mas o universo não funcionaria da mesma maneira?

Dito isso, há um modelo cosmológico que parece atender a muitas das observações de Reich, que é chamado de *Universo Elétrico (UE)*. Esse modelo aposta em uma cosmologia baseada em *plasma* e *correntes elétricas* como formadoras do universo, diferente do MCP. Atualmente, o UE tem sido defendido, prioritariamente pelo Projeto Thunderbolts (*Thunderbolts Project*), uma organização de cientistas, historiadores e pesquisadores que trabalham em uma ampla gama de questões relacionadas ao UE. A maior parte de suas pesquisas são divulgadas através de vídeos e conferências no YouTube. Encontro no Universo Elétrico uma possibilidade de compreensão de fenômenos observados por Reich e, sobretudo, porque dois parâmetros que aparecem constantemente em seus escritos são o *plasma* e as *correntes bioelétricas* pelo corpo. Creio que nesses residam muitos dos princípios de funcionamento comum com a *energia orgônica*, ainda que Reich tenha afirmado que o *orgone*

---

uma *singularidade.* A singularidade que é o "acme" orgástico, o aumento exponencial da tensão-carga, seguida de descarga-relaxamento (a expansão do universo), *precisa ser constituída por confluência de tensões e cargas anteriores*, por isso é processual. A singularidade não acumula tamanha energia "do nada". Um exemplo microcósmico disso é a geração de uma vida no interior de um útero materno. O óvulo da mãe e o espermatozoide do pai são *confluências de linhas anteriores (ou uma superposição cósmica de correntes, como dirá Reich)*, não apenas do material genético e do material biológico que são reunidos (que também são linhas e vibrações informacionais temporais), como também é uma confluência do desejo dos genitores de se unirem e se fusionarem. O momento de *geração de um zigoto*, a primeira célula gerada após a fecundação, é um *Big Bang* (como disseram Ferri e Cimini, 2011, p. 49). Existe uma singularidade inicial, um momento de luminação energética intensa, que logo se desdobra no desenvolvimento e no crescimento, que é uma expansão (descarga-relaxamento). No entanto, esse Big Bang é *processual* e não apenas se desdobra "expansivamente"; ao contrário, continua pulsando, contraindo e expandindo, na direção do aumento de complexidade.

O modelo da cosmologia do Universo Elétrico critica, de diversas maneiras, o modelo cosmológico padrão do Big Bang, já que se baseia em princípios da eletrodinâmica e na importância das forças eletromagnéticas no universo. Por isso, nesse modelo, o universo não requer uma singularidade inicial para explicar a estrutura e evolução do cosmos. Em vez de uma expansão cósmica a partir de um ponto, propõem que campos elétricos e magnéticos em larga escala moldam o universo, a partir de concentrações de correntes cósmicas e convecção de correntes que formarão novos astros. As críticas se centram na ideia de que são as *forças elétricas e magnéticas* que explicam a movimentação dos astros, das galáxias e outras estruturas, e não a gravidade, já que o *plasma cósmico*, meio de convecção de forças eletromagnéticas, é muito mais influente do que a gravidade em escala cósmica. Nesse sentido, o modelo cosmológico do Universo Elétrico (e não o Modelo Cosmológico Padrão) é bastante mais próximo ao modelo cosmogônico de Reich.

não é de natureza eletromagnética, em princípio. Veremos por que e também como isso pode tornar-se um empecilho para expansão de diálogos e futuros desenvolvimentos do *conceito de orgone*. A meu ver, o *orgone* delimita um *contexto* de trabalho e um *modelo* que permite estabelecer observações e relações com diferentes fenômenos e disciplinas. Então, nosso esforço aqui é tentar expandir esse contexto e esse modelo, não o negar.

A premissa do UE é a de que *existe eletricidade no espaço*, algo que é negado pelo MCP. Na cosmologia padrão, o espaço é eletricamente neutro e a estrutura cósmica gravitacional deve-se a um Big Bang primordial. Contudo, inúmeros estudos recentes demonstram que existem *circuitos elétricos* que alimentam o cerne da nossa galáxia, a Via Láctea. Em termos elétricos, existem transmissões de forças elétricas cósmicas que alimentam o plasmoide[157] no meio da galáxia. O UE apoia-se no fato de que o *espaço* intergaláctico, interestelar e interplanetário *está preenchido* por um tênue *plasma*. Esse fino meio contínuo "contendo 'íons' positivos e elétrons negativos, é o *plasma*, às vezes chamado de o 'estado fundamental da matéria', uma vez que constitui mais de 99% do universo visível. O comportamento eletromagnético do plasma o distingue claramente dos sólidos, líquidos e gases"[158] (Thornhill; Talbott, 2007, p. 6).

Em paralelo, a equação de Einstein ($E = mc^2$) relaciona a *energia* armazenada na matéria e sua manifestação como *massa*, sendo que ela não constitui uma explicação sobre a *geração* da matéria, do Sol, dos satélites e planetas. Como a *gravidade* é uma força trilhões de vezes mais *fraca* do que a força elétrica, *a conta da geração do universo não é possível de ser feita*, por isso *foi necessário adicionar fenômenos supostos* como objetos supercompactos e supermassivos chamados de "buracos negros". Conforme os movimentos galácticos foram descobertos, *os modelos gravitacionais entraram em contradição*, então foi necessário adicionar outra energia *suposta* chamada de "matéria escura" (*dark matter*). Físicos passaram a imaginar vastas regiões do espaço compostas por essa "matéria". Essa é a concepção do MCP.

---

[157] O físico mexicano Winston Bostick, que trabalhou até 1991 no Stevens Institute of Technology, cunhou o termo *plasmoide* para indicar uma estrutura coerente de plasma e campos magnéticos. Como afirma, ela foi proposta para explicar fenômenos naturais como raios esféricos, bolhas magnéticas na magnetosfera e objetos em caudas de cometas, no vento solar, na atmosfera solar e na folha de corrente heliosférica. Em suas palavras: "O plasma é emitido não como uma bolha amorfa, mas na forma de um *torus*. Tomaremos a liberdade de chamar esta estrutura toroidal de plasmoide, palavra que significa entidade plasmático-magnética. A palavra plasmoide será empregada como um termo genérico para todas as entidades plasmático-magnéticas" (Bostick, 1958, p. 87 *apud* The Plasma Universe, 2024). [Traduzido livremente do inglês: "The plasma is emitted not as an amorphous blob, but in the form of a torus. We shall take the liberty of calling this toroidal structure a plasmoid, a word which means plasma-magnetic entity. The word plasmoid will be employed as a generic term for all plasma-magnetic entities"].

[158] Traduzido livremente do inglês: "containing positive 'ions' and negative electrons, is plasma, sometimes called the 'fundamental state of matter' since it constitutes more than 99 percent of the visible universe. The electromagnetic behavior of plasma clearly distinguishes it from solids, liquids, and gases".

Por isso, no Universo Elétrico defende-se que *as teorias modernas cosmológicas omitiram a eletricidade*, ainda que *toda matéria seja composta de partículas eletricamente carregadas*.

Por volta de 1800, pesquisadores em eletricidade começaram a explicar as auroras, as luzes zodiacais, os anéis de Saturno e o próprio funcionamento do Sol *por meio de comportamentos e propriedades elétricas*. O plasma é o meio contínuo que *transporta correntes elétricas pelo universo*. Essa observação é importante porque *o plasma também é o meio contínuo que transporta as correntes elétricas pelo corpo,* conforme defendido por Reich. *O plasma e a eletricidade são chaves de um princípio de funcionamento comum cosmológico e cosmogônico,* a meu ver. Telescópios de rádio, como o VLA (*Very Large Array*) têm demonstrado que o universo é permeado por *campos magnéticos e radiação eletromagnética*. Contudo, os astrofísicos que apoiam o MCP

> continuam tratando o plasma mecanicamente como um gás magnetizável, *sem levar em conta o papel principal das correntes elétricas no plasma espacial* [...] Os campos magnéticos são criados por correntes elétricas. E a energia elétrica é necessária para produzir os sinais de rádio. Os campos magnéticos no espaço são a assinatura cósmica de vastas correntes em todo o universo[159] (Thornhill; Talbott, 2007, p. 7, grifos nossos).

A cosmologia do Universo Elétrico possui muitos desdobramentos que podem ser conferidos nos vídeos do *Projeto Thunderbolts*. Contudo, para a exposição que faço é necessário apresentar as descobertas de dois "pais" do UE, que são Kristian Birkeland e Hannes Alfvén. Birkeland foi um cientista norueguês, indicado ao Nobel sete vezes e nos anos 1889-90 realizou expedições no Ártico para fazer as primeiras medições do campo magnético da região polar da Terra. "As suas descobertas sugeriram que partículas carregadas originárias do Sol e guiadas pelo campo magnético da Terra *produziram os anéis circumpolares das auroras*[160]. [...] as medições por satélite nas décadas de 1960 e 1970 confirmaram a teoria de

[159] Traduzido livremente do inglês: "continue treating plasma mechanically as a magnetizable gas without regard to the primary role of electric currents in space plasma [...] Magnetic fields are created by electric currents. And electric power is required to produce the radio signals. Magnetic fields in space are the cosmic signature of vast current streams throughout the universe".

[160] Em *O Éter, Deus e o Diabo* (Reich, 2003 [1951]), cabe conferir o Capítulo VI, "O anel da aurora boreal, R-76". Foi quando Reich começou a investigar "as ligações concretas que conectam a energia orgone no interior do organismo vivo (bioenergia) e a energia orgone (cósmica)" (p. 261). No capítulo afirma: "o movimento de uma aurora boreal do tipo em faixa é de natureza lenta, ondulatória, sendo às vezes pulsante e semelhante a uma onda" (p. 263). Acredito que as observações de Reich e as pesquisas de Birkeland se encontram e tornam possível a compreensão do *orgon* como um *fenômeno eletromagnético que pode ocorrer tanto no espaço quanto nos corpos biológicos.* Não há registros de que Reich tenha conhecido o trabalho de Birkeland ou de Alfvén, pois afirma, em relação às suas próprias pesquisas, que "as primeiras observações específicas da aurora boreal foram realizadas na Noruega de 1937 a 1939, com pouca compreensão. Foi só em 1940, em Forest Hills, Nova York, que as observações ganharam uma orientação sistemática" (p. 262).

Birkeland"[161] (Thornhill; Talbott, 2007, grifos nossos). As partículas carregadas do Sol são chamadas de "ventos solares" (*solar winds*). Conforme Thornhill e Talbott explicam:

> Em seus experimentos, Birkeland mostrou que as correntes elétricas fluem preferencialmente ao longo de *filamentos moldados* por campos magnéticos induzidos por correntes. [...] Mas à medida que *os filamentos de plasma se juntam, eles ficam livres para girar uns sobre os outros*. [...] O efeito é que os filamentos formarão uma "corda" torcida. À medida que se unem, como uma patinadora no gelo girando com os braços, *eles giram cada vez mais rápido*. Devido a esta dinâmica, *o comportamento da corrente emparelhada é na verdade um "redemoinho" elétrico, um vórtex de plasma*[162] (Thornhill; Talbott, 2007, p. 7-8, grifos nossos).

Parece-me difícil que Reich ignorasse as observações e as experiências de Birkeland em laboratório *se as tivesse conhecido*. Esses pares de correntes emparelhadas e retorcidas *geram o tipo mais eficiente de transmissão de força elétrica*. O termo "Correntes de Birkeland" (*Birkeland Currents*) passou a designar essa *organização natural de fluxos de correntes no plasma*. Contudo, o termo apenas foi descrito em literatura científica em 1969. Birkeland acreditava que *a formação de sistemas galácticos deveria ser discutida em termos eletromagnéticos e não em termos gravitacionais*. Na cosmologia do Universo Elétrico *são as Correntes de Birkeland que geram a formação das galáxias* e não a gravidade [padrão] e a matéria escura, como no MCP. Apesar de eu não ser um cosmologista, acredito que o que Reich chamou de "corrente de orgone cósmica/galáctica" seja uma Corrente de Birkeland *massiva* que conecta a Via Láctea a outras galáxias. Digo isso porque, como veremos, essas correntes podem existir desde escalas microscópicas até escalas intergalácticas[163].

Dois sucessores de Birkeland destacam-se, ambos premiados com o Nobel: o químico-físico americano Irving Langmuir e o cientista suíço Hannes Alfvén. Foram os pioneiros na *cosmologia de plasma.* Langmuir foi o responsável por cunhar o termo *plasma*, a partir de seus estudos em gases ionizados. Ele deu o nome "plasma" justamente por conta de

[161] Traduzido livremente do inglês: "His findings suggested that charged particles originating from the Sun and guided by Earth's magnetic field produced the circumpolar rings of the auroras. […] satellite measurements in the 1960s and 70s confirmed Birkeland's theory".

[162] Traduzido livremente do inglês: "In his experiments, Birkeland showed that electric currents flow preferentially along filaments shaped by current-induced magnetic fields. [...] But as plasma filaments come together, they are free to rotate about each other. [...] The effect is that the filaments will form a twisted 'rope.' As they draw together, like a spinning ice skater bringing in her arms, they rotate faster and faster. Due to this dynamic, the paired current behavior is really an electrical 'whirlwind,' a plasma vortex".

[163] Como consta no *The Plasma Universe*, as correntes elétricas de Birkeland são "prevalentes em todo o plasma cósmico: atmosférico, estelar, interplanetário, interestelar, intergaláctico" (The Plasma Universe, 2024). [Traduzido livremente do inglês: "Prevalent in all cosmic plasma/ Atmosphere, Stellar, Interplanetary,/ Interstellar, Intergalactic"].

"suas respostas à eletricidade, *semelhantes às da vida*"[164] (Thornhill; Talbott, 2007, p. 12, grifos nossos). Esse estado da matéria e suas qualidades o lembravam *o plasma sanguíneo*. Langmuir observou como o plasma respondia a objetos carregados ao produzirem formações como se fossem "paredes celulares" em volta de objetos. Essas "paredes" foram chamadas de "bainhas de Langmuir" (*Langmuir sheaths*), "bainhas de plasma" e também de "camadas duplas" (*double layers*) de plasma, que são uma importante característica do comportamento do plasma. Ao longo das bainhas há *um forte campo elétrico, enquanto que em ambos os lados da bainha o campo elétrico é muito mais frágil*. A presença dessa "camada dupla" *isola o objeto carregado do plasma ao redor*. Por que isso é importante? Porque a bainha de Langmuir não apenas tem o formato de um torus*, como é o ambiente de plasma de um astro*. Possivelmente a "bainha" seja o "envoltório de energia orgone" descrito por Reich.

Hannes Alfvén foi quem mais avançou com as experimentações investigativas em plasma, que o entendia como um "fluido magnético". Contudo, afirmou que tanto os campos magnéticos quanto as correntes elétricas precisavam ser consideradas na ciência do plasma espacial. O plasma no *espaço* é "quase neutro" (*quasi neutral*), o que significa que ele tende, em geral, a ser eletricamente neutro. Mas o plasma também pode violar a quase-neutralidade, produzindo *regiões* carregadas em camadas duplas e feixes de partículas. É por essa razão que é possível observar superaglomerados de galáxias que se movem umas relativas às outras e todas são compostas primariamente de plasma. "Portanto, cada célula plasmática em escalas menores está incorporada em campos gerados externamente e desenvolverá correntes filamentares que formam circuitos internos"[165] (Thornhill; Talbott, 2007, p. 11).

Há muitos outros desenvolvimentos de ideias ressonantes dos conceitos de Reich com os do Universo Elétrico que acredito serem necessários como trabalhos futuros. Antes de prosseguir com a questão de Reich e sua tentativa de negar a possível natureza eletromagnética dos fenômenos orgonóticos, preciso abordar brevemente mais alguns pontos de convergência. O primeiro é em relação à *magnetosfera* que *envolve* a Terra. São correntes circulatórias de partículas carregadas ao redor da Terra na direção Sul → Norte. Essas correntes formam um *torus* em forma de camadas, as quais são chamadas de Cinturão de Van Allen (*Van Allen belts*). São bainhas de correntes de plasma ao redor do planeta. *Aparentemente a magnetosfera protege a Terra dos ventos solares, mas a verdade é que há uma troca contínua entre a Terra e o Sol.*

[164] Traduzido livremente do inglês: "their lifelike responses to electricity".
[165] Traduzido livremente do inglês: "Therefore, every plasma cell at smaller scales is embedded in externally generated fields and will develop filamentary currents that form circuits within".

Ao longo da bainha ocorrem também "correntes perpendiculares" (*perpendicular currents*) que são chamadas de "correntes de anel" (*ring currents*). As imagens podem ser conferidas no site dos *Thunderbolts*[166].

Essas correntes são perpendiculares à linha equatorial da Terra *e são formadas por uma curvatura interna das correntes de Birkeland que correm "por dentro" do planeta na direção Sul → Norte.* Acredito que essas "correntes de anel" sejam o que Reich denominou "correntes de orgone equatorial". Outra imagem que também é de importância e pode ser conferida no mesmo site é a "trajetória helicoidal de uma partícula carregada, com seu movimento circular sobreposto ao seu vetor velocidade de deriva"[167] (Johnson, B.; Johnson, J., 2012), também chamada de "deriva de partículas carregadas[168]", que tem *exatamente* o mesmo formato da *onda giratória* (*Kreiselwelle*) proposta por Reich. Essas imagens foram extraídas do livro de Hannes Alfvén chamado *Plasma Cósmico* [*Cosmic Plasma*] (cf. Alfvén, 1981, p. 3).

No mesmo livro, Alfvén explica que o físico suíço Göran Marklund analisou a estrutura filamentar das correntes de Birkeland, as "cordas magnéticas". A "estrutura" da corrente é um tipo de *convecção* que é composta por três vetores. Descreverei a imagem (cf. Alfvén, 1981, p. 25): um movimento helicoidal cuja trajetória é uma hélice cilíndrica. A imagem é a de uma onda giratória em que o vetor aponta para cima, e no meio da onda giratória há outra linha na forma de uma onda *senoidal*, em que com o mesmo vetor e de forma espaçada há *círculos fechados perpendiculares ao redor dessas duas linhas* e os vetores são circulares[169]. Elas indicam os elétrons fluindo numa corrente alinhada com o campo. Essa união de linhas é chamada de Convecção de Marklund (*Marklund Convection*). É uma convecção filamentar que ocorre abundantemente no plasma.

Por fim, cabe destacar o trabalho de Anthony Peratt, cientista de plasma e colega de Alfvén. Peratt realizou simulações de computador e experimentos que

---

[166] Cf. "Bainhas de corrente de plasma" [*Plasma Current Sheets*] (Johnson, B.; Johnson, J., 2012).

[167] Traduzido livremente do inglês: "helical trajectory of a charged particle, with its circular motion superimposed on its drift velocity vector".

[168] Traduzido livremente do inglês: "Charged particle drift". Cf. The Plasma Universe (2024).

[169] As imagens podem ser conferidas em Reich (2003 [1951], p. 221), onde desenha "A onda que gira – Kreiselwelle (KRW)" e no Guia Essencial ao Universo Elétrico, no site do *The Thunderbolts Project* (Johnson, B.; Johnson, J., 2011), nos capítulos "6.8 Field-Aligned Currents" e "6.12 Marklund Convection". Acredito que a *onda giratória (Kreiselwelle)* de Reich possa ser uma "Convecção de Marklund", uma vez que apresenta o formato de uma onda senoidal e, ao mesmo tempo, de uma "espiral que gira" e propulsiona na forma de uma corrente. É possível que esse movimento helicoidal seja gerado por uma "resistência elétrica do plasma" *"electrical resistance of the plasma"* (Johnson, B.; Johnson, J., 2011). O termo senoidal deriva da função matemática seno (senoide), que indica uma onda que possui uma repetição periódica suave e simétrica e que ocorre em diversos fenômenos físicos, como som, eletricidade, luz e vibrações mecânicas.

> demonstraram que *a interação entre os filamentos cósmicos de Birkeland* – sem [a necessidade de] matéria escura, sem buracos negros e sem nenhum papel para a gravidade – *produz naturalmente um acúmulo de matéria na interseção das correntes*, levando a uma estrutura galáctica e movimentos rotacionais que correspondem com precisão às observações [...] Os campos magnéticos cósmicos confirmam que o estado fundamental do plasma espacial é **eletricamente dinâmico**. Sabe-se que as células plasmáticas que se movem umas em relação às outras geram correntes elétricas umas nas outras, mas os cosmologistas parecem não ter consciência disso. Além disso, *as correntes elétricas tão abundantemente evidentes ao longo de distâncias cósmicas são suficientes para organizar as galáxias e fornecer energia às suas estrelas*[170] (Thornhill; Talbott, 2007, p. 26, grifos nossos em itálico, grifos dos autores em negrito).

Nesse último trecho, parece ficar evidente que *a interação de filamentos ou correntes de Birkeland forma uma superposição de correntes com curvatura acentuada gerando acúmulo de matéria*[171]. Em particular, as imagens das simulações de Peratt[172] (cf. Thornhill; Talbott, 2007, p. 26) mostram exatamente o que foi descrito por Reich: "a *criação de determinados sistemas galácticos deve-se à superposição de duas correntes de energia cósmica. A maioria das 'galáxias espiraladas' mostra dois ou mais braços que se unem em direção ao 'cerne' do*

[170] Traduzido livremente do inglês: "have shown that the interaction between cosmic Birkeland filaments — with no dark matter, no black holes, and no role for gravity at all — naturally produces an accumulation of matter at the currents' intersection, leading to galactic structure and rotational motions that accurately match observations […]. Cosmic magnetic fields confirm that the fundamental state of space plasma is *electrically dynamic*. It is known that plasma cells moving with respect to each other generate electric currents in each other, but cosmologists seem unaware of this. Moreover, electric currents so abundantly evident over cosmic distances are sufficient to organize galaxies and to power their stars".

[171] Stephen Smith, colaborador do *Projeto Thunderbolts*, escreve no site a respeito dessa formação: "Num Universo Elétrico, as estrelas não são alimentadas pela fusão do hidrogênio, *mas pela entrada de carga elétrica*. Se ocorrer alguma fusão, ela não será no núcleo, *mas na fotosfera estelar*, ou superfície, de uma estrela. *Não existe um núcleo intensamente quente irradiando energia de milhares de quilômetros de profundidade*. Em vez disso, os elementos pesados são sintetizados em descargas de plasma que se 'precipitam' no interior de uma estrela (como uma chuva de átomos de metal) através de um processo chamado 'convecção de Marklund'. [...] Descargas elétricas em uma nuvem de plasma criam camadas duplas, ou bainhas, ao longo do eixo da corrente. A carga positiva se acumula de um lado e a carga negativa do outro. Um campo elétrico se desenvolve entre os lados e, se for aplicada corrente suficiente, *a bainha brilha*, caso contrário, fica invisível. Correntes elétricas fluem ao longo das bainhas. No plasma, as correntes espiralam em filamentos ou camadas duplas. *Os filamentos se atraem, mas em vez de se fundirem, eles espiralam-se, gradualmente comprimindo-se em descargas em modo de arco. É assim que nascem as estrelas*" (Smith, 2019, grifos nossos).
[Traduzido livremente do inglês: "In an Electric Universe, stars are not powered by hydrogen fusion, but by incoming electric charge. If any fusion takes place, it is not in the core, but in the stellar photosphere, or surface, of a star. There is no intensely hot core radiating energy from thousands of kilometers deep inside. Instead, heavy elements are synthesized in plasma discharges that 'precipitate' into a star's interior (like a rain of metal atoms) through a process called, 'Marklund convection'. [...] Electric discharges in a plasma cloud create double layers, or sheaths, along the current axis. Positive charge builds up on one side and negative charge on the other. An electric field develops between the sides, and if enough current is applied the sheath glows, otherwise it is invisible. Electric currents flow along the sheaths. In plasma, the currents spiral into filaments, or double layers. The filaments attract each other, but rather than merging they spiral around, gradually pinching down into arc mode discharges. It is in this way that stars are born"].

[172] As imagens podem ser conferidas também em Talbott (2016) e no Capítulo 1 do livro *The Electric Universe* (Thornhill; Talbott, 2007, p. 26), que pode ser obtido diretamente do site oficial do Projeto Thunderbolts, através do link: https://www.thunderbolts.info/EU%20Intro%20and%20Chap1.pdf.

sistema total" (Reich, 2003 [1951], p. 248, grifos do autor). Na simulação de Peratt é demonstrado o passo a passo do encontro de correntes elétricas no espaço, em que através do "efeito de pinça" (*pinch effect*) elas *unem-se, como numa dança, e se superpõem gerando a estrutura e o movimento de uma galáxia em espiral*. A meu ver, as imagens de Peratt surpreendem, pois parecem demonstrar mesmo o mecanismo geracional proposto por Reich, apenas utilizando diferentes nomenclaturas.

Com isso, quero demonstrar que há muitas evidências que nos permitem afirmar, com boa chance de acerto, que *Reich estava no paradigma do Universo Elétrico e que os fenômenos orgonóticos são fenômenos elétricos dentro de uma cosmologia de plasma*. Em particular, há um autor chamado Robert Temple (2022) que escreveu um livro sobre plasma e relações com outros autores e fenômenos físicos pouco convencionais sobre o tópico, chamado *A Nova Ciência do Céu* (*A New Science of Heaven*). Temple narra uma versão pouco conhecida sobre a perseguição de Reich nos Estados Unidos por um físico e médico da Marinha chamado Freeman Cope que havia sido enviado para investigar as relações que Reich poderia estar estabelecendo com o plasma cósmico ou as funcionalidades eletrônicas em sistemas vivos. A respeito das correntes de Birkeland, Temple diz o seguinte:

> Assim como o trabalho de Alfvén e seus seguidores revelou a realidade complexa e viva do espaço sideral e as interações do plasma e do eletromagnetismo, seu colega ganhador do Nobel Szent-Györgyi e seus seguidores revelaram as operações imensas e surpreendentemente complexas do *eletromagnetismo e plasma dentro do corpo humano e fora dele também*.
> Voltando brevemente ao assunto dos biofótons, quando são vistos sendo emitidos a partir de pontos de acupuntura e linhas de meridianos, não são de forma alguma um sinal de câncer, mas sim uma indicação da atividade normal aumentada nessas regiões-chave do corpo. Na verdade, as varreduras de biofótons fornecem imagens visuais claras do *misterioso fluxo de energia corporal (sem dúvida um plasma fluindo) conhecido como qi (pronuncia-se "ti")* na acupuntura chinesa. Esses fluxos dentro do corpo, que têm sido detectados com frequência, são conhecidos como "tubulações-luz", mais tecnicamente descritos como "canais de emissão de luz". Esses canais formam uma rede de meridianos. Esta é uma das áreas de investigação mais importantes, uma vez que as suas descobertas validam claramente o sistema chinês de pontos e meridianos de acupuntura no corpo. *Os tubos de luz e os meridianos tradicionais da acupuntura são os mesmos*[173] (Temple, 2022, p. 151, grifos nossos).

[173] Traduzido livremente do inglês: "Just as the work of Alfvén and his followers has revealed the complex, living reality of outer space, and the interactions there of plasma and electromagnetism, so his fellow Nobel laureate Szent-Györgyi and his followers have revealed the immensely and astonishingly complex operations of electromagnetism and plasma within the human body, and outside it too.
Returning briefly to the subject of biophotons, when they are seen being emitted from acupuncture points and meridian lines, they are not a sign of cancer at all, but rather an indication of the normal heightened activity in those key regions of the body. Biophoton scans actually give clear visual images of the mysterious flowing body energy (doubtless a flowing plasma) known as qi (pronounced 'chee') in Chinese acupuncture. These streams inside the body, which have been detected frequently, are known as 'light-piping', more technically

Temple defende que o fenômeno de supercondutividade que ocorre nos fluxos de filamentos galácticos das Correntes de Birkeland, *que percorrem todo o universo*, opera da mesma forma ou de maneira semelhante "*em um nível micro dentro de nós mesmos*[174]" (Temple, 2022, p. 142, grifos nossos). São fluxos de elétrons, dentro de Correntes de Birkeland, que avançam de um modo espiral duplo. Segundo Temple, o que Reich e outros pesquisadores compreenderam é que *as mesmas funções cósmicas do plasma operam de maneira semelhante no corpo humano e outros corpos.* As funções do plasma *são funções de luz e/ou funções eletromagnéticas*, pois a luz é uma onda eletromagnética.

Em um momento inicial do trabalho falei a respeito da Teoria das Cordas, da qual provém a Teoria de Mundos-Brana, que é um dos conceitos centrais que utilizo. Certamente não posso dizer que a Teoria das Cordas tem relação direta com a cosmologia de plasma ou o Universo Elétrico, pois não encontrei ligações nesse sentido. Contudo, todas essas ideias, *as cordas, a eletricidade e o orgone têm um mesmo princípio de funcionamento comum: a onda. Todas elas são funções de onda e fenômenos de onda*. Outra palavra para isso é vibração, pois uma onda que se move é vibração. Ela é *corpo e mente ao mesmo tempo*, porque podemos considerá-la como *extensão e pensamento.* Uma propulsão é uma onda, por isso defendo que ela é *desejo em ato.* Não é algo somente mental ou somente físico. Dessa concepção decorrem dois desafios: 1) poder abordar a onda/vibração de uma maneira "mística", não "misticista", isto é, poder dialogar com filosofias antigas de conhecimento interior e cósmico; 2) poder abordar a onda/vibração de maneira científica, não cientificista ou mecanicista. Os dois desafios são apenas um só: COMPREENDER A ONDA/VIBRAÇÃO DE MANEIRA ENERGÉTICO-FUNCIONAL, ISTO É, NEM MISTICISTA, NEM MECANICISTA. Essa é a base do pensamento funcional reichiano. Então, creio ser importante pontuarmos algumas observações de Reich para que possamos *ampliar os diálogos sem recortar, obscurecer, invisibilizar ou negar as bases*.

3.4 O orgone pode ser de natureza eletrodinâmica, pois é uma onda variável

Em 1935, quando Reich saiu de Viena como refugiado da Alemanha nazista, estava determinado a descobrir a natureza física da energia da libido, postulada por Freud. Um ano

described as 'channels of light emission'. Such channels form a meridian network. This is one of the most important areas for research, since its findings clearly validate the Chinese system of acupuncture points and meridians in the body. The light pipes and the traditional acupuncture meridians are the same".

[174] Traduzido livremente do inglês: "at a micro level within ourselves".

antes, Reich publicou em Copenhagen, na *Revista de Psicologia Política e Economia Sexual*[175], um artigo chamado "O orgasmo como descarga eletrofisiológica[176]" (Reich, 2023 [1934], p. 5). Nessa época, Reich se perguntou se a tensão sexual era apenas um fenômeno mecânico e se a estase sexual era também um processo essencialmente mecânico. Depois, responde que não, e que "além do relaxamento mecânico, ocorre uma *descarga bioelétrica* durante o orgasmo, algo que deveria ser verificável experimentalmente[177]" (Reich, 2023 [1934], p. 5, grifos do autor). A partir desse ponto, chegou na fórmula do orgasmo: tensão mecânica → carga bioelétrica → descarga bioelétrica → relaxamento mecânico. Reich afirmou que a função básica de toda matéria viva é tensionar e relaxar, carregar e descarregar. Em particular, na relação sexual, a *fricção* dos genitais resulta em contrações *involuntárias* da musculatura lisa e estriada genital e, conforme a frequência e intensidade da fricção ocorre, ondas de contrações aumentam e ocorre uma transição para o clímax.

Para Reich, *os processos mecânicos e elétricos representavam o processo orgástico*[178]: "a tensão mecânica era necessária para que a carga elétrica se acumulasse nos órgãos genitais, assim a descarga elétrica é a condição determinante para o relaxamento mecânico[179]" (2023 [1934], p. 13). Por essa razão, entendia o orgasmo como um processo conjunto de tensão-carga e de descarga-relaxamento. Segundo explica, a *satisfação (relaxamento gratificante)* pós orgasmo não é devida a um relaxamento mecânico, mas à descarga bioelétrica. Orgasmos que *descarregam pouca bioeletricidade são insatisfatórios*. Observa ainda que "a descarga orgástica produz sensação de prazer e fusão com o objeto; *seu bloqueio*, por outro lado, produz sensação de ansiedade e separação do objeto[180]" (p. 11, grifos nossos). Como expliquei, o bloqueio deve-se a uma *inibição vegetativa*, à diminuição ou ausência do movimento *espontâneo*.

---

[175] Traduzido livremente do inglês: *Journal for Political Psychology and Sex Economy*.
[176] Traduzido livremente do inglês: *The Orgasm as an Electrophysiological Discharge*.
[177] Traduzido livremente do inglês: "besides mechanical relaxation, a *bioelectrical discharge* occurs during orgasm, something which ought to be verifiable by experiment".
[178] No livro *A função do orgasmo*, no capítulo VII: "A irrupção no campo biológico", nos pontos 4 e 5, em particular, Reich explora os papéis da eletricidade no corpo, dos íons que transmitem cargas: "o nosso corpo é constituído por bilhões dessas superfícies potenciais de energias potenciais diferentes" (1988, p. 233), e das correntes elétricas: "a contração é acompanhada por uma expressão mensurável da chamada *corrente de ação* elétrica" (p. 239, grifos do autor). Essas compreensões estarão presentes também no livro de Adee (2023) *Nós somos elétricos (We Are Electric)*. Contudo, veremos que Reich deixa de falar nesses termos e abordaremos por quê.
[179] Traduzido livremente do inglês: "mechanical tension was needed for the electrical charge to build up in the genital organs, so electrical discharge is now the determining condition for mechanical relaxation".
[180] Traduzido livremente do inglês: "orgastic discharge produces a feeling of pleasure and fusion with the object; its blocking, on the other hand, produces a feeling of anxiety and separation from the object".

Em seguida, Reich diz: "no ato sexual, dois organismos *altamente e bioeletricamente carregados* entram em contato um com o outro[181]" (p. 14, grifos nossos). Analisamos essa situação no capítulo anterior quando exploramos a *superposição e fusão de duas correntes orgonóticas* no ato sexual. Contudo, a frase em que se refere à *bioeletricidade* é de 1934, e aquela em que fala sobre a superposição de correntes é de 1945. Por isso, em uma nota de rodapé escreve:

> [1945] Essa visão precedeu a descoberta posterior da física orgone de que a relação sexual envolve excitação e contato, radiação das células do corpo e fusão de dois "sistemas orgonóticos". No interesse de ilustrar o desenvolvimento da biofísica do orgone, será dada a seguinte explicação eletrofisiológica do ato sexual, *já não válida*, tal como alcançada em 1935[182]. (Reich, 2023 [1937], p. 159, grifos nossos).

Reich diz claramente que *a visão eletrofisiológica* não é mais válida em um momento posterior da teoria. Essa negativa é explicada em detalhes em *Funcionalismo orgonômico* (*Orgonomic Functionalism*), volume 3, em um artigo chamado "'Pulsação orgonótica: a diferenciação da energia orgone do eletromagnetismo', o qual foi apresentado em palestras com um eletrofísico[183]" (1991 [1944], p. 20) e no livro *A função do orgasmo* (1988 [1942]), em "A solução teórica do conflito entre mecanicismo e vitalismo" (p. 313).

Creio que a maneira como Reich começa sua argumentação *já nos abre uma possibilidade de diálogo, de antemão*. Ele diz: "os últimos cinco anos (1939-1944) mostraram que a diferenciação da energia orgônica cósmica do eletromagnetismo, *como é geralmente entendido*, era indispensável e frutífera"[184] (1991 [1944], p. 20, grifos nossos). Em "Pulsação Orgonótica" (PO) o diálogo com o eletrofísico é a personificação de diálogos reais que Reich teve com físicos e compreendeu ser a melhor maneira de gerar um chão comum com físicos do orgone e eletrofísicos. Ou seja, é um diálogo *esclarecedor*, não um diálogo com uma pessoa específica.

Reich o inicia com a afirmação de que a biofísica orgônica opera *funcionalmente*, isto é, nem depende do vitalismo, nem de uma orientação mecanicista. Tampouco pensa a

[181] Traduzido livremente do inglês: "in the sexual act, two bioelectrically highly charged organisms come into contact with one another".
[182] Traduzido livremente do inglês: "[1945] This view preceded the later *orgone-physical* discovery that intercourse involves excitation and contact, the *radiation* of body cells, and the *fusion* of two 'orgonotic systems.' In the interest of illustrating the *development* of orgone biophysics, the following, no longer valid, electrophysiological explanation of the sexual act, as arrived at in 1935, will be given".
[183] Traduzido livremente do inglês: "Orgonotic Pulsation – The differentiation of orgone energy from electromagnetism. Presented in talks with an electrophysicist".
[184] Traduzido livremente do inglês: "the past five years (1939-1944) have shown that the differentiation of the cosmic orgone energy from electromagnetism, as it is usually understood, was indispensable and fruitful".

natureza *não viva* em contraste com a *viva*, mas "assume a existência de transições fluidas desde o reino do não vivo para o da natureza viva"[185] (Reich, 1991 [1944], p. 23). A energia orgônica governa tanto os processos naturais vivos, quanto os processos puramente mecânicos. A chave está na compreensão de *como a matéria viva desenvolve-se da matéria não viva*, que é o processo de biogênese que mencionei.

O *funcionalismo* não é perguntar "como algo funciona", quais são seus mecanicismos de funcionamento, através do entendimento de palavras, *mas através de um sentido de função no corpo*. Assim, dá o exemplo de uma pessoa que entra em uma sala e nunca viu antes uma cadeira. Ela pode perguntar: "o que é isso?". Se alguém lhe responde: "é uma cadeira", isso não significa nada porque não produz sentido. Por mais explicações que lhe sejam dadas, ela somente compreenderá se houver um contato *ao longo do seu sentido de movimento biológico com o sentido de movimento (congelado) daquela coisa*. É um contato prático. A pessoa pode chamar de "descanso para as pernas". Então, "o que é isso?" é uma pergunta sobre o que se *faz com isso* e do *que ela é feita*. Da mesma maneira, diz que um neurologista não explica *o que é um movimento* apenas por designar as fibras nervosas por onde correm excitações. A ciência mecanicista *dá nomes e estabelece conceitos mas tende a não experienciar com o corpo o que investiga*. Uma vez que deu um nome a uma coisa, deixa de experienciar sua dimensão sem nome.

Poderíamos dizer que o funcionalismo se preocupa em não *encerrar* a existência de coisas em palavras e manter a investigação a partir do *foco na expressão do movimento, isto é, sua função*. É claro que toda vez que distinguimos ou vemos algo e *damos um nome* a esse algo que vimos ou distinguimos, *ganhamos a possibilidade de operar com ele*. Podemos pensar com ele e a partir dele. Torna-se visível porque está desenhado na mente. Mas essa "capa de realidade" linguística, um nome, que é um pequeno mundo-brana, *precisa comportar a regra de que esse algo não é realmente nada, é uma história que pode ser desfeita e é útil porque é transitória, atende a uma necessidade específica*. O que essa coisa é depende da *sensação de movimento* que estabelecemos com ela e por isso *é importante seguir em uma relação metaestável com ela, não fechada.* Relações fechadas dão maior estabilidade, mas podem prender. Portanto, são mais funcionais se mantiverem metaestáveis.

Reich então afirma que as funções de tensão e relaxamento, carga e descarga, podem ser encontradas na natureza viva e na não viva, *pois são funcionalmente idênticas*. Com isso quer dizer que a matéria viva pode tornar-se não viva e a matéria não viva pode tornar-se viva.

[185] Traduzido livremente do inglês: "assumes the existance of fluid transitions from the realm of nonliving to that of living nature".

Não há um dualismo, há uma alternância. A antítese entre essas duas naturezas, segundo Reich, é que "essas funções físicas ocorrem na natureza viva em uma combinação de quatro tempos que é específica da vida e que não ocorre na natureza inanimada"[186] (Reich, 1991 [1944], p. 31). Ou seja, a *mesma energia* governa as duas matérias, *mas é o funcionamento de quatro tempos (tensão-carga-descarga-relaxamento) que as diferencia*.

Em *A função do orgasmo* (1988 [1942]) Reich diz que "*a combinação particular das funções mecânicas e elétricas tem de ser específica para o funcionamento vital*" (p. 313, grifos do autor). A questão aqui de *combinar* nos conduz diretamente a dois temas: autorregulação e desejo. Que outros propósitos teria ao *combinar* tensão e relaxamento mecânicos com carga e descarga elétrica *se não fosse: primeiro, autoconservação; e segundo, buscar fontes de nutrição e aumento de potência?* Essa é a questão fundamental para Reich: não se trata de um sistema vivente que opera com *funções energéticas mecânicas e invariáveis* e nem se trata de um sistema vivente que seja conduzido "de fora" por *funções energéticas misticistas e contingentes* a si mesmo. Sobre esse parâmetro *imanente funcional*, ele critica o eletromagnetismo e as filosofias energéticas místicas da Antiguidade. Aqui não creio que se trata de um *erro* de Reich, *mas de sua crítica às concepções padrão.*

A crítica que faz a respeito do *eletromagnetismo* e da *onda* é que nos fenômenos em que costumam ser observados não se determinam: *variância, necessidade, processamento interno ou modulação/gestão adaptativa.* Nas palavras de Reich:

> a fórmula de tensão-carga era válida para todas as funções involuntárias da substância viva, [mas não] aos processos da matéria não viva. Nem na literatura da física, nem nas conversas com os físicos se encontravam referências a uma função inorgânica na qual a tensão mecânica (causada por um acúmulo de líquido) levaria a uma carga elétrica e culminaria em uma descarga elétrica e relaxação mecânica (esvaziamento do fluido) (Reich, 1988 [1942], p. 313).

É um modo de dizer que "a natureza inorgânica não investe conforme necessita". Também não demonstra "desejo", isto é, nem excitação biológica de prazer nem excitação biológica de angústia acompanhadas por suas sensações. Poderíamos dizer que não expressam *vetores desejantes.* Matérias inorgânicas *não são capazes de oscilar bioenergeticamente*. Por outro lado, *a eletricidade* comporta-se de maneira diferente da *bioeletricidade*.

> A energia eletromagnética move-se à velocidade da luz, i.e., a aproximadamente 186 mil milhas (30 mil quilômetros) por segundo. A observação da natureza, das curvas e das medidas de tempo que caracterizam o movimento da energia

[186] Traduzido livremente do inglês: "these physical functions occur in living nature in a four-beat combination which is specific to life and does not occur in nonliving nature".

> bioelétrica demonstra que *o movimento da energia bioelétrica é fundamentalmente diferente da velocidade conhecida e do tipo de movimento da energia eletromagnética*. A energia bioelétrica move-se extremamente devagar, a uma velocidade mensurável em milímetros por segundo. [...] A forma do movimento é lenta e ondulante. Assemelha-se aos movimentos de um intestino ou de uma serpente (Reich, 1988, p. 315, grifos do autor).

Um estímulo elétrico quando é aplicado ao corpo é sentido imediatamente como algo "estranho" ao seu próprio estado interno. Já a corrente de bioeletricidade é sentida como uma *participação*. Por isso, Reich defende que A CHAVE ESTÁ NA PULSAÇÃO, NÃO ESTÁ NEM NOS PULSOS, NEM NA ONDA, pois "a pulsação consiste em movimentos de expansão e contração alternados, enquanto a onda é uma progressão estável de cristas e depressões de onda" (2003 [1951], p. 162). Também afirma que "a pulsação é um processo essencialmente *descontínuo*, enquanto o movimento de onda é um processo *contínuo*" (p. 163, grifos do autor). A corrente de plasma no corpo não flui continuamente, mas em impulsos (pulsos) rítmicos. Pulsação seria a *variância de ondas de orgone.*

Já a crítica que Reich faz às filosofias energéticas místicas da Antiguidade é que *elas ou são vitalistas ou misticistas*. Reich defende que um *vitalista* ou *misticista espiritual* diria que a *causa* da força de coesão e de combinação de elementos ou ritmos de diferentes maneiras *estaria fora do organismo*. Poderia ser "'Deus' [transcendente], 'prana', 'enteléquia'" (2003 [1951], p. 134); "o espírito [que] cria a matéria"[187] (1988 [1942], p. 70); o "espírito do mundo" (2003 [1951], p. 306); uma alma que "vive" no corpo, mas não é corpo (2003 [1951], p. 98). Reich afirma que A FUNÇÃO VITAL NÃO PODE ESTAR FORA DO CORPO, NEM PODE "HABITÁ-LO" pois resultaria em dualismo. Por isso, fala em *emoção, pois é um movimento de corpo e de mente simultâneo.*

Auto-organização, autorregulação e autogestão não podem ser dualistas. O conceito de *auto* indica *necessidade*. Necessidade de mediar, de propelir, de lentificar, de tensionar, de relaxar, de carregar, de descarregar, de organizar, de desorganizar *conforme seja afetado*. As emoções são os movimentos plasmáticos no corpo e na mente *que dirigem economicamente a energia conforme o ato vital necessário para a perseverança*.

Em resumo, o orgone, apesar de expressar uma função básica imanente (Reich, 1991 [1944], p. 41) de expansão e contração, não poderia ser *eletromagnetismo* porque ele é expresso pelas leis de Alessandro Volta, Michael Faraday, Charles Augustin de Coulomb e André-Marie Ampère, que nos permitem estudar leis fixas e constantes invariáveis. Já a "energia

[187] Também chamado de *idealismo metafísico*. Muitos pensamentos religiosos, assim como algumas vertentes psicossomáticas, também pensam o mesmo, *que as enfermidades somáticas são de origem psíquica*.

especificamente biológica" é vívida, não está sujeita às regras rígidas mecânicas e oscila (carrega e descarrega) em função do contato com o meio ambiente. Por outro lado, o orgone não poderia ser *prana* ou *espírito do mundo (espírito universal)* porque essas seriam concepções vitalistas que estariam "para além desse mundo" e seriam idealismo metafísico. Nesses termos, o *orgone não poderia ser elétrico, porque dentro do conceito de eletromagnetismo desses autores, diversas funções orgonóticas verificadas não podem ser explicadas e o orgone não poderia ser espírito universal (chamado pelos antigos alquimistas de anima mundi ou spiritus mundi) porque esse não pode ser mensurado ou manipulado praticamente.* Contudo, Reich faz ao final de *Pulsação orgonótica* uma colocação bastante lúcida:

> Essa é a conclusão inevitável. É apenas uma questão de convenção se vamos identificar a "eletricidade" dos antigos como o orgone e manter o conceito de eletricidade para os fenômenos orgonóticos. Nesse caso teríamos que formar um novo conceito para aquilo que é conhecido como eletromagnetismo desde Faraday, Ampère e Volta. Ou então abandonamos o conceito antigo de eletricidade, chamamos os respectivos fenômenos de orgonóticos e restringimos a eletricidade aos fenômenos obtidos através do movimento de fios em campos magnéticos.[188] (Reich, 1991 [1944], p. 62).

Ou seja, Reich não nega que o orgone possa ser eletromagnetismo, mas nega que possa sê-lo *dentro do campo de estudos do eletromagnetismo clássico*. É uma posição prudente. Contudo, Reich não parece ter tido contato com os trabalhos de Hannes Alfvén (1908-1995) e pesquisadores afins sobre o *eletromagnetismo aplicado a plasmas* ou ter se apoiado em estudos sobre *eletromagnetismo moderno* que incorporam conceitos da relatividade e da mecânica quântica – ainda que o orgone esteja dentro desse paradigma e expresse uma força de organização negativamente entrópica (cf. Reich, 2003 [1951], p. 153-166). Também acredito ser uma posição prudente quando ele afirma serem *idealismo* as "energias vitais místicas dos antigos", *se seus funcionamentos não pudessem ser investigados objetivamente e cientificamente*. Por isso, Reich utiliza *como parâmetro essa energia "nova", o orgone, pela dificuldade de demonstrá-lo e explicá-lo sob determinados modelos de seu tempo*. Ele resume assim a questão:

> Ela [a pesquisa com o orgone] começa do zero, com um estilo fundamentalmente independente, básico, sem emprestar teorias da ciência clássica. Não porque

[188] Traduzido livremente do inglês: "That is the inevitable conclusion. It is merely a matter of convention whether we are going to identify the 'electricity' of the ancients with the orgone and retain the concept of electricity for the orgonotic phenomena. In this case we would have to form a new concept for that which has been known as electromagnetism since Faraday, Ampère and Volta. Or else we drop the ancients' concept of electricity, call the respective phenomena orgonotic, and restrict electricity to those phenomena which are obtained through the movement of wires in magnetic Fields".

> queira, mas porque deve. Seu ponto de partida não é o elétron nem o átomo; não é o movimento linear no espaço vazio nem o mundo espiritual ou um valor eterno. Ela parte das funções observáveis e mensuráveis no oceano cósmico de orgone; dele provém todo ser físico e emocional (Reich, 2003 [1951], p. 195).

Creio que o mesmo se aplica aos conceitos de *prana*, *anima mundi* e outros. Reich não parece demonstrar conhecer pesquisas científicas dentro dessas cosmogonias diferentes. Por exemplo, o *qi*/chi é base da Medicina Tradicional Chinesa, o *prana*, da Medicina Védica, a *anima mundi*, do hermetismo (e espagiria e alquimia), dentre outros. Todos recebem muitos esforços de pesquisas *contemporâneas* de cientistas de diversos campos e pesquisadores de diferentes disciplinas[189] e, apesar de resultados visíveis e confirmados, a *maior parte deles é invisibilizada ou modificada pelos padrões científicos mainstream, sendo classificados como "ciência marginal"*.

A dificuldade é a compreensão de um *denominador comum das várias formas de energia*, contudo, acredito que elas sejam uma só: *a onda*. Creio que Reich explicou muito bem quando defendeu que as correntes cósmicas são as mesmas correntes no corpo, que *no corpo* chamamos de *bioenergia*. A onda, ou as correntes, ou a vibração, *quando contidas por um sistema individuado membranático*, passam a ser uma *joint venture* com esse sistema, como veremos. Isso significa que o sistema *quer, deseja, emociona, propulsiona* com essas energias que, a meu ver, *são apenas uma*.

Por essa razão o *conatus* é um parâmetro importante de apoio, porque ele é uma onda propulsiva, é determinado por necessidade, é o esforço em perseverar, é a função que aglutina e dispersa energia, é o sistema de autorregulação e auto-organização inteligente do corpo, é o desejo de se unir ou se afastar de uma coisa, ocorrendo em escalas dimensionais fractais de diferentes ordens de grandeza, *mas é difícil verificar como a onda opera todos esses aspectos fora de sistemas viventes*. Precisaríamos dizer que correntes cósmicas são *conatus aberto*, assim como as correntes de Birkeland, que a luz é *conatus livre e não confinado*, mas pode estar

[189] Há dois livros que compilam muitos desses trabalhos e são excelentes indicações de pesquisas. O primeiro, conforme mencionei, é o livro de Robert Temple, *A Nova Ciência do Céu* (*A New Science of Heaven)* (2022). O segundo é o livro de Edward Mann chamado *Orgônio, Reich & Eros* (1989). Em particular, Mann, em relação ao eletromagnetismo faz um apontamento relevante quando, no "Capítulo 5 – Campo de força eletrodinâmico" (p. 110), diz: "Esses cientistas produziram uma grande quantidade de paralelos à teoria orgônica de Reich [...] O termo técnico (dado pelo Dr. Margenau) a estes campos é *quase-eletrostáticos*. Comportam-se como campos eletrostáticos, exceto que mudam quanto ao tempo (ritmos etc.) [...]. Não são campos 'eletromagnéticos' enquanto tais" (p. 110-111, grifos do autor). E segue: "Burr e Northrop desenvolveram a teoria eletrodinâmica da vida, em 1935. [...] O que esses instrumentos estão medindo não é um fluxo elétrico e sim um estado estável de energia dentro do organismo. [...] Assim, o que Burr e Ravitz medem é a 'voltagem' ou a força de um organismo. O que está sendo medido é muito diferente da corrente AC captada no coração pelo eletrocardiograma e, no córtex cerebral, pelo eletroencefalograma. Tampouco é apenas DC" (p. 113).

confinado por branas. ESTA É A MINHA DEFESA: DEPENDENDO DO SISTEMA DE REGRAS E NECESSIDADES QUE MODULE OU MOLDE O *CONATUS*, ELE ASSUMIRÁ VELOCIDADES, FREQUÊNCIAS, OSCILAÇÕES, FORMAS DIMENSIONAIS DIFERENTES E EXPRESSARÁ POSSIBILIDADES DIFERENTES. No entanto, duas características são *invariáveis* no *conatus*, porque essa é a sua natureza: *conduz os sistemas à perseverança e conduz os sistemas a um estado de maior perfeição ou união com Deus/Cosmos*.

Em suma, Reich produziu uma linha de investigação dentro de um *pensamento funcional*. Se ele tentasse encaixar o que observou, mensurou, sentiu, percebeu dentro de outro contexto[190], esses fenômenos existentes poderiam ser invisibilizados ou negados. O "orgone" precisaria ser "recortado" para "encaixar" e, então, algumas de suas "partes" sumiriam ou estariam excluídas. Segundo entendo, A ONDA, QUE É UM MOVIMENTO CENTRÍPETO E CENTRÍFUGO, DE INVAGINAÇÃO/DOBRA EM SI E EXPANSÃO/DESDOBRAMENTO DE SI É O MODO DE DEUS GERAR MATÉRIA, MOVIMENTO, FORMAS, DIMENSÕES ESPACIAIS E DIMENSÃO TEMPORAL. A "FORÇA" DE COESÃO DE UM SISTEMA E SUA "FORÇA" PROPULSIVA SÃO APENAS UMA SÓ E ELA É *CONATUS*. Isso se aplica a todos os reinos e fenômenos, não apenas os biológicos. No entanto, o *conatus* segue as regras e os desejos do sistema individuado.

Essa compreensão a extraio do *hermetismo* e da *alquimia*. Em seu livro *Criterium Naturae: Epitome de Chemicina y Espagiria*, Abu Omar Yabir (2014) torna muito clara a *cosmogonia alquímica* e nos dá pistas. Yabir diz o seguinte:

> A tradição alquímica chama de *Spiritus Mundi* ou Espírito Universal a manifestação consciente da *Força criativa de Deus*. Essa energia, [...] que alude à *Tabula Smaragdina* [Tábua de Esmeralda], é uma crença indiscutível dos alquimistas, [...] é também o "Ave Rokho" da tradição persa, o "Chi" dos taoistas e o "Ki" dos japoneses. A tradição islâmica geralmente o chama de "Ruh", termo que o identifica com o sopro criativo de Alá e, portanto, com a "palavra" primordial, antes de ser articulado em fonemas. A natureza dessa energia misteriosa é muito difícil de identificar, embora possa realmente ser alcançada, não apenas pelo seu conhecimento, mas até mesmo pela sua gestão, com a ajuda de Alá[191]. (Yabir, 2014, p. 61, grifos nossos).

[190] Como veremos, o *contexto*, como é um mundo-brana, é uma *delimitação geométrica de regras*. O *custo* de entrar em uma dimensão branática é *perder* possibilidades e complexidades e *ganhar* outras. O que não "encaixa" nas regras ou não "entra" ou é colocado para fora ou é invisibilizado ou, quando não, é destruído. Quanto mais *rígido* um mundo-brana é, mais ele será um espaço de aprisionamento e restrição de possibilidades.

[191] Traduzido livremente do espanhol: "La tradición alquímica llama Spiritus Mundi o Espíritu Universal a la manifestación consciente de la Fuerza creadora de Dios. Esta energía, [...] que alude la Tabula Smaragdina, credo indiscutible de los alquimistas, [...] es también el 'Ave Rokho' de la tradición persa, el 'Chi' de los taoistas y el 'Ki' de los japoneses. La tradición islámica, lo llama generalmente 'Ruh', término que lo identifica con el hálito creador de Allah, y por ende con el 'Verbo' primigenio antes de ser articulado en fonemas. La naturaleza de esta misteriosa energía, es de muy difícil identificación aunque verdaderamente puede llegarse, no solo a su conocimiento, sino incluso a su manejo, con la ayuda de Allah".

Todos os trabalhos espagíricos e alquímicos baseiam-se em *libertar* a *anima mundi* que está *confinada* em diversas prisões, tanto na matéria, quanto nas delusões que vivemos. *As prisões são dificuldades de alcançar estados vibracionais maiores em direção a Deus e ao conhecimento da natureza divina.* Essa compreensão está também dentro da filosofia de Spinoza, que procede de Averróis e Avicena, que eram alquimistas. Retomaremos esse tema no último capítulo. Yabir prossegue:

> A verdadeira clavícula do drama hermético, ao qual os alquimistas andaluzes aludem tão discretamente com a expressão "sirru-l-jallaqa", ou seja, "segredo da Criação". Está na preexistência daquilo que os especialistas modernos em radiônica chamam de "forma de onda", e *os filósofos e físicos quânticos chamam de "possibilidade de existência"*, conceitos que, apesar de sua conotação contemporânea, já eram tratados confortavelmente entre os filósofos do antigo Egito.
> Poderíamos dizer que existem certas *modulações da Energia Universal que se densificam cada vez que se aproximam de um Centrum que chamamos de "molde" ou "forma de onda"*. Esse *processo centrípeto de densificação ou coagulação é uma constante universal e é sempre inevitavelmente seguido por um processo inverso que chamamos de "dissolução"*. O movimento que esse mecanismo de coagulação e dissolução acarreta é um "movimento contínuo" que dá sentido à "eternidade" e que mostra no seu percurso infinitos estágios intermediários manifestados no mundo das formas[192] (Yabir, 2014, p. 63, grifos nossos).

Minha hipótese é a de que Reich, assim como muitos outros, *estavam dentro de um paradigma alquímico*. Na cosmogonia alquímica, Deus, que existe de maneira atemporal e adimensional, para gerar formas e dimensões, precisou gerar um *motor inicial de movimento contínuo e simples*. Segundo Yabir explica: "para a ciência *kémica*[193], esse motor rítmico e primordial ao qual o Espírito Universal teve que ser submetido no universo da dimensão, é determinado pelo apotegma "SOLVE ET COAGULA" (dissolve e coagula), base e fundamento

[192] Traduzido livremente do espanhol: "La verdadera clavícula del drama hermético, a la que tan discretamente aluden los alquimistas andalusíes con la expresión 'sirru-l-jallaqa', es decir: 'secreto de la Creación'. Está en la preexistencia de lo que los modernos especialistas en radiónica llaman 'onda de forma' y los filósofos y físicos cuánticos 'posibilidad de la existencia', conceptos que pese a su tinte contemporáneo, se manejaban ya con comodidad entre los filósofos del antiguo Egipto.
Podríamos decir que existen ciertas modulaciones de la Energía Universal que se densifican toda vez que se van acercando a un Centrum al que llamamos 'molde' u 'onda de forma'. Este proceso centrípeto de densificación o coagulación es una constante universal y viene siempre inevitablemente seguido por un proceso inverso al que llamamos 'disolución'. El movimiento que supone este mecanismo de coagulación y disolución es un 'movimiento continuo' que da sentido a la 'eternidad' y que muestra en su camino infinitos estadios intermedios manifiestos en el mundo de las formas".

[193] O termo "ciência *kémica*" tem relação com as palavras "*Khem*" ou "*Khemes*", um nome antigo para o Egito, derivado do egípcio antigo "*Kemet*", que significa "terra negra", uma referência ao solo fértil do Rio Nilo. A palavra alquimia possivelmente tem suas origens no nome "*Kemet*", que posteriormente passou a ser "*khemeia*" (χημεία) no grego e "*al-kimiya*" no árabe.

de toda a teoria *kémica* (Cosmogênese e Antropogênese), bem como dos trabalhos laboratoriais[194]" (Yabir, 2014, p. 71).

Parece-me que Reich e os antigos alquimistas falam da mesma *função primordial*: a energia orgônica tem uma "função imanente básica" (Reich, 1991 [1944], p. 41) de expansão e contração, bem como o "Ruh" ou "Spiritus Mundi" *também a tem*, que é *a alternância rítmica de identidades ou de estados antitéticos*. A alternância rítmica é o *balanceamento alternado de cargas e descargas, tensão e relaxamento*, a que Reich chamou de "fórmula do orgasmo".

Por fim, Yabir diz:

> Na realidade, SPIRITUS MUNDI é um termo que designa a soma total da energia do cosmos, incluindo gravidade, magnetismo, eletricidade, energia solar, ondas de rádio etc. A primeira separação bipolar dessa energia primitiva ou Espírito Universal definiu os estados de Enxofre e Mercúrio, que podemos identificar com os polos positivo e negativo de um enorme campo eletromagnético[195]. (Yabir, 2014, p. 71).

Cabe notar que o Spiritus Mundi *não é Deus, mas está em Deus e é o modo ou engenho Dele produzir formas dimensionais, propulsões temporais, espaços virtuais e atuais*. Como também somos *consciências individuadas em Deus*, consciências vortexiais que são aglutinações temporárias e necessárias *na* Consciência divina, *também somos desejo em Deus e de Deus, por isso também podemos gerar formas dimensionais, propulsões temporais, espaços virtuais e atuais, a partir da modulação desejante dessa função divina, que também creio ser o conatus.*

A compreensão do contexto é uma chave, porque falar de *orgone* é falar, atuar, perceber, gerar existência, pensar, diagnosticar, tratar etc., *dentro* de um *contexto*. Isso *abre possibilidades e delimita outras*. Por exemplo, *Qi* é um contexto. *Prana* é outro. *Espírito Santo* é outro. *Anima Mundi* é outro. *Kundalini* é outro. Não significa que sejam energias diferentes, mas são *contextos* diferentes, portanto, têm necessidades, métodos de avaliação, métodos de atuação, métodos de concepção e percepção diferentes. Minha indicação é que possamos *expandir o contexto do orgone, expandir percepções e possibilidades de compreensão e*

[194] Traduzido livremente do espanhol: "Para la ciencia kémica, éste motor rítmico y primordial al que hubo de sujetarse el Espíritu Universal en el universo de la dimensión, viene determinado por el apotegma 'SOLVE ET COAGULA' (disuelve y cuaja), base y fundamento tanto de toda la teoría kémica (Cosmogénesis y Antropogénesis), como de los trabajos de laboratório".

[195] Traduzido livremente do espanhol: "En realidad, SPIRITUS MUNDI, es un término que designa a la suma total de la energía del cosmos, incluyendo la Gravedad, el Magnetismo, la Electricidad, la Energía solar, las Ondas de radio, etc. La primera separación bipolar de esta Energía primitiva o Espíritu Universal, definió a los estados Sulphur y Mercurius, que podemos identificar con los polos positivo y negativo de un enorme campo electromagnético".

atuação, sem que seja necessário descartar partes. Em outras palavras, *aprofundar o contexto do orgone*, não o excluir. Essa expansão, a meu ver, passa por considerar um *Universo de Plasma e um Universo Elétrico*.

3.5 Por que é necessário saber navegar as ciências marginais se quisermos alcançar entendimentos não ordinários da natureza?

Primeiramente, gostaria de afirmar que a teoria do Universo Elétrico não está "provada" pelos meios acadêmicos científicos *padrão*, na mesma esteira em que a Orgonomia reichiana também não está, por serem consideradas "ciências marginais". Quero deixar claro que considero isso uma *potência investigativa* e não um desmerecimento. Gosto do termo "ciência marginal" (*fringe science*) porque isso não significa um *falseamento* como alguns defendem, como seria equivalê-la a uma "pseudociência". Essa última é desqualificatória porque parte do pressuposto de que sem a aderência a um método científico *válido*, carece de estatuto científico.

Penso nela como *edge science* ("ciência de borda ou limítrofe"). Excluo aqui o que seja funcionalmente *misticismo, quimera ou impossibilidade de compreensão de causalidades*. Dito isso, questiono o que significa ser "limítrofe"? Significa estar na borda do que é a "verdadeira ciência". E o que é "misticismo"? Isso significa um julgamento de risco que é pejorativo porque *já encerra qualquer tipo de pesquisa em uma interpretação preconceituosa*. Ora, isso não é trabalho da "ciência", esse julgamento condenatório é trabalho da *interpretação* de pesquisadores que temem que seus mundos-brana de segurança sejam ameaçados. Penso uma alternativa a isso: e se o sentido de limítrofe for o sentido dos *limites* do que a própria cultura moderna é capaz de sustentar? A ciência marginal assim o é *porque mexe com os limites de segurança das pessoas e aquilo que elas conhecem como estável e seguro*.

Tudo o que é classificado como pseudociência costuma significar que tudo o que é afirmado por ela é caracterizado por afirmações vagas, exageradas ou improváveis e, portanto, *merecíveis de desconsideração*. Um tom desqualificatório normalmente denota uma postura autoritária e excludente, o que já é digno de atenção. Como já dizia Foucault em *A ordem do discurso* (2004) e *Microfísica do poder* (1998), existem procedimentos de exclusão na produção de um discurso que normalmente concede "direito privilegiado ou exclusivo [ao] sujeito que fala" (Foucault, 2004, p. 2). A verdade produzida *intelectualmente* resulta de jogos coercitivos que regulam o poder.

Marginal (*fringe*) é um termo interessante, pois se refere *a uma borda*. Estar à margem ou estar na borda do que é aceito pelos poderes acadêmicos e científicos tradicionais não necessariamente é uma desvantagem *e não significa o mesmo que um pensamento mistificado, transcendente ou supersticioso*. Toda a obra *A biopatia do câncer*, de Reich (2009, publicada em 1948), trata justamente *sobre como navegarmos em ciências marginais sem cairmos em causalidades inventadas e fictícias*. O pensamento funcional, segundo Reich, que considero *a borda* citada, requer *nem nos desconectarmos sensorialmente de nosso próprio corpo, enquanto investigamos, e nem buscar respostas em suposições prévias já especuladas*. Isso significa podermos investigar e navegar *para além de superstições* das chamadas "ciências ocultas" ou "místicas", como por exemplo, a radiestesia, a aromaterapia, a cromoterapia, a Espagiria, a cristaloterapia, dentre outras, bem como levando em conta o uso de aparelhos orgônicos, *porque a baliza de verdade não está no conhecimento produzido por uma máquina, mas pela observação dos movimentos plasmáticos do corpo e dos estados mentais que são alterados em conjunto com a motilidade corpórea*.

Nessa linha, se *investigar funcionalmente* um fenômeno requer o uso do próprio corpo e não *somente* uma comprovação externa, como a que pode ser mensurada descritivamente por uma máquina, toda investigação que possua dados extraídos de uma experiência corporal *não mensurável* pode ser considerada uma ciência marginal. Inclusive o próprio termo "ciência marginal" disponível na Wikipédia, cita Reich como seu primeiro exemplo:

> O trabalho de Wilhelm Reich com o orgônio, uma energia física que ele afirmou ter descoberto, contribuiu para sua alienação da comunidade psiquiátrica. Ele foi finalmente condenado a dois anos de prisão, tendo morrido no cárcere. Naquele tempo e até hoje, os cientistas contestaram a sua afirmação de que havia evidência científica da existência de orgônio. No entanto, amadores e cientistas marginais continuaram e continuam a acreditar que esse tipo de energia é real (Ciência Marginal, 2024).

O critério da refutabilidade popperiano[196] (cf. Popper, 1972) pode conduzir, com facilidade, à *exclusão do corpo do campo de análise*. Nessa esteira, há um exemplo de Carl Sagan em que ele fala hipoteticamente a um amigo sobre um dragão que habita sua garagem.

[196] Karl Popper, filósofo britânico dedicado ao desenvolvimento do racionalismo crítico, afirma que o fato de uma afirmativa poder ser demonstrada falsa é um dos principais princípios para que se possa estabelecer uma ciência segura. Um exemplo de falseabilidade foi quando Einstein, com sua Teoria da Relatividade Restrita, provou que havia falhas tanto nas três leis de movimento, quanto na Lei de Gravitação Universal de Newton. Como Einstein conseguiu provar que a concepção newtoniana era *falsa*, logo esse era o indicativo da validade científica de sua própria teoria.

O amigo vai até sua casa ver o animal, mas não o encontra, pois Sagan diz que ele é invisível. Também não podem ser aferidas pegadas, pois o dragão flutua. Tampouco seu fogo pode ser comprovado, pois ele não é quente. Assim, pergunta o astrônomo ao seu amigo: "Ora, qual é a diferença entre um dragão invisível, incorpóreo, flutuante, que cospe fogo atérmico, e um dragão inexistente?" (Sagan, 1996, p. 116-117). Conforme explica, não haveria nenhuma. Se uma alegação não pode ser testada, logo, não possui caráter verídico e não importa que tipo de admiração ela inspire.

Essa é a questão do que significa *existir em ato* que apresentamos. Se Sagan *sentisse o dragão* e isso não fosse uma *narrativa fictícia verbal*, esse dragão *poderia ser verdade* e Sagan talvez tivesse *nomeado o que sente e seus efeitos práticos*. O dragão poderia existir como uma convecção formatada de catexias elétricas existentes em ato. Poderia ser uma força "encantada"[197] da natureza, como, por exemplo, "seres divinos, encantados, pretos velhos, erês, caboclos e guardiões" (Silva, 2022, p. 62-63), que fosse externa a Sagan, isto é, também experienciada por outras pessoas por meio da sensorialidade, quanto poderia ser uma *convecção do conatus* de entes materiais e também não materiais existentes em seu corpo, *em uma experiência de comunhão, isto é, fusão e interpenetração* desses entes com seu próprio *conatus*. *Afirmar*, como uma *suposição*, que tais coisas são *inventadas e fictícias*, sem a auto-observação de qualquer efeito plasmático em seu próprio corpo, *não apenas não é científico*, como jamais poderia conduzir a qualquer compreensão científica adequada.

Mesmo que as correntes bioelétricas possam ser medidas no corpo e o potencial elétrico das catexias[198], isso não significa *comprovar* qualquer alegação sobre *a realidade que uma consciência habita, formada por catexias elétricas*. No entanto, ambas existem. É o *ato da catexia* – isto é, "o que você sente mexer dentro do seu corpo, e sente a qualidade do seu pensamento mudar" – que nos garante que ela ocorre como realidade no corpo e na mente e não

[197] Como afirmou Gabriel Serafim Silva (2022) em sua tese de doutorado, em um contexto de estudo sobre a *ayahuasca*: "Portanto, chamarei de ciência desencantada o campo epistemológico hegemônico cujo valor científico se apoia rigorosamente na objetividade e na 'neutralidade', ceifando a subjetividade, o desejo e a intencionalidade das forças não humanas o tanto quanto possível. Para Eduardo Viveiros de Castro (2017), até mesmo as ciências humanas se guiaram pela objetividade para alcançarem um status de um conhecimento credível e verdadeiro. Portanto, nas palavras do pensador brasileiro, interessa à mitologia evolucionista ocidental aquele que é visto e estudado de fora, como um objeto, dessubjetivado. Ciência desencantada que esteriliza a vida! (Silva, 2022, p. 133-134). Creio que "ciências encantadas" (Simas; Rufino, 2018, p. 12 *apud* Silva, 2022, p. 182) tornam-se possíveis quando os estados de percepção e consciência habituais e ordinários podem se deslocar para modos não ordinários. Talvez, investigar as nossas "realidades prisionais internas" seria impossível se considerássemos apenas os estados perceptivos ordinários, ou seja, *apenas os suportados pela cultura moderna*. Em estados de percepção não ordinários, que não sejam os materialistas imediatos, as pessoas têm a chance de desenvolver outras capacidades que não aquelas *permitidas* pelos constructos de segurança e de controle da cultura autoritária dominante.

[198] Por meio de medições eletrofisiológicas, como demonstrou em *A investigação bioelétrica da sexualidade e da angústia* (*The bioelectrical investigation of sexuality and anxiety*) (Reich, 2023 [1934] [1937]).

uma *validação* por um parâmetro externo. Como lembra Reich: "o homem nada pode sentir ou imaginar que não tenha existência real, objetiva, de uma forma ou outra, pois as percepções humanas dos sentidos são apenas funções dos processos objetivos naturais dentro do organismo" (2009 [1948], p. 103).

Quando uma pessoa busca primeiro se adequar a um critério cientificista de descredibilidade, para depois desejar que tentem lhe demonstrar o contrário, o que a pessoa faz é *dar comando ao seu corpo e mente*, isto é, desejar em ato, *para que se desligue daquilo que pode ser observado*. O primeiro ato passa a ser *deixar de querer ver algo como verídico*, e isso é uma *condução de catexias*. A insensibilidade passa a ser algo *ativo* e não passivo, como se poderia imaginar. Não me refiro a deixar de querer ver uma "quimera" como real, nem tentar ver em uma ficção uma realidade, pois isso já suporia saber que se parte de uma mentira. Ao contrário, *querer ver se algo tem realidade* não é o mesmo que querer acreditar em uma narrativa ficcional, mas *querer ver o que existe*, o que implica dispor a própria mente *em um modo de apreensão e comunicação com o próprio corpo* na ordem do que é vívido e não do que é mentalmente representado. É por isso que esse método intuitivo e auto-observativo, que é bergsoniano e também reichiano, é a apreensão da atividade da vida por sua interioridade.

Se algo *puder* ser real e a pessoa ainda não teve a chance de *observar* isso, a catexia não se destina a um desligamento da sensibilidade, mas se destina a que a pessoa esteja *atenta* e se *auto-observe.* Perceber correntes bioelétricas em si e *afirmar* que elas significam algo sobre a realidade externa são ordens completamente diferentes. No entanto, sem essa percepção intuitiva, uma pessoa corre o risco de ficar presa nas "restrições do raciocínio lógico dedutivo/indutivo (também conhecido como matemática formal)[199]", como disse Ehret, em *Ciência desalgemada* (*Science Unshackled*) (2023, p. 168).

Se tomarmos a filosofia de Bergson, isso significa "pensar em duração" (Bergson, 2006, p. 32). Podemos dizer que a intuição, que é o "pensar em ato" – uma vez que o ato é o impulso plasmático atualizado no corpo –, possui uma ligação íntima com o que Spinoza denominou como *conatus*, porque é um movimento de consciência de geração em si e por si,

[199] Traduzido livremente do inglês: "constraints of logical deductive/inductive reasoning (aka: formal mathematics)". Sobre a *dedução e a indução*, o autor aponta que são métodos de produzir ciência que se baseiam em abstrações e suposições que contaminam todas as percepções que são feitas em cima de suas conclusões e se comportam como uma jaula invisível, que previne a formulação de novas hipóteses frutíferas. Como explica: "Enquanto Aristóteles representou *a escola a priori de raciocínio dedutivo* (começando com suposições gerais não comprovadas e depois organizando a percepção sensorial [...], Bacon representou *a escola a posteriori de raciocínio indutivo* (começando com padrões na percepção sensorial e depois tirando conclusões sobre leis gerais [...])" (Ehret, 2023, p. 34, grifos nossos). [Traduzido livremente do inglês: "Where Aristotle represented the apriori school of deductive reasoning (starting with unproven general assumptions then arranging sense perception [...]), Bacon represented the aposteriori school of inductive reasoning (starting with patterns in sense perception then making conclusions about general laws […])]".

como uma exigência da própria vida que busca se efetivar como força de organização das condições de libertação. A intuição é uma atividade da consciência que se quer em liberdade *e por isso pode navegar através de constructos virtuais que a delimitam*. Como explica Rio, para o filósofo, "o exercício da intuição, como um esforço em apreender a vida em seu movimento próprio, produz uma percepção reintegrada dos seres em uma unidade primordial movente" (Rio, 2019, p. 107). Em Reich, o diálogo com a intuição bergsoniana é constante, ainda que ele não use o termo, como o fez o filósofo. Contudo, tratou bastante da importância de um investigador manter *contato psíquico com as correntes vegetativas em seu corpo* (cf. Reich, 1998 [1952], capítulo XIII), pois a vida somente pode ser investigada *sentindo-a* por dentro, *através da percepção dos fluxos temporais que percorrem o corpo* e através de um *estado de relaxamento e entrega que permita que essas correntes passem* e não sejam retidas por tensões crônicas.

As tensões crônicas normalmente são direcionamentos em ato das catexias elétricas para *propósitos prisionais*, onde o próprio fulcro de observação da consciência se torna aprisionado. Sejam prisões formadas por suposições, antecipações, conclusões sem causalidade adequada, elas são um estado de condicionamento perceptivo *ancorado* por tensões materiais do corpo (músculos, fáscias, tendões etc.) e, por isso, o estado de espírito interno (humor, temperamento, emoções, sentimentos, sensações) determina diretamente o que poderá ou não ser percebido *ou desenhado como possível pela mente*.

Pensar em *tensões e relaxamento de tensões* para uma compreensão mais profunda sobre algo ou algum fenômeno é uma derivação reichiana da intuição bergsoniana. O método é olhar o que se pretende investigar e *utilizar os sentidos*[200] *do corpo como porta de entrada para a compreensão do próprio movimento plasmático.* Conforme a pessoa passa a dar atenção aos deslocamentos de excitação (bioplasma) em seu corpo – *e eles são catexias elétricas (isto é, excitação e informação)* –, ela passa também a compreender as *informações (formas narrativas estabilizadas)* que são conduzidas, desdobradas, emergidas por essas catexias, pela única razão de que o esforço mais basal que o corpo expressa, seu *conatus*, é libertar-se.

Darei um exemplo clínico de aplicação prática da teoria reichiana e da intuição bergsoniana. Digamos que eu possua uma tensão em algum lugar do corpo que se caracteriza como uma somatização, algum tipo de inflamação neuromuscular que não se desfaz espontaneamente e não teve nenhuma razão aparente ou etiologia conhecida. Pode ser uma dor

[200] Exterocepção (visão, audição, paladar, olfato, tato), interocepção (percepção dos estímulos viscerais, dos órgãos internos do corpo, como fígado, rim, baço, pulmão, intestino etc.) e propriocepção (percepção dos estímulos musculares, ligamentares e tendinosos).

na cervical, uma angústia no peito ou uma fascite plantar, por exemplo. Se eu apoiar minha mão nesse local do corpo, como ponto de apoio para minha percepção focalizada, ou apenas direcionar minha atenção para esse local através do meu "olho da mente", sustentar essa atenção focalizada, respirar, relaxar e *quiser ver em ato (não por meio de verborragias mentais) o que há debaixo ou na profundidade dessa tensão superficial*, se inicia um tipo de interação intuitiva e a *informação e a tensão que estavam retidas começam a irradiar para a superfície*.

O "olho da mente" nada mais é do que *a focalização que a consciência faz para aplicar uma convecção de catexias elétricas naquele local.* Essa *irradiação*, o movimento centrífugo expansivo do corpo, que é a resposta à *autorização dada para que a tensão se dissolva e se revele*, normalmente vem na forma de sentimentos e sensações que rapidamente ganham intensidade e volume e nos permitem saber o que está ali *retido*: o tema do conflito, a dor emocional, o estado de sobrevivência configurado como tensão no corpo e construção prisional na mente. Isso pode requerer algum treino, pois saber relaxar, observar, direcionar a atenção e não controlar é uma arte e na nossa cultura moderna de base fomos ensinados a *reter e não soltar*. Em termos spinozianos, poder-se-ia dizer que utilizamos o primeiro gênero de conhecimento, sensorial imediato, para adentrar o terceiro gênero de conhecimento, intuitivo.

Se a mente *sente as correntes* e essa percepção se sustenta, então essa cognição se desdobra. O que era antes uma compreensão superficial, passa a se aprofundar. Ela suaviza e irradia o que estava guardado de forma compactada no seu interior. Isso não está dentro dos parâmetros cognitivos da cultura moderna. De forma relaxada, manter o desejo focalizado com uma presença, um direcionamento intencional sustentado, e deixar que aquele pequeno ponto focal de tensão perceptiva *irradie a forma observada que está dobrada, compactada*, pode-se chamar de "aplicar consciência" sobre um local. Pode ser um local do corpo ou um espaço particular de tensão na mente, como uma preocupação ou um conflito que não sabemos como solucionar.

Esse modo de "aplicar consciência", que é uma forma *focalizada de fazer contato psíquico*, pode nos mostrar o que jaz debaixo da compreensão ordinária, imediata, superficial, *mesmo que não tenhamos nenhuma ideia prévia do que será descoberto, uma vez que a forma tensionada seja desdobrada*. O desdobramento é como desdobrar a forma de um origâmi com as mãos. O que antes era um pássaro dobrado em uma dobradura de papel, quando passamos a "aplicar consciência", isto é, *sustentar* um suave estado de atenção ao pássaro enquanto relaxamos o corpo, *e desejamos abrir o pássaro*, as dobraduras começam a se desfazer e o pássaro vai desconfigurando sua forma. Ao final, a forma desdobrada segue sendo papel, no entanto, revela o que estava retido em seu interior. É claro que nem sempre os sentimentos, as

sensações e as lógicas narrativas que estavam *retidas* no seu interior serão fáceis de serem metabolizadas, porque uma dobradura energética crônica tem o propósito de *prevenir e impedir que a pessoa veja o que está no seu interior.*

No entanto, uma metodologia possível é essa, e a pessoa primeiro precisa *querer saber*, mesmo que ela não tenha a menor ideia de como isso seja possível no começo, em sua cognição ordinária. Ela primeiro precisa *querer* e esse é o comando, em ato, para que ocorram dois movimentos: o primeiro, em que a pessoa *concorda* que deseja soltar as tensões retentivas que a impedem de *tomar o impacto* das informações que estejam ali presentes; o segundo, no qual ela dirige sua intenção, isto é, suas catexias, para que elas *entrem* na profundidade das camadas de defesa e que ela possa *saber* o que está por debaixo, em camadas mais profundas de seu caráter. O Sistema Nervoso Autônomo (SNA) pode ser visto como um conjunto de relés contráteis que opera abrindo e fechando a passagem de correntes irradiativas e concentrativas. O SNA opera *aparentemente* de maneira autônoma, pois ele está em função do *conatus* e, portanto, sob a determinação das necessidades de uma consciência que *deseja* esses movimentos, em ato.

Sentir o que ocorre não se trata de comprovar ou refutar aquilo que é *enunciado como sentido*, trata-se de *aprofundar o contexto* do que está sendo feito ou percebido. Isso é outro tipo de produção de conhecimento. Se uma pessoa diz a frase: "o *orgone* não existe!", o que ela faz é moldar energeticamente uma *definição de realidade* em que as regras desse mundo-brana *impedem que o orgone possa existir*. Se ela diz isso para si mesma *sem palavras*, isso é uma formação de realidade a partir de suas próprias catexias elétricas em que ela se torna presa. Se ela enuncia isso *com palavras* e é creditada por gozar de algum tipo de autoridade científica, ela *molda o imaginário das pessoas (apenas as que se submetem a essa autoridade) para que elas passem a habitar esse mundo-brana desenhado por ela*. Qualquer *evidência* que seja apresentada sobre a existência do orgone será invisibilizada ou excluída da formatação da percepção aceita/acordada porque essas passam a ser as regras do mundo-brana onde a consciência da pessoa passa a habitar.

Se essa frase, que é uma 2-brana ou uma brana bidimensional, não existe, não existe também a 3-brana, que é o *ambiente virtual dimensional* gerado por essa frase, em que a consciência de quem a enuncia passa a habitar. Uma frase, seja ela verbalizada ou apenas constituída na mente enquanto *lógica condicional* sem palavras, quando tem relevância para a perseverança de uma pessoa, ela existe de *maneira quadridimensional* em três dimensões espaciais e em uma dimensão temporal. Se essa frase não existe, logo, o *espaço* ou mundo-brana perceptual onde o conceito de orgone é inquirido *comporta, sustenta e torna possível* que

ele seja compreendido *de forma funcional*, isto é, nem misticista (como uma entidade que existe sem que nenhuma experimentação possa ser feita nem com o corpo nem com aparelhos de medição) nem mecanicista (impõe ao que seja o orgone um conjunto de regras predeterminadas e, caso não se adéque a elas, considera que não existe). Para compreender de maneira funcional *a energia orgônica*, é preciso observar o que ela tem de comum com epistemologias filosóficas antigas, o que ela tem de comum com investigações contemporâneas da física, como ela está ou não dentro de leis naturais de validade geral e, sobretudo, se ela está sujeita aos parâmetros do pensamento científico de *ceticismo* (tudo deve ser questionado e analisado sistematicamente e nada deve ser aceito sem debate) e do *empirismo* (todo conhecimento deve ser obtido através de testes, experimentos e apenas se deve acreditar naquilo que demonstrar uma quantidade relevante de evidências).

Ceticismo e empirismo não indicam um problema, desde quando não impliquem o *descarte dos dados sensíveis da experiência.* Uma pessoa cética e mecanicista poderia dizer: "não vejo, não sinto, portanto não existe!". Uma pessoa empirista e mecanicista poderia também dizer: "se eu não consigo testar ou aferir por meio de uma máquina, ou não chego a uma conclusão matemática, logo, isso não existe!". Em ambos os casos as *evidências sensíveis* que seriam a motilidade plasmática e a percepção dessa motilidade seriam desconsideradas. No pensamento reichiano, questionar ou testar algo *sem estar com o corpo presente*, implica *partir de uma lógica defensiva e gerar uma realidade perceptual fictícia*. O empirismo e o ceticismo são necessários para um pensamento científico, pois é necessário testar hipóteses, realizar experimentos, revalidar, reformular e refutar hipóteses, desde que o pesquisador *não se desconecte de suas impressões sensoriais correntes, isto é, em tempo atual.* O que existe em ato, existe e isso não pode ser desconsiderado. Tais impressões são uma orientação necessária para que ele averigue se permanece na imanência ou se passa a raciocinar a partir de *constructos transcendentes* puramente imaginados, que *ocultam os propósitos emocionais* imanentes dessa desconexão.

No livro *Funcionalismo orgonômico* (*Orgonomic Functionalism*), vol. 1, há a transcrição de uma conversa de Reich com um estudante. Reich diz:

> O que é orgone? O que queremos dizer quando usamos a palavra orgone? Orgone é uma abstração da mente. O que vemos são suas manifestações. Você nunca deve confundir a palavra com o que vemos. Como eu sabia que o que vemos através do telescópio é orgone? Dizemos que é orgone, mas como sabemos? O que constitui a descoberta real? Você nunca faz uma descoberta com um fato; não digamos fato, digamos função. Mas quando vi que o movimento na atmosfera estava correlacionado com a diferença de temperatura no acumulador e fora dele e com o eletroscópio, então tive alguma coisa. *A descoberta consiste no entrelaçamento*

> *dos fenômenos*. Você sempre tem pelo menos duas funções. No funcionalismo, você não pode pegar um problema individual e tentar resolvê-lo dentro do seu domínio (Reich, 1990, p. 100, grifos do autor)[201].

Reich se refere à importância de se buscar o *princípio de funcionamento comum* ao longo de fenômenos diferentes *para saber se existem em uma causalidade comum e imanente* (cf. Carnero, 2021, p. 163). A partir daí ele explica: "Você tem que observar as mudanças nas funções. Por exemplo, uma pessoa chega até mim com uma cara legal, parece uma pessoa legal, mas eu não sei. Eu tenho que vê-la mudar. Primeiro a observação, depois a abstração e depois a experiência para controlar as observações e as abstrações. Não há limites para nossa pesquisa porque a natureza é basicamente uma" (Reich, 1990, p. 103)[202]. Apenas um ângulo, uma forma de ver, um enfoque específico não é suficiente para se gerar conhecimento adequado sobre nenhum fenômeno. Isso inclui a observação direta do fenômeno e as respostas do próprio corpo a partir do que é visto, logo, pode-se pensar e hipotetizar a respeito e após isso, pois essas hipóteses necessitam ser testadas. Não se trata de *conceituar* algo e, logo, desenvolver esse conceito de maneira infinita. Reich alerta que isso pode conduzir a um *descolamento* da realidade e o investigador se perder em abstrações cada vez mais sofisticadas. Esse conceito poderá explicar apenas *um pouco* da realidade. Na prática, ele passa a explicar "um desconhecido por outro"[203] (Reich, 1990, p. 105). Por isso, compreender *as funções*, como as coisas funcionam na prática, é uma baliza para entender *como o efeito é produzido, isto é, por meio de quais mecanismos aquele fenômeno acontece.* Isso previne que o investigador *suponha ou teorize abstratamente de maneira universal e superficial* como algo funciona. Essa é uma necessidade. Outra necessidade da pesquisa é que *para conhecer um fenômeno ou coisa*, é preciso que o enfoque conceitual onde está inicialmente posicionado *mude*.

Isso, como veremos, significa *abrir o constructo prisional onde uma coisa ou função está retida*, para que possa *irradiar sua multiplicidade de formas de existir, suas múltiplas possibilidades de ser e de evoluir que estão compactadas*. Nas filosofias alquímicas antigas,

---

[201] Traduzido livremente do inglês: "What is orgone? What do we mean when we use the word orgone? Orgone is an abstraction of the mind. What we see are its manifestations. You must never confuse the word for what we see. How did I know that what we see through the telescope is orgone? We say it's orgone, but how do we know? What constitutes the actual discovery? You never have a discovery with one fact; let's not say fact, let's say function. But when I saw that the movement in the atmosphere was correlated with the difference in temperature in the accumulator and outside, and with the electroscope, then I had something. *The discovery consists in the interlacing of the phenomena*. You always have two functions at least. In functionalism, you can't take one individual problem and try to solve it within its domain".

[202] Traduzido livremente do inglês: "You have to observe the changes in functions. For instance, a person comes to me with a nice face, looks like a nice person, but I don't know. I have to see him change. First, observation, then abstraction, then, experiment to control the observations and the abstractions. There's no limits to our research because nature is basically one".

[203] Traduzido livremente do inglês: "one unknown by another".

isso significa *fermentar uma matéria*, fazê-la inchar e *desconfigurar a forma rígida na qual estava formatada*. A fermentação *desarranja as estruturas organizadas* que continham a expressão da consciência do ser em uma forma cristalizada e devolve o *caos* e o movimento à forma rígida. A informação e a excitação energéticas que são irradiadas nessa soltura, inclusive outras matérias densas retidas que adoeciam esse ser, contêm tanto as *penúrias* e o custo histórico não metabolizado de haver passado muito tempo retido ali dentro, quanto as *possibilidades de ser* que existem presas na forma, de forma potencial e não atualizada. Em outros termos, isso significa *apodrecer* ou *desenquadrar* a velha estrutura conceitual ou física ou energética, para que possa ser atualizada *em um nível maior de funcionalidade.*

Dito isso, necessito fazer mais algumas considerações sobre o método de investigação funcional da natureza e como navegar as ciências marginais. Para não nos referenciarmos em conceitos misticistas ou mecanicistas podemos nos orientar pelas instruções deixadas por Reich acima. Não se *desvincular* da imanência é fundamental. No entanto, em alguns momentos das obras de Reich é possível perceber orientações que parecem impedir determinados caminhos de pesquisa, sobretudo no que concerne às compreensões místicas (não misticistas) e que envolvem uma abordagem espiritual. Preciso tratar desse ponto antes de prosseguir, porque acredito que *a chave de compreensão simultânea dos fenômenos somáticos e psíquicos que Reich elucidou* permanece válida, que é a *compreensão plasmática e elétrica da natureza*.

Há uma série de considerações que Reich fez nesse sentido ao longo de suas obras, desde seu período como psicanalista até sua fase de desenvolvimento da física orgônica. Essa chave está presente em fenômenos que podem ser ainda *mais aprofundados* na teoria reichiana, como um detalhamento da função do orgasmo (alternância balanceada entre tensão-carga-descarga-relaxamento), o movimento de retenção elétrica do bioplasma corporal e na mente na construção de espaços prismáticos prisionais e na constituição das formas elétricas do devir desejado, que se atualizam em materialidade.

Ao mesmo tempo, essa *chave* também pode ajudar a aprofundar o tema da *liberdade* que guia a obra de Reich, porque a *libertação* dessas formatações requer o relaxamento, a entrega, o nutrir-se de prazer e sensações orgásticas expansivas pelo corpo, o abandono de seguranças artificialmente geradas por retenções energéticas e tensões mecânicas no corpo, pelo resgate da capacidade de nos orientarmos pelo que Reich, ao final da vida, denominou por

"anseio cósmico[204]", pelo estado de comunhão com Deus e pelo conhecimento cada vez mais profundo da natureza divina. Nesse sentido, a filosofia e a cosmogonia de Spinoza também podem ser grandes aliadas.

3.6 O problema não é a mística, é o misticismo

Em *O Éter, Deus e o Diabo*, Reich gera uma divisão entre os termos "animismo", "misticismo" e "mecanicismo". O primeiro termo se refere a uma pessoa que *quer* que algo seja conforme ela sente isso em seu corpo. Como explica:

> O intelecto animista primitivo não mudou o mundo dentro ou fora. A única coisa que fez, contradizendo a filosofia científica natural, foi atribuir funções reais a objetos reais aos quais elas não pertenciam. Colocou sua própria realidade em uma realidade alheia, isto é, projetou. [...] O homem primitivo animou a natureza de acordo com suas próprias sensações e funções; ele as *animou* mas não as considerou como místicas, como fez seu sucessor várias centenas de anos depois (Reich, 2003 [1951], p. 95, grifos do autor).

Em seus textos, quando Reich utiliza o termo "místico" e suas derivações de gênero e grau, o equivale a "misticismo". Não há compreensão em Reich do que possa ser "místico" sem que seja misticista. O mais próximo do que proponho pensar como "místico" seja o que ele denomina como animista. Para Reich (2003 [1951], p. 95) o *animismo* é "a visão primitiva da vida emocional". Ele diz que o animista pensa a partir das próprias sensações de órgão, que são suas próprias correntes plasmáticas. Ao se remeter indiretamente a Bergson e aos "dados imediatos da experiência" (Bergson, 1988) Reich afirma que "a função psíquica é concebida como movimento, e movimento, no sentido físico mais estrito, é uma mudança de energia" (2003 [1951], p. 99-100). Nessa mesma esteira bergsoniana, Reich diz também que "o movimento é a matéria da experiência direta que forma as imagens mentais" (2003 [1951], p. 99).

Sobre as correntes, ele dá como exemplo os movimentos sinuosos e lentos de um animal com antenas ou tentáculos e que tateia. Nossos movimentos ondulatórios internos e o

[204] O conceito de *anseio cósmico* não está explicado de forma explícita e sistemática apenas em uma única obra, mas pode ser encontrado em vários de seus escritos, sobretudo quando discute a relação da energia orgone com o ser humano e a relação de ambos com o Cosmos. O conceito pode ser encontrado nos livros *A função do orgasmo* (1988 [1927] [1942]), *O Éter, Deus e o Diabo* (2003 [1951]), *A superposição cósmica* (2003 [1951]) e *Contact with Space* (1957). O diálogo que Reich estabelece ao redor desse conceito é a existência de um profundo desejo de conexão com a Energia Primordial Cósmica e o impulso de fundir-se com ela, mas, devido às repressões que sustenta dentro de si, na forma de estruturas emocionais bloqueadas, o ser humano teme essa experiência de conexão e, ou foge dela, ou a reprime internamente, ou a combate com violência.

momentum deles nos permitem saber sobre o que sentimos e sobre o mundo ao redor. São as nossas respostas sensoriais internas. Desde que não estejam *bloqueadas* ou *impedidas*, um animista consegue tocar na realidade e extrair dela dados verdadeiros e reais, porque suas sensações corporais e experiências mentais *provêm de excitações reais que ocorrem no aqui e agora, na realidade onde se encontra seu corpo físico presente, relaxado e espontâneo*. Digo isso porque *dados podem ser extraídos* de realidades onde *uma consciência corporal não está no aqui e agora, o corpo físico atual não está relaxado e a espontaneidade de suas respostas autônomas está bloqueada*. Isso gera *percepções distorcidas* em relação ao que ocorre no *aqui e agora*, segundo Reich. Isso caracterizaria a diferença entre o "animismo" e o "misticismo".

Reich diz:

> a ciência natural funcional deve defender o animismo primitivo contra o misticismo perverso e dele tirar todos os elementos de experiência que correspondem às percepções sensoriais naturais. [...] A compreensão das emoções é tão remota para o pensamento mecanicista que não há espaço para elas na sua investigação científica natural. O funcionalismo simplesmente não é capaz de negligenciar as emoções e pode incluí-las no campo da pesquisa científica natural (Reich, 2003 [1951], p. 97).

Assim, o animismo é positivo, na medida em que traz uma concepção realista da natureza, mas *erra porque anima o mundo circundante* com uma *projeção* do que sente dentro de si, de forma livre e espontânea, no entanto, *não é capaz de realizar uma compreensão quantitativa do que acontece*, apenas *qualitativa, que inclui o corpo e tem ideias adequadas sobre ele*. Aqui Reich abre portas para compreendermos o que seja *místico* que não seja *misticista*, porque o animismo é essa possibilidade. O animismo, por exemplo, nos permite considerar as *filosofias naturais* "nas antigas culturas asiáticas" (Reich, 2003 [1951], p. 94), também compreender *propriedades análogas na natureza*, como igualar "a fertilidade da terra à fertilidade do corpo da mulher" (p. 95), e compreender as bases alquímicas de Newton que, de maneira animista, o levaram a formular a Lei da Gravitação Universal. Ainda, o animismo de Johannes Kepler em sua tentativa de compreender "a lei harmônica da natureza" (p. 97), a "'bruxa' animista" que compreendia a natureza dentro de si (p. 97), a ideia de "unidade com Deus" (p. 134), bem como o "conceito de prana e similares" (p. 43). Tudo o que Reich diz nesses trechos, os quais considera animismo, é o que entendo por *místico* ou *ocultismo*. Por "místico" entendo *percepções extraídas de estados não ordinários de consciência*, e "ocultismo" como o *estudo das relações naturais ocultas (invisibilizadas pelos parâmetros de controle da cultura moderna)*. Em nenhum dos dois casos isso significa qualquer tipo de bloqueio na sensorialidade, mas estados perceptivos e de compreensão causal que não estão

dentro de um conjunto restrito de normas perceptivas. Nesse sentido, em que considero os dois termos, a experiência de uma "caixa orgônica", por exemplo, poderia ser considerada "mística e ocultista".

A caixa orgônica, um dispositivo elaborado por Reich para gerar uma condição de neguentropia e acúmulo de energia cósmica/solar em seu interior, permite que seu usuário se sente dentro dela e experiencie tanto mudanças em seu estado fisiológico, quanto em seu estado psíquico e emocional, enquanto permanece parado. Se a caixa estiver "positivamente carregada" ele poderá sentir um ciclo de relaxamento, seguido de um ciclo de despertar e aumento de vitalidade, mas se a caixa estiver "descarregada" por conta de um dia nublado, provavelmente não sentirá nenhuma mudança em seu corpo e mente; já se a caixa estiver "negativamente carregada por DOR (*Deadly Orgone* ou orgônio mortal)" (cf. Reich, 2003 [1951]), provavelmente sentirá efeitos deletérios em seu organismo. Isso ocorre quando a caixa absorve radiações de campos eletromagnéticos de tempestades, micro-ondas, raios gama, raios x, lâmpadas fluorescentes ou radiações de um campo emocional pestilento de brigas e reatividades intensas onde a caixa se encontra.

Essas *vibrações sobrexcitam o campo interno orgonótico acumulado pela caixa* (também chamada de "acumulador orgônico") e o que ela passa a irradiar é DOR. Os efeitos do DOR sobre o organismo são negativos, causam angústia, congestão energética em áreas já bloqueadas do corpo, aumentam a insensibilidade e as reatividades caracteriais. Todos esses efeitos já tive o prazer e desprazer de experimentar e são *reais*. Digo que a experiência de uma "caixa orgônica" pode ser "mística e oculta" porque "não faz sentido" dentro dos parâmetros conhecidos da cultura científica moderna.

O interior da caixa é revestido de metal e, ao tocá-lo, o metal é frio. No entanto, quando a caixa está "positivamente carregada", quando uma pessoa aproxima a mão entre três e dez centímetros da placa metálica, sem tocá-la, normalmente sente que sua mão esquenta e formiga, de maneira agradável, exatamente como se houvesse uma radiação (radiação orgonótica) emitida pela caixa. Isso acontece, de fato. No entanto, há algumas possibilidades em que isso pode ser completamente desapercebido. Uma, se a pessoa entrar na caixa e estiver em um momento ou período de vida muito bloqueado em seus afetos. Isso significa que o efeito terapêutico prático ocorre, mas seus movimentos internos podem estar pouco vivos e arrastados.

O *quantum* energético maior do interior da caixa pode não conseguir aumentar as motilidades plasmáticas do corpo da pessoa em um grau que ela perceba, logo, ela poderá dizer que nada aconteceu. Outra, se a pessoa não tiver o costume de observar o que sente e passa muito tempo em elucubrações mentais e com pouco contato com seu corpo e suas sensações

plasmáticas vegetativas (chamadas por Reich de "sensações de órgão"). Também essa pessoa poderá dizer que não sentiu nada e não viu nenhuma diferença porque não tem o hábito de extrair dados sensíveis de sua experiência atual, mas de *racionalizações* que gera como parâmetros de realidade. Ou, simplesmente a ideia de que sentar-se em um aparelho mecânico que atua *neguentropicamente* – ou seja, que em vez de entrar em *equilíbrio energético de temperatura com o ambiente*, passa a acumular passivamente radiação e aumentar meio grau centígrado de temperatura em relação ao meio externo (cf. Reich, 2009 [1948], capítulo VIII, p. 319) – não faz "*sentido algum e por isso não vai funcionar"*, podendo *prevenir* que a pessoa perceba qualquer mudança, *uma vez que configurou para si um conjunto de regras em que isso não é possível*.

De fato, mesmo que em algum momento *sinta*, seu *conatus persevera a partir da necessidade do mundo-brana que desenhou para si*, então a pessoa *deseja em ato* que suas catexias *restrinjam o que percebe, se coloquem contra o que é seu movimento espontâneo.* O que essa pessoa sentirá provavelmente será uma *negativa da mente em ver* e sensações de aumento de tensão interna e irritabilidade. Em vez de dizer "não senti nada", como alguém que realmente está curioso e nada sentiu, poderá dizer "não senti nada!" de maneira irritada, com a informação tácita de "você é um enganador que me faz perder tempo e me chama de idiota!". Essa irritação seria devida a um estado de *contradição* entre seu movimento espontâneo e as tensões *contrárias* a esse movimento que a pessoa *sente necessidade de sustentar*. O movimento espontâneo do corpo, em relação ao aumento de carga orgonótica, pode *desafiar* ou *desestabilizar* as regras de segurança que criou para si: tanto a regra científica/cultural que *torna "impossível esse tipo de coisa existir"*, quanto a regra emocional que o *torna inseguro internamente quando um movimento de expansão e relaxamento ocorrem em seu corpo*. Seja como for, existe um *tipo de prisão elétrica* em que a pessoa se encontra confinada e *ameaçar essa estabilidade* torna-se apavorante.

A experiência na caixa poderia ser facilmente considerada animismo, pois a pessoa poderia atribuir a ela propriedades expansivas, relaxantes e energizantes. No fundo, falaria apenas de si própria e do que sentiu dentro de si e não em relação ao funcionamento do dispositivo. *Essa fala seria anímica* porque nenhuma *noção comum*[205] seria obtida da caixa,

[205] "Noção comum" é um termo spinoziano que indica *uma compreensão causal e processual verdadeira*. Não nascemos com noções comuns formadas. Nascemos com espontaneidade, mas com uma compreensão confusa porque percebemos o mundo através de ideias vagas sobre como ele funciona a partir de nossas impressões sensoriais. A partir delas *narramos e fazemos inicialmente inferências* sobre seu funcionamento, mas não o compreendemos *causalmente*. Formam-se noções "universais" e especulativas. Já as noções comuns nos permitem compreender nossa própria relação de partes corporais com o todo que é investigado (cf. Carnero,

nenhuma compreensão científica, causal ou dos mecanismos que a fazem *gerar* esse efeito no organismo. No entanto, a razão pela qual Reich não considera seu funcionamento um animismo reside no fato de que ele *explicou* por que isso acontece a partir de parâmetros testados através de experimentos feitos em outros contextos, como análises de sangue, decomposição de matérias orgânicas e visualização de processos de biogênese (cf. Reich, 2009 [1948], capítulo II, p. 15). A esse conjunto de compreensões científicas denominou "biofísica orgônica". Esses experimentos foram repetidos em diversos centros de estudos reichianos, como nos Estados Unidos e na Grécia, dentre outros lugares. No entanto, não deixam de ser *ciência marginal* porque não há uma aceitação de tais estudos por universidades e *tampouco há interesse em reproduzir os experimentos e discutir os resultados*.

3.7 O controle oligárquico e as caças às bruxas modernas

Não é necessário avançar em nenhum tipo de "teoria da conspiração" para compreender que esses *bloqueios* acontecem, porque bloqueios políticos ou acadêmicos apenas expressam *bloqueios humanos*. Nos exemplos que dei, em relação à caixa, é possível compreendermos que o mesmo *princípio de reatividade* pode ocorrer em diversos tipos de situações. Na verdade, trata-se de um *princípio de funcionamento comum* do funcionamento das *couraças crônicas e reativas*. Quando uma pessoa ou grupo tornam-se *reativos*, isso quer dizer que *deixam de perceber as ordens causais comuns* e o raciocínio através da *razão* e passam a raciocinar pelas *regras do constructo virtual dimensional* em que estão *confinados, pela urgência em defender esse constructo*. Se o próprio constructo é *conatus*, defendê-lo com unhas e dentes torna-se uma *medida de perseverança*. A questão reside, como apontou Reich, em *por que o constructo não pode mudar*[206]*?* Quanto *menos* ele puder mudar, isto é, quanto *menos autorização interna houver para que ele mude*, mais *reativa* (irracional e destrutiva) será a medida tomada para *proteger* sua estabilidade.

2021, p. 51-66). Tomo o termo de forma muito semelhante a Reich quando diz: "O pensamento mecanicista favorece as diferenças, tem o hábito de negligenciar o que é comum e, portanto, torna-se rígido e nitidamente divisor. O pensamento funcional está interessado principalmente nas características comuns, porque a investigação do comum conduz a algo mais profundo e mais adiantado" (2003 [1951], p. 114).

[206] Reich não se referiu diretamente aos constructos energéticos, que denomino como uma forma de "couraça mental" ou o *espaço virtual da couraça de caráter*, mas referiu-se a duas questões: a da *rigidez defensiva*, caracterial e muscular e a da *impossibilidade de mudar de opinião ou ponto de vista*, características presentes no *misticismo* e no *mecanicismo*. Uma questão está intimamente relacionada com a outra. "Não poder mudar" não é um problema de ordem externa, mas de ordem *interna*. Mesmo sob coação uma pessoa pode mudar o que pensa internamente. Quando ela *não pode mudar internamente*, essa "imutabilidade" é um *esforço* que parte de uma *necessidade interna*.

Digo que não é necessário *supormos* que existam conspirações, visto que o *controle oligárquico* existe por toda parte, nas mídias, nas literaturas, nos espaços políticos e acadêmicos. Segundo Ehret[207], é esse controle que regulamenta o que se tornará "disponível em nossa atual cultura de mediocridade[208]" (2023, p. 16). Um exemplo desse processo de *invisibilização e execramento acadêmico-social* está bem descrito no livro *O campo*, da jornalista Lynne McTaggart (2008), onde demonstra as muitas tentativas de confirmação científica da existência de um campo de energia universal que conecta tudo e todos. No "Capítulo 4 – A linguagem da célula", ela conta a história de Jacques Benveniste (1935-2004), que foi diretor do INSERM (Instituto Nacional de Pesquisa Médica e de Saúde Francês) em 1979 e estava à frente da unidade de pesquisa de número duzentos, direcionada para as investigações em imunologia, alergias e inflamações. Benveniste seguiu as pesquisas de Fritz-Albert Popp, pesquisador alemão em biofísica, no estudo das *emissões de biofótons pelo corpo*. Em princípio, o primeiro se interessou em seguir o que as experiências de Popp sugeriam: "que cada molécula no Universo possuía uma frequência única e a linguagem que ela usava para falar com o mundo era uma *onda ressonante*" (Mctaggart, 2008, p. 211, grifos nossos). Explicou que ele resolveu seguir o caminho inverso de Popp e examinar

> o efeito dessa luz sobre moléculas individuais. Popp acreditava que as emissões de biofótons orquestravam todos os processos corporais, e o cientista francês estava descobrindo a maneira refinada como isso funcionava. As vibrações de biofótons que Popp observara no corpo fizeram as moléculas vibrar e gerar a sua própria frequência característica, que atuava como sua força motriz exclusiva e também como método de comunicação. O cientista francês havia feito uma pausa para prestar atenção a essas minúsculas oscilações [...]. "Essa descoberta representou um desvio árduo e permanente na carreira do cientista francês Jacques Benveniste, que seguira, até a década de 1980, um arco discernível e previsível. [...] Aos 50 anos, Benveniste tinha o mundo aos seus pés. Não havia dúvida de que ele estaria aguardando ansioso pela aclamação internacional da comunidade científica. [...] Corriam muitos rumores a respeito da possibilidade de que Benveniste viria a ser um dos poucos biólogos franceses com chances de ganhar o prêmio Nobel (Mctaggart, 2008, p. 212-214).

[207] Em seu livro *Ciência desalgemada*, Ehret, ao explicar como o mundo liberal moderno cria desordem, afirma: "O conceito de 'forças' do mercado baseou-se em criaturas atomizadas hedonistas em busca de prazer, chamadas humanos, que procuram apenas maximizar o prazer e evitar a dor. Na tentativa de projetar uma imagem de autoridade científica, este novo sistema liberal situou as suas raízes e até mesmo os seus pressupostos centrais na corrente filosófica oligárquica mais profunda, que se estende desde Aristóteles, Hobbes, Locke e Newton" (Ehret, 2023, p. 66). [Traduzido livremente do inglês: "The concept of 'forces' of the marketplace premised itself upon hedonistic pleasure-seeking atomized creatures called humans which seek only to maximize pleasure and avoid pain. Attempting to project an image of scientific authority, this new liberal system situated its roots and even core assumptions upon the deeper oligarchical philosophic current stretching from Aristotle, Hobbes, Locke and Newton"].
Ou seja, não é *de interesse do mercado ou de modos de pensar liberais* desenvolver nenhum tipo de *percepção mais profunda sobre a natureza*, nem considerar modos *saudáveis* de pensar, *examinar* suposições ou *testar* novas hipóteses.

[208] Traduzido livremente do inglês: "available in our current culture of mediocrity".

Em 1988, a partir dos resultados dessas pesquisas, publicou suas conclusões sobre a "memória da água", em que diluiu anticorpos de imunoglobulina tipo E (IgE) muitas e muitas vezes até que a solução não contivesse mais do que "apenas água". Contudo, Benveniste demonstrou que apesar de não haver mais moléculas do antígeno, a água "pura" registrara uma reação nos glóbulos brancos. Benveniste não tinha nenhum antecedente em estudos homeopáticos, apenas reproduziu uma condição que fora gerada por um erro acidental de uma de suas técnicas de laboratório, que produziu resultados *que não faziam sentido a Benveniste*. McTaggart afirma que "na ocasião, por ser um médico extremamente clássico, Jacques nem mesmo sabia o que era a homeopatia" (2008, p. 217) e prossegue:

> Benveniste uniu forças com cinco diferentes laboratórios em quatro países (França, Israel, Itália e Canadá), e todos conseguiram reproduzir os mesmos resultados. Os treze cientistas publicaram então, em conjunto, os resultados, obtidos em quatro anos de trabalho, em uma das edições de 1988 da revista *Nature* (McTaggart, 2008, p. 221, grifo da autora).

Assim que o trabalho foi publicado (sem cortes editoriais pela revista *Nature, que é a maior revista científica multidisciplinar do mundo*, devido à reputação de Benveniste), a imprensa comum destacou que Benveniste havia descoberto "a memória da água", pois ele havia demonstrado que a água era capaz de *registrar e armazenar informações de moléculas, mesmo que elas não estivessem mais presentes no meio solvente*. McTaggart afirma que, por precaução, o editor John Maddox "consentira em publicar o artigo, mas o fez depois de dar um passo sem precedentes: colocar um adendo editorial na parte inferior do artigo" (2008, p. 224). Ele afirmou que *não existia nenhuma base física/material para essa atividade encontrada por Benveniste* e disse que a *Nature* tomaria medidas para que essas experiências fossem repetidas e observadas por investigadores independentes. Prossegue a jornalista: "Quatro dias depois da publicação, Maddox em pessoa apareceu com o que Benveniste descreveu como um 'esquadrão científico contra fraudes', formado por Walter Stewart, um conhecido caça-charlatões, e James Randi, mágico profissional" (p. 226). Terei algo a falar sobre o papel de Randi, em seguida, que é ser um pilar do movimento *cético-mecanicista* (não cético-funcional) e por que esse movimento envolve a geração de *estruturas branáticas* cujo propósito é retirar possibilidades do espaço perceptivo e conduzir as pessoas a imaginarem segundo normas restritas. Novamente, o objetivo é sempre retirar o corpo e a própria sensorialidade da equação e *prevenir* que as pessoas raciocinem *por dentro* de forma livre e não tensa.

McTaggart conta que Benveniste se perguntou "se um mágico, um jornalista e um caça-charlatões formariam de fato a equipe ideal para avaliar as mudanças sutis na experiência biológica" (2008, p. 227). Maddox e sua equipe fizeram questionamentos sobre os resultados do diretor e decidiram modificar o protocolo das experiências para torná-las mais "rigorosas", ainda que Benveniste alegasse que não tinham "o treinamento necessário para realizar essas experiências específicas" (p. 227). Segundo consta no site da BBC, em uma reportagem de 26 de novembro do ano de 2002, intitulada "Homeopatia: o teste"[209], que relembrou essa época:

> Eles [Randi e a equipe] fizeram de tudo para garantir que nenhum dos cientistas envolvidos soubesse quais amostras eram as soluções homeopáticas e quais eram os controles – até mesmo colando os códigos das amostras no teto durante o experimento. Desta vez, os resultados de Benveniste foram inconclusivos e a comunidade científica não se convenceu da teoria de Benveniste sobre a memória da água[210] (BBC, 2002a).

McTaggart, no livro, afirma que com o novo protocolo instaurado por Maddox "e no meio de *uma atmosfera carregada que insinuava que a equipe do INSERM estaria escondendo alguma coisa*, foram realizados mais três testes, que não deram certo" (2008, p. 228, grifos nossos). Assim que confirmaram que os experimentos falharam, a revista *Nature* publicou um artigo chamado "As experiências com alta diluição são uma ilusão". Tais resultados apresentados prejudicaram seriamente a reputação de Benveniste e seu cargo na INSERM. Não apenas nenhuma de suas objeções foi ouvida em relação ao como a *Nature* reproduziu suas experiências, como passaram a circular rumores de que ele estaria cometendo fraude e que

[209] Traduzido livremente do inglês: "Homeopathy: The Test". Tratou-se de uma entrevista sobre a validade da homeopatia para um programa chamado "Horizonte" (*Horizon*) gravado pela BBC na Inglaterra. Nesse *website* (BBC, 2002b), é possível acompanhar a transcrição completa da entrevista na qual participaram além de homeopatas, acadêmicos, jornalistas, os próprios citados por McTaggart: Walter Stewart, John Maddox, James Randi e o próprio Jacques Benveniste. É uma entrevista que traz muitas informações úteis sobre *moldagem de narrativas*. A última fala de Benveniste na entrevista foi: "Todos acreditaram que estou totalmente errado. É simplesmente descartado. Seu telefone não toca mais. Assim como para as atrizes ou atriz que não têm nada, não estão mais na moda, o telefone de repente fica em silêncio". [Traduzido livremente do inglês: "Everybody believed that I am totally wrong. It's simply dismissed. Your phone call doesn't ring anymore. Just like actresses, or actress that have no, are no more in fashion the phone suddenly is silent"]. Talvez não sem propósito, a entrevista termine com o narrador dizendo: "Homeopatia é impossível" [*Homeopathy is impossible*].

[210] Traduzido livremente do inglês: "Randi and the team watched Benveniste's team repeat the experiment. They went to extraordinary lengths to ensure that none of the scientists involved knew which samples were the homeopathic solutions, and which ones were the controls – even taping the sample codes to the ceiling for the duration of the experiment. This time, Benveniste's results were inconclusive, and the scientific community remained unconvinced by Benveniste's memory of water theory".

sofria por desequilíbrios mentais. Essa publicação lhe rendeu o Prêmio IgNobel de Química em 1991[211].

Oficialmente, o prêmio, em tom jocoso, é uma junção do termo "Prêmio Nobel" com a palavra "ignóbil", sinônimo de algo que causa infâmia, vergonha e torpeza. A ideia do prêmio é honrar as pesquisas que fazem primeiro as pessoas rirem, e, então, pensarem a respeito. Nesse sentido, Luc Montagnier (1932-2022), investigador sênior do Instituto Pasteur em Paris, que ganhou o Prêmio Nobel em 2008 pela codescoberta do retrovírus que causa a aids[212], passou a receber o mesmo tipo de perseguição de Benveniste, quando no ano seguinte, em 2009, com sua equipe, conduziu um experimento em que diluiu DNA viral e bacteriano dezoito vezes em água e descobriu que o

> *DNA produz mudanças estruturais na água, que persistem em diluições muito elevadas, e que levam a sinais eletromagnéticos ressonantes que podemos medir.* Nem todo DNA produz sinais que podemos detectar com nosso dispositivo. Os sinais de alta intensidade vêm do DNA bacteriano e viral[213] (Montagnier *apud* Ullman, 2011, grifos nossos).

O que Montagnier demonstrou é que *ondas eletromagnéticas emanavam de DNA altamente diluído e a água era capaz de gravar ou reter e reproduzir essas ondas, a partir de mudanças estruturais do meio aquoso.* Em 2010, o virologista francês publicou um artigo com tais descobertas e, a partir daí, passou a "afastar muitos dos seus colegas *ao promover teorias científicas marginais* e o que chamaram de 'pseudociência', segundo o *The Washington Post*[214]" (Mesa, 2022, grifos nossos). Segundo Ullman (2011), Montagnier considerava Benveniste um "Galileu moderno" que estava muito à frente de seu tempo. Em entrevista para a revista *Science*, Montagnier

> expressou preocupação real com a *atmosfera não científica* que existe atualmente em certos assuntos não convencionais, como a homeopatia: "disseram-me que algumas pessoas reproduziram os resultados de Benveniste, mas têm medo de publicá-los por causa do *terror intelectual* das pessoas que não os entendem". Montagnier concluiu a entrevista quando foi questionado se ele estava preocupado por estar indo para a pseudociência, ao ele respondeu duramente: "Não, porque

[211] Cf. Improbable Research (2023).
[212] Cf. The Nobel Prize (2023).
[213] Traduzido livremente do inglês: "DNA produces structural changes in water, which persist at very high dilutions, and which lead to resonant electromagnetic signals that we can measure. Not all DNA produces signals that we can detect with our device. The high-intensity signals come from bacterial and viral DNA".
[214] Traduzido livremente do inglês: "alienated many of his colleagues by promoting fringe scientific theories and what they called 'pseudoscience,' reports The Washington Post".

> não é pseudociência. Não é charlatanismo. Esses são fenômenos reais que merecem um estudo mais aprofundado[215]" (Ullman, 2011, grifos nossos).

O que quero demonstrar com os casos de Benveniste e Montagnier são dois pontos. O primeiro, é que o meio científico é repleto de preconceitos e pestilências emocionais que produzem influências políticas diretas a respeito de *como uma pesquisa e teoria serão desenvolvidas ou como serão negadas e perseguidas.* Ciência é feita e validada por *pessoas* que estão sujeitas *a serem determinadas* pelos efeitos de *suas couraças crônicas e reatividades*, portanto, compreendo que a *condenação* de uma ciência marginal *como pseudociência* já seja indicativo disso. Esses dois termos *não têm uma relação direta*, exceto pelo *propósito* da narrativa que os une. Uma ciência marginal *se baseia em experimentações práticas e resultados que podem ser aferidos por diferentes pesquisadores em diferentes contextos*, já uma pseudociência não, ela seria *uma narrativa mistificada que visa produzir engano por meio de explicações causais ficcionais.*

O segundo ponto é que essas pesquisas evidenciam a necessidade de considerarmos que *as bases da realidade* não se constituem de pequenas coisas sólidas, *mas que o princípio de funcionamento comum ao longo da matéria e do pensamento são ondas, que vibram de maneira mais ou menos rápida ou intensa, e estados de densificação de formas de onda*. É por isso que uma compreensão eletromagnética/plasmática de fenômenos químicos, físicos, biológicos[216], mas também psicológicos, emocionais e filosóficos se encontra *na margem* do

[215] Traduzido livremente do inglês: "expressed real concern about the unscientific atmosphere that presently exists on certain unconventional subjects such as homeopathy, 'I am told that some people have reproduced Benveniste's results, but they are afraid to publish it because of the intellectual terror from people who don't understand it'. Montagnier concluded the interview when asked if he is concerned that he is drifting into pseudoscience, he replied adamantly: 'No, because it's not pseudoscience. It's not quackery. These are real phenomena which deserve further study'".

[216] Há muitos trabalhos vanguardistas sobre a *medicina eletromagnética*, por exemplo. Recomendo conferir os trabalhos do biofísico Luca Turin e do professor de bioengenharia Gerald H. Pollack, da Universidade de Washington. O primeiro desenvolveu a teoria vibracional do olfato (*vibration theory of olfaction*), em que afirma que a interação entre moléculas biológicas não ocorre apenas por sua forma, mas, sobretudo, interagem pela frequência eletromagnética em que elas vibram (cf. Turin, 2006). Já Pollack, no Laboratório Nacional de Oak Ridge descobriu que a água tem uma "quarta fase", nem sólida, nem líquida, nem gasosa, mas um estado em que ocupa esses estados simultaneamente, que não faz sentido de acordo com a física clássica. A descoberta é que *a água pode ser estruturada eletricamente*, o que significa que ela pode se comportar como um gel ou um polímero viscoso, que gera zonas ordenadas, como camadas moleculares singulares *que se tornam alinhadas*. A água a granel seria líquida, posto que as moléculas de água alinhadas se tornam *estáveis e restritas*, como *estruturas geométricas quadridimensionais ou cristais líquidos*. A água contida em uma célula não se comporta como a água contida em um copo, ela *muda de estrutura de acordo com as correntes eletromagnéticas que passam por ela e a modelam.* Como diz Pollack: "Experimentos subsequentes mostram que esta quarta fase está carregada; [...] criando uma bateria que pode produzir corrente. A luz carrega esta bateria. Assim, *a água recebe e processa a energia eletromagnética (luz) extraída do ambiente* da mesma forma que as plantas. Essa energia absorvida pode ser explorada para a realização de trabalhos químicos, elétricos ou mecânicos" (Pollack, 2024, grifos nossos). [Traduzido livremente do inglês: "Subsequent experiments show that this fourth phase is charged; [...] creating a battery that can produce current. Light

que é suportado como confiabilidade padrão da cultura, porque *nada é sólido*. A solidez é um estado temporário e *ad hoc*, isto é, para um fim particular ou *determinado por uma necessidade*. Isso mexe com medos muito profundos nas pessoas, porque significa que *nada pode ser preso* e também que *nada é garantido*, mas, por desespero, elas podem tentar *reter*, na esperança de obter esses efeitos.

Duas teorias muito próximas chamadas de Universo Plasma (*Plasma Universe*) e Universo Elétrico (*Electric Universe*) propõem tanto uma reforma do modelo padrão da cosmologia quanto da física quântica. Ehret, em *Ciência desalgemada*, na seção *The Electric Universe Revolution* (2023, p. 147) aponta que o Dr. Robert Bussard e uma equipe de cientistas, astrofísicos, cosmologistas e físicos "rejeitaram a cosmologia do modelo padrão Newtoniano/Copenhague em favor de um modelo mais natural que assume apenas a existência do eletromagnetismo como uma força fundamental no universo"[217] e elaboraram um empreendimento chamado "Projeto Safira" (*Safire Project*)[218]. A meu ver, essas duas teorias, que têm algumas diferenças entre si, são fundamentais para *uma compreensão mais ampla da orgonomia reichiana*, como expus. Os fenômenos plasmáticos e eletromagnéticos *ocorrem tanto em âmbito quântico, quanto no âmbito clássico ou macrocósmico*.

Antes de passar ao tema das pesquisas contemporâneas em *bioeletricidade* e de expor a razão pela qual defendo utilizar tais pesquisas para atualizar o que Reich escreveu sobre a *energia orgônica no corpo*, já que, no início, a libido foi pensada como sendo de natureza eletrofisiológica, gostaria de fazer algumas observações sobre um pequeno artigo que Ricardo Rego (1992b) escreveu chamado "Conceitos de bioenergia". Na mesma esteira do que mencionei ser a *orgonomia* uma ciência marginal, o autor escreve:

> O que se pode concluir é que os conceitos reichianos no campo da energia orgone estão muito distantes da verdade científica tal como aceita nos dias de hoje. Muitos críticos de Reich consideram seus conceitos sobre orgone como meras bobagens de um autor mentalmente perturbado. Seus defensores podem argumentar que talvez ele tenha percebido, intuído ou verificado coisas que o futuro revelará como corretas, e que a ciência atual é rígida e estreita, um produto de mentes e corpos encouraçados e defendidos contra a vida. O que parece claro é que, na questão do

charges this battery. Thus, water receives and processes electromagnetic energy (light) drawn from the environment in much the same way as plants. This absorbed energy can be exploited for performing chemical, electrical, or mechanical work"].

[217] Traduzido livremente do inglês: "have all rejected the Newtonian/Copenhagen standard-model cosmology in favor of a more natural model that assumes only the existence of electromagnetism as a fundamental force in the universe".

[218] As informações desse projeto estão em: www.safireproject.com. Cf. Safire Project (2024). Muitas das conferências realizadas pelos integrantes do Projeto Safira estão disponíveis no YouTube, no canal do *Thunderbolts Project*: https://www.youtube.com/user/ThunderboltsProject. Cf. The Thunderbolts Project (2024).

> orgone, Reich pode estar muito à frente ou muito atrás da ciência atual, mas certamente não está em concordância com ela (Rego, 1992b, p. 10).

O autor defende que "a nossa cultura coloca aos profissionais da saúde a opção inelutável entre ciência e charlatanismo" (p. 10), o que parece ser um axioma de nosso tempo. Estou de acordo com Rego e, por isso, expus o problema e a necessidade de termos *ciências marginais*. Felizmente, existe um movimento global e recente (dos últimos 10 a 15 anos aproximadamente) em que os estudos transdisciplinares sobre o tema da *consciência* têm se intensificado bastante, o que envolve praticamente todas as áreas e campos do saber. Graças ao YouTube e canais de divulgação científica, como os de Curt Jaimungal[219], Lex Fridman[220], Tevin Naidu[221], Adventures in Awareness[222], dentre outros, que apresentam entrevistas com esses pesquisadores, é possível termos linhas de acesso em tempo real às pesquisas e descobertas recentes.

Percebo que isso tem alterado a forma de pesquisa, pois os vídeos são mais facilmente divulgados do que artigos científicos de pesquisa. Há uma gama de autores que posso citar, cujas pesquisas vão em congruência com as ideias que abordo nesta tese. A meu ver, uma das principais vias que pode *nos auxiliar a avançar com a investigação e atualização da orgonomia reichiana* são os diálogos possíveis de serem estabelecidos com autores que, a partir de diversas áreas, investigam o *fenômeno da consciência e da auto-organização*, das percepções internas, formações de realidade e agência no mundo, por vieses biológicos, filosóficos, físico-químicos, cosmológicos etc., em diálogo com campos de estudo contemporâneos da Física Moderna e da Teoria da Informação. Aqui na tese, pude fazer isso, brevemente, com alguns deles, em especial com as ideias e pesquisas de Michael Levin, biólogo americano especializado em biologia do desenvolvimento e biologia sintética. À parte desse autor, destaco e indico as pesquisas de outros que podem desdobrar outras linhas de investigação e atualização do pensamento reichiano.

Eis alguns deles: Chris Fields (física quântica e estudos da consciência), Karl Friston (neurociência computacional e cérebro preditivo), Tim Jackson (economia ecológica), Bernardo Kastrup (filosofia e ciência computacional, sendo brasileiro e defensor do idealismo

[219] Cf. Curt Jaimungal (2023). Seu canal é chamado de "Theories of Everything with Curt Jaimungal". Ver link: https://youtube.com/@theoriesofeverything.
[220] Cf. Lex Fridman (2023). Fridman é anfitrião do "Lex Fridman Podcast", disponível no endereço: https://youtube.com/@lexfridman.
[221] Cf. Tevin Naidu (2023). Naidu explora temas relacionados à consciência e o problema mente-corpo. Ver link: https://youtube.com/@mindbodysolution.
[222] Cf. Adventures in Awareness (2024). O canal dedica-se a explorar a natureza do eu, da percepção, da realidade e da consciência. Ver link: https://www.youtube.com/@adventuresinawareness.

metafísico), Richard Watson (biologia evolutiva e ciência computacional), Iain McGilchrist (psiquiatria e neurociência), Nick Lane (bioquímica evolutiva e pesquisa da origem da vida), Thomas Metzinger (filosofia da mente), Rupert Sheldrake (biologia, sendo proponente da teoria da ressonância mórfica), Kevin Mitchell (neurogenética), Nick Cheney (inteligência artificial e design de sistemas autônomos), Joscha Bach (modelos computacionais da mente e consciência), Annaka Harris (filosofia da mente e exploração de formas conscientes), Amanda Gefter (jornalismo científico, sendo pesquisadora do Baynesianismo Quântico), Stephen Wolfran (físico teórico e cientista da computação), Ruth Kastner (Interpretação Transacional da Mecânica Quântica), John Vervaeke (psicologia cognitiva, filosofia e espiritualidade), Tom Froese (cibernética, enativismo e origens da vida), Federico Faggin (física, engenharia, sendo investigador da natureza da consciência), Rupert Spira (investigação da natureza não dual da consciência), Tom Campbell (física e teoria computacional da consciência), Christopher Wallis (filosofia tântrica e espiritualidade), Andy Clark (filosofia da mente e cognição incorporada), Anil Seth (neurociência e investigação da base neural da consciência), Julia Mossbridge (neurocientista e pesquisadora da percepção e cognição temporal), dentre muitos outros.

Dito isso, exponho aqui uma fala de Levin que demonstra o momento cultural e científico em que estamos transitando. O pesquisador se refere ao trabalho que ele e sua equipe vêm realizando e assinala também pesquisas inovadoras de outros colegas, em outros campos disciplinares, alguns dos quais expus acima:

> Temos [agora] a oportunidade de dizer algo bastante rigoroso sobre o que são as mentes e de onde elas vêm. A questão é que, por milhares de anos, diversas sociedades humanas pré-científicas tiveram essa ideia de que há um espírito em cada rocha, que cada árvore também tem um, e que o ambiente é um ser vivo, incluindo todas as árvores, todas as rochas e tudo mais. É uma coisa afirmar isso, mas é outra completamente diferente ter um modelo quantitativo rigoroso que nos revele o quanto – e que tipo de "quanto" estamos falando. Então, aqui está um sistema, que pode ser uma rocha, pode ser um computador, pode ser algum tipo de robô ou *biobot* sintético, seja o que for. Mas, realmente termos as ferramentas que nos permitam dizer: "Ok, que tipo de cognição existe aqui e em que grau? Como me relaciono da melhor maneira com esse agente? Qual é a forma mais eficaz de interagir com ele? Qual é a maneira mais ética de interagir com ele?", para finalmente desenvolver dispositivos que nos permitam responder a essas perguntas de forma realmente fundamentada, representa, na minha visão, um enorme avanço em relação à antiga percepção de que "a mente está em toda parte". [...] Agora somos realmente capazes de tornar essa ideia muito mais específica, muito mais defensável e integrada ao restante da ciência[223] (Levin, 2023b [29:26-30:50]).

[223] Traduzido livremente do inglês: We have [now] a chance to say something quite rigorous about what minds are and where they come from. The thing is that for how many thousands of years various pre-scientific human societies have had this idea that there is a spirit in each rock and every tree has too, and that the environment is a being, and all the trees and all the rocks and everything. So, it's one thing to say that, but it is something else to have rigourous quantitative model that tells you how much. What kind of 'how much'. So, here is a

Nessa linha, Rego (1992b, p. 10) afirma que "Reich foi em direção ao corpo, ao biológico, à ciência, literalmente ao palpável e visível, e encontrou o espírito, a religião, o transcendente [ao ego que se percebe separado da natureza]". O autor ainda aponta que, contraditoriamente, Reich se mostrou, por vezes, hostil ao hinduísmo, ao espiritismo e outras vertentes. Acredito que é compreensível que Reich tenha sido atravessado por preconceito e medo, em razão das campanhas de difamação constante e perseguição que sofreu ao longo da vida. O intuito de defender a orgonomia como ciência desses tipos de ataque pode ter sido tão grande, que possivelmente acabou deixando de utilizar seu próprio *pensamento funcional* para investigar o que outros pensadores estavam dizendo. Quando disse em *A função do orgasmo* (1988 [1942], p. 18): "a vaga impressão que tive da natureza irracional da sua hipótese acabou por justificar-se, no fim: Driesch tornou-se espírita", essa é uma declaração que *condena* Driesch à seguinte programação condicional: "<se> um pesquisador sério torna-se espírita <então> ele é irracional". Isso nada mais pode ser se não um constructo prisional que *previne* que se possa aprofundar a própria metodologia de encontrar o PFC (princípio de funcionamento comum) e o que Driesch poderia estar compreendendo.

Assim, concordo com Rego (1992b, p. 16) quando diz: "acredito que a elucidação do enigma da bioenergia passa pelo intercâmbio e pelo diálogo entre as psicoterapias reichianas e as demais abordagens 'energéticas' do ser humano e da vida". Ao final do artigo, o autor lista "algumas questões que podem ajudar a clarear mais exatamente no que é que acreditam os vários autores e correntes de pensamento" e diz que acredita que "a resposta detalhada a cada uma delas possa ser um ponto de partida para a discussão das diferenças e complementaridades entre as diversas concepções sobre bioenergia", nome que usa de maneira genérica "e que pode ser substituído por outras denominações" (Rego, 1992b, p. 21). Cito, a seguir, algumas das perguntas colocadas por Rego. Acredito que as ideias que exponho aqui nesta tese possam ajudar a respondê-las. São elas:

> 1 – Onde se origina a bioenergia do corpo? [...] 3 – Quantos tipos de bioenergia organísmica existem? 4 – Quais são as evidências empíricas (os fatos) que sustentam a hipótese da existência de uma bioenergia organísmica? 5 – Como é que a bioenergia interfere no funcionamento fisiológico? [...] 7 – O que provoca os distúrbios no metabolismo bioenergético? 8 – O que deve ser feito

system, and it might be a rock, it might be a computer and it might be some sort of robot or syntetic biobot, whatever. But, to really have the tools to be able to say: 'Ok, what kind of cognition and how much is here? And how do I best relate with this agent, what is the most effective way of relating to them, what is the most ethical way of relating to them?', to finally start to develop some tools that allow you to do that in a really principled way, I think is a huge advance over the old insight that 'mind is everywhere'. […] Now we are actually able to make that much more specific, much more defensible, integrated into the rest of science.

> terapeuticamente para corrigir os desequilíbrios bioenergéticos? 9 – Existe uma bioenergia cósmica? Se sim, qual é a relação entre a bioenergia organísmica e a bioenergia cósmica? [...] 11 – A bioenergia pode ser transmitida entre pessoas ou organismos vivos? Se sim, de que maneira isto se dá? 12 – A bioenergia de um organismo pode impregnar objetos, roupas ou ambientes? Se sim, como isto acontece e como se pode lidar com este fato (obter informações, limpeza, detecção)? [...] 15 – A bioenergia organísmica é detectável por meio de aparelhos? Se sim, por quais e em que condições? 16 – A bioenergia pode ser quantificada? Se sim, de que modo e qual é a unidade de bioenergia? [...] 1 – Qual é a relação entre bioenergia e a energia como tal definida pela Física? [...] 5 – Por que a ciência se recusa a reconhecer a bioenergia? [...] 6 – A concepção de bioenergia é vitalista ou não? [...] 8 – Que tipos de fatos levam à hipótese da existência de uma bioenergia? Quais são as comprovações científicas desta hipótese? [...] 11 – Qual é a relação entre bioenergia e eletromagnetismo? [...] 16 – A bioenergia é específica dos seres vivos ou é encontrada também na matéria inorgânica? (Rego, 1992b, p. 21-23).

Abordarei, assim, o tema da bioenergia a partir dos estudos contemporâneos em *bioeletricidade*.

3.8 O eletroma e a bioeletricidade como a cola cognitiva do corpo

O estudo da bioeletricidade é um caso interessante, porque esse campo foi marcado como ciência marginal e pseudociência durante muitos anos, por conta de todos os tipos de fraudes e charlatanices em torno da "eletricidade animal". Entretanto, nas últimas décadas, tem se tornado uma das bases mais importantes de experimentações e avanços científicos na compreensão das capacidades de auto-organização do corpo e da mente. Os principais sistemas que buscaram desvendar as bases do funcionamento vivo foram o *genoma*, o *proteoma* e o *microbioma*. O primeiro trata do conjunto de todas as sequências de DNA que compõem o material genético de um organismo. Quando se sequencia o DNA de uma espécie, o que compreende são suas definições de *hardware*, isto é, todos os códigos informacionais para a *construção de proteínas*, basicamente. Em um organismo chamado "bicicleta" haveria os códigos para a construção do tipo de borracha dos pneus, do guidom, do selim, códigos para os fios de aço dos freios, para a tinta aplicada externamente nela etc.

O segundo sistema, *proteoma*, é o conjunto de proteínas e suas variantes que podem ser encontradas em uma célula, quando está submetida a um determinado estímulo. As proteínas são os "materiais" básicos de construção no corpo, então até agora temos os mapas de como montá-los e quais são os seus tipos.

O terceiro, *microbioma*, é o conjunto de micro-organismos (bactérias, fungos e vírus) que vivem como um ecossistema dentro do corpo e que são fundamentais para seu funcionamento saudável, como, por exemplo, a microbiota intestinal e vaginal. Contudo,

nenhum desses sistemas explica como são formados *os padrões de forma do corpo e os mapas de navegação para que o corpo saiba como se auto-organizar ao enfrentar variáveis ambientais*. A partir de 2016, alguns pesquisadores começaram a chamar esse sistema de *eletroma*, que busca investigar os códigos de *software* do corpo. No exemplo da "bicicleta", ele nos falaria da ordem e do sentido em que ela seria montada.

A divulgadora científica Sally Adee (2023) tem apresentado o termo através de seu livro chamado *Nós somos elétricos: a nova ciência do eletroma do nosso corpo* (*We Are Electric: The new science of our body's electrome*) e nele, compila a história da bioeletricidade, desde o ano 200 em Roma, quando filósofos e médicos buscavam compreender os "espíritos que animavam" (*pneuma psychikon*), passando pelo final de 1700 com as experiências de Alessandro Volta e Luigi Galvani, pela revolução científica, até os dias de hoje. Apesar de ser conhecido o fato de que todas as criaturas são fundamentalmente elétricas, sendo que todos os movimentos, percepções e pensamentos são controlados por sinais elétricos que fluem por correntes no corpo, os médicos e biólogos não costumam aprender sobre bioeletricidade na faculdade, nem noções sobre engenharia elétrica ou ciência da computação. As pessoas que estudam física aprendem sobre correntes alternadas, mas não a respeito da bioeletricidade que corre nos corpos. Isso ocorre porque a bioeletricidade requer um olhar *transdisciplinar*. Contudo, a maior parte das universidades não está preparada para oferecer estruturas de estudo que tornem os conhecimentos coesos e não segmentados.

A diferença dos estudos tradicionais em física elétrica e em bioeletricidade é que no primeiro pensamos em geradores de força exteriores, baterias, fios e na condução de eletricidade feita por elétrons, "partículas" negativamente carregadas, que fluem em correntes. Nos corpos, em lugar de elétrons, as correntes são geradas por movimentos de íons, que circulam por todas as células do corpo, neurais e não neurais. Todos os fluidos do corpo e sistemas plasmáticos corporais estão repletos de íons. Todos os elementos químicos do corpo, como sódio, potássio, cálcio, magnésio e zinco passam por reações químicas que retiram ou adicionam elétrons aos átomos. Quando um átomo neutro ganha (ou atrai) elétrons, ele torna-se um *ânion*, um *íon negativo*. Quando ele perde (ou irradia) elétrons, torna-se um *cátion*, um *íon positivo*. Essas cargas geram desbalanços nas células e a tentativa de reequilibrá-los gera uma corrente iônica. Digo isso porque todas as correntes bioelétricas seguem a mesma proposta do balanceamento alternado de cargas, tal como descrito na fórmula do orgasmo: tensão-carga, distensão-descarga, isto é, condensação e irradiação, contração e expansão. Esses movimentos não são a inteligência do corpo, mas é através deles que a inteligência do corpo (*conatus*) executa ações de fluxo, perseverança e geração de formas.

No corpo, existem duas diferenças básicas em relação às *flutuações de potencial* e à *grandeza das voltagens* se compararmos o funcionamento da eletricidade do corpo e das máquinas elétricas que utilizamos no dia a dia. Por isso, como Reich bem apontou:

> Experimentos de controle com substância não viva demonstraram que essa lenta flutuação orgânica do potencial é uma característica específica da substância viva. A matéria não viva não reage absolutamente aos estímulos, ou reage como os corpos eletricamente carregados; por exemplo, uma lanterna com flutuações de potencial previsivelmente angulares, irregulares e "errantes" (Reich, 1988, p. 306-307).

O que Reich chama de "errante" são as angulações abruptas que o registro gráfico do eletrograma faz no papel, na forma de uma série de zigue-zagues pontiagudos. Em comparação com os ritmos provocados no corpo, o registro gráfico demonstra linhas bem mais suaves e curvas. Isso basicamente demonstra que a energia do corpo está viva, o que significa que ela é conduzida por avaliações e pela cognição do que está ocorrendo no espaço e como precisa modular em função das necessidades. A explicação, a meu ver, está novamente no *conatus*, pois é ele quem auto-organiza o funcionamento vital e por isso um corpo que tem *um grau maior de agência* permite ao *conatus* que gere adaptações e ajustes muito mais complexos e finamente ajustados, do que um corpo que tem *um grau muitíssimo menor de agência*, como seria uma máquina elétrica comum. O *CONATUS* ESTÁ EM AMBOS, A DIFERENÇA É QUE AS REGRAS GEOMÉTRICAS (OU DO MORFOESPAÇO) DE UM CORPO QUE PULSA PERMITEM QUE ELE PULSE E POSSA EXPRESSAR FUNÇÕES INTELIGENTES e estratégias de perseverança muito diferentes do que as regras geométricas rígidas que definem aquela contenção específica do *conatus*. Não é que exista uma matéria que é "viva" e outra que é "morta", o problema está nas regras.

A "lenta flutuação" do potencial é explicada pelos ritmos das correntes iônicas, que também variam em função da necessidade e do desejo. Já falarei mais delas, pois elas ocorrem em ondas através dos chamados *canais iônicos* localizados nas membranas celulares. Uma máquina elétrica não possui membranas ou canais iônicos, *então ela não pode regular o vai e vem das correntes de energia.* Mas isso, novamente, são apenas características das suas próprias regras geométricas de funcionamento. A máquina mecânica não é "burra", ela *somente* pode pensar, perceber e interagir de maneiras muito restritas, enquanto ela for governada por essas formas específicas de existência que são sua essência atual.

Em relação às *voltagens*, a rede bioelétrica do corpo opera com voltagens extremamente baixas, apenas 70 milivolts. Uma pilha comum AA tem 1500 milivolts. Cada uma das 40 trilhões de células que compõem um corpo humano é *sua própria bateria com sua*

própria voltagem. Quando elas estão em posição de "descanso" o interior delas está, aproximadamente, 70 milivolts mais negativamente carregado do que o plasma exterior a elas. As células mantêm essa carga anódica (com maior número de elétrons dentro) transportando íons para dentro e fora da membrana que as envolve. Essa *autorregulação* ocorre com um plano definido (veremos que são apenas regras elétricas configuradas) da célula de sempre *se esforçar* em manter esses 70 milivolts negativos no interior.

Aqui cabe darmos atenção ao próprio movimento de *geração e manutenção de formas* do próprio *conatus*. Uma *condição anódica* significa que ela atrai[224] ou "ganha" mais elétrons. Isso significa um fluxo centrípeto de energia, uma *convecção anódica*. Uma *condição catódica* é o oposto, ela gera um fluxo centrífugo e expansivo, isto é, radioativo ou gerador de campo. Elas acontecem ao mesmo tempo, pois necessitam estar balanceadas. O que "cola" a forma e a mantém *coesa* é a estabilização desse esforço anódico. No caso de uma célula que é um agente, parte de seu esforço de perseverança está em sustentar essa condição anódica em seu interior e, periodicamente, abrir os canais iônicos para equalizar o excesso de íons no interior. É o próprio *conatus* que a torna uma bateria, quando sustenta um esforço anódico dentro de si.

Quando dentro do organismo formam-se necessidades, *impulsos nervosos* são conveccionados pelas fibras nervosas, através da abertura de canais iônicos nos neurônios e milhões de íons são sugados e expelidos por suas membranas, gerando uma corrente entre o interior do neurônio e seu espaço extracelular. Essa abertura se chama "potencial de ação" e é um sinal elétrico que desencadeia uma *inversão temporária* no potencial de repouso da membrana celular. Por isso, ela retorna a um potencial de repouso depois do impulso de ação. O campo elétrico gerado por essa massiva migração de cargas opera na faixa de milhões de volts por metro. Adee (2023, p. 13) explica que essa migração "seria sentida como a passagem de um raio inteiro de um relâmpago de uma das mãos estendidas para a outra. É assim que cada neurônio do seu corpo, em cada momento da sua vida, se sente[225]". Contudo, explica, a

[224] A diferença do que digo é que na física tradicional não há o conceito de necessidade ou desejo, então não se diz nada sobre "atrair", mas sim de "ganhar" elétrons. Contudo, se: 1) considerarmos que todas as matérias são vivas; 2) que todas elas perseveram por meio da inteligência do *conatus*; e 3) que está correta a concepção reichiana da fórmula do orgasmo, que prevê o balanceamento alternado de cargas e descargas, através de movimentos centrípetos e centrífugos próprios da energia orgônica; então, sim, pode fazer sentido considerar que um átomo não *ganha* elétrons, mas *os atrai*, assim como não os *perde*, mas *os irradia*. Como as condições anódicas e catódicas dos átomos são geradas, isso não posso dizer. Mas, em vista de uma *inteligência de perseverança*, não parece que essas condições sejam geradas por "apenas física". Isso seria uma maneira de afirmar que o *conatus* se movimentaria de maneira autômata e estúpida, o que não acontece.

[225] Traduzido livremente do inglês: "would feel like passing an entire bolt of lightning from one of your outstretched hands to the other. That's what it feels like to be every neuron in your body, every moment of your life".

bioeletricidade não está confinada ao sistema nervoso, pois são *sinais elétricos que se comunicam com todas as células do corpo*. A chave é que esses sinais *atuam como agentes causais na regulação do corpo e não são apenas um "eco" de alguns processos químicos*. Sem os íons, os sinais nervosos não poderiam passar de uma célula a outra. As células dos ossos são elétricas, os dentes são elétricos, os órgãos são elétricos, os tecidos epiteliais são elétricos, assim como as células sanguíneas e todo o resto do corpo.

Aqui o plasma corporal é extremamente importante, pois é o fluido que banha cada uma das células e é altamente condutivo. Adee também explica que

> os íons dissolvidos neste chamado "fluido extracelular" apresentam uma forte semelhança com os constituintes da água do mar: principalmente sódio e potássio, com quantidades menores de outras substâncias, incluindo cálcio, magnésio e cloreto. Suas concentrações precisas dentro e fora de cada neurônio são os principais determinantes para saber se um sinal elétrico pode passar[226] (Adee, 2023, p. 62).

Essas concentrações precisas são mediadas pelos canais iônicos (*ion channels*), que são proteínas que geram um túnel através das membranas. Somente em 1970 esses "pequenos buracos" foram descobertos e apenas então conseguiu-se detectar pequeníssimas correntes que entravam e saíam deles (cf. Adee, 2023, p. 67). Essas proteínas têm duas funções: a primeira é que têm um formato específico que filtra diferentes tipos de íons que entram e saem, tal como naqueles brinquedos de criança em que uma peça em forma triangular não entra dentro de um buraco quadrado. A segunda, é que esses buracos se fecham e abrem de maneira binária, ou estão completamente fechados ou completamente abertos. Contudo, quando eles se abrem o fluxo de íons é gigantesco. "Um único poro aberto permite que íons de potássio e sódio entrem e saiam de uma célula a uma taxa que varia de 10.000 a 100.000 íons por milissegundo. São muitas [cargas] +1s[227] (Adee, 2023, p. 67)", explica Adee. Apenas em 1991 o funcionamento desses canais foi compreendido[228].

[226] Traduzido livremente do inglês: "The ions that are dissolved in this so-called 'extracellular fluid' bear a strong resemblance to the constituents of seawater: mostly sodium and potassium, with smaller amounts of other stuff including calcium, magnesium, and chloride. Their precise concentrations inside and outside each neuron are the primary determinants of whether an electrical signal is permitted to pass".

[227] Traduzido livremente do inglês: "A single open pore let potassium and sodium ions flood in and out of a cell at a rate ranging from 10,000 to 100,000 ions per millisecond. That is a lot of +1s [charges]".

[228] A história da bioeletricidade, enquanto ciência de vanguarda, somente pode ocorrer a partir das duas últimas décadas. Tanto ela deixou de ser estudada, por preconceitos, quanto foi *desinvestida* de ser estudada por duas razões principais. A primeira razão está em que o interesse do campo da biologia se concentrou no DNA, quando a partir de 1953 James Watson, Francis Crick e Rosalind Franklin descobriram a dupla hélice. Compreender e controlar a fabricação de proteínas, os "tijolos" do corpo, teve um apelo mercadológico muito importante, o que significa investimentos massivos de recursos em pesquisas. A partir daí, os livros de biologia

A partir daí houve dois outros saltos no entendimento da bioeletricidade: um, é que se os canais iônicos são proteínas, elas podem ser construídas e modificadas a partir de engenharia genética, tal como a tecnologia CRISPR. O segundo salto diz respeito às drogas que passaram a ser sintetizadas para manipular a abertura e fechamento de canais iônicos, logo, o *sentido*, a *direção* e a *forma* das correntes iônicas no corpo *passaram a poder ser desenhados como processos de engenharia*. *O mapa das formas futuras do corpo passou a ser editável*. Isso será importante para nós, porque passamos a compreender como *as memórias futuras podem ser projetadas no corpo* e como o corpo sempre está a *atualizar memórias elétricas organizadas*.

Outro salto que é importante, ainda, explicar foi a descoberta de um tipo específico de proteína que é uma variação de um canal iônico, chamada de "junções comunicantes" (*gap junctions*), ou "nexos", ou "junções célula-célula". Quando as células estão organizadas umas próximas às outras elas colocam *portas* que as ligam umas às outras, como portas de hotel que ligam quartos adjacentes. Essas portas, que se abrem e se fecham, permitem passar diretamente correntes iônicas entre uma célula e outra, o que permite que essas correntes sejam conduzidas rapidamente e as células se contraiam juntas, por exemplo. Em muitos sentidos elas são melhores do que o sistema nervoso para conduzir informações, pois por essas "portas" uma célula tem acesso privilegiado ao universo interno informacional da outra, de modo que o que uma sabe, sua vizinha sabe também. *É por essas junções que, basicamente, as células do corpo*

foram reescritos para ampliar o conhecimento em genética, físico-química e bioquímica. Bioeletricidade não estava na ordem do dia. A declaração de Watson: "Somente há moléculas. Todo o resto é sociologia" (Watson *apud* Ramachandran, 2006, traduzido livremente do inglês: "There are only molecules. Everything else is sociology.") também ajudou a definir um paradigma que se mostrou incorreto.

A segunda razão é que, até recentemente, não havia como mensurar as pequeníssimas correntes bioelétricas do corpo, ou seja, não havia equipamentos sensíveis e pequenos suficientes para detectar *milivolts* nas células. Um dos pioneiros foi Richard Nuccitelli, que inventou a "sonda vibrante" (*vibrating probe*) que permitiu medir essas correntes. Essa sonda basicamente era um eletrodo que vibrava para frente e para trás e que era utilizado em conjunto com um amplificador *lock-in* para medir a tensão entre dois pontos. Se a corrente estivesse fluindo no meio entre duas células, então isso geraria uma corrente média. Nuccitelli e Lionel Jaffe descreveram essa técnica em 1974 no artigo "Uma sonda vibratória ultrassensível para medir correntes extracelulares constantes" (*An Ultrasensitive Vibrating Probe for Measuring Steady Extracellular Currents*). Cf. Jaffe e Nuccitelli (1974). Ou seja, muito mais sensível do que medir dois pontos na pele, como o fez Reich em seus experimentos bioelétricos em 1935 (Reich, 2023 [1934] [1937]). Creio que isso delimitou algumas de suas conclusões na época.

A pesquisa de Levin, em todas as perspectivas transdisciplinares que suas descobertas abrangem, talvez pudesse ser relegada a "ciência marginal" com facilidade, porque para sustentar alegações científicas importantes é necessário investimentos em fundos de pesquisa, revisão por pares e permissão das revistas científicas dessas descobertas. Levin tem isso. Não posso deixar de pensar que Levin somente está podendo desenvolver de maneira expressiva seu trabalho *porque suas descobertas têm bastante utilidade para o mercado*, como tecnologias médicas, estéticas, robôs biológicos, dentre outras. Não é possível perder de vista que o que é ou não autorizado a ser "desvendado", publicado e desenvolvido depende das utilidades mercadológicas que serão controladas por oligarquias. Felizmente (ou infelizmente, por essas razões) o trabalho de Levin representa avanços importantes na compreensão da bioeletricidade.

falam umas com as outras e, portanto, podem formar redes de comunicação bioelétrica. Essas redes são capazes de formar mapas. Essa é a base do *eletroma* e essas redes organizam todos os reinos viventes.

Com isso, podemos chegar à pesquisa de Michael Levin – diretor do *Allen Discovery Center* em Tufts e do *Tufts Center for Regenerative and Developmental Biology*, que integra abordagens em biologia do desenvolvimento, ciência da computação e ciência cognitiva para investigar a *emergência* de forma e função. Suas pesquisas têm se mostrado talvez as mais elucidativas, na contemporaneidade, em explicar como a inteligência coletiva do corpo se auto-organiza em função de redes bioelétricas cognitivas.

O interesse de Levin é o desenvolvimento de uma estrutura conceitual que permita fundamentar pesquisas empíricas de engenharia de bioeletricidade do corpo e, com isso, desde ideias filosóficas fundamentais até terapêuticas nas áreas de defeitos congênitos, câncer e medicina regenerativa. Aqui explorarei apenas algumas de suas ideias e descobertas práticas, no que concerne os "mapas elétricos" que guiam a atualização material das formas no corpo. Sua pesquisa é vasta e está em *andamento*[229], sobretudo a partir de 2011, quando tornou-se possível *ver com olhos nus* esses mapas elétricos que *atualizam formas futuras no corpo* (cf. Knight; Collins, 2011 e Busse; McMillen; Levin, 2018).

Levin considera a possibilidade de que a consciência possa emergir em diversas estruturas corporais e diferentes encarnações da mente, em termos de um escalonamento da cognição. Os dois modelos que utiliza para explicar isso é o da bioeletricidade como uma espécie de "cola" cognitiva, que permite compreender a *morfogênese como inteligência coletiva*; e o da inteligência coletiva de grupos de células navegando em um espaço anatômico (Levin, 2023a).

Todos nós começamos a vida como apenas um único ovócito (uma célula germinativa feminina) e gradualmente tornamo-nos, por um processo de automontagem, um ser humano adulto, com uma morfologia complexa, processos metacognitivos complexos, desejos, esperanças. Ao final, nos sentimos como uma noção própria de Si, o que significa que há um amplo número de células que trabalham juntas para gerar um ser coerente cognitivamente que tem memórias, preferências e objetivos *que pertencem ao todo e não às suas partes*. A questão de Levin é "como um grande número de subunidades competentes podem trabalhar juntas para

[229] As pesquisas de Levin podem ser conferidas em dois sites, onde organizou todas as suas publicações para o público leigo e acadêmico, bem como suas entrevistas. Os sites são: http://www.drmichaellevin.org/ e http://thoughtforms.life/.

se tornarem inteligências que expandem a escala de seus possíveis objetivos?"[230] (2023a, p. 1865). Tornar-se homeostático e saber navegar em morfoespaços (*morphospaces*) anatômicos em múltiplos níveis de existência e com múltiplas entidades dentro de nós, não é possível compreender apenas com as dinâmicas elétricas do *cérebro*. Isso necessita ser entendido em um *continuum de competências e inteligências* em diferentes escalas. Todas as células do corpo as possuem. A biologia do desenvolvimento não nos oferece um "raio mágico" onde, de repente, um ente passa de um sistema "apenas físico-químico" para um sistema "verdadeiramente mental". São transições lentas e graduais.

Há uma espécie de organismo unicelular ciliado chamado *Lacrymaria olor* que quando se movimenta sua forma lembra uma "lágrima". Esse protozoário tem uma "cabeça" e pode se esticar como um "pescoço" muito comprido. Ele tem *objetivos* em seus interesses locais, no espaço fisiológico e no espaço metabólico em que está. Mesmo sem cérebro ou sistema nervoso, ele ainda é capaz de satisfazer as suas necessidades metabólicas: encontrar comida, navegar no seu espaço local etc. A agência da *Lacrymaria* é somente um exemplo do que ocorre com todas as células do corpo. *Em nenhuma delas há algum tipo de inteligência imutável, há sempre um sistema de interesses, esforços e adaptabilidades dentro do espaço onde estão*. Mas, se cada célula tem sua própria agenda dentro de seu espaço e sua própria inteligência, *como se organizam no tempo e espaço para formar tecidos e órgãos diferentes e formas corporais específicas*? Em princípio, pode parecer que o DNA faz isso, mas o que ele faz é construir proteínas, mas não as alocando ou formando grupos coerentes com objetivos específicos. Essa é uma questão sobre morfogênese e formação de padrões. Mas, onde é que esses padrões são gravados em seres que não têm cérebros?

Levin realizou experimentos com planárias (cf. Neuhof; Levin; Rechavi, 2016) para demonstrar como os antigos "engramas" de Richard Semon (um dos autores em que Reich se baseou para construir a ideia de padrão ou traço caracterial[231]) se organizavam como memórias no corpo, mesmo sem um sistema nervoso. Uma planária pode ser cortada em diversos pedaços e cada peça se regenera exatamente como a original. O interessante é que as planárias têm um cérebro verdadeiramente centralizado e podem ser treinadas para tarefas específicas, como por exemplo, aprender a encontrar comida através de sinalizações táteis, por meio de condicionamento.

[230] Traduzido livremente do inglês: "how large numbers of competent subunits can work together to become intelligences that expand the scale of their possible goals?".
[231] Disse Reich (1988, p. 29): "Semon argumentava que os atos involuntários de todas as criaturas vivas consistem em 'engramas' [...]. Essa teoria biológica se ajusta muito bem ao conceito das lembranças inconscientes de Freud, os 'traços de memória'".

Depois que a planária aprendeu o caminho correto, teve sua cabeça decepada e sua cauda, de modo a ser dividida em três partes. As partes que estavam sem o cérebro ficaram imóveis e aos poucos cresceram até se tornarem planárias completas. Quando o cérebro se desenvolveu, essas planárias eram capazes de percorrer o mesmo caminho aprendido. Esse experimento demonstrou que *uma retenção assimétrica* "*do padrão de memória está codificada em redes fisiológicas e pode ser reescrita por eventos da vida*"[232] (Neuhof; Levin; Rechavi, 2016, grifos nossos). O mesmo é possível demonstrar com lagartas que foram treinadas e gravaram memórias. No processo de metamorfose seus cérebros são completamente liquefeitos e reconstituídos com outras competências, contudo, as memórias do treinamento da lagarta prosseguiam na borboleta (cf. Blackiston; Shomrat; Levin, 2015). Como expôs Levin: "*Essa informação é armazenada num padrão bioelétrico – não está na distribuição de tecidos ou células-tronco, é elétrica"*[233] (Levin *apud* Hamzelou, 2017, grifos nossos). O padrão não está codificado no *hardware* em nenhum lugar, mas no *software* que é elétrico.

Em setembro de 2009, Dany Adams, uma bióloga que trabalhava com Levin, utilizou um corante eletrossensitivo em células de um embrião de sapo para observar a mudança de voltagens das membranas celulares, com os olhos nus, sem equipamentos especiais. Esse corante foi infundido em cada célula e cada vez que ocorriam diferenças de voltagem nas membranas, um grau de luminância diferente era emitido, como pequenas cidades iluminadas à noite vistas de um avião. Isso permitia observar cada etapa elétrica do desenvolvimento embrionário em tempo real.

Ao observar um desses brilhos embrionários, Adams deixou a câmera ligada gravando durante toda a noite. Normalmente, as áreas hiperpolarizadas (com carga negativa) brilhavam com mais força contra as áreas mais escuras das células despolarizadas, no entanto, ao observar o vídeo pela manhã, a pesquisadora percebeu que à medida que o sapo continuava a se desenvolver, os padrões brilhantes aleatórios que piscavam na superfície escura, de repente, se uniram em uma imagem muito semelhante a *um par de olhos sobre uma boca*. Pouco tempo depois que esses brilhos cessaram, *características físicas reais começaram a se manifestar em seu lugar*. Onde o brilho elétrico prenunciava olhos, passavam a se formas dois globos oculares reais e, no lugar onde os brilhos desenharam uma boca anteriormente, uma boca real começava

[232] Traduzido livremente do inglês: "of pattern memory is encoded in physiological networks and can be re-written by life events".
[233] Traduzido livremente do inglês: "That information is stored in a bioelectric pattern – it's not in the distribution of tissues or stem cells, it's electrical".

a se formar. Pela primeira vez uma *planta baixa elétrica*[234] *(electrical blueprint)* ou *projeto arquitetônico elétrico* podia ser visto a olho nu prenunciando o tipo de morfologia e tecido que seria formado. Essa experiência pode ser vista em vídeo, com descrições na publicação da *Tufts Now*, chamada "A cara de um sapo: vídeo em time-lapse revela padrão bioelétrico nunca antes visto" [*The face of a frog: time-lapse video reveals never-before-seen bioelectric pattern*] (Knight; Collins, 2011). Ou seja, *sinais elétricos codificavam a localização futura de características anatômicas.*

Levin havia compreendido que as junções comunicantes eram capazes de formar um *mapa* por onde as correntes iônicas passariam e que esse mapa elétrico tridimensional *predizia o objetivo, isto é, a posição morfológica correta onde as células precisariam se alocar*. Assim, assumiu que essa *rede elétrica tridimensional* (que não estava no sistema nervoso) era um "código bioelétrico" *responsável pela capacidade dos seres reterem a mesma forma durante toda sua vida*. Isso significava que o "código" fornecia instruções às células para onde elas deveriam ir durante o desenvolvimento, e em casos de mutação, como deveriam se reorganizar para corrigir o percurso e atingir a *forma programada* (isto é, codificada como memória elétrica no sistema plasmático), e quando a forma precisaria *parar* de crescer, em casos de regeneração celular.

Levin trabalha com o conceito de *inteligência* de William James, que não trata de nenhuma limitação a seres que não tenham cérebro. Como disse: "James antecipou uma abordagem cibernética para este problema ao definir inteligência como um grau de "capacidade de atingir o mesmo objetivo por meios diferentes[235]" (James, 1890 *apud* Levin, 2023a, p. 1866). Então, compreendeu que esses *objetivos elétricos de forma* eram os responsáveis por conduzir corretamente a transformação de um girino em um sapo. Para passar de um estágio a outro os órgãos craniofaciais do girino precisam se mover, os olhos precisam se mover, mandíbulas precisam se mover etc., e parar nos lugares corretos de um sapo adulto. Costumava-se pensar que esse era um processo *programado*, mas Levin queria testar se a ideia de James era correta e se havia uma *inteligência com capacidade de resolução não linear de problemas*.

Para testar as hipóteses de que 1) coleções de células são uma inteligência coletiva que resolve problemas no espaço anatômico e de que 2) a evolução compromete-se com a mudança e a incerteza e constrói sistemas que podem resolver problemas que nunca viram

[234] Sobre esse tema, a palestra TED, gravada em junho de 2020, de Levin chamada "As plantas baixas elétricas que orquestram a vida" (*The Electrical Blueprints That Orchestrate Life*) pode ser vista em Michael Levin (2021).

[235] Traduzido livremente do inglês: "James anticipated a cybernetic approach to this problem by defining intelligence as a degree of 'the ability to reach the same goal by different means'".

antes, Levin decidiu realizar um experimento com sua equipe em 2011 (cf. Vandenberg; Adams; Levin, 2012). Nesse, injetaram mRNA em girinos para induzir defeitos craniofaciais e "bagunçar" suas posições anatômicas. Fizeram o que se chamou de "girinos de Picasso" (*Picasso tadpoles*): colocaram os olhos no topo da cabeça, as mandíbulas no lado do corpo, mudaram o lugar do nariz e do cérebro. *Se os movimentos do desenvolvimento fossem predeterminados em vez de dirigidos por dinâmicas informacionais*, os girinos desenvolver-se-iam a partir dessas configurações e do outro lado sairiam sapos bem estranhos ou doentes. Em vez disso, ao crescerem, os girinos *se auto-organizaram* e remodelaram *conforme a necessidade,* a forma de um sapo bastante normal e funcional.

A meu ver, torna-se claro que essa *inteligência* é o *conatus*, que possibilita a um sistema executar *programas flexíveis de ação, reconhecer estados inesperados e tomar ações corretivas*. Quando dizemos: "o sistema precisa entender o que está construindo", o que realmente isso significa? Que ele precisa saber o que fazer para perseverar. E o que ele precisa saber é um sistema de regras de perseverança desenhadas *anteriormente*.

Trago essas descobertas de Levin e seus colaboradores por algumas razões. A primeira, é que elas vão ao encontro do que eu disse anteriormente: que *o conatus conduz esforços para atualizar a forma do devir desejado*. A segunda é que *a forma do devir é um mapa eletricamente desenhado gravado e retido no plasma corporal*. A terceira é que *a forma do devir define regras de forma e função. No caso, o desejo de uma consciência forma as regras da narrativa que é uma realidade elétrica que se torna um espaço real e define as regras de funcionamento (o leque de ações virtuais possíveis, como ela pode funcionar lá dentro) para a perseverança.* A quarta é que *a necessidade do esforço é definida pelas regras do mapa*. *Se o mapa for uma realidade para a consciência (no caso de uma consciência que habite o interior do mapa), então suas necessidades são definidas pelas regras do mapa. Muda-se o mapa, mudam-se as necessidades.* A quinta é que *se o desenho da forma do devir for remodelado, o corpo passa a atualizar outros objetivos a serem alcançados pelo esforço de auto-organização*. Essa quinta razão demonstrarei no exemplo a seguir.

Levin realizou um novo experimento com planárias, mas, dessa vez, utilizou drogas para modificar os canais iônicos e bloquear farmacologicamente determinadas junções comunicantes nas membranas das células de planárias. Em um artigo de 2009, Levin e outros pesquisadores (cf. Oviedo *et al*., 2009) demonstraram como foram capazes de *reescrever o código bioelétrico ao modificar o caminho das correntes iônicas* que dizem às células da planária como devem se regenerar, isto é, em qual forma final elas devem chegar. O código foi reescrito para dizer: "duas cabeças". Cabe dizer que não houve qualquer mudança no genoma

da planária, o código genético permanecia o mesmo. Após a "edição do eletroma", a planária permaneceu igual, capaz de realizar as mesmas funções. Porém, quando ela *foi cortada, os animais que se regeneraram tinham duas cabeças*. Ou seja, quando o sistema buscou as informações de *como, de que forma* deveria se orientar para gerar o crescimento da forma, *o mapa bioelétrico* tinha sido alterado para duas cabeças. Levin e sua equipe geraram planárias de três cabeças e até quatro que eram saudáveis e bastante funcionais. No artigo, as imagens são bem impressionantes.

A *memória padrão* de uma planária, para que *saiba se orientar* no caso de uma reprodução assexuada ou divisão de suas partes (a memória da polaridade axial), tem uma forma específica: uma cauda e uma cabeça. Esse desenho pode ser visto através do corante eletrossensitivo, onde o lugar onde *estaria no futuro a cabeça* brilha mais do que o lugar onde *estaria a cauda*. Com a mudança dos canais iônicos, *o novo padrão bioelétrico editado* aparecia no corante com maior brilho nas duas extremidades, de modo a não haver cauda nesse mapa. Ou seja, a planária exibia um *estado bioelétrico diferente de sua forma atual*. Ela permaneceria igual *até que o sistema necessitasse se reorganizar*, mas as instruções *do que ela faria se fosse ferida no futuro já estavam presentes em seu mapa bioelétrico*.

Esse é um exemplo prático de *como nossos cérebros podem manter estados que não são verdadeiros no aqui e agora e guiar as ações futuras práticas para esses estados de devir futuros, mas que existem no presente*. Ou seja, possuem tanto a capacidade de *reter* um passado que não é verdadeiro aqui no presente, quanto a capacidade de *reter* um futuro que também não é verdadeiro no aqui e agora. No aqui e agora *atualizado materialmente*, esse ser não é a forma registrada nele *virtualmente*. Para sermos mais precisos, ele tem agora duas realidades atuais, uma que é *atual material*, com um grau de densificação, e outra *atual virtual*, que tem outro grau de densificação. *A questão fundamental fica: quando ele vai acionar a programação da realidade futura no seu aqui e agora? E que mapa de realidade é esse que irá utilizar?*

Com isso quero dizer que, enquanto *estrutura de caráter*, nós portamos *de maneira atual virtual diversos mapas dimensionais que servem de atualização ao nosso aqui e agora.* Anteriormente os chamei de *mundos-brana*, pois, de fato, são mundos, são realidades que se comportam como mundos infinitos onde uma consciência acredita ter livre-arbítrio para se mover como quiser. Contudo, ela está em uma realidade confinada dimensional. Como nossas estruturas de caráter basicamente são uma composição de muitos desses mundos-brana ou mapas dimensionais virtuais que *existem concomitantemente no aqui e agora*, a pergunta é *qual deles (quais deles) estamos atualizando no aqui e agora, nesse momento?* Cada um desses

mapas virtuais atuais são sustentados com as catexias dos nossos desejos do aqui e agora, como veremos em maiores detalhes.

A ideia de uma "memória futura", sobretudo uma que pode ser redesenhada ou implantada, parece contrafactual, mas é exatamente isso que significa *a forma do devir desejado*. É como o sistema lembra o que está fazendo, para onde está indo, qual deveria ser sua forma atual. Esse é um princípio teleológico que pode causar fobia em biólogos, filósofos, psicólogos e outros profissionais que se apoiem na ideia de que "não há nada previamente determinado". Mas essa é uma ideia incorreta, em parte. A teleologia (finalismo) é criticada tanto por Reich (cf. Carnero, 2021, p. 102) quanto por biólogos contemporâneos como Maturana e Varela ou filósofos como Gilbert Simondon. Isso se deve *às suposições e mundos fictícios causais especulados por um pensamento teleológico*. Tal concepção inclui frases como: "o bicho-pau se parece com um pedaço de graveto *para que* possa se camuflar e não ser visto como comida". O termo "para que" é uma suposição que antecipa o propósito de uma função. Um termostato, por exemplo, é teleológico, mas não tem uma causalidade prévia suposta. Ele diz: "quando a temperatura chegar a 37,5º eu vou desligar". Aqui, a causalidade não é suposta, o objetivo da ação (*télos, o fim*) como uma programação futura foi desenhado em um momento preciso na concepção do aparelho. Se a causalidade tem um começo inteligível a partir de uma necessidade, então ela não é nem suposta, nem uma generalização abstrata.

Apresento um último experimento. Desta vez, Levin e Douglas Blackiston (cf. Blackiston; Levin, 2013; Levin, 2024b) descobriram uma maneira de transplantar um globo ocular em um girino para um local afastado de sua posição normal e fazê-lo funcionar. Algumas células que estavam destinadas a tornarem-se olhos foram colocadas na cauda de um embrião de sapo e elas geraram um olho na cauda. A questão estava em descobrir se esse olho, que estava tão longe do cérebro, poderia produzir uma visão funcional. Eles construíram uma máquina para quantificar a aprendizagem visual do girino (já que ver é algo subjetivo) e descobriram que não apenas ele podia ver bem, como podia distinguir cores e se mover de acordo com elas. Então se perguntaram *ao que* esses olhos se conectavam para funcionarem, já que não se conectaram diretamente ao cérebro como fazem normalmente. *O nervo ótico que emergiu desse olho transplantado conectou-se, por vezes, à medula espinhal e em outros casos, ao intestino*. Esses caminhos não eram esperados e, ainda assim, o olho podia ver. O surpreendente é que quando o girino tornou-se um sapo, o olho não desapareceu com a cauda, mas readaptou-se e ficou literalmente funcionando na bunda do sapo.

Apesar de ser cômica essa situação, isso demonstra *as potencialidades de auto-organização do conatus* (ainda que Levin não utilize esse termo e apenas chame essa

capacidade de "inteligência") *e sua capacidade de administrar meios e fins não lineares para gerar funcionalidade adequada.* Isso ocorre DESDE QUE NÃO EXISTAM REGRAS DE PROGRAMAÇÃO (VIRTUALIDADE ELÉTRICA) FEITAS DA PRÓPRIA SUBSTÂNCIA DE CONVECÇÃO DO *CONATUS* (ELETRICIDADE), QUE O PREVINA de utilizar as potencialidades da virtualidade imanente para gerar funcionamentos adequados e meios adequados de obtê-los.

Com esses experimentos, Levin percebeu que ele não precisava *microgerenciar* cada passo da forma que ele pretendia gerar, como manipular cada um de seus aspectos através de interações físico-químicas, controlar os detalhes moleculares ou editar o genoma, o que seria *modificar o hardware para obter a forma*. Isso seria tão complicado e custoso, como se a cada vez que quiséssemos passar do Photoshop para o Internet Explorer, necessitássemos abrir a máquina e ressoldar os fios na placa-mãe. A melhor solução seria dar as indicações ao *software* do que necessita ser feito e *deixar que todas as correntes elétricas que necessitem passar pela estrutura de hardware sejam gerenciadas automaticamente pelo computador*.

Em outros termos, isso significa que ele pode *moldar outro desenho de morfoespaço* e apenas indicar à inteligência de autogerenciamento não linear do sistema que *esse é o caminho que deve seguir*, e não algum outro tipo de caminho que seria o tradicional gravado através da história filogenética e ontogenética daquele ser. É importante observar que esse tipo de gerenciamento *não força o sistema, o pressiona ou dirige ativamente a forma atual para que ela se conforme na nova forma*. É um tipo de gerenciamento em que ele indica *qual é a forma que ele quer e deixa o sistema de autorregulação do corpo fazer o resto*. É uma forma de considerarmos que o *conatus* é muito mais inteligente do que nós (por uma narrativa particular e míope que possamos estar fazendo) para dirigir *funcionamentos adequados ou adequar o que pode estar mal posicionado, para uma funcionalidade ótima do sistema*.

Essa vem a ser uma das bases de terapias que apostam na autorregulação da energia e não na *condução forçada dela* através de processos catárticos, que tentam fazer os afetos bloqueados se soltarem ou serem conduzidos de maneira diretiva. Os *actings* da Vegetoterapia Caráctero-Analítica são um exemplo. O terapeuta indica qual é o movimento que a pessoa precisa fazer para ativar um certo tipo de memória corporal de uma fase ontogenética do desenvolvimento e pede que a pessoa realize esses movimentos prototípicos por alguns minutos. Se as funções energéticas (fisiológicas e mentais) ativadas por esses movimentos *tiverem bloqueios ou disfuncionalidades gravadas*, o *conatus* ao ser direcionado para essa função, de forma suave, começa a auto-organizar essas funções para a funcionalidade adequada. Por quê? Porque a pessoa que faz o *acting quer fazê-lo.* Isso significa que ela quer sentir cada etapa do movimento e o faz com presença e focalização relaxada.

Assim, as memórias não verbais que estão gravadas naquele movimento são trazidas à tona e a pessoa *percebe em ato* as angústias e disfuncionalidades ali gravadas, na forma de sentimentos e sensações. Quando ela *persiste* no exercício, com sua intenção, sem fazer pressão contra ou tentar fazer força para direcionar o sistema ao que *julgaria* ser a funcionalidade correta, ela basicamente dá o comando ao *conatus*: "é aqui, nesse bloqueio, nessa tensão que eu carrego, que eu quero que você atue". Então, o *conatus sabe* como *microgerenciar* a soltura dessas tensões em âmbito emocional, neurovegetativo, energético e cognitivo simultaneamente.

Isso é diferente do que fazemos normalmente em nossa vida ordinária, quando geramos *tensão* para resolver problemas, antecipando cenários de impotência e nos preparando para *sobreviver*. A *tensão* é uma catexia direcionada a um propósito. Esse estado de sobrevivência é o posicionamento da consciência em um dos constructos prisionais gravados eletricamente em nosso sistema plasmático. A consciência nesse espaço-tempo terá uma *agenda,* uma série de objetivos que ela definiu como *o objetivo dos esforços do conatus*. Quando esse mapa é acionado, o *conatus* diz: "entendi", e se coloca a *atualizar* esse mapa dimensional, que é seu *padrão de destino*.

Outra importância de podermos apostar no *microgerenciamento do conatus,* e não no gerenciamento das narrativas limitadas do nosso ego, é que podemos contar com sua capacidade de produzir para nós saídas não lineares e reordenar a construção da nossa realidade prática material, mesmo que não saibamos *como microgerenciar o processo*. Basta que saibamos desenhar a forma do devir desejado. Isso significa desenhar e sustentar a convecção catéxica. *Qual é a forma do devir que desejamos, em ato?* O requerimento para isso é compreendermos bem que instrução estamos dando ao *conatus,* o que *realmente, em ato,* estamos desejando. A realidade do corpo é não verbal, assim como sua linguagem intrínseca. O *conatus* apenas compreende catexia, isto é, desejo em ato. É isso que molda os constructos que ele utilizará de regra-molde para saber o que deve auto-organizar.

Então, digamos que nos deparemos com um bloqueio em alguma situação de vida, ou mesmo um bloqueio emocional ou relacional que constatamos, *mas não fazemos ideia de como achar saídas, brechas ou dissolvê-lo*. Normalmente, esses sinais do aqui e agora ativam outros mapas/memórias que contêm sensações e sentimentos de impotência e de "becos sem saída" e, então, utilizamos esses mapas *por desespero,* para gerar saídas não lineares ou pela *esperança* de encontrá-las. *Isso é porque buscamos respostas em um modelo que já existe e está vigente,* mesmo que seja disfuncional. Nossa mente, habitualmente, não tem a distinção de que quem resolve os problemas, de fato, é o *conatus*, *porque é dele a capacidade de achar soluções*

criativas não lineares aos problemas. Como disse William James[236], é "a capacidade de atingir um mesmo objetivo por meios diferentes". Logo, costumamos não ter a distinção de que podemos gerar os mapas de navegação futura do *conatus*.

Utilizar esses mapas que são trazidos pelo *desespero* costuma apenas ratificar os padrões elétricos de sobrevivência que estão gravados no constructo prisional, e *nosso conatus, assim, se esforça no aqui e agora a encontrar saídas não lineares ao problema atual, utilizando as regras dimensionais desse constructo que está gravado* e não sua inteligência não linear com as múltiplas possibilidades do aqui e agora.

O que podemos fazer nesses casos, quando não temos ideia de qual pode ser uma resolução adequada e funcional ao nos deparamos com um bloqueio? Podemos chegar *na borda do bloqueio* através do qual não temos visão clara e, primeiramente, *constatar* que esse é um dos limites do mundo-brana no qual habitamos e que não fazemos ideia do que há ou pode haver do outro lado. Quando não constatamos que nos deparamos com um bloqueio, podemos inconscientemente (ou com baixa cognição) nos voltar aos constructos prisionais que já temos gravados – e que têm em sua programação gravada uma *esperança de libertação* – e simplesmente adentrarmos mais a fundo neles para encontrar uma solução. Isso dificilmente produz saídas funcionais.

Após *constatarmos,* podemos nos perguntar: "apesar desse bloqueio e de eu não saber como resolvê-lo nesse estado atual, *o que eu quero*?". Aqui o estado de relaxamento ou de tensão utilizados para responder a isso são fundamentais. Uma tensão ativa as regras de possibilidade de algum constructo prévio e novamente teremos apenas uma *esperança malfadada*. Um relaxamento nos permite entrar em contato *com o estado futuro que queremos gerar enquanto presente contínuo*. Então declaramos o que queremos e conscientemente soltamos qualquer tensão que nos transporte a um constructo prisional. *O que eu quero?*. A forma que começará a ser formada, em ato, no corpo e na mente, *torna-se o mapa* que será o padrão de destino do *conatus*.

Então temos o bloqueio e temos o padrão desenhado que é o objetivo futuro de navegação, apesar do bloqueio ou da organização disfuncional atual. Esse novo padrão indica ao *conatus como ele precisa navegar no morfoespaço para atingir seus objetivos, utilizando qualquer rota possível.* É a essa capacidade que Levin se referiu quando realizou as experiências com as planárias. Ele compreendeu que *o padrão bioelétrico não indica qual é a anatomia do agora, mas ele codifica o padrão de memória que guiará a anatomia.* Mesmo que

[236] James, 1890 *apud* Levin, 2023a, p. 1866.

isso pareça contrafactual, foi exatamente o que o permitiu gerar planárias de três cabeças. Contudo, há uma questão importante. Essa disposição de codificação pode ser modificada e a atualização completa *exige um tempo de navegação desses elementos díspares do organismo* (ou de quaisquer outras fontes de elementos necessários) *para a automontagem naquela forma final*. *Logo, o mapa elétrico precisa se manter constante até o final dessa atualização, pois se ele for modificado, reiniciará seu processo de auto-organização.*

Em suas pesquisas Levin não entra no escopo diretamente de relacionar *a bioeletricidade com a intenção, que é o desejo em ato, ou o esforço vetorial direcionado no corpo e na mente*. Apesar de todas as extensões possíveis que podem ser feitas para uma *teoria da consciência*, Levin constrói avanços a partir da bioengenharia. Contudo, o termo "engenharia" é importante aqui. Podemos considerar que a "engenharia de constructos" é parte importante para o que, ao final da tese, explicarei a respeito do *imperium* ou autodeterminação. Não se trata de um esforço de perseverança em *querer se controlar (ou controlar alguém)*, a partir das lutas que o ego faz quando opera de dentro de constructos prisionais. Mas trata-se de como *confiamos* no *conatus* para que ele auto-organize para nós aquilo que necessitamos, assim como trata-se de sabermos desenhar, com consciência (clareza e entendimento), a qual propósito se destina o atendimento de nossas necessidades.

Quando estamos em um contexto em que já há peças materiais montadas e relações que seguem um mesmo tipo de padrão estruturado e não sabemos, em princípio, como organizar uma forma funcional diferente, torna-se importante não necessariamente debater-se com o "como", como fazer, como gerenciar de outra forma, porque o "como" pode estar imerso em uma planta baixa que não nos dá a possibilidade de gerar outras formas possíveis. Por isso, torna-se importante *necessariamente* saber o "quê", qual é a funcionalidade que queremos gerar e, então, reorganizar com a intenção, em ato, o ajuste da forma *que geramos com nossas catexias*. Reorganizar *em ato* significa observar se o ato ocorre, concomitantemente, em âmbito intelectual, emocional, fisiológico e energético-sensorial, e se não há *contradições* nessas expressões, o que indicaria a geração de mapas *superpostos e ambíguos*. O "como" cabe ao *conatus*. O que precisamos saber é o "que" desejamos montar e deixar que o *conatus* auto-organize isso para nós. Para isso, como veremos, é necessário *coerência* e a capacidade de conveccionar catexias de maneira relaxada.

3.9 Por que uma caça às bruxas não pode ser superada *dentro* de seu próprio contexto

Agora gostaria de voltar ao ponto em que falei de James Randi, mágico profissional que se dedicou a desbancar supostos fenômenos paranormais, até 2020, quando faleceu. Randi é bastante famoso entre os céticos e pessoas que se sentem ameaçadas por fraudes geradas a partir da manipulação de crenças. Em muitos sentidos, ele desbancou fraudes legítimas e enganos feitos por truques de mão, ilusões de ótica e induções narrativas. No entanto, quando o ouço falar em seus programas, muitos disponíveis no YouTube, chama atenção o modo como se comunica. *O escárnio, a mordacidade e o preconceito* são constantes, o que normalmente provoca respostas reativas da plateia, como se ele lhes dissesse: "vocês estão sendo enganados e eu estou aqui para salvar vocês!" e as pessoas respondessem: "sim, nada disso existe e você é um guerreiro por desmascarar charlatões que se apropriam da vulnerabilidade das pessoas!". Randi é um ilusionista e parece saber usar isso em favor da própria promoção.

A questão não é se Randi prova que existem diversas fraudes – pois certamente existem, devido à necessidade que algumas pessoas têm de utilizar as fragilidades de entendimento de outras e explorá-las – e sim, que ele se esforça em *tentar ser o goleiro perfeito.* Ao seu ver, quando algo se encaixa em *sensorialidade de campo*, parâmetros *intuitivos* ou outras formas de fenômenos *noéticos*[237], isso é taxado como *misticismo, engano e fraude*. Sua defesa é a de que todas as narrativas podem ser manipuladas, no entanto, ele mesmo utiliza isso para demonstrar a infalibilidade do seu argumento, ao utilizar artifícios retóricos e de organização do *espaço contextual onde* suas análises e exposições são feitas. Isso inclui o convite de pessoas como "avaliadoras externas", coparticipantes que também estão sob *as mesmas normas desses artifícios e da organização desse espaço contextual.*

O que afirma Randi, é que há dois tipos de pessoas: as iludidas, que *querem acreditar* em fenômenos ditos paranormais, mas não têm a intenção de serem fraudes, e há aquelas que têm. Sua fundação JREF (James Randi Educational Foundation) chegou a oferecer um milhão de dólares[238] como prêmio a qualquer pessoa que pudesse demonstrar uma habilidade

[237] O termo "noética" deriva do grego *gnoesis (ou gnosis)*, que significa sabedoria interior, conhecimento direto, intuição ou compreensão implícita. Uma referência importante sobre esse tema é o IONS, Instituto de ciências noéticas. Conferir o site: https://noetic.org/. O instituto é dedicado a investigar fenômenos psíquicos não comuns e à exploração de estados não habituais da consciência. É um centro que se dedica à pesquisa científica e experimentação de práticas alternativas de cura, espiritualidade, experiências de quase-morte, dentre outros fenômenos ditos "paranormais", como acesso de informações não limitadas por definições de tempo e espaço padrão. O IONS foi fundado pelo Dr. Edgar Mitchell, sexto homem a pousar na Lua. Após seu retorno para a Terra, na Apollo 14, teve uma experiência profunda de interconexão cósmica. Dessa experiência, em conjunto com o investidor Paul Temple, decidiram construir um centro de pesquisa para investigar esses tipos de fenômenos. Cf. The Institute of Noetic Sciences (2022).

[238] Conferir a página oficial de James Randi e o "Desafio de um milhão de dólares" (*Million Dollar Challenge*) em James Randi Educational Foundation (2015).

sobrenatural ou paranormal sob critérios de testes científicos acordados. O prêmio foi verídico e muitas pessoas se candidataram, *mas nenhuma levou o prêmio por não ser capaz de reproduzir seus "poderes" ou "habilidades"* sob o escrutínio de Randi. Algumas reportagens e artigos foram feitos sobre esse desafio e estão disponíveis *on-line*, em periódicos como *The New York Times*[239], *The New York Times Magazine*[240] e em *blogs* sobre ceticismo e pseudociência. Alguns elogiam os esforços de Randi e defendem a mesma posição que ele, outros afirmam que Randi não possuía treinamento científico e que as regras sob as quais os candidatos seriam avaliados somente eram conhecidas após iniciar o processo, como por exemplo, estabelecer muitas repetições da habilidade em um período de oito horas, estabelecer total anonimato sobre quem se aplicaria ao teste ou estabelecer que o aplicante não poderia trazer alguém consigo para dar suporte ou monitorar o desafio. O objetivo era tornar o desafio o mais difícil possível, para que a pessoa "provasse" que habilidades extrassensoriais existiam. Em diversos relatos, pessoas que afirmavam ter uma prática recorrente com suas habilidades sensoriais, quando falhavam no teste de Randi demonstravam-se surpresas e chocadas por não conseguirem efeitos relevantes. Em princípio, isso seria um argumento fácil em favor da tese de Randi de que *todas as alegações são charlatanismo ou esperanças delusionais*.

Isso me fez pensar e me perguntei *como seria possível demonstrar uma habilidade sensível para alguém que define que percepções intuitivas não existem?* Na clínica reichiana, por exemplo, como trabalhamos com as expressões corporais e o uso da própria sensorialidade como instrumento de pesquisa, como o uso das *sensações de órgão*, das *percepções de campo*, do acoplamento estrutural energético em que sentimos em que nível corporal um paciente nos afeta, e o *como* dessa comunicação não verbal analógica, me pareceu estranho que *ninguém* passasse no teste de Randi. Isso porque tais parâmetros também são princípios de aferição e intervenção importantes para a maior parte das chamadas Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS)[241], que foram institucionalizadas no Sistema Único de Saúde (SUS). Essas práticas *não são delusionais* e *tampouco podem ser estudadas pelo modelo padrão científico*, pois algumas delas se explicam por interações energético-vibracionais e a *eficácia* muitas vezes não pode ser comprovada, o que é um argumento a favor das pessoas que

[239] Cf. "James Randi, mágico que desmascarou afirmações paranormais, morre aos 92 anos" (*James Randi, Magician Who Debunked Paranormal Claims, Dies at 92*). Cf. James Randi, Magician [...] (2020).
[240] Cf. "O inacreditável ceticismo do fantástico Randi" [*The Unbelievable Skepticism of the Amazing Randi*] (Higginbotham, 2014).
[241] Dentre as chamadas PICS ou Medicinas Tradicionais, Complementares e Integrativas (MTCI), como a Organização Mundial da Saúde (OMS) denomina, encontram-se a aromaterapia, a cromoterapia, o reiki, a geoterapia, a acupuntura, a ayurveda, a meditação, a homeopatia, os florais, a naturopatia, dentre outras. A relação completa das práticas e as políticas nacionais podem ser encontradas em: https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/saps/pics (cf. Brasil, 2024).

afirmam que tais práticas são charlatanismo. Então, a resposta para a minha própria pergunta é: *não é possível ou é pouco provável que isso seja possível*.

Se uma pessoa disser: "o Ibuprofeno irá, com alta confiabilidade e repetibilidade, demonstrar ser capaz de eliminar sintomas de dores de cabeça e diminuir a temperatura corporal na febre", ela possivelmente estará correta, porque a ação do fármaco não é sutil e *não convida a nenhuma forma de autorregulação do corpo e da mente*, sua ação química é direta. Se outra pessoa disser: "a homeopatia Folliculinum irá, com alta confiabilidade e repetibilidade, aumentar a fertilidade e tornar uma mulher capaz de engravidar", essa afirmação será *falsa*, porque ela tem como princípio a informação vibracional contida no solvente, mas não a ação química direta. No entanto, existem relatos de que esse efeito acontece, mas não há uma definição clara de por que isso acontece, como acontece, ou seu inverso.

Por um lado, existe um tipo de ceticismo mecanicista que afirma que como não há "nada" nessa água, nenhuma *molécula quantificável*, portanto, quando funciona, isso se deve ao efeito *placebo*, que nada tem a ver com uma eficácia *do remédio*. Por outro lado, há pesquisas *vanguardistas*, que ao invés de buscarem *o princípio ativo em partículas materiais presentes em um solvente*, buscam em *emissões espectroscópicas do plasma do solvente em questão*, seja água ou algum outro. Trata-se de uma forma de *mensurar as emissões de radiação* de um composto. Uma equipe de cientistas indianos em um artigo chamado "Diluições homeopáticas extremas retêm materiais de partida: uma perspectiva nanoparticulada"[242] (Chikramane; Suresh; Bellare; Kane, 2010) demonstraram pela primeira vez – com a técnica de Microscopia Eletrônica de Transmissão (TEM), por meio de difração de elétrons, e com a técnica de Espectroscopia de Emissão Atômica por Plasma Acoplado Indutivamente (ICP-AES) – a presença de entidades físicas em diluições extremas na forma de *nanopartículas* dos materiais de origem. Isso não significa que não há "nada" na água, há *reminiscências dos materiais originais*. No entanto, o entendimento de *por quê, quando e como funciona* não pode ser respondido pela compreensão padrão do que seja um *princípio ativo*, pois nela são as moléculas de uma substância que possuem algum efeito terapêutico. Por essa razão, muitos pesquisadores *que buscam os princípios ativos dessa maneira* afirmam que se trata de *pseudociência* e que ela não é mais efetiva do que o efeito *placebo*.

A relação que faço é entre a dificuldade de candidatos *efetivos* (e não deludidos ou mal-intencionados) passarem no teste de Randi, minha própria pergunta e por que e quando medicinas ou intervenções vibracionais funcionam ou não, sendo que *todas se baseiam na*

[242] Traduzido livremente do inglês: "Extreme Homeopathic Dilutions Retain Starting Materials: A Nanoparticulate Perspective".

variabilidade emocional que determina a condução de catexias elétricas. Como tratamos, elas são as responsáveis *tanto pela geração de efeitos propulsivos no corpo e na mente, quanto pela constituição de espaços dimensionais virtuais onde uma consciência pode habitar*.

A emoção é uma propulsão (*ex-movere, ex-motion, e-motion*) eletromagnética que é determinada por um sentido/propósito na mente e pelo sentido/propósito de uma corrente plasmática no corpo. A propulsão, como é um desejo *ad hoc* do *conatus*, isto é, é determinada por um conjunto de necessidades, *depende do espaço ambiental onde essa necessidade é gerada*. Quando a mente *interpreta as informações/excitações de um espaço físico material*, esse espaço passa a ser virtual e passa a ser o *ambiente onde a presença desse ser passa a habitar*. Digo presença porque é a *localização virtual da consciência que observa em um dado momento*.

Se estou com meu corpo neste espaço físico da minha sala, fecho os olhos, me auto-observo e mantenho a atenção em minha respiração, *eu sei que a minha sensação de presença está aqui neste corpo e neste tempo corrente, atual*. Contudo, se eu me distrair por um momento, *essa presença deixa de estar no mesmo espaço virtual onde sinto meu corpo presente e o tempo corrente*, e ainda que eu continue respirando, posso ser "abduzido" para um outro espaço-tempo virtual. *Por necessidade*, por exemplo, posso me transportar para um outro espaço virtual no qual eu me esforço para pagar as faturas de contas atrasadas que estão em aberto. Se eu não percebo mais a minha respiração ou minhas sensações de órgão plasmáticas, nem estou no aqui e agora, mas *em um espaço projetado futuro*, isso não impede que meu Sistema Nervoso Autônomo *busque se adaptar a esse espaço virtual dimensional para onde o meu ponto focal de consciência (o observador) se deslocou.* Quero dizer que minha presença, que é uma *aglutinação espaçotemporal da minha consciência*, mudou de ambiente virtual.

Esse novo ambiente não existe no aqui e agora como uma *imanência espaçotemporal*, mas é um *mundo-brana fechado gerado por convecção de catexias elétricas que tem regras muito particulares e um arco narrativo predeterminado*. Esse ambiente passa a ser *transcendente*. No entanto, permanece *na* imanência porque sua constituição segue alimentada por catexias elétricas que ocorrem em tempo presente. Se eu me sentisse tranquilo e com pouco risco, eu poderia ir e voltar tranquilamente desse espaço dimensional, ele teria apenas uma *baixa transcendência* e eu poderia saber que ele é um mundo possível *e suas regras geométricas* me permitiriam entrar e sair dele com facilidade. No entanto, se eu determino (isto é, crio, gero) a realidade de que essas contas são muito difíceis de pagar e que o fim determinado pelo constructo temporal é iminente e inexorável, *eu não poderia entrar e sair dele tranquilamente* e ele teria uma *alta transcendência*. É esse segundo caso que irei considerar.

Quando minha consciência se desloca para esse novo espaço-tempo *as necessidades mudam.* Se nesse ambiente estiver definido que serei severamente penalizado *caso não pague as faturas* e a fatalidade já estiver desenhada como *final do arco narrativo*, esse ambiente virtual *não é o mesmo onde eu estava anteriormente posicionado ou aglutinado*, que era no aqui e agora no meu corpo presente. Se minha consciência estiver no aqui e agora, logo, ela não pode estar posicionada em um mundo futuro suposto. São espaços virtuais dimensionais diferentes, ainda que possam coexistir e ainda que o observador da consciência possa se desaglutinar e se reaglutinar em um ou outro.

SE ESSA PRESENÇA OCORRE NO ESPAÇO VIRTUAL FATÍDICO, PASSO IMEDIATAMENTE A PERMANECER SUBORDINADO AO CONJUNTO DE NORMAS DE POSSIBILIDADE DESSE ESPAÇO E TEREI A NECESSIDADE DE ME ESFORÇAR PARA NÃO CHEGAR NO FINAL DO ARCO NARRATIVO DETERMINADO PELAS REGRAS DESSE MUNDO-BRANA. Meu *conatus* tentará buscar saídas não lineares para encontrar a liberdade *enquanto* está *restrito* pelas regras do mundo-brana que desenhei e sustento eletricamente com o meu desejo. Esse mundo-brana passa a se *superpor* ao aqui e agora e suas múltiplas possibilidades de ação, agenciamentos, soluções, proposições, negociações. Passa a *funcionar como uma prisão prismática que delimita o que é possível*, invisibiliza possibilidades que não estejam condicionadas pelas regras desse mundo-brana e determina *sob quais limites o conatus poderá perseverar e buscar soluções para a perseverança*. Tanto esse mundo-brana fatídico *é feito de investimentos elétricos*, quanto a propulsão não linear para encontrar soluções de perseverança *para as determinações* desse espaço branático é *também feita de investimentos elétricos*.

No entanto, a estrutura que é formada e sustentada por um investimento de catexias lentas e estáveis (isto é, espaço) *tem prevalência* sobre os fluxos não lineares que são formados e sustentados por investimentos de catexias rápidas e instáveis (isto é, tempo). O desejo coordena ambos. Mas, um tanto como Deleuze afirmou, esse constructo virtual temporal torna-se um *cristal de tempo* (cf. Zourabichvili, 2004, p. 24), como uma *prisão* feita de tempo que *condiciona o movimento* de outros tempos em seu interior. A vantagem de pensarmos em catexias elétricas é que elas não são filosóficas e não tratamos apenas de uma *existência conceitual*, mas de uma organização física não material *que ocorre ao longo do plasma corporal e o modela em sucessões e alternâncias de tensões-cargas, descargas-relaxamentos*. Um tempo estrutural é sustentado na mente como uma *forma dimensional rígida*, que é formada por uma *concentração elétrica* muito forte, de modo que a densidade desse espaço, pela *quantidade* de investimentos elétricos que recebe, *torna a experiência sensorial da mente muito real e vívida*.

Como disse Reich, excitação no corpo e sensação na mente *são um par antitético*. Isso significa, por sua vez, que esse mesmo tempo estrutural sustentado na mente ocorre *no corpo* como uma *série de excitações plasmáticas retidas em estase.* "Em estase" não quer dizer "parado", nem retido como um volume de água parado em um dique, mas como um *potencial mecânico retido*, como uma série de molas comprimidas. Parte delas se descomprimem e seguem seus movimentos, como um dique dinâmico em que entra água e sai água, mas no qual o volume retido é muito maior do que o que é expelido. No entanto, não há água, não se trata de um modelo *hidrodinâmico*, há catexias, condução de correntes elétricas. A ideia de "mola" (ou *Kreiselwelle*, onda giratória) é melhor, porque traz a ideia de *uma onda que comprime e relaxa*.

Essa retenção em estase, que Reich chamou de "estase energética" (1988, p. 56) *é a força de coesão do constructo e de todas as forças de propulsão que ocorrem dentro dele*. É o que chamou de "fonte de energia das neuroses" (1988, p. 91), porque uma neurose é uma vivência em um mundo formado por suposições, antecipações, ansiedades e esforços redundantes inadequados para resolvê-las. Quanto maior o estado de estase, maiores as expressões das atitudes neuróticas. Já no corpo não há neuroses porque não há suposições e nem o desenvolvimento de caminhos lógicos para encontrar saídas a essas suposições redundantes. No corpo há *somatizações*, o que, em grande parte das vezes, significa *inflamações crônicas em áreas do corpo*, por conta de um *excesso* de investimentos elétricos concêntricos que modificam a estrutura do plasma e retêm contrações mecânicas, impulsos elétricos e retenção de líquidos *nas áreas funcionais onde a necessidade de retenção ocorra.*

Segundo Reich, não é possível haver uma neurose sem uma somatização potencial. Mesmo que ainda não haja uma disfunção visível e sintomática, o fato de haver uma "base de reação neurótica" (Reich, 1998 [1933], p. 54) da neurose, já significa que há microlesões e microinflamações ocorrendo no corpo, por conta do excesso de retenção tissular e tensão elétrica. Ao longo do tempo, isso depaupera o corpo e o torna suscetível ao *aprofundamento de adoecimentos*. Não se pode falar em "surgimento de doenças", exceto se de forma processual, porque o que ocorre é uma agudização ou cronificação de processos temporais bem mais longos. É essa visão *funcional* e não *filosófica* do corpo que se torna importante para Reich, porque ao lidarmos com *pulsação e excitação*, isso pode ser quantificável, não em termos *materiais*, mas em termos temporais: *eletricidade, momento e convecção*.

Antes de prosseguirmos, gostaria de tornar mais clara a relação que faço entre as inflamações no corpo e a convecção retentiva de catexias. Uma inflamação não ocorre *diretamente* pela concentração de catexias. Uma concentração em uma zona corporal a tornaria

dura, cristalizada, fria, congelada[243]. Existiria um *excesso de tensão conveccionada* e, por conseguinte, um desequilíbrio no balanceamento da função tensão-carga. Como o *conatus* é a inteligência/ímpeto de autorregulação e perseverança econômica de um sistema, *ele busca dissipar o excesso de tensão centrípeta gerando um movimento centrífugo em resposta.* A inflamação é a tentativa de balanço ou reequilíbrio reativo dado um movimento centrípeto também reativo. Assim, quando há no corpo uma zona de concentração de tensão que se encontra *fria e entorpecida, sem resposta vital evidente*, essa zona está mais adoecida (ou bastante menos potente) do que outra zona corporal que está inflamada, quente e em expansão contida.

A região ou área do corpo que está quente e inflamada *está desesperadamente se esforçando para gerar um equilíbrio na fórmula do orgasmo*. A inflamação é a consequência, não a causa. Segundo Reich, na região funcional do corpo onde se forma um câncer ou em zonas muito anestesiadas e resignadas no corpo, frias e em déficit severo de sensibilidade e responsividade, tais zonas encontram-se severamente cronificadas, com ímpetos de vida muito menores e potências muito menores do que as zonas que se encontram inflamadas. Se a inflamação é um desbalanceamento e uma tentativa de balanceamento desesperado *para escapar a uma contração crônica*, o anestesiamento, a frieza e a resignação são *a aceitação de que não há nada de diferente a ser feito* e, por isso, indicam condições de autocondenação e de cristalizações energéticas muito mais severas.

Em termos *psicológicos*, a inflamação no corpo expressa uma condição crônica interna de luta e fuga; a frieza, a perda de sensibilidade e responsividade expressam condições crônicas internas de anestesiamento e resignação; e o tônus firme e equilibrado, a lubrificação, o brilho e a capacidade de sentir as correntes vegetativas expressam uma condição interna de

[243] Assim como no Experimento XX, Reich (2009, p. 62-75) demonstrou que a energia orgone gera formas plasmáticas visíveis ao ser *concentrada e congelada*. A seguir algumas frases de Reich que nos ajudam a compreender o fenômeno: "a organização da matéria plasmática deve, portanto, ser atribuída exclusivamente ao alto conteúdo de orgone" (p. 74); "a formação de matéria plasmática a partir de energia orgone concentrada indica um processo geral através do qual se origina a matéria. Assim, devemos considerar que a energia orgone é a energia cósmica primordial" (p. 75); "a energia orgone distribuída de forma homogênea em um fluido à temperatura ambiente se contrai quando resfriada ou congelada" (p. 75); "a energia orgone livre de massa reage na água que está congelando exatamente como a energia orgone em um organismo vivo a congelar [...]. A energia orgone livre de massa é, portanto, capaz de se contrair. No processo de contração cria-se a matéria, evidentemente através da condensação" (p. 73). No experimento Reich demonstra que a concentração e o congelamento são um processo de *contração* ou, poderíamos dizer, de aumento de *tensão centrípeta*. Já o processo inverso, de aquecimento e fervura, *destensiona a concentração que dava forma prévia a ela*. "O processo de fervura transforma a substância do solo em matéria bionosa móvel e a energia é liberada da matéria, como foi demonstrado inequivocamente pela motilidade interna, pelas pulsações rítmicas lentas e pela contratilidade das vesículas de energia orgone (em contraste com a não motilidade das partículas do mesmo solo antes do processo de fervura)" (p. 67). O processo de aumento de calor, ou *expansão centrífuga*, basicamente *irradia e expande* a energia previamente concentrada.

parassimpaticotonia, engajamento social e conexão (cf. Porges, 2012, p. 71-75; p. 141-146; Schwenteck, 2021, p. 261-273).

Retornemos, então, ao que tratávamos anteriormente sobre James Randi. Como suas colocações e proposições apresentam ter como propósito uma caça às bruxas e não o de observar fenômenos e formular hipóteses sobre *como* eles podem ser *possíveis*, toda *a formatação elétrica do espaço construído* por ele, *onde* os fenômenos são percebidos, considerados e inquiridos, *define, desde o princípio, regras de possibilidade e de existência* que *previnem* que qualquer desejo que ele expresse de verificar um verdadeiro fenômeno incomum seja possível. O espaço contextual que ele formata para analisar tais fenômenos automaticamente *exclui* aferir qualquer possibilidade real que vá dissolver ou desmantelar as regras desse espaço. Se as regras são desmanteladas, a própria geometria é desmantelada e, assim, ele perde toda a sustentação de proteção que ele criou para conter tudo o que ele deseja ali dentro. Isso significa que, mesmo que uma possibilidade real consiga *passar pelas regras da (mem)brana, que tende a deixar de fora as avaliações que podem ameaçar o constructo,* essa possibilidade real precisará ser destruída, falsificada, perseguida ou desmantelada para não *ameaçar a segurança do próprio constructo*. A organização de um espaço contextual se dá pelo uso da própria intenção para conduzir e modelar regras de possibilidade de um espaço virtual. A forma dessa intenção é a forma das próprias regras geométricas desse mundo-brana, porque a intenção se expressa de forma quadridimensional. Ela gera *branas,* não apenas correntes unidimensionais.

Então, temos *duas operações gerativas* conduzidas pelo *desejo*. Uma é temporal e outra espacial. Qualquer espaço prismático quadridimensional, isto é, geometricamente flexível, mas delimitado, é um contêiner energético sustentado por uma intenção ou diferentes intenções. Clinton Callahan e Anne-Chloé Destremau, desenvolvedores do *Possibility Management*[244] (Gestão de Possibilidades) desenvolveram dois termos, *contexto* e *mundo de jogo*[245], que tomo emprestado para distinguir *tempo e espaço* gerados como um mundo-brana em âmbito *sociorrelacional*.

[244] Cf. Possibility Management (2019). Segundo os autores: "A Gestão de Possibilidades é um *programa de pensamento* atualizado para catalisar mudanças e expansão em vários domínios internos e externos. Funciona convertendo problemas em fertilizantes, portas, foguetes ou evitáveis poças de lama ao longo do seu caminho de Evolução" (grifo dos autores). [Traduzido livremente do inglês: "Possibility Management is upgraded *thoughtware* for catalyzing change and expansion in various inner and outer domains. It works by converting problems into fertilizer, doorways, rocket ships, or avoidable mud puddles along your path of Evolution"].
A Gestão de Possibilidades é um mundo de jogo que tem como objetivo atualizar as formas de pensar e sentir humanas na direção de um crescimento evolutivo interno e externo e tem como parâmetro fundamental a responsabilidade radical. Os autores propõem que a entrada nesse mundo de jogo seja feita através de um jogo grátis multijogador chamado "Começardenovo.xyz" (*StartOver.xyz*). Cf. StartOver.xyz (2019).
[245] Cf. *Configurar contexto* [*Set Context*] em Callahan (2024) e *Teoria do Mundo de Jogo* [*Gameworld Theory*] (Gaian Gameworlds, 2023).

CAPÍTULO 4
Sobre o tempo e as realidades elétricas

> "Como conseguiu acessar toda essa informação?"
> "Impulsos elétricos. Cada célula conhece e conversa com todas as outras. Elas trocam mil bits de informação por segundo entre si. As células se agrupam formando uma teia de comunicação gigantesca, que por sua vez, forma a matéria. As células se reúnem, assumem uma forma, se deformam, reformam, não faz diferença. É tudo igual. Os humanos se consideram únicos, então basearam toda sua teoria de existência em sua singularidade. 'Um' é sua unidade de medida, mas [na verdade] não é. Todos os sistemas sociais que criamos são apenas esboços: 'um mais um é igual a dois'. É só o que aprendemos. Mas, 'um mais um' nunca foi igual a 'dois'. Na verdade, não existem números ou letras. Codificamos nossa existência para reduzi-la ao tamanho do homem, para deixá-la compreensível. Criamos uma medida para podermos esquecer sua insondável escala".
> "Mas se os humanos não são a unidade de medida e o mundo não é governado por leis matemáticas, o que governa tudo?"
> "Filme um carro correndo em uma estrada, acelere a velocidade da imagem infinitamente e o carro desaparece. Então, que prova temos de sua existência? O tempo dá legitimidade à sua existência. O tempo é a única unidade real de medida, ele é prova da existência da matéria. Sem o tempo, não existimos".
>
> *Lucy, de Luc Besson (2014)*

4.1 Contextos: moldagem de mundos-brana em âmbito sociorrelacional

Quando uma 3-brana molda um espaço social, isso significa que houve *tempo* investido, isto é, catexias ou investimentos do desejo e significa que houve *espaço* formatado, por meio de densificação das catexias desejantes. Como explicou Einstein, tempo e espaço são a mesma coisa porque não existem em separado e formam um tecido elástico chamado espaço-tempo. Realidade, gravidade, espaço e tempo andam juntos[246]. A divisão que faço é apenas para demonstrar a *geração de efeitos*, pois um efeito ou uma forma, que são sempre impermanentes, são uma *formatação sustentada de tempo*. No caso, não tratarei de escalas massivas de gravidade ou *concentração energética*, como acontece em planetas e estrelas, mas tratarei *do mesmo fenômeno que acredito que ocorra em escalas fractais muitíssimo menores, que é a*

[246] Segundo a Teoria da Relatividade Restrita de Einstein, a presença de um corpo massivo como a Terra ou o Sol curva o espaço e determina que a luz percorra uma distância maior ao passar de um ponto A, localizado de um lado desse corpo massivo, a um ponto B, localizado no outro lado desse corpo. Como o espaço ficou curvo, por conta da densidade gravitacional, a luz precisa percorrer um caminho maior e o tempo correrá um pouco mais devagar enquanto o raio de luz estiver no desvio. Einstein compreendeu que a distorção temporal equivale à distorção espacial e, por isso, juntou os dois termos espaço-tempo, para indicar que ambos são faces da mesma moeda, assim como matéria e energia são a mesma coisa.

capacidade de uma consciência concentrar energia pelo desejo e gerar efeitos espaçotemporais.

Na distinção formulada por Callahan e Destremau, um *contexto* são os valores e os acordos definidos por aquilo que uma pessoa ou grupo preza e deseja que ocorra e exista. Como definem: "o Contexto é a estrutura baseada em acordos para cada interação humana. Em qualquer interação há sempre um Contexto em ação, esteja você ciente do Contexto ou não[247]" (Callahan, 2022). O que as pessoas querem que *se torne possível e aconteça* em um espaço de acordos forma um contexto. Um contexto anarquista, católico, vegetariano ou meritocrático são exemplos de definições do que as pessoas querem e sustentam como valor, que dá a direção do esforço. Os vetores dessas catexias têm narrativas informacionais e têm excitações quantitativas e ambas são investimentos do desejo. Um contexto é feito de tempos direcionados de formas móveis e fluidas *que começam a compor e a sustentar a forma do devir desejado.* Essa forma já é composta por propósitos (sentidos e destino do que é desejado como efeito), significados (sentidos dos conceitos e conteúdos semânticos), emoções provenientes de lugares espontâneos e libertários em si e emoções provenientes de reatividades e lugares prisionais em si. Um contexto, como explicam, é formado por "certas 'configurações energéticas' que interferem na capacidade de uma pessoa estar Presente e Atenta como ela mesma em um pequeno AGORA e em um pequeno AQUI[248]" (Callahan, 2022).

Como um contexto é formado pelo direcionamento móvel e fluido do desejo, *um desejo requer uma autorização interna para que ele aconteça*. Isso é simples de entender, pois para *desejar* é necessário *irradiar ou concentrar catexias* e isso não ocorre, em ato no corpo e na mente, a não ser que a consciência que origina seu movimento *queira e permita isso*. *Querer e permitir o desejo em si mesmo* é um tema que requer um aprofundamento posterior, pois há uma relação direta com *a sexualidade*. Por ora, consideremos que um desejo apenas pode ser propulsionado com uma *permissão interna*. Assim, em relação à geração de um *contexto*, *gerá-lo* parte de uma *permissão energética* e para *mudar* um contexto existente é necessário uma *mudança* de permissão energética interna.

Isso leva a outra compreensão sobre o contexto, que é ser um *conjunto de distinções.* Callahan e Destremau explicam que quem sustenta e ancora energeticamente o contexto, a quem chamam de "sustentador/amparador de espaço" (*spaceholder*), são aqueles que

[247] Traduzido livremente do inglês: "Context is the agreement-based framework for every human interaction. In any interaction there is always a Context at work, whether you are aware of the Context or not".
[248] Traduzido livremente do inglês: "certain 'energetic configurations' that interfere with a person's ability to be Present and Attentive as themselves in a small NOW and a small HERE".

determinam as distinções do contexto. Como explicam, "uma distinção é uma declaração energética"[249] que é *suportada pela pessoa,* emocionalmente, cognitivamente, energeticamente, fisicamente, e que possibilita suas ações. Uma pessoa forma uma distinção dentro de si quando entende, com o corpo e a mente, que o que ela pensava *anteriormente como uma coisa, são duas ou mais coisas*. Um exemplo é quando alguém olha um punhado de terra e diz: "terra". Então, ela gera uma curiosidade sobre o que há mais ali que não seja "terra" e usa sua presença, inteligência e atenção para perceber o que há mais ali. Percebe "grãos", "insetos", "cheiros". Se essa pessoa não gerar novas distinções, o que ela perceberá será apenas "terra", porque é o que *gravou* dentro de si energeticamente.

Cada distinção gerada e sustentada aumenta o número de *existências diferentes* que a consciência é capaz de perceber (desenhar para si), considerar e agir com elas. Quanto menos distinções uma pessoa retém dentro de si, menos estados de consciência ela é capaz de captar e distinguir. A pessoa ou grupo que é responsável por sustentar/estabilizar o contexto determina as distinções do contexto. Uma distinção energética não é feita com palavras, é feita com uma convecção de catexias. Por exemplo, "na terra existem cheiros e grãos, eles não são a mesma coisa". Essa percepção é uma distinção, porque esse conhecimento nem é apenas intelectivo (verbal) e nem proveio de outras pessoas, mas da própria experiência. Essa distinção modifica a pessoa por dentro, porque para que a distinção exista, *a pessoa precisa sustentar essa existência dentro de si* e isso passa a ser um recurso interno de navegação para ela. Uma distinção é uma formação catéxica, porque *declarar uma existência, em ato,* é a sustentação de uma forma energética. Se a pessoa não *suportar ver ou distinguir* que na terra existem cheiros e grãos, por exemplo, por conta das proibições e bloqueios internos a sentir, se implicar e se responsabilizar quando passa a *ver e distinguir,* a pessoa não *quererá reter ou gravar em si essas distinções*, PORQUE NÃO SUPORTA AS CONSEQUÊNCIAS DO QUE ELAS TRARÃO PARA SI**.**

Outra questão que os autores abordam é a importância de compreender *qual é o nível de responsabilidade do contexto configurado*. Em outras palavras, *o quão responsável e consciente uma pessoa é em relação ao que deseja produzir como efeito?* Intenções e propósitos podem ser claros, contraditórios e também ocultados. Um contexto é uma confluência de desejos para tornar possível produzir o que se quer e para que receba o que quer. Por isso digo que o *contexto é o tempo investido na geração e manutenção do mundo-brana*, pois é feito de desejos direcionados e gera *um primeiro espaço virtual dimensional*. Um contexto permanece ativo enquanto as pessoas desejarem sustentá-lo com suas catexias.

[249] Traduzido livremente do inglês: "A Distinction is an Energetic Declaration". Cf. Distinção (Distinction, 2024).

O contexto é moldado pelo uso da intenção e é um dispositivo geométrico formatado pelo *conatus* com um conjunto específico de regras. O objetivo de um contexto é servir de *planta baixa (ou projeto arquitetônico)* para a materialização de efeitos, *em âmbito social*. Como é um mundo-brana, tem *regras geométricas de possibilidades* muito bem definidas. Isso significa que um contexto tem um conjunto de "regras de engajamento" sobre como as pessoas deverão tratar umas às outras, bens, coisas e objetos em seu interior, "acordos" configurados do que pode ou não ocorrer dentro dele, "propósitos" ou intenções focalizadas que definem sua forma e destino, "valores" do que deverá ser mais ou menos considerado dentro dele, "nível de responsabilidade" com o qual as pessoas terão permissão para operar enquanto imersas nele, "moralidades" que definem o que é apropriado ou não ocorrer, "limites" de até onde as pessoas podem operar e proibições de atuarem fora deles, "declarações verbais" do que é possível e necessário ser feito, pensado e imaginado, "tradições" anteriores que devem ser sustentadas e reproduzidas, "práticas" que reatualizem e ratifiquem as regras e propósitos do contexto, "ligações" possíveis e necessárias com outros contextos. Todas essas *regras branáticas* são *geometrias de espaço e de fluxo temporal* que são *sustentadas* por catexias focalizadas, isto é, intenções. São *desejo* formatado e sustentado eletricamente por convecção de catexias. Como dizem Callahan e Destremau, "a cultura é determinada pelo contexto", "o contexto determina as qualidades do espaço" e "o espaço determina o que é possível"[250] (cf. Configurar contexto [*Set Context*] em Callahan, 2024).

Como é a intenção (desejo direcionado) que produz e sustenta um contexto, esse possui *diferentes camadas de desejo* investidas nele, que podem ser percebidas ou não pelas pessoas que *suportam* esse contexto. Essas camadas, *das mais superficiais às mais profundas*, serão as "plantas baixas" de atualização do devir desejado. Se as pessoas não receberam nenhum tipo de treino cultural para perceber que tipos de desejo elas investem na formatação de um contexto, que requer uma autopercepção das camadas do próprio desejo, *é muito provável que inoculem regras sem perceberem ou estarem conscientes de que as estão inoculando*. ISSO NÃO SIGNIFICA QUE ESSA "INCONSCIÊNCIA" NÃO TENHA UM PROPÓSITO. QUANTO MAIS AS PESSOAS DESCONHEÇAM E TENHAM POUCA PRÁTICA EM PERCEBER O QUE SENTEM, O QUE DESEJAM E DE QUAIS NECESSIDADES INTERNAS PARTEM PARA DAR FORMA AO QUE QUEREM COMO FORMA FINAL, MAIORES AS CHANCES DE GERAREM CONTEXTOS COM BAIXO NÍVEL DE RESPONSABILIDADE. Isso significa que um contexto pode ser iniciado com um superficial desejo instituinte e feliz *e já*

[250] Traduzido livremente do inglês: "culture is determined by context", "The Context determines the qualities of the Space", "The Space determines what is possible".

possuir em seu bojo regras branáticas que poderão com o tempo atualizar vicissitudes, não *virtudes*, como supostamente planejado.

É isso que significa quando se diz que um movimento instituinte pode carregar, em si, *germens* de fascismo. Como Deleuze e Guattari afirmaram, a partir da compreensão reichiana, "o desejo vai até aí: às vezes desejar seu próprio aniquilamento, às vezes desejar aquilo que tem o poder de aniquilar. Desejo de dinheiro, desejo de exército, de polícia e de Estado, desejo fascista, *inclusive o fascismo é desejo*" (1996, p. 26, grifos nossos). Nesse sentido, Reich também produziu o seu conceito de um fascista radical:

> O fanático fascista não pode ser neutralizado se for procurado unicamente de acordo com as circunstâncias políticas prevalecentes apenas no alemão e no italiano, e não também [procurado] no americano e no chinês; se não for capturado *dentro da própria pessoa*, se não conhecermos as instituições sociais que o geram diariamente (Reich, 2001 [1933], p. 13, grifos do autor).

Quando alguém inicia um contexto não basta compreender conceitualmente que "pode carregar *germens* de fascismo", *pois isso não é aleatório e "pode carregar" não pode ser uma roleta-russa*. Também não funciona pensar *por um nível de responsabilidade infantil* e dizer: "vamos nos reunir para formatar essa ideia e ver se vai dar certo?". Um *nível de responsabilidade adulto* perguntaria: "quais são as regras que estão sendo impressas no mundo-brana gerado?". Para isso, seria preciso uma *análise do contexto, que é uma análise do desejo*. Perguntas que guiariam essa análise seriam destinadas a cada uma das pessoas que *intencionam* a construção desse mundo-brana: "o que você quer gerar como contexto?", "que princípios norteiam seus investimentos nesse contexto?", "o que você quer prover para as pessoas nesse contexto?", "que necessidades suas você traz para ele?", "o que você quer prover para você nesse contexto?", "que dores direcionam você para a construção desse contexto?", "que medos você traz para esse contexto? Pode torná-los claros?", "qual é a sua relação com o dinheiro nesse contexto?", "qual é sua pretensão de gerar hierarquia nesse contexto?", "o que acontece com as pessoas que estiverem nesse contexto e não seguirem o mesmo desejo que o seu?".

4.2 *Setting* terapêutico/analítico como espaço contextual

Igualmente, podemos compreender a formação de um contexto em um *setting terapêutico*. Um *setting* é um contêiner e um continente relacional. Para Genovino Ferri e Giuseppe Cimini, na análise pós-reichiana, que usa o "fractal-guia da Análise do Caráter,

aplicado à relação do *setting*" (Ferri; Cimini, 2011, p. 210), o *setting* é um "Sistema Vivente Complexo" (p. 213). Como explicam:

> Esta ótica mostra a hipótese de que o *setting* analítico-terapêutico representa uma forma vivente, um sistema complexo, um sistema autopoiético. Um sistema que, em diversos estados e níveis de organização, nasce do encontro entre os traços de caráter, os esquemas fractais do analista e do analisado. [...] O setting analítico-terapêutico é uma forma vivente e expressa a capacidade de um gradiente neguentrópico. A variação de entropia se move na direção da aquisição de uma ordem maior que se manifesta mais na medida que subimos mais na evolução (Ferri; Cimini, 2011, p. 213).

Uma análise não existe sem que se estabeleça uma *relação* entre analista e analisando. Quando um *entra em contato* com o outro, passa a existir uma terceira entidade no *setting*, que é a própria relação "que nascerá do encontro dos traços de Caráter do analisado com os traços de Caráter do analista. Desse Big Bang, um novo sistema vivente complexo será originado", como explica Melo (2022). Da relação da díade, nasce um novo sistema complexo que passa a expressar a própria auto-organização, a própria autopoiese e os próprios estados. Tudo o que existir como *transferência de traços de caráter* (os modos psíquicos e corporais) do analisando e o que existir como *contratransferência de traços de caráter* do analista passa a compor esse terceiro sistema vivente.

Para relembrar, um traço de caráter é uma gravação ou retenção energética que visa gerar *suporte de estabilidade psíquica e somática* como modo inteligente de estabelecer *perseverança* em diferentes estágios evolutivos ontogenéticos. Essas retenções formam *constructos de realidade* na mente e formam *tônus neuromuscular* no corpo. Tais retenções podem ser adaptações flexíveis *ad hoc*, o que permite um grau mais alto de saúde e motilidade plasmática interna, como podem ser adaptabilidades rígidas transcendentes, o que torna o sistema vivente menos saudável e menos capaz de afetar e ser afetado. Esse terceiro sistema vivente que é a relação também pode ser incluído na análise, o que Ferri chama de "Análise do Caráter da Relação" (Ferri; Cimini, 2011, p. 2010).

O conceito de Ferri também é próximo do conceito de "terceiro analítico" do psiquiatra e psicanalista Thomas Ogden, ainda que com diferenças. Ambos buscam enfatizar a experiência emocional vivida relacional que não é traduzível, registrável, explicável ou compreendida em palavras. Ogden busca desenvolver uma análise da condição dialética entre as subjetividades e a intersubjetividade no *setting* analítico. Como explica: "a intersubjetividade do analista-analisando coexiste em tensão dinâmica com o analista e o analisando como indivíduos separados" (Ogden, 1996, p. 59). Essa intersubjetividade inconsciente do

analista/paciente é o que denomina como "terceiro analítico", que é uma dialética específica gerada por ambos, com suas distintas subjetividades e, ao mesmo tempo, separadas no interior do *setting* analítico. Essa entidade é uma subjetividade que expressa um tipo de vida própria no campo interpessoal. Como explica o autor:

> O processo analítico reflete a inter-relação de três subjetividades: a subjetividade do analista, a do analisando e a do terceiro analítico. O terceiro analítico é uma criação do analista e do analisando, ao mesmo tempo que ambos [...] são criados pelo terceiro analítico. (Não há analista, analisando ou análise na ausência do terceiro). Devido ao fato de que o terceiro analítico é vivenciado por analista e analisando no contexto do sistema de personalidade dele ou dela, de sua história pessoal, constituição psicossomática etc., a experiência do terceiro (embora conjuntamente criado) não é idêntica para cada participante. Além disso, o terceiro analítico é uma construção assimétrica, pois é produzido no contexto do *setting* analítico, que é fortemente definido pela relação entre os papéis de analista e analisando. [...] A experiência do analista no e do terceiro analítico é (primariamente) utilizada como veículo para a compreensão das experiências conscientes e inconscientes do analisando. [...] O conceito de terceiro analítico fornece uma estrutura de ideias sobre a interdependência entre sujeito e objeto, entre transferência e contratransferência, que auxilia o analista nos seus esforços para acompanhar de perto e pensar claramente sobre a miríade de fatos clínicos intersubjetivos com que se depara, sejam estes as divagações aparentemente ensimesmadas de sua mente, as sensações corporais do analista que parecem nada ter a ver com o analisando, ou qualquer outro "objeto analítico" intersubjetivamente gerado pelo par analítico (Ogden, 1996, p. 90-91).

O conceito de "terceiro" de Ogden indica a possibilidade da mente do analista e do analisando captarem *a vivência do passado vivo do analisando através das imagens, sensações e sentimentos produzidos na mente de ambos* no momento do encontro terapêutico. É através desses três que o "terceiro" se expressa. Contudo, Ogden trabalha com o conceito de intersubjetividade, que *já requer considerar um grau de maturidade do neocórtex (ou neopálio*)[251] e um momento posterior do desenvolvimento ontogenético. Para Ferri, no *setting* e na *relação* é importante considerar um *tempo evolutivo anterior* e por isso destaca a importância de considerarmos a *corporeidade* e não apenas a *subjetividade*, pois os *esforços* das "partes de Si muito profundas e arcaicas, muitas vezes inconscientes e suprimidas, portanto, cheias de significados, já [existem] a partir da plataforma pré-subjetiva" (Ferri, 2022, p. 117). O autor explica ainda que toma o vocábulo *intercorporeidade* do neurocientista e professor de psicobiologia italiano Vittorio Gallese para indicar o princípio de base das trocas de mente e de corpo *que subjazem* à subjetividade. Afirma que considera intercorporeidade e pré-

[251] De acordo com o *Dicionário médico* (Manuila *et al*., 2004, p. 419), o termo *neocórtex* é sinônimo de *neopálio*, que é a "região do córtex cerebral que ocupa a maior parte da superfície dos hemisférios cerebrais e que constitui o ponto de partida de todas as vias motoras voluntárias e de uma parte das vias motoras semiautomáticas, sendo também o ponto de chegada de quase todas as vias sensitivas e sensoriais (assim nomeada porque representa a formação mais recente no desenvolvimento filogenético do cérebro)".

subjetividade como sinônimos. Como diz: "creio que a intercorporeidade preceda e, apenas posteriormente, se intermeia com a *intersubjetividade*, que pode ser definida como tal depois que o bebê começou a atingir a subjetividade neopalial" (Ferri, 2022, p. 117, grifos do autor).

Enquanto a *subjetividade* privilegia uma interação e vivência interna emocional-cortical (isto é, predominantemente linguístico-simbólica), a *corporeidade* privilegia a relação do *conatus* com as emoções, razão pela qual é possível falarmos de uma corporeidade e intercorporeidade *intrauterina e neonatal*, por exemplo. Pensar o corpo, como Reich o pensa, pelo "eixo da tensão, carga e da função do orgasmo" e não pelo "eixo do linguístico-simbólico narrativo" é justamente pensar *o princípio de funcionamento comum da natureza, sobre o qual* o âmbito linguístico e simbólico é produzido. Por isso, podemos pensar em fenômenos não humanos e também pré-subjetivos.

Ferri (2022, p. 36) denomina as transferências e contratransferências de "intercorporais-intersubjetivas", porque trata-se do "seu e o meu traço-estado... e a nossa interação de campo". De fato, quando o parâmetro é a corporeidade, uma "relação" que se apoia no "*entre* o analista e o analisando" não faz muito sentido porque a intercorporeidade acontece *ao longo do analista e do analisando*. *A dimensão corporal que se dá na intercorporeidade,* quando duas pessoas estão sentadas em um *setting* uma em frente à outra e seus corpos não se tocam (em um senso comum), *ocorre na forma de interações de campo,* por meio de um *diálogo implícito entre os traços do analista e do analisando* na relação analítica.

Podemos pensar o campo como emissões e recebimentos de ondas eletromagnéticas que se dão entre as duas pessoas. No entanto, quando *excitação e informação* são transmitidas entre eles, *ocorre que as ondas que são emitidas de maneira contínua por um corpo são uma extensão dele e, ao entrarem no outro corpo elas o afetam e o modificam.* Não há hiatos ou espaços vazios. Por isso são campos eletromagnéticos informacionais[252] *e suas ondas são emanações das próprias resoluções históricas de perseverança* tanto do analista quanto do analisando. Como explicam Ferri e Cimini a respeito de sua releitura do conceito de transferência e contratransferência e análise da cena do *setting*:

> Podemos imaginá-lo como *fluxos que jorram das ordens de personalidade, dos traços, das figuras fractais do analista e do analisado*: fluxos de estado, de traço, de figuras fractais específicas que se encontram em interação, que respondem e se colocam inclusive em estados específicos da nova forma-relação (Ferri; Cimini, 2011, p. 214, grifos nossos).

[252] Apesar de Ferri trabalhar com o conceito de "campo", não se refere a ele como "campos eletromagnéticos" nem como um "conjunto de relações de ondas". Considerar que as emanações vibracionais (excitatórias e informacionais) do caráter são *elétricas e magnéticas* é um desenvolvimento do presente trabalho.

Em acréscimo ao conceito de *intercorporeidade*, outra diferença entre Ferri e Ogden se dá sobre *a prevalência de quem será analisado*. Para Ogden, como citei, "a experiência do analista [...] é (primariamente) utilizada como veículo para a compreensão [...] do analisando" (1996, p. 90). Para Ferri, ambos analista e analisando *precisam ser analisados*, porque *os traços de caráter do analista* também necessitam de um escrutínio. Os "fluxos" que jorram dos traços de caráter (personalidade, *jeito* de ser, sentir, pensar e agir, constructos temporais gravados na mente, tensões históricas sustentadas no corpo) do analisando servem ao analista para que *sinta em seu próprio corpo* o "como" das resoluções históricas de perseverança do primeiro e compreenda, dentro de si, *sua história encarnada*. Já os fluxos dos traços do analista *precisam ser conscientizados e manejados*, pois são o que o *analista emana para o analisando e o que emana para o contêiner relacional que é o espaço virtual dimensional ou a formatação energética do setting terapêutico*.

Isso, a meu ver, se destina a dois propósitos. O primeiro, é para que o analista saiba construir o "Continente Relacional" adequado para gerar um "campo relacional protegido" (Ferri, 2022, p. 192) e gerar "um contato empático e funcional [que] poderá conduzir a consequências significativas sobre a economia e a neguentropia do Si do analisado, do Si do analista e do sistema complexo analista-analisado"[253] (Ferri; Cimini, 2011, p. 214). Como explicam esses autores:

> Com a Análise do Caráter da Relação, que é a terceira dimensão da análise reichiana, se define o Continente Relacional, ou melhor, uma ordem altamente específica da relação analítico-terapêutica. É articular o continente-conteúdo na dupla direção, mas considerando a arquitetura da relação a referência privilegiada. Arquitetura "que contém" qualquer ato terapêutico, desde escutar a elaboração transferencial de um traço, a interpretação de um sonho, de um gesto, de uma fantasia liberadora, até a proposta de um *acting* de Vegetoterapia Carátero-Analítica, assim como a simples prescrição de um psicofármaco. Definimos o Continente Relacional como a "Posição" adequada e o "Como" apropriado do analista-terapeuta necessários para se estabelecer uma contratransferência de traço-nível corporal, funcional para o distúrbio e/ou para a ordem específica de traço-nível corporal do analisado (Ferri; Cimini, 2011, p. 210-211).

Isso significa que o analista pode *modular* sua postura interna (o que sente, onde sente a outra pessoa em si mesmo, para que tipo de posição relacional e estado interno dirige sua intenção) e se colocar em uma posição relacional-corporal que seja propícia a produzir

[253] Como expõe também Ferri (2022, p. 28): "O *setting* analítico reichiano é visto como 'uma pequena biosfera', na qual se abrigam a inteligência, a humildade, a competência, a humanidade, os recursos, a capacidade de neguentropia do analisado, do analista e da relação".

abertura e maior contato emocional com o corpo e a posição do traço de caráter do analisando. Isso pode ser feito a partir de uma *condução inteligente das próprias catexias a partir do próprio estado de atenção e consciência*, a fim de gerar um efeito de continente relacional[254].

O segundo propósito tem um aspecto mais *político* do que analítico-terapêutico, ainda que esses âmbitos não se separem. Novamente, a *implicação corporal* do analista no *setting* é fundamental. Como quem sustenta o espaço dimensional terapêutico é o analista, são seus traços, seus desejos, seus discernimentos, suas dores, ansiedades e angústias, bem sua amorosidade, humildade, humor, humanidade, escuta, capacidade de contato *que irão gerar as regras de formatação elétrica do mundo-brana* constituído como *setting* terapêutico/analítico. A geometria espacial do que o analista emana como desejo, a partir das suas *necessidades caracteriais, não deve permanecer invisibilizada ou inconsciente*. Se a geometria é dada pelo seu *conatus,* o que ele *deseja* e *aquilo pelo que ele se posiciona* precisa estar claro. *Sem uma leitura própria de seu corpo e daquilo que intenciona, o analista pode gerar desarmonias*, ainda que pretenda realizar um bom atendimento terapêutico. Aponta Ferri:

> O problema surge quando os traços, no seu diálogo inconsciente, não desenvolvem a neguentropia, quando as demandas implícitas do traço não são compatíveis, não são sustentáveis e, então, surgem as resistências, transferências ou contratransferências negativas. Nessa condição, uma supervisão é fundamental para se ler o diálogo implícito entre os traços na relação analítica (Ferri, 2022, p. 58).

Trago Ferri e Ogden para demonstrar como o corpo, a posição caracterial do analista e sua postura interna influenciam diretamente na formação do *contexto,* aqui analisado na forma de um *setting* terapêutico. *Sob a ótica política de constituição de um mundo-brana*, enfatizo a necessidade de *clareza* sobre a intenção energética do terapeuta em relação ao que ele quer gerar como *espaço relacional*. Por mais que já possa existir "um *setting* físico" para o atendimento, como uma sala física montada ou que será ainda montada, *a maneira como o analista emana e direciona catexias e para quais propósitos* molda o contexto energético. É esse contexto que definirá as regras geométricas desse espaço *no qual as pessoas, analista e analisando, irão interagir*. Esse contexto pode dar origem a um novo espaço físico ou pode *se superpor energeticamente* aos elementos do espaço físico atual.

[254] Como explicam Ferri e Cimini: "A consciência, 'diagnosis', da própria posição e do próprio 'como' por parte do analista e desta forma a consciência da própria contratransferência de traço que é o substrato dos próprios conteúdos contratransferenciais e o *primum movens* (primeira causa) do projeto analítico terapêutico visado" (Ferri; Cimini, 2011, p. 211, grifos dos autores).

Assim, podemos gerar perguntas político-energéticas para a *análise do contexto* de um *setting* terapêutico. “Quais são os seus compromissos nesse espaço e o que você quer dele?”, “qual é sua clareza em relação ao propósito desses atendimentos?”, “que acordos de integridade você irá definir com esse espaço?”, “que tipo de acordo você está disposto a fazer ou não fazer com seu paciente?”, “que traços de caráter seus podem induzir um tipo de relação *entrópica* com o paciente?”, “quais traços de caráter do paciente provocam respostas de gatilho emocional em você e você se torna reativo?”. Responder a essas perguntas auxiliam no *aprofundamento do contexto* e dos propósitos políticos da relação.

O terapeuta, que é o *responsável* por amparar o espaço e manter sua integridade, não pode ficar inconsciente em relação ao que ele gera *em ato* em termos *enativos*[255], isto é, seja com discursos verbais, com expressões corporais ou simplesmente por *enações de campo*, que são as emissões *irradiativas* não verbais geradas pelas intenções propulsivas do desejo. A intenção muda o contexto, e o contexto determina as regras relacionais do espaço.

Darei um exemplo clínico. Se o analista tem medo de falar da própria mãe, o que passa a ser emanado como regra tácita do contexto é o “medo de falar da mãe”, então o paciente pode inibir-se de trazer o assunto, porque está submetido (voluntariamente e em acordo, mesmo que inconsciente) às regras do mundo-brana geradas pelos desejos do terapeuta. Em uma dessas regras geométricas do espaço contextual pode haver a seguinte codificação, que ocorre pela emissão de *ondas senoidais (que são excitações e informações)* que compõem o contexto: “Deve ser evitado falar da própria mãe, pois isso pode desencadear sentimentos e sensações com os quais não tenho plena capacidade de lidar e me sinto inseguro(a) em relação a isso”. Essas regras branáticas estão gravadas na *planta baixa*[256] do contexto, porque são uma forma de concentração e sustentação energética de catexias. As mesmas ondas/vibrações que *formam* o contexto por *concentração* de catexias, também *irradiam* informações e excitações para a extensão do próprio contexto.

Em uma supervisão clínica reichiana e pós-reichiana, uma parte da *análise* ocorre *sobre os conteúdos e dinâmicas do caso*, outra parte ocorre *sobre a transferência* e talvez a maior parte ocorra *sobre a contratransferência*, que se dá sobre o que o terapeuta/analista *sente em relação ao paciente/analisando*. Isso é um princípio clínico que pode ser aplicado à análise de contexto em espaços sociais, organizacionais e institucionais, porque *aprofundar o contexto*

[255] O termo *enação* foi utilizado primeiramente no livro *A mente incorporada* (Varela; Thompson; Rosch, 1992) para apresentar uma perspectiva não representacionista, em que a cognição é compreendida como “ação incorporada”, isto é, conectada de maneira intrínseca à realização biológica de um ser vivente. O termo *ação* contido em *enação* é uma ênfase nos processos sensório e motor (ação e percepção) que são inseparáveis.
[256] Molde dimensional vibracional.

auxilia em uma percepção maior da responsabilidade assumida e do tipo de postura interna que sustenta o contexto. Quando um(a) terapeuta oculta de si mesmo(a) e de seu(sua) supervisor(a) *suas intenções*, forma uma maneira rápida de transformar a análise em uma "situação caótica" (Reich, 1998 [1933], p. 34) porque não sabe mais *a que suas ações, pensamentos e palavras estão servindo*.

4.3 A análise do contexto requer a análise do caráter

Muitas vezes, pessoas que não têm esse tipo de treino para *analisar o próprio caráter*, têm dificuldade em perceber os tipos de regras relacionais com as quais modelam o espaço a partir de seus próprios traços e, portanto, *invisibilizam* da própria percepção o que produzem e sustentam. Essa dificuldade pode ocorrer tanto em *espaços clínicos* quanto em *espaços sociais* não clínicos. Uma forma de *desinvisibilizá-las* é pedir ajuda à outras pessoas. Como elas costumam estar *fora* do mundo-brana prisional que a pessoa gera para si e que pode conter a regra "é perigoso ver o que sinto e me responsabilizar pelo que faço com isso", elas podem ser ótimas aliadas para *tornar visível o que alguém não vê*. Essas pessoas podem ser amigos próximos em quem você confia, pode ser seu parceiro ou parceira amorosa, podem ser os próprios filhos. Como disse em um *contexto clínico*, pode ser *o supervisor ou a supervisora clínica e o grupo de supervisionandos*. O importante é ter coragem e querer ser visto. Uma pessoa que *queira* tornar *claros* os traços com os quais *molda espaços inconscientemente* pode perguntar a essas pessoas de maneira franca e honesta e pedir a essas pessoas, igualmente, um retorno franco e honesto: "como você percebe que me defendo ou retraio?", "em que momentos você nota que sou tomado por dores?", "o que você nota da minha forma de desorganizar o espaço onde estou?", "em que momentos você percebe que eu submeto as pessoas à minha vontade?", "em que momentos você nota que minhas ações são desnecessariamente burocráticas?", "de que forma você percebe que eu me descomprometo com as propostas do grupo?". O importante é saber ouvir e considerar que *mesmo que as pessoas sejam impelidas pelas próprias reatividades* ao darem alguns desses retornos, elas *têm algo a dizer que denuncia o que não funciona.* A partir daí, é possível *pedir possibilidades* do que pode ser feito para *mudar as regras do contexto* que é atualmente sustentado.

Isso pode ajudar as pessoas a reconhecerem suas *intenções ocultas* e o que elas levam para a produção dos contextos em que estão. Também são indicações úteis para que as pessoas percebam *quais regras tácitas* outras imprimem no contexto onde estão. Quando ocorre um *efeito* é importante retirar a ideia de que ocorre um *engano*. Normalmente, não há engano, há

desejo. Se há desejo, há necessidade e se há necessidade, há causalidade. Isso aprofunda a percepção. Esse tipo de percepção não é intelectual, precisa envolver o corpo em âmbito fisiológico, emocional, mental e energético, o que significa um estado de atenção *ao que as catexias e os estados móveis do corpo nos informam*. A percepção quando é apenas obtida em termos conceituais ou intelectuais pode indicar uma *defensividade ao sentir*. Dificilmente, sem atenção ao corpo, uma pessoa pode sentir as consequências do que acontece na realidade onde está. As *consequências sentidas* são as pistas que indicam o tipo de regra à qual se está submetido ou convidado a participar, as pressões não declaradas que são exercidas, as restrições tácitas de movimento impostas, os engodos narrativos, os ganhos secundários que não podem ser tornados públicos ou explícitos, dentre outras expressões de regras geométricas relacionais.

É por isso que *sentir no corpo* é importante, porque normalmente *as narrativas* induzem a um tipo de *imaginário ficcional* e já são *modeladas* para as pessoas com um propósito. Não é interessante a nenhum sistema opressivo que as pessoas *prestem atenção ao que sentem* e nem saibam *tomar o que sentem como referência de realidade onde estão*. Se as pessoas compreendem e desvelam os propósitos ocultos dos espaços onde estão, então elas têm a chance de tomar outro tipo de ação. O importante é compreender que *qualquer espaço branático é desenhado e modelado a partir de intenções, que têm propósitos, e é formatado a partir da convecção de catexias elétricas*, por ímpetos do corpo e da mente.

A necessidade de *ocultar propósitos* está diretamente ligada ao *medo antecipatório* de *considerar punições inevitáveis* e buscar evitá-las de maneira *clandestina*. Por conseguinte, isso está ligado diretamente ao *medo de se responsabilizar* pelo que se sente, pelo que se quer e pelo que se produz socialmente. Reich afirma que a impossibilidade internalizada de assumir a responsabilidade torna impossível qualquer forma de *socialismo humanitário e autogestionado.* Ele explica isso da seguinte maneira:

> Existiram movimentos socialistas e um anseio pelo socialismo [...]. Durante milênios, os oprimidos não cessaram de lutar contra os seus opressores. [...] O anseio socialista sentido por milhões era um desejo de libertação de *toda* a forma de opressão. Mas este *desejo intenso de liberdade aparecia sob a forma de compromisso, devido ao medo da responsabilidade* que lhe é inerente. O medo, por parte das massas humanas, de assumir as suas responsabilidades sociais levou o movimento socialista à esfera *política*. [...] Mostrarei a seguir que a ideia socialista de Estado não só nada tem a ver com a teoria desenvolvida pelos primeiros socialistas, mas também representa uma distorção do movimento socialista, que deve ser atribuída, de modo inconsciente, ao *desamparo estrutural* das massas humanas desejosas de libertação. A combinação desse desejo de liberdade e do medo estrutural de assumir a autogestão inerente à liberdade criou, na União Soviética, uma forma de Estado que correspondia cada vez menos ao programa original dos comunistas, acabando por se revestir de formas autoritárias, totalitárias e ditatoriais (Reich, 2001 [1934], p. 178, grifos do autor).

A análise do contexto requer um nível de coragem e honestidade que talvez nossa *cultura moderna não suporte*. Esse tipo de análise pode ser entendido como um desdobramento da *Análise do Caráter* de Reich, porque ela se baseia na análise da *própria estrutura de caráter da pessoa*. A estrutura de caráter, como disse, se baseia nos "jeitos" históricos que a pessoa "deu" para sobreviver e que ficam gravados como *formatação do desejo no corpo e na mente da pessoa*. Seu "jeito" de ser, de pensar, de se mover, de organizar ideias, de organizar espaços, de organizar relações amorosas, de amizades, de trabalho etc., *são estratégias de seu próprio conatus moldadas historicamente*. A pessoa expressa / projeta / emana / exsuda seu modo de perseverar e suas decisões de perseverança de maneiras análogas em diferentes áreas da vida. Logo, uma pessoa pode ser particularmente inteligente ou talentosa em alguma expressão e trazer aspectos brilhantes em um momento e, em outro momento ou mesmo *simultaneamente*, trazer necessidades e desejos menos explícitos que geram submissão, opressão, manipulação e silenciamento. Como a cultura moderna padrão é *patriarcal, colonial, autoritária, condenatória e irresponsável, todas as pessoas que cresceram nessa cultura*, em princípio, não estão autorizadas a *ver com clareza o que sentem*[257]*, o que fazem consigo mesmas com o que sentem, o que fazem com outros com o que sentem e o que outros fazem com elas*. Essa cultura padrão pode ser *curada* se houver *conscientemente* o desejo de *inocular* lógicas não patriarcais, não coloniais, não autoritárias, não condenatórias e responsáveis nos contextos que são gerados e sustentados.

Em resumo, um mundo-brana no interior de um sistema vivente pode *ser expandido para fora do corpo, com o uso do desejo e da intenção*. Como ele é uma formação eletromagnética pulsátil e restrita por normas, essa formação pode se contrair ou expandir, uma consciência pode restringir seu volume ou aumentá-lo, *segundo assim deseje*. Em outras palavras, *a planta baixa elétrica que é o mundo-brana* pode tornar-se uma planta baixa elétrica para efeitos sociais e definir um *contexto*, como expliquei. Um contexto nada mais é do que um

[257] Reich expõe com *veemência* o problema da seguinte maneira: "A reação natural, por parte da criança, é *uma raiva justificada contra tal crueldade; mas a criança tem medo de demonstrar a raiva e, em vez disso, quer chorar*; mas o choro também é 'proibido'; 'uma boa criança não chora, não mostra suas emoções'. É nisso que consiste a tão louvada 'educação' das crianças pequenas, segundo a cultura e a civilização do século XX, começo da grande 'era atômica'... que 'ou levará a humanidade até o céu, ou a precipitará no inferno... dependendo de...'. *De quê*? Dependendo de a raça humana CONSEGUIR OU NÃO ERRADICAR, ATÉ O ÚLTIMO VESTÍGIO, ESSE COMPORTAMENTO CRIMINOSO POR PARTE DE PAIS E MÃES DOENTES; DE NOSSOS MÉDICOS, EDUCADORES E JORNALISTAS CONSEGUIREM REUNIR OU NÃO A CORAGEM NECESSÁRIA PARA ABORDAR ESSE PROBLEMA DE SUPREMA IMPORTÂNCIA E, FINALMENTE, NÃO APOIAR ESSE TIPO DE CONSULTA, VENCENDO AS EVASIVAS ACADÊMICAS, A INDIFERENÇA E A 'OBJETIVIDADE'" (Reich, 1998 [1952], p. 385-386, grifos nossos em itálico).

conjunto de regras, que existem por investimento catéxico, que forma um espaço dimensional *em que a pessoa deseja habitar* ***e*** *colocar outras pessoas dentro*.

Por isso perguntar se um fenômeno social (ou condição) é um fenômeno que ocorre *fora ou dentro* da mente não faz muito sentido, *porque se um fenômeno é conatus, ele só pode ser a expansão de um ou mais conatus*. Isso significa que *as regras do contexto social formado são as regras dos mundos-brana das consciências que sustentam esse contexto*. Como essa distinção ou não existe ou é *velada* nos espaços políticos ordinários, então não é relevante para eles *verificar* quais são as regras condicionais e os propósitos internos que guiam as pessoas que coordenam e sustentam os contextos. Se há a necessidade de gerar espaços políticos *extraordinários*, que não se pautam pelas regras rígidas dos sensos comuns das culturas coloniais patriarcais autoritárias, é importante aprender a *inserir* nos espaços políticos *a necessidade de análises de contexto,* como disse.

4.4 Mundo de jogo: atualização material do contexto relacional

Até aqui me ative a explorar como se forma um *mundo-brana virtual social* na forma de *contexto*. Agora trarei, brevemente, a segunda distinção de Callahan e Destremau, que é a de *mundo de jogo (gameworld)*. Ele é a atualização prática do *contexto virtual* e os autores exploram práticas possíveis dessa distinção no que chamaram de "Construtor de Mundo de Jogo"[258] (*Gameworld Builder*). Se o objetivo de um contexto é servir de *planta baixa* para a materialização de efeitos do que se deseja, um mundo de jogo é a *solidificação e organização sistemática material e codificada narrativamente* do mundo-brana virtual. Um mundo de jogo é uma organização funcional de estruturas materiais e estruturas simbólico-lógicas. Essas duas estruturas geram uma *membrana semipermeável* constituída de elementos formais, que *são as regras geométricas materializadas do mundo-brana*. Enquanto o contexto virtual é o *tempo formatado* como direcionamento e convecção de catexias móveis e correntes, o mundo de jogo é o *espaço estrutural* formatado em âmbito sociorrelacional do mundo-brana contextual.

Pensemos o seguinte: como se sustenta uma instituição física? Pelo desejo direcionado. Ainda que uma instituição física tenha um alto grau de materialização de *lógicas institucionais virtuais*, essa organização densa *tende a se desmantelar* caso deixe de receber o investimento de catexias. O mesmo ocorre com as lógicas que as fundaram, pois estou apenas falando de graus de densificação. Em qualquer um desses graus, apenas o que há *é tempo* e

[258] Cf. *Construtor de Mundo de Jogo* (Gameworld Builder, 2023).

coordenadas geométricas *onde* o tempo será *retido ou densificado*, ou sob quais coordenadas poderá ser posto em marcha. Na organização física de uma instituição podemos ter alguma construção predial, alguns equipamentos, alguns símbolos organizados, normas e valores materializados, sejam em atas ou memorandos, objetos, ou nos *acordos* das condutas dos agentes. Os *acordos* fazem parte do contexto, a *conduta* é a implementação atual do planejamento virtual acordado e sustentado pelo desejo. Sem a *condução constante de catexias*, que são investimentos, o prédio descasca-se e seus tijolos se decompõem de forma, os objetos se quebram e não são repostos, as pessoas esquecem regras ou as substituem por outras, condutas deixam de existir, *porque passa a não haver mais interesse ou necessidade*. Uma forma somente é mantida porque existe *desejo*. A distensão é o final de todo devir temporário. É para formar uma utilidade temporária, baseada *na duração de uma necessidade*, que uma *contração* é gerada e sustentada.

Um mundo de jogo é um sistema social que contém contexto, valores, regras de engajamento e efeitos pretendidos. Como é um sistema *individuado formado por catexias e restrito por regras geométricas (mem)branáticas*, esse sistema passa a se comportar como um organismo vivente. No exemplo que dei da concepção analítico-clínica de Ferri, a *relação* é o contexto virtual dimensional, porque é composta por todos os desejos históricos que são emanados dos traços de caráter da díade analista-analisando, e o *setting* é o mundo de jogo. Esse é tanto físico-material quanto físico-virtual, conforme seus graus de atualização e materialização. O lugar, por exemplo, onde o terapeuta se senta enquanto um paciente faz um *acting* ou que tipo de atenção ele demonstra ter enquanto isso ocorre, sua prosódia, suas expressões corporais e também a disposição de objetos da sala *são o setting*, porque indica a *geometria organizada dos tempos propulsionais* daquilo que se *quer*.

Callahan e Destremau apontam que um mundo de jogo *pode* ser também uma instituição, mas para eles, o conceito é mais amplo, trata-se de uma *plataforma onde outras pessoas podem co-gerar o mundo que elas desejam, os valores e compromissos que guiam os esforços, as consequências e os benefícios desejados*. Essa plataforma é desenhada a partir dos desejos que compõem o contexto e geram-se *regimes de regras* para produzir os efeitos desejados como resultados. Como explicam:

> O WhatsApp é uma instituição? Um relacionamento é uma instituição? Uma corrida de maratona? Uma família? Uma cultura? Uma equipe de produção de filmes? Uma banda de *blues*? Um clube de mergulho? Uma oficina de bicicletas? Um projeto de Permacultura? etc. Cada um deles é um mundo de jogo tanto quanto os familiares bancos, corporações multinacionais, exércitos, igrejas, escolas públicas, governos, forças policiais, "realidades econômicas" e franquias

> Starbucks da cultura moderna. Cada mundo de jogo é único, mas cada mundo de jogo é feito dos mesmos componentes, incluindo um Contexto, as Regras de Engajamento, um Códice, [...] e sua membrana semipermeável. Cada mundo de jogo é tão arbitrário e não mais uma "dura realidade" do que algumas crianças montando um mundo de jogo temporário para "*cowboys* e índios". Todos os mundos de jogo são temporários. Perceber que as "instituições" da civilização são meros mundos de jogo é um alerta para perceber que você tem cedido seu centro e autoridade a falsas suposições, ao pensamento habitual, a construções imaginárias[259] (Gaian Gameworlds, 2023[260]).

Quanto mais rígidos e autoritariamente construídos forem os regimes de regras do mundo de jogo, mais esse mundo de jogo tenderá a ser um espaço prisional, destinado a usar, submeter, se apropriar e escravizar as pessoas em seu interior. Quanto mais flexíveis e adaptáveis às necessidades *ad hoc*, mais o mundo de jogo poderá suportar evolução, neguentropia e autorregulação das pessoas em seu interior. Também poderá ser mais facilmente desmembrado em novas células, de acordo com a necessidade evolutiva que ocorra, enquanto que um mundo de jogo rígido tenderá a gerar uma megalópole unificada, sempre para privilegiar o poder hierárquico de quem se encontra em posições superiores de comando e uso daqueles que estão embaixo.

Quanto mais atualizadas se tornam as *regras virtuais branáticas* mais regras mecânicas sequenciais são estruturadas, porque essas últimas seguem as regras do devir configurado eletricamente. É por isso que a estrutura viva parece se comportar como um tipo de máquina, sem que o seja, porque conforme maior for a *necessidade* que determina o fluxo das catexias – seja para uma modelagem aberta mais fluida, seja uma modelagem fechada menos fluida – mais essas catexias assumirão *formas estáveis*. A *estabilidade* é uma necessidade, assim como a *fluidez*. Normalmente, quando uma consciência produz uma forma estável é porque *precisa* que seja assim, para sua própria perseverança. No entanto, uma máquina não tem autorregulação, auto-organização e nem autopoiese, *porque não tem um conatus complexo organizado.* Quando máquinas ou construções mecânicas se sustentam é porque *conatus* complexos, normalmente humanos, *investem nelas com suas próprias catexias*. Conatus complexos têm formas muito inteligentes de se dirigir à liberdade e sustentar suas

[259] Traduzido livremente do inglês: "Is WhatsApp an institution? Is a relationship an institution? A Marathon run? A family? A culture? A movie production team? A blues band? A SCUBA Diving club? A bicycle repair shop? A Permaculture project? etc. Each of these are just as much a Gameworld as modern culture's familiar banks, multinational corporations, armies, churches, public schools, governments, police forces, 'economy-realities', and Starbucks franchises. Each and every gameworld is unique, yet each and every gameworld is made from the same components, including a Context, the Rules Of Engagement, a Codex, […], and its semi-permeable membrane. Each Gameworld is just as arbitrary and no more 'hard reality' than a few children setting up a temporary 'cowboys and indians' playspace Gameworld. All Gameworlds are temporary. Realizing that civilization's 'institutions' are mere Gameworlds is a wake-up call to realize that you have been giving your center and authority away to false assumptions, to habitual thinking, to imaginary constructs".
[260] Cf. *Teoria do Mundo de Jogo* [*Gameworld Theory*] (Gaian Gameworlds, 2023).

perseveranças, porque contam com uma *variabilidade autônoma*. Isso significa que podem perseverar, segundo *necessitem e desejem*, pela gestão e redistribuição de cargas elétricas. *Conatus* com baixo grau de complexidade se libertam de suas formas estruturadas de maneiras muito simples, por decomposição, e se sustentam apenas pela força contrátil de suas ligações elétricas e pela irradiação balanceada de suas emissões magnéticas. De certa maneira, o Cosmos é entendido por Reich como *equilíbrios complexos de tensões e distensões*.

Em Reich, a *variabilidade* dos investimentos energéticos em *tensão-carga-descarga-relaxamento* soluciona a querela dos séculos dezoito e dezenove a respeito do debate entre o vitalismo e o mecanicismo (cf. Reich, 1988, p. 313). A variabilidade do quanto de tensão e distensão, carga e descarga são necessárias em determinados momentos temporais, depende, justamente, da necessidade *contingente*, isto é, *ambiental*, de um ser. O mecanicismo afirma que a vida não é variável e que apenas obedece a regras mecânicas predeterminadas e rígidas. O vitalismo afirma que há uma energia de fora que é *insuflada* em um sistema mecânico morto, que se torna *vivo*. Ambas as concepções formam uma *dicotomia* na existência e por isso não são funcionais, porque não demonstram o *princípio de funcionamento comum ao longo de mente e corpo*. Insuflar é possível, mas quem está vivo é quem *anima* e a matéria animada assumirá o *modo do conatus* de quem propulsiona a ação.

É claro que isso nos conduz a uma questão teológica e cosmológica importante, porque *o conatus é o primum movens de qualquer existência temporal-dimensional.* Então, não há possibilidade de *um conatus vir de fora e animar uma matéria que "não teria um conatus"*. Um ser pode animar outro *por um estado de comunhão* ou de *corporeidade compartilhada.* No entanto, quanto mais complexo for um *conatus*, isto é, quanto maior for sua capacidade de variabilidade catéxica, maior será a necessidade de *permitir* que essa comunhão aconteça. Isso porque quanto maior for a capacidade de variabilidade, maior a capacidade de discernimento de uma consciência. Já a questão "de onde vem o *conatus*?" precisa de um aprofundamento e levantarei duas hipóteses mais à frente.

Faço um breve resumo do que elaboramos até o momento. O grau de autonomia de um ser ou sistema vivente, que é uma *aglutinação* de catexias estabilizadas, se dá pelo grau de *pulsação* ou *gestão econômico-energética da função tensão-carga* para suprir suas necessidades. A *forma* do sistema é dependente da formatação da planta baixa elétrica que gera a matriz para sua atualização material. A estabilidade da forma das catexias elétricas depende da necessidade do *conatus* de uma consciência. A rigidez de um corpo ocorre ao mesmo tempo que as programações condicionais lineares que se dão na mente. A flexibilidade de um corpo ocorre com a variabilidade das programações condicionais na mente. Ambos os modos são

maneiras de gerar adaptabilidade. Quando a adaptabilidade *retira possibilidades* de variação a consciência se torna restrita e presa em constructos físicos materiais e constructos físicos virtuais. Quanto menos possibilidades, menos ela será capaz de escapar. Quanto mais possibilidades, mais ela será capaz de atravessar mundos-brana e gerar outros. A ação gravitacional de uma consciência depende do quanto ela *quer* e de quantos discernimentos possui *do que é possível*. Quando dois seres se animam mutuamente ao fazerem sexo, por fusão e interpenetração de catexias, não apenas modulam seus devires como geram um terceiro, que passa a ter um *conatus* próprio. Um novo ser terá tanta autonomia quanto for capaz de aglutinar modulações catéxicas em si e realizar a *gestão econômico-energética da função tensão-carga* para suprir suas necessidades.

Dito isso, retorno ao mundo de jogo. Um mundo de jogo é como uma célula, e como ela é *conatus* e modula *conatus*, ela é uma pequena bateria que comporta uma certa carga elétrica e produz correntes. Correntes são o desejo do *conatus*. Para manter a gestão econômico-energética de seu interior ela precisa *lançar para dentro e para fora* íons, o que significa conveccionar centripetamente e centrifugamente energia e informação. Essa troca ou comunicação constante é feita pela membrana, que não existe em si, a não ser como uma aglutinação necessária de catexias elétricas. Tanto a sustentação de uma forma-brana (membrana) é *conatus*, quanto as regras geométricas dessa membrana (que definem o que pode ou não atravessar seus limites e o que pode ou não existir dentro dela) são *conatus*, e a modulação do *conatus* depende da *autopercepção* de uma consciência, que é uma função do *conatus*. É por essa razão que a célula sabe a quantidade de íons (que definem a voltagem interna) que precisa *manter dentro* para sustentar sua perseverança. Sustentar, fazer a autoeconomia e perceber são funções do *conatus*.

Como uma célula, um mundo de jogo tem regras de fluxo, regras geométricas e regras espaciais. São sinônimos. "Como" o esforço vai se dar no *interior* desse mundo de jogo, as opções dos participantes, o que eles podem ou não fazer enquanto estiverem dentro dele, dependem dessas regras. As possibilidades de movimento e de devir no interior de um mundo-brana dependem e são submetidas às regras geométricas desse mundo-brana. Como um mundo-brana que é composto por consciências viventes passa a ser um sistema vivente, esse sistema passa a ter seu próprio *conatus* e se esforçará em perseverar e utilizará a própria energia caótica/cósmica da qual é constituído para se organizar. Por isso, seu esforço em perseverar também vai gerar caminhos não lineares de correntes e fluxos para gerar soluções inteligentes/ auto-organizadas para a perseverança. Isso significa que se uma consciência em seu interior *ameaçar a perseverança do sistema*, ele tomará medidas não lineares para resolver o problema,

de acordo com suas regras branáticas. Isso significa expulsar essa consciência, fagocitá-la (destruí-la, absorver seus restos e expelir o que não for de interesse) ou forçar a mudança da sua maneira de devir, a fim de que ela se adéque às regras geométricas desse mundo-brana.

Isso está muito bem exemplificado no filme "A Origem" (*Inception)*, de 2010, produzido e dirigido por Christopher Nolan. No filme, Ariadne, uma arquiteta, interpretada por Elliot Page, entende que tem o poder de mudar a arquitetura interna do constructo virtual onde está junto com Dom Cobb, o Extrator, interpretado por Leonardo DiCaprio. Cobb explica a Ariadne que ela pode moldar e reconstruir os cenários dos sonhos, descritos como "labirintos", apenas com o uso de sua intenção, ao distorcer espaçotemporalmente as regras geométricas do constructo. Em princípio, fica encantada com o que é capaz de fazer, no entanto, Cobb lhe adverte que o constructo irá se defender se ela fizer isso. Apesar de estar advertida, Ariadne passa a brincar com as regras de realidade do constructo e distorcer avenidas, árvores e prédios. As pessoas que habitavam esse lugar logo se enfurecem e uma delas se aproxima a Ariadne e lhe dá uma facada, o que a leva a acordar do sonho assustada.

Se uma pessoa não compreender que um mundo de jogo é apenas uma *construção virtual temporária* e materializada segundo a forma elétrica do contexto, ela *tenderá a acreditar que esse mundo de jogo é a sua realidade*. A sensação de *não ter uma realidade estável* pode gerar medos profundos e irracionais nas pessoas, que tentarão gerar qualquer tipo de contenção, tensão corporal ou sistematização elétrica do pensamento para regerar a ilusão de *segurança*. Reich afirma que quanto mais *imatura* ou *encouraçada cronicamente* uma pessoa for, menos será capaz de encontrar alegria no incerto. O horror de não ter uma estabilidade segura e estar condenado às próprias superstições da mente *é um importante fator para a maior parte das reatividades caracteriais*. Por isso, Reich repetidamente apontou "a profunda aversão [que tem a] pessoa média a perguntas que tocam o cerne de sua vida" (2003 [1951], p. 42). Isso significa perguntas que *desestabilizam as pretensas realidades seguras e prisionais às quais elas desesperadamente se agarram*.

4.5 Imaturidade caracterial

O desejo de se agarrar em uma realidade fictícia denota *um grau importante de imaturidade*[261] *caracterial*. Podemos nomear *cinco razões* para a imaturidade. *Primeiro*, a

[261] Como explica Navarro: "Isso significa que a nossa caracterialidade [...] é formada em condições de *imaturidade*. [...] Isso acontece porque até os 8 ou 9 anos se reprimem, se cimentam certas situações que

pessoa não sabe gerar ou não pode confiar em seus *próprios recursos internos de sustentação*, porque depende que o exterior seja provedor desses recursos. A pessoa, desde muito cedo, sente-se incapaz, desprotegida e, sem que receba orientação e tutela, sente-se desamparada. O que precisou enfrentar foi grande demais para o que podia fazer na época, então a programação condicional de que *ela não tem o que necessita* é muito forte.

Segundo, a pessoa *não sabe o que quer*, porque não se permite o *direito a querer*. Ela *antecipa* que o que necessita não lhe será concedido ou fornecido *e não há formas de obter isso*, portanto sua couraça impede que ela sinta o desejo do que *necessita, porque experienciar que novamente não será atendida pode ser extremamente doloroso*.

Terceiro, a pessoa teve que *se adaptar a regras irracionais* ou sem causalidade lógica inteligível de cuidadores com grande labilidade e incoerência emocionais. Em algum momento, entendeu como sobreviver *com alguma segurança* às regras de um mundo-brana muito particular com poucos princípios funcionais e imanentes. Essa realidade transcendente passa a ser considerada segura *pela esperança de que caso se adapte às regras irracionais e não as rompa* terá maiores chances de não ser punida ou machucada.

Quarto, a pessoa não compreende o espaço-tempo *onde* sua consciência está posicionada e apenas *sente, nesse lugar,* que *é inevitável ser subjugada*, portanto, *precisa lutar* com os parcos recursos que possui ou *precisa escapar*. Nesses *quatro casos*, ainda que possa haver outros, existem a sensação e a crença de que a pessoa *não pode conveccionar catexias conforme precisa*, porque a couraça crônica a impede de *sentir espontaneamente e responder adequadamente*.

Reich demonstra em muitos momentos do livro *Psicologia de massas do fascismo* como "a inibição moral da sexualidade natural na infância [...] tem um efeito de paralisação sobre as forças de rebelião [...], porque qualquer impulso vital é associado ao medo" (2001 [1933], p. 45). Quando Reich se refere à repressão das necessidades sexuais infantis ele pretende apontar o efeito de *temor* exercido sobre a espontaneidade, a autodescoberta, o contato com as próprias necessidades e a capacidade de autorregularem-se das crianças. Quando, para sobreviver, elas *necessitam se adaptar à ordem autoritária*, apesar dos sofrimentos, das humilhações, ausências e negligências, essa adaptação toma o *custo* de uma perda de sensibilidade e, portanto, de saber se posicionar *a partir de orientações internas*.

provocam medo, temor, ansiedade, conflitos e formam a couraça caracterial. Essa repressão nasce da necessidade de defender-se daquilo que chamo de emoção primária, isto é, o medo, do qual surgem depois todos os mecanismos mais ou menos distorcidos de defesa, pela necessidade biológica de sobreviver" (Navarro, 1995a, p. 21, grifo nosso).

Quando a autopercepção é comprometida por bloqueios, *os sentidos (vetores) internos de suas catexias* não são permitidos pela couraça crônica e a pessoa tem sérias dificuldades em sentir, com profundidade, *o que necessita e o que quer*. Qualquer impulso catéxico que informe uma necessidade interna é contrainvestido pela própria couraça, que tem a tarefa de preservar a vida da pessoa e não a expor a mais riscos. Por isso a pessoa não sente ou sente pouco.

Essa insensibilidade não é passiva, é ativa. "Contra-querer", no momento preciso quando o impulso da necessidade surge, faz com que a *estase interna* aumente e a pessoa *não seja capaz de dirigir o impulso para o exterior*, tanto para a periferia (pele), quanto para o campo estendido do seu corpo. A extensão do campo pode ser tanto como emanação verbal, quanto como irradiação de forma expressiva não verbal. Se a pessoa não sabe ou não pode dirigir suas catexias para o exterior, *logo ela também não sabe como concentrar catexias para gerar o efeito ou os recursos que necessita*. Desejar, querer e observar o que necessita *são as bases da sexualidade e são os sentidos da vida*. Não digo "sentidos simbólicos", digo sentidos de propulsão. Quando uma pessoa diz "Quero.", em ato, significa que seu corpo armazenou *energia potencial* por convecção centrípeta de catexias, significa que ela *se dá permissão interna* para irradiar esse desejo para o exterior, significa que sente ondas de *prazer* em seu corpo e significa que ela tem *clareza sobre a forma do devir desejado*. Simultaneamente. Isso é fácil de ser experimentado, basta dizer essa palavra em voz alta, *em ato*, com a participação do corpo e observar o que se sente dentro dele quando se enuncia a afirmação. Pode-se repetir, algumas vezes inclusive, e observar o que ocorre no corpo também. Talvez haja algumas pessoas que sintam uma pequena movimentação de medo ao dizerem isso, o que apenas indica algum contrato de sobrevivência que está vigente até hoje.

Uma *quinta razão* para a imaturidade pode ser mais grave. Talvez as *inseguranças ambientais* tenham ocorrido em um momento anterior à fala, seja em um tempo de amamentação, neonatal ou fetal. A adaptação não é sentida em relação a um autoritarismo, mas a um risco de desligamento e de morte. É claro que qualquer autoritarismo severo em um período infantil tende a levar ao mesmo tipo de medo e fim, porque é isso que está em jogo:

<Se> você não se adaptar, submeter, aceitar, conformar às minhas regras autoritárias <então> eu irei abandonar você e <então> você vai morrer.

Essa é normalmente a programação de um constructo virtual autoritário na infância. No entanto, uma criança que já esteja no final da amamentação e caminhe *tem tônus muscular e compreensão de possibilidades suficientes* para tentar saídas variáveis. Seu *conatus tenta*

gerar diversas estratégias de perseverança não lineares para *dar a ela uma esperança de sobreviver* ao ambiente autoritário, abandonador ou opressor.

Analisarei a *quinta razão* em maiores detalhes no capítulo onde trato dos casos em que *o risco de desmantelação de regras de segurança significa um risco de desmantelação do próprio campo do Si*, algo que ocorre de maneira mais frequente em pessoas que tenham *sobrevivido* a traumas ou estresses intrauterinos graves ou durante o período da amamentação. Esses casos podem incluir a ocorrência de *surtos, ataques de pânico* e outros tipos de terrores profundos. Antes do desenvolvimento da fala e de um tônus neuromuscular/neuromotor *que permitam que a criança tenha força de convecção* para gerar impacto social, *ela tem muito poucos recursos para lutar contra seu sentimento de impotência*, diante de um ambiente ameaçador. Por isso, são registros de imaturidade muito mais profundos e *desafiar normas de segurança torna-se muito mais grave*.

As estratégias não lineares que o *conatus* é capaz de gerar *quando uma criança é capaz de andar e falar (gritar, espernear, manipular)* são maiores e mais complexas do que quando ela sente apenas que pode chorar ou sucumbir. Como forma de *ímpeto* ou de sobrevivência propulsiva a um meio opressor ou escasso (na mente, são os *tempos da couraça de caráter*; no corpo, são os *tempos da couraça muscular*, como veremos[262]), a criança pode desenvolver traços manipulativos, vitimizatórios, carentes e/ou tornar-se desejosa de entregar sua integridade a alguém como moeda de troca para que seja minimamente cuidada. A criança pode aprender a torturar – quando aprende a usar sobre outros o próprio chicote que foi usado sobre ela. Pode aprender a se autodesorientar, a não saber pleitear, a ser superficialmente cordata, a não se fazer ouvida, a não colocar limites – a fim de que não seja entendida como

[262] Apresentarei no capítulo seguinte o que conceituo como *as quatro expressões da couraça*: *espaço e tempo da couraça de caráter* e *espaço e tempo da couraça muscular*. Por ora, podemos considerar que o *lugar estrutural dimensional* onde uma consciência pode se tornar retida e presa é o que chamo de *espaço* da couraça de caráter. Como disse, ele é uma definição de regras moldada de forma *estrutural* na mente. Já o *tempo* da couraça de caráter é a inteligência, a estratégia e o "como" do *ímpeto*. O "como" do ímpeto tem uma certa estruturação, tem um certo modo formal, mas é instável e propulsivo, ainda que possa assumir metaestabilidades estruturais. Quando é não estruturado, a não linearidade da convecção catéxica é muito maior. Enquanto o *espaço da couraça* é um caos organizado em uma *estrutura prismática*, isto é, são convecções catéxicas moldadas de maneira estrutural, que permitem identifica-lo e delimitá-lo, o *tempo da couraça* é um caos organizado de *maneira caótica*, isto é, não linear, rebelde, anárquica, burladora de normas constritivas, *com mais lentidão ou menos lentidão*, por isso é a expressão do *conatus* que *busca, gera e convecciona as estratégias de perseverança móveis*. De todas as maneiras, as possibilidades propulsivas do *tempo* da couraça *são submetidas* às regras geométricas do *espaço* da couraça. Isso significa que o *tempo* da couraça pode burlar quaisquer tipos de regras e encontrar caminhos não lineares para diversos tipos de constrições, *desde que não infrinja as regras (de existência/sobrevivência/realidade) do próprio espaço prismático onde está confinado*. Tanto o espaço quanto o tempo da couraça são *modos de organização e expressão do conatus do sistema vivente.* O que uma consciência faz para perseverar enquanto *movimento* é seu *tempo*. O que uma consciência faz para perseverar enquanto *regras de segurança* é seu *espaço*.

uma ameaça para o meio autoritário. São apenas exemplos de *estratégias não lineares de consciências aprisionadas, imaturas e irresponsáveis*.

Enfim, são muitas as possibilidades *de o conatus buscar saídas não lineares para a perseverança da criança, enquanto sua atividade propulsiva está confinada às regras de duas realidades constritivas.* Uma delas inclui o contexto e o mundo de jogo prisional *gerados por outras pessoas* para garantir controle de quem está imerso nesse mundo de jogo. No caso das crianças, as construções prisionais costumam ser moldadas (como contexto) e atualizadas (como mundo de jogo) pela própria família. Outra delas é o próprio constructo virtual prisional que a criança, no caso, *molda para si mesma*.

A primeira *realidade constritiva* já a exploramos, na forma de *contexto e mundo de* jogo, que são expansões ou projeções de mundos-brana internos, nas quais pessoas *tentam prender outras nos mesmos constructos prisionais onde estão.* A segunda *realidade constritiva* é a própria *definição de realidade* que a pessoa define para si mesma, sem palavras:

"Não tenho nada a fazer aqui a não ser me adaptar. Sou completamente impotente nessa realidade e não poderei perseverar ao menos que eu faça esse comportamento [x]".

Essa é uma *definição de regras branáticas* que é moldada de forma estrutural na mente *pela convecção estabilizada de catexias elétricas*. Na mente, é o que chamo de *espaço da couraça de caráter*. É um prisma prisional quadridimensional no qual a consciência passa a habitar. Essa convecção não é passiva, é ativa. *A criança molda e passa a controlar essa realidade dimensional para que possa ter previsibilidade e saber como perseverar no interior dessa realidade*. Como essas regras branáticas formam as "paredes" dimensionais do prisma, que é o espaço-tempo confinado, restrito, particular e inexorável[263] da couraça de caráter, ESSE PRISMA TORNA-SE UM *MUNDO-BRANA* QUE PASSA A EXISTIR DENTRO DA PESSOA.

Quero dizer com isso que um *mundo-brana virtual é a realidade onde e quando uma consciência passa a habitar e se torna confinada e voluntariamente submetida às suas regras geométricas de realidade*. Torna-se um *ambiente virtual para a consciência que o habita com sua própria imagem corporal quadridimensional eletricamente formatada.* Todos nós portamos em nosso interior plasmático corporal e subjetivo mental *diversos* e *simultâneos* constructos virtuais prisionais, por conta de todos os "jeitos de sobreviver" que tivemos que *gerar, o que significa "eletricamente formatar ou conveccionar".* Cada um desses constructos

[263] Quando uma consciência vive em um espaço-tempo confinado, restrito, particular e inexorável ela experiencia uma *sensação de beco sem saída*. Essa sensação é a responsável por todos os pânicos e desesperos vivenciados por uma consciência. *Inexorável e fatídico são termos que caminham juntos*. A sensação de inexorável é fundamental para a compreensão da *densidade* de um mundo-brana prisional.

que *retemos e não soltamos na mesma medida* (que implica relaxar o corpo e irradiar as catexias elétricas, para que possam gerar descarga[264] e expansão[265]) tornam-se espaços dimensionais que passam a ser habitados por *consciências*. Cada consciência que habita um constructo assume a *forma virtual* do estado de forma do devir no momento *em que o constructo foi gerado*. Já explicarei isso quando tratar das "imagens corporais da consciência".

Isso se deve ao ato de geração/retenção que é o mesmo. O corpo quadridimensional virtual que a pessoa gera eletricamente em sua mente faz parte do mundo branático que ela gera para ter *estabilidade e previsibilidade* e assim, sua forma corporal virtual também faz parte desse mundo e está sujeita às mesmas regras/desejos de estabilidade e previsibilidade desse mundo construído. *Se o mundo ameaçador precisa ser* previsível e estável, o devir do corpo também precisa ser previsível e estável, *porque é aquela criança, naquele momento que precisava saber como perseverar*. A forma virtual dessa criança não pode mudar porque ela é sujeita às regras do espaço que não podem mudar. *Não poder mudar* não é uma condenação externa feita por alguém, é uma *condenação interna*, porque "não poder mudar" advém da *necessidade* de manter a *estabilidade e a previsibilidade ativas*.

4.6 Mapas de segurança são mapas de navegação espaçotemporais

Os mundos-brana que passam a existir dentro de uma consciência podem ser entendidos como *mapas dimensionais* ou *mapas de segurança ou mapas de navegação espaçotemporais* dessa consciência. Cada mundo-brana é formado como parâmetro de referência para a atuação do *conatus*. Até aqui tratamos deles como "plantas baixas elétricas"

[264] Nas palavras de Reich: "Todo excedente de energia é descarregado de acordo com o potencial mecânico (do nível mais alto para o mais baixo) no movimento mecânico, em convulsões orgásticas, na radiação de calor e assim por diante" (2003 [1951], p. 159). Isso significa que se a descarga não acontece por convulsões que *soltam* e dispersam a tensão previamente acumulada, a pessoa não dispersa também as concentrações energéticas que condensou para gerar um efeito estável.

[265] Prefiro o termo "expansão" do que "dissipação", que poderiam ser usados como sinônimos, visto que ambos os movimentos indicam uma "irradiação dispersiva". No entanto, "dissipação" pode trazer consigo a ideia de que a energia centrífuga posta em movimento, a *descarga*, é descartada. Isso não acontece. A energia que é expandida/descarregada/irradiada torna-se novamente corrente e é reaproveitada para a potência geral do organismo. É isso que ocorre com a liberação das defesas caracteriais: as potências de pensar, de agir e de sentir do sistema vivente como um todo aumentam. Passa a estar disponível um *quantum* energético maior *circulante*. Se "dissipar" quisesse dizer "descartar", essa compreensão não seria econômico-energética, porque a descarga produz movimento de expansão e soltura, não de *descarte*. As forças centrífugas são possibilidades de descompressão das tensões acumuladas e modificam os tensionamentos geométricos *a partir dos quais* se conveccionariam novos ímpetos catéxicos. Expansão traz o sentido de autorregulação, enquanto que dissipação pode trazer o sentido de "jogar fora", "perder" na forma de calor, energia e informação para o ambiente. Em suma, podemos *dissipar* uma *forma elétrica*, mas não a energia. Ela não desaparece, ela se expande, descarrega, irradia.

para a materialização de efeitos, pois são formados por catexias elétricas sustentadas como *duração* de uma forma dimensional. A "planta baixa" é literalmente um *mapa arquitetônico quadridimensional* do devir desejado. Mas o que é o devir desejado que provém do *conatus*, que não seja *um arco narrativo de um esforço de perseverança*? Ele contém a *necessidade*, a *atitude* corrente e o desejo de *satisfação*, que é a meta da propulsão desejada que já estava *contida* no início da necessidade[266]. Se provém do *conatus*, inclui a perseverança da própria existência.

A geração de mapas é uma função da emoção psicológica básica *medo*. O medo não significa *antecipação*, é a emoção básica *que conecta a consciência ao que está acontecendo no aqui e agora*. Assim, o medo é uma emoção que funciona como um *scanner* em tempo corrente. Acredito que seja *a inteligência propulsiva do conatus* (sentido que dou à emoção) responsável pelo neologismo que Stephen Porges chamou de "neurocepção"[267]. O medo é o responsável por nos fornecer *informações/excitações* tanto a respeito das condições correntes de nosso corpo, quanto de quem nós somos agora e de onde estamos agora. Creio que o medo nos permite dar um passo além das *respostas viscerais de segurança do ambiente* e compreendermos *como* mundos-brana são formados e *por que* são retidos, pois são mapas que se tornam realidades formais, que, por sua vez, são habitadas por consciências.

Como Vera Franco, treinadora do *Possibility Management*, explicou, quando uma parte da pessoa "já sabe" o que irá acontecer e consegue "antecipar" que algo funciona de certa maneira, então "você perde uma parte de si mesmo que ainda não foi descoberta em você. E é isso que o medo traz à tona. Traz à tona o que não foi descoberto, [...] traz aquilo que te coloca em risco"[268] (Franco, 2021a, 02min:07s a 02min:32s). O medo é a emoção que traz a

[266] Na aula chamada *Por que vale a pena mudar minha experiência do tempo?* (*Why it is worthwhile to change my experience of time?*) o físico Michael Clarage (2023) explica o arremesso de um projétil e analisa a percepção que temos do tempo. Segundo demonstra, a existência da propulsão não é seu início, nem seu meio nem seu final, mas todo o arco temporal do ímpeto. Os ímpetos do *conatus* seguem a mesma lógica do ímpeto de projéteis. Existe a necessidade, o momento da decisão, o retesamento de alguma forma de energia potencial, o disparo que é a liberação expansiva da energia potencial e a propulsão desta na direção de um objetivo desejado. Tanto a necessidade, quanto a compressão, o movimento de hipérbole, a distensão do ímpeto propulsivo inicial e o espaço de probabilidade de acerto desejado no início *são a duração da existência de um ímpeto*. O ímpeto não existe sem esse "arco narrativo". Sem o tempo, o que teríamos seria uma sucessão de espaços, como uma sucessão de fotografias. Mas isso não ocorre, porque uma fotografia apenas contém uma *fração* do que chamo de arco narrativo do ímpeto e essa fração *não contém a duração*. Sem a duração não é possível sabermos a respeito da essência de um ímpeto ou de sua história ontogenética.

[267] De acordo com o neurocientista Stephen Porges (2012), desenvolvedor da Teoria Polivagal, a neurocepção é um escaneamento contínuo por pistas de segurança ambientais, realizado pelo Sistema Nervoso Autônomo. Contudo, considero que a *atividade* de escaneamento necessite de *propulsões catéxicas* e, como toda propulsão, possui necessidade, ato e destino. Por isso, são convecções elétricas de tensão-carga-descarga-relaxamento contínuas, com o propósito de *aferição e posicionamento espacial*. As catexias que possuem essa função podemos chamar de *medo*.

[268] Traduzido livremente do inglês: "you lose a part of yourself that is the undiscovered in you. And this is what fear brings out. It brings out the undiscovered [...] brings the thing that puts you at risk".

possibilidade do que pode ser descoberto *agora*. Quando pensamos que *medo é antecipação de um cenário inexorável*, estamos referindo-nos a um *bloqueio de uma emoção vegetativa no corpo e na mente (excitação e sensação).* No entanto, se o medo *molda* um cenário possível que *não é inexorável*, essa emoção básica é apenas *fonte de energia e informação para o corpo e para a mente.* Portanto, o que *o medo molda quando não é bloqueado no plasma corporal* é sempre um esforço *ad hoc* (que indica uma possibilidade de evento) e não um esforço *perene* (que indica a inevitabilidade de um evento).

O medo é uma convulsão bioelétrica que atravessa o corpo na forma de correntes plasmáticas e, como as emoções de raiva, tristeza e alegria, são fontes de energia e informação *que podem nos nutrir bioeletricamente e são recursos catéxicos de manejo e de perseverança em ambientes*. Antecipação é a geração de um mundo-brana ficcional, pois é uma suposição de mundo futuro que não existe no aqui e agora. Por isso, antecipar é gerar um constructo transcendente. Isso *não é negativo*. Isso é negativo se a consciência *passar a habitar esse constructo como se fosse uma realidade inexorável*.

Uma "antecipação" é gerada na mente como uma *possibilidade de evento futuro*, portanto, é uma formação elétrica gerada pelo *conatus* que quer informar à consciência: "veja, existe essa possibilidade de evento futuro, estou desenhando ela de maneira bem precisa para que você compreenda. Essa possibilidade futura pode ser uma referência para que possa saber o que *está acontecendo no aqui e agora e que, se persistir (durar) como presente contínuo, pode desembocar nessa forma possível de devir espaçotemporal"*. Assim, o medo é um *desenhador de mundos-brana*. Ele *molda formas dimensionais* para o posicionamento da consciência. É o passado, o presente e o futuro simultâneos na forma de uma planta baixa elétrica *estabilizada*, que visa *gerar parâmetros de localizações seguras geoespaciais para a consciência*.

Quando o medo detecta riscos e gera cenários futuros como desenhos dimensionais de regras de segurança, o que ele faz é *gerar as regras dimensionais do mundo-brana*. Quando um mundo-brana na mente torna-se autocontido, um futuro determinístico e um espaço virtual prisional, no corpo isso é uma *emoção de medo bloqueada*, que são convecções catéxicas sustentadas de maneira *tensa*. Esse medo *bloqueado* passa a ser um "medo que não passa", porque essa informação catéxica não pode ser descarregada ou convulsionada ao longo do sistema plasmático do corpo. Quando o medo não é bloqueado, o ser convulsiona essa *tensão elétrica acumulada e a expande* através de ondas clônicas pelo corpo. Essa é a *tecnologia de autorregulação que os seres naturais utilizam para realizar o balanceamento de cargas elétricas no corpo após experienciarem eventos significativos de risco: eles tremem.* Esse

mecanicismo está muito bem descrito no livro de Peter Levine *O despertar do tigre: curando o trauma* (*Waking the Tiger-Healing Trauma*). Como afirma o autor:

> Durante esse tempo, o impala poderia despertar de seu estado congelado e fugir rapidamente em um momento de desproteção. Quando ele está fora de perigo, *o animal literalmente se livrará [tremerá, chacoalhará] dos efeitos residuais* da resposta de imobilidade e ganhará controle total de seu corpo. Ele então retornará à sua vida normal como se nada tivesse acontecido[269] (Levine, 1997, p. 24, grifos nossos).

Após um evento traumático, apenas quando animais encontram um *lugar seguro*, eles começam a *tremer (convulsionar)* como forma de descarregar as tensões elétricas acumuladas. Após a descarga, seus sistemas se reorganizam e seguem a vida normalmente. Os humanos, como conveccionam uma forma de "eu narrativo", como veremos, podem *prevenir* através da geração de regras branáticas que essa liberação e distensão ocorram. ENQUANTO ESSAS CATEXIAS SÃO RETIDAS, PARA CONTROLE E PREVISIBILIDADE, A CONVULSÃO CLÔNICA COMPLETA NÃO ACONTECE E O MEDO NÃO É DISSIPADO. POR ISSO, ESSA CONSCIÊNCIA CONTINUA VIVENDO EM UM ESPAÇO INSEGURO EM SUA MENTE, NO QUAL SEMPRE ESTÁ TEMENDO E SEMPRE ACIONANDO RECURSOS PARA SOBREVIVER. Esse é um dos princípios básicos de funcionamento de somatizações (inflamações ou distonias corporais) e neurotizações (comportamentos antecipatórios disfuncionais às necessidades do aqui e agora). Também acredito ser parte do funcionamento por trás das *cisões em esquizofrenia*. Nesses casos, a consciência *gera um mundo-brana dentro de um mundo-brana e passa a viver no interior e sob as regras desse segundo mundo-brana segmentado*. Trata-se de gerar uma possibilidade espacial de perseverança, dentro de um *espaço definido por uma completa impossibilidade de perseverança*.

Animais seriam altamente neuróticos *se não convulsionassem a energia vegetativa do medo* após um evento de risco, porque o *conatus* desses seres acumulam, de maneira potencial, uma quantidade enorme de tensões elétricas para serem disparadas a qualquer momento, seja para *lutar*, seja para *fugir*. No entanto, eles apenas são capazes de fazer isso se *desenharem para si mesmos cenários possíveis de escape ou de luta*. Esses desenhos são totalmente sensoriais, são *sentidos de realidade possíveis*. Apenas humanos seriam capazes de narrar ou descrever com palavras *como são os cenários desenhados por suas mentes*.

[269] Traduzido livremente do inglês: "During this time, the impala could awaken from its frozen state and make a hasty escape in an unguarded moment. When it is out of danger, the animal will literally shake off the residual effects of the immobility response and gain full control of its body. It will then return to its normal life as if nothing had happened".

No entanto, tanto os humanos quanto os animais *se* não puderem *desenhar* alternativas viáveis de realidade *onde/quando* tenham a *esperança (previsão)* de escapar ou lutar contra com sucesso, suas consciências apenas *definem:* "não tenho possibilidade alguma de sobreviver, irei morrer e isso é inevitável. A única coisa que me resta a fazer é *preparar meu corpo e minha mente para o impacto iminente e o desaparecimento da minha existência*. Não quero estar consciente quando isso ocorrer". Nesse momento, a consciência *pede/deseja* ao *conatus*: "gere maneiras de me desligar para que eu não experiencie a trucidação". Nesse momento, acontece o anestesiamento ou desligamento de funções sensoriais e o sistema vivente pode entrar em algum modo de *torpor ou desmaio*. Esses três modos catéxicos do *conatus*: luta, fuga ou anestesiamento (atuar como morto) são bastante descritos por Stephen Porges (2012) em sua Teoria Polivagal. Existem muitas possibilidades de elaborar a teoria de Porges em relação à *teoria dos mundos-brana da consciência* que apresento aqui, bem como com os mecanismos neurais da esquizofrenia. Contudo, isso requer investigações que não serão objetos do presente trabalho, mas são direções possíveis.

Por isso, falamos muito de "programações condicionais" geradas pelas sintaxes <se>, <então>, porque elas são as regras branáticas. Se essas regras são uma modulação *ad hoc*, portanto temporárias e que *podem ser dissolvidas, modificadas, destruídas, desbloqueadas, convulsionadas, flexibilizadas*, então elas *não são um problema*. Quando elas *não podem*, porque essa é a *necessidade de controle da consciência*, então elas tornam-se rígidas e tornam-se limites dimensionais que delimitam possibilidades de ação, de pensamento, de sentir, de devir, porque passam a ser regras de *segurança*. *A rigidez da formatação é o grau de inexorabilidade com o qual os eventos temporais ocorrem em seu interior*. Quanto mais rígida é uma forma elétrica formatada, os eventos *poderão acontecer* no seu interior de modos mais *previsíveis e determinados*. *O fluxo de tempo que acontece dentro de um espaço branático é um presente contínuo para a consciência que o habita*. É verdade que qualquer mundo-brana, ao ser uma moldagem centrípeta de catexias elétricas, *delimita possibilidades*. O neurocientista Anil Seth (2016) chamou essa moldagem perceptual, realizada pela consciência, de "alucinação controlada", que é uma *programação*. Conforme explicou:

> A percepção envolve a minimização do erro de previsão simultaneamente em vários níveis de processamento nos sistemas sensoriais do cérebro, atualizando continuamente as previsões do cérebro. Nesta visão, que é frequentemente chamada de "codificação preditiva" ou "processamento preditivo", *a percepção é uma alucinação controlada*, na qual as hipóteses do cérebro são continuamente refreadas por sinais sensoriais que chegam do mundo e do corpo. "Uma fantasia

> que coincide com a realidade", como disse eloquentemente o psicólogo Chris Frith em *Making Up the Mind* (2007)[270] (Seth, 2016, grifos nossos).

Tudo o que é formado e o que não é formado é uma mesma "realidade" espaçotemporal, que é um *continuum*. Esse não é divisível, porque a natureza cósmica que é Deus não pode ser dividida. Então, para que algo seja "real" aos nossos sentidos biológicos e às máquinas que registram e mensuram sinais, é necessário que: 1) formas elétricas membranáticas "dividam" ou "criem partições" do espaço-tempo comum; 2) que espacialidades moldadas "movam-se", isto é, tenham uma quarta dimensão temporal, pois sem que algo se mova, ainda que muito lentamente, dimensões espaciais não poderiam ser detectadas por nenhum instrumento sensorial. De maneira simples, podemos pensar na atmosfera. Ela não pode ser particionada, a menos que a "encaixemos" por meio de alguma densificação do espaço que permita gerar uma (mem)brana. Essa partição é excitatória, os limites são uma densificação obtida por uma concentração e estabilização elétrica. Outra maneira de particionar a atmosfera, é por uma partição virtual-informacional. Podemos olhar para um espaço na atmosfera, fazer uma volta com a mão no ar e dizer: "esse espaço aqui é diferente desse outro aqui" e apontar outro "espaço" no ar. É assim que os limites de cidades são desenhados na forma de mapas.

O que há de comum na partição excitatória e na partição informacional é que ambas são investimentos do mesmo desejo. Um mapa é configurado e sustentado por uma *intenção*, pois, para existir com *sentido*, ele necessita de dois sentidos: um *momentum* vetorial, que é um destino de catexias excitatórias, e um sentido de significados que *narram* a diferença entre dois espaços no mapa. Um mapa desenhado no papel não é um mapa, são rabiscos sem sentido, a menos que existam *convecções de sentidos* que o tornem existente, em ato. Sem interesse, desejo, querer e investimento, essa forma apenas se dissipa, pois não é útil e não atende a nenhum tipo de necessidade. Assim, mapas são partições geradas. Quando essa geração serve a propósitos ela persevera, como toda forma, por concentração catéxica. Quando essa partição é quadridimensional, torna-se um constructo. Como mente, é um constructo virtual e também uma "alucinação programada" como disse Seth. Como corpo, são correntes plasmáticas direcionadas e sustentadas com intensidades variáveis.

[270] Traduzido livremente do inglês: "Perception involves the minimisation of prediction error simultaneously across many levels of processing within the brain's sensory systems, by continuously updating the brain's predictions. In this view, which is often called 'predictive coding' or 'predictive processing', perception is a controlled hallucination, in which the brain's hypotheses are continually reined in by sensory signals arriving from the world and the body. 'A fantasy that coincides with reality,' as the psychologist Chris Frith eloquently put it in *Making Up the Mind* (2007)".

De maneira simples, esse constructo pode ser pensado como uma "caixa". Quando uma consciência pensa e age dentro da "caixa", essa caixa é, ao mesmo tempo, um mundo-brana e *um mundo perceptual.* Há pessoas que costumam referir-se à percepção como uma *lente* que colocamos na frente dos olhos e passamos a filtrar aspectos da realidade. Ao mudar-se a lente, muda-se a percepção. Creio que essa analogia funciona como explicação superficial, pois não leva em conta que a percepção é uma *distorção espaçotemporal gerada pelo desejo* e não se trata de um "objeto externo" que pode ser retirado e colocado como uma lente seria, porque essa operação *depende de concentração e dissolução catéxica*. Como vimos, isso *depende* das regras branáticas de segurança, de quão fortemente são investidas e sustentadas e de seus propósitos. Se uma pessoa tiver um pensamento "positivo" e proativo e desejar "trocar de lente" ou "alterar sua crença", o fato de *notar* que tem uma lente e desejar *remover ou dissolver a lente* desestabilizará o processo catéxico de segurança que levou à *geração da lente* e o *conatus* irá calcular se a consciência é madura ou não para suportar essa desestabilização. Se ela não for, a pessoa poderá *mudar uma programação linguística de sua crença*, que é uma concepção verbal da realidade, mas não mudará seus *contratos de segurança internos*.

Dito isso, podemos afirmar que o constructo quadridimensional é uma lente. Quando o constructo, que é um mapa, é gerado por uma concentração de catexias elétricas, essa *tensão deforma o continuum espaçotemporal* e essa densificação é sustentada como uma forma. A consciência que habita o interior dessa forma passa a ver *de dentro* a luz que é irradiada do exterior para o interior, através dessa distorção. O que ela *percebe, de dentro, é que o mundo ao seu redor* ***é*** *de uma determinada maneira*. O desejo de estabilidade gerado pela consciência *deforma* as ondas luminosas que compõem a "realidade" comum, indiferenciada. Quanto mais *tenso* o desejo de estabilidade, mais *densa* é a parede da brana e *mais a luz que existe dentro torna-se existente apenas por meio das modulações permitidas ou impostas pela membrana*. Desse modo, o interior de um mundo-brana é uma "realidade virtual particular" e a delimitação geométrica da brana, assim como seu interior, geram uma distorção espaçotemporal particular e se tornam, para a consciência que habita, uma *lente* através da qual percebe (isto é, experiencia) a realidade. Como a consciência gera o constructo que *necessita*, ela gera sua própria percepção também.

Para que uma consciência possa *sair de um mundo-brana* e olhá-lo *de fora*, ela precisa *poder abdicar das regras dele*, o que significa abdicar *da sensação de segurança e do contrato de segurança gerado*. Falaremos disso no ponto seguinte. Na prática, tanto as informações que entram no mundo perceptual, quanto as que são emitidas *de dentro dele para o exterior*, estão sob o comando do *conatus* formatado. Quando as informações chegam, o

conatus pergunta à consciência: "então, é sob essas regras que você quer compreender essas informações?". Quando a consciência emite vetores para comunicar suas necessidades ao exterior, o *conatus* também lhe pergunta: "então, é sob essas regras que você quer transmitir essas informações?". O *conatus modula* a entrada e saída de excitações e informações de acordo com as necessidades da consciência e suas definições de regras de realidade e segurança. Elas tornam-se um mapa, um constructo, uma percepção, um mundo habitacional para a própria consciência e para outras, desde que o expanda na forma de um contexto.

Moldar a realidade por meio de catexias elétricas, através de sentidos narrativos e de sentidos da excitação plasmática do corpo é útil para que consciências possam *gerar dispositivos energéticos* dos mais variados formatos e tamanhos. No que chamei de "eixo da narrativa", Deleuze explica que um dispositivo é um conjunto multilinear composto por linhas de natureza diferente. *Dispositivos são aglutinações* que "têm por componentes linhas de visibilidade, linhas de enunciação, linhas de força, linhas de desubjetivação, linhas de brecha, de fissura, de fratura, que se entrecruzam e se misturam". E Deleuze ainda aponta que "as diferentes linhas de um dispositivo repetem-se em dois grupos: linhas de estratificação ou de sedimentação, linhas de atualização ou de criatividade" (Deleuze, 1996).

No "eixo do orgasmo", as linhas são investimentos catéxicos, mas não sob o ponto de vista de serem "máquinas de fazer ver e fazer falar" (Deleuze, 1996). São aglutinações do desejo, da intenção, que são expressões da organização caracterial, o que significa "o que se quer, como se quer e para quais propósitos de perseverança se quer". No entanto, *moldar dispositivos* é uma capacidade não apenas humana, mas de todos os seres que têm *conatus*, pois essa moldagem/geração são funções suas. Digo isso porque *mapas são dispositivos* gerados para propósitos de perseverança. Nesse sentido, há um princípio de funcionamento comum *em ambos os eixos*, como Deleuze descreve: "cada dispositivo tem seu regime de luz, uma maneira como cai a luz, se esbate e se propaga, distribuindo o visível e o invisível, fazendo com que nasça ou desapareça o objeto que sem ela não existe" (Deleuze, 1996).

A capacidade de construção de mapas e outros tipos de dispositivos é anterior à representação linguística do mundo, porque animais não humanos a possuem, ainda que não possam codificar uma linguagem verbal. Isso se deve ao fato de que a *codificação de uma realidade e seu arco narrativo* é uma *codificação do esforço*, não uma codificação da fala. Isso significa a moldagem de catexias em termos de espaço e tempo, com existência de passado, presente e futuro simultâneos. *O esforço é a linguagem do corpo*. Harding, Paul e Mendl (2004) foram os primeiros a demonstrar o fenômeno da "preconcepção cognitiva" em um sistema não

humano. No artigo "Comportamento animal: preconcepção cognitiva e estado afetivo"[271], os autores demonstraram que, da mesma maneira que o processamento de informações por seres humanos pode ser influenciado por seus estados emocionais, nos animais não humanos isso também acontece. Por exemplo, pessoas que experienciam estados ansiosos e depressivos tendem a elaborar julgamentos negativos sobre eventos e interpretar estímulos ambíguos de forma desfavorável. O mesmo viés de resposta "pessimista" pode ser medido em ratos alojados em condições imprevisíveis. Conforme demonstraram:

> Ao usar estímulos ambíguos para sondar a *antecipação relativa de animais de eventos positivos e negativos*, demonstramos que ratos em alojamentos *imprevisíveis* mostram comportamento que indica uma redução da antecipação de um evento positivo. Isso se compara aos resultados de humanos deprimidos ou ansiosos, que também reduziram a expectativa de eventos positivos e interpretaram estímulos ambíguos de forma negativa[272] (Harding; Paul; Mendl, 2004, grifos nossos).

Em outro artigo de Nettle e Bateson (2012) chamado "As origens evolutivas do humor e suas desordens"[273], os autores defendem que a capacidade de "humor", como forma de retenção emocional, parece estar filogeneticamente difundida e possui uma função adaptativa. Como explicam: "os humores centrais podem ser localizados dentro de um espaço bidimensional contínuo, onde um eixo representa a sensibilidade à punição ou ameaça, e o outro, a sensibilidade à recompensa[274]" (2012, p. 712). De maneira indireta, apontam os mecanismos de "neurocepção" de Porges (2012) quando dizem que "os organismos não apreendem diretamente o estado do seu ambiente, mas em vez disso recebem constantemente pistas que contêm alguma informação sobre ele[275]" (Nettle; Bateson, 2012, p. 713). *São pistas de segurança e antecipação de cenários futuros*. Os autores demonstraram que, em animais não humanos, recompensas repetidas os estimulam a gerar um estado de expectativa elevada por recompensas, enquanto que não recompensas os levam a gerar estados de baixa expectativa. Dependendo do "viés" ou "preconcepção" que façam em suas mentes, *tanto pessoas quanto*

[271] Traduzido livremente do inglês: *Animal Behavior: Cognitive Bias and Affective State*.
[272] Traduzido livremente do inglês: "By using ambiguous stimuli to probe animals' relative anticipation of positive and negative events, we have shown that rats in unpredictable housing show behaviour indicating reduced anticipation of a positive event. This compares with findings for depressed or anxious humans, who also have reduced expectation of positive events and interpret ambiguous stimuli negatively".
[273] Traduzido livremente do inglês: *The Evolutionary Origins of Mood and Its Disorders*.
[274] Traduzido livremente do inglês: "Core moods can be localised within a two-dimensional continuous space, where one axis represents sensitivity to punishment or threat, and the other, sensitivity to reward".
[275] Traduzido livremente do inglês: "Organisms do not apprehend the state of their environment directly, but instead are constantly receiving cues that carry some information about it".

animais consideram/narram/elegem um conjunto de estímulos ambíguos *e os enquadram em classes de "ameaça" ou "recompensa"*. Conforme explicam:

> Este efeito básico, pelo qual o limiar para tratar um estímulo ambíguo **como prenúncio de um evento negativo** é afetado pelo ambiente que o indivíduo experimentou, em covariância com outros marcadores de humor, foi confirmado com diferentes paradigmas experimentais em ratos e também foi demonstrado em muitos outros sistemas, incluindo ovelhas, cães, porcos, macacos-rhesus, estorninhos, galinhas e até mesmo abelhas[276] (Nettle; Bateson, 2012, p. 717, grifos nossos).

Com essas pesquisas quero demonstrar que *a geração de mapas dimensionais de antecipação de cenários* não é uma capacidade humana, mas de seres que *possuem conatus e são conatus*, isto é, são capazes de moldar mundos-brana a partir de catexias e desejos. *A insegurança, a instabilidade e a imprevisibilidade* estabelecem dificuldades no aqui e agora de saber como se *posicionar*, porque não há ordem nem direção clara para a perseverança. Por isso é função do *conatus*, a partir da emoção básica medo (que não é o mesmo que pânico, desespero ou estados antecipatórios), construir mapas dimensionais na mente para geolocalização e definição de realidade. O objetivo dessa geração é tornar a consciência capaz de *afirmar como funciona uma realidade, no que ela consiste e quais são seus parâmetros contingentes.* Essa afirmação não é uma frase literal, mas é um desenho esquemático na mente. Em um primeiro momento, quando não temos *mapas*, sentimos medo, não porque *esperamos por algo preconcebido*, mas porque não sabemos onde estamos no espaço, quem somos nesse espaço e o que pode acontecer nele. Por isso *o medo cartografa*, isto é, desenha mapas, porque cartografar é uma propulsão do *conatus*. Em outros termos, o *conatus* se esforça em desenhar parâmetros inteligíveis na mente como fonte de perseverança. É a passagem do estado de "não sei" para "sei algo" sobre o que ocorre e o que é possível.

Os mapas passam a ser gerados e retidos internamente como dispositivo de orientação interna e externa simultaneamente. Uma vez que *definimos/afirmamos como existente* esse mapeamento da realidade, essa definição passa a ser um mundo-brana e uma percepção, um "filtro" de realidade. Mapas flexíveis podem ser modificados e atualizados com facilidade, mapas rígidos, não. Como esse mundo-brana é um mundo ficcional, mas útil, porque produz efeitos de atualização, *passamos a tomá-lo como referência*. Humanos e não humanos

[276] Traduzido livremente do inglês: "This basic effect, whereby the threshold for treating an ambiguous stimulus as heralding a negative event is affected by the environment the individual has experienced, or covaries with other markers of mood, has been confirmed with different experimental paradigms in rats and also been demonstrated in many other systems, including sheep, dogs, pigs, rhesus macaques, starlings, chickens and even honeybees".

fazem isso. Como esses parâmetros são *apenas uma interface* como engenho do *conatus* para *conceder segurança e navegabilidade espacial para a consciência*, são alucinações programadas imanentes. Sem elas não poderíamos dar sequer um passo ao caminhar, porque *precisamos acreditar que haverá um chão ao pisarmos, do contrário viveríamos em alarme.*

Assim, alucinar de maneira programada, isto é, antecipar, tomar como reais estados futuros que não estão no aqui e agora, é uma maneira de gerar recursos de segurança. Contudo, a alucinação refere-se à narrativa e não à convecção de catexias. É por acreditarmos temporariamente que essa interface é a realidade que se trata de uma alucinação programada. Porque contamos uma história e dizemos que essa história é a realidade. Se ela é útil, é importante compreendermos por que ela é útil, por que fazemos uso dela e por que ela é transitória. Como Callahan diz, "histórias são imaginadas"[277], são narrativas. Como veremos, o grau de *imaturidade* de uma consciência é proporcional *ao quanto ela precisa que uma realidade não seja transitória*.

No entanto, a parte dessa *geração catéxica* que chamamos de mapa ou mundo-brana – no que tange serem localizações geométricas de eventos possíveis – que não é alucinação, *é a própria geração catéxica.* Para que um mapa exista é necessário *confeccioná-lo*, ou melhor, *conveccioná-lo*. Para que não desapareça é necessário investir nele continuamente. *A forma elétrica não é uma alucinação*. Acreditar que ela é perene ou que ela é a realidade comum a todas as outras realidades ou tomá-la como base de apoio a partir de uma definição autoritária de presente-contínuo – "as coisas *são* assim, *serão* assim e *permanecerão* assim" – *é a alucinação*.

Mapas dimensionais são entendidos como realidade apenas porque na mente os utilizamos como *referências de previsibilidade, estabilidade e segurança*. Assim, funcionam como uma *rede de proteção*. Tanto a narrativa funciona, quanto a estabilidade catéxica funciona. Isso *não significa que essa rede seja desenhada para proteger a consciência de traumas*, ela é desenhada para *formar contrastes e limites* e, por isso, podemos contar uma história sobre o que é o quê, e o que é possível. Mapas são gerados desde o momento da concepção, porque não necessitam de um sistema cortical formado, necessitam de um sistema plasmático onde a gravação geométrica possa se dar.

Quando um embrião nida na parede do útero (nidação) e inicia o processo de formação da ponte umbilical, ele está em processo de devir contínuo com o útero e esse torna-se um "objeto parcial" (Ferri; Cimini, 2011, p. 62). Como explicam Ferri e Cimini: "A partir

[277] Traduzido livremente do inglês: "stories are imaginary". Conferir *Mundo de História* (STORY WORLD, 2024) em: https://storyworld.mystrikingly.com/.

do implante, ele começará a pescar, melhor dizendo, a sugar energia, que será a energia específica do útero, da pélvis e da mãe que nutrirá a grande oralidade" (2011, p. 48). Se as paredes do útero são capazes de prover uma nutrição elétrica adequada, a experiência do embrião e, posteriormente, do feto, é a de um crescimento são e equilibrado. Mentalmente (e corporalmente), isso significa *que o mapa gravado é o da possibilidade de sentir-se coeso* e de existir sem o risco de decompor-se. Já "uma insuficiência energética geral poderia influenciar o determinismo de uma psicose simbiótica, uma falta de diferenciação, uma falta de separação dos dois núcleos que então se mantêm 'deficientemente ligados'" (p. 49). Aqui o *mapa gravado seria outro, o da possibilidade de dissolução e morte, porque desvincular-se do continuum com a mãe era uma existência constante*. "Morrer por dissolução" passa a ser possível e passa a ser *um mapa de referências sobre o que é o mundo e como ele funciona*, assim como passa a ser um mapa *a previsão da necessidade de não diferenciar-se e não se separar do outro para manter a própria existência.* Esse é um exemplo de moldagem de mapa que é conveccionado por um embrião ou um feto.

Um outro exemplo, bem mais distante na linha do tempo ontogenética, é o de uma criança que passa a comer comida sólida pela primeira vez. O pai pode dizer-lhe "feijão" com uma voz amorosa e a criança tomar um impacto de um sabor totalmente diferente que não vinha através da mãe, mas do pai. Nesse momento, ela não tem nenhuma referência prévia e permanece alguns segundos "sem mapa" a respeito daquela realidade. É a função do medo, exercida pelo *conatus* que diz a essa consciência: "deixe-me conveccionar um mapa para você compreender o que é essa informação recebida". Dependendo das qualidades do ambiente no momento, da afinidade com o alimento, do "como" corporal do pai (sua prosódia, seu toque, seu olhar etc.), o mapa "feijão" torna-se algo maravilhoso. A criança reorganiza catexias e as correntes elétricas percorrem seu corpo de maneira prazerosa. A criança passará a usar esse mapa para navegar o surgimento de outros alimentos possíveis ou outras ofertas nutritivas do pai. Como disse Franco (2021a), descobrir novos mundos ou explorar o não mapeado é uma função do medo. É um risco apenas porque *não há previsibilidade*. Contudo, *definir* que algo imprevisível *é algo inseguro* e, portanto, algum tipo de dano previsto, *não é uma função do medo, é uma regra branática*.

Quando um mundo novo é explorado e não há mapas prévios, é medo que se sente. O mesmo ocorre quando estamos no limite do conhecido e prestes a darmos um passo para fora do perímetro de segurança conhecido. Quando não há regras que tornem o medo uma *previsão* de dano ou de futuro destrutivo, *a consciência tem permissão (de si mesma) de experienciar o*

medo, tremer, ficar em um espaço suspenso onde não sabe o que fazer e aguardar para que sua inteligência cartográfica, que é o medo, desenhe novos mapas de localização geoespacial.

O medo propele descobertas e a geração de recursos, o que não significa escassez, significa *receber informações sobre o ambiente e conveccionar os recursos de que se necessita.* Essa não é uma distinção da nossa cultura. Nela, os sistemas educacionais diretos ou indiretos ensinam a temer o medo, tentar fazer o medo ir embora, suprimir o medo, esforçar-se para não prestar atenção a ele, curar o medo, transformar o medo, ressignificar o medo, superar o medo, mas não a *experienciar conscientemente o medo*. Como disse, o medo é uma convulsão plasmática e irradia pelo corpo excitações e informações que são importantes de serem compreendidas e assimiladas. O MEDO DE SENTIR MEDO É UM COMANDO AO *CONATUS* DE CONTRAINVESTIR A IRRADIAÇÃO DAS EXCITAÇÕES DE MEDO PELO CORPO. Por isso, Franco afirmou: "Não é o seu medo que o aleija. É a sua relação com o seu medo[278]" (2021b).

Reich nos explica isso da seguinte maneira: "a observação clínica nos ensina que, de início, a angústia não é nada mais do que uma sensação de aperto, uma condição de estase (angústia = *angustiae*); *medos (perigos imaginados) só se tornam angústias emocionalmente carregadas quando ocorre essa estase específica*" (1998 [1949], p. 220, grifos nossos). A angústia é uma retenção da emoção, logo, um medo com angústia é um *medo em estase*.

O medo de sentir medo gera o bloqueio das convulsões vegetativas de medo e, com isso, *bloqueia as informações de antecipação de cenários na mente*. Isso significa que essas informações, isto é, os cenários, são retidos e a consciência passa a querer *controlar esses eventos futuros*, em vez de apenas *informar-se sobre eles*. Para controlá-los, precisa *retê-los, não os soltar*. No corpo, isso significa *reter tensão, isto é, excitação e informação.* Sentir medo não implica formação de couraças crônicas, que são defesas psicológicas, somáticas, emocionais e energéticas. *Sentir medo de sentir medo, sim,* quando a consciência *define* que não será capaz de suportar a passagem de correntes vegetativas de medo pelo corpo.

Como bem dissertou Albertini (2015, p. 217): "a Análise do Caráter é uma técnica marcada por aspectos intrusivos destinados a abrir o sistema de defesas de estruturas neuróticas cristalizadas". E essa técnica foi "desenvolvida para o trabalho clínico com estruturas marcadas por reações neuróticas incorporadas no ego, [pois] não faz sentido empregar a análise do caráter em casos de fragilização egoica ou estados de angústia" (p. 208). Nesse sentido, a *Metodologia da Vegetoterapia Carátero-Analítica* de Federico Navarro (1996) e a metodologia da análise reichiana de Genovino Ferri (Ferri; Cimini, 2011) defendem que a aplicação dessa técnica

[278] Traduzido livremente do inglês: "It's not your fear that cripples you. It's your relationship to your fear".

depende de um diagnóstico energético-caracterial prévio, feito pelo analista. Por meio da aplicação sistemática de *actings* e da modulação relacional adequada o paciente deve primeiro se estabilizar e desenvolver tônus para que então possa sustentar intervenções mais confrontativas pela técnica da análise do caráter.

Minha contribuição aqui é que, além disso, o paciente, pouco a pouco, possa aprender a *sentir medo* de maneira consciente e *desmistificar* as realidades de morte iminente que porta dentro de si. Desmistificar significa estabelecer uma *separação* ou dessincronização das realidades temporais (a do aqui e agora e a do constructo prisional) que se encontram sincronizadas e superpostas, o que é uma das principais condições dos estados de *imaturidade caracterial*. Quando uma pessoa pode experienciar *medo* de forma consciente e pode sentir as convulsões da emoção medo percorrerem seu corpo, sem entrar em *pânico*, isto é, *sem sentir medo de sentir medo*, então ela é capaz de chegar a uma observação muito importante que acredito ser crucial no processo de maturidade caracterial: "senti medo, eu vi o inferno, vi como estou morrendo lá dentro, mas eu não morri no aqui e agora" ou "estou tremendo, estou sentindo medo, estou entrando em contato e vendo com clareza o que está acontecendo lá dentro desse lugar onde estou preso(a) e eu deixo passar essas convulsões de medo pelo meu corpo e sou capaz de não retê-las. Então, eu vejo que essa é uma das realidades prisionais que eu porto dentro, mas ela não é a minha realidade no aqui e agora".

Nos dois casos, a pessoa pode, então, dizer: "E agora? O que é mais possível na minha vida? O que eu quero?". É claro que isso é um processo de integração dessas informações em múltiplos corpos (fisiológico, mental, energético, emocional e em termos do próprio anseio cósmico[279]) simultaneamente. Não é apenas intelectual. Aprender a sentir medo conscientemente, sem mistificá-lo, defendo ser uma das principais ferramentas para o que chamarei (na esteira de Spinoza), no último capítulo da tese, de *império* ou *autodeterminação*.

Quando as correntes *passam pelo corpo*, elas trazem a informação dos cenários/eventos possíveis e a mente os experiencia como *reais*, porque são densificações e porque são tridimensionalidades imbuídas de *tempo*. Quando a consciência entende, ou melhor, *define* que *não há outros cenários possíveis senão esses e que nesses não possui recursos ou*

[279] Reich defendeu a ideia de que os seres humanos possuem um desejo inato de se unirem a uma energia vital cósmica, um impulso essencial que ele associava à busca pela plenitude, amor, liberdade e expansão da vida. Esse desejo se manifesta no anseio por um amor não condicionado, por experiências de êxtase e entrega e por um sentimento de pertencimento ao Universo. Por um lado, Reich relacionou esse conceito ao que muitas tradições espirituais descrevem como a busca pela união com o divino, mas sem recorrer a explicações misticistas ou religiosas institucionais. Para ele, essa experiência era biológica e energética, enraizada no funcionamento mais profundo de todos os organismos vivos. Em termos da simultaneidade da expressão integrada de múltiplos corpos, inclui o anseio cósmico para indicar a própria busca interna da vida para fora de constructos prisionais.

chances de perseverar, o conatus bloqueia a passagem dessas correntes pelo corpo. Assim, um mundo-brana *tenso* é formado. Essa tensão é um bloqueio neurovegetativo, um bloqueio plasmático *e é uma invisibilização da própria existência desse cenário porque o conatus entende que a consciência não tem maturidade suficiente para considerar que essa possibilidade exista.* Como ele entende isso? Ele compreende o *pedido de socorro* da consciência.

Quando a consciência é imatura, ela não consegue diferenciar-se do cenário possível que projeta ou que o *conatus* projeta *ao seu pedido* para compreender o que a realidade é, como ela funciona e o que é possível. A CONSCIÊNCIA ACREDITA QUE O QUE ESTÁ VIVENDO NO MUNDO-BRANA É O QUE ESTÁ VIVENDO EM TEMPO CORRENTE, POIS NÃO É CAPAZ DE DISTINGUIR AS DUAS REALIDADES. Isso gera uma superposição espaçotemporal. No entanto, *confundir-se* é um indicativo de *imaturidade caracterial*. Confundir-se é não saber onde se está, quem se é e o que se quer. A noção de "si mesmo" é apenas a de uma consciência que habita *um estado temporal em um lugar*[280] *espacial.* A noção de "si mesmo" no aqui e agora é uma, a noção de "si mesmo" em um mundo-brana flexível é outra e a noção de "si mesmo" em um mundo-brana tenso e fatídico é outra. Exploraremos mais essas noções ao longo deste trabalho.

Confundir-se divide-se em *duas* operações. A primeira é que o *conatus salva a consciência do impacto da realidade que ela mesma definiu como fatídica.* "Se você define que não vai suportar e vai morrer, irei *prevenir* que você encontre essa realidade existente e morra". Assim, o *conatus* assume uma tarefa contínua de *não permitir* que a consciência corrente, do aqui e agora, *tome o impacto dessa realidade desenhada existente e possível*, *até que a consciência tenha maturidade de sobreviver a ela*. Quando tem, após algum nível de trabalho interno de autoconhecimento, A CONSCIÊNCIA CORRENTE DO AQUI E AGORA PODE IR ATÉ ESSE MUNDO-BRANA E CONVULSIONÁ-LO, POR DENTRO. ESSE É UM MOMENTO CRUCIAL EM UM PROCESSO TERAPÊUTICO: A CONSCIÊNCIA PODER IR ATÉ UM DESSES "INFERNOS PRISIONAIS",

[280] Gosto da diferenciação que a disciplina Geografia faz em relação aos conceitos de "lugar" e "localização". Geografia é a ciência do pensamento espacial, mas não trata apenas da localização física geométrica formal, mas também do *lugar*, que é *o que está gravado dentro de nós*. Como explica o geógrafo Marandola Jr., "se voltarmos à questão da nomeação do lugar 'seminário acadêmico', seríamos levados a exigir a presença da preposição: lugar do seminário acadêmico, um auditório. Estaríamos em uma compreensão do espaço como absoluto e geométrico, normativo por si, cartografável por definição nas geografias à maneira do geógrafo [...]. Este lugar como espaço extensivo, no entanto, não é apenas absoluto, mas também pode ser apreendido como relativo. Ou seja, *o auditório, construído com certos propósitos, pode ser mais de um lugar a depender da temporalidade e do ponto de vista*. Trata-se de uma sala de defesa, na qual alguns têm lembranças agradáveis, ou não. Talvez alguém tenha conhecido seu amor no mesmo auditório, ou uma amiga preciosa para toda a vida. Uma palestra pode ter sido fundamental na decisão de fazer pós-graduação, ou mudar completamente a pesquisa. Ou, ainda, tomou-se aqui a decisão de se suicidar. Tantas possibilidades encetam este mesmo auditório" (Marandola Jr., 2020, p. 5, grifos nossos).

EXPERIENCIÁ-LO E *COMPREENDER QUE NÃO MORRE.* Isso oferece uma grande chance de *reatualizar contratos de realidade com o conatus*, como veremos a seguir. Quando a consciência pode *sair dos limites de segurança, pode viver o medo e perceber que ela não morre, sendo que essa operação dá a chance ao conatus de reorganizar novos mapas de segurança com novas possibilidades*. Isso eleva o grau de maturidade da consciência.

A segunda é que ao bloquear essa corrente de excitação e informação a consciência *gera*, através do *conatus*, um mundo-brana tenso, isto é, *eletricamente formatado sem permissão de irradiação*, que passa a existir como um mapa dimensional mecânico "que não passa", não é dissolvido. O *conatus* sabe *exatamente como a consciência definiu que iria morrer* e isso torna-se um *mapa*. As regras de funcionamento da realidade no *interior* desse mapa são absolutamente particulares. É como se *fora do mapa,* a gravidade comum e a experiência comum do corpo e da mente, capaz de formar noções comuns a respeito desse fenômeno natural (cf. Carnero, 2021, p. 52-63), fosse a de acelerar os corpos a 9,8 m/s^2. Porém, *dentro do mapa*, como as regras físicas e geométricas são *particulares*, a gravidade torna-se 15 m/s^2. Fora do mapa, uma pessoa pode caminhar e ficar realmente cansada após quatro horas de caminhada. Dentro do mapa, essa mesma pessoa pode caminhar e ficar exausta com meia hora de caminhada. Os 5,2 m/s^2 extras *são o esforço que ela precisa fazer com seu corpo para sobreviver a esse mundo-brana em tempo corrente, no aqui e agora*.

Um outro exemplo: *dentro de um mapa autoritário* de um pai, uma criança é *burra* e precisa estudar o triplo do tempo que seus colegas para entender apenas algumas coisas. *Enquanto a criança usa o mapa do pai e está dentro desse mapa,* ela está *sob* essas regras de realidade, não importa o que ela faça. Quando a criança está *fora do mapa do pai e não o usa como referência interna*, isto é, não tem sua consciência do aqui e agora *posicionada dentro dele*, ela pode perceber que gosta das matérias, que não é burra e que aprende tão rápido ou mais que seus colegas.

Então, retornamos à questão sobre *por que uma consciência imatura confunde as duas (ou mais) realidades espaçotemporais e as superpõe sem separá-las ou distingui-las?* Em outras palavras, por que *confunde* a realidade do aqui e agora (que é um mundo-brana com alto grau de imanência) com a realidade da consciência que está presa em um mundo-brana prisional e inexorável (que possui alto grau de transcendência)? Vejo *três razões*: *a primeira*, por desespero; *a segunda*, porque não desenvolveu *recursos de navegação* e *recursos catéxicos*; e *a terceira*, porque *gosta da sensação de segurança do mundo-brana prisional e a deseja, assim como gosta e deseja os benefícios que obtém a partir dela.* As três razões são maneiras

diferentes de uma consciência NÃO SE AUTODETERMINAR. Essas três razões também exploraremos ao longo do trabalho.

O *desespero* está relacionado à densidade do mapa e ao desejo de não o modificar. Essa decisão costuma ser tomada muito cedo, no momento de geração do mapa. Quando o evento é traumático e a consciência não tem possibilidades de estabelecer limites para *parar* o evento ou *sair* dele, ela gera um mapa dimensional para *antecipar e resguardar-se* de/em futuros eventos dimensionalmente semelhantes. Ela também vive o evento traumático *pedindo ajuda ao conatus para que a salve do impacto ou do controle.* Isso é um comando ao *conatus* para que *anestesie a percepção,* e faz isso contrainvestindo ou retendo as propulsões irradiativas de medo, de tristeza e de raiva (que seriam modos inteligentes de a consciência encontrar soluções).

Essas emoções ficam retidas como tensões elétricas no corpo e na mente, *porque naquele momento não podiam ser experienciadas pela consciência*. *Sentir essas emoções com profundidade naquele momento seria constatar a total falta de recursos*. De certa maneira, há um nível de aleatoriedade que foi considerado pela consciência e pelo *conatus* a *respeito da probabilidade de morte. Em muitos dos cenários previstos pelo medo, a morte poderia, de fato, ocorrer. Para ambos, o agente (ou agentes) causador do trauma comportava-se de maneira imprevisível. Para controlar esses cenários e controlar o horror de constatar que qualquer uma das estratégias seria em vão, o conatus bloqueou muitas das correntes que passavam pelo corpo*.

O somatório da geração de um mapa denso com a retenção emocional gera um constructo ambíguo em que a consciência vive desesperada, anestesiada e protegida, simultaneamente. É um constructo feito em camadas. São soluções branáticas em cima de soluções branáticas. É uma tecnologia do *conatus*. Na camada mais profunda está a definição de morte; na camada acima está o desespero que é a medida de gerar qualquer tipo de convecção, qualquer não linearidade para encontrar uma saída; na camada acima está o anestesiamento para evitar a percepção do desespero; na camada acima está a organização de estratégias para gerar as *esperanças* de salvação. Cabe notar que *são as camadas de retenção temporal que geram a sensação de ser um espaço prisional infernal onde há apenas "choro e ranger de dentes"*[281]*. São camadas de estase energética que geram os "submundos" infernais*.

[281] "Choro e ranger de dentes" é uma expressão utilizada diversas vezes na Bíblia (Bíblia Sagrada, 2008) para indicar lamento, desespero, submissão, habitação nas trevas, eterna destruição e arrependimento eterno. Ela está presente em Lucas (Lc 13, 28-29), Apocalipse (Ap 16), Mateus (Mt 25, 28-30) e em outros trechos. Em outros momentos do Novo Testamento, segundo os evangelistas Mateus e Marcos, Jesus referiu-se ao *inferno*

Se essas camadas fossem tridimensionais elas não gerariam o *inferno*. É O TEMPO PRESO, O CAOS CONFINADO, AS ONDAS ELETROMAGNÉTICAS EM SOBRE-EXCITAÇÃO CONSTANTE E PROFUNDA QUE GERAM A ENERGIA DO INFERNO. É O QUE REICH CHAMOU DE "O REINO DO DIABO" (Reich, 2003 [1951], p. 133). É o caos preso que dá vida à experiência de perseverar em um inferno prisional.

Enquanto esse constructo não puder ser flexibilizado, irradiado, descarregado, desconfigurado, cada vez que a consciência do aqui e agora *entrar* nesse mundo-brana, suas possibilidades e estratégias de perseverança *no aqui e agora* tornam-se extremamente diminuídas. Por isso, confunde-se. Confundir-se é experimentar o desespero gravado no mundo-brana e acreditar que está confinado a ele.

O que chamo de "recursos de navegação" é a capacidade de a consciência poder observar *que está pensando e atuando dentro de um mundo-brana e passar a conhecer como ele funciona.* Uma pessoa que olha um mapa está fora do mapa. Essa capacidade, estritamente humana, de poder *sair* de uma experiência espaçotemporal e observá-la "de fora" chama-se *auto-observação.* A consciência precisa gerar uma espécie de abstração narrativa sobre si mesma para que possa *perceber o que percebe*. Em outras palavras, ela é capaz de narrar o que sente, em ato. Aprender a observar o que se sente é um recurso de navegação. A consciência passa a compreender que *se movimenta de uma determinada forma em espaços e que sente diferentes emoções e necessidades de acordo com os eventos desse espaço.* A consciência observadora é um amadurecimento da consciência, passa a ser uma "consciência que sabe sobre o que ela sabe".

Apesar de o corpo sempre "conhecer", porque é constantemente afetado, sendo que o *conatus* opera sua autorregulação, e de a consciência estar sempre conectada ao aqui e agora, porque as correntes plasmáticas do corpo somente podem fluir no aqui e agora, A CONSCIÊNCIA NÃO NECESSARIAMENTE APERCEBE-SE DO QUE SEU "CORPO SABE" E DE QUE ELA ESTÁ SEMPRE NO

como "um fogo que queima mas não se apaga", "um verme que não morre e consome os condenados" (Mc 9, 48), "o castigo eterno" (Mt 25, 46). Creio que essas descrições demonstram a experiência da consciência de estar *confinada em um lugar de desespero, morte e dor que não passam*. Pelas passagens, Jesus indica que esses lugares são *reais* e faz sentido que sejam, pois são *realidades elétricas experienciadas pela consciência*. Também não creio que Mateus está equivocado quando diz que isso pode ser gerado por "Deus, que pode destruir no inferno tanto a alma quanto o corpo" (Mt 10, 28), *não porque Deus, como instância onipotente externa ao humano, o faça, mas porque a convecção de um inferno prisional ocorre em Deus e o desejo de uma consciência também existe em Deus*. Isso não deve ser confundido com a "escuridão solitária e opressora" que São João da Cruz retrata em seu livro *Noite escura da alma* (João da Cruz, 2018). Essa é a sensação que uma consciência tem quando ela voluntariamente e conscientemente entra nos infernos prisionais que porta dentro de si *como uma jornada espiritual para retificar suas delusões, submissões e adesões a paixões opressivas.* Essa é uma jornada que visa capacitar a consciência a ENTRAR EM CONTATO COM AS REALIDADES PRISIONAIS QUE CARREGA, SOLTÁ-LAS E BUSCAR UMA CONEXÃO MAIS PROFUNDA COM A NATUREZA DIVINA.

"AQUI E AGORA", PORQUE ELA É UMA AGLUTINAÇÃO MÓVEL DE ENERGIA. ESSA AGLUTINAÇÃO OCORRE NA FORMA DE UM VÓRTEX QUE SE TRANSLOCA POR DIVERSOS MUNDOS-BRANA. POR ISSO A CHAMEI DE "CONSCIÊNCIA VORTEXIAL", PORQUE SUA PRESENÇA É UM CONSTANTE MOVIMENTO GIRATÓRIO QUE GERA UMA DENSIFICAÇÃO NO ESPAÇO-TEMPO ONDE ESTÁ E PROPELE O TEMPO NO MUNDO-BRANA ONDE SE ENCONTRA E O "ANIMA". TODA A PROGRAMAÇÃO MECÂNICA DO MUNDO-BRANA PASSA A SE MOVIMENTAR, DE ACORDO COM SUAS REGRAS PROGRAMADAS, QUANDO A CONSCIÊNCIA AGLUTINA-SE NESSE MUNDO-BRANA.

A "presença", que é uma aglutinação energética, pode estar apenas em pequena parte no mundo-brana que é o *aqui e agora* e em grande parte em um mundo-brana prisional, incapaz de sair dele. Se ela compreende que são espaços diferentes, que está sujeita a regras particulares e que nesse lugar vai pensar e agir conforme as regras da consciência que está retida lá dentro, então *ela possui recursos de navegação. Esses recursos, que são distinções, a permitem ver que são mapas e que são um tipo de desenho de realidade que tornam sua vida previsível e estável. Ela pode navegar para fora dele, se desejar, e pode navegar dentro dele, para conhecê-lo.* O principal é que a consciência *não se assusta quando compreende que está apenas vivendo em um mapa*. Já os "recursos catéxicos" e o "gostar da segurança oferecida pelo mundo-brana prisional e seus ganhos secundários", os analisaremos adiante.

Um mapa é um mundo-brana tridimensional[282]. Ele funciona tal como o *carrossel que mencionei na Introdução da tese.* Quando a consciência *entra* nesse mundo-brana, ela aporta *o tempo, que é sua existência no aqui e agora. Quando a consciência vive nesse mundo-brana, esse espaço passa a ser para ela quadridimensional*. Quando a consciência do aqui e agora *sai* desse mundo-brana, *o molde tridimensional do espaço físico (lugar dimensional) e o molde tridimensional do corpo da consciência retida/existente nesse espaço param de mover-se de maneira propulsiva e seu movimento passa a ser extremamente lento*[283]. O espaço

[282] Na verdade, ele não tem como existir para nós em sua forma tridimensional, apenas quadridimensional, com uma propulsão catéxica temporal muito lenta. Nesse momento, digo "tridimensional" apenas para demonstrar que não há *eventos propulsivos (rápidos e caóticos) ocorrendo necessariamente nele*. Isso somente ocorre com a *entrada* da consciência do aqui e agora, que é uma *aglutinação espaçotemporal*.

[283] A imagem que exemplifica de maneira análoga esse *movimento espacial* encontra-se na série chamada *Fundação (Foundation)*, inspirada da obra de Isaac Asimov, de mesmo nome e disponível na plataforma de *streaming* Apple TV+. Na série, no palácio do imperador Cleon, há uma pintura gigante chamada de O Mural, no qual os imperadores registram, com uma tinta especial, as mudanças ou o crescimento de seu império. O detalhe está na *tinta*. Ela é uma tinta *quadridimensional*. Vista de longe, a pintura parece estática, como um quadro comum. Contudo, ao ser analisada de perto, a tinta está sempre se *movendo lentamente*. Ela *não é estática e nem dissipa*. A tinta especial é utilizada como um demonstrativo de que o império é algo vivo, seus registros são vivos e são perenes segundo a vontade do imperador. Ao menos essa é a pretensão dos governantes. Analogamente, a *tinta* forma um espaço bidimensional ou tridimensional que é quadridimensional. No entanto, nos mundos-brana que geramos com a "tinta", que são nossas catexias elétricas, as estruturas e suas não dissipações são geradas e sustentadas por investimentos constantes na forma das estruturas.

tridimensional precisa do *tempo* para existir, porque sem o *tempo* não haveria essa existência aos sentidos do corpo e da mente. Por isso *um mapa é um registro, mas não tem necessariamente um tempo propulsivo nele. O tempo propulsivo é a presença da consciência do aqui e agora em um espaço dimensional.* Quando a consciência *deseja, impele, propulsiona* em um espaço branático, ela *está sujeita às regras dimensionais desse espaço*. Quando a consciência *entra no mapa ela passa a estar, ser e ter necessidades condicionadas pelos propósitos do desenho do mapa e ter limites de ação delimitados por ele.*

A mente e o corpo *não registram a existência de absolutamente nenhum espaço se não houver o tempo*. Isso significa que no corpo e na mente, um mapa ou espaço dimensional gravado *move-se muito lentamente, pois são catexias elétricas investidas que fluem de maneira muito lenta*. Se a consciência não desejasse sustentar essa forma, isto é, esse mapa, *pela aplicação de tempo nele*, o mapa deixaria de existir. As três dimensões espaciais que conhecemos (altura, largura e profundidade) são inexistentes, *para nós*, sem o tempo. Essas três dimensões existem *em Deus* assim como o *tempo* existe em Deus, e são *quatro dimensões independentes*, mas *os modos finitos que são os corpos e mentes humanos não conseguem compreender como existente qualquer dimensão espacial que não tenha tempo.* Por isso, podemos fazer alguma ideia do que é um desenho bidimensional, como um esquema em uma superfície, uma frase escrita, o sentido lógico de uma frase falada, e podemos fazer alguma ideia do que é um desenho tridimensional, como um objeto desenhado ou moldado tridimensionalmente, a modulação do som em uma frase falada, as imagens em movimento que são geradas na mente a partir dessa frase, a expressão de um rosto, a emissão de cores etc., porque essas dimensionalidades espaciais *movem-se junto com nosso próprio movimento interno*.

O que percebemos é um *encontro de devires*, e todos os devires são *temporais*. O devir da tinta no papel que se move lentamente encontra o devir dos receptores da nossa retina que se movem lentamente, *através da luz que é acelerada ou desacelerada em função desses encontros*. Luz é eletromagnetismo. Todos os *tempos* existentes para nós *são funções de ondas*, porque uma onda unidimensional, bidimensional, tridimensional, quadridimensional etc. *em termos espaciais seriam inexistentes se não fosse adicionada a elas a dimensão temporal*. Então, quando dizemos "onda" dizemos uma dimensionalidade movente. Mapas são dimensionalidades moventes que *podem ganhar propulsão catéxica a partir da presença da consciência do aqui e agora*, POIS O TEMPO SÃO AS CORRENTES ELÉTRICAS QUE SÃO CONVECCIONADAS PELO CORPO E A MENTE PRESENTES NO AQUI E AGORA. Como expliquei, o que chamo de "correntes elétricas" são *ondas que propulsionam o plasma corporal que é*

quadridimensional. DESEJO É UMA RE-PROPULSÃO TEMPORAL EM UM PLASMA QUADRIDIMENSIONAL.

4.7 Contrato de realidade: esforço geométrico de perseverança

Explico o que quero dizer por "contrato de realidade", ou "contrato de sobrevivência", ou "contrato de existência". Os três são sinônimos porque uma realidade é *convecção de catexias organizadas geometricamente para propósitos de perseverança.* Portanto, *realidade é esforço*. A organização do esforço pode se dar tanto por *necessidades que envolvam alto risco à integridade do sistema vivente (sistemas são formações branáticas), quanto por necessidades que envolvam baixo risco*. Isso tudo é calculado pelo *conatus*, que é a inteligência de perseverança de um sistema. No caso, darei exemplos de formação de contratos de alto risco, que é o que ocorre em momentos de *trauma*. Mas isso *não significa dizer* que o espaço (ou espaços) da couraça de caráter *sejam formados por meio de traumas*. Os espaços são formados como *mapas de navegação espaçotemporais* e em suas regras branáticas podem estar gravadas *adaptações a traumas ou não*. Basicamente, se o *conatus* não tiver uma diretriz, ele não sabe o que fazer. Por isso, uma ação condicionada do *conatus* precisa de um *mapa*, como apresentei.

Um contrato de realidade (e de sobrevivência) é *um pedido de formação catéxica geométrica espacial feita por uma consciência a seu conatus*. No momento em que uma consciência não tem parâmetros de como uma realidade externa funciona e não tem direções de como, quando, por que e ao que perseverar, ela precisa formatar uma realidade. Se essa realidade externa tem muitos riscos, ela *precisa* compreender perfeitamente e em detalhes *como são esses riscos*. Esse desenho geométrico dos riscos e suas possíveis consequências determinam as regras do mundo-brana. No momento em que a consciência diz ao *conatus*: "não sei o que fazer, preciso me situar" e ela *deseja* uma planta situacional, o *conatus* forma para ela esse mundo-brana. *Nesse momento se estabelece entre a consciência e o conatus um contrato de moldagem de realidade*. Esse contrato é ativo, não passivo, pois ele foi gerado por meio do desejo e ele dura *enquanto a ação gerativa da necessidade durar*. No ato do *acordo* estabelecem-se as regras de possibilidades também.

Exemplos desses acordos podem ser: "meu pai é muito mais forte do que eu, <se> eu não me submeter à sua autoridade, <então> serei severamente punido"; "meu pai não gosta de minha mãe e nem de mim, <então> não nos dá atenção. Ele gosta apenas de mulheres em prostíbulos. <Se> eu me portar como uma dessas mulheres, <então> meu pai gostará de mim";

“minhas coisas e meus espaços são invadidos constantemente por meus irmãos, como sou pequeno <então> não posso fazer nada contra eles. <Se> eu tento me colocar, <então> eles me ameaçam. <Se> eu tento gritar ou clamar, <então> sou ignorado. <Então>, preciso esconder minhas coisas e o que estou fazendo”; “meus familiares valorizam apenas quem tem dinheiro. Eu e meus pais não temos, <então> somos desconsiderados por eles. <Se> eu tiver dinheiro serei fútil como eles <então> rejeito isso. <Se> eu tiver dinheiro <então> receberei respeito e atenção. <Então> quero dinheiro e <então> quando o tenho, o desprezo”.

A primeira frase desses exemplos é sempre *a constatação que funda a base do desenho*. As regras condicionais são formadas a partir dela como forma de *antecipar e prever* normas de funcionamento dessa existência situacional. AS REGRAS GEOMÉTRICAS DEFINEM, NO MOMENTO DE SUA CONCEPÇÃO, COMO SERÁ POSSÍVEL PERSEVERAR A PARTIR DELAS. OS ÍMPETOS DE PERSEVERANÇA *POSSÍVEIS E NECESSÁRIOS* DENTRO DO MUNDO-BRANA SÃO O *TEMPO DA COURAÇA DE CARÁTER*. SÃO AS INTELIGÊNCIAS MÓVEIS QUE OCORREM NO INTERIOR DO MUNDO-BRANA, SÃO AS ESTRATÉGIAS DE PERSEVERANÇA *DINÂMICAS*. O tempo da couraça é indicado pelos finais resolutivos possíveis da programação condicional. É o que se pode fazer *dadas* as regras que delimitam os espaços de ação.

As regras branáticas *precisam manter-se ativas* tanto quanto dure a necessidade de perseverar, *dada* a condição de impotência em que a consciência viva nesse espaço. Regras branáticas rígidas são formadas a partir de *necessidades de antecipação e previsibilidade* muito *intensas*. Isso significa que a consciência destina muitas catexias para tornar uma forma estável na mente e uma menor plasticidade de possibilidades. Quanto mais estável uma forma é, mais “segura” ela se torna, mais “real”, mais “palpável” e mais “perene”. A *necessidade* de *estabilidade* de uma forma mental, isto é, a *necessidade de uma invariância* de devir, de forma, de modo, de possibilidade, *é de acordo com a necessidade de sobreviver a um constructo de risco que esteja gravado no interior*. Se algo “não pode mudar”, isso não é por acaso, não é uma mera opinião ou julgamento, assim como quando se diz que algo “deve ser de tal maneira”.

Quanto mais *severa* a necessidade de *perenidade do “deve ser” ou do “não mudar”*, mais *severo* é o risco do mundo-brana em que *a consciência vive constantemente dentro*. Em um mundo de *alto risco* a consciência *em seu interior está sempre na iminência de morrer. Por isso o constructo não pode mudar, porque ela precisa controlar perfeitamente essa realidade e saber exatamente o que vai acontecer*. O *conatus* diz à consciência: “se você me diz que a realidade é muito forte e muito além das suas capacidades, então preciso saber como me posicionar para te ajudar”. A consciência responde: “a realidade ***é*** assim, *esforce-se para manter essa previsibilidade* ***e*** *para encontrar meios de eu perseverar aqui dentro”*.

Quando uma consciência *define que algo ou uma existência* ***é*** *de uma forma, logo ela não pode ser de outras*. Quanto mais essa consciência *necessite* de uma estabilidade perene, mais *tenderá a impor uma formatação perene em uma existência*, o que narrativamente equivale a *condená-la ou escravizá-la*. De fato, QUALQUER UTILIZAÇÃO DOS VERBOS SER OU ESTAR PARA REFERIR-SE A QUALQUER EXISTÊNCIA SOMENTE PODE SER *AD HOC*, POIS É UMA HISTÓRIA NARRATIVA MOLDADA, NADA MAIS DO QUE ISSO. Contudo, *moldes* podem ser gerados para *aprisionar*, como *promessa de segurança a quem deseja o aprisionamento* e para que *benefícios possam ser obtidos ao usar de maneira utilitária a existência aprisionada*.

Para sustentar a esperança de uma segurança, uma consciência pode definir seu próprio aprisionamento. Um *contrato caracterial* defensivo poderia, assim, ser definido da seguinte maneira:

"Eu, [nome da pessoa], *doravante* este ato, defino e reconheço que as possibilidades de realidade que me cabem e são possíveis são [essas e essas] e que nada posso fazer para alterar este contrato, a não ser submeter-me a ele, declarado aqui que quaisquer eventualidades que possam colocar em risco o presente contrato deverão ser imediatamente sanadas e reparadas, sob a penalidade de [tais e tais] que poderão provocar a minha destruição e dissolução. Firmo este contrato entre as partes [a pessoa e seu esforço em perseverar na existência], para que sob a tutela desse acordo nós possamos saber como perseverar e tentar buscar a melhor forma de vida e de liberdade possíveis". Assinado, [nome da pessoa] e datado [data do momento histórico em que se gerou a realidade branática].

Enquanto a pessoa não *revogar e dissolver* esse *contrato de existência*, ele seguirá ativo. Não importa se passarem dez, quinze, trinta, quarenta, setenta anos, o constructo virtual elétrico e as tensões elétricas no corpo que o sustentam seguirão ativos, bem como suas regras, delimitações e *efeitos práticos dessas regras e delimitações*. Certamente não se trata de um contrato firmado em papel, mas um contrato quadridimensional firmado pelo *desejo e intenção* da consciência que o sustenta. Certamente, quando Reich alertou que as couraças crônicas *drenam energia do sistema* e *depauperam* o corpo e a mente[284], com o conceito de *biopatias*, ele quis dizer que existe um *investimento constante de catexias* para a manutenção dessas formas prisionais, que tanto geram um efeito de sobrexcitação e retenção (estase) energética, causa da grande parte das *disfunções autônomas fisiológicas do corpo*, como *retêm excitação e*

[284] Nas palavras de Reich: "O encouraçamento do caráter requer energia, porque é sustentado pelo consumo contínuo de forças libidinais ou vegetativas que, de outro modo (no caso de sua inibição motora), produziriam angústia. É assim que a couraça do caráter cumpre sua função de absorver e consumir energia vegetativa" (1998 [1952], p. 314).

informação no interior das couraças, como lembranças e todas as vicissitudes desenvolvidas e as angústias sentidas nesses espaços prisionais.

A essa energia e informações retidas nas profundezas das couraças ele chamou de DOR, orgônio mortal (*deadly orgone*). Uma pessoa somente não se dá conta das vicissitudes e angústias que carrega constantemente dentro de si porque a couraça crônica (que é *conatus* formatado) previne que a pessoa perceba sua própria cronicidade. A COURAÇA IMPEDE QUE A PESSOA A VEJA COM CLAREZA, COMO MEDIDA DE SEGURANÇA *À SUA PRÓPRIA IMATURIDADE*. Se a pessoa a *percebesse* (seus propósitos, a que se destina e suas causalidades históricas) entraria em *contradição interna* e isso abalaria as estruturas de segurança de sua realidade branática.

Um diálogo entre o *conatus* e a consciência à qual ele serve poderia ser o seguinte: "Se você vir, sentirá necessidade de se responsabilizar, porque o que você viu passou a ser você, porque passou a participar daquilo. No entanto, você é impotente e imaturo(a), então é minha função proteger sua vida para que você não pereça. Por essa razão, direcionarei investimentos para anular o que você percebe e entra em contato, *a fim de que não tome o impacto que certamente não será capaz de suportar*".

Anteriormente, eu afirmei que *a insensibilidade*, decorrente da evitação de sentir, *não é passiva, é ativa*. Esse ponto é importante. Isso significa que *ninguém é vítima da própria couraça*, pois a couraça é uma função do esforço em perseverar na existência. Como expliquei, a couraça é um *acordo*, um contrato de perseverança, em que a consciência *declara* que é impotente (em alguma realidade que definiu para si) e *pede auxílio à couraça (ou à energia propulsiva do seu conatus) para que a proteja e a salve desse futuro fatídico do qual não é capaz de escapar*. O futuro, obviamente não é um futuro[285], é uma espacialidade temporal que

[285] Na natureza não há maneira de *prever o futuro*, pois a cada momento, de acordo com as necessidades correntes de todos os corpos existentes, os desejos são propelidos de maneiras não lineares, o que quer dizer "caóticas". Ainda que existam oráculos astrológicos, cartomânticos, intuitivos, analisadores de sintomas etc., que possam *parecer prever o futuro*, isso não ocorre, pois apenas o que é possível é uma *leitura de presente contínuo*. Isso significa *ler os padrões presentes e projetá-los como um cenário futuro, caso os padrões se mantenham estáveis ao longo do tempo.* Um exemplo disso é imaginar que uma pessoa está em uma canoa com um grupo, navegando por um rio. Do local onde está, sentada no barco, não tem como ver o que ocorre adiante, quais são suas possibilidades ou *o que provavelmente ocorrerá caso mantenha a rota planejada*. Planejado significa investido energeticamente, significa a intenção que dispõe a ação presente em direção ao futuro. A pessoa que está na canoa pede ajuda a um *oráculo*, que é um coparticipante de sua expedição, possui um helicóptero e pode sobrevoar o local. Ao pedir ajuda, o piloto que sobrevoa lhe informa pelo rádio: "se você prosseguir mais cinco quilômetros nesse rio, haverá três caminhos a seguir. Eu sei que sua preferência é ir por águas que pareçam mais tranquilas, e nas duas primeiras bifurcações isso de fato acontece. No entanto, se seguir por elas vejo uma aceleração de águas que te conduzirá a uma queda de água enorme, e sua canoa provavelmente não suportará. Já a terceira via vai te parecer pantanosa e muito demorada, mas se você atravessar, encontrará um novo afluente tranquilo e chegará ao final". A pessoa no barco, munida de informações de padrões estáveis em tempo presente diz: "E há outra rota possível?" E o piloto lhe diz: "sim, você pode sair do rio com seu grupo e caminhar pela floresta carregando a canoa. Serão três dias de caminhada,

tem *a forma de um devir desejado em que a consciência perece ou é desmantelada ao final*. Isso é complexo porque é uma *formatação masoquista na forma de um espaço-tempo. A pessoa define "como vai morrer" para que possa tentar controlar esse efeito e lutar contra ele.* A realidade é um estado formatado do próprio desejo.

Na concepção reichiana de masoquismo (cf. Reich, 1988, p. 20[286]), uma pessoa *deseja* fazer dano a si própria ou *provoca* uma situação para que alguém lhe faça dano, *a fim de aliviar a tensão angustiante que sente em seu interior*, por conta de seus *bloqueios energéticos*, que geram um efeito *"panela de pressão"*, que se torna insustentável. A pessoa que tem *traços masoquistas* (traços são processos e modos de atuar e pensar, por isso podem estar presentes em todas as personalidades) busca ferir-se para *aliviar a pressão*, pois não consegue liberar as energias estásicas retidas, e o *prazer* que sente e busca sentir é o do alívio e não *um prazer relaxado que a conecta a outras pessoas* e aumenta sua *expansão e evolução neguentrópicas internas.*

Já a compreensão de um *espaço masoquista* é o desejo de formatar uma realidade *cujo final previsto e inexorável é a autodesmantelação*, a fim de que a pessoa *ao sustentar esse constructo*, possa nutrir a esperança de *controlar o que pode lhe acontecer e salvar-se se dirigir diligentemente seus esforços de sobrevivência dentro dele.* Por isso, considero o "espaço masoquista" como um desdobramento do "traço masoquista" (Reich, 1998 [1949], p. 215-253; Navarro, 1995a, p. 89; Ferri; Cimini, 2011, p. 121-128), pois se encontra presente em *todos* os traços de caráter e de personalidade que demonstrem *defensividades reativas e antecipação de cenários* em que a pessoa será subjugada por alguma força que não pode controlar.

---

mas chegará aonde quer também. Veja se está preparado para caminhar esses três dias". Com o exemplo, quero dizer que nenhum *futuro* pode ser *previsto*, apenas podem-se fazer previsões de padrões estáveis e intenções estáveis que delineiam caminhos possíveis de ação. POR ISSO, O ÚNICO ESPAÇO-TEMPO NA NATUREZA ONDE E QUANDO É POSSÍVEL REALIZAR UMA PREVISÃO DE FUTURO TOTALMENTE CORRETA É SE ESSA PREVISÃO ESTIVER GRAVADA NAS REGRAS DE UM MUNDO-BRANA CONFINADO, TRANSCENDENTE E AUTOCONTIDO. APENAS NESSA PRISÃO ESPAÇOTEMPORAL O FUTURO JÁ ESTÁ DEFINIDO COMO CERTO E INEXORÁVEL DESDE O COMEÇO. A respeito do exemplo que dei, há ressalvas: não digo que os oráculos sejam livres de previsões equivocadas, porque há *vieses de controle* tanto por parte do consultor, que pode distorcer o que vê no jogo com suas próprias superstições ou preconceitos, quanto por parte do consultante, que pode *tentar controlar com sua própria intenção* como o jogo *precisa* se desenrolar, então sua necessidade de controle interfere com a leitura e o jogo pode expressar sua própria automanipulação. Qualquer efeito entendido ordinariamente como "parapsíquico" ou "analítico" *depende da convecção de catexias e de seus propósitos*. Normalmente o efeito é gerado pelo propósito que serve de guia para a convecção da catexia.

[286] Conferir *A função do orgasmo* (Reich, 1988 [1942], capítulo VII, 2. "O funcionamento de uma bexiga viva").

4.8 Imagens corporais da consciência: consciências individuadas retidas em mundos-brana que *são* mundos-brana

Como exemplo, eu posso ter um "Vicente" FETAL PRESO em uma realidade dimensional prisional, que *sempre estará precisando sobreviver a esse espaço dimensional que tem as regras de um risco de desligamento abortivo, por exemplo, e mantendo sua imagem corporal fetal e suas necessidades fetais*. Posso ter um "Vicente" NEONATAL PRESO, que *sempre está nascendo com dores de ser extraído por fórceps, mantendo todas as sensações do corpo de um recém-nascido e todas as percepções corporais do ambiente que desenhou para si*. Posso ter um "Vicente" PÓS-NATAL PRESO, *que está sempre esperando pela mãe vir lhe dar comida e quando não vem, sente que vai sucumbir e tenta agarrar-se desesperadamente a ela, mantendo todas as sensações corporais angustiantes e os estados mentais de antecipação de falta ou carência do afeto dela*.

O conceito de que algo "aconteceu", no passado, aqui é substituído pelo conceito de que algo "está sempre acontecendo". É o que na física contemporânea chama-se de *quarta dimensão*[287]. O astrofísico Neil deGrasse Tyson explica que, embora vivamos em um universo (aparentemente) tridimensional, nossa experiência do tempo é linear, movendo-se do passado para o futuro, sem a capacidade de revisitar momentos anteriores. Ele sugere que, em dimensões superiores, o tempo poderia ser percebido de forma diferente, permitindo acesso a qualquer ponto temporal como fazemos com o espaço. Nesse contexto, eventos como "nascer" ou

[287] O filme *Interestelar*, de 2014, dirigido por Christopher Nolan, exibe uma representação gráfica e narrativa de como seria uma quarta dimensão física, que talvez nos ajude a compreender o conceito de "sempre acontecendo" que exponho aqui. No desfecho do filme, o protagonista Cooper entra em um buraco negro e acaba em um espaço particular que representa a quarta dimensão, onde o tempo pode ser acessado como um local físico. Dentro desse espaço, Cooper percebe que pode interagir com o passado ao visualizar diferentes momentos da vida de sua filha Murph, como uma espécie de espaço navegável onde qualquer ponto ou evento temporal pode ser acessado a qualquer momento. No filme, isso é representado como uma biblioteca infinita. Cada registro de memória dessa biblioteca *está sempre acontecendo simultaneamente com todos os outros* e Cooper é capaz de acessá-los segundo seu desejo. O filme utiliza conceitos científicos desenvolvidos pelo físico teórico norte-americano Kip Thorne, ganhador do Prêmio Nobel de Física de 2017, para dar embasamento à ideia de um universo tetradimensional, onde *o tempo é um eixo adicional que pode ser manipulado de maneira semelhante às três dimensões espaciais*. Trago a analogia do filme para indicar que os constructos virtuais da consciência são quadridimensionais e coexistem enquanto *durações temporais estabilizadas* no plasma da consciência. Os constructos, que são *engramas*, não são o passado e nem o representam, mas são uma geração catéxica quadridimensional que *dura* a partir de *necessidades de perseverança, cópias de sinais julgados como relevantes e decisões geométricas (do que "é" e do que "pode ser feito")*. Portanto, não acredito que o tempo seja um "eixo adicional" às três dimensões físicas, mas que *o tempo seja o próprio movimento que gera as três dimensões físicas, de maneira livre e aberta como correntes, enações e continuidades indefinidas, assim como de maneira estruturada e confinada como geometrias dimensionais*. Em ambos os casos, são apenas modos de dar forma às vibrações. Dessa maneira, a manipulação temporal passa a ser a manipulação do *conatus* a partir do desejo.

"graduar-se na universidade" não seriam confinados a um momento específico no passado, mas estariam *sempre acessíveis e ocorrendo* em algum ponto dessa linha temporal (cf. Tyson, 2023, 2024).

Creio que esse conceito seja importante para compreendermos o que ocorre *no plasma da consciência vortexial*, que podemos chamar de corpomente, unidade funcional corpomental ou unidade dinâmica específica. A consciência como *coexiste em diferentes estados*, move-se no interior dela mesma e estrutura e convecciona formas por meio de catexias, apenas pode gerar e gravar eventos que, em si, são espaços-tempos. Por isso, assumindo o raciocínio de Tyson, acredito que a razão para que os constructos não sejam nenhuma forma de "passado" mas sim eventos geométricos que estão "sempre acessíveis e ocorrendo" é porque são formados por "tempo" e são "sempre acessíveis" porque servem constantemente de *planta baixa ou projeto (blueprint) para ações, determinações e existências futuras.* Igualmente, isso é o que torna possível que a consciência, capaz de experienciar o aqui e agora, também se torne *retida* em constructos prisionais, de modo a atuar no aqui e agora como se estivesse *presa no passado*.

Como eu havia dito sobre Schilder (1950, p. 15): "*O esquema corporal é a imagem tridimensional que cada um tem de si mesmo*". O autor indica que partes significativas da imagem corporal podem permanecer fora da consciência central em formas inconscientes, às quais denominou "esquemas" (*schemata*), e, ainda assim, elas exercem uma influência importante na consciência. A definição de Schilder de esquema corporal inclui elementos conscientes (quando se referem aos de uma vivência adulta e atual), como as variedades de sensações corporais e atuais e, ao mesmo tempo, *elementos inconscientes*. Ele afirma que ambos os elementos formam uma unidade gestáltica que "é mais do que uma percepção" (Schilder, 1950, p. 15) e que se torna uma construção cognitiva que é reflexo de desejos, atitudes emocionais e interações com outros. Schilder, na mesma linha que Reich, foca seu interesse na fluidez da experiência corporal:

> toda emoção está ligada a movimentos expressivos ou pelo menos a impulsos em direção a eles. Cada emoção, portanto, altera a imagem corporal. O corpo se contrai quando odiamos, fica mais firme e seus contornos em relação ao mundo ficam mais marcados. Isso está relacionado com o início das ações nos músculos voluntários, mas também pode conter elementos simpáticos e parassimpáticos. Expandimos o corpo quando nos sentimos amigáveis e amorosos. Abrimos os braços, gostaríamos de encerrar neles a humanidade. Nós nos expandimos e as fronteiras da imagem corporal perdem seu caráter distinto. [...] Expandimos e contraímos o modelo postural do corpo; retiramos partes e adicionamos partes; nós o reconstruímos; nós derretemos os detalhes; criamos novos detalhes; fazemos isso com o nosso corpo e com a expressão do próprio corpo. Fazemos experiências continuamente com isso. Quando a experimentação do movimento não é

> suficiente, acrescentamos ao quadro a influência do aparelho vestibular e das toxinas à imagem [...], que novamente expandem, contraem, desfiguram ou enfatizam a imagem corporal e suas partes particulares[288] (Schilder, 1950, p. 206-207).

Schilder afirma que quando pensamos em crescimento e evolução do corpo isso não deve ser considerado como algo passivo e automático, "a pessoa deve enfatizar a atividade contínua, a experimentação". Isso é "uma tendência da energia vital construtiva. É uma construção e destruição ligada às *necessidades, esforços e energias da personalidade total*"[289] (Schilder, 1950, p. 206-207, grifos nossos). Isso significa que cada pessoa *constrói a imagem corporal que necessita em função dos seus esforços de perseverança*. Esses esforços se tornam gravados / retidos como formas específicas de contrações neuromusculares, próprias e relativas aos processos históricos ontogenéticos de cada pessoa, e na mente como formas quadridimensionais da própria imagem corporal que é o "esquema" do corpo. Enquanto Schilder aponta a tridimensionalidade da imagem na mente, acrescento aqui a quarta dimensão, temporal, que imprime movimento desejante à imagem. Por isso, a imagem corporal é a *vivência* de uma consciência em um ambiente, não apenas uma "percepção" de uma imagem tridimensional de si mesma.

Digo isso para demonstrar que a imagem corporal quadridimensional que é parte do mundo-brana formado na mente é, ao mesmo tempo, três expressões: 1) a imagem é a *forma* da consciência individuada e particularizada, isto é, *retida*, que *vive* no interior do mundo-brana; 2) a imagem faz parte do *conjunto de regras* geométricas do mundo-brana, por isso não existe independente dele; 3) ela é uma formatação temporal-espacial porque ela é formada no mesmo momento histórico onde e quando o mundo-brana foi formado, *pelo desejo da pessoa em reter um conjunto de informações e conhecimentos a respeito do espaço ambiental onde e quando precisou perseverar*. Já abordarei melhor esse ponto.

---

[288] Traduzido livremente do inglês: "every emotion is either connected with expressive movements or at least with impulses towards them. Every emotion therefore changes the body-image. The body contracts when we hate, it becomes firmer, and its outlines towards the world are more strongly marked. This is connected with the beginning of actions in the voluntary muscles, but there may also be sympathetic and parasympathetic elements in it. We expand the body when we feel friendly and loving. We open our arms, we would like to enclose humanity in them. We expand, and the borderlines of the body-image lose their distinct character. [...] We expand and we contract the postural model of the body; we take parts away and we add parts; we rebuild it; we melt the details in; we create new details; we do this with our body and with the expression of the body itself. We experiment continually with it. When the experimentation with the movement is not sufficient, then we add the influence of the vestibular apparatus and of intoxicants to the picture […], which again expand, contract, disfigure, or emphasize the body-image and its particular parts".

[289] Traduzido livremente do inglês: "one should emphasize the continual activity, the trying out"; "a tendency of the constructive life energy. It is a construction and destruction connected with the needs, strivings, and energies of the total personality".

Em resumo, essa imagem corporal é o *sinalizador* de uma *parte* da consciência global e total da pessoa que *ficou capturada* e retida em um mundo-brana desenhado e definido por ela *como um mapa ou uma formatação elétrica esquemática* que precisou gerar no interior de sua mente e seu corpo. Isso significa que a pessoa, por *necessidade e desejo*, gera a própria prisão onde (e quando) parte de sua consciência fica presa e essa passa a viver aquela realidade de maneira autônoma. Essa "parte" da consciência mais ampla passa a ser uma consciência "individuada" e por isso mencionei que trataremos de *consciências dentro de consciências*, ou uma consciência que é formada por *múltiplas consciências*. Veremos que, *em Deus*, como Consciência Única, isso nem é possível. Assim como uma consciência retida é parte e a *mesma* consciência imanente mais ampla, nossa consciência mais ampla (que talvez nos seja difícil até nomear o que seja) é uma *retenção em Deus, por desejo e necessidade,* e possui apenas *aparente individualidade*, pois é a *mesma* Consciência que Ele é.

Quando falo de consciências individuadas retidas, elas são apenas formatações branáticas particulares geradas por *retenção/concentração de catexias* e não se trata de "indivíduos" em si. Ainda que, quando aprendemos a *observar* essas consciências e *entrar em contato com elas (em ato, de forma experiencial)*, percebemos que elas são nós mesmos e, ao mesmo tempo, diferentes de nós. Contudo, tanto o ambiente quadridimensional do volume-brana, quanto a imagem corporal quadridimensional formatados, como existem como formações individuadas por necessidades histórico-temporais específicas de cada época e momento ontogenético, não necessariamente comunicam-se uns com os outros. Um ambiente-imagem corporal pode não se comunicar com outro ambiente-imagem corporal e ambos podem coexistir enquanto têm a percepção de serem realidades isoladas.

Exemplifico. Um "Vicente" que está sempre apanhando da mãe por não ir bem na escola, aos 11 anos, pode não ter uma percepção direta da existência de outro "Vicente" que caiu de um cavalo e quase quebrou o pescoço aos 5 anos. Eles vivem suas realidades temporais, tal como nós vivemos a nossa realidade temporal corrente, com nosso corpo presente. Parece que, ao dizer isso, consideramos que essas consciências são *autônomas* e não formatadas pela mesma consciência mais ampla, que é quem dirige as catexias elétricas para que essas consciências individuadas e seus mundos-brana *sigam existindo*, porque assim essa consciência mais ampla deseja. Isso é verdade, elas são autônomas por *duas* razões.

A *primeira* é que elas são uma expressão do *conatus* que se atualiza por meio de convecções eletromagnéticas do Sistema Nervoso Autônomo. Isso significa que elas são uma função da vida vegetativa autônoma e estão em função *da sustentação da vida* do sistema maior que é o *organismo.* Organismo, na compreensão reichiana não é apenas um "conjunto de

órgãos" formatados sob um determinado saber-poder, mas é a *organização* que torna a vida mental e corporal possíveis em conjunto como *inteligências de conservação e perseverança* tanto genéticas quanto filogenéticas, ontogenéticas e energéticas. A sustentação do organismo requer constantes e inúmeros deslocamentos vetoriais elétricos pelo corpo, tanto quanto e para onde sejam necessários. São micro ou nanodesejos autônomos, dados pelas consciências que habitam o corpo. Logo, se existe uma *formatação individuada* de consciência e ela *busca perseverar* no ambiente branático onde está, ela fará isso *apenas e de acordo com as regras de ação e percepção* do mundo-brana onde está. Se a consciência decidiu que iria sobreviver *àquilo* (um evento espaçotemporal e todos os elementos que a afetavam), esse "aquilo" torna-se o conjunto de percepções que gerou para si e esse *conjunto* torna-se o mundo-brana *completo* onde passará a habitar e perseverar. Por isso, digo que uma consciência individuada é autônoma no mundo-brana onde está, pois ela sustenta e reproduz todas as estratégias de perseverança *com as quais decidiu* que iria perseverar nesse espaço prisional. Ao definir o *espaço*, que é o "como estruturado" da perseverança, a consciência também define o *tempo* dos seus ímpetos, isto é, o "como movente" deles, suas inteligências e estratégias.

Normalmente, nas regras definidas, *outros mundos branáticos não existem e nem são possíveis*, tanto quanto for o *esforço de tornar esse mundo-brana autoconfinado, previsível e controlado*. Veremos que há maneiras de gerar mundos-brana que os tornam *existentes, mas não prisionais*. Por ora, podemos considerar que uma consciência que existe em uma prisão *menos densa* é *menos desesperada* e acredita *menos* que irá morrer ao final. O contrário é verdadeiro. Digo *prisão*, porque mesmo em uma condição de completa saúde e espontaneidade, toda percepção é uma formatação de catexias e, portanto, uma particularidade e uma ficção especulativa. Enquanto estivermos posicionados em alguma delas, essa *vivência* será apenas *um* dos mundos narrativo-ficcionais possíveis de serem habitados. Como disse, quando me referi ao "eixo da narrativa e do discurso", narrativas são formatadas *em conjunto* com excitações direcionadas, pois expressam o mesmo movimento ondulatório da energia e o mesmo *processo de geração*. Todas as prisões são *ad hoc*, isto é, temporárias e destinadas a propósitos particulares e temporários, contudo, o que definirá o quão imanente, saudável e flexível será essa formatação de realidade *dependerá da necessidade e dos esforços aplicados nela para que não mude*.

A *segunda* razão dessas consciências individuadas, de fato, serem *autônomas*, é que elas dependem *das distinções e das capacidades de auto-observação* que uma pessoa porte dentro de si. Se essas consciências "se movem sozinhas" no mundo-brana onde estão e concatenam e reconcatenam lógicas de perseverança circulares, restritas pelos limites de

segurança do mundo-brana gerado, são autônomas, como mencionei e podem ser novamente autônomas *em relação à percepção da própria pessoa de que elas existem dentro de si*. São muito comuns alguns tipos de frases expressas por pacientes que estão em processo terapêutico: "eu não tinha ideia de que eu *carregava* isso dentro!", "somente agora consegui perceber com clareza que eu me movimento e me sinto dessa forma *o tempo inteiro* e não percebia", "eu fazia alguma ideia de que o que eu sentia era muito fundo e forte, mas eu não conseguia *fazer contato* com isso". Isso apenas atesta que a pessoa *tem várias consciências presas e vários mundos-brana prisionais dentro de si*.

O tom de surpresa e incredulidade normalmente se deve *ao modo em que fomos condicionados a nos perceber e nos orientar na cultura moderna*. Quando éramos pequenos, ou adolescentes ou quando somos adultos, inclusive, dificilmente alguém nos pergunta: "o que você está sentindo?", nem tampouco nos perguntamos: "o que eu estou sentindo?" *e tentamos dar uma resposta reta, clara e objetiva a respeito do que sentimos e do porquê*. Apenas passamos de um pensamento e sentimento defensivos a outros e não notamos muitas vezes que, com isso, somente geramos ideias inadequadas a respeito das realidades que nos ocorrem e em que estamos. Isso é devido tanto às desconexões que a couraça crônica gera, ao gerar contrainvestimentos a respeito do que seja proibido (*isto é, inseguro*) sentir e perceber quando a consciência está sujeita e determinada por certas regras de mundos-brana, quanto é devido às desconexões que a própria cultura *fomenta* nos espaços relacionais construídos por ela, porque no contexto colonial e patriarcal moderno em que estamos, *orientar-se ao saber o que se sente* gera inseguranças e desestruturações das regras autoritárias que governam esse contexto.

4.9 Bloqueio do plasma e contrato de realidade

Esses "Vicentes" *existem virtualmente e não materialmente no meu plasma corporal, porque o plasma é o meio de gravação/retenção das configurações eletromagnéticas do desejo.* Como disse Reich: "na realidade, fiz apenas uma única descoberta: *a função da pulsação orgástica do plasma*. Ela representa o trecho de litoral a partir do qual tudo o mais se desenvolveu" (2003 [1951], p. 5, grifos do autor). A *pulsação* é a alternância entre os tempos de tensão-carga-descarga-relaxamento e o *orgasmo* é a necessidade e o ato de convulsionar as retenções energéticas que se encontram acumuladas em excesso na unidade corpomental. O que desenvolvo aqui é uma tentativa de dar sequência a essa descoberta e avançar nas compreensões possíveis.

O plasma corporal, sob certos aspectos, tem princípios de funcionamento idênticos aos da água, que é capaz de gravar/reter informações eletromagnéticas de ondas advindas de outros *conatus*, das chamadas "nanopartículas" de entes vegetais ou minerais, por exemplo. É a quarta fase da água, sua configuração coloidal plasmática, que é capaz de gerar e sustentar pequenas estruturas geométricas que conservam a "memória" do *conatus* emitido por outro corpo. O plasma corporal se comporta da mesma forma e é capaz de reter formações elétricas no seu interior que configuram pequenas formas prismáticas em cadeia e em agregados de formas maiores. Como a "planta baixa" é dada pela *moldagem das ondas eletromagnéticas*, uma forma dimensional restrita e densa na mente é uma forma dimensional restrita e densa no corpo, o que Reich chamou de "bloqueio".

Em *O Éter, Deus e o Diabo* (2003 [1951]), ele se refere aos bloqueios como: "bloqueio das sensações" (p. 92); "bloqueios [...] da autopercepção" (p. 304); "bloqueio fisiológico" (p. 309); "bloqueio emocional" (p. 320); e "bloqueio do contato" (p. 324). E em *Análise do caráter* (1998 [1933][1949][1952]) se refere a eles como "bloqueios do diafragma e da pelve etc." (p. 12); "bloqueio contra a análise" (p. 66); "bloqueio de afetos" (p. 128); "bloqueio [...] contra estímulos externos" (p. 154); "bloqueio de pulsação orgonótica" (p. 178); "bloqueio da motilidade do orgone corporal" (p. 294); "bloqueio respiratório" (p. 336); "bloqueios musculares" (p. 341). Com eles quer indicar o bloqueio que acontece na *mente, na forma de sensação, autopercepção e contato psíquico*, o bloqueio que acontece no *corpo, nos órgãos e plasma fisiológico*, e o bloqueio que acontece nas *relações, na capacidade de ser afetado e estar aberto e vulnerável a outro.* Todos eles se dão simultaneamente.

Ele não fala diretamente de "bloqueio energético", ainda que se refira aos bloqueios da couraça de caráter e da couraça muscular. É um bloqueio da motilidade plasmática, não da energia. Passarmos a compreender como um "bloqueio energético" primário pode nos levar a uma alteração da fórmula do orgasmo. Se primeiro a motilidade plasmática (de tecidos, órgãos, músculos, fáscias, tendões) é bloqueada e logo a carga bioelétrica é retida, então a fórmula permanece a mesma. Já explicarei esse ponto. De uma maneira spinozista poderíamos falar de um "bloqueio na capacidade de afetar e ser afetado"[290].

Mas entendo que um bloqueio energético seja um bloqueio do *movimento da energia orgone* e essa, por sua vez, é livre de massa. Os bloqueios são retenções e contrainvestimentos

[290] Como disse Spinoza em *Ética* II, Proposição 14, Demonstração: "O corpo humano, com efeito [...], é afetado, de muitas maneiras, pelos corpos exteriores, e está arranjado de modo tal que afeta os corpos exteriores de muitas maneiras. Ora, tudo o que acontece no corpo humano [...] deve ser percebido pela mente. Portanto, a mente humana é capaz de perceber muitas coisas e é tanto mais capaz quanto etc." (2007, p. 66).

aos impulsos e estímulos espontâneos, porque há uma *decisão da consciência e seu conatus em definir que é perigoso sentir.* Como expliquei, não é uma "livre decisão narrativa" da mente, é desejo em ato. *Definir* a realidade perigosa e *decidir* propulsionar em favor de preservar a existência e perseverar nela são a *síntese de todo o engodo que envolve a formação e sustentação dos constructos prisionais transcendentes*. Em um momento, em um período, *a pessoa definiu a realidade tornando-a necessária para que pudesse se orientar e decidiu que a partir daí, desse tempo e desse espaço, iria decidir perseverar com as formas que encontrasse disponíveis.* Como citei, isso gera um *contrato de realidade.*

Cada um dos três "Vicentes" que citei como exemplo é uma consciência aprisionada em cada um desses mundos-brana e seu estado de devir (a forma de seu corpo, sua mente e suas percepções corporais e de realidade) é dependente das regras desse espaço branático, *porque as regras geométricas do espaço onde está são as mesmas regras geométricas do espaço dimensional corporal que ele é nesse espaço, porque tanto o corpo quanto o ambiente onde está têm e são as mesmas regras dimensionais.*

Quando digo que existem muitos outros Vicentes, dentro do que entendo de mim mesmo como sendo Vicente, é o que disse de uma consciência composta por muitas outras consciências simultâneas. Todas elas são a mesma, no entanto, todas são diferentes umas das outras e a experiência do que vivem *dura* em espaços-temporais diferentes, que são como *mundos-brana diferentes*. No entanto, todos os *espaços-tempo* prisionais que existem *na consciência (e são consciência)* podem *se superpor e se confundir/misturar* com o espaço-tempo corrente, onde e quando o corpo físico atual habita em tempo corrente. Da mesma maneira, todas as consciências aprisionadas (que também são espaçotemporais), com suas imagens quadridimensionais próprias, podem *se superpor e se confundir/misturar* com a consciência *observadora* que habita o espaço-tempo corrente de seu corpo físico presente. Isso necessita de um detalhamento e explicarei mais à frente como considero o que seja uma consciência e múltiplas consciências fractais que podem coexistir em dimensões espaçotemporais distintas dentro do espaço-tempo *singular e branático* que é uma consciência.

Por ora, considero que o que cada um desses Vicentes sente e *pode* fazer depende das regras geométricas espaciais, bem como o *esforço* que cada um deles pode fazer para atuar e perseverar no meio ou realidade espacial em que estão e o *esforço* que eles podem fazer para *modificar as relações de contexto* desse espaço são *dependentes das regras do espaço, que têm prevalência sobre os tempos vividos no seu interior.* O QUE UM CORPO E UMA MENTE PODEM DEPENDEM DAS REGRAS BRANÁTICAS DA REALIDADE EM QUE ESTÃO. Dependem das regras do *mundo de jogo*. Se as regras geométricas forem ameaçadas ou tentarem ser desmanteladas, o

próprio *conatus* do constructo, que passa a ser um sistema vivente, *gerará investimentos para reparar os danos estruturais no constructo, assim como gerará investimentos para combater as ameaças ao constructo.* Isso porque o constructo recebe a vida (é animado, é investido) pela consciência que *deseja* que o constructo *exista*.

Um bloqueio energético do corpo, antes de ser um bloqueio "muscular", é um bloqueio energético. Quero dizer que o bloqueio energético atualiza a forma do plasma corporal, no caso a neuromuscularidade. É somente a partir da *interpretação perceptual* dos dados da realidade corrente exterior que o SNA se posiciona enviando mensagens e comandos para a perseverança. No entanto, se os bloqueios mentais (constructos prisionais virtuais) já coexistem e moldam a percepção e se esses bloqueios são *retenções excitatórias no corpo* e ambos *são o mesmo processo desejante*, a neuromuscularidade apenas "obedece" ou "atualiza" as regras do bloqueio energético. O SNA e o *conatus* (o primeiro é a atualização da organização elétrica do segundo) não fazem nada que a consciência não *deseje*, tanto como forma *estrutural espacial*, quanto como forma *corrente temporal*, ou ímpetos propulsivos, que são os atos (comportamentos, ações, verbalizações, sentimentos, pensamentos etc.) da consciência.

Em outros termos, isso significa que antes da couraça gerar uma retenção muscular, ela gera uma retenção centrípeta elétrica. A musculatura apenas segue a fase contrátil elétrica: actina e miosina, por exemplo, apenas contraem-se após a formatação elétrica. A tensão *corporal orgânica* é posterior *à tensão elétrica aglutinada*. Digo isso porque o bloqueio muscular acontece por *atualização* do bloqueio energético, que é uma convecção catéxica da consciência. O molde dimensional de um minimundo-brana virtual/elétrico, que é chamado de "bloqueio energético", é instalado/gerado/retido pela consciência na área corporal necessária para que as funções psicológicas e somáticas daquelas áreas funcionais *sigam as instruções de segurança do mundo-brana moldado ali e o conatus passe a autorregular/autogerir aquelas funções, condicionado às regras branáticas de como a realidade* ***é/deve ser/será doravante***.

Quando uma consciência tem necessidade de defender-se, ela gera uma percepção "estou em risco". Dependendo do *lugar branático* em que considere essa compreensão, a percepção pode significar "estou morrendo", o que aumenta a percepção de gravidade do risco. Nesse momento, a consciência solicita ao *conatus* que conveccione um "bloqueio", uma densificação energética que diminua a *labilidade* e a *variância* do quanto é capaz de ser afetada. *Isso é um dispositivo de bloqueio que é gerado pelo conatus.* É uma *retenção* que é ao mesmo tempo *um mundo de sensações na mente (sensações de campo do que é possível existir e ocorrer ou não) e uma estase bioelétrica retida no corpo (uma densificação concentrada elétrica que produz um entumecimento e tensões mecânicas em uma região corporal).*

Essa concepção talvez modifique um pouco a ordem determinada por Reich da fórmula do orgasmo. Em lugar de *tensão mecânica → carga bioelétrica → descarga bioelétrica → relaxamento mecânico*, a tensão não pode ocorrer primeiro do que a carga, porque a carga é a catexia. PRIMEIRO, A CATEXIA OCORRE E MOLDA UMA FORMA PROPULSIVA, SENDO UMA CATEXIA COM DURAÇÃO. DEPOIS, A MUSCULATURA E AS PARTES MECÂNICAS SE AUTO-ORGANIZAM EM FUNÇÃO DESSA FORMA SUSTENTADA. Um exemplo disso é o *modo* como geramos e dispersamos uma tensão mecânica no corpo. Se uma pessoa que caminha pela rua, ao virar uma esquina, vê uma forma grande e peluda surgindo ao seu lado, pode *alucinar/predizer* que trata-se de um animal e nesse momento *grita dentro de si por socorro*. Para saber com o que está lidando e como se posicionar a isso, a consciência (por meio do *conatus*) convecciona *uma moldagem elétrica* para servir de mapa. *Nessa* moldagem, há uma necessidade. Por isso, imediatamente o *conatus convecciona* um aumento de tensão elétrica *que retesa* a musculatura, acelera a atividade elétrica do coração e dispara neurotransmissores *para aumentar as chances de perseverança*. Isso são recursos de convecção catéxica. São os movimentos de onda (eletricidade) que geram ondas nos fluxos de plasma corporal e o auto-organizam. Por isso, podemos entender o plasma coloidal do corpo como pequenos cristais que podem ser organizados e desorganizados, *de maneira cimática*, de acordo com os movimentos centrípetos elétricos aplicados nele.

O plasma é o meio condutor[291], não é a origem do impulso. A origem é o desejo, e o desejo é, simultaneamente, o corpo e a mente da consciência vortexial. *O desejo é a geração de onda no vórtex.* Um segundo, ou menos, após essa formatação, a pessoa percebe que era uma planta grande em um vaso. Por mais que ela molde outra realidade, nesse momento, ela poderá ficar com dores pelo corpo durante um tempo *ou até que chacoalhe as catexias retidas*. Com isso, o processo de *soltar a tensão acumulada* é acelerado, que é o tempo de desmontar/desfazer/liberar a convecção anterior. A segunda moldagem de realidade não anula a primeira, pois durante um tempo *elas continuam em superposição (de vórtexes)*. A consciência sente que está escapando e não está escapando, ao mesmo tempo. Somente quando a tensão é dispersada ela sente que, de fato, escapou do perigo (do "animal").

Um aumento de carga é um aumento de potencial centrípeto da energia, como o enrolar de uma mola. Isso é a força de perseverança da consciência em função de uma necessidade. O *conatus* é elétrico, é o desejo de gerar um efeito necessário por concentração de vetores catéxicos (*carga*), bem como é o desejo de desfazer efeitos, por necessidade, pela

[291] Como discutimos, o plasma é um fluido quase neutro, eletricamente condutivo.

dispersão de vetores catéxicos (*descarga*). Uma vez que o *conatus* gerou uma forma elétrica dimensional retentiva, a musculatura ao redor, os tecidos, glândulas, deslocamentos neuro-hormonais, todos seguem por deslocamento de ondas plasmáticas o *efeito atrator da forma dimensional desejada* e seus *efeitos de contração e expansão baseados naquela forma.*

Primeiro vem o *desespero*, depois o corpo se ajusta para gerar uma estratégia de perseverança segundo as regras de possibilidade e segurança para *reter o desespero* e poder encontrar e sustentar modos de *sobreviver a ele.* Quando uma pessoa está em terapia e, por meio de uma Análise do Caráter ou Vegetoterapia bem-sucedidas, *consegue entrar em contato e relaxar alguma regra de segurança antiga, imediatamente as catexias elétricas são liberadas e irradiadas pelo plasma corporal*. Com isso, a pessoa experiencia sensações de leveza e de prazer, como se um "peso" (gravitacional centrípeto) tivesse sido *removido* de seu interior. A musculatura *relaxa*. Em outros casos, essa irradiação pode fazer emergir (irradiar e desenrolar centrifugamente) emoções de tristeza, raiva, medo, que estavam *contidas* na forma de uma tensão elétrica/retenção muscular, e o organismo convulsiona essas emoções na forma de irrupções de choro, gritos, tremores e outras expressões de irradiação catéxica. Após essas ondas clônicas convulsivas dispersarem, a musculatura relaxa e o corpo entra em um estado de *distensão e desorganização* das retenções defensivas prévias.

4.10 Cada consciência aprisionada está *sempre* precisando/tentando sobreviver à realidade quadridimensional formada pelas regras do mundo-brana

Eu dizia sobre três consciências do "Vicente" que eram "Vicentes" que estavam presos em mundos-brana espaçotemporais diferentes. Dei como exemplo o "'Vicente' fetal preso", o "'Vicente' neonatal preso" e o "'Vicente' pós-natal preso". Esses volumes branáticos têm quatro dimensões, três espaciais e uma temporal, e são *prisões* porque são *concentrações* catéxicas, que formam volumes particulares e que são *distorções espaçotemporais*. Esses volumes dimensionais são definidos e *aglutinados energeticamente pelo desejo* e *recebem investimentos catéxicos até os dias atuais*, portanto, recebendo também uma *pressão gravitacional para manter sua forma coesa e estável no tempo*. O TEMPO DENTRO DE UM CONSTRUCTO ESPAÇOTEMPORAL MUNDO-BRANA PASSA DIFERENTE DO TEMPO DO ESPAÇO-TEMPO EM QUE A CONSCIÊNCIA DO OBSERVADOR VIVE EM SEU CORPO PRESENTE NO AQUI E AGORA.

Por isso eu disse, por exemplo, que "um 'Vicente' *fetal preso* em uma realidade dimensional prisional *sempre estará precisando sobreviver a esse espaço dimensional"* porque o "sempre" indica um *futuro contínuo* que se estende, mas nunca chega *ao seu fim*

predeterminado pelas regras branáticas do constructo, que é a *sua morte e dissolução existencial* previstas. Para o "Vicente" que vive lá dentro dessa formatação elétrica de realidade dimensional, o tempo passa normalmente, ele não sabe que, para o observador, que vive em um tempo mais *estendido* e em uma dimensão mais imanente, sua *existência espaçotemporal contraída, que é distorcida para permanecer autocontida*, parece *não passar*. Isso não é difícil de compreender se tomarmos a física da relatividade de Einstein. Como o tempo em que vivo agora, no aqui e agora, em meu corpo presente, tem uma passagem temporal em fluxo e estendida, quando observo uma realidade branática, no meu interior, que se encontra contraída, isto é, condensada eletricamente no interior do meu corpo e da minha mente, essa *convecção sustentada de catexias elétricas é uma densificação espaçotemporal que distorce o tempo e o espaço em relação à consciência do observador que vive outro tempo e espaço, mais estendidos.*

Para a consciência que está retida no mundo-brana particular e *menos imanente*, seu tempo corrente passa normalmente, o que significa que ela vive o tempo e espaço como nós vivemos, mas as "correntes" elétricas que ao *devirem* demonstram a modificação temporal (porque ondulam e propagam, ainda que de maneira fechada) ficam restritas *aos limites das "paredes" branáticas* que foram delimitadas no momento de sua concepção. Esses limites são tempo coagulado / formatado, são as definições do que existe e de como tudo funciona nesse mundo particular (o contexto, agora entendido em âmbito somatopsíquico e não social), *que o tornam previsível e seguro*, e são regras geométricas de segurança de *até onde* essa consciência-imagem corporal pode ir, mover-se e tornar-se no interior do mundo-brana.

O que chamo de "tempo corrente" é sempre em relação ao que é corrente para a consciência que vive as regras temporal-espaciais da realidade de um mundo-brana. Por exemplo, o tempo corrente para a consciência de quem lê este texto é exatamente a sensação e percepção espacial-temporal que ela tem, desde que quando ela leia o texto sua consciência, que é o observador, esteja posicionada em seu corpo presente, nas suas sensações correntes de seu corpo plasmático, e, ao mesmo tempo, esteja em contato com o texto que lê. Se, em algum momento, a consciência observadora *vai para outro lugar*, mesmo que pretenda ler, estará em outro lugar, porque o observador é apenas uma *função de aglutinação catéxica da própria consciência*. Onde a consciência *aglutina*, isto é, *convecciona catexias* é onde-quando ela está. Por isso, *parte* de uma pessoa pode estar lendo o texto, *parte* pode estar *experienciando o ambiente-imagem corporal* de alguma consciência sua retida em algum mundo-brana de seu *sistema de couraças*, e *parte* pode estar pensando no que precisa fazer daqui a uma hora, que se torna *outro constructo temporal autocontido e confinado porque é uma especulação e uma*

projeção ficcional. Todas essas partes são consciências divididas e simultâneas sustentadas por catexias, investimentos energéticos do desejo. Todas elas são o que a pessoa entende (narra para si) como "si-mesma" e são *diferentes* de si-mesma, pois são habitações/modulações espaçotemporais completamente distintas.

4.11 Um mundo-brana seria uma crença, uma memória ou ambas?

Poderíamos compreender o fenômeno da *geração de um mundo-brana* como uma "crença" ou uma "memória", *o que acredito que seja*. Isso, desde que exista uma gravação/retenção dessa crença ou memória no sistema plasmático do sistema vivente. Contudo, seria necessário acrescentar à primeira uma dimensão *temporal*, e à segunda, uma dimensão *tridimensional*. O termo "crença" não tem uma definição única e é difícil saber qual foi o primeiro autor que falou sobre o conceito. Por exemplo, William James discutiu a natureza da fé na obra *As variedades da experiência religiosa* (2017 [1902]) e Freud, em *O futuro de uma ilusão* (2010 [1927]), falou sobre a natureza da religião, suas origens e funções psicológicas e sociais. Ele argumenta que a religião é uma ilusão que surge das necessidades emocionais e psicológicas humanas e de seus desejos inconscientes, especialmente em função da necessidade de conforto diante da incerteza e da ansiedade relacionada aos estados de vida e morte. Essa compreensão nos será bem útil, a meu ver, porque a questão que mais nos concerne sobre crenças não reside no que elas *sejam*, mas em *como e por que* elas ficam retidas/gravadas no sistema vivente e passam a servir de parâmetros de realidade para ele. No entanto, em termos de compreensão imanente, me acerco mais a James, que investigou a conexão com o divino e as experiências de êxtase que advêm dessa conexão. Falarei disso ao abordar o que é o *imperium* para Spinoza, como equilíbrio interior, e a direção da propulsão de todo *conatus*, que é a obtenção de um grau maior de liberdade e proximidade com a natureza divina.

De modo geral, o termo crença pode significar: "expectativas e suposições", "pensamentos automáticos instintivos ou condicionados", "pensamentos automáticos negativos e distorcidos", "convicções morais fundamentais", "sistemas de significado que moldam percepções, comportamentos e valores", "expressões da dimensão espiritual", "sistema de valores, símbolos e narrativas que moldam identidades", "convicções profundas sobre o sentido da vida", "viés cognitivo", "aceitação de ideias e conceitos como verdadeiros" etc. Creio que todos esses significados se adéquam ao que pretendo demonstrar.

Em particular, quero comentar o trabalho de Bruce Lipton, biólogo celular, autor do livro *A biologia da crença* (2007). Escolhi Lipton por quatro razões: ele inclui o corpo na compreensão das crenças, aborda os impactos das forças eletromagnéticas[292] no funcionamento da biologia e transmissão de informações ambientais, explora o papel do Sistema Nervoso Autônomo em comportamentos de proteção e abre um grande espaço para a investigação funcional do que tende a ser classificado pelos parâmetros científicos padrão como *ciências marginais*. O interesse nessas ciências, sem surpresa, renderam-lhe perseguições acadêmicas, ainda que tenha recebido apoio da Escola de Medicina da Universidade de Stanford, onde terminou sua vida acadêmica enquanto defendia e propagava o que chamou de "nova biologia" (Cf. Lipton, 2007, p. 12-13).

Para o autor, *crença* "é um tipo de percepção que controla o comportamento" (2007, p. 87). Explica também: "o melhor termo a ser usado nesses casos é 'efeito percepção'. Eu prefiro chamar de 'efeito-crença' para enfatizar que nossas percepções, sejam elas precisas ou não, têm grande impacto sobre nosso comportamento e nosso corpo" (p. 88). A defesa básica de sua tese é a de que muitas das crenças que nos impulsionam e controlam nossas vidas não são reais, mas são conceitos limitadores, e é desejável que uma pessoa passe a querer modificá-los para assumir o controle da própria vida. Seu embate é com o "dogma central da biologia: a crença de que a vida é controlada pelos genes" (p. 6).

Lipton tornou-se academicamente conhecido por discutir a *epigenética*, que investiga os mecanismos moleculares através dos quais o *meio ambiente* controla a expressão gênica ou fenótipo, sem envolver alterações na sequência de DNA. Em suas palavras: "estava pesquisando os mecanismos que controlam a fisiologia e o comportamento das células. De repente, percebi que a vida de uma célula é controlada pelo ambiente físico e energético em que ela se encontra e não pelos genes. [...] é a 'consciência' celular que controla os mecanismos da vida, e não os genes" (p. 5).

O autor explora as ideias básicas que regem o que filosoficamente chamamos de *conatus* quando afirma que células são sistemas inteligentes que sobrevivem por conta própria, sempre em inter-relação, e têm propósitos na vida. A fim de perseverarem, analisam centenas

[292] Lipton aponta: "Frequências e padrões específicos de radiação eletromagnética regulam o DNA, o RNA, a síntese das proteínas, alteram a função e o formato das proteínas, controlam os genes, a divisão das células, sua diferenciação, a morfogênese (processo pelo qual as células se agrupam, formando órgãos e tecidos), a secreção hormonal, o crescimento e as funções nervosas. [...] Embora esses estudos tenham sido publicados em alguns dos periódicos biomédicos mais respeitados, suas descobertas revolucionárias ainda não foram incorporadas ao currículo das escolas de medicina (Liboff, 2004; Goodman e Blank, 2002; Sivitz, 2000; Jin *et al*., 2000; Blackman *et al*., 1993; Rosen, 1992; Blank, 1992; Tsong, 1989; Yen-Patton *et al*., 1988)" (2007, p. 70-71). Prossegue ainda: "Não há investimento real no estudo da medicina energética. O problema é que, sem fundos para pesquisas, ela ainda pode continuar a ser classificada como 'não-científica' durante muito tempo" (p. 72).

de estímulos dos ambientes onde habitam, selecionam respostas ambientais mais adequadas para garantir a sobrevivência, buscam ambientes mais propícios, evitam outros que possam ser hostis e aprendem com as experiências que vivenciaram em seus ambientes. A consciência do ambiente aumenta as chances de sobrevivência do organismo. A ação direta do meio ambiente sobre a perseverança desfaz a ideia de que os genes controlam a vida, os hábitos e as tendências do comportamento. Muitas pessoas, quando se valem da crença de serem vítimas da hereditariedade genética quando algum comportamento somático ou psíquico lhe causa problemas, buscam em medicamentos meios de corrigir "desequilíbrios químicos", sem atentar-se ao ambiente em que estão e ao que ocorre com suas maneiras de pensar e sentir. Isso muitas vezes pode ser uma forma de desresponsabilização e de submissão voluntária a uma tutela externa, pois "não há como lutar contra aquilo que fomos programados para ser" (Lipton, 2007, p. 30).

As observações de Lipton, que se tornam crescentes no decorrer do livro, buscam compreender *o poder da mente humana* em gerar tanto curas quanto adoecimentos no corpo. Ele aborda *três pontos* que quero destacar. O *primeiro* trata da *"ligação" mente-corpo*. Ele diz, por exemplo, que "a nova compreensão da mecânica do universo, porém, mostra como o corpo físico pode ser afetado pela mente não-material. [...] A 'energia' dos pensamentos pode ativar ou inibir as proteínas de funcionamento das células" (Lipton, 2007, p. 79), e "o poder da mente pode ser ainda mais eficaz que as drogas" (p. 80). Lipton fala inclusive sobre "o poder da mente sobre o corpo" (p. 82). O *segundo* ponto trata do papel da *mente subconsciente* e das limitações programadas nela, que são os maiores obstáculos para alcançar o que almejamos. Ele diz que "a mente subconsciente é um depósito de reações e de respostas a estímulos derivados dos instintos e das experiências vividas. Mantém (infelizmente) sempre o mesmo padrão habitual, emitindo as mesmas respostas comportamentais ao longo de toda a vida" (p. 81), que "a mente subconsciente é milhões de vezes mais forte que a mente consciente. Se os desejos da mente consciente entram em conflito com os programas subconscientes, qual lado você acredita que vencerá? (p. 81) e que "as ações da mente subconsciente são reflexivas por natureza, e não governadas pela razão ou pelo pensamento" (p. 86). Afirma ainda:

> Na verdade, o subconsciente é um grande centro de dados e programas desprovido de emoção, cuja função é simplesmente ler os sinais do ambiente e seguir uma programação estabelecida sem nenhum tipo de questionamento ou julgamento prévio. A mente subconsciente é como um "disco rígido" que armazena nossas experiências de vida. Os programas são basicamente comportamentos de estímulo-reação. Os estímulos que ativam o comportamento podem ser sinais que o sistema nervoso detecta do mundo externo e/ou de dentro do próprio corpo, como emoções, prazer e dor. Quando um estímulo é captado, gera automaticamente a

> mesma reação comportamental que foi aprendida na primeira vez em que foi detectado. Na verdade, as pessoas que percebem e passam a observar este tipo de resposta automática admitem que muitas vezes os "botões" em seu organismo são involuntariamente pressionados (Lipton, 2007, p. 108).

O *terceiro* ponto trata da *mente autoconsciente*, que é uma evolução de mamíferos mais desenvolvidos e indica um nível novo de consciência. Ele diz que enquanto nossa mente "subconsciente é nosso 'piloto automático'; já a mente consciente é nosso controle manual" (p. 109), que "enquanto a mente consciente sonha, fazendo planos para o futuro ou relembrando experiências passadas, a mente subconsciente está sempre ocupada administrando com eficiência o comportamento exigido no momento" (p. 111) e que "a mente autoconsciente [...] observa todos os comportamentos programados que adotamos, avalia cada um deles e decide conscientemente se deve modificá-los" (p. 86).

De modo geral, a dissertação de Lipton busca apontar aspectos importantes sobre as *crenças*, que são percepções que aprendemos com pais ou cuidadores que limitam e coordenam nossas ações práticas e são programações que funcionam como autossabotagens que foram incutidas em nossas mentes durante a infância. Ele também aponta, com pertinência, que a força do "pensamento positivo" e a "força de vontade" não são suficientes para mudar crenças e defende a necessidade de as pessoas acessarem os "arquivos" limitadores da mente subconsciente para gerar mudanças em crenças. Ao final, reitera a importância de as pessoas saberem amar, não apenas sobreviver. Em particular, creio ser positivo quando afirma que "muitos de nós vivemos de maneira limitada não por falta de alternativas, mas por acreditar que elas não existem" (p. 28). Todos esses aspectos considero válidos e creio que o presente trabalho dialoga com todos eles.

Expectativas e suposições podem ser expressões espaciais bidimensionais, elas podem ser configuradas como códigos de maneira linear, em uma superfície de escrita, e transformadas em frases. "Minha expectativa é de que...", "suponho que...". Pensamentos negativos ou sistemas de significados podem entrar na mesma categoria: "tenho um pensamento negativo de que tal evento vai ocorrer", "estou convicto de que...", "percebo da seguinte forma...". Essas frases são *teses* bidimensionais. Se a pessoa as *visualiza* como *imagens ou cenas de filme*, essas teses poderiam ser entendidas em três dimensões, pois os elementos imaginados na mente têm volume e podem ser uma *sucessão de quadros ou uma narrativa* que faz do *exterior* a respeito do que visualiza. Expressar verbalmente em duas dimensões espaciais ou visualizar em três, com *algo de movimento*, pode apontar para algum tipo de distanciamento

entre o que é pensado e o que é vivido. A *tese* que fundamenta a crença pode ser falada e vista, mas pode não ser *sentida*.

Quando o tempo percebido é superficial em duas dimensões, a fala é enunciada de forma sequencial. Quem enuncia entende o que foi dito. Em três, as imagens na mente se movem e a própria imagem corporal na mente também se move. Quem imagina compreende os elementos que ocorreram. No entanto, se o tempo percebido for profundo, as imagens não se movem, *elas acontecem enquanto a consciência experimenta tanto a realidade movente do espaço-tempo branático, quanto a forma do devir do corpo que está vivendo esse espaço-tempo*. Trata-se de uma experiência de *presente contínuo dentro do mundo-brana*. O TEMPO PERCEBIDO DE MANEIRA PROFUNDA É O ESTADO DE CONTATO PSÍQUICO CONSCIENTE COM AS PRÓPRIAS CORRENTES VEGETATIVAS E A FORMA VIRTUAL DESSAS CORRENTES NA MENTE. Aprofundar-se no tempo do corpo é entrar em contato com as processualidades históricas retidas nele e na mente, o que pode ser feito através de *relaxamento, silêncio, diminuição do limiar de excitabilidade perceptivo, e pelo desejo de permitir a irradiação das informações da couraça.* Abordarei posteriormente esse aspecto.

Esses três pontos que considerei inicialmente mostram uma visão que é aparentemente lógica e de fácil entendimento, mas que, em seu bojo, traz conceitos que podem dificultar uma compreensão *processual* sobre a *duração* das crenças e possíveis intervenções clínicas que busquem *aprofundar as emoções e o que se sente no corpo*. Nas bases de Lipton, as terapêuticas correm o risco de ficarem restritas a aspectos mais *psíquicos*, como a identificação, o reconhecimento e o questionamento de crenças negativas, ou a aspectos mais *somáticos*, como técnicas de *biofeedback* e relaxamento, que ensinam as pessoas a controlarem suas respostas fisiológicas e influenciarem seus próprios corpos, bem como técnicas de cinesiologia aplicada que auxiliam na integração dos hemisférios direito e esquerdo do cérebro e ajudam pessoas a reprogramarem crenças. Todas essas técnicas podem ser muito úteis, no entanto, podem dificultar uma abordagem *funcional* psicológica política. Com isso quero dizer compreender em conjunto: a energia, a política, o caráter e a fisiologia, sem dicotomias.

Tomo o trabalho de Lipton para desenvolver um diálogo com as visões indicadas e apresentar a importância de pensarmos a quadridimensionalidade do mundo-brana como um *ambiente virtual* que é tanto a constituição de um *constructo perceptivo*, quanto a constituição de uma *realidade física não enganosa*. Esse ambiente pode ser *sustentado* na mente e no corpo de um sistema vivente e pode ser *sustentado* como um meio social, onde-quando interações dinâmicas se dão.

Tudo o que eu escrever se dará sobre um aprofundamento do querer e dos seus propósitos implícitos/íntimos. Eu disse que um mundo-brana poderia ser considerado uma crença se a ela fosse acrescentada uma dimensão temporal. Quero enfatizar que uma das expressões quadridimensionais do tempo, que é a mudança e o movimento, é na forma de um *devir*, a mudança de estado de ser, e outra é na forma de um ímpeto propulsivo que se *desloca*. Em ambos os modos, o movimento quadridimensional, que é uma forma de modulação, é gerado com *autoria* e as limitações da crença são uma *restrição ativa de possibilidades*. Por autoria, quero dizer que são o desejo e a decisão de uma consciência que *conveccionam o próprio tempo*, pois não há alguém do exterior que tenha o poder de dirigir o tempo interno de outrem. Já por restrição ativa, quero dizer que o desejo e a decisão de restringir possibilidades próprias provêm de medidas de segurança tomadas a partir de processos históricos. Nenhuma restrição de possibilidades interna é feita sem o desejo e a anuência da própria consciência. É por uma promessa de segurança que a consciência *decide* restringir suas próprias possibilidades.

Quando Lipton fala do "poder da mente sobre o corpo" ou da "interação mente-corpo" ele instaura um *dualismo*, porque não há a ideia de que mente e corpo sejam o mesmo processo de organização desejante. Pensar nas "energias do pensamento" que atuam sobre o corpo físico formam essa separação, e depois, como explicou Job, coloca-se um hífen para tentar unir novamente o que não deveria ter sido separado em primeiro lugar. Em suas palavras: "visto que o saber não opera por dualidades, mas por composição: não existe isolamento no saber, mas apenas relações de relações. O saber raramente usa o hífen para compor, dualidade dissimulada" (Job, 2013, p. 228). Quando Lipton descreve mente como "energia" e corpo como "matéria" e se pergunta "como uma mente não material pode estar 'conectada' a um corpo denso?" (2007, p. 79) isso forma um problema funcional que dificulta o raciocínio posterior, porque equivaler mente a energia é dificultar que o corpo seja pensado *em diversos níveis de densidade simultâneos.* Também dificulta pensarmos que a mente seja considerada também em *níveis de densidade diferentes*. Se o princípio de funcionamento comum da mente e do corpo é a energia, somente o que há é energia.

Podemos inclusive pensar que a *excitação* é um modo do atributo "extensão" e que a *sensação* é um modo do atributo "pensamento". Assim, podemos pensar que Deus pode se expressar em corpo/extensão e em mente/pensamento porque o que gera são *ondas*. Ondas são uma realidade física não material. Se as consideramos excitação, podemos pensá-las como corpo, se as consideramos sensação, podemos pensá-las como mente. Tanto a *realidade* de um corpo físico pode ser material como não material e a *realidade* de uma mente virtual pode ser materializada. Isso é o que acontece quando uma "planta baixa virtual elétrica" se atualiza como

uma formatação de espaço físico-material e formatação de ideias em termos lógico-formais, diagramas, sequências de programação, regras descritivas, enunciações etc. Outro exemplo é que um esforço denso estruturado no corpo é uma couraça muscular crônica. Um esforço denso estruturado na mente é uma realidade inexorável e inescapável, que é o que chamei de constructo virtual prisional. Uma onda de rádio ou outro tipo de frequência eletromagnética é uma realidade física não material, e as tensões no corpo que sentimos como "palpáveis" são realidades físicas materiais.

Quando entendemos a realidade como densificações e modulações de uma mesma energia isso também nos dificulta compreender como a mente pode ter influência sobre o corpo. Como explicou Reich, o processo mental e o processo plasmático corporal são o mesmo processo catéxico. Por isso, não há energia do pensamento e energia do corpo, o que há é apenas uma energia que é *propulsionada pelo desejo*, e chamamos isso de *catexia*. O *modo* de propulsionar (amplitude, frequência) a onda energética, a *duração* da propulsão, sua reprodução rítmica no espaço-tempo (ou no éter, como Reich aponta) e quanto *varia* em movimentos centrípetos e centrífugos, é o que *define* o que chamemos de experiência corporal e experiência mental.

Logo, se existe um privilégio em pensar "o poder da mente" isso pode dificultar dedicarmos atenção aos movimentos das correntes plasmáticas em nosso corpo, visto que elas são *fundamentais* para compreendermos os estados de prisão e liberdade no corpo e na mente, porque *a sensação física de estar preso em si mesmo*, de sentir *os bloqueios da energia vegetativa no corpo*, vem por um estado de atenção *à retenção das correntes plasmáticas no corpo*. Quando alguém sente *angústia* no meio do peito, tem a *clareza* de que a sensação na mente é *um estado de contração física plasmática do corpo*. O risco é ficarmos demasiadamente mentais e abstratos. Se eu dissesse "o poder do corpo de sentir", isso conduziria a uma posição totalmente diferente de percepção. Se eu quiser *sentir* as *correntes* orgásticas em meu corpo ou *congestões angustiantes* em meu corpo, provavelmente não farei isso com "o poder da mente", mas com a observação do que sinto no aqui e agora como sensação física e sentimento presente e as intensidades dessas sensações e sentimentos. Toda a atenção que damos às catexias elétricas no corpo e na mente podem não fazer tanto sentido se tomarmos por base "o poder da mente humana", mas é o estado de atenção a essas catexias e seus propósitos que nos permitem saber que *contextos e mundos de jogo* formamos, pois são existências tanto mentais individuais, quanto mentais sociais. Creio que ambas podem ser pensadas como "crenças quadridimensionais", como mencionei.

Outra questão que pode gerar problemas é o *agrupamento* de fenômenos diferentes no que Lipton chamou de "mente subconsciente". Se é dito que há uma mente autoconsciente e outra subconsciente, isso gera imediatamente a dicotomia que pretendemos evitar. "Sub" não é um estado de coisas estanque ou definido previamente como existência. "Sub" quer dizer uma condição cultural em que as pessoas foram educadas a *notar* certos movimentos de si mesmas ou a *não notá-los*, o que é totalmente dependente de se durante a vida de uma pessoa ela desenvolveu *distinções* claras *do que ela sentia ou não sentia a respeito de seus próprios movimentos e propósitos internos*.

O que é "subconsciente" para uma pessoa identificada com a cultura patriarcal e colonial onde foi educada *pode não ser subconsciente* para outra pessoa que foi educada em *contextos* culturais nos quais valores sensoriais bastante *marginais* à nossa cultura são ensinados experiencialmente desde muito cedo. Se os educadores geram um contexto onde as crianças são encorajadas a distinguirem o que sentem, a sentirem a *anima* de animais, plantas e outros elementos da natureza, a poderem expressar o que sentem e se responsabilizar pelo que sentem, a pleitear e serem ouvidas, a negociar e não receberem descargas de ódios emocionais de adultos, a explorarem sem ansiedade o próprio corpo, certamente essas crianças terão noções muito diferentes do que significa uma "mente subconsciente". O "sub" pode levar à consideração de algo que *tem um funcionamento oculto*, mas isso é uma questão de saber distinguir e não uma questão de uma natureza separada.

Se a mente "subconsciente" é como um disco rígido que emite sempre as mesmas respostas, como afirmou Lipton, isso pode diminuir as chances de uma pessoa *perceber aquilo que deseja*. Digo isso porque o *desejo*, ao ser propulsão, é sempre ativo, nunca é passivo. Se nossa "mente subconsciente" é nosso sistema de regras, de crenças, nossas histórias ficcionais, nossos padrões de pensamento, nossas suposições a respeito do funcionamento do mundo, nossas expectativas de como as coisas deveriam ocorrer etc., isso *nunca é uma duração passiva*. Uma duração passiva seria compreender, como Lipton, que esses padrões *incutidos* pela cultura e pelos pais durante a infância, *uma vez que foram incutidos*, passam a atuar mecanicamente *sem que o desejo consciente participe nisso.* A meu ver, isso é um engano por duas razões.

Primeiro, que a ideia de que uma pessoa possa *incutir* uma ideia na mente de outra me parece equivocado, porque o que há é *encontro de corpos e não de mentes*, então quando uma pessoa fala algo a outra, o que ela transmite são ondas sonoras, que são modulações, isto é, extensões do corpo de outra pessoa. Essas ondas chocam-se nas células auditivas que as *transduzem* como informação sonora, na forma de impulsos elétricos. Quando uma criança está *imersa* em um contexto familiar e esse contexto tem regras e instruções do que é adequado ou

não fazer ou pensar, de como perseverar com sucesso nesse meio ou sucumbir a ele, essas regras, a maior parte delas não verbais, são emissões eletromagnéticas de diversos campos, desde a disposição de objetos, as expressões emocionais, os ritmos em que as interações de atenção e cuidado acontecem, todos os *momenta* de todas as emissões do contexto. Essas emissões podem *entrar no corpo de uma pessoa*, mas, como o que ocorre após o encontro é uma transdução elétrica, *o modo como essa transdução será feita e se essas cargas formatadas serão retidas ou dissipadas trata-se de organizações do próprio conatus da pessoa*. Logo, "incutir" uma ideia não é possível, mas é possível que uma pessoa *deseje* reproduzir e sustentar em si uma *formatação muito próxima de modos elétricos que foram intencionados por outra pessoa ou pelo campo do contexto na comunicação*.

Segundo, que mesmo que uma informação tenha sido *reproduzida* como um *modo formal semelhante* dentro de si, a *duração* dessa reprodução de ondas formatadas no próprio meio plasmático e na própria mente poderia variar de segundos a anos, então não há nada como um "disco rígido". Qualquer uma dessas modalidades de crença que a pessoa *transduziu e reformatou para si* depende inteiramente da necessidade e do desejo dessa pessoa. Se a mãe, por exemplo, deu à criança um aviso: "vá brincar, mas cuide para não se machucar" e a criança acena com a cabeça e diz que compreendeu, a compreensão somente é devida porque a *formatação da instrução* foi reproduzida e sustentada pela criança e possivelmente durará, no máximo, até a brincadeira acabar. Foi somente porque a consciência da criança *quis* sustentar e reproduzir em si essa forma de onda durante aquela meia hora em que brincou, que essa informação ficou gravada/retida em seu plasma corporal.

O termo disco rígido não faz sentido em um sistema orgânico, porque o sistema de gravação é plasmático, ele se dá *por retenção elétrica da informação nas diferentes estruturas plasmáticas do corpo*, seja o sistema neuromuscular, nervoso autônomo, neuroendócrino etc. Logo que a *criança não precisa mais reter essa informação formatada*, ela apenas pode "esquecê-la", o que significa *relaxar ou irradiar a convecção elétrica que a fazia existir como uma (in)formação dentro de si.* No entanto, se a mãe diz: "vá brincar, mas tome cuidado com aquele seu coleguinha que rouba as coisas, pois ele é meio delinquente", a *necessidade de retenção da informação da mãe* poderá ser tão grande e tão necessária quanto for o espaço de segurança que a consciência dessa criança habita. Isso se torna mais *urgente e necessário* se a criança retém dentro de si outras formatações de mundos-brana em que consciências suas *estejam sempre em perigo de abuso ou violação ou de ser ferida de alguma forma*.

É como "aprender" algo dos pais ou de uma cultura educacional particular que disse que "você não pode ser amado(a)". Lipton diz: "Se aprendeu desde criança que não pode ser

amado ou que tem saúde frágil, essas mensagens programadas em sua mente subconsciente vão fazer cair por terra todos os seus esforços para modificar sua vida" (2007, p. 81). Uma ideia não pode ser aprendida de maneira *passiva*. Isso seria a concepção de que uma ideia foi colocada ou imposta à mente e isso não é possível. Uma consciência não *aprende* que não pode ser amada, ela *decide* que não pode ser amada *no momento em que ela decide copiar para si essas regras branáticas como seu próprio sistema de segurança*. Aprender é reter, e uma retenção logo se dissolveria centrifugamente ao ser relaxada pelo desejo de soltar e *não reter*. A ação elétrica é retentiva, sustenta a tensão e é centrípeta. A irradiação que expande e gera campo é magnética, é centrífuga. Centrífugo e centrípeto são direções vetoriais do desejo.

Então, *fazer durar* uma formatação elétrica emitida pela mãe *em si* pode receber, da própria consciência da criança, catexias *em um volume de investimento muito mais alto e essa forma branática reproduzida em si* pode tardar anos em ser dissipada. Isso significa que se o fluxo de catexias elétricas, retentivas, cessa, o sistema se expande lentamente, as informações e excitações irradiam e a forma é desfeita. Para que algo *dure*, uma memória, um mundo-brana, uma percepção, é preciso gerá-los continuamente a partir de investimentos elétricos. Para que uma forma dure, é necessário que ela seja reproduzida constantemente, da mesma forma que trocamos as células da pele e dos órgãos internos constantemente. As células morrem e novas são reproduzidas, mas o desejo catéxico de manter a *forma* da pele e dos órgãos permanece igual, por isso os elementos materiais se renovam, mas a forma elétrica não. Como vimos, isso não é organizado pelo *genoma*, é organizado pelo *eletroma.*

Logo, o que dissipa uma formatação elétrica? O *desejo de soltar* e/ou a *permissão interna de irradiar* centrifugamente a sensação/excitação (informação) que anteriormente era continuamente gerada de forma centrípeta. Uma formatação que recebe muitos vetores catéxicos em sua geração torna-se uma formatação elétrica *densa*. No corpo, essa densidade energética gera retenções no movimento do plasma corporal e, assim, em termos perceptivos, essa densidade pode superar um *limiar de excitabilidade* e a pessoa passar a *perceber* como *real* que algo ocorre em seu corpo. Na mente, essa densidade energética também gera sensações muito *vívidas* pela mesma razão. Não significa que sejam experiências dolorosas, significa que são *intensas* pela quantidade (*quantum* energético, aspecto quantitativo da economia vegetativa) de investimentos elétricos vetoriais dirigidos *para aquela geração necessária.* Se a retenção na mente gera uma estrutura branática autocontida e, *por necessidade*, para sua geração e sustentação temporal (duração) essa estrutura recebe *uma convecção grande de catexias*, essa estrutura branática será muito *vívida e presente, isto é, real, de acordo com as regras geométricas de existência modeladas nela*.

CAPÍTULO 5

Sobre o espaço-tempo da couraça e a autodeterminação em mundos prisionais

Faltam-te pés para viajar?
Viaja dentro de ti mesmo,
e reflete, como a mina de rubis,
os raios de sol para fora de ti.

A viagem conduzirá a teu ser,
transmutará teu pó em ouro puro.

Jalaluddin Rumi
(Estrela da Promessa)

5.1 Limiar de excitabilidade e anestesiamento sensorial

Cabe falarmos um pouco sobre limiares de excitabilidade neurológicos e sua relação com nossos *esforços autônomos de anestesiamento e prevenções de impacto emocional*. De modo geral, em neurologia, o *limiar de excitabilidade* refere-se à quantidade mínima de estímulo necessária para desencadear um potencial de ação em um neurônio. Se o estímulo não atingir esse limiar, o sinal elétrico não é gerado e, portanto, não há percepção. Existem muitos limiares de excitabilidade que afetam a sensibilidade de uma pessoa a estímulos sensoriais. Pessoas com *altos limiares* de excitabilidade precisam de *estímulos mais intensos* para *perceberem* algo, enquanto aquelas com limiares *mais baixos* podem perceber estímulos *mais sutis*. A variação no limiar de excitabilidade pode ajudar a explicar por que algumas pessoas são mais sensíveis a certos estímulos do que outras, mas, certamente não se trata nem de uma *regra mecânica*, nem *determinística* no corpo, porque *desenvolver um limiar alto de excitabilidade é uma medida de proteção*. Como é explicado por autores em estudos de Disfunção de Integração Sensorial (DIS):

> A habilidade de lidar e organizar reações às sensações de maneira adequada e adaptativa é a modulação sensorial. Este processo ocorre tanto a nível neurofisiológico quanto a nível comportamental (que será melhor ilustrado pelos perfis sensoriais) e é melhor explicado como sendo um limiar para o input sensorial. Dependendo de como o sistema processa a informação, os indivíduos tendem a apresentar hiporresponsividade ou hiper-responsividade à sensação. Um

> indivíduo que é hiporresponsivo apresenta falhas na reação aos estímulos. Suas respostas são pobres e lentas. Para esses indivíduos é preciso muito input sensorial para que um limiar de excitabilidade seja atingido e gere uma resposta comportamental. Indivíduos que são hiper-responsivos aos inputs sensoriais reagem rápida, forte e, em geral, negativamente aos estímulos por terem baixo limiar de excitabilidade (Molleri *et al*., 2010, p. 176).

Reich defendia que quanto maior fosse a capacidade de uma pessoa para experienciar prazer e entregar-se a ele, maior seria sua capacidade para experienciar dores, porque ambas as capacidades são medidas de vulnerabilidade. O inverso é verdadeiro: quanto menos vulnerável, mais rígida, inflexível e menos capaz de autorregulação. Como explica:

> esse encouraçamento torna a pessoa menos sensível ao desprazer; mas também restringe sua motilidade agressiva e libidinal, reduzindo assim a capacidade de realização e de prazer. Dizemos que o ego ficou menos flexível e mais rígido; e que a capacidade de regular a economia de energia depende da extensão do encouraçamento (Reich, 1998 [1949], p. 314).

Em outros termos, uma pessoa mais sensível e responsiva emocionalmente tende a *detectar e diferenciar* graus de excitação e sensações muito menores do que uma pessoa mais rígida e menos espontânea. A relação entre o limiar de excitabilidade e a percepção (também chamados de *limiares sensoriais*) é uma área ampla de estudos na neurociência, porque ajuda a entender como diferentes pessoas experimentam o mundo sensorial de maneiras distintas. Por exemplo, pessoas com um limiar de excitabilidade mais baixo podem achar ambientes barulhentos extremamente desconfortáveis, enquanto outras podem não ser tão afetadas. No caso, a relação entre altos e baixos limiares de excitabilidade e a percepção são importantes para nós sobretudo na compreensão *do que uma pessoa é capaz de perceber a respeito do que sente e processa internamente*[293].

O conceito da neurologia de "limiar de excitabilidade", que se refere à intensidade mínima de um estímulo necessário para gerar um potencial de ação em uma célula nervosa ou muscular, creio se relacionar diretamente com o conceito de "barra ou patamar de anestesiamento", que se refere ao nível de estímulo necessário para que uma pessoa perceba um sentimento ou sensação e responda a eles. Em termos clínicos ou psicológicos, esse termo pode descrever, em uma escala de gradação, qual é a redução de sensibilidade a estímulos emocionais e sensoriais de uma pessoa. Ambos os conceitos dialogam diretamente com o que

[293] Reich explicou essa relação pelo termo *catexia*, enquanto ainda utilizava o termo em seu diálogo com a psicanálise: "a catexia da ideia que vai ser tornada consciente, [...] que vai ser evidenciada numa conexão definida, deve ter atingido um grau mínimo de intensidade" (1998 [1933], p. 86).

Reich chamou de "falta de contato psíquico"[294]. O conceito de barra de anestesiamento[295] (*numbness bar*) é bastante explorado por Callahan no contexto do *Possibility Management*:

> O nível da sua barra de anestesiamento estabelece seu limiar de consciência de sentimentos. Qualquer sentimento que seja menos intenso do que o nível da sua barra de anestesiamento pode não ser experimentado *de forma alguma*. A combinação de idealizar um herói sem dor, separado de seus sentimentos, e uma vida moderna sem dor, separada de tarefas, empurra nossa barra de dor coletiva para seu ponto mais alto na história de duzentos mil anos do *Homo sapiens*[296]. (Callahan, 2010, pos. 483-492, grifos do autor).

Em muitos momentos mencionei os processos de anestesiamento do sentir, que são medidas de segurança sociais (se sentimos de maneira consciente nos tornamos perigosos às programações condicionais da cultura) e medidas de seguranças internas (pois conhecer o que sentimos pode ameaçar as regras de segurança dos mundos-brana nos quais somos impotentes). Mas não há como gerar *espaços* de autonomia e maturidade, seja dentro de nós mesmos, seja em espaços sociais que desejamos mudar ou atualizá-los com regras mais funcionais, *se nossos limiares de excitabilidade não diminuirem.* Pessoalmente, não vejo isso sendo discutido nos espaços políticos, mas vejo uma preocupação com a retórica, a política como um exercício de retórica. Um famoso político disse uma vez: "nosso partido pode ganhar, mas agora vai depender da nossa capacidade de construir a narrativa correta".

Quando o *ponto de origem da percepção* é uma narrativa externa, que copiamos para dentro de nós mesmos, nos guiamos pelas regras branáticas do mundo de jogo de outra pessoa.

---

[294] Como eu disse nas Considerações Iniciais da tese, segundo Baker, aluno de Reich, a couraça de caráter é a "soma total das atitudes de caráter que uma pessoa desenvolve como defesa contra a ansiedade, tendo como resultado a rigidez caracterológica, a falta de contato, a insensibilidade" (Baker, 1980, p. 307). Reich explora esse conceito no Capítulo XIII do livro *Análise do caráter* (1998 [1933]) chamado "Contato psíquico e corrente vegetativa".
Coloco algumas frases de Reich para esclarecer essa relação entre a insensibilidade, a defesa caracterial, as couraças crônicas e os anestesiamentos sensoriais: "se o analista consegue, então, tirar essa camada de defesa [superficial], o que pode surgir à superfície não é a esperada passividade, mas uma total ausência de contato psíquico, uma indiferença para com o analista, etc., que é uma defesa clara, isto é, uma forma de evitar o medo de ser desapontado" (1998 [1933], p. 288); "a falta de contato psíquico constitui o resíduo impalpável da couraça" (p. 290); "as correlações entre falta de contato psíquico e ausência fisiológica de sentimento, por um lado, e a capacidade de contato e a sensibilidade vegetativa, por outro, tinham suas raízes na história anterior do paciente" (p. 293).

[295] Para mais informações a respeito da definição e utilização prática do conceito de barra de anestesiamento, conferir o site: https://numbnessbar.mystrikingly.com/ e o Capítulo 1: "*The Numbness Bar*", do livro *Directing The Power of Conscious Feelings* (Callahan, 2010).

[296] Traduzido livremente do inglês: "The level of your numbness bar establishes your threshold of feeling awareness. Any feeling that is less intense than the level of your numbness bar may not be experienced *at all*. The combination of idealizing a pain-free hero cut off from his or her feelings and a pain-free modern life cut off from chores pushes our collective numbness bar to its highest point in the two hundred thousand–year history of Homo sapiens".

Para que fazemos isso? Reich explicou essa lógica inúmeras vezes em seu *Psicologia de massas do fascismo* (2001 [1934]): sentimento de impotência, necessidade de tutela e expectativa de encontrar libertação em um salvador externo[297]. Isso não *ocorreu* na época do nazifascismo, isso *ocorre* como uma *política subjetiva* da nossa cultura moderna, de modo geral. Quanto mais apostamos em narrativas políticas como instrumento de salvamento, mais ratificamos o sentimento de impotência e *menos esforços ativos fazemos para abaixar nossos níveis de anestesiamento*. Dizemos: "não é seguro sentir, não quero sentir, é melhor participar no jogo de outra pessoa e me esforçar em ser salvo(a) por esse jogo". Como diz Callahan: "assim que você diminuir sua barra de anestesiamento ao ponto de sentir a dor das consequências das ações de [suas reatividades], você não será mais capaz de permitir que [elas] se alimentem [de você] da maneira habitual"[298] (Callahan, 2010, posição 1372-1384).

O conceito de uma mente subconsciente como disco rígido dificulta, como mencionei, compreender a autoria do processo de gravação/retenção. No exemplo citado da criança e sua mãe, a última não incutiu nenhuma informação ou crença em sua filha, mas sim, a filha, por necessidade, gera/convecciona o desejo de *reproduzir e manter estável para si a informação formatada emitida pela mãe.* Quando digo reprodução, quero dizer que se tratamos de uma formatação elétrica gerada por *concentração* de investimentos elétricos, a filha "remapeia" ou "remolda" em si *o que ela considera útil como norma branática exterior*. Por isso seria considerar que uma ideia é *incutida* porque significaria algo como *inserir algo que não mudou de forma, como se a ideia da mãe fosse a mesma ideia que a filha passou a ter*. Tampouco isso ocorre, primeiro, porque a própria transdução torna isso impossível, segundo porque a *reconvecção elétrica*, isto é, a transdução, depende do *conatus e da necessidade da consciência da filha*.

Pode ser que a necessidade de *copiar* a formatação branática das instruções quadridimensionais da mãe seja muito grande, então a filha pode se *esforçar* para tornar essa *cópia ou reprodução* a mais fiel *que consiga compreender e distinguir do que foi emanado pela*

[297] Nas palavras de Reich: "A impotência das massas humanas e a sua situação de desamparo contribuíram para o avanço desta ideologia do *führer*, que foi implantada na estrutura humana pela escola autoritária e alimentada pela Igreja e pela família compulsiva. A 'salvação da nação' por um *führer* todo-poderoso e abençoado por Deus correspondia inteiramente ao profundo desejo das massas de salvação. Incapazes de se conceberem como tendo uma natureza diferente, sua estrutura subserviente absorveu avidamente a ideia da imutabilidade do gênero humano e da 'divisão natural da humanidade em poucos dirigentes e muitos dirigidos'. Agora, a responsabilidade repousava nas mãos de um homem forte" (Reich, 2001 [1934], p. 184).

[298] Traduzido livremente do inglês: "as soon as you lower your numbness bar to the point where you feel the pain of the consequences of your [reactivities] you will no longer be able to permit [them] to feed in [its] usual ways".

mãe, em si mesma. A cópia depende da distinção que a menina é capaz de suportar em si, em seu sistema corporal cognitivo, e a distinção é uma *função do conatus, assim como a própria reprodução e a duração do que foi copiado*. Ou seja, há pouco que se possa aproximar a uma gravação de bits e bytes em uma superfície rígida magnética. Talvez uma maneira de pensar isso seria pensar que o disco rígido seria o plasma corporal e os bits e bytes, informações de uns e zeros sequenciais, seriam as milhares de microcontrações (valor binário 1) e expansões (valor binário 0) provocadas pelas catexias que seriam reproduzidas continuamente no plasma pelo desejo[299].

5.2 Couraça em quatro expressões: espaço e tempo da couraça de caráter, espaço e tempo da couraça muscular

O desejo aqui é fundamental, porque nos permite perguntar "por quê?". Se a mãe nada *incutiu* em sua filha, mas essa conveccionou catexias para reproduzir e manter isso tensionado em si, para que essa forma existisse em si e não fosse liberta, então se torna possível perguntar por quê. Se existem catexias, existem propósitos. Em um momento futuro, em uma análise, talvez a filha expressasse dores não metabolizadas a respeito dessa regra materna que a levou a desconfiar do amigo de quem gostava. Então o terapeuta poderia perguntar: "Por que você absorveu isso? Por que tomou para si essa regra que era da sua mãe?" e a filha, *após olhar para dentro de si e observar o que sente*, poderia responder: "porque eu me sentia ameaçada pela minha mãe e se eu não a obedecesse, ela poderia brigar comigo" ou "porque eu me sentia tão desprotegida que se minha mãe estava dizendo, então era melhor eu tomar mesmo cuidado com ele".

[299] Aqui faço referência ao que mencionei no Capítulo 1, seção 1.3, quando disse que a energia vital (bioelétrica) é codificável a partir de sintaxes que geram formatações elétrico-eletrônicas. Computadores, por exemplo, operam internamente utilizando circuitos eletrônicos que trabalham com dois estados distintos (ligado/desligado, 1/0). Isso forma a base da lógica binária, onde: 0 representa ausência de voltagem e 1 representa presença de voltagem. Essa estrutura permite gerar operações lógicas e matemáticas fundamentais dentro do *hardware*. Já os processadores interpretam sequências de zeros (0) e uns (1) como sequências de bits. Isso é chamado de código de máquina, que é o nível mais baixo da programação. Por exemplo, uma operação de soma pode ser representada por uma sequência de bits como 0001 1010 110 0110. É certo que analogias entre o corpo humano e uma máquina podem ser problemáticas, sobretudo pelas questões do desejo e da indeterminação da matéria, contudo, tal como vimos nos experimentos bioelétricos de Levin, e em acréscimo das investigações contemporâneas no tema da consciência e das teorias informacionais, é possível pensarmos a bioeletricidade do corpo e os ritmos de ondas como *ritmos binários*, em que uma microcontração da pulsação (fase concêntrica da onda) pode significar um valor "1" e uma microexpansão da pulsação (fase excêntrica da onda) pode significar um valor "0". Acredito que ritmos alternados, milhares e milhares deles, de impulsos e circuitos bioelétricos possam ser a base de programações eletrônicas no corpo.

Nos dois casos, a dor emocional seria devida ao *conflito catéxico* (o que quer dizer tanto catexia psíquica quanto catexia plasmática do corpo) entre o desejo irradiativo/expansivo de gostar do amigo e desejar propulsionar em sua direção e o desejo gerativo/contrátil de se contorcer internamente para gerar a forma da mãe em si, como seu próprio devir desejado. Talvez houvesse, na mesma dor, outros conflitos catéxicos por conta dos vetores de raiva gerados e sustentados pela ameaça da mãe, dos vetores de medo de sentir-se continuamente desamparada e desprotegida e dos vetores de tristeza que sinalizam tanto a possibilidade de perder o amor da mãe quanto de haver cortado o laço afetivo com o amigo.

Tomarei esse exemplo para diferenciar o que chamo de *quatro expressões* da couraça, quando ela varia de um estado/grau de funcionalidade, saúde e imanência a um estado de disfuncionalidade, adoecimento e transcendência. Reich já havia desenvolvido a antítese funcional "couraça de caráter/couraça muscular" como modos do mesmo processo de defesa. Como disse: "a rigidez psíquica [...] não é 'expressão' de rigidez muscular nem resulta dela. A rigidez muscular e a rigidez psíquica são uma unidade, sinal de uma perturbação da motilidade vegetativa do sistema biológico como um todo" (Reich, 1998 [1949], p. 316). A essas, gostaria de acrescentar as *duas dimensões* também *antitéticas* que tenho desenvolvido neste trabalho, o *espaço* e o *tempo*.

Assim, a couraça pode ser dividida em *espaço da couraça* e *tempo da couraça* e ambas podem ser compreendidas tanto *caracterialmente* quanto *neuromuscularmente*. SERÃO O ESPAÇO DOS ATOS CATÉXICOS E O TEMPO DOS ATOS CATÉXICOS. Se tomássemos radicalmente o conceito de couraça como "armadura", ela tenderia a existir apenas de forma física material no corpo, pois o corpo é contrátil e capaz de assumir formas rígidas duras. Algumas partes mais do que outras. Como citou Reich, em uma nota de 1945, em *Análise do caráter*:

> A explicação dada aqui não basta, embora seja psicologicamente correta. Hoje sabemos que tais queixas são a expressão direta da *couraça vegetativa, isto é, muscular*. O paciente queixa-se de uma paralisia de afetos porque suas correntes e sensações plasmáticas estão bloqueadas. Em resumo, sua perturbação é, em essência, de natureza puramente biofísica. Na orgonoterapia, o bloqueio da motilidade é relaxado por meio de métodos biofísicos e não psicológicos (1998 [1949], p. 66, grifos nossos).

Falar de armadura na mente poderia ser algo estranho, pois na mente não há *actina e miosina*, por exemplo. Mas a "dureza" na mente necessita ser um tipo de forma que gravitacionalmente não muda e serve de atrator para manter as consciências presas e retidas ali dentro. Também precisa ser formada por lógicas de funcionamento e códigos. Ao mesmo tempo, a armadura se move para combater, então possui ímpetos físicos, mesmo que sua forma

seja dura. Na mente existe a necessidade de combater e o desejo, em ato, de combater e o "como" fazer isso. Nessa breve explicação estão as *quatro* expressões da couraça: 1) ESPAÇO DA COURAÇA DE CARÁTER; 2) TEMPO DA COURAÇA DE CARÁTER; 3) ESPAÇO DA COURAÇA MUSCULAR; E 4) TEMPO DA COURAÇA MUSCULAR. Essas quatro expressões se dão nos *tempos do corpo ontológicos*, como explicado por Navarro e Ferri.

No exemplo citado, o *espaço* da couraça de caráter é a estrutura branática da *crença*, enquanto sistemas de regras, valores, suposições, expectativas, narrativas, conclusões, que é o desejo da filha de estruturar a realidade dessa forma *dentro de si, por necessidade*. O constructo que poderíamos chamar de "cuidado com o colega que rouba coisas, pois é delinquente" passa a ser *um espaço* de sua couraça de caráter. Digo "um espaço" pois ele é um pequeníssimo espaço branático de realidade formado a partir da *cópia do molde oferecido pela mãe à filha como parâmetro de realidade*. Com seu "julgamento" a mãe criou um mundo-brana e o *ofereceu* à filha, ao dizer tacitamente: "veja filha, *perceber* isso como eu a tornará *salva* de ser roubada ou ferida por esse menino". A filha, seja por *temer* a autoridade da mãe, seja por sentir-se *desamparada* em sua própria capacidade de *gerar para si referências próprias de navegação no mundo*, seja por ambos os motivos, TEM UM BREVE MOMENTO DE PÂNICO E DESESPERO E NESSE MOMENTO, A FIM DE NÃO FICAR SEM REFERÊNCIAS DE NAVEGAÇÃO E IR INEXORAVELMENTE EM DIREÇÃO A UM FUTURO ENTRÓPICO IMINENTE, DECIDE ASSUMIR PARA SI O MUNDO-BRANA GERADO ELETRICAMENTE PELA INTENÇÃO DA MÃE E PASSA A COPIÁ-LO E REPRODUZI-LO EM SEU PRÓPRIO SISTEMA PLASMÁTICO. Esse momento *inaugural* torna-se um contrato de sobrevivência e um contrato de realidade *entre a consciência impotente da filha e seu próprio conatus*. A partir daí ela dirá ao *conatus*: "a realidade é assim, salve-me". E isso gerará *uma série de ímpetos temporais que são o tempo (ou tempos) da couraça de caráter*.

O espaço da couraça da caráter tem nele uma tese de realidade quadridimensional, porque a consciência da filha não grava/gera/retém em si essa realidade como algo estanque, nem como uma lembrança pictórica. Ela grava um conjunto de movimentos que *estão ocorrendo* no momento da decisão/necessidade/desejo de gravar, que inclui a forma da imagem corporal sua, da mãe, do amigo e de todos os elementos moventes do espaço. Quando a mãe molda a regra branática "cuidado com o colega que rouba coisas, pois é delinquente", a filha *tem o impacto de uma realidade que ela não previa e para compreender essa realidade, desenha/gera/molda em sua mente uma série de elementos de localização geoespacial. Para se situar, ela precisa desenhar*. Em um capítulo anterior, chamei a isso de *mapas dimensionais*. Onde, quando e por que ela situa esses elementos em sua mente, não é uma determinação *direta*

da mãe, ela *usa a oferta* da mãe e *remolda* para si esse mundo-brana *de acordo com as necessidades de sua consciência ou seu conatus.*

Isso significa que o *molde*, nesse momento, *precisa* atender as necessidades de múltiplas consciências que já estejam presas/gravadas em outros mundos-brana prisionais que constituem sua consciência mais ampla. Se eu dissesse aqui "que constituem seu caráter (ou caracterialidade)" estaria correto, pois se o caráter é a "*soma total funcional de todas as experiências passadas*" (Reich, 1988, p. 129, grifos do autor), a soma total funcional de todos os mundos-brana gerados e retidos no interior de uma consciência, incluindo todos os *tempos* de sobrevivência a esses mundos-brana, que são inteligências de perseverança *estruturais e correntes* do *conatus, essa soma total seria o caráter dessa consciência.*

"Experiência" e "memória" são termos que acredito serem melhor entendidos *quadridimensionalmente, como uma realidade virtual que uma consciência pode habitar*, e: passar a acreditar, tomar como lugar de origem das suas ações amorosas, relacionais e políticas, expandir e projetar como contextos sociais para fazer uso do espaço para seus próprios propósitos prisionais de sobrevivência não declarados, solidificar para que outros possam materialmente participar como mundo de jogo e poder obter ganhos que podem ser tácitos ou explícitos. *Se* essa realidade virtual existir em um *alto grau de transcendência*, como mencionei, ela será um lugar de escravidão para si e para outros. Não há maneira mais direta de tornar clara a *relação política corporal* que estabeleço aqui. A política de *narrativas* não alcança o *corpo sentido e nem as profundas camadas de responsabilidade ou irresponsabilidade que carrega em si*. Apenas uma política que *inclua e envolva o corpo, em todas as suas expressões simultâneas (mentais, fisiológicas, energéticas), na compreensão dos fenômenos políticos* pode alcançar e *lidar* com o que se *sente por dentro*.

Se, contudo, essa realidade virtual existir em um *alto grau de imanência*, ela será altamente funcional e será um espaço de expansão de possibilidades, de *decisões conscientes*, de *imperium e moderatio* (como veremos em Spinoza, que é a condição *sui juris*), de atendimento a necessidades vitais (de declarar, de expressar, de questionar, de pleitear, de errar, de aprender, de retificar, de escolher), de possibilidades de *concórdia* e, sobretudo, de conexão com Deus/Natureza/Consciência Cósmica. O espaço define o que é possível. Os tempos internos se adéquam às possibilidades do espaço.

A análise de um corpo *simbólico* terá seu alcance restrito, *ao menos em grande parte*, às atividades do córtex pré-frontal, às realidades verbais e às lógicas de *narrar possibilidades sobre a realidade, não experienciar diretamente possibilidades sobre as realidades que gera*. Não posso dizer que uma via simbólica e narrativa a respeito do corpo não possa nos levar ao

sentir, afinal, todos os esforços filosóficos são esforços da mente em *conceituar* modos de realidade e com isso nos ajudam a formar distinções internas que antes não possuíamos. Mas há o risco de ficarmos no córtex e não descermos às profundezas do sistema límbico, que é *não verbal* e onde as dores e desesperos emocionais se encontram *gravados* e emergem ao córtex. Cabe lembrar que Reich buscou demonstrar que a política é muito beneficiada quando abrimos margem *a um sentir direto,* pois torna-se mais responsável e mais potente *e não escondemos de nós mesmos, nem de outros, nossas próprias vicissitudes e reatividades,* às quais chamou de *peste emocional*.

Em princípio, no senso comum, uma *crença* não é o mesmo que uma *memória*. A crença costuma ser algo em que uma pessoa *acredita* e uma memória é algo que a mente de uma pessoa *forma* a partir de experiências. A questão é que encontro nelas o mesmo princípio de funcionamento comum, pois *acreditar é formar um espaço de regras e previsões,* e *reter uma lembrança* é também *formar e sustentar um espaço de regras e previsões*. Por isso a questão da *autoria* é importante. Autoria evita qualquer ideia de passividade, de posição vitimizada, de desengajamento participativo *e nos possibilita mudar aquilo que decidimos e desejamos*. Porque a decisão e o desejo *que sustentam uma formação elétrica na mente e no corpo precisam ser reatualizados e reinvestidos a todo instante, do contrário desapareceriam*. Desapareceriam também os *mapas de segurança*. Quem *reinveste (conduz continuamente as catexias elétricas) precisa ser uma consciência, pois a catexia é a propulsão determinada pelo conatus a partir do desejo de uma consciência.* Por isso é útil pensar *conatus* e *consciência* como sendo duas entidades e, ao mesmo tempo, uma só.

5.3 O Aladdin e o Gênio da lâmpada são uma *joint venture*

Contarei brevemente um conto, que é uma releitura que faço da história do Aladdin e o Gênio da lâmpada, que pode esclarecer o que quero dizer. A *consciência* que comanda o Gênio é o Aladdin, e o *conatus* é o Gênio, que *é a força cósmica caótica que o Aladdin mantém sob grilhões para que atenda a seus desejos*. A lâmpada é um *constructo* mágico gerado pelo desejo do Aladdin e moldada pelo próprio Gênio para que ela sirva como *espaço de realidade* ao Aladdin.

Nessa versão do conto, o Aladdin pode ser um *sábio* ou pode ser um *autoiludido,* porque ele pode *acreditar* que mantém o Gênio contido em uma lâmpada, que é um mundo-brana prisional criado por um "mago exterior". Um Aladdin iludido acredita que descobriu o Gênio por acaso, que é capaz de prender o Gênio em uma lâmpada e que esse se encontra sob

seu poder pelos grilhões que ele controla por seu desejo. O Aladdin iludido pede ao Gênio acorrentado que lhe conceda desejos de poder e de prazer, poderes de submeter e prazeres compulsivos compensatórios, e o Gênio assim esforça-se para gerar o que o Aladdin deseja e esse sente-se possuidor de prazeres inimagináveis e riquezas. Quando Aladdin sente-se impotente e inseguro ele comanda ao Gênio que lhe obedeça em novo pedido para obter prazer e poder, e o Gênio, assim, lhe obedece. Esse Aladdin nunca se perguntou por que o Gênio lhe obedece, por que ele vive confinado em uma lâmpada, por que tem um poder cósmico e, ainda assim, está atrelado a alguém tão frágil quanto ele mesmo, e por que ele sente sempre pavor ao imaginar um dia libertar o Gênio, temendo que, se libertá-lo, ele não cumprirá mais seus desejos e, assim, se tornará novamente impotente. Assim é como o Aladdin iludido pensa e procede.

Enquanto Aladdin pensa que prende o Gênio em uma lâmpada, reforça, assim, sua autoilusão, pois não nota que, ao prender o Gênio na lâmpada para que ele lhe sirva com poderes e prazeres, assim ele se prende também a essa mesma lâmpada. Apenas quando Aladdin liberta o Gênio da lâmpada, ele é capaz de se libertar também.

Um Aladdin *sábio* pensa em muitos níveis de profundidade e complexidade, o que o Aladdin autoiludido não é capaz de fazer. O Aladdin sábio sabe que Deus lhe concedeu um Gênio para ser seu companheiro por toda a vida, desde o momento em que chegou nesse planeta e se tornou um sistema individuado pela união de dois gametas, que nada mais são do que duas consciências cósmicas vortexiais que se fundiram e se interpenetraram em uma união amorosa e geraram uma *terceira*, que é o Aladdin. Como, nesse momento, o Aladdin era uma convecção de catexias cósmicas divinas em estado de *superposição cósmica giratória* envolto por uma membrana plasmática, *ele era ele mesmo, como um Si-sistema individuado*, e era, ao mesmo tempo, uma *força cósmica produtora enrolada em si mesma*, pois as catexias centrípetas de Deus são gerativas e conveccionam densidade no espaço-tempo e são capazes de organizar e condensar formas espaçotemporais dimensionais.

A força cósmica é uma parte de Deus que Ele *empresta* ao Aladdin, como forma individuada para que ele aprenda e se desenvolva enquanto a existência de Aladdin está *em Deus*. Assim, nem o Aladdin existe sem essa força cósmica individuada, nem a força cósmica individuada é individuada sem que exista o Aladdin. No entanto, a forma individuada que é o Aladdin não é Deus, mas está *em Deus*, e *conatus*, que é a força cósmica que passa a compor o Aladdin é o *tutor* que Deus destinou a Aladdin para que pudesse ser seu companheiro, seu ajudante, seu servo, seu protetor, seu instrutor, seu orientador e seu professor por toda a sua existência, até o momento em que ele *se desenrolasse centrifugamente* de Aladdin e esse perdesse sua forma e a força/energia de seu *conatus* novamente irradiasse para o espaço e

retornasse a Deus. Tanto o *conatus* emprestado, que é parte infinitesimal de Deus e que experienciou uma breve existência individuada, quanto o Aladdin sairiam enriquecidos por essa experiência.

Deus concedeu a Aladdin o comando sobre o *conatus*, a quem passou a chamar de Gênio, e Aladdin compreendeu que nada poderia fazer nesse mundo sublunar se não tivesse o auxílio do Gênio, pois o Gênio precisava já existir quando Aladdin era um pequeno óvulo fertilizado. Para que o Gênio/*conatus* tivesse onde se abrigar para uma existência de aprendizados, Deus concedeu-lhe a permissão de enrolar-se em si mesmo e gerar um invólucro. A esse invólucro o Gênio deu o nome de Aladdin, pois Aladdin era uma forma dimensional que ele havia gerado por permissão e desejo de Deus. Um dia, Aladdin passaria a chamar esse invólucro de *lâmpada*, pois ela abriga o Gênio que tem proporções cósmicas, mas pode tornar-se pequeníssimo lá dentro.

A sabedoria de Aladdin, desenvolvida por convívios muito fortuitos com seu Gênio guardião e professor, lhe permitiu compreender que o mundo-brana dimensional que contém o Gênio, contém também ele mesmo, e a lâmpada mágica é sua própria casa. Aladdin e o Gênio vivem dentro da lâmpada e a lâmpada é o mundo mágico de Aladdin, porque as regras da lâmpada tornam possíveis ao Aladdin e ao Gênio fazerem muitas coisas juntos, enquanto que fora da lâmpada o Gênio e o Aladdin não se reconheceriam e tampouco saberiam o que fazer, pois fora da lâmpada tudo é inimaginavelmente possível, enquanto que dentro da lâmpada apenas uma certa quantidade de coisas eram possíveis. Mas o Aladdin, como é sábio, compreende que a *lâmpada é seu veículo de aprendizado*, como uma espécie de laboratório ou nave espacial em que pode viajar com o Gênio.

Com o tempo, o Gênio ensina a Aladdin muitas coisas úteis, como por exemplo, que se Aladdin pedir, o Gênio pode gerar *ferramentas mágicas* para ele ter o poder de resolver problemas, através da moldagem de *dispositivos, mapas, engenhos, o que quer que Aladdin necessite* para que possa evoluir em seus aprendizados. O Gênio também lhe ensinou que ele poderia gerar, a pedido do Aladdin, *lâmpadas dentro de lâmpadas em uma infinidade delas*, para que ele pudesse ter diversos aprendizados e construir diferentes possibilidades *ao mesmo tempo* e poder portá-las todas dentro de sua própria lâmpada. Contudo, o Gênio advertiu algo a Aladdin a respeito de seu próprio funcionamento. Quando Aladdin desejasse algo, isso seria uma maneira de ele *mostrar* ao Gênio o que ele quer e precisa. Essa necessidade de Aladdin, quando ela se torna seu desejo, passa a ter uma forma. Todos os desejos que Aladdin desenha como uma forma, o Gênio entende o que Aladdin quer e passa a buscar maneiras de atender a esse desejo. Quanto mais Aladdin sustenta a forma de seu desejo, mais o Gênio entende que

deve operar ali e quanto menos Aladdin sustenta a forma de seu desejo, menos entende esse desejo como prioridade e passa a observar *quais outros de seus desejos são prioridade*.

Por fim, o Gênio lhe ensinou duas coisas fundamentais para toda sua viagem: a primeira era que ele *sempre* estaria ao lado do Aladdin e *sempre* lhe concederia todos os seus desejos, desde que *pedisse isso*. Para pedir, bastava que ele *desejasse, em ato*, com seu corpo e sua mente, não apenas com as palavras mentais que produziria com sua boca ou as repetiria em sua mente. Mesmo que Aladdin pedisse ao Gênio que criasse lâmpadas muito profundas e muito escuras, o Gênio sempre lhe ajudaria, desde que desejasse em ato, sendo que ele *sempre lhe garantiria o que fosse necessário dentro de cada lâmpada cujo comando o Gênio recebesse para que fosse gerada*.

O segundo ensinamento, é que haveria um único comando que Aladdin não poderia dar ao Gênio, ou que ele poderia dar-lhe e o Gênio não o obedeceria, pois o Gênio não é totalmente autônomo, como Aladdin também não o é. O Gênio, por ser geração de Deus, submete-se a Ele e Seus desejos e o principal comando que o Gênio recebeu de Deus e que não pode deixar de cumprir é: "Conduza Aladdin de volta a Mim, sempre". Não importa quantas lâmpadas Aladdin peça ao Gênio para que esse lhe crie ou quantos dispositivos inteligentes ele peça ao Gênio que produza, em muitos modos e níveis de densidade, *em cada uma dessas ações gerativas ou destrutivas o único comando ao qual o Gênio precisará sempre obedecer será conduzir o Aladdin de volta para Deus*.

Cada desejo que o Gênio concede a Aladdin *é uma maneira diferente de Aladdin se aproximar do conhecimento da natureza divina.* Como o Aladdin é sábio, ele sabe que apenas perderá tempo se tardar a voltar-se a Deus, procurá-Lo e buscar conhecê-Lo. Não é possível Aladdin conhecer Deus sem unir-se intimamente a Ele. Aladdin sabe que perde tempo se pedir ao Gênio que construa muitas lâmpadas e muitos dispositivos que não lhe encaminhem ao único propósito que o Gênio tem ao viajar com ele. Somente quando Aladdin *deseja* que o Gênio lhe mostre o que fazer e *lhe ensine*, é que o Gênio pode mostrar-lhe isso de maneira consciente. Apenas quando Aladdin toma o Gênio como *professor* e não como seu subordinado e escravo, é que o Gênio pode ensiná-lo como *libertar-se.*

Para finalizar esse conto, cabe dizer que existem Aladdins extremamente sábios, outros bastante sábios, outros um tanto sábios e outros bem pouco sábios, mas todos existem *em Deus* e aprendem. "O QUE O ALADDIN QUER?", essa é a pergunta fundamental a ser feita. "COMO ELE QUER QUE O MUNDO SEJA E QUAL É O PROPÓSITO DESSE QUERER?". Essa pergunta equivale a "EM QUAL MUNDO ELE QUER HABITAR E PARA QUÊ?".

5.4 Impulsos elétricos também são condicionados neurologicamente

No caso do exemplo, em que a mãe gerou as regras de um mundo-brana *perigoso* e o ofereceu à sua filha, quando essa *remolda* em sua mente o mundo restrito e confinado proposto por sua mãe, poderíamos dizer que a menina formou uma *rede neural de aprendizado*, o que é verdade. A regra condicional moldada, *neurologicamente* é uma rede neural biológica, que tem uma natureza elétrica, como todos os impulsos do corpo. A própria programação condicional que se faz na mente, através das sintaxes <se>, <então>, <se não>, é expressa através de redes neurais biológicas de maneiras complexas. No cérebro, essas "programações" são o resultado de padrões de atividade neural que surgem da interação entre neurônios através de sinapses.

Neurologicamente, quando um determinado padrão de estímulo é recebido, os neurônios processam essas informações e, se a atividade elétrica exceder um certo limiar, eles disparam, enviando sinais para outros neurônios. Esse processo pode ser reforçado ou inibido por *feedbacks* e modulações sinápticas, que são ajustados pela aprendizagem e experiência. Assim, as redes neurais biológicas podem formar novos caminhos e fortalecer conexões existentes para representar essas programações condicionais. Por exemplo, se uma pessoa tem a experiência de que comer um certo alimento causa desconforto, as redes neurais do cérebro podem ser condicionadas a ativar padrões de resposta que evitam esse alimento no futuro. Isso é semelhante a uma instrução condicional em programação, onde se uma condição é verdadeira (comer o alimento), então uma ação é tomada (evitar o alimento).

As redes neurais são sistemas de aprendizado para o reconhecimento de padrões e a tomada de decisões. Desde o final do século XX, com os avanços tecnológicos das ciências da computação e de teóricos das neurociências em geral, muitos sistemas computacionais buscaram imitar o funcionamento dos neurônios biológicos (Churchland; Sejnowski, 1992) e tornou-se possível aproximar o sistema nervoso humano a um computador, que é um sistema de processamento de informações. Já mapas neurais podem ser entendidos como uma forma de visualizar ou mapear a estrutura ou as funções de uma rede neural. Eles não são sistemas computacionais por si só, mas podem ser usados para ilustrar como os neurônios estão organizados ou como eles interagem em uma rede neural biológica ou artificial. Segundo Knudsen, Du Lac e Esterly (1987):

> A computação é a essência da função cerebral. Através da computação, o sistema nervoso classifica e avalia informações sensoriais de importância biológica. Com base nos resultados, são tomadas decisões e emitidos comandos executivos para respostas comportamentais; esses comandos, por sua vez, requerem computação adicional para produzir os padrões espaciais e temporais da atividade dos

> neurônios motores que medeiam o comportamento. O "mapa computacional" é um alicerce fundamental na infraestrutura de processamento de informações pelo "sistema nervoso". [...] definimos "computação" como qualquer transformação na representação da informação[300].

Há muitos estudos a respeito da formação e uso de mapas cognitivos hierárquicos no cérebro (Jordan; Navarro; Stringer, 2020), em particular, sobre como o conhecimento ambiental é aprendido pelo cérebro e utilizado na forma de mapas cognitivos. Há também importantes estudos sobre consciência visual e o papel do córtex visual primário (Lamme *et al*., 2000), bem como os trabalhos de Francis Crick e Christof Koch, conhecidos por suas contribuições ao estudo da consciência, com a proposta de um arcabouço neurobiológico para entender a consciência visual (Crick; Koch, 1990). Introduziram, por exemplo, o conceito de Correlatos Neurais da Consciência (CNCs), que são o conjunto mínimo de eventos neuronais que dão origem a um aspecto específico de uma percepção consciente.

Digo isso para demonstrar que *a modelagem de ambientes perceptivos* se dá também eletricamente no cérebro, bem como suas programações condicionais. Quando afirmo que *uma percepção é uma moldagem de um desenho elétrico quadridimensional*, há muitas maneiras neurológicas de se compreender isso. Contudo, neste trabalho não é meu propósito investigar como as relações visuais, espaciais, as tomadas de decisões e o funcionamento da consciência acontecem neurologicamente, e existem muitas publicações a esse respeito. Meu objetivo é demonstrar uma concepção de *como elas ocorrem em função do conatus e dos contratos de realidade formados na mente e no corpo*.

Se falarmos de comportamentos, hábitos, esquemas motores, percepções, crenças etc., todos esses organizam-se em torno de padrões de repetição. Redes neurais, por exemplo, tentam encontrar padrões de ondas eletromagnéticas que representam comportamentos funcionais. Todas as ações corporais e mentais são possíveis de ser compreendidas em termos de *padrões elétricos.* Quando vemos imagens cerebrais, por meio de técnicas de neuroimagem *in vivo*, percebemos, por exemplo, que as ativações elétricas de áreas do cérebro de uma pessoa que sofre de depressão e de outra que não sofre são muito distintas (cf. Andreasen, 2005, p. 111).

[300] Traduzido livremente do inglês: "Computation is the essence of brain function. Through computation, the nervous system sorts and evaluates sensory information that is of biological importance. Based on the results, decisions are made and executive commands for behavioral responses are issued; these commands in turn require further computation to produce the spatial and temporal patterns of motor neuron activity that mediate behavior. The 'computational map' is a key building block in the infrastructure of information processing by the nervous system. […] we define 'computation' as any transformation in the representation of information".

O que quero demonstrar são princípios mais abrangentes, menos sobre os mecanismos fisiológicos e neuronais de como eles ocorrem, e mais sobre as ações desejantes do corpo e da mente – por exemplo, a *necessidade* de contrair e não soltar e a *necessidade* de ações de proteção antecipatória. Compreender a necessidade, o propósito e o ímpeto trata da relação das emoções com a construção de realidades e promessas de segurança. *Esses fenômenos não deixam de ser neurológicos*. Penso, contudo, que poderíamos expandir o conceito de *rede neural* através de uma *hipótese teórica*. Se entendêssemos a rede neural como algo que se estende para além dos limites membranáticos do corpo (ou seja, a pele) e que os impulsos elétricos do corpo são investidos nessas redes neurais externas *ou volumetricamente expandidas, ou desdobradas e recopiadas* em múltiplas ordens de grandeza exteriores ao corpo definido pelos limites da pele, e se essas extensões pudessem gerar efeitos físicos exteriores ao que se denomina corpo *individual*, então, a ideia de uma *rede neural* poderia ser expandida.

Mas, se por rede neural quisermos nos ater aos impulsos elétricos coordenados pelo cérebro e pelo tronco cerebral *apenas no contexto da neurologia acadêmica padrão*, então os conceitos de *molde dimensional branático* ou de *planta baixa elétrica virtual* talvez fossem difíceis de ser explorados. O que me pergunto é qual é o *princípio de funcionamento comum de produção* ao longo de diferentes corpos simultâneos (físico, mental, emocional, político, social, energético e sexual)? A meu ver, é o funcionamento *eletromagnético*, pois nos permite compreender tanto os fenômenos *vibracionais* quanto os fenômenos *pulsáteis*.

5.5 Absorver, reter e gravar são o mesmo movimento centrípeto

A *crença, a memória e a percepção* têm o mesmo princípio comum, que é a geração de forma e sua retenção pelo desejo. Em termos *estruturais*, todas elas são formatação de realidade e são espaços branáticos do *conatus*. Por isso, são o ESPAÇO *DA COURAÇA DE CARÁTER*. É UMA ESTRATÉGIA DE SOBREVIVÊNCIA ESPACIAL. Diferente do conceito de Lipton, elas não são passivamente "adquiridas", elas são *esforço.* O espaço da couraça de caráter é um "jeito" de sobreviver, de maneira *estrutural*, por isso tem autoria de constituição. Uma ideia, um conceito, uma expectativa somente passa a ser uma *crença* no momento em que ela é gerada e sustentada pela própria pessoa. Assim como uma comida somente é alimento depois de ingerida e uma informação só é conhecimento depois de assimilada pelo corpo. Em outros termos, a consciência *precisa querer colocar "para dentro" e reproduzir isso em si mesma, tornar essa coisa sua.* Crenças e memórias são informações copiadas, isto é, moldadas dentro de si, e retidas

como forma elétrica no corpo através de um movimento de retenção. Nenhuma delas existe fora do corpo e nenhuma delas pode ser mantida nele senão por desejo próprio.

O conceito de *caráter* reichiano tem uma relação direta com o conceito de *engrama* de Richard Semon. A compreensão da relação entre memória e os instintos fez parte dos interesses de Reich antes mesmo que ele se entregasse "inteiramente à psicanálise". Em suas palavras:

> Isso me levou a Semon. A sua teoria das "sensações mnemônicas" deu-me o que pensar sobre os problemas da memória e do instinto. Semon argumentava que os atos involuntários de todas as criaturas vivas consistem em "engramas", i.e., em impressões históricas de experiências. *O protoplasma, em eterna autoperpetuação, absorve continuamente impressões* que, respondendo aos estímulos correspondentes, são "ecforizadas". Essa teoria biológica se ajusta muito bem ao conceito das lembranças inconscientes de Freud, os "traços de memória" (Reich, 1988, p. 29, grifos nossos).

Essas *impressões históricas de experiências*, posteriormente chamadas de "traços de caráter" são impressões *temporais* e *retidas temporalmente*. O caráter, como disse, é uma gravação temporal. Genovino Ferri e Giuseppe Cimini expõem da seguinte forma:

> O caráter, literalmente *"sinal gravado"*, é, portanto, o modo de ser específico de uma pessoa, exprime o seu passado, *a sua história biológico-biográfica*, o seu encontro-colisão com o mundo, *a história das suas relações* objetais, *tem uma estratificação temporal e uma sustentabilidade relacional*, mas é também o conjunto estruturado das defesas do Ego que levou anos para se formar e não é fácil distingui-lo dos sintomas. O caráter exprime um mecanismo de proteção narcisista, de conservação e de adaptação, é um dispositivo organizador capaz de capturar a angústia. Enfim, o caráter *exprime os princípios de economia no qual é formado o núcleo de energia do Si*. [...] Devemos destacar que o *"sinal gravado"* se expressa em todos os subsistemas do Si. Do neurovegetativo ao neuroendócrino, do psíquico ao muscular, do límbico ao hipotálamo, através de uma identidade significativa, que em uma leitura reichiana se traduz em uma ordem e na hiper-hipo-eutonia dos sete níveis. (Ferri; Cimini, 2011, p. 90-91, grifos nossos)

O termo utilizado por Ferri é *sinal gravado* (em italiano, *segno inciso*). A caracterialidade é o conjunto de traços de caráter que são gravados na mente e no corpo simultaneamente. O termo "gravar" possui três acepções que nos são importantes. A primeira é um "traçado de imagem sobre uma matéria", como usar uma faca para fazer um traço em uma madeira, fazer um desenho na areia, ou estampar um relevo em uma superfície de metal, como cunhar uma moeda, por exemplo. A segunda acepção é uma "retenção na memória", uma lembrança, uma memorização, um recordar. A terceira é "conservar", fixar, fazer durar por muito tempo. A primeira acepção é *inadequada* para explicar o fenômeno da gravação, porque nos remete ao "disco rígido" de Lipton, que apenas pode ser considerado como uma analogia

superficial, mas funcionalmente incorreta. Se eu faço um traçado sobre uma madeira, um sinal fica *gravado ou marcado*, de fato, mas o que houve apenas foi uma *deformação passiva*.

Essa nova forma *não receberá nenhum tipo de atualização*, então, o destino de sua *duração* será apenas *aumentar sua entropia e desorganizar-se centrifugamente*. Isso significa que a peça de madeira sofrerá desgastes com o tempo e se decomporá. *Ela somente poderá irradiar, mas nada conveccionar centripetamente*. Se nossos traços de caráter e nossas memórias funcionassem dessa maneira, eles não seriam traços de caráter e nem memórias, pois apenas haveria uma "gravação inicial" e logo uma dissipação. Um outro corpo marcaria o nosso, por encontro e impacto, e essa marca – *que não é outra coisa senão uma interação mecânica e uma transmissão de ondas eletromagnéticas, que são o "como" informacional do impacto* – seria transmitida e propagada no corpo apenas por alguns instantes. Como não haveria nenhum *movimento autoral de querer guardar* para si as informações de onda do impacto, essa "gravação" de um corpo sobre o outro seria apenas uma *inércia* com uma duração muito curta.

Então, "gravar", em termos caracteriais, não significa "cunhar" ou "traçar", *significa desejar reter*. A gravação ocorre por um *desejo centrípeto*. Uma gravação é, simultaneamente, um desejo de retenção elétrica e um menor desejo de irradiação. A irradiação precisa acontecer *magneticamente*, mesmo em uma proporção muito menor, porque tudo que existe emana uma onda de forma, emana um campo informacional. A eletricidade conveccionada (corrente) e a informação emanada gerada pela corrente (campo magnético) ocorrem simultaneamente. Quando uma consciência (o corpo de uma pessoa também faz parte de sua consciência) é afetada por um encontro, *o conatus busca saber o que fazer nesse momento e, para isso, consulta as múltiplas consciências que estão dentro da consciência mais ampla e verifica quais são as necessidades e o que é possível ser feito em cada um dos espaços branáticos onde elas habitam e duram.*

Darei um exemplo. Alguém que anda pela rua, ao andar com pressa e de maneira distraída, me dá um encontrão e segue seu caminho. Esse "impacto" é uma excitação informacional que chega até mim e gera um desequilíbrio. O *conatus*, que é nosso companheiro, diz: "espera, deixe-me verificar a integridade do sistema e tomar as medidas necessárias. Vou calcular isso muito rápido para você". Como a natureza do *conatus* é eletromagnética, ele é a rede vibracional que compõe o corpo e a mente, então ele tem onisciência, onipresença e onipotência nesse sistema individuado, *ainda que seja submetido às necessidades das consciências e das regras branáticas onde estão*. No momento do impacto, o *conatus*, que flui de maneira mais ou menos retentiva ao longo de todas as branas dimensionais que compõem o caráter da consciência, *compreende diferentes regras e toma diferentes medidas de*

perseverança, que são os vetores desejantes provenientes de todos esses espaços branáticos. Essa pessoa irá gerar uma ação de resposta a esse encontrão, que será um *momentum*, um ímpeto, *na mente*, como razão e maneira de pensar e *no corpo* como tensão, propulsão e maneira de sentir. Apenas aparentemente a pessoa tomará "uma" ação, pois, de fato, ela tomou várias ações que se expressaram como um único ímpeto final. Lembremos que um *momentum* é um conjunto de catexias, um feixe de vetores eletromagnéticos que se propagam pelo corpo e pela mente.

Cada espaço branático e cada consciência aprisionada (de maneira mais ou menos imanente) emite um vetor, a partir de sua necessidade, *na forma de uma emoção*. Uma emoção é uma propulsão que tem um sentido vital, ela tem *momentum*, significado e necessidade. Digamos que essa pessoa responda ao encontrão, em silêncio, e diga apenas para si, com ou sem palavras mentais: "nossa, nem sei bem o que aconteceu, essa pessoa está muito distraída e com pressa!". Ou digamos que ela responda: "que pessoa desgraçada, ela me feriu, me desrespeitou, sinto ódio dela e de sua falta de atenção!". Na primeira resposta, a expressão do rosto é de dúvida e a pessoa tenta compreender o que ocorreu. Na segunda, a pessoa "espuma", faz uma careta e permanece com microexpressões dessa careta em seu rosto e em outras expressões corporais análogas por vários minutos ou mesmo horas *após* o encontrão. Ou seja, A INFORMAÇÃO/EXCITAÇÃO FICA RETIDA POR NECESSIDADE E NÃO DISPERSA. UMA NECESSIDADE QUE NÃO "PASSA" É UMA PRISÃO QUADRIDIMENSIONAL QUE PODE TER MÚLTIPLAS CAMADAS DE PROFUNDIDADES TEMPORAIS.

O *espaço da couraça de caráter são as regras que definem as possibilidades de interpretação de eventos atuais da consciência que habita o corpo presente. Cada possibilidade de interpretação, isto é, de existência, se dá mediante as regras de cada mundo-brana gerado e sustentado pela consciência que o habita. Essa "consciência que habita" é parte da consciência mais ampla que condensa toda as existências múltiplas e simultâneas no aqui e agora, que é o caráter dessa consciência mais ampla.* Uma consciência somente pode pensar e ponderar aquilo que é *possível e suportável* para ela pensar e ponderar. O que é possível e o que ela suporta, dependem dessas regras. O que é possível e o que ela suporta são *definições contratuais* de existência geradas em momentos específicos ontogenéticos que são *reinvestidas, isto é, regeradas e repactuadas até os dias atuais*. "Como" a pessoa produz esses *reinvestimentos* é *o material da análise*, que irá examinar tanto os *modos* das reações caracteriais, quanto os *modos* das reações corporais, seus hipertônus, hipotônus, seus anestesiamentos e somatizações.

5.6 O *conatus* testa a maturidade da consciência

É por isso que Reich apontou que muita *severidade* conduz a formações caracteriais muito *imaturas*. Isso não é um demérito ou um termo pejorativo. Uma consciência não pode evoluir e expandir *se precisar sobreviver muito*, porque ela vai precisar *estar sempre controlando a realidade e ratificando suas impotências*. Uma consciência imatura não consegue encontrar *alegria no incerto*. Ao contrário, as formações ideativas flexíveis e plásticas passam a gerar *ódio e repulsa*, porque *aceitar* uma existência flexível e mutável *em seu próprio mundo-brana* pode arriscar colapsar suas *certezas*, isto é, suas *estabilidades* de antecipação e previsibilidade. Sem esses *anteparos, a consciência sente que morre*. Enquanto a consciência puder *prever e gerar* estratégias para não morrer, ela sente (e antecipa) que não morre. Quando a imprevisibilidade não permite que ela diga ao *conatus* o que fazer, *a regra de seu mundo-brana já prediz como ela vai morrer*. Sem o *conatus* para defendê-la, seu futuro já é determinado pelo início. Por isso, um constructo rígido é uma cápsula temporal autocontida.

Reich nos dá uma percepção clara desse mecanismo em suas investigações clínicas:

> Comecei, aos poucos, a compreender **a atitude latente de ódio** dos pacientes. Nunca faltava. Se o analista não se confundia com associações que não causavam a menor emoção ao paciente, se se recusava a satisfazer-se com interpretações de sonhos e **investia contra as defesas do caráter escondidas nas atitudes do paciente, então o paciente se enfurecia**. A princípio, não entendi essa reação. O paciente queixava-se do vazio das suas experiências. Mas quando eu **lhe apontava** o mesmo vazio na essência das suas comunicações, na sua frieza, na sua natureza grandiloquente ou hipócrita, **ele se enfurecia**. Ele percebia o sintoma — uma dor de cabeça ou um tique — como algo estranho. *Mas o seu caráter era ele próprio*. Perturbava-se quando lhe apontava isso. O que é que impedia uma pessoa de perceber a sua própria personalidade? [...] Gradualmente comecei a entender que é o ser total que constitui **a massa compacta e obstinada que obstrui** todos os esforços de análise. A personalidade inteira do paciente, o seu caráter, a sua individualidade resistiam à análise. Mas por quê? *A única explicação é que cumprem uma secreta função de defesa e proteção* (Reich, 1988, p. 132, grifos do autor em itálico, grifos nossos em negrito).

Uma consciência imatura tem pavor de qualquer existência que ameace a estabilidade das regras de segurança de seu mundo-brana ou de alguns de seus mundos-brana. Quando Reich aponta ao paciente suas próprias resistências *na forma das atitudes*, isto é *o espaço e tempo da couraça de caráter*, ele convida o paciente a *deslocar* seu ponto de observação da consciência, *que antes estava dentro do espaço branático*, para *fora* do espaço branático. Isso significa que a consciência é convidada a ser *extraída* do interior de seu mundo-brana, como uma espécie de *abdução involuntária* ou *esforço antigravitacional*. Por um milésimo de segundo, ou menos, a consciência não tem mapeada a sua defesa e pode vê-la de fora das regras prisionais.

Nesse momento, o *conatus testa a segurança desse novo espaço dimensional "de fora", que é o espaço branático do setting terapêutico que contêm as distinções do terapeuta também*. Nesse espaço, muitas outras coisas são *possíveis* e isso é extremamente inseguro para uma consciência imatura. *Ver* a própria atitude *fora* do mundo-brana que a contém forma uma clareza dimensional sobre seu propósito e a causalidade desse espaço de origem, *porque é possível sentir e pensar de outra forma*. É como um astronauta que sai de um planeta e olha para ele. Apesar de sentir estranhamento, ele pode sentir bem-estar, um profundo relaxamento e uma sensação de comunhão com o universo *ou pode sentir horror porque não entende o que está fora, e "fora" é uma total desestruturação das regras branáticas em que ele estava.*

O paciente de Reich se enfureceu *como uma medida de conter e combater a dor e o medo* "de perder o amor e a proteção", "medo do sentimento de inferioridade em relação à autoridade", "medo da agressão", "medo de ser destruído", "medo de ser castrado", medo do "desapontamento com a mãe" (Reich, 1988, p. 131). A regra branática do *espaço da couraça* prediz: "sua mãe e seu pai te ameaçam. Você será destruído <se>....". Já o esforço possível do *tempo propulsivo da couraça* prediz: "<se> você não tiver uma "atitude sadística em relação à mãe; desejo de transpassar", <se> não tiver uma "atitude passivo-feminina em relação ao pai; erotismo anal", <se> não tiver um "desejo de castrar o pai", <se> não tiver "impulsos assassinos em direção ao pai", <se> não desenvolver "agressão em direção à autoridade", <se> não nutrir ideias de "despeito; ridículo; desconfiança; ânsia de poder", <se> não desenvolver "polidez; impotência; ascetismo; condição de angústia", <então> *você vai morrer*. Reich expõe essa sequência na forma de um "diagrama que mostra as forças defensivas e a estratificação da estrutura neurótica" (Reich, 1988, p. 131), que são estratificações temporais. A "massa compacta" à qual Reich se refere é a *densidade do espaço e do tempo da couraça de caráter e a densidade do espaço e do tempo da couraça muscular*.

Reich não expõe da forma que proponho, porque não trabalha com a distinção de *tempo e espaço da couraça de* caráter. Essa distinção é o trabalho que exponho aqui. A meu ver, são quatro expressões em uma só. A sequência citada por ele pode parecer rápida, mas a meu ver, tratam-se de *diversos mundos-brana gerados* em *eventos históricos diferentes*, cada um com sua própria consciência temporalmente retida *em sua própria prisão e contrato de realidade*. No entanto, A ORIGEM DE CADA ESPAÇO E TEMPO PRISIONAL SE FUNDAMENTA SOBRE UMA SENSAÇÃO DE DOR E UM SENTIMENTO DE MEDO. Na base de cada *formação reativa*, na base de cada modo obtuso de pensar, de cada anestesiamento emocional, de cada reação inflamada tanto corporal quanto mental, de cada reação que *depaupera* a própria integridade moral e física, de cada anseio de conquistar poder, encontra-se apenas *dor* e *medo*. Uma consciência treinada

em perceber essas reações emitidas por alguém em um meio social, em lugar de *reagir* a elas, pergunta-se imediatamente: "A QUAL DOR E MEDO ESSA PESSOA ESTÁ, NESSE MOMENTO, TENTANDO SOBREVIVER?".

Como esses mundos-brana e consciências aprisionadas fazem parte do mesmo *caráter* ou caracterialidade, *esses tempos e espaços estão em superposição*. Para uma pessoa que observe de fora esse paciente em diferentes situações sociais e ela *não tenha distinções da existência de tempos estratificados*, esse paciente apenas lhe *parecerá* que atua a partir do aqui e agora, porque seu *corpo denso e presente* está no aqui e agora. Isso não é verdade para sua consciência. Esse paciente tem *diversas consciências aprisionadas que estão confinadas em espaços-tempos completamente diferentes, com necessidades diferentes*. Em cada momento, sua consciência observadora *transloca-se* por mundos-brana diferentes e responde no aqui e agora *com o modo catéxico permitido pelo mundo-brana onde/quando ela está no momento*. Por exemplo, no momento A, esse paciente poderá falar com o chefe e responder grosseiramente a ele a partir das regras branáticas em que "ele será castrado pelo pai", e pouco tempo depois, no momento B, responder submissamente à sua namorada a partir das regras branáticas em que "ele será abandonado pela mãe". O *modo* de ele falar com o chefe e com a namorada *demonstram as regras do mundo-brana onde/quando ele está preso e quais são as possíveis respostas que ele necessita acionar para sobreviver a esse mundo-brana*[301]. Se esse paciente se chamasse "Alberto", haveria muitos "Albertos" habitando espaços sombrios e necessitando sobreviver a eles. Falarei da "translocação temporal da consciência observadora" mais à frente.

Quanto mais a consciência *precisa de regras rígidas de segurança*, porque sem elas está fadada a morrer, tal é o seu grau de impotência existencial, mais irá se apavorar e combater as intervenções que tornaram suas regras instáveis ou as fizeram dissolver. Esse é o grau de *imaturidade de uma consciência*, ela *precisa de mundos ficcionais que inventa para se sentir segura*. Se ela não *precisa* deles, então eles podem se quebrar e remontar e tudo estará bem. A MATURIDADE, AO CONTRÁRIO, ESTÁ NA POSSIBILIDADE DE GERAR GRAVITAÇÃO A PARTIR DO "NADA", APENAS POR INTENCIONAR. A CAPACIDADE DE GERAR CONSCIENTEMENTE GRAVITAÇÃO

[301] Poderíamos pensar aqui que são como "transferências" que ocorrem no *setting* clínico ou que são projeções psíquicas de conteúdos emocionais. Certamente o são. Contudo, importa aqui compreendermos *onde e quando essa consciência está localizada* no momento em que *atua* dessas maneiras. É preciso ver o *espaço,* o *tempo* e a consciência se *debatendo* em seu constructo prisional sem conseguir escapar dele. Normalmente as pessoas apenas percebem *uma fração* do quão profundas e dolorosas essas prisões são, porque a *maior parte da percepção* é contrainvestida pelo próprio *conatus* quando avalia que a consciência observadora *não tem maturidade e nem recursos para suportar o impacto de compreender a realidade dos mundos-brana que carrega dentro de si*.

FORMA TODOS OS *PISOS* NECESSÁRIOS, DE ACORDO COM A NECESSIDADE ESPECÍFICA DESEJADA (*AD HOC*).

Se uma pessoa diz: "você é um inútil!", o que ela intencionou fazer foi *solapar* o seu sistema de segurança existencial. Se a pessoa que ouviu é marcada (carrega consigo) por dores narcísicas muito fortes e por uma maturidade muito frágil, porque se apoia em histórias ficcionais sobre si mesma que apenas *cobrem* o seu *pânico interno*, então essa frase "você é inútil!" entra e causa um estrago muito grande, porque a pessoa cai no pânico. Então ela pode *fugir ou se entregar* ou pode *combater violentamente*, porque se não fizer isso, como medida de *preservação da estrutura do mundo-brana*, então ela sente que morre. Se a pessoa pode *ter seu chão desmontado e remontado*, porque a realidade é feita apenas de *histórias e formações elétricas temporárias*, então ela pode responder: "por quê? Por que sou inútil?" e com isso querer realmente entender por que a pessoa afirma aquilo. Aqui está a questão da gravitação: quando a pessoa responde à provocação e pergunta "por quê?", o "por quê?" é uma compreensão racional de causalidade, sendo que para isso a pessoa precisa estar *segura*. Isso requer gerar para si uma sustentação *na qual* pode repousar e ponderar, seja para fazer a pergunta, seja para ouvir qualquer tipo de resposta.

A segurança está tanto nas possibilidades das regras branáticas, *que definem o que é possível gerar como recursos no mundo-brana*, quanto no *quantum energético disponível para gerar recursos* e responder aos desafios do ambiente. Se o mundo-brana tem regras rígidas de "<se> acontecer o evento X <então> você é impotente para responder a ele", não importa que essa pessoa tenha força e massa muscular, ela se apavora. O *tônus* não tem a ver com a quantidade de massa muscular, mas se refere à capacidade de resposta neuromuscular, que na consciência é a *capacidade de conveccionar catexias elétricas*. Mas, se uma pessoa com tônus mediano já se encontra exaurida porque continuamente destina recursos catéxicos para outras demandas que acredita que necessite suportar, quando ocorre um evento em tempo atual em que ela sente que *não tem de onde puxar energia* para gerar o recurso necessário, ela também se apavora.

Em um breve momento antes de responder com a pergunta, a consciência da pessoa precisou intencionar uma nova base ou fortalecer uma existente *e isso significa direcionar catexias para gerar solidez*. Nos espaços de Umbanda e Candomblé isso se chama "firmeza". Firmeza é a geração de gravitação para gerar um efeito de solidez desejado. Digo gravitação porque são catexias elétricas centrípetas. Elas se *concentram* em um ponto espacial com o uso da intenção e fazem pressão nesse lugar. Portanto, "pesam", "sustentam", "estabilizam".

Quando escrevi do "nada", isso não está correto, porque o "nada" é difícil de ser pensado como existente, somente como quimera verbal. Ao dizer "nada" me referi à geração de uma forma dimensional onde não havia nenhuma forma prévia. Na física quântica, mesmo o vácuo possui energia, portanto, flutuações quânticas podem originar partículas e dissolvê-las. O plano de fundo do Universo gerado não pode ser o "nada", pois o "nada" seria atemporal e adimensional, então não conseguiríamos sequer pensá-lo. Talvez essa seja uma dimensão de Deus que não alcançamos e talvez seja por isso que Spinoza chamou Deus de *Substância*, que em sua concepção filosófica é imutável. Mas *em Deus* ocorrem incessantes transformações que são o *tempo* e esse ocorre em dimensões espaciais. Então, quando geramos uma forma dimensional pela convecção de catexias, essa forma é uma organização particular de um espaço-tempo existente. Como disse, concentrar energia para um efeito na mente é concentrar energia na forma de tônus no corpo.

Formas densas e "pesadas" na mente e no corpo têm muitas catexias elétricas estabilizadas retidas. Se elas podem *conveccionar centripetamente e logo, quando não mais necessárias, podem irradiar centrifugamente*, essas formas energéticas temporárias fazem parte de uma *couraça flexível*. Se elas *precisam* ser concentradas para ganhar estabilidade mas não podem ser liberadas ou irradiadas, então essa *firmeza perene e disfuncional* faz parte de uma *couraça crônica e rígida*.

Em geral, compreendo cinco indicativos do *grau de maturidade caracterial de uma pessoa (ou uma consciência)*. Existem muitos outros, como: a capacidade de *distinguir* quando alguém tenta nos colocar em um jogo prisional e não sentir a necessidade de se submeter com esperança de *ganhar* o jogo ou precisar *sobreviver* a ele; a capacidade de *declarar* aquilo que sente e que pensa fora do triângulo do drama[302]*; pedir e negociar* as coisas ou condições que necessita para funcionar bem; fazer *perguntas*[303] e buscar compreender a *causalidade* de um funcionamento, em vez de acusar, sentir-se vítima ou salvador. Há outros e todos eles caminham na direção da *autodeterminação ou império de si*. Os cinco que coloco abaixo, creio que são os mais importantes em termos de saber operar com os constructos prisionais, já que são as nossas próprias definições de realidade e *todo nosso Sistema Nervoso Autônomo*

[302] Como mencionado na Introdução da tese. É particularmente difícil, talvez impossível, construir qualquer tipo de campo social saudável e funcional enquanto as lógicas de relação operarem dentro do triângulo do drama, pois elas são completamente abastecidas por autocondenações e buscam condenar outros. O drama é o que gera os contínuos ciclos prisionais relacionais que reatualizam a necessidade de reatividades.

[303] Sobre essas capacidades que indicam posições de maturidade caracterial, recomendo a leitura de "3 Poderes" (*3 Powers*), de Callahan, disponível em: https://3powers.mystrikingly.com/.

responde a elas – em especial a *neurocepção*[304] – tais como se fossem "reais", porque *eletricamente são*.

O *primeiro*, como mencionei, está na possibilidade de considerar regras, crenças, percepções como *formação de realidades ad hoc* e poder mantê-las *como parâmetros de realidade* apenas enquanto forem úteis. Ou seja, a possibilidade de não atrelar a própria sensação de *segurança* a qualquer uma delas. Isso significa a capacidade de mudar crenças e regras quando necessário. Um exemplo simples é podermos transformar um objeto novamente em uma coisa[305] e poder voltar a nos relacionarmos com ele fora de categorias identitárias impostas. Isso significa retirar de uma coisa ou pessoa, regras, condutas e tradições as *restrições de possibilidades* que são impostas a elas. Isso é uma forma de romper suas programações e realidades constituídas, o que pode ser assustador, pois é uma forma de desconfigurar as estabilidades de nossa mente. Contudo, essa capacidade de *desmonte e remonte* conforme as necessidades do aqui e agora – e não ficar preso em mistificações perenes ou lógicas mecanicistas – são características de maturidade caracterial.

O *segundo* está na capacidade de gerar e concentrar efeitos gravitacionais, quando necessário. Em outros termos, poder sentir-se seguro com a própria possibilidade de *conveccionar catexias* e gerar recursos de sustentação. Isso significa saber gerar solidez e estabilidade de realidade, *mesmo que não exista nada na natureza que seja estável*. Pensemos o seguinte: se tudo é constituído por vibrações, por ondas, por concentrações e dissipações, então estamos falando de um "mundo bambo"[306]. Qualquer estabilidade que pretendamos ter, creio que se deve a dois fatores: o primeiro fator, mais ordinário, são as suposições que fazemos de perenidade, estabilidade e continuidade. Por exemplo, eu posso me sentar em uma cadeira sem conferir todas as vezes se ela é sólida. É mais eficiente eu *assumir* que ela é sólida e não irá cair e não ter insegurança em deslocar todo meu centro de equilíbrio para cima dela. Eu gero uma ficção para que eu possa saber como transitar. No entanto, pode ser que eu tenha uma

[304] Conceito de Stephen Porges (2012), como vimos no Capítulo 4, seção 4.6.
[305] Tal como abordei nas Considerações Iniciais a respeito da proposta de Tim Ingold de "trazer os objetos de volta à vida".
[306] Mundo bambo, no original *wiggly world*, é um conceito de Alan Watts (1915-1973), filósofo do taoísmo, zen-budismo e hinduísmo, apresentado em um seminário que ministrou em 1969 sobre "A natureza da consciência". Watts frequentemente utilizava a expressão "mundo bambo" para descrever a natureza intrinsecamente ondulante e não linear do Universo. Ele observava que, na natureza, dificilmente encontrávamos linhas retas ou simétricas; em vez disso, tudo é caracterizado por curvas, ondulações e padrões imprevisíveis. No seminário, Watts disse que nuvens, montanhas, árvores, pessoas são todas bambas e nós vamos ter um grande problema se quisermos tornar as coisas bambas em coisas duras e retas. Ou elas se sentirão miseráveis, ou nós nos sentiremos ao tentar forçar as coisas para o que elas *deveriam ser*. O seminário completo pode ser conferido em vídeo e está transcrito no site oficial: https://www.organism.earth/library/document/out-of-your-mind-1#ch4.

surpresa se um dia eu descarregar meu peso em cima dela e cair de costas porque um de seus apoios estava menos estável naquele dia. Minha suposição não teria mudado, por isso a queda.

O segundo fator é mais interessante. Se chama *coerência*. O que faz com que eu encontre estabilidade onde não há estabilidade predefinida *é a minha capacidade de gerá-la*. Eu não me sento confortavelmente em uma cadeira porque *estou certo* de que ela não vai cair. Apesar de eu sempre poder verificar e fazer testes na cadeira, isso não é muito viável. Eu posso me soltar na cadeira porque *tenho um histórico das vezes em que eu quis me sentar e me sentei e isso foi bom para mim*. Isso significa que *a segurança daquela cadeira está copiada em mim*. Eu formei essa segurança em mim. Por isso, essa cadeira é uma aliada, porque eu a quero em mim, eu quero essa relação que eu estabeleci com ela. Ela não é um objeto, é uma relação.

Ao querer, convecciono catexias elétricas para gerar essa estabilidade e sustento essa certeza "densa" em mim. Eu convecciono essa certeza, por isso posso *relaxar* nela. Porque eu *quero* e não porque eu esteja lutando, fugindo ou antecipando cenários catastróficos. Se ela falhar, eu também tenho a *certeza* de que não vou ficar sem opções de como me mover ou me proteger caso eu caia, porque *eu não gerei uma prisão ao redor da ideia de cair* e porque *eu quero uma boa relação com essa cadeira*. Isso é coerência. Coerência é *coesão,* não porque seja uma associação de ideias abstratas, mas porque existe *força de ligação conveccionada que gera estabilidade em uma forma desejada*. Coerência é gerada por convecção catéxica e propósito claro do que está sendo construído. Se um constructo infernal pode *ser sentido* como perene e estável, por conta das catexias dirigidas a ele, e capaz de produzir efeitos corporais palpáveis, como locais de tensão e inflamação, porque um outro tipo de constructo, não infernal, mas *firme e amoroso*, não seria possível também?

O *terceiro* está na capacidade de a pessoa distinguir se o que está sentindo é uma necessidade do aqui e agora ou se é a necessidade de uma de suas consciências aprisionadas que *tenta se apossar* do seu aqui e agora. Uma pessoa demonstra maturidade caracterial quando é capaz de distinguir em qual espaço-tempo está pensando, sentindo e agindo em um determinado momento. Nesse momento, a pessoa consegue distinguir se está habitando em um espaço-tempo prisional ou se está habitando no espaço-tempo corrente, do aqui e agora? Ela tem uma distinção clara sobre qual é o seu ponto de origem e ação? Quanto mais ela indiscerne e não sabe quando e onde está posicionada, se em um de seus infernos ou se no aqui e agora, menos maturidade essa pessoa expressa ter.

O *quarto* está na capacidade de *entrar e sair livremente* de mundos-brana *que não conhece*[307]. Isso significa que a consciência pode sentir *medo* ao se aproximar dos limites de segurança de seu mundo-brana, mas não *paralisar* ou sentir que *irá se decompor* caso atravesse esses limites ou caso eles se dissolvam.

O *quinto* está na capacidade de ver com *clareza* os próprios funcionamentos e propósitos sem entrar em *desespero* ou tentar anestesiá-los através de autopunições e autocondenações. Recorrer ao autoflagelo para *aliviar a tensão e anestesiar a sensação de angústia e beco sem saída* faz parte dos *traços masoquistas* que mencionei. Essas possibilidades necessitam ser analisadas caso a caso, mas os parâmetros gerais acredito que sejam esses.

5.7 Constructos tensos e relaxados: a geração na mente e no corpo são o mesmo *processo*

No interior de uma consciência vortexial existem muitos eventos históricos gravados ou retidos (sustentados e reinvestidos em uma forma) na forma de *mundos-brana quadridimensionais* ou em mais dimensões espaciais simultâneas em conjunto com *uma dimensão temporal*. A dimensão temporal também pode ser composta em três dimensões: passado, presente e futuro, mas esse entendimento parte de maneiras humanas e narrativas de organizar eventos temporais, pois, como disse Bergson, o *tempo é duração*. Significa que ele vibra e persiste, logo, se o "passado" existe como narrativa presente, pois nota-se um efeito do "passado", isso é uma duração, sendo que em algum momento originou-se um movimento de onda e esse movimento *dura* até a atualidade. Se o "presente" existe como narrativa presente, esse presente é um estado de fluxo temporal, que é *duração*. Uma cadeira não é cadeira, é algo que *está cadeirando*. Uma formiga não é uma formiga, não é o conceito formiga, é algo que *está formigando*. Uma duração é um mover-se e um mutar, em uma dimensão mutante, que apenas na duração é possível compreender-se como "si mesma". Um conceito sobre si mesmo não é um "si mesmo". Digo "*um* si mesmo" porque o "si mesmo" não existe, é um *estado temporal*. Então uma *consciência observadora* que se percebe como *si mesma*, *ela é uma experiência de um estado temporal em um espaço dimensional*.

[307] Como no filme Matrix. Talvez o personagem Neo do filme seja bastante saudável e amadurecido, pois quando ele é retirado ("salvo") da realidade da virtual Matrix ele apenas fica perplexo e desterritorializado. De outra forma, ao ser retirado do constructo virtual o qual denominava como "realidade" ele poderia ter reações de ódio e pânico profundo, poderia gritar de pavor e espernear de raiva, porque tudo o que ele conhecia como segurança tinha colapsado. No entanto, ele apenas diz para Morpheus: "meus olhos doem", e Morpheus lhe responde: "porque você nunca os usou antes". Quanto mais imatura for uma pessoa, mais ela se assustará com uma formação de realidade "segura" que se esvai. Uma pessoa madura é capaz de se apoiar em uma estabilidade interna, mesmo que uma brana de segurança seja dissolvida e a pessoa fique, temporariamente, sem parâmetros.

Quando uma pessoa diz: "*eu gosto de pequi"*, esse "eu", que é a sensação temporal de si mesmo, pode estar *superposto no aqui e agora*, mas existir como *duração* em muitos mundos-brana temporais diferentes. Quando ela diz "eu", ela se refere a uma experiência temporal que ocorre, *no mínimo*, em duas localizações geométricas: a primeira, o aqui e agora, que é a *sensação* de "presente corrente" e a *geometria perceptual* do que se compreende como "presente corrente", e uma segunda, *algum outro momento* de uma experiência de excitação positiva com o pequi que *dura*.

Pode haver várias consciências infantis, por exemplo, que habitam diversos mundos-brana em que o pequi é uma possibilidade de existência feliz. O mundo-brana não consistiria no pequi, pois o pequi é um conceito. O que existe é a geração de um espaço quadridimensional de múltiplas excitações *que são reproduzidas ativamente no plasma corporal e na mente, como movimento eletromagnético até a atualidade,* que é o momento em que disse: "eu gosto de pequi".

"Gostar de pequi" envolve uma cópia do lugar, isto é, o que estava presente como existência e movimento no momento da gravação, e as próprias correntes bioelétricas de prazer que percorriam o corpo por diversos motivos, que não apenas o pequi. Esse *evento temporal* foi/é/continua sendo um mapa de referências de possibilidades positivas para a consciência que o experienciou *e por essa razão, a consciência, por necessitar desse sistema de referências como recurso interno de perseverança, faz um pedido ao seu conatus:* "por favor, *retenha* isso em mim".

É esse pedido inconsciente ao *conatus* que gera o que Semon denominou como *engramas*, que entendo formarem os espaços-tempos do *caráter* de um ente vivente, ou sua *caracterialidade*. Semon originalmente definiu o termo para referir-se às mudanças físicas duradouras, traços físicos ou químicos deixados *em qualquer parte do organismo*, que ocorrem após o aprendizado ou a experiência. O registro de um engrama não necessariamente requer um cérebro, mas qualquer sistema biológico capaz de armazenar e transmitir mudanças resultantes de estímulos. Ele imaginou que, uma vez que o engrama fosse formado, ele permaneceria adormecido e poderia ser despertado por experiências semelhantes ou partes do evento original. Ele chamou essa reativação de "despertar da memória" ou "*ecforia (ecphory)*" (cf. Semon, 1921, p. 12). Diz o autor: "Nosso estudo revela as leis que regulam as várias associações entre os traços mnêmicos ou engramas latentes e revividos, ou *ecforizados*[308]" (p. 12, grifo do autor).

[308] Traduzido livremente do inglês: "Our study reveals the laws regulating the various associations between the latent and the revived, or *ecphorised*, mnemic traces or engrams".

Semon define assim o termo *engrama* e o relaciona à *duração* de uma memória: "A modificação duradoura, embora principalmente latente, na substância irritável produzida por um estímulo, eu chamei de *engrama*[309]" (Semon, 1921, p. 12, grifo do autor). Um engrama requer, para ser *gravado*, uma substância irritável e um *processo de excitação*, e o processo de *ecforização* requer também o *aparecimento de uma excitação* na substância irritável. Semon não define que "substância irritável" possa ser essa, mas aponta que se trata de um *processo energético*:

> A existência de uma excitação, como já insistimos, é puramente uma questão de raciocínio inferencial, e o mesmo raciocínio aponta para a excitação como sendo *alguma forma de energia*; pois quer baseemos nosso raciocínio em *reações imediatas na consciência*, quer argumentemos indiretamente a partir de nossa observação de reações motoras ou plásticas, metabolismos ou a variação negativa da corrente elétrica, somos obrigados em todos os casos a *assumir um processo "energético" na substância orgânica irritável*. É impossível no momento afirmar definitivamente o que esses processos energéticos são. Alguns escritores acreditam que eles são essencialmente energia química. Outros, de forma resumida, preferem falar de "energia fisiológica", ou mesmo de "energia nervosa", mas admitem a possibilidade de reduzir isso às formas bem conhecidas — mecânica, térmica, elétrica, radiativa e química — que talvez sejam denominadas energias elementares. Preferimos, no entanto, falar apenas *do processo energético da excitação*[310] (Semon, 1921, p. 19-20, grifos nossos).

A meu ver, a *ecforia* seria o momento em que a energia focalizada da consciência, por sua presença nesse espaço virtual, reativa o "carrossel" ou a memória quadridimensional gravada e retida no plasma. A abordagem original de Semon *difere* da neurociência moderna, que *tende a associar os engramas a alterações sinápticas no cérebro*. A visão ampla de Semon nos permite conectar com a compreensão *plasmática* de Reich, já que as memórias podem ser distribuídas pelo corpo. Nossa leitura, que parte de uma gravação/retenção no plasma dos engramas, aos quais me referi como *constructos temporais*, a meu ver, é atualizada com a leitura contemporânea de Michael Levin sobre as gerações *bioelétricas de engramas* no corpo, por

[309] Traduzido livremente do inglês: "The enduring though primarily latent modification in the irritable substance produced by a stimulus, I have called an *Engram*".

[310] Traduzido livremente do inglês: "The existence of an excitation, as we have already insisted, is purely a matter of inferential reasoning, and the same reasoning points to excitation being some form of energy; for whether we base our reasoning on immediate reactions in consciousness, or whether we argue indirectly from our observation of motor or plastic reactions, metabolisms, or the negative variation of the electric current, we are obliged in all cases to assume an "energetic" process in the irritable organic substance. It is impossible at present to state definitely what these energetic processes are. Some writers believe that they are essentially chemical energy. Others, in summary fashion, prefer to speak of "physiological energy", or even of "nervous energy", but they admit the possibihty of reducing this into the well-known forms — mechanical, thermal, electrical, radiating, and chemical — which maybe termed elementary energies. We prefer, however, to speak only of the energetic process of the excitation".

meio de uma compressão de informações que serve como referência para estados futuros da unidade corpomental, ou sua completa dissolução e reorganização material.

Como expus no Capítulo 3, seção 3.8, no artigo "A estabilidade das memórias durante a remodelação cerebral[311]" (Blackiston; Shomrat; Levin, 2015), Levin e sua equipe demonstraram que as memórias de uma lagarta sobrevivem ao período de pupação dentro do casulo, processo pelo qual todo seu corpo e estrutura neural são totalmente dissolvidos, liquefeitos e, então, refeitos. Após a remodelagem do corpo, na forma de borboleta, as memórias da lagarta demonstraram estar preservadas, mesmo que elas não fizessem nenhum sentido para o corpo atual da borboleta. Eles se questionaram: como as memórias podiam ser armazenadas no período de transição? E como puderam ser refeitas no novo sistema neural se não havia nenhuma estrutura neural prévia que houvesse sido preservada? A resposta não poderia estar no SNC (Sistema Nervoso Central), já que esse havia desaparecido. Onde a informação codificada do comportamento aprendido no corpo da lagarta ficara armazenada e como o corpo da borboleta pudera auto-organizar essas memórias em seu novo corpo?

Como expuseram a questão: "Primeiro, essas questões visam diretamente *a questão fundamental do engrama*[312]" (2015, p. 2, grifos nossos, tradução nossa). Em seguida:

> é provável que, embora a memória seja codificada por meio da plasticidade sináptica e recuperada pela ativação da rede neural, haja uma "planta baixa" das memórias que podem ser mantidas com segurança no lugar por um mecanismo diferente das próprias conexões sinápticas. [...] é possível que mecanismos adicionais possam dar suporte à memória robusta, fornecendo um meio de armazenamento de "backup" durante o rearranjo cerebral. por exemplo, [...] é possível que a memória possa ser armazenada fora do cérebro e impressa no cérebro nascente durante a regeneração[313] (Blackiston; Shomrat; Levin, 2015, p. 6).

Os pesquisadores se apoiaram nos *mecanismos bioelétricos* para demonstrar que esses são capazes de *acoplar sistemas de memória somática e cognitiva* e preservar a retenção das informações gravadas, mesmo depois de uma drástica reorganização celular. Acredito que essas descobertas e evoluções (que seguem ocorrendo) da teoria de Levin e seus colaboradores nos tragam pistas importantes sobre *como os registros das nossas couraças (e traços de caráter)*

[311] Traduzido livremente do inglês: "*The Stability of Memories During Brain Remodeling*".
[312] Traduzido livremente do inglês: "First, these issues directly target the fundamental question of the engram".
[313] Traduzido livremente do inglês: It is likely that although memory is encoded through synaptic plasticity and recalled by activation of the neural network, there is a "blueprint" of the memories that may be kept safely in place by a mechanism other than the synaptic connections themselves. [...] it is possible that additional mechanisms can support robust memory by providing a "backup" storage medium during brain rearrangement. For example, [...] it is possible that memory can be stored outside the brain and imprinted on the nascent brain during regeneration.

são gravados ao longo da nossa história ontogenética, biológica e biográfica, e como persistem, mesmo que não façam sentido em um corpo adulto, atual, com problemas atuais. A maior parte dos traços de comportamento de caráter que são *disfuncionais* no aqui e agora, em um corpo adulto, são provenientes de *engramas* registrados em períodos do desenvolvimento muito iniciais, tais como a gestação e a infância. Para que serviria reter memórias embrionárias, fetais, neonatais e pós-natais que *são capazes de estigmatizar comportamentos, gerar necessidades que não se adéquam ao aqui e agora e estabelecer uma sensação duradoura de falta de recursos internos para enfrentar a vida atual?*

De acordo com as intuições spinozianas e reichianas, a resposta mais óbvia seria: *por necessidade e esforço de perseverança*. Nós não temos acesso "ao passado", nós temos acesso aos engramas que foram gravados na unidade corpomental e que também *não equivalem à situação ou contexto tal como eles ocorreram, mas equivalem à seleção dos elementos que foram necessários serem copiados e reproduzidos como forma dimensional temporal*. É a *necessidade de retenção temporal* que busco investigar aqui.

É importante evidenciar que Levin *não declara que a retenção de uma memória dependa do desejo,* apenas demonstra que gravações bioelétricas podem ser feitas fora do cérebro e postula que a *mente tampouco resida nele* e que padrões de informação são armazenados em redes bioelétricas não neurais. A ideia de que a *retenção de uma memória seja gerada por desejo e tensão elétrica convectiva é uma defesa que faço nesta tese*, dados todos os argumentos que expus a respeito de como as memórias/crenças/constructos virtuais são gerados e têm duração no corpo e na mente *ou na mesma unidade funcional*, a qual chamei de consciência vortexial.

Para clarear um pouco mais o que penso do *papel da bioeletricidade no corpo*, gostaria de explicitar que vejo, ao menos, três maneiras sobre *como é possível delinear, ativar e gerar formas bioelétricas* no plasma da unidade corpomental. A primeira maneira, descrita por Levin, é através da edição e manipulação de *canais iônicos* (*ion channels*), já que são proteínas e podem ser modificadas, remoldadas e reposicionadas para gerarem novos caminhos virtuais de correntes de íons. Circuitos de canais iônicos geram uma rede eletrônica estrutural para atualização de *formas e funções futuras no organismo*.

A segunda maneira é que os seres viventes têm *desejo* e, como explicou Reich, são capazes de se expressar a partir de dois movimentos autônomos plasmáticos básicos: o *prazer*, enquanto interesse energético libidinal dirigido ao mundo, e a *angústia*, enquanto afastamento do mundo e investimento energético defensivo dirigido ao interior de si mesmo. Ou seja, expansão centrífuga do desejo e contração centrípeta do desejo. Esses dois movimentos

propulsivos, para fora e para dentro, ou seja, duas direções básicas vetoriais, *são desejo em ato ou convecção catéxica de correntes bioelétricas no corpo*, por meio de um desejo autônomo. A convecção, como disse, é a "matéria-prima" para a geração de mundos-brana.

A terceira maneira é *o ato suave e constante, a partir do exterior, de ativação da entrada de energia em um sistema sem forçá-la, mas conduzi-la*, em prol da autorregulação. Para isso, dou como exemplo duas formas terapêuticas (existem muitas outras) que implicam uma ação humana *intencional* e uma terceira na qual a ativação é automotora. A primeira forma terapêutica é a conhecida prática de equilíbrio energético japonesa chamada Reiki. Desenvolvida por Mikao Usui no início do século XX, ela utiliza a imposição das mãos para canalizar a energia vital universal (*Ki*, no Japão). É uma prática que se baseia na ideia de que essa energia pode ser transmitida e direcionada para estimular a autocura do corpo[314].

A segunda forma terapêutica é uma prática chinesa que se chama *Wai Qi Liao Fa* (*Chi Kung Médico ou Qi Gong Médico*), cuja tradução é "Método de Cura com Energia Externa" e faz parte da Medicina Tradicional Chinesa (MTC). A prática baseia-se na ideia de que um praticante experiente pode emitir *Qi (Chi) externo* para harmonizar o sistema energético de outra pessoa. O terapeuta canaliza e direciona essa energia vital para o paciente, seja por imposição das mãos, toques leves ou *mesmo sem contato físico*[315]. Outra técnica semelhante é a *Yi Zhi Chan* (Meditação do Dedo Único), na qual a energia é *armazenada* através de práticas específicas de respiração e concentração mental e, então, *canalizada e liberada* para um ponto focal no dedo, onde pode ser usada para desbloquear meridianos (canais de energia) e estimular a autocura.

[314] Há muitas referências e vídeos sobre a prática na internet. Em particular, deixo como referência o canal de Bruce Taylor, professor de Reiki, chamado Raízes da Vida: http://www.youtube.com/@RootsofLife. Há um vídeo que se chama "Explicando Reiki para céticos", no qual se aborda de maneira pragmática por que as pessoas intuitivamente praticam Reiki sem se darem conta, quando geram emanações intencionais com as mãos. Quando esse princípio é aplicado de maneira constante e contínua por um período de tempo, *de maneira relaxada e intencional*, ocorre uma emissão de catexias que são autorregulatórias para o corpo. Disponível em: https://youtu.be/8cWrYFMGxbo?si=RYT5rnRBfjIq2Tu5.

[315] Recomendo os cursos do professor Alejandro Jensen, terapeuta e mestre em Qi Gong Médico, do Instituto Huang Long (http://www.youtube.com/@huanglonginstituto7460). No canal há vídeos dessas práticas que demonstram como os movimentos autônomos autorregulatórios do corpo de uma pessoa podem ser ativados apenas com o *manejo da emissão de energia (Qi)* à distância pelo médico praticante. Um exemplo está disponível em "Seminário Internacional de Qi Gong Médico – Nível I": https://www.youtube.com/watch?v=y_icxGgYjRc . No vídeo, é importante notar que o o movimento autônomo do corpo não é guiado pela própria pessoa (de maneira consciente), mas pela ação do *conatus* que começa a ser comandado (não forçado) do exterior para que gere os movimentos autônomos de autorregulação para *reparar* os bloqueios energéticos que *previnem* o funcionamento adequado das funções somatopsíquicas. Quem cura é o próprio *conatus* quando é ativado e colocado em marcha livre, pois *ele é quem sabe o que fazer para desbloquear*, não o praticante médico. O praticante médico apenas canaliza o desejo e o comando catéxico para que isso seja feito pelo *conatus* da outra pessoa.

A terceira forma terapêutica é a *caixa de orgon* desenvolvida por Reich. Falei um pouco de seu funcionamento no Capítulo 3, seção 3.6. Na caixa, a disposição das placas orgânicas (madeira, lã, algodão) intercaladas com as placas metálicas (chapas) *induzem uma condição de acúmulo de energia cósmica* em seu interior. Aqui a *condução de catexias energéticas* não é feita por meio da *intenção focalizada*, mas é automotora, no sentido de que ambos os materiais, orgânicos e metálicos, possuem *propriedades catéxicas* diferentes: as matérias orgânicas *atraem centripetamente e liberam centrifugamente* a energia de maneira *lenta*, enquanto que as matérias metálicas fazem o mesmo, mas de maneira *rápida*. Ou seja, a alternância dessas camadas, na forma de uma caixa, forma uma espécie de *bateria concentrativa* no interior dela. A energia é atraída, então acelerada, atraída novamente, então acelerada, e assim por diante, de acordo com o número de camadas. Como a camada mais externa é orgânica e a camada mais interna é metálica, a energia é "passivamente" conveccionada para o interior da caixa.

Faço apenas uma nota em relação ao *desejo ou catexia* dos entes não biológicos. Se existem diferenças entre os modos de convecção (atração e repulsão) de diferentes materiais, mesmo que não haja *intenção*, há desejo. Tal como o *desejo ou afinidade* que existe entre elementos químicos. Alguns formam ligas que duram e resistem, outros se repelem e não se misturam. Alguns entes têm capacidade de gerar variação interna e aplicá-la para perseverarem, então, é possível dizer que eles tenham *intenção, como os entes biológicos possuem.* Outros entes praticamente não expressam capacidade de gerar variação, portanto, parecem não poder conveccionar com arbítrio, intencionar ou ter agência, como ocorre com os entes não biológicos. Esses, em princípio, teriam apenas desejo, não intenção. Contudo, reitero: a questão está nas regras geométricas que regem os entes; alguns são muito capazes de *variação catéxica conforme a necessidade*, outros, muito pouco.

A questão é que, no interior de uma caixa positivamente carregada (como explicado no Capítulo 3, seção 3.6), há tanto *uma pressão maior exercida pela quanta de carga que está acumulada em seu interior*, quanto há o *desejo da própria consciência em absorver essa energia para reparar seus déficits e bloqueios.* Esse desejo autônomo ocorre pois, na maior parte das vezes, existem *desbalanços na função t-c no interior do organismo (e na consciência) que causam padecimento*. Portanto, existe um pedido (inconsciente) da consciência de restabelecimento das funções do eletroma original, o que é comum de ser experienciado por usuários, de modo geral: ou é um ciclo de relaxamento profundo (descarga), seguido de um despertar e vivacidade (recarga), *ou sensações de angústia e congestão em locais do corpo que denunciam onde o aumento de influxo maior de energia ficou obstruído por conta das plantas*

baixas tensas que a consciência sobrepôs nessas funções/regiões do corpo. Lentamente, a caixa pode ajudar a dissolver e autorregular esse bloqueio centrípeto da tensão, mas, pode ser que *os padrões caracteriais que geram as tensões centrípetas do bloqueio* sejam tão fortes que seja necessário trabalhá-los via *conscientização dos padrões defensivos* através da fala e outras formas de ativação corporal.

Todas as técnicas de aplicação energética intencional, desde que feitas adequadamente, *sem forçar, precisam conter o desejo ou comando de que o conatus busque a organização mais funcional e adequada*. Mesmo na acupuntura (da MTC), quando uma agulha é aplicada em um meridiano ela é mais eficiente se o terapeuta aplicar a intenção, a respeito do efeito desejado, enquanto aplica a agulha. Não é apenas a agulha que faz o papel de ativação, mas a intenção focalizada de quem aplica. Como será transmitida essa *intenção* no tratamento (a concentração da catexia intencional e o desejo impresso), não importa. Pode ser através da imposição das mãos, do olhar, de agulhas, de batidas rítmicas de tambores. Todos esses dispositivos não são a *causa* do processo curativo, porém, a catexia da intenção e a informação da catexia registrada *através* do dispositivo *fornecem comandos e desejos ao conatus dos sistemas afetados, desde que esses sistemas desejem receber esse comando e copiar, em si mesmos, essas informações.*

Por isso, as técnicas que induzem à autocura não podem ser *impostas* ou *forçadas*, precisam ser recebidas com relaxamento, segurança e contato. *Forçar* normalmente nos fala de imposições e abusos, portanto, de desejos e objetivos ocultos e clandestinos. *Bloquear* também é uma ação catéxica que visa impedir um acesso ou uma modificação. São dois termos importantes a serem considerados quando tratamos de terapêuticas que visam acessar a intimidade da consciência através de intervenções energéticas.

A intenção nessas práticas é *essencial* para a condução catéxica que irá *informar, através de excitações, o pedido para que a convecção interna correta seja feita.* A palavra "correta" não se refere a uma *norma impositiva* que a pessoa queira determinar, mas a "correção" vem pelo próprio ímpeto catéxico do praticante de *desejar relaxamento e funcionalidade* e que isso seja *registrado com importância*. Esse mapa *é importante em ato, há necessidade dele*. E isso é comunicado catexicamente ao sistema.

Reitero aqui que a energia (propulsão, expansão e contração rítmicas), que é o *conatus*, não trata de "um ente vivo e inteligente externo" que "sabe o que fazer". Isso é capcioso, pois pode conduzir a um pensamento dual e misticista. Me refiro aqui à crítica de Reich quando disse a respeito do orgone: "nas antigas filosofias asiáticas, o éter assume as propriedades de um ser vivente sem realmente vir a sê-lo – trata-se do conceito de prana e

similares" (2003 [1951], p. 43). Se defino que todas essas *forças catéxicas – as energias Rei, Ki, Qi, conatus – são orgone*, apenas investigadas de diferentes maneiras, *não é para me referir a um "ser vivente exterior"*, mas a uma *joint venture* com a própria consciência. Se a energia é "viva" e "animada" é porque ela é *fluxo de consciência em ato*. A "onda" por si só não teria autonomia – isso seria um conceito abstrato – mas a *onda da consciência é a própria consciência, em ato*.

O *conatus* é o esforço inteligente não linear de perseverança na existência e todos os seres são *convecções focalizadas dele*. Portanto, ele não está fora, já está dentro. Contudo, ele obedece a comandos, na forma de *desejo em ato*. Além disso, já existem no corpo *instruções de funcionamento adequado de forma e função*, que não estão registradas no DNA, nem no genoma, mas no *eletroma*. Ele também é feito de *conatus estruturado*, e o *conatus livre* apenas o utiliza como "fim, objetivo ou forma do devir desejado". Por isso, essas três práticas terapêuticas que dei como exemplo *não curam diretamente, mas ativam a própria autocura do corpo. Autocurar é basicamente permitir, e comandar se necessário, que o conatus busque as informações de forma e função adequadas no eletroma original gravado e auto-organize estruturas materiais e fluxos de materiais para chegar na forma elétrica previamente estabilizada*.

É claro que, como vimos, uma programação elétrica *mais urgente* pode *sobrepujar (override)* outra anterior e essa nova programação ser *o mapa dimensional (ou planta elétrica baixa) definido como mais necessário* para o *conatus*, e há o comando/pedido/desejo para que ele o utilize de *guia* para a obtenção não linear de recursos necessários. É por essa razão que nossos *bloqueios energéticos, nossas estases retidas no plasma da consciência*, atuam como programações mais urgentes de sobrevivência *e informam ao conatus que "essa" é a forma dimensional a ser alcançada* e não a *forma e função adequadas do eletroma original*.

Retornemos agora ao "pedido" de retenção que o sistema vivente faz ao *conatus*, que abordei no exemplo do "gostar de pequi". Eu havia dito: "'Gostar de pequi' envolve uma cópia do lugar, isto é, o que estava presente como existência e movimento no momento da gravação [...]. Esse *evento temporal* foi/é/continua sendo um mapa de referências de possibilidades positivas para a consciência [e ela], [...] *por necessitar desse sistema de referências como recurso interno de perseverança, faz um pedido ao seu conatus:* 'por favor, *retenha* isso em mim'". É por isso que a memória do pequi (e todo o contexto emocional e de possibilidades de ser e existir que ela envolve) se torna *gravada, retida e reproduzida (reinvestida) no plasma da consciência*, não porque essa memória tenha se tornado um *constructo prisional*, ao contrário,

passa a fazer parte como um sistema de referências de possibilidades de existências também gravadas no caráter (caracterialidade) da pessoa.

A consciência (a pessoa) *deseja* reter e é por esse motivo que *o conjunto de ondas eletromagnéticas que percorreu o plasma naquele momento foi retido e reproduzido continuamente de maneira ativa*. Essas ondas passaram a *durar* no sistema plasmático da consciência, porque elas *passaram a ser necessárias para a perseverança*. O comando dado ao *conatus* apenas se torna *inconsciente* para a consciência observadora *enquanto ela habita outros mundos-brana, porque o número de consciências que ela consegue observar simultaneamente é limitado. "Ver tudo" seria um grau de onisciência e onipresença que somente o conatus é capaz de ter. Mas para a consciência gravada naquele mundo-brana do menino feliz, menino que é a imagem corporal dessa retenção espaçotemporal de onda, essa "lembrança" não é nem um pouco inconsciente e nem sequer é uma lembrança, ela é uma experiência que dura*.

Nesse mundo-brana ou em múltiplos mundos-brana onde meninos semelhantes, com padrões de onda semelhantes duram, eles estão sempre felizes. Mas, se é *uma duração que não passa*, ela é uma prisão? Sim. É apenas uma prisão porque é uma retenção. É uma prisão que dura o tempo em que essa convecção bioelétrica *precisar* durar, porque a consciência assim o deseja. Como o menino e seu mundo-brana temporal *são um recurso de navegação geoespacial que mantém ativas na consciência possibilidades de prazer, de felicidade, de alegria, de pertencimento, de amizade e de ser querido*, o *conatus* entende que isso é necessário para a perseverança e *não solta, isto é, não irradia até o fim esse momentum temporal*. Contudo, não se trata de um constructo elétrico *tenso na mente, nem tenso no corpo.* Ele é *focalizado*, mas não é tenso. *Tenso* significa um *alto gradiente energético que não tem permissão de ser liberado.*

Aqui existe uma diferenciação necessária. Existe a tensão que não se torna prisional e aquela que se torna. A primeira é a *tensão que é convecção centrípeta para um ponto focal*, para a geração de um efeito. Se o efeito é *ad hoc*, pode ser dissolvido ao não ser mais necessário. A tensão é o "quero", o "propulsionar", o "faça-se", o "resistir", o "atravessar". É o ímpeto, a determinação, a convicção. São formas de desejar em ato. É a decisão de contrair em ato. Por isso a convecção centrípeta da catexia é a geração de efeitos. A *dissolução de efeitos* é a "entrega", o "abdicar", o "liberar", o "render-se", o "repousar" e o "unir-se". É a convecção centrífuga da catexia o "deixar ir" e o "desfazer" o que não é mais necessário. São formas de desejar em ato. É a decisão de relaxar em ato. Como Reich explicou, o *equilíbrio* é a alternância *balanceada* desses movimentos. A percepção responsável da necessidade da alternância

balanceada é a medida da maturidade caracterial. Buscar compreender *como não se está fazendo isso é medida de autoconhecimento.*

A segunda é a *tensão que é convecção centrípeta que objetiva gerar perenidade, imobilidade e imutabilidade*. O objetivo da *retenção* da energia é que muda. Toda alternância de tensão e distensão gera superávit (excesso) de energia em um lugar e déficit (escassez) em outro. *Reter cronicamente* gera excessos e déficits de maneira *crônica* no corpo e na mente. Quando a consciência acostuma-se a *ficar presa* de maneira *voluntária* nessas prisões elétricas formadas por suas necessidades e desejos, esses excessos e déficits tornam-se seu funcionamento "normal" e "padrão". A segunda tensão é gerada por proibições internas do equilíbrio e torna-se uma autorregulação *forçada por regras prisionais.* Por isso, ela é prisão, é desgaste constante, é antecipação. No fim, é *um desejo de dedicar a própria força a sobreviver à prisão.* Por isso, a segunda tensão está sempre fazendo *força contra*. Os dois tipos de tensão ocorrem por necessidade, no entanto, a necessidade é definida pelas regras do mundo-brana onde a consciência está posicionada.

Voltemos ao exemplo do menino, cuja consciência é capaz de experienciar um mundo cheio de possibilidades, no qual suas correntes elétricas podem percorrer seu corpo e expandir. O *constructo onde ela está é relaxado,* o que significa que sua consciência *concentra* apenas uma parte da energia, que é reinvestida nele para gerar existência de possibilidades, e outra parte da energia é *irradiada* pelo corpo na forma de correntes vegetativas prazerosas. O *propósito* dessas catexias *não é prisional*, no sentido em que não se esforçam em *controlar a realidade ou antecipá-la*. A consciência retém a informação/excitação em seu plasma porque isso a alimenta e a nutre de neguentropia, isto é, de possibilidades de existência.

Um constructo denso é uma brana fechada quadridimensionalmente que *recebe muitas catexias*. A densidade ou gradiente energético focalizado gera *no corpo* uma excitação plasmática mais elevada, que é um *quantum* energético aumentado que *motiliza* o plasma e gera uma *intumescência corporal. Na mente*, a densidade gera a *sensação de realidade "palpável" ou "existente em ato".* É claro que *perceber densidades* depende das *distinções* gravadas/portadas na consciência. *Densidade não significa uma focalização tensa prisional*. Sem densidade não há *efeito*. É o *propósito da focalização da densidade aumentada* que define se um constructo atua como um dispositivo entrópico ou neguentrópico, isto é, *que retira possibilidades de existência ou as aumenta*.

Se o propósito de focalizar um dispositivo ou constructo com densidade aumentada for gerar uma defesa de campo temporária (ou mesmo uma defesa corporal como desferir um empurrão em alguém, pois o que muda é a densidade) ou uma plataforma dimensional para

concentrar a energia e evitar uma queda entrópica, essa focalização tem como propósito diminuir a entropia e aumentar as chances de perseverança. Mas a que outros propósitos essa focalização serve? De que lugar e contingência de regras a consciência parte para gerar essa focalização e sustentá-la?

Pode ser de um lugar como "preciso me defender dessa intrusão pois ser derrotada por ela é inexorável", e pode ser de um lugar como "preciso me defender dessa intrusão para que eu tenha tempo de me reorganizar e saber o que fazer". No primeiro lugar, a consciência *já definiu (como diagrama de realidade)* que não tem como escapar e *precisa* sobreviver *ao final certo e definido*. Então, essa defesa *é temporária até a morte prevista e diminuirá suas possibilidades de existência até que isso ocorra*. No segundo lugar, a consciência *já definiu (como diagrama de realidade) que escapar é possível, ela somente não sabe como ainda*. Nos *dois casos, o propósito da consciência* molda tanto o *ponto de partida do início da realidade,* quanto molda *a forma do devir desejado*, que é para onde o conatus irá direcionar seus esforços.

No primeiro caso, a consciência não deseja morrer, *ela deseja que exista o final desenhado para que ela saiba como perseverar até lá. Morrer é a consequência prevista caso seu conatus não produza estratégias não lineares eficientes suficientes para evitar esse final*. No segundo caso, o devir desejado também já está desenhado (moldado eletricamente), que é o "*poder se reorganizar e sair dessa situação*". Ainda que a consciência não saiba como, ela já desenhou a planta baixa elétrica que o *conatus* utilizará como *atrator* para atualizar materialmente a planta. Dito de outra maneira, a consciência já desenhou a planta que o *conatus* utilizará como diretriz para propulsionar em várias direções, de maneiras não lineares, para conseguir atualizar a forma do devir desejado. O propósito tem uma *tríplice função*: é uma formação catéxica estrutural, é o arco que contém a história do esforço e é a direção do esforço dentro do esforço.

Quanto *menor a probabilidade de distribuição elétrica*, mais "certa" e "definida" é a forma. Isso é focalizar. Se o objetivo da condução catéxica é gerar um dispositivo denso *ad hoc*, isto é, de acordo com a necessidade particular de um momento particular, é a *necessidade* que precisa ser analisada. Se a pessoa necessita sobreviver a um mundo de jogo prisional que ocorre com o corpo presente no tempo corrente, ela pode, com o uso do seu *conatus*, gerar dispositivos densos necessários para aquela situação. Mas, densidade consome energia. Se essa situação prisional ou de risco *dura,* esse destino de catexias constante *depaupera* tanto o sistema mental quanto o somático, pois o *processo de convecção* energética é um só. *Sobreviver custa. Sobreviver gera déficit energético*, viver gera *superávit*. Quando uma consciência vive, não *sofre constante depleção de cargas, mas recebe influxos que percorrem eletricamente seu*

corpo e é nutrida por esses influxos. Em um corpo físico biológico a *nutrição bioelétrica* ocorre quando o *sistema pode experienciar prazer em uma condição parassimpática ou ventral-vagal*. É por meio de correntes bioelétricas prazerosas que o corpo e a mente se nutrem de neguentropia e aumentam seu *quantum* energético.

Logo, a *conta econômico-energética* acontece, seja se a consciência *precisa durar* em uma situação ambiental de risco em um mundo de jogo atual e material, seja se precisa *durar* em um contexto social energético-virtual, seja se precisa *durar* em um mundo-brana caracterial. *É a consciência que entende que precisa durar, porque é ela quem vive o ambiente, não importa em que grau de densidade ele ocorra.* Ao mesmo tempo em que é ela que gera a realidade *que necessita*, ao conveccionar catexias, é ela também que gera a própria estratégia de perseverança *necessária*, também pela convecção de catexias. Ela somente é capaz disso porque tem *conatus* e é feita de *conatus*.

Por isso, defendo a necessidade *política* de se prestar *atenção ao que se quer* e poder *declarar* o que se quer, sobretudo para si mesmo. Graus maiores de maturidade caracterial permitem que essas declarações sejam tornadas explicitamente verbais para o entendimento de todos. A comunicação clandestina e acoitada é fonte de vicissitudes quando tem propósitos secundários nas defesas de caráter. Clínica e politicamente creio ser muito salutar que a pessoa não oculte o que sente, de si e de outros, pois ao tornar explícito o que sente, pode-se responsabilizar por isso e *receber auxílio de parceiros*, pois as pessoas enganam-se quando acreditam que *não estão no mesmo barco, isto é, na mesma empreitada evolutiva*. Uma pessoa poder ser honesta a respeito do que sente é parâmetro de *maturidade*, porque se percebe que deseja realizar ações vis, cruéis, manipulativas, subjugatórias, isso significa que essa *perseverança por vicissitude* indica sua própria condição prisional. Somente *ao perceber que está presa*, pode pedir ajuda e *desejar libertar-se dessa prisão.* Pode pedir ajuda, inclusive, ao próprio *conatus*.

Se uma pessoa tem a maturidade de dizer: "quero escravizar", "quero ressentir-me", "quero manipular", "quero fazer uso (desse objeto ou dessa pessoa) e não prestar atenção nas consequências", então ela tem a chance de *responsabilizar-se* por isso. O importante nesse processo não é gerar nenhuma forma de culpabilização ou moralização, mas que a pessoa possa *bancar tudo de maneira consciente*. Essa é uma chave clínica muito importante: "banque tudo". "Determine-se a bancar tudo o que você quer até o final". Normalmente, nas ações geradas por vicissitudes, a pessoa *opta* por bancar conscientemente alguns efeitos e nega-se a bancar outros. Por isso, não é capaz de colher conscientemente os efeitos do que está *gerando*. Na tentativa de *evitar a dor do que gera* a pessoa busca distrair-se por narrativas que geram mundos-brana

fictícios e particulares onde deseja habitar para não sentir e onde deseja prender outras consciências para que não percebam o que ela faz e por que faz.

Darei dois exemplos, um mais óbvio e outro menos óbvio do que quero dizer. O primeiro é o de uma pessoa que tem o desejo de ser rei e é capaz de dizer: "quero ser rei, quero que outras pessoas submetam-se à minha vontade soberana". Se ela está em uma estrada de autodesenvolvimento, é importante que ela possa conscientemente bancar tudo o que isso trará à sua vida. É importante que junto com o "querer reinar sobre outros", ela queira também *conscientemente* o ressentimento das pessoas subjugadas, queira também o ódio delas por sentirem-se presas, queira também o desejo de traição dessas pessoas e queira o seu próprio medo à traição delas. Que ela também queira *conscientemente* o desejo das pessoas de tomar seu poder autodeclarado para também terem suas chances de reinar sobre os outros e queira também o seu próprio pânico de ser reinado por essas pessoas. "Querer reinar sobre outros" é um pacote completo. A autoilusão está em querer pela metade e *não bancar tudo o que esse querer irá gerar*, em ato.

O segundo exemplo pode ser menos óbvio. Uma pessoa sente que alguém não lhe deu atenção, mas não se apercebe disso, percebe apenas que seus masseteres ficaram contraídos, que sente raiva, ainda que não saiba de onde isso vem, e que seu rosto formou uma microexpressão de careta, como um pequeno rosnar e mostrar de dentes. A abordagem política aqui é: "observe o que você quer, com seus masseteres contraídos e seu rosnar com os dentes". O ato é uma propulsão catéxica do desejo. Não há como escapar disso, não é uma narrativa que possa ser justificada de outra maneira ou ressignificada. É o desejo em ato.

Há outra forma de questionar isso: "faça contato com essa tensão em seu masseter e essa tensão em sua boca e observe o que há *dentro* delas". Uma pessoa que esteja tomada por um certo grau de imaturidade pode dizer: "não sei" e *tentar ocultar de si e do outro o medo que sentiu com essa proposta*. Ela também é capaz de solicitar ao *conatus* um pedido de auxílio: "socorro, eu vejo o inferno e sou totalmente impotente a ele, não quero ver e não tenho como sair, salve-me!". O *conatus*, assim, contrainveste, isto é, emite e sustenta uma onda plasmática contrária e anula a percepção.

Uma pessoa que se autodetermine a ter um grau maior de maturidade *passa a querer ver*. Ela pode observar a tensão que faz e o que deseja *dentro* dessa tensão. Ela pode então dizer: "primeiro quero esmagar você por me fazer ver isso". E o terapeuta pode lhe perguntar: "e o que mais você observa? O que mais tem dentro?". Ela pode responder: "Tenho ódio dessa pessoa por me abandonar e me dizer que não sou merecedora de sua atenção". O terapeuta lhe pergunta: "E o que você quer?". A pessoa responde: "Quero esmagá-la. Quero destruí-la. Quero

que sofra. Quero que nunca mais ela tenha a esperança de que alguém vá gostar dela!". Nesse momento, é muito possível que o corpo comece a convulsionar as emoções retidas, pois são catexias elétricas retidas. O corpo pode tremer ou as caretas da expressão de raiva e rosnar aumentarem. Isso significa que *a consciência está permitindo que a coesão da tensão elétrica do mundo-brana se desestabilize* e, assim, essa tensão pode começar a *irradiar através de ondas plasmáticas* pelo corpo. O terapeuta pode dizer: "deixe que isso ocorra". A pessoa pode irromper em um grito furioso e logo começar a convulsionar com choro e tristeza. O terapeuta pode lhe perguntar: "por que você chora?" e a pessoa pode lhe responder: "porque eu não suporto ser abandonado(a) tantas vezes como fui!". O terapeuta pode responder-lhe: "permita-se chorar e dar-se conta de quanto tempo você preveniu dar-se conta disso. Permita-se ver quanto tempo você ficou aprisionado(a) em um lugar onde essa sensação e esse sentimento nunca iam embora". Nesse momento, a pessoa pode começar a tremer e chorar bem baixo. O terapeuta pode lhe dizer: "Deixe que essas emoções percorram o seu corpo, talvez você esteja pela primeira vez se libertando delas". A pessoa *precisa* deixar a emoção convulsionar até o final. Ela *sustentou* a tensão até aquele momento, como medida de sobrevivência, mas ELA SOMENTE INICIOU O PROCESSO CONVULSIVO PORQUE O *CONATUS* NUNCA DEIXOU DE TENTAR AJUDÁ-LA A SE LIBERTAR. APENAS QUANDO A CONSCIÊNCIA PERMITIU QUE A REGRA DE PROTEÇÃO DO MUNDO-BRANA EM QUE ESTAVA ENCARCERADA COLAPSASSE E SE DESMANTELASSE, AS CATEXIAS ELÉTRICAS QUE SUSTENTAVAM ESSE CONSTRUCTO TENSO PUDERAM IRRADIAR CENTRIFUGAMENTE PELO CORPO.

Na mente, quando a densidade ou gradiente energético é disperso e volta a ser *balanceado,* esse mundo-brana segue existindo como um registro. Ele continua sendo *um mapa de eventos possíveis*, mas não é mais um constructo prisional. ESCAPAR DELE É POSSÍVEL, SUA EXISTÊNCIA NÃO É MAIS INEXORÁVEL E NEM MAIS FICAR RETIDO NELE "PARA SEMPRE" É INEXORÁVEL. A partir desse momento, a retenção da consciência *no seu interior* somente ocorre se a consciência assim desejar, PORQUE OUTROS RECURSOS (PARA ENTRAR, SAIR E GERIR ESSE MUNDO-BRANA) TORNARAM-SE POSSÍVEIS E PORQUE OUTRAS REGRAS TORNARAM-SE POSSÍVEIS. O processo de libertação, como explicou Reich, *requer um grau de maturidade, pois consciências muito imaturas terão horror a serem libertas e desejarão arduamente que qualquer coisa ou pessoa lhes prometa salvação.*

No caso da pessoa que se autodetermina, *porque não quer estar sob a jurisdição de lugares prisionais e consciências aprisionadas*, ela também pode dar-se conta *de como faz para pacificamente, sem revoltar-se, habitar as próprias prisões*. Ela precisa *suportar*. PARA QUE SUPORTE SEM REVOLTA É IMPORTANTE QUE ELA TENHA GANHOS SECUNDÁRIOS COM A PRISÃO. É

IMPORTANTE QUE ELA SE SINTA *PAGA* OU *COMPENSADA* POR VIVER EM UMA PRISÃO. É um contrato de *venda de integridade*. Uma consciência que *deseja amadurecer deseja também ver os pactos e contratos que faz para permanecer tanto tempo em prisões sem revoltar-se, isto é, sem engajar-se em uma mudança efetiva*. Ela precisa GOSTAR DA PRISÃO E GOSTAR DOS BENEFÍCIOS QUE ESTAR NESSA PRISÃO LHE TRAZ.

No exemplo do masseter tenso e da microexpressão de careta como um rosnar, quando a pessoa diz: "quero esmagar!", "quero destruir!", o terapeuta poderia dizer-lhe: "observe como isso é uma sede de poder em você", "por estar preso(a) você se dá o direito de destruir, de subjugar, de *devolver na mesma moeda tudo o que fizeram com você, na esperança de que, assim, irá obter o equilíbrio que deseja tanto*". Em todas as reatividades e tentativas de perseverar por vicissitudes, há *um traço de vingança*, que funcionalmente é a tentativa de equilibrar *uma balança que pendeu muito para um lado*. Como a vingança é uma propulsão, logo um investimento elétrico, *ela não visa uma reparação social*, ela visa obter o equilíbrio da *balança interna* que está em desequilíbrio.

A partir do evento de um malfeito ou dano que gerou a *formação de um mundo-brana prisional interno, como tentativa de sobreviver e saber como transitar em um mundo-brana prisional externo,* a sensação de inexorabilidade e de impotência gera a necessidade de a consciência gerar uma convecção constante de catexias para sustentar esse mundo-brana prisional. Isso torna-se uma *tensão constante* que gera um desequilíbrio *na função do orgasmo*, isto é, na fórmula de gerar balanceamento através da alternância de cargas. A consciência passa a estar *presa* em um mundo elétrico prisional *e passa a ansiar por libertar-se dele, ao mesmo tempo em que mantém o horror de liberar essas catexias e perder o controle do que é possível ocorrer-lhe.* A solução que o conatus encontra, a partir dessas definições branáticas, é buscar uma forma de *descarregar essas tensões elétricas em alguém*, na forma de um *dano justificado*, como *esperança catéxica de equilibrar as cargas retidas que geram constantemente a prisão* e como *esperança narrativa de que se ela punir, o dano sofrido não ficará impune e com isso, ela encontrará equilíbrio*.

Assim, a pessoa do exemplo pode *insultar* o terapeuta que lhe fez a proposta ou pode ser *mordaz (sarcástica, depreciativa)* com a pessoa que sentiu que lhe abandonou, *como esperança de obter equilíbrio*. No entanto, como não entra em contato com sua dor e com a quantidade de catexias que retém, *ela não encontra balanço*, porque *não pode irradiá-las.* Uma consciência que deseja amadurecer buscará *observar e conhecer a origem de suas necessidades*, uma consciência que se sente impotente e deseja *que algo lhe salve (seu próprio conatus ou*

outra pessoa) temerá conhecer a origem de suas necessidades e *atuará de maneira inconsciente e irresponsável no meio social*.

5.8 Passar da perseverança por tensão à perseverança por relaxamento e aprofundamento é um caminho na direção à própria maturidade

O *relaxamento* talvez seja a maior chave a ser explorada, porque *aprender a relaxar é uma arte*. Não é algo óbvio e nem nos ocorre com facilidade por meio de um processo de decisão (verbal) consciente. Relaxar precisa envolver em larga escala a participação do corpo, porque a tensão é formada por um retesamento das musculaturas, através de investimentos elétricos e adrenérgicos. Em nossa cultura moderna, "relaxar" costuma significar alguma forma de distração por meio de entretenimentos sociais e midiáticos ou o efeito obtido pelo consumo de substâncias que provocam relaxamento muscular. Nenhuma delas atua na *permissão interna de soltar a tensão emocional e entregar-se*. Por isso, digo que *saber soltar* é uma arte, porque de muitas formas aprendemos a reter e não soltar, *como maneira de manter a segurança e a coesão interna*.

As rigidezes no corpo e as "certezas" na mente são sustentadas por estados de tensão, enquanto que as flexibilidades e as "incertezas" são possibilidades de estados relaxados. Aqui algumas ideias do químico russo-belga Ilya Prigogine podem nos auxiliar, em particular as que demonstram que *sistemas instáveis* têm maiores possibilidades de *mudança e evolução*. Se direcionamos nossa intenção catéxica a um objetivo *de maneira relaxada*, a previsibilidade e a estabilidade – de *maneiras específicas como nessa organização precisa acontecer* – são *baixas*. Ou seja, o devir desejado é moldado por um sistema de regras flexível, o que permite que o *conatus busque recursos* de muitas maneiras possíveis para a atualização da forma desejada. Se a consciência *deseja e não teme*, isso significa que a permissão de desejar é maior, logo, a clareza do que ela quer é maior. A planta elétrica gerada possui mais *ordem*, como forma dimensional que comporta maiores possibilidades de crescimento, evolução e complexidade. Para isso, a consciência precisa saber *desejar enquanto relaxa (que é o mesmo que saber relaxar enquanto deseja)*, pois o relaxamento aumenta o *quantum* de catexias não lineares que fluem ao longo do corpo.

Quando uma consciência *sustenta estados de tensão ao desejar*, a distribuição catéxica muda completamente, pois apenas *parte* é destinada ao que é capaz de visualizar de seu próprio desejo (apenas o que é permitido pelas regras branáticas de segurança). Outras *partes* são destinadas ao esforço de *previsibilidade e controle* e à obtenção de objetivos

secundários defensivos, propósitos que podem não ser claros para a própria consciência que deseja. No entanto, esses objetivos estarão gravados/retidos na planta baixa elétrica. Com isso, a chance de a consciência atualizar formas duras e disfuncionais é muito alta, porque estarão incluídas nessas formas *regras duras de segurança*, que são materializações de um estado emocional de impotência *que é reproduzido na forma desejada*. A necessidade de *reter* uma forma *idealizada*[316] diminui sua não linearidade evolutiva, porque o *dispositivo catéxico* gerado pela consciência é um dispositivo de *controle*. Esse é um mecanismo que perturba e impossibilita a autorregulação do sistema vivente porque a *tensão* diminui *as instabilidades e as flutuações caóticas que a possibilitam.*

Como disse, a auto-organização, a autogestão e a autorregulação são características do *conatus*. Ele passa a atuar como um *gênio preso por grilhões* quando sua potencialidade caótica é *tolhida* pelos desejos de uma consciência. Prigogine explica que quanto mais um sistema é determinado a estar próximo do equilíbrio termodinâmico, mais será estável, menor será sua variação entrópica e menor será sua complexidade. Isso significa que a auto-organização desse sistema é muito menor, pois é menos caótico e menos construtivo. O autor explica que as *flutuações caóticas* são importantes porque o sistema pode *escolher "um dos possíveis regimes de funcionamento longe do equilíbrio*" (Prigogine, 1996, p. 72, grifos nossos). E afirma que é por isso que "podemos falar de 'auto-organização'. Mesmo que conheçamos o estado inicial do sistema, o processo de que ele é sede e as condições nos limites, não podemos prever qual dos *regimes de atividade* esse sistema vai *escolher*" (p. 74, grifos nossos).

Para Prigogine, a probabilidade exprime a incerteza, isto é, ela exprime o que é *possível*, não o que é *certo*. A CERTEZA É UMA MEDIDA DE TRANQUILIDADE TERMODINÂMICA, DE MENOR VARIÂNCIA. LOGO, DIMINUI POSSIBILIDADES. Mas, em relação ao *conatus* de um sistema vivente, o que isso significa? Que uma consciência pode desejar uma menor "variância caótica" e uma maior "tranquilidade" *em relação a estados de risco, quando estados de risco contínuo são a regra do mundo-brana em que habita*. É por essa razão que uma consciência pode desejar sustentar *tensão* e *autorrepressão* para *diminuir as incertezas de um mundo prisional no qual suas possibilidades de perseverar são previsivelmente baixas*. O caos é danoso porque *seu destino é certo.* Em outras palavras: "se eu não fizer nada para *estabilizar* minha existência

[316] Segundo Prigogine (1996, p. 29): "as leis da física em sua formulação tradicional, descrevem um mundo idealizado, um mundo estável, e não o mundo instável evolutivo em que vivemos". O que o autor critica é *um mundo determinista*, que é um mundo expresso por menores graus de liberdade, criatividade, questionamentos e escolhas possíveis. Os mundos-brana que geramos por meio do desejo seguem a mesma lógica.

aqui, é certo que *deixar o tempo correr livre é o mesmo que eu estar fadado a morrer*". É uma consciência que passa a *temer o caos e a tentar controlar o caos*.

Desejar de forma tensa decorre da necessidade de que algo se desenvolva por meio de uma *suposição do que deveria ser*. Em vez de a consciência desejar, ter claro o que deseja e RELAXAR, O QUE POSSIBILITA O *CONATUS* "ESCOLHER" E GERAR OS "REGIMES DE ATIVIDADE" QUE SEJAM MAIS BENÉFICOS PARA A PERSEVERANÇA DA CONSCIÊNCIA, ESSA NÃO CONFIA EM SUA AUTORREGULAÇÃO E PASSA ELA MESMA A DEFINIR OS PARÂMETROS DE CONTROLE E PREVISIBILIDADE POR ONDE O *CONATUS* DEVE ATUAR. Assim, apesar de buscar maior liberdade e parâmetros vitais, ela encontra *mais encarceramento e mais entropia*, porque ELA DESEJA DE FORMA TENSA. É assim que o Aladdin iludido e imaturo controla o gênio e teme sua liberdade, ao mesmo tempo. Se o Aladdin aprende a relaxar, *ele solta os grilhões do gênio* e esse passa a atender seus desejos realmente como uma relação de *parceria*, não por uma condição de submissão. Com isso, a existência de ambos torna-se mais complexa e mais evolutiva.

Relaxamento e tensão são parâmetros importantes porque não podem ser *plenamente entendidos por meio de narrativas*. O "eixo da narrativa" é limitado quando se trata do corpo. Mesmo a compreensão de um *corpo simbólico* está em um plano narrativo que não lida diretamente com o aspecto não verbal das *catexias*. RELAXAMENTO E TENSÃO NÃO PODEM SER INVENTADOS, DISSIMULADOS, ESCAMOTEADOS, PORQUE NÃO SÃO NARRATIVAS. SÃO DESEJO EM ATO. O movimento plasmático ocorre de maneira tensa ou relaxada, o que, em si, não é um problema. Contudo, os estados de tensão continuada nos indicam possíveis ativações de luta ou fuga. Então, cabe notarmos por que estão ocorrendo. Os *momenta* dos desejos no corpo e na mente, quando são observados e considerados, nos permitem lidar com um grau maior de honestidade em respeito àquilo que sentimos *de fundo*, uma vez que as narrativas e elucubrações mentais podem nos conduzir facilmente a autoenganos e compreensões superficiais.

Por fim, gostaria de retomar os temas do *livre-arbítrio e arbítrio parcial* e relacioná-los com os conceitos acima apresentados sobre "constructos tensos" e "perseverança por meio de tensão" a partir de um conto do mestre do Advaita Vedanta, Sri Ramakrishna (1836-1886). No conto, o mestre utilizou a analogia de uma vaca amarrada a um poste para demonstrar como as pessoas estão "amarradas" em seus desejos ordinários e mundanos (cf. Sen, 2021 [1910]). Usarei essa analogia para explicar a relação do livre-arbítrio e os constructos prisionais elétricos que geramos no interior da consciência vortexial.

Nessa analogia, a vaca é livre desde que ela vá até os limites da corda, por isso ela não é totalmente desprovida de arbítrio, ela pode mover-se até o raio da corda. O poste e a corda podem ser entendidos como a "estrutura" ou as tensões gravadas historicamente e retidas como

duração na consciência. O espaço total de movimento da vaca é o seu "destino" possível, ou a forma do devir desejado, já que é o final previsto do arco narrativo que é o próprio espaço de movimento formado. Então, a vaca é livre para arbitrar dentro das limitações desse destino, pois ela sabe que mesmo que se mova muito, no final da corda ela sempre irá parar. No final da corda ela sempre estará destinada a pensar: "estou presa, não há saída para mim, não consigo sair dessa condição!".

No entanto, diferente de um poste e corda materiais, tanto o poste quanto a corda são gerados por tensões elétricas que a própria consciência convecciona ou dirige e sustenta por desejo, dentro de si mesma. Assim, o limite da corda é sua realidade e, dada essa condição, ela acredita que é livre lá dentro. Forçar a corda ou o poste para libertar-se apenas aumenta a força de constrição centrípeta *que gera tanto a corda, quanto o poste*. Quanto mais força é feita para *lutar contra* a constrição ou quanto mais força é feita para *sobreviver* à constrição (adaptar-se a ela), *mais isso ratifica a existência dessa prisão, pois reconvecciona-se ou reinveste-se tensão na própria prisão*.

Acredito que essa analogia exemplifique bem como funcionam os nossos constructos elétricos. *Nós não temos livre-arbítrio, nós temos arbítrio constrangido por tensões*. Dentro das tensões que nos servem de estrutura e espaço, temos um número determinado de escolhas. Não me refiro às tensões externas a nós – os constrangimentos feitos por corpos externos sobre nós – mas às tensões que geramos como desejo em ato a partir de definições e decisões. As nossas escolhas de vida existem, mas elas respeitarão as delimitações do espaço e da estrutura primeiro e serão feitas dentro dessas restrições. Isso ocorre porque nossas definições e restrições de liberdade foram as primeiras escolhas. Por isso, *observar e analisar a natureza das tensões que carregamos e sentimos é observar e analisar a natureza da nossa capacidade de arbítrio*.

Isso significa observar e analisar o que podemos ou não fazer, ou o que somos capazes ou não de sentir, pensar e fazer *dado o nosso estado de tensões atual*. Se você quiser observar isso, preste atenção aos estados de tensão que você está experienciando, nesse momento, dentro de seu corpo. Observe as sensações de compressão, queimação, angústia e desconforto interno, elas são a demonstração de que partes suas estão vivendo em estados de desalento, becos sem saída e *looping* temporal.

Quanto mais rígidos forem os nossos constructos elétricos (isso significa serem tensos), mais inexoráveis eles são e menos possibilidades de movimento livre e indeterminado existem neles. Quanto mais uma pessoa se condiciona a habitar neles e vivenciá-los como parâmetros de verdade, previsibilidade e garantia de segurança, mais ela se autoconstrange e menos possibilidades ela tem de conhecer, mover-se e estar autodeterminada. Se não fosse pela

pressão constante exercida pelo conatus, como esforço de perseverança e liberdade, a pessoa não sentiria angústia ou pressão interna para sair desse espaço virtual onde está contida. Quanto mais pressão interna ela sente e menos pode sair ou escapar, mais angústia ela sente.

Se ela não anestesiar essa *pressão angustiante interna*, ela sofre. Por outro lado, se ela não anestesiá-la, *também não deixa de perceber que há algo de errado com a condição prisional onde está*. Graças à angústia, provocada pela pressão constante à liberdade exercida pelo *conatus contra as tensões contrárias dos constructos elétricos*, não nos aperceberíamos que estamos presos em constructos prisionais. Viveríamos simplesmente *adaptados* às condições de submissão e restrição de liberdade. A angústia é um sinalizador positivo. Anestesiar a angústia é o que nos leva verdadeiramente a nos submeter e adaptar às prisões.

Alguém poderia perguntar se Reich não considerava a angústia algo negativo, já que ela é contrária ao movimento sexual vital (cf. Reich, 2023 [1934]). Ela é contrária como movimento, já que a energia ou o ímpeto de liberdade do *conatus*, em vez de fluir para fora, choca-se contra um bloqueio e reflui para o interior do sistema, aumentando a tensão e carga internas. Por outro lado, *a angústia é um sinalizador à nossa mente*. Ela somente ocorre se houver uma "parte" nossa constrita em *looping* chocando-se contra as paredes constritivas de um constructo. A "parede", como mencionei nas Considerações Iniciais e no Capítulo 4, seção 4.5, não é inerte, mas é a própria tensão elétrica restritiva que a própria pessoa faz.

Se a realidade em que estivermos habitando for boa, permaneçamos nela. Mas se não for, é útil ouvirmos o sinalizador que é nossa própria angústia. A angústia nada mais é do que o *conatus* tentando nos mostrar o caminho e, ao mesmo tempo, nos mostra qual é a autoadmoestação, perseguição e condenação que estamos fazendo com nós mesmos. Por isso, *o caminho do relaxamento e do êxtase* – que é o prazer obtido quando as correntes de nosso corpo podem fluir em liberdade, também chamadas de correntes orgásmicas – é o caminho da libertação. A liberdade não consiste em simplesmente fazer mais sexo, ou ficar cheio de ideias sexuais, mas está relacionada com o relaxamento da tensão dos constructos prisionais e a observação, diligente, para onde estamos nos dirigindo e o que queremos.

Se há a decisão de relaxar e "soltar as armas", nossas estratégias de luta, fuga e anestesiamento, a partir daí o *conatus* recebe uma nova diretriz para onde deve se orientar. Desde que essa decisão seja um desejo em ato, não uma *quimera*, um autoengano ficcional verbal. Ele é a inteligência de autorregulação da nossa unidade corpomental. Ele já sabe o que precisa fazer desde o princípio. É ele quem busca as estratégias de autorregulação do nosso corpo, por isso, quando não está submetido a constructos prisionais pelo desejo de uma

consciência aprisionada, ele pode nos conduzir diretamente à "saída da prisão", como disse Reich no primeiro capítulo de *O assassinato de Cristo* (1999 [1953]).

Contudo, cabe notar que, essencialmente, a *saída da prisão* está na possibilidade de nos dirigirmos (e sermos dirigidos pelo *conatus*) à fonte, ao *fulcro* do nosso cerne biológico. É para lá que todas as correntes orgásmicas do corpo se esforçam em se dirigir: para a quietude expansiva e o estado de êxtase, que é corporal e mental, e que ocorre no processo de liberação das prisões.

5.9 Como o querer pode facilmente gerar um mundo-brana prisional

Cabe notar que eu não disse "orientar-se pelo que se sente", mas pelo "saber o que se sente", porque não são o mesmo. Quando eu atuo por uma vicissitude, de maneira reativa e defensiva crônica com alguém, *eu me oriento pelo que sinto*, contudo, esse sentir *está condicionado por regras branáticas* das quais eu *não posso saber nada a respeito*. Posso secretamente desejar punir e ferir alguém, com um propósito vingativo, e gerar qualquer narrativa para mim mesmo de que faço isso por motivos virtuosos. Posso me sentir "livre" no meu sentir e nos meus "direitos" pleiteados, mas de fato, estou preso, confinado e inconsciente das regras que *decidi* definir para mim e a partir das quais movo minhas ações.

Se, ao contrário, eu posso *saber* o que sinto, posso *decidir com clareza* e não de maneira irresponsável e inconsciente a ação que *desejo* tomar. Se quero agir de maneira reativa e destrutiva com alguém e sei o que sinto e por que quero isso, posso também assumir as responsabilidades das minhas ações *de maneira consciente* e não imputadas por alguém do exterior. É claro que SABER O QUE SE SENTE, O QUE SE QUER, POR QUE QUER, E O QUÃO SE É RESPONSÁVEL POR ISSO QUE SE QUER, depende de um trabalho interno de aprofundamento perceptual. Este trabalho que escrevo se dedica a colocar foco sobre isso, porque há muitos pleitos, intervenções, clamores políticos, sociais e relacionais que são feitos *com baixíssimo nível de discernimento dessas quatro perguntas* e por isso grande parte dos discursos, por mais libertários que sejam, não casam com o que é feito na prática.

Darei um exemplo sobre por que não se trata meramente de "orientar-se pelo que se sente" e nem de simplesmente "querer". Apesar do primeiro ser a autopercepção do desejo e o segundo ser o desejo e a forma do devir desejado, ambos em ato, *a relação da maturidade do que se quer e se sente pode estar implícita e precisa se tornar explícita*. Por isso, é necessário parcimônia ao se orientar pelo querer, pois pode não estar *conscientemente aprofundado* e servir a propósitos secundários. A consciência do querer precisa estar alinhada com a consciência do

propósito. Como exemplo, posso dizer para minha mulher: “quero que você tenha saúde”. O propósito é muito explícito, porque ter “saúde” é algo que beneficia apenas ela. Mesmo que eu pretenda algum benefício secundário com esse querer, “ter saúde” não é um propósito em que eu possa prendê-la de alguma forma. Mas se digo a ela: “quero que você venha aqui”, o propósito do meu querer precisa estar claro *para mim e para ela*. Qual é o propósito desse pedido? O que o movimenta antes da enunciação verbal? Qual é a minha compreensão do estado em que ela se encontra quando faço o pedido? Ela pode estar ocupada ou ter outras necessidades que não essa minha do momento? Qual é o meu grau de consciência sobre o que peço?

Pode ser que minha necessidade seja: “sinto saudades, quero te ver”. Se tenho uma necessidade e um querer, posso fazer um pedido. A fim de que eu não *antecipe* razões pelas quais ela não poderia ou não quereria vir me ver e a fim de que eu não crie *especulações fictícias* que poderiam guiar a minha ação e *me fazer não declarar o meu pedido*, preciso *aclarar* a situação corrente em que ela se encontra em seu desejo: “estou com saudades de você, quero te ver. Venha comer um lanche comigo. Você quer?”. Ela poderá responder *sim* ou *não*. Então, eu poderia completar: “se você quiser, pode me dizer algum momento que fique bom para você?”. A isso, ela poderia responder: “sim, quero fazer isso depois de cinco da tarde, pois estarei livre”.

Contudo, em vez disso, eu poderia perguntar: “quero te ver, você pode vir me ver?”. Eu poderia usar essa pergunta como uma forma de manipulação, em que eu *organizaria o modo* da minha fala para o *propósito* de induzir uma submissão. A *tese* não declarada e a *excitação* propulsiva que orientam juntas o *momentum do querer* poderiam ser: “<se> eu colocar em você a responsabilidade em me ver e <se> você não quiser fazer isso por alguma razão, <então> significa que você não quer me ver <e> que você me abandona. <Logo>, você é uma pessoa má por isso”. Como exploramos, um *querer* é feito de *dois sentidos* simultâneos: a tese linear não declarada, que é o *sentido narrativo*, e a excitação cujo movimento resolutivo contém em si tanto a necessidade quanto o propósito, que é *o sentido vetorial da catexia*. Um é entendido pelo “eixo da narrativa” que conta uma *história* com ou sem palavras que visa gerar uma *realidade narrativa*, outro é entendido pelo “eixo da orgasmo” que conta a *história* da necessidade de *retenção* e *distensão elétricas* que uma pessoa porta dentro e com a qual atua para perseverar.

Com isso quero demonstrar que qualquer *ato*, comunicação, discurso, pensamento, movimento corporal, organização de partes e elementos, é vetorial e *possui origem e destino*, que juntos formam o *propósito*. O desejo é uma propulsão que tem um arco narrativo, isto é, tem *começo, meio e fim*. O desejo é propulsionado por uma necessidade e por um propósito. Nossa tarefa clínica é compreender *qual é o começo da necessidade*, onde-quando ela se inicia

historicamente, *qual é o meio atual que a consciência usa como estratégia de perseverança*, e *qual é o final desejado,* que busca um grau de liberdade que é o atendimento da necessidade.

O fato de eu ter escrito a tese linear não declarada com sinais de < (menor que) e > (maior que) é para indicar a *programação condicional*, pois são símbolos usados para marcar aberturas e fechamentos de uma programação lógica maquínica. Como disse no início, as sintaxes do <se>, <se-então>, <logo> são ramos de condicionamento do controle de um programa. Quando uma consciência as usa, mesmo *implicitamente* em sua *intenção,* ela determina uma lógica de aprisionamento que visa prender outra ou mais consciências em uma *realidade virtual branática* que tem regras muito específicas, para propósitos muito específicos. A análise da programação do constructo é a análise do caráter do programador. Como o programador não se separa de sua programação, porque ela é constituída do *desejo* do programador, que é *a consciência do próprio programador em ato,* quando ele *gera* um constructo prisional, sua consciência também se torna presa nas regras condicionais do próprio constructo que criou.

Se o propósito não declarado da frase "quero te ver, você pode vir me ver?" for eu *ver o quanto ela se submete a realizar indiretamente a ação que eu a pressiono a fazer*, o propósito desse querer está claro: "quero ver se eu tenho força para submeter essa mulher". Essa conversa verbal é um *minimundo de jogo* e o *contexto* que o *precede* é o desejo que já possui convecção de catexias moldadas, valores e propósitos. O contexto é a *forma elétrica do mundo de jogo*. Esse *querer*, tal como o expus, não gera maturidade caracterial e nem retificação das posturas internas, ao contrário, ele *ratifica* a imaturidade e o acordo *voluntário* em atuar por meio de vicissitudes. Se o desejo é submeter, não haverá a intenção de tornar a situação clara. O desejo de tornar as intenções claras e explícitas é um desejo maduro. O desejo de tornar as intenções ocultas e implícitas é um desejo imaturo. Segundo Reich, a imaturidade do caráter, o estar aprisionado e acorrentado pelas próprias defesas e o atuar por meio de vicissitudes reativas *são três expressões que caminham juntas*, pois têm o mesmo *princípio de funcionamento comum*.

5.10 *Imperium*: guiar-se pela razão afetiva e pela postura interna do que se deseja

Há algumas considerações sobre o que significa "vivo" e "não vivo" para Reich. Vivo é todo sistema energético envolto por uma membrana que "responde aos estímulos com 'movimento' ou 'ação [moção, *motion*]' = 'emoção'" (2003 [1951], p. 58), que tem movimentos expressivos e forma ideias a partir do que *sente* dentro de si. Já a "matéria não viva" seria o

oposto, ela transmite uma impressão de imobilidade, e "não sente porque está sem movimento pulsatório" (p. 59). Uma matéria não viva não teria percepções subjetivas do mundo circundante e nem sensações.

Creio que essa concepção pode ser discutida, pois ela pode levar à conclusão equivocada de que uma matéria entendida como "não viva" *não buscaria perseverar em seu ser* ou que ela *não teria força de coesão para manter sua forma e resistir à dissipação entrópica*, nem tampouco que ela *seria uma forma de consciência*. Não creio que isso aconteça, pois minerais *perseveram*, têm uma *inteligência de perseverança* e podem transmitir essa inteligência como *informação e energia* a outros seres, como é o caso de terapias feitas com cristais.

Por exemplo, na cristaloterapia, um jaspe amarelo transmite uma qualidade de ser muito diferente de um quartzo rosa, quando esse cristal é colocado em contato com o corpo. Existem vetores energéticos que são transmitidos pela matéria e podem ser identificados por uma pessoa que tenha um treinamento básico. No reino vegetal, ocorre o mesmo. Plantas se movem de forma vetorial com intenção e possuem diversas inteligências de perseverança. Longe de serem imóveis, plantas são capazes de realizar alianças e formar consórcios de gestão do espaço com outras plantas a fim de perseverarem juntas. Os recentes estudos em "neurobiologia vegetal"[317] demonstraram que elas podem se comunicar umas com as outras através de redes de micélios fúngicos, aportar nutrientes de suporte à distância, disparar sinais químicos de alerta pelo ar, dentre outras estratégias. Essas *formas de conatus* das plantas são mais evidentes no campo da biologia e há outras mais evidentes no campo das terapêuticas holísticas.

Em estado natural, entes como plantas, animais e minerais irradiam através de suas formas os princípios de seus modos de perseverar. A *forma de seus conatus* se expressa de maneira *multimodal* por tudo aquilo que é emanado por eles. Suas cores, suas geometrias, sua dureza ou maciez, suas estratégias de defesa, seus aromas, suas constituições físico-químicas, os modos analógicos de sua aparência, as afecções que tratam etc. Cada ente/consciência emana de múltiplas formas simultaneamente o modo estratégico de seu *conatus* constituído historicamente, tanto sua história filogenética quanto ontogenética. Isso se aplica também aos humanos. Enquanto entes naturais, seus *conatus* se expressam de maneira enativa ou irradiativa através de suas formas de expressão. Como dissemos, *é a análise das expressões do conatus*

[317] Esse campo de estudos é recente, dedicado a investigar a cognição, comunicação e inteligência vegetal. Conferir o artigo "Neurobiologia das plantas" [*Plant Neurobiology*] (Brenner, 2006) e também os trabalhos dos biólogos Daniel Chamovitz (2013), Suzanne Simard (2021), Martin Heil (2008) e Richard Karban (1997).

que Reich denominou Análise do Caráter, pois o caráter de uma pessoa não é apenas o somatório de suas experiências passadas, *mas o somatório das estratégias de perseverança que criou e sustentou ao longo da sua vida, desde o momento da concepção*.

Por isso, Reich sinalizou que os maneirismos de uma pessoa são expressões de modos de perseverar que persistem ao longo do tempo e, portanto, sem que seja necessário o uso de palavras, *contam a história viva de seus conflitos, dores, medos e os tipos de ambiente aos quais precisou sobreviver em momentos específicos de sua vida*. O tom de voz, o modo de se movimentar, o modo de arquitetar ideias, os modos das expressões do rosto, dentre muitos outros "jeitos", são as expressões dos "jeitos" históricos que uma pessoa criou para perseverar. *A Análise do Caráter começa quando o analista se deixa "impregnar" pelas emanações da camada mais externa do caráter de uma pessoa. A partir dessa impregnação "intuitiva" começa a compreender como essa pessoa se comporta e persevera dentro de si, enquanto sentimentos e sensações, e fora de si, em termos sociais*.

No caso de plantas, animais e minerais, tudo o que irradiam enquanto energia e informação expressam o seu caráter, que é o conjunto de suas estratégias de perseverança. Em princípio, poderia ser estranho falarmos em "análise do caráter" de uma planta, um mineral ou animal, pois estaríamos utilizando um termo de um contexto terapêutico para falar de seres/consciências que não teriam necessidade de se submeterem a um processo clínico. Isso parece uma questão óbvia, mas não é. A terapia é um catalisador para aprendermos a *sair de mundos prisionais, desmantelá-los e poder construir outros com maiores possibilidades*. A maioria desses seres/consciências não geram prisões branáticas disfuncionais como somos capazes de gerar, nem tão tenazes, nem tão profundos e obscuros. *No entanto, eles perseveram e evoluem em direção a Deus, como é próprio do conatus de cada ente/consciência*. *Que tipo de engenho, então, eles geram para não adoecerem e sucumbirem no processo?* Um engenho já vimos, que é convulsionar e liberar as tensões acumuladas. Outro engenho importante, que é um *modo inteligente* de perseverar, é através de *virtudes*. Uma virtude é um modo de perseverar e de encontrar soluções vitais de modo a gerar expansão, evolução e júbilo, não padecimento. Ao contrário, uma *vicissitude* é um modo de perseverar e encontrar soluções vitais de modo a gerar tensões duras, contrações, fechamentos que, ao serem sustentados, geram estagnação e padecimento.

Dou como exemplo uma planta chamada popularmente de espinheira-santa (*Maytenus ilicifolia*). Sua forma externa, isto é, a forma de sua resistência filogenética é dura, árida e suas folhas são cortantes e perfurantes. Essa forma *conta sua história* e possivelmente essa espécie desenvolveu essas estratégias como modos inteligentes de perseverar, talvez para

se defender de predadores específicos e escassez de água. Contudo, a forma da espinheira-santa não indica que ela padeça por esses eventos históricos de maneira *contínua*. Sua forma enativa indica que, em sua constituição, *precisou* perseverar dessa forma. Sua forma atual filogenética conta a história de sua perseverança ambiental ao longo de muitos anos. A espinheira-santa possivelmente precisou se adaptar à dureza e à escassez e, ao mesmo tempo, *precisou preservar sua espontaneidade e seu devir evolutivo*. Outra inteligência ela precisou formar dentro de si para alcançar isso, tanto em sua mente, em suas estratégias internas, bem como na sintetização de seus compostos fixos e voláteis.

Gerar uma inteligência de perseverança que *se esforce em manter um devir evolutivo é também conatus*. O *conatus* enquanto *virtude* pode ensinar a curar outro modo de *conatus* que se esforce por vicissitude. As virtudes terapêuticas da espinheira-santa quando utilizadas no âmbito fisiológico combatem situações de guerra e de escassez, como excesso de acidez estomacal, inflamações da pele como ulcerações, eczemas e herpes. Quando utilizadas no âmbito emocional, convidam o sistema perceptual a soltar tensões bélicas, a perdoar, a compreender o que é ser bálsamo e gerar concórdia. Esses efeitos podem ser percebidos através de tinturas, florais ou outros métodos de extração/cópia/reprodução de parte do *conatus* dessa consciência para algum solvente. Não creio que suas virtudes terapêuticas sejam aleatórias, mas sim, que sejam expressões de seu próprio *conatus*, isto é, sua história de perseverança e seus engenhos internos gerados *para que pudesse perseverar e não se desconectar de Deus/Cosmos no processo*. Essa é uma definição possível de *virtude*: como perseverar sem se desconectar de Deus no processo? Será necessário *sintetizar* estratégias inteligentes dentro de si.

Desde as tradições herméticas egípcias, com o estudo e a prática da alquimia, os chamados "filósofos do fogo" (Bonardel, 2012) elaboraram maneiras laboratoriais de extrair as virtudes de elementos naturais, aprimorá-las e torná-las disponíveis para uso. Os ensinamentos alquímicos chegaram na Europa, sobretudo através da cultura árabe, e se misturaram com a cultura cristã. Paracelso (1493-1541), por exemplo, foi um grande médico do Medievo que aplicou os procedimentos alquímicos ao preparo de medicinas, ciência à qual chamou de "Espagiria". Essa palavra é uma conjunção de duas palavras gregas, "*spao*" e "*ageiro*", que significam "quebrar, separar, dividir" e "coligar, reunir, erguer". Em outros termos, isso significa o princípio hermético "*Solve et Coagula*", dissolver e coagular, que indica que o filósofo do fogo precisa saber imitar a natureza e seus ciclos de dissolução e coagulação, expansão sutilizante e contração densificante e, assim, ajudar na evolução da matéria. Contudo, entre as operações de "solver" e "coagular" há uma implícita, que é a chave de todo o processo, que é "*rectificare*". Se uma forma é apenas dissolvida e logo reformatada em um modo

diferente, isso não significa que ela evoluiu, aperfeiçoou-se ou aproximou-se mais da natureza divina. Mudar ou devir não significa evoluir. Evoluir significa "*Solvere, Rectificare, Coagulare*".

O procedimento básico da Espagiria e da Alquimia é abrir a matéria que está encapsulada em sua forma natural, ordinária, fazer aparecer seus princípios (corpo/sal, alma/enxofre e espírito/mercúrio), purificá-los e voltar a reuni-los em uma nova forma mais elevada. A elevação de uma matéria na Alquimia e na Espagiria não está relacionada a nenhum tipo de sistema de regras moralista, mas a um processo de *retificação*, que significa remover as impurezas que impõem àquela matéria um grau de perfeição menor em sua evolução e a tornam mais distante de sua união com Deus.

Trago o tema da Espagiria e da Alquimia porque os princípios herméticos que os orientam e os laboratoriais foram importantes para a construção de uma série de pensadores imanentistas. Todos, sem exceção, de maneira direta ou indireta beberam de fontes alquímicas e herméticas e todos trazem seus princípios filosóficos em suas teorias. Isso não é sem importância e algumas chaves foram necessárias para a construção do presente trabalho.

Spinoza, por exemplo, estudou o pensamento de Avicena, polímata persa que viveu entre os anos de 980 e 1037, e o de Averróis, também polímata persa que viveu entre 1126 e 1198, e ambos eram alquimistas. Muitas das linguagens utilizadas por Spinoza vêm deles. Bergson, por exemplo, era estudioso de Plotino, filósofo egípcio neoplatônico que viveu entre os anos de 205 e 270 e inspirou também Avicena. O conceito hermético de *anima mundi* foi muito discutido por Plotino e influenciou Bergson no seu conceito de Elã Vital. Como disse, a ideia da "alma do mundo" (*anima mundi)* é que ela é o movimento primário gerado por Deus e que, por processos evolutivos diferentes, esse movimento adquire diferentes formas. Isso significa que todas as matérias têm um *motor comum* e todas as formas dos corpos são modos de manifestações desse *motor primordial*. Por isso, todas as formas são transitórias e transmutáveis em outras formas. Giordano Bruno (1548-1600) foi outro filósofo hermetista que também era alquimista e influenciado por Averróis. Nietzsche foi influenciado pela filosofia de Zoroastro ou Zaratustra, filósofo persa nascido no século VII a.C. e patriarca da arte hermética[318]. Por outro lado, Johann von Goethe (1749-1832), poeta, cientista e filósofo

[318] Aqui creio que cabe um comentário em relação a Zaratustra (Zoroastro), o pensamento de Nietzsche e o de Reich. O pensamento de Nietzsche teve influência de Zoroastro, mas de maneira indireta e reinterpretado dentro do seu próprio pensamento filosófico. A principal referência dele na obra de Nietzsche se encontra no livro *Assim falou Zaratustra* (2011 [1883-1885]) e, apesar de Zoroastro ter sido o fundador do zoroastrismo, Nietzsche não foi seguidor dessa religião. Zoroastro viveu entre os anos 1200 e 600 antes de Cristo na antiga Pérsia, região que hoje é o Irã. Não há registros de que ele tenha sido diretamente um alquimista ou hermetista,

alemão, também foi influenciado por correntes de pensamento como o neoplatonismo, a alquimia e a tradição hermética. Esses elementos foram amplamente incorporados em obras como *Fausto* (2018 [1808] [1832]), *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* (2016 [1795-1821]) e *A metamorfose das plantas* (2019 [1790]).

Esses filósofos influenciaram *diretamente* Reich (à exceção de Spinoza[319]) e todos eles beberam de fontes herméticas e/ou alquímicas. Por essa razão, é fácil encontrar em seu pensamento essas raízes. Seus conceitos de Deus/Éter como energia cósmica primordial, liberação das estases energéticas, anseio cósmico como desejo de voltar a reunir-se ao Cosmos, a Deus, as sensações de órgão (que são a linguagem do corpo que opera através das correntes vegetativas e nos permitem entrar em contato não verbal com a intimidade das coisas e dos seres viventes), todos esses conceitos práticos de sua teoria e clínica *possuem bases herméticas*, diretas ou indiretas. Em diversos momentos Reich citou "as ciências naturais da Antiguidade" (2003 [1951], p. 17, 85 e 94) e afirmou: "antes de entregar-me inteiramente à psicanálise e de me atirar totalmente a ela, adquiri um conhecimento básico geral em ciência natural e em filosofia natural" (1988 [1942], p. 35). Eu suspeito que os "antigos filósofos naturais" aos quais Reich se refere sejam hermetistas ou tenham bebido de fontes herméticas[320].

Dito isso, na Alquimia a ideia de *perfeição* está ligada à ideia de *retificação* e podemos entender isso a partir do sentido que Spinoza dá a elas. Enquanto uma filosofia transcendentalista separa o humano da natureza e *impõe* ordens morais e hierárquicas para uma promessa de evolução do espírito, uma filosofia imanentista busca, como na Alquimia, retirar o que é *denso e corruptível* de uma matéria, a fim de torná-la mais próxima a Deus. No livro *Tratado da reforma da inteligência* (2004), também chamado de *Tratado da correção do intelecto,* Spinoza segue a mesma ideia, pois *reformar* e *corrigir* possui o mesmo sentido que

---

mas sua tradição certamente influenciou as bases do hermetismo e da alquimia ocidental, visto que o hermetismo combina bases espirituais e filosóficas egípcias, gregas e persas. Um dos principais alquimistas da Idade Média, chamado Geber, por exemplo, cujo nome era Jabir Ibn Hayyan, viveu num contexto islâmico que foi altamente influenciado pelas ideias de Zoroastro, assim como muitas ideias alquímicas medievais foram moldadas pela cosmologia persa. Igualmente, durante o Renascimento, os filósofos ocultistas como Giordano Bruno e Marsilio Ficino também mencionaram Zoroastro como mestre do conhecimento primordial e o associaram à antiga sabedoria egípcia e grega. Por sua vez, Reich estudou Bruno e o citou diversas vezes em suas obras. Digo isso apenas para demonstrar que os autores e ideias filosóficas com os quais Reich demonstrou ter tido contato eram repletos dessas antigas visões cosmológicas, energéticas e filosóficas.

[319] É possível afirmarmos que Reich leu Spinoza porque ele cita a *Ética* na bibliografia de seu livro *O assassinato de Cristo* (1999 [1953]), contudo ele não faz nenhuma menção a qualquer aproximação de sua teoria e a de Spinoza. No entanto, como busquei demonstrar em *Para conhecer escute seu corpo* (Carnero, 2021), existem inúmeras ressonâncias em seus modos de pensar. Não creio que isso seja coincidência e talvez isso seja devido à base alquímica *indireta* do pensamento de ambos.

[320] Para outras hipóteses sobre o tema da energia e as reflexões epistemológicas que influenciaram o desenvolvimento da obra de Wilhelm Reich, bem como suas influências filosóficas e científicas, recomendo a dissertação de mestrado de Ailton Bedani (2007), chamada *Energética e epistemologia no nascimento da obra de Wilhelm Reich*.

retificar. A retificação é a das *superstições*. Como disse Chaui, elas são "uma *paixão negativa da imaginação* que, impotente para compreender as leis necessárias do universo, *oscila entre o medo dos males e a esperança dos bens*" (2005, p. 10, grifos nossos).

Spinoza defende que as ideias verdadeiras precisam ser separadas das ideias falsas (cf. Carnero, 2021), porque sem podermos ter uma ideia clara sobre a natureza das coisas, corremos o risco de nos basearmos em *percepções que conduzem a erros e impedem que a natureza humana conduza sua vida em conjunto com a Natureza (naturante*), que é Deus.

Já o termo perfeição ou melhoria refere-se à incessante busca de um ente, humano ou não, de intensificar sua potência, de sentir, agir e pensar. Portanto, a busca da perfeição remete-se ao *conatus*. O *conatus*, como esforço, é uma necessidade interna, é o que nos move. Esse esforço e seus desejos podem transitar para um estado de perfeição maior, ao qual Spinoza chamou de *alegria*, e podem transitar para um estado de perfeição menor, que chamou de *tristeza* (como explica em *Ética* III, Proposição 11). Quanto mais perfeita é uma ideia, mais *realidade ela tem em Deus*. Spinoza (2007) diz: "por realidade e por perfeição compreendo a mesma coisa" (*Ética* II, Definição 6). Realidade aqui significa *imanência*, e não uma *realidade constritiva temerária que é regida por leis e regras particulares*. Quando uma consciência *habita* uma realidade constritiva, ela o faz *porque seu conatus esforça-se de modo constritivo,* que significa *triste*, no sentido spinoziano.

Um constructo de realidade particular formado na mente que "oscila entre o medo dos males e a esperança dos bens", como disse Chaui, é uma *realidade imaginada que nos coloca longe da perfeição e longe de Deus*. No entanto, essa realidade particular, *supersticiosa*, é gerada *por um esforço contrátil e restritivo do conatus.* Vimos que o desejo é dirigido pelo *conatus* e o desejo é *direção de catexias* para a geração da forma do corpo e a geração de realidades perceptivas na mente. As catexias que sustentam um estado prisional, restritivo no corpo e na mente, ao mesmo tempo, *esforçam-se em sustentar tensões elétricas no corpo*. Quanto mais tempo dura uma prisão na mente, mais tempo duram tensões no corpo e vice-versa. São o mesmo processo catéxico gerado pelo *conatus*. A propulsão contínua em *gerar os dispositivos necessários* é o que *produz prisões elétricas no corpo e prisões elétricas na mente*.

Segundo o pensamento de Spinoza, quanto mais um ser esforça-se na própria restrição (tristeza), menos perfeitas tornam-se suas ideias e menos é capaz de unir-se à natureza de Deus. Isso ocorre quando a mente desse ser torna-se aprisionada em *superstições*. Elas não são algum tipo de crença vaga e passageira, mas *realidades* que não são imanentes. Em outras palavras, ela é uma realidade que *existe em Deus*, mas gera anteparos ou distâncias que a afastam de *um estado comum com Deus.* Uma superstição é um tipo de imaginação catastrófica

em que o ser oscila entre *antecipar futuros negativos previstos e ter a esperança de obter algum tipo de salvação.* Uma consciência que esteja *imersa* nesse espaço supersticioso e transcendente não é livre, porque a liberdade provém de um estado de união com Deus. Essa é sua definição de *liberdade* que é caracterizada, ao mesmo tempo, pela ausência de coação externa e pela expressão da perfeição da realidade amorosa com Deus e em Deus. Como disse o filósofo:

> E que tanto mais participamos da natureza divina quanto mais perfeitas forem as ações que realizamos e quanto mais compreendemos Deus. Assim, essa doutrina, além de tornar nosso espírito inteiramente tranquilo, também nos ensina em que consiste nossa suprema felicidade, ou seja, nossa beatitude: unicamente no conhecimento de Deus, pelo qual somos induzidos a realizar apenas aquelas ações que o amor e a generosidade nos aconselham (Spinoza, 2007, p. 155-157; *Ética II*, Proposição 49, Escólio, ponto 1).

Essa descrição spinoziana não apenas é condizente com as direções evolutivas previstas no pensamento hermético e alquímico, como também é uma descrição *de como o inferno funciona e como saber sair do inferno e alcançar Deus*. O tema do que seja o "inferno" e como sair dele em direção ao "reino dos céus na Terra" foi abordado por Reich no livro *O assassinato de Cristo* (1999 [1953]) e no capítulo "O reino do diabo" de *O Éter, Deus e o Diabo* (2003 [1951]). Diferentemente de hoje, o Cristianismo nos séculos iniciais da Era Comum era uma mistura de crenças e práticas. Após os ministérios de Jesus, os discípulos, incluindo Maria Madalena, passaram a pregar e foram perseguidos, contudo, escolas de Cristianismo foram formadas por aqueles que aprendiam e se tornaram seguidores. A característica principal dessas escolas era o ensino da *gnose, que era o conhecimento interno direto de Deus acima dos dogmas*. Essas escolas gnósticas, em sua maioria, além de ensinarem os Evangelhos, eram *antiautoritárias e anti-hierárquicas*. Os gnósticos foram perseguidos por outros grupos de cristãos que formataram as bases iniciais do cristianismo institucionalizado que tinha características punitivas e autoritárias. Até a descoberta dos Códices de Nag Hammadi em 1945 no Egito, que expuseram materiais sobre o Cristianismo inicial, os gnósticos foram retratados como hereges e tudo o que era ensinado por eles era institucionalmente considerado como negativo.

Os conceitos cristãos que Reich aborda em seu livro sobre Cristo, a meu ver, são inteiramente gnósticos. *Como em Spinoza, não se trata de "crer em uma doutrina", o que para ele seria superstição e, para Reich, misticismo. Trata-se de saber e conhecer a natureza divina por dentro.* No entanto, o processo de *retificação da alma*, tal como no hermetismo, requer compreender *como* estamos *encarcerados em realidades prisionais* e *como podemos nos dirigir através de uma ética*, ao encontro com a natureza divina que habita em nós e em todas as coisas.

Como disse anteriormente, a operação de retificação de uma matéria na Alquimia é retirar dela o que é denso e corruptível, e em Spinoza, a retificação é retirar do pensamento as superstições, os autoenganos, as delusões. Na Alquimia, uma matéria pouco elevada é aquela que está misturada com muitas partes fixas, tão fixas e cristalizadas, que dificultam a penetração da *anima mundi* ou espírito universal nelas. A *anima mundi* é o fogo celeste que quando é concentrado na matéria, quando ela é liberta de suas amarras fixas e cristalizadas, age como *propulsor* para elevar essa matéria para o alto, em direção a níveis sutis mais altos. O fogo celeste é o *conatus*. É ele quem ensina a matéria a subir, pois quando ela pode receber mais esse fogo que é o *amor divino*, então, o aumento desse amor ou desse fogo eleva a matéria.

Portanto, acredito que o processo de *retificação* em Spinoza e na Alquimia sejam o mesmo, assim como é o mesmo processo em Reich. Digo isso, porque o ponto comum no processo dos dois primeiros é que a *servidão* ou permanência em formas de pensar supersticiosas, que visam as distrações, os anestesiamentos, os fomentos de expectativas e ansiedades antecipatórias, que são os autoenganos e as delusões, *é um esforço de fixidez*, é o *conatus* direcionado para gerar *uma coesão dura e prisional*. Como vimos, a fixidez em Reich não é nunca passiva, mas ativa, pois é resultado de um esforço, um desejo, *uma atitude de caráter*. As atitudes na mente têm propósito e lógicas formais que as guiam, mas no corpo, elas são *convecção elétrica*, que determinam momento e duração. As prisões das couraças crônicas se devem a cristalizações ativas dimensionais – as tensões sustentadas – que geram os constructos virtuais prisionais. A *retificação*, então, está em aprender a soltar essas fixidezes elétricas que estão no corpo e na mente.

Ainda que a natureza divina esteja *em nós*, porque estamos *em Deus*, cabe ao alquimista/filósofo/terapeuta ou *qualquer pessoa que deseje manejar a arte de tornar livre* aprender não apenas sobre a instância de devir *que se quer alcançar*, como aprender como as prisões funcionam e *como abri-las, para liberar os espíritos cativos*.

Os gnósticos nos deixaram chaves de *como o inferno funciona*, em especial, como a ação de *demiurgos* gera e formata realidades prisionais ilusórias na mente, e essas realidades virtuais se *atualizam* em práticas político-afetivas concretas, e como as ações dos *arcontes ou governantes*, sob o comando dos demiurgos, esforçam-se em *prevenir* que as consciências *escapem das prisões*, através de uma série de táticas de coerção e sedução. Os *prisioneiros* são todas as consciências que *padecem* por estarem presas e restritas nessas realidades prisionais. Tanto os demiurgos quanto os arcontes e os prisioneiros fazem parte da cosmogonia gnóstica e *existem tanto em diferentes graus de virtualidade e atualidade, quanto em escalas fractais microscópicas e macroscópicas*. A questão é que eles não estão apenas fora de nós e visam nos

submeter, estão em nós e nós reproduzimos suas lógicas prisionais com outros. Por isso, toda a cosmogonia gnóstica prisional se sustenta. Nas palavras de Spinoza podemos encontrar também essas pistas:

> Quem compreendeu corretamente que tudo se segue da necessidade da natureza divina e se faz segundo as leis e regras eternas da natureza, não encontrará, certamente, nada que seja digno de ódio, de riso ou de desprezo, nem sentirá comiseração por ninguém, mas se esforçará, tanto quanto permita a virtude humana, por fazer, como comumente se diz, o bem, e por se alegrar (Spinoza, 2007, p. 323, *Ética* IV, Proposição 50, Escólio).

A direção ética para a *saída* da prisão está clara. *Desejar sair de uma constrição em ato* é o mesmo que *desejar fluir em ato*, o que significa ganhar a liberdade. A condição primária da existência é não ser cativo, porque todas as formas de Deus são movimento. Conhecer a natureza divina é *fundamento de todo conatus*, porque todo esforço em perseverar busca apenas a liberdade em Deus. Mesmo quando uma pessoa busca perseverar comprimindo-se e se enclausurando, há sempre uma parte dela que deseja descomprimir-se e irradiar em direção ao Cosmos. É o senso de liberdade que habita em cada ser e é a busca expansiva de todo *conatus*. O reino de Deus está nas pessoas e em todos os seres, mesmo quando a natureza divina é sufocada. São as camadas de sufocamento que experienciamos que nos separaram de conhecer a natureza de Deus, porque ela não está fora, está dentro.

Logo, a direção ética, terapêutica e libertária que podemos possibilitar ao *conatus* para que ele possa nos propelir ao encontro com Deus *é compreender como o colocamos a serviço do sufocamento*. A chave que Reich deixou é observarmos as *tensões sustentadas*. Se o que chamou de "fórmula do orgasmo" é responsável pela manutenção do equilíbrio, com ciclos sequenciais de tensão → carga → descarga → relaxamento, quando tensão e carga são mantidas e não dissolvidas, isso significa que o *conatus* assume esse *vetor* e tanto a *direção* contrátil do *conatus* quanto *mantê-lo* são o próprio desejo da pessoa em ato. Para libertar o *conatus* do próprio sufocamento é preciso *desejar* descarregar – relaxar.

Há uma maneira fácil de observar isso, mas há outras. Ela consiste em sentar-se, fechar os olhos e observar, dentro das sensações do próprio corpo, em que lugares dele há mal-estar, dor ou tensão. Normalmente isso é sentido na forma de um *entumecimento* em algumas áreas. Então, constata-se se há um mal-estar ali ou não. Como trata-se de tensões emocionais e propulsões retidas, pode-se olhar para esse mal-estar e *observar qual é o sentimento que há junto com essa sensação corporal.* Repetirei: olhar para a sensação de mal-estar e observar qual é a emoção que há *ali dentro.* Não há sensação no corpo de incômodo, mesmo que seja muito sutil, que não tenha sentimentos junto com ela ou emoções retidas. São o mesmo processo. Se

você conseguir observar isso, provavelmente encontrou alguma de suas prisões e possivelmente ela é *utilizada como realidade por você em diversos momentos*. Você a utiliza para pensar, sentir e agir relacionalmente.

Não é difícil encontrar pessoas que afirmem que já estão "relaxadas" ou que digam que não sabem como "relaxar mais" e outras buscam o relaxamento através de sessões de massagem ou fazendo uso de algum entretenimento. Contudo, o que é dito ou afirmado discursivamente não significa colocar o *conatus* em outra disposição, em ato. Nem pedir que alguém ou algo intervenha de fora para relaxá-la e ela permaneça passiva, significa *modular* o *conatus* em outra disposição em ato. *Querer querer relaxar*[321] parte da intenção de primeiramente observar *como não está relaxando*. Intenção é o desejo da consciência. Apenas "querer relaxar" pode ser somente uma declaração verbal, mental ou falada, que oculta o que se quer, em ato, que é reter. *Querer em ato querer relaxar* é mudar uma disposição interna ou um *contrato interno* de como perseverou até o momento. Como vimos, um contrato é uma *definição* do que será feito doravante. Uma tensão sustentada é um contrato *em vigor*. Uma mudança no "contrato de perseverança", suas normas, cláusulas, ativações, requer *soltar tensões*. Essa é a linguagem do corpo. Por isso, soltar significa entrega e não controle.

Quando uma consciência esforça-se em perseverar enquanto está em si, isto é, conforme a natureza divina que há em si, isso significa que essa consciência está no estado que Spinoza chamou de beatitude. O filósofo disse que apenas os seres humanos podem buscar Deus de maneira consciente quando aprendem a gerir os encontros que fazem e quando compreendem quais encontros causam o aumento ou a diminuição de suas potências, em outros termos, o que aumenta sua realidade e perfeição. Quanto mais uma consciência experimenta a satisfação e o ânimo de conhecer intuitivamente Deus, mais ela está em beatitude. Contudo, Spinoza coloca a beatitude como uma faculdade reflexiva. Somente o humano a alcançaria

[321] A repetição das palavras aqui é intencional. Uma coisa é querer relaxar. Outra é querer querer relaxar. A primeira frase denota o ímpeto, o desejo em ato do querer. A segunda frase denota a intenção consciente de se autorizar a querer e tomar a decisão de querer. No senso comum, todas as pessoas parecem saber como querer, no entanto, o que parece evidente está longe de ser verdadeiro. Como explicou Schwenteck (2021), as pessoas, educadas em uma cultura autoritária que as ensina a se desconectarem do que sentem, têm dificuldade em pedir aquilo que elas querem por não terem aprendido a entrar em contato com o que elas querem: o que querem sentir, o que querem receber, o que querem dar. Muitas pessoas sentem que é errado querer ou não se permitem querer. Querer e relaxar. Elas aprendem apenas a *sobreviver* e se esforçarem a fazer aquilo que *elas deveriam fazer*. Em suas palavras: "A maioria de nós tem um sistema de engajamento social tão condicionado à adaptação que, para pertencer e ser amado, acreditamos que temos que satisfazer as necessidades dos outros e dar preferência aos seus desejos, em vez de ouvir o que realmente queremos" (p. 45). [Traduzido livremente do inglês: "Most of us have a social engagement system that is so conditioned to fit in — that in order to belong and be loved, we believe we have to fulfil others' needs and give preference to their wishes — rather than listening to what it is we really want"].

porque teria o conhecimento de Deus, o conhecimento do amor de Deus e de seu amor por Deus.

Quando uma consciência esforça-se em perseverar *dentro* de um ou vários *constructos prisionais tensos em si*, ela está sujeita a esses mundos prisionais e suas regras, portanto, ainda que se esforce em direção a Deus (pois essa é a única direção do *conatus*), ela não o alcança, pois está sob o jugo de regras particulares e distantes da natureza divina.

Há três conceitos na filosofia de Spinoza que se relacionam intimamente, que são o conceito de IMPÉRIO DA RAZÃO *(Imperium rationis)*; MODERAÇÃO / MEDIAÇÃO *(Moderatio)*; e VIRTUDE **(***Virtus*). A eles contraponho outros três, que são: IMPÉRIO ABSOLUTO ou da VONTADE *(Absolutum imperium)*; SUBMISSÃO e VICISSITUDE. Como disse, o *conatus* é o fundamento tanto da primeira tríade, quanto da segunda, pois é uma *força de propulsão* que conduz o ser tanto em direção a Deus, isto é, à liberdade, quanto a gerar e buscar recursos para a própria sustentação, mesmo que isso signifique submissão e delusão. Se não há nenhuma negatividade no *conatus*, como ele pode produzir vicissitudes? A resposta mais direta seria: "porque ele foi direcionado para isso" e quem o direciona é uma consciência que entende que encontrará liberdade e sustentação ao utilizar artifícios de engano, escassez, ódio, vingança, superioridade, manipulação, sadismo, vitimização, traição, arrogância, julgamentos punitivos, dentre muitos outros artifícios possíveis. Esses artifícios são *modulações* do *conatus* que, por mais contraditórios que pareçam, são meios de gerar estratégias de perseverança para alcançar a liberdade das próprias constrições e ter a *esperança de garantir* a própria sustentação.

O *conatus* é a força do corpo e da mente para se afirmar como causa interna total de suas ações, isto é, concede a eles a força de não ser dominado e não ser destruído. É a força que *protege* o ser a todo instante, o que significa garantir a liberdade por meio da utilização de *quaisquer meios e custos possíveis*. A noção de liberdade implica *o poder de um ser escapar de um lugar de constrição e poder reger a si mesmo*, e essa noção pode ser capciosa, porque ela pode estar apoiada em ideias adequadas ou inadequadas a respeito do *que será obtido com a ação libertária*. Se a *causa* compreendida por um ser a respeito *do que forma sua prisão* for inadequada, sua necessidade de libertar-se estará baseada nessa causa e o que ele obterá será uma liberdade ilusória. O MESMO OCORRE SE A CAUSA COMPREENDIDA FOR ADEQUADA, POIS O *CONATUS* BUSCARÁ A LIBERDADE E ENTÃO SENTIRÁ FELICIDADE, QUE É A PRÓPRIA VIRTUDE (cf. Spinoza, 2007, *Ética* V, Prop. 42).

Por ideia adequada, Spinoza quer dizer o exercício da razão e o da intuição como experiências afetivas, de modo que a mente seja "assim, determinada, em virtude do afeto, a pensar aquelas coisas que percebe clara e distintamente *e nas quais encontra a máxima*

satisfação" (2007, p. 373, cf. *Ética* V, Prop. 4, Escólio, grifos nossos). Isso significa que uma ideia inadequada é determinada por uma percepção confusa e difusa *em que a mente e, portanto, o corpo não podem repousar ou encontrar satisfação*. Isso porque mente e corpo são passivos ou ativos ao mesmo tempo. Quando um ser não pode repousar e encontrar satisfação no lugar onde se encontra, isso significa que ele necessita *tensionar constantemente* para lutar contra ou fugir, a fim de garantir sua sustentação. Quando um ser ou uma consciência pode *repousar e ter satisfação nas coisas que percebe de forma clara*, isso significa que ele nem luta e nem foge delas. Retornamos ao princípio do *ser ativo sem fazer força contra* e nem estabelecer *distância* daquilo que se percebe. É a capacidade de ação firme, tranquila e não reativa.

No Prefácio da Ética IV, Spinoza nos traz uma definição político-afetiva da *servidão*:

> Chamo servidão a impotência humana para regular e refrear os afetos. Com efeito, o homem submetido aos afetos *não está sob seu próprio comando*, mas sob o do acaso, a cujo poder está a tal ponto sujeitado que é, muitas vezes, forçado, ainda que perceba o que é melhor para si, a fazer, entretanto, o pior (Spinoza, 2007, p. 263, grifos nossos).

Chaui (2002, p. 19) atenta para que o termo "senhor de si" ("estar sob o próprio comando") em latim é *sui juris*, que significa estar "sob a jurisdição de si". Essa é uma condição da mente que está internamente disposta, isto é, da mente potente para *separar um afeto de sua causa externa* e poder ligá-lo a outros pensamentos mais úteis. O oposto é a condição de coação ou sujeição, que significa que uma consciência *sente-se* impotente. Estar impotente é estar *externamente determinado*, isto é, *alterius juris*, cuja tradução é estar "sob a jurisdição de outrem". Estar *alterius juris* é estar servil em relação a outro, em estado de passividade e servidão. Por isso, quem *controla e comanda* essa consciência é sua *governante*[322]. O prisioneiro, nesse caso, é aquele que não está *sui juris*.

Uma consciência é impotente quando não consegue separar um afeto que sente de sua causa externa e aqui temos uma premissa de *construção de realidade*, porque não poder separar o que se sente de uma causa externa é estar submetido à realidade dessa causa externa. Em outros termos, *tudo* o que se *pode* pensar em relação ao que se sente é determinado *por essa*

[322] Escrevo *governante* para abranger tanto a consciência que *molda a realidade* quanto a consciência que *se esforça em garantir* que os desígnios da realidade ou suas regras serão cumpridos. *O conatus aprisionado serve a uma realidade prisional e aos comandos de quem a desenha*. Aqui temos duas funções gnósticas, a função do *demiurgo, arquiteto do mundo prisional*, e a função dos *arcontes, que são as autoridades ou governantes do submundo prisional*. Uma consciência, portanto, pode cumprir uma tríplice função: ser a *criadora (geradora)* de um mundo prisional, ser a *governante* de um mundo prisional e ser a *prisioneira* de um mundo prisional. Há muitas possibilidades de explorarmos o gnosticismo dentro desses parâmetros.

realidade causal, de modo que somente o que for determinado por essa realidade *é* o que essa consciência pode sentir.

Como exemplo, poderíamos dizer: "o que sinto não tem absolutamente nada a ver com essa situação em que estou!", então o que sinto é *sui juris* e a situação é a contingência do ambiente, que poderia ser essa como poderia ser outra. Aqui a mente e o corpo não são prisioneiros por *duas* razões: a *primeira* é que a situação contingencial não é perene, porque *ao poder sair dela*, ela não dura eternamente e nem o padecimento perdura. A consciência, assim, *não está sob o comando do acaso.* A *segunda* é que *ao perseverar nessa situação temporária de submissão*, a mente e o corpo que não desejam tornarem-se *alterius juris* esforçam-se em *encontrar brechas não lineares para sair da situação*. A condição *sui juris* é a da consciência que persevera sem deixar-se determinar pela realidade que submete. Quando a consciência *aceita* que sua realidade *é a submissão*, então torna-se *alterius juris*.

Como um exemplo inverso poderíamos dizer: "o que sinto é por causa dessa situação em que estou, nada há a fazer, somente posso me sentir assim!". Então aqui a mente e o corpo são passivos e prisioneiros da situação. O que sinto é *alterius juris* porque há alguém que *controla essa realidade* e como não posso escapar dela, somente posso sentir o que *ela permitir que eu sinta*. Aqui está uma chave. Nesse exemplo, o que eu sinto é perene e *dura* enquanto eu estiver submetido a esse espaço prisional. Uma vez que eu *defino* que o que eu sinto é perene *porque* essa realidade é perene (causalidade inadequada), eu condiciono a perenidade da realidade ao meu sentir em relação a ela. Assim, o *esforço* que eu aplico para me sustentar *contra* essa realidade é o *mesmo esforço* que eu aplico para tornar essa realidade perene.

Em outros termos, a *decisão* de modular esse sentir é *conatus*, assim como a *definição* de perenidade dessa construção de realidade é também *conatus*. Se a decisão de modular esse sentir específico *muda*, o que implica mudar para outro modo de sentir, isto é, mudar a forma do devir, e/ou se eu *definir* (em ato, para não formarmos uma quimera ou uma existência virtual fictícia) que essa realidade pode mudar e que seu *status* não é perene, isso significa que eu posso *separar o que sinto dessa causa externa*. Isso nada mais é do que estar sob a jurisdição de si/mim e *não confundir que a minha existência não é a mesma que o conjunto de regras e de contingências dessa realidade externa*. Estar *sui juris* e não estar confuso é também *conatus*.

Então, como geram-se as virtudes e as vicissitudes? De acordo com as decisões e os contratos de realidade que são formados a partir das decisões. No mesmo artigo, Chaui cita um trecho do Prefácio do *Tratado teológico-político*:

> Se os homens pudessem, em todas as circunstâncias, decidir pelo seguro, ou se a fortuna se lhes mostrasse sempre favorável, jamais seriam vítimas da superstição. Mas, como se encontram frequentemente perante tais dificuldades que não sabem que decisão hão de tomar, e como os incertos bens da fortuna *(incerta fortunae bona)* que cobiçam sem moderação *(sine modo)* os fazem flutuar, a maioria das vezes, entre a esperança e o medo, estão sempre prontos a acreditar seja [n]o que for (Spinoza, 2003, 5 *apud* Chaui, 2002, p. 20).

Qual é o acordo fundamental que fazemos com o *conatus* em qualquer situação? A resposta mais básica é: "como não morrer?". Essa é a pergunta do desejo mais básica. Mesmo em uma situação de alegria e expansão, a pergunta segue a mesma, porque é a pergunta mais básica sobre o perseverar. Como não morrer? Amando. Tendo amigos. Gerando conhecimento. Desenvolvendo sustento. Gerando dispositivos e técnicas. Conectando-se com o Cerne. *Aumentando a multiplicidade de ideias e afetos*. E isso requer expandir e relaxar. No entanto, em situações de coação, essa pergunta "como não morrer?" se intensifica e com isso quero dizer em *quantidade e qualidade*. Quanto mais ameaças existem à perseverança, mais essa pergunta torna-se uma tensão física e mental. A perseverança passa a ocorrer por uma *redução de multiplicidades*. "Como não morrer?" passa a ser uma pergunta de redução de possibilidades que descarta tudo o que é supérfluo em relação ao que estava determinado no início do *modo* como a pessoa iria morrer.

O modo aqui é um devir, é um estado de forma final que é determinado desde o início da decisão de gerar, de forma inexorável. Essa forma do devir inclui um quando, um por quê, um quem, um o quê, um onde e um por quais meios[323]. O *modo* como uma pessoa vai morrer, como é uma previsão de futuro, *constitui-se como um espaço quadridimensional que é constructo virtual prisional.* Ele é um espaço com quatro dimensões porque o *tempo se move dentro dele* e o próprio espaço é feito de tempo.

[323] Essa análise deriva de uma ferramenta de análise situacional chamada 5W1H (*5W*: *When* – Quando, *Why* – Por quê, *Who* – Quem, *What* – O quê, *Where* – Onde, e *1H*: *How* – Como, por quais meios). Essa ferramenta tem origem na filosofia de Aristóteles. Segundo Sloan (2010, p. 236), no Livro 3 de *Ética a Nicômaco*, o filósofo enuncia as sete circunstâncias: "*quis, quid, quando, ubi, cur, quem ad modum, quibus adminiculis*", que significam: "quem, o quê, quando, onde, por quê, de que maneira, com que meios". Essa ferramenta de análise e tomada de decisões é utilizada em diversas atividades profissionais para a análise estratégica de eventos: jornalismo, investigações policiais, análise de sistemas, marketing, gestão de eventos, dentre outras. Essa análise possibilita *identificar as circunstâncias, gerar um plano de ação e colocar um projeto em prática*. Na filosofia de Aristóteles toda racionalidade prática é teleológica, pois se destina a um fim (ou um *bem*, como expõe em sua obra) ou propósito. Podemos dizer que, intuitivamente, essa *análise estratégica* é a mesma utilizada ou gerada pelo *conatus* para que possa *traçar caminhos de perseverança*. Como indiquei anteriormente, o *conatus* é estratégico e é a força de auto-organização intrínseca aos sistemas evolutivos, porque visa a organização do caos como estratégia de perseverança. O que busco demonstrar é que ainda que o *conatus* opere em um *imanentismo dinâmico* existem *outras estratégias que são conatus* que refreiam e coíbem a própria multiplicidade de ações do *conatus*. Isso não é possível a não ser que pensemos em múltiplas consciências simultâneas em um ser modulando *conatus*.

Se o espaço gerado na mente tem o roteiro (*script/programação*) exato de "como vou morrer", esse espaço *torna-se a percepção* e a percepção é um sistema encadeado de regras de *como* a realidade funciona. *Tudo* o que não estiver *previsto* no sistema de regras de como o ser vai morrer é imediatamente invisibilizado porque a *urgência* da necessidade determina que o *conatus* se module numa ação focalizada, *concentrativa*. Quando a necessidade é fluida, não é tensa, pois o ser ou a consciência não estão sob coação imediata, o *conatus* se modula em uma ação expansiva, *irradiativa*. Quanto mais o *conatus concentra investimento*, mais ele gera sólidos e mais torna a percepção fechada, restrita. Quanto mais o *conatus irradia investimento*, mais ele dissipa sólidos e mais a percepção pode se desconfigurar e ampliar. Esses são apenas parâmetros gerais, pois a partir de Wilhelm Reich veremos que a contração e a expansão precisam estar balanceadas[324] para que ideias adequadas e ações adequadas possam ocorrer.

Uma prisão, como um constructo prisional virtual, é sempre moldada por uma programação condicional como mencionei: "<Se> a realidade é perene, <então> estou submetido <e logo> não há como escapar". "<Se> a realidade é perene, <então> preciso resistir assim <ou> serei submetido <e logo> não haverá salvação". A realidade prisional gera uma redundância porque todas as possibilidades estão presas na definição condicional que gera o constructo: a realidade *é* assim. O uso do verbo ser ou estar quando indica uma definição rígida de realidade, e não uma *metaestabilidade*, ocorre por meio de diversas catexias elétricas determinadas pela consciência a se agruparem na forma de uma *tensão sustentada* na mente e no corpo. Enquanto a consciência desejar sustentar essa tensão, nem a definição condicional se desfaz na mente e nem a tensão biomecânica se desfaz no corpo.

Por isso falei da intensidade da pergunta "como não morrer?" que fazemos ao próprio *conatus*. A intensidade da quantidade é o aumento de tensão elétrica que é investida no corpo e pelo corpo. A intensidade da qualidade é a *concretude* que a ideia passa a ter na mente. Quanto mais catexias elétricas ela concentra na mente, mais "concreta" é a imagem que é formada nela, em particular, no córtex visual. Penso que em uma continuação do presente trabalho, seja importante explorar o conceito de que a *sensação visual* (bem como a de outros telerreceptores e funções do corpo) desses espaços quadridimensionais se comporta, de muitas maneiras, como uma *realidade virtual (RV).* É a essa RV que o Sistema Nervoso Autônomo se remete *como*

[324] Em *Análise do caráter*, Reich explica: "Mas esse mesmo argumento contesta a hipótese de uma *tendência* para a morte. Aquilo que se tornou fixo e imóvel, isto é, o que fica para trás, como a escória do processo vital, atrapalha a vida e sua função principal: **a alternância entre tensão e relaxamento**, o ritmo básico do metabolismo no atendimento à necessidade de alimento e satisfação sexual. [...] O processo de enrijecimento quebra cada vez mais o ritmo de tensão e relaxamento. [...] A própria Benedek diz que consideramos a estrutura, isto é, aquilo que está firmemente solidificado, como algo inimigo da vida apenas quando predomina e inibe o processo vital" (1998 [1949], p. 219-220, grifo do autor em itálico, grifos nossos em negrito).

base de realidade para modular ou moderar os impulsos elétricos aportados pelas vias neurais simpaticotônicas (luta e fuga), vagais dorsais (anestesiamento) ou vagais ventrais (engajamento social).

Assim, retorno aos entes não humanos. As consciências que não cindem a experiência de estar em Deus, estão em unidade com Ele, porque estão livres de superstições e delusões/expectativas. Então, os engenhos que geram para perseverar expressam *virtudes*[325]. Quando uma consciência não padece por uma paixão negativa da imaginação que antecipa dor e medo e quando não nutre esperanças de compensação por padecer sua essência atual possui mais realidade e por isso pode perseverar com graus maiores de liberdade, porque tem ideias adequadas. Por isso, o *conatus* pode gerar muitas formas de perseverar em Deus, sem que, com isso, torne-se cativo. *Basta que não se autoimponha regras prisionais ou autocondenações*. Plantas e cristais raramente o fazem, por isso as propriedades de seus *conatus* são muito disponíveis para o preparo de medicamentos espagíricos ou mesmo extrações simples em meio aquoso. Animais, como vimos, são um reino um pouco mais difícil, porque podem gerar crenças e mundos-brana prisionais e passarem a raciocinar dentro deles.

Quando considero as virtudes das plantas, animais e minerais e como são possíveis de serem extraídas e integradas em nós mesmos, entendo que o conceito de beatitude pode ser compreendido em outras espécies e em outros reinos. Creio que o mesmo ocorre com o conceito de "caráter genital" em Reich. Ele criou esse conceito como uma forma de se referir a uma pessoa adulta, livre, responsiva e espontânea, que não afere a realidade e nem se orienta por bloqueios emocionais nem por lógicas misticistas ou mecanicistas. Reich diz que o caráter genital está em contato direto com o Cosmos, porque orienta-se naturalmente pelo *anseio cósmico*[326], a necessidade interna de dirigir-se a Deus e estar em contato com Ele.

[325] Como disse Chaui: "[Spinoza] demonstra que o *conatus* é o único fundamento da virtude, uma vez que esta não é senão a força do corpo e da mente para afirmar-se como causa adequada (ou causa interna total) de suas ações" (2002, p. 9).

[326] Reich diz o seguinte: "O animal humano se acostumara lentamente ao fato de que ele descobriu seu Deus e pode agora começar a aprender os caminhos de 'Deus' de uma maneira bastante prática" (2003 [1951], p. 305-306); "Estabeleceu-se clinicamente que o anseio orgástico, isto é, o desejo (*yearning*) de superposição acompanha sempre o anseio cósmico e as sensações cósmicas" (1998 [1952], p. 362); "Esse anseio cósmico ou oceânico que as pessoas sentem não é senão a expressão do seu desejo orgástico pela vida" (1988 [1942], p. 208); "Há certas verdades que são dadas *a priori* pelos sentidos e o organismo que não pode crescer não é verdadeiro, isto é, uma dessas verdades auto-evidentes por si mesmas. Que o Amor é a fusão de dois organismos, é outra dessas verdades, auto-evidente pela sensação de anseio por fundir-se, fusão efetiva e perda da identidade individual circunscrita, durante o abraço. Que existe alguma coisa muito viva e emocionalmente animante, vibrante e doadora de vida na atmosfera ao nosso redor, é uma outra dessas verdades auto-evidentes, e não importa que se lhe chame Deus, Espírito Universal, Grande Pai, Reino dos Céus ou Energia Orgone. Essa experiência é comum a todos os homens, e é indelével" (1999 [1953], p. 178).

Como estamos tratando de uma possibilidade do *conatus*, o anseio cósmico, o estado de caráter genital ou a beatitude de Spinoza não dependem de uma pessoa ter o *conceito cultural* de Deus ou de Cosmos, mas dependem de um estado de *entrega* e *da adesão a uma realidade experiencial não mistificada e não supersticiosa*. Raknes, aluno de Reich, em sua tese *Møtet med det Heilage* ("Encontro com o sagrado"), publicada em Oslo, em 1927, talvez tenha dado outra perspectiva sobre esse estado:

> uma experiência interior de vida e crescimento e contato com algo que está fora de um si mesmo restrito. Na sua forma mais estreita, você pode ter essa experiência localizada na cura de uma ferida, e na sua forma mais ampla, uma sensação de comunhão com o universo inteiro. Em princípio, eu quis chamar essa experiência de "crescimento de consciência"[327] (Raknes *apud* Wikipedia contributors, 2023d).

Após estudar com Reich, Raknes afirmou que na compreensão dos

> estados místicos da consciência [...] o que é efetivamente importante é o irromper da sensação das correntes orgônicas no corpo, a exaltação que acompanha essas correntes, a sensação extremamente nítida de se estar sendo movido por alguma coisa fora da própria autoconsciência, e a sensação de experimentar um novo gênero de vida (Raknes, 1988, p. 101).

A capacidade da mente e do corpo em *não bloquear* as correntes vegetativas que percorrem o corpo é indicativo de que essa mente e esse corpo *permitem* que a energia flua, sem tensões e sem retenções. Tanto a *permissão de fluir* quanto o comando de *reter o fluxo do que se experiencia internamente* são *conatus* e *são originados no desejo da consciência em como ela deseja perseverar*. Quando há essa permissão, o *conatus* dirige-se espontaneamente a Deus e busca conhecê-lo. Isso não requer uma capacidade reflexiva, *mas é a capacidade reflexiva que nos permite desejar buscar isso conscientemente*.

5.11 Geração de constructos relaxados e habitação em estados de bem-aventurança

Permissão de fluir, soltar e não controlar significa não fazer força contra ou a favor, não reter e não sustentar tensões que não sejam por necessidades do aqui e agora. Essa ideia é mais próxima ao conceito taoista de *Wu Wei*. Em português, esse conceito significa "não ação" e é um princípio prático do taoismo. É melhor entendido *se observarmos como a geração de*

[327] Traduzido livremente do inglês: "an inner experiencing of life and growth and contact with something outside of one's own narrow self. In its narrowest form, you can have this experience localized in a wound healing, in its widest form, it is a sensation of communion with the entire universe. At first I meant to call this experience 'growth consciousness'".

tensões funciona. No *Tao Te Ching*, no capítulo 48, está escrito: "É através da via da *não intervenção* que conquistamos o Império; se acaso temos o desejo de intervir, e intervimos, tudo o que fazemos é distanciá-lo de nós" (TSE, 2013, p. 44, grifos nossos). Repetirei a proposta: releia essa frase a partir da observação das tensões que você produz, nesse momento, em seu corpo. Sem *respirar e soltar as tensões do corpo, conscientemente, é difícil compreender o que quis dizer com "império".*

É interessante Lao Tse ter utilizado o termo Império, porque Spinoza também o usa quando se refere à autonomia de uma pessoa. Parece que são usos *opostos*, mas não são. Para Spinoza, *imperium* é o domínio de si, é a capacidade de se autoafetar ou de ser causa de seus próprios afetos. *Wu Wei* requer sentir a si mesmo, estar em contato consigo e *abdicar de controlar*. Isso não significa dispersar o foco interno ou não saber o que se quer. *Significa saber perfeitamente o que se quer e soltar as tensões do corpo*. Isso é *imperium.* Saber o que se quer com clareza e não fazer força, *apenas querer*. É a condução suave e firme da energia do *conatus*, de maneira relaxada, apenas porque se *deseja isso*. Dessa maneira, as correntes parassimpáticas do corpo fluem nessa direção. Quando desejamos algo *de forma tensa isso significa que desejamos sobreviver a algum tipo de prisão*.

Nos dois casos nossa consciência dá comandos ao *conatus* e gera a forma do devir desejado em ato. Por ser não linear, o *conatus* é capaz de encontrar ou gerar saídas onde, em princípio, não há. No entanto, isso depende se *prendemos o conatus a constructos tensos.* Em constructos tensos, o *conatus* apenas auto-organizará saídas de problemas ou artifícios para perseverar de acordo com as possibilidades dessa realidade tensa. Se o desejo é relaxado, a consciência está *em um constructo mais relaxado* e, então, suas regras têm mais possibilidades. Nesses constructos menos prisionais o *conatus* é capaz de auto-organizar soluções mais inteligentes, isto é, menos submetidas a impedimentos autoimpostos. Quando nos tornamos conscientes do que desejamos, passamos a ter *imperium* sobre isso, porque contamos com distinções e podemos conscientemente optar, isto é, ser causa de nossos próprios afetos. Tal capacidade tanto implica um aumento de maturidade quanto facilita estar *sui juris*.

Isso pode nos conduzir a um desdobramento dessa capacidade que é aprender a trabalhar *com o conatus de maneira consciente*, em vez de realizarmos pedidos a ele de maneira inconsciente. Notar e observar, em silêncio, o que sentimos, é uma chave para isso. O conhecimento do propósito de um desejo se dá através do conhecimento da necessidade que o gera. Notar e observar as necessidades que temos nos indica as dinâmicas de perseverança que estamos vivendo. Por sua vez, notar e observar nossas dinâmicas de perseverança (tal como os esforços que fazemos por meio de nossas tensões) nos fazem saber sobre o *espaço* em que

estamos habitando com nossa *presença ou gravidade aplicada ou esforço focalizado de perseverança*[328]. Isso significa saber sobre as regras do espaço onde estamos posicionados. Notar e observar as regras do espaço nos permite saber que diretrizes demos ao *conatus* e que ímpetos ele gerou para que nos salvássemos.

Eis um exemplo que demonstra esses momentos de decantação do notar e observar. *Momento zero:* "não sei por que me calei e somente quis ir embora"; *momento um*: "por que me calei e apenas quis fugir?"; *momento dois*: "por que tive necessidade de me calar e apenas fugir?"; *momento três*: "eu sinto que preciso me calar e não posso enfrentar"; *momento quatro*: "em que lugar estou no qual é necessário que eu me cale e não enfrente?"; *momento cinco*: "no lugar onde estou eu não tenho nenhuma possibilidade de dizer nada, por todos os lados estou derrotado(a)"; *momento seis*: "se eu me calar, tenho chance de sobreviver; se eu não suportar, tentarei o mais rápido fugir dali".

O *conatus* é quem determina a *atitude de caráter*[329] resultante que é o se calar e o se ausentar. E o *traço de caráter* (o sinal gravado) possivelmente foi formado em um momento ontológico (da linha temporal do desenvolvimento) em que *a fala já estava desenvolvida, mas os adultos eram grandes e implacáveis demais para que qualquer coisa pudesse ser feita*, algo em torno de 2 a 4 anos de idade. Desde então, esse constructo prisional é reatualizado e reinvestido cada vez que há sinais externos que *ecforizam* (fazem emergir, segundo Semon, 1921) essas memórias.

Contudo, em maior conformidade com o que viemos desenvolvendo, é possível dizer que *passa a haver uma superposição intensificada entre os dois estados da consciência*, por meio de um acordo entre eles: a consciência (da criança de 2 a 4 anos) que está retida no constructo em *looping* passa a *habitar* as funções do corpo que habita o tempo corrente do aqui e agora, e a consciência do aqui e agora (adulta), que tem agência e controle sobre seu corpo

[328] São apenas nomes para a localização espaçotemporal da parte da consciência que observa e tem agência.

[329] A *atitude de caráter* é, ao mesmo tempo, espaço e tempo conveccionados. Não existe uma necessidade de comportamento sem haver um ambiente gerado que requeira essa necessidade e não existe uma necessidade e ambiente gerados especificamente sem uma consciência que os gere. Logo, existe a consciência aprisionada que aprisiona-se gerando o espaço em que se torna confinada e gerando os ímpetos temporais que são esforços na tentativa de libertá-la desse espaço constritivo. Isso está totalmente de acordo com a fórmula do orgasmo (função t-c), pois na medida em que há tensão-carga para gerar os limites rígidos do constructo, há a necessidade de descarga-relaxamento que é impedido pelo próprio desejo que *requer* que o constructo siga ativo. Assim, a consciência exerce novo ímpeto por tensão-carga para gerar uma saída do constructo e a libertação dele, mas é impedido pelo desejo que *requer a duração do constructo*. Então, a tentativa de descarga-relaxamento ocorre como *expansão* reativa dentro do constructo (de onde deriva a *esperança* da ação libertatória), mas fica retida pela própria rigidez do constructo, gerando o efeito *panela de pressão*, que determina as formações reativas que são as tentativas de libertação forçada por meio de vicissitudes. A ação pretendida ser libertatória passa apenas a reativar a existência do constructo. Assim, a *atitude de caráter* expressa-se de quatro modos simultâneos, como vimos: espaço e tempo da couraça de caráter, espaço e tempo da couraça muscular.

presente, passa a *habitar* a realidade prisional da criança de 2 a 4 anos e, assim, passa a estar *submetida às regras de possibilidade dessa realidade*.

Em termos simples, uma consciência tenta tomar o corpo da outra e se apossar de suas determinações por *desespero*, enquanto que a outra consciência passa a estar encarcerada na realidade prisional e a toma como seu próprio aqui e agora. Ambas fizeram uma *translocação temporal cruzada.* Desse modo, a pessoa adulta passa a agir com *medidas desesperadas* e suas ações tornam-se *irracionais* em relação ao tempo corrente onde seu corpo físico mais denso e adulto está posicionado. Entretanto, essas ações são *necessárias e racionais* em relação ao tempo corrente da realidade prisional onde-quando estão ocorrendo *os riscos inexoráveis de segurança* enquanto duração. Isso significa que *na prisão* essas ações *não são irracionais*, mas no espaço do aqui e agora que é imanente e político, *sim*.

Dito isso, podemos tratar sobre *como gerar constructos relaxados com o conatus* que nos permitem experienciar estados de bem-aventurança, vida interior prazerosa e satisfatória, regeneração e funcionalidade saudável do corpo e da mente. Assim como constructos tensos e inexoráveis *restringem possibilidades*, constructos relaxados cujas durações em ato são prazerosas *ampliam possibilidades e aumentam exponencialmente a criatividade*.

Quando trouxe o conceito de *Wu Wei* para me referir à condução suave da energia pelo querer firme, mas relaxado, não quis dizer com isso que é necessário que *controlemos* o *conatus* e nem que qualquer forma de controle seja autodeterminação. Firme quer dizer apenas "concentrado" ou "focalizado" e não que envolva qualquer forma de retenção. Contudo, se existe catexia, existe pressão e tensão, do contrário não existiria *ímpeto*. Cabe lembrarmos que existem ímpetos com prevalências simpáticas e parassimpáticas. Um "derreter-se" no outro é um ímpeto parassimpático que conta com uma focalização firme e contínua naquilo que é desejado, acompanhado de um grande relaxamento de tensões na direção desse objeto porque deseja-se também a *entrega*. Então, há uma pequena tensão, que é a focalização, mas ela não é *retensão ou refreamento do movimento*.

Se há *controle* no império de si ou autodeterminação, não se deve ao "fazer força contra", que termina por gerar a condição prisional, mas se deve *ao controle do comando da decisão de relaxar e saber o que se quer*. Isso significa sentir as tensões do corpo, soltá-las e direcionar a energia para o que se quer. Quanto mais uma pessoa deseja sentir as correntes de seu corpo e as sente, por um estado de atenção ou focalização nelas, mais intimidade estabelece com elas. Isso se obtém perguntando-se: "o que estou sentindo?", "qual é o como dessa sensação?", "qual é a pressão ou relaxamento que sinto, no fundo, quando me observo com

meus olhos da mente?", "quando observo essa pressão ou relaxamento, qual é o tema que me vem à mente?".

Uma das principais orientações da terapia reichiana é aprender a observar os próprios sentimentos e sensações não verbais e ganhar intimidade com eles. Os olhos da mente são os olhos da *consciência observadora*. Aprender a "colocar os olhos" em cima de algo que existe em nós é aprender a *focalizar* nossa existência em cima desse algo que observamos e nos *unirmos* a ele. Nós e esse algo nos tornamos "um" e ao mesmo tempo somos/estamos em estados diferentes. É assim que aprendemos a observar sentimentos, sensações e padrões de caráter na clínica. Quando aprendemos a localizá-los e nomeá-los com precisão, isso nos abre portas cognitivas de aumento de percepções e distinções, bem como capacidade de absorver mais informações de outras consciências que chegam até nós e que são outras-de-nós.

Darei uma orientação para gerar constructos relaxados, observando que certamente pode haver outras. A que exporei, a seguir, creio que se adéqua melhor aos argumentos e distinções que desenvolvi ao longo da tese.

Primeiro, observe, com seus olhos da mente, o que você quer. Observe o *estado* que você deseja viver. Sobretudo, se estiver embaraçado(a) em uma série de prisões internas e não souber como se desvencilhar delas, lembre-se que *lutar, se adaptar ou tentar sobreviver a elas não é o caminho*. A natureza desse constructo *já é* servir de prisão a você, então não há sentido em tentar gerar mais estratégias para perseverar *dentro* dele. Você precisa *sair*. Mas será muito difícil tentar sair de um constructo para *constructo nenhum*, pois você terá dificuldade em *ficar* em um espaço onde não há nada construído. É preciso gerar antes algum tipo de *solidez*, uma plataforma ou base dimensional, sobre a qual você possa se assentar e relaxar. Isso é *gerar estabilidade* onde não há estabilidade prévia. Como vimos, estabilidades são geradas com gravitação e gravitação é gerada com convecção de catexias elétricas. Então, relaxe e comece observando o que você *quer viver* como *novo estado* dentro de você. Observe o que você quer e observe que o que você quer é porque há uma *necessidade* que o(a) guia.

Nesse momento, cuide para não cair em um pequeno engano que pode desorientar todo o desenvolvimento do processo. Você precisa, com sua intenção, tornar claro para você o que você *quer*, não o que você *não quer*. Você poderia, então, dizer para si: "o que eu quero é não me sentir triste", "quero não ter que me importar", "não quero me sentir infeliz e impotente", "quero que esses problemas parem". Declarar e sustentar o *não querer* é um comando ao *conatus* que delineia uma realidade diferente do que você quer e de um constructo relaxado. O que provavelmente você estaria primeiramente desenhando, *sem palavras*, seria uma realidade onde você se sente triste ou anestesiado(a), infeliz e impotente e com contínuos

problemas muito difíceis de serem solucionados e, então, *simultaneamente*, você estaria *pedindo* ao *conatus* que te ajudasse a *sobreviver* nesse lugar. Você pediria que ele *fizesse força* para você não sucumbir nele. Declarar, com ou sem palavras, o que você *não quer* é programar a geração do inferno e depois a necessidade de sobrevivência a ele.

Para não cair nesse engodo, ao contrário, solte as tensões primeiro e *queira*. Observe o que *precisa gerar* como realidade e/ou como dispositivo interno ou ferramenta energética. "Quero ser capaz de enfrentar as situações", "quero usar minha voz", "quero saber como responder e me posicionar". Talvez você precise aqui de um pouco de *agressividade positiva*[330], para ser capaz de confluir o *momentum* necessário para a geração dessa forma. Podem ser habilidades necessárias ou apenas a *possibilidade* de um espaço onde essas formas de convecção (as declarações) sejam *possíveis.*

Ao declarar isso, pode ser que você sinta *medo*, e está tudo bem. O medo indica o início de uma nova aventura, porque você não tem ideia do que te espera e o que há do outro lado dos constructos de segurança que você gerou. Então, se sentir medo, apenas deixe que seu corpo trema um pouco. Esses tremores são bem-vindos, são pequenas convulsões clônicas que buscam equilibrar o excesso de tensão vegetativa. Deixe esse processo livre. Ainda que ocorra, direcione sua atenção para o que você quer e relaxe seu corpo. Sustente o que você quer de maneira relaxada, não entre em batalhas.

Ao querer e relaxar, deixe que *esse lugar* seja gerado. Você está indicando o caminho, então *permita* que o *conatus* auto-organize essas correntes elétricas nessa direção para você. Você não vai microgerenciar esse processo, assim como não foi necessário microgerenciar a formação de uma nova cabeça em uma planária ou o olho na cauda de um sapo, nas pesquisas que vimos de Michael Levin. A inteligência de perseverança do corpo, ou seu *conatus, sabe* como auto-organizar isso, desde que você forneça o novo *projeto ou planta baixa a ele*. Você precisa indicar: "é *isso* que eu quero" e, ao sustentar isso, como forma dimensional do devir desejado, o *conatus* entende que essa é a *sua necessidade* e passa a buscar meios e recursos não lineares para prover isso a você. Apesar de você já ter gerado centenas de constructos prisionais inconscientes – dessa *mesma maneira*, com *pedidos sem palavras* ao *conatus* – ao longo do seu

[330] Chamo de *agressividade positiva* aquela que provém do cerne, de um ímpeto profundo da necessidade de gerar algo que antes não havia. É a emoção de raiva que provém diretamente do cerne e não é reativa. A raiva reativa é aquela que tenta destruir de maneira *impotente*, como uma forma de vingança e de tentar equilibrar a balança do malfeito e do abuso *depois* de ele ter sido feito. A raiva que provém do cerne é a agressividade natural (espontânea) e necessária para realizar ações catéxicas que implicam colocar limites, ultrapassar limites, superar barreiras, colocar em marcha um novo movimento e gerar força de propulsão para que algo seja efetivado. Por exemplo, empurrar uma criança para fora do útero no momento do nascimento requer essa agressividade positiva e o aumento da emoção de raiva vinda do cerne. Trabalhar horas a fio para concluir um projeto pessoal, também. Focalizar e manter o foco e a determinação, também.

desenvolvimento ontogenético, aqui explico uma maneira de podermos gerar constructos relaxados de maneira *consciente*. Você não precisa saber *como* vai construir e atualizar esse novo estado o qual e no qual você quer viver, pois isso seria *microgerenciar* esse processo e talvez você não tenha desenvolvido ainda tecnologias para isso. Mas você pode *desejá-lo em ato*. Ou seja, não como uma aspiração intelectual ou qualquer forma de mistificação imaginária, mas *desejar porque você quer*. Se concentre no que você *quer* viver e relaxe o corpo. Respire. Continue observando o que você quer e apenas *queira isso*.

Observe se, ao querer, você sente *você mesmo(a) fluindo nessa direção*. Observe se você sente as correntes plasmáticas do seu corpo se conveccionando na direção *disso* que você quer. Se você sentir que algo te *trava*, isso é tensão. Ela tem uma razão de ser e é um *comando seu inconsciente*, um comando dado por uma das consciências que estão aprisionadas em você. No entanto, o *império* de si é a sua capacidade de assumir o "banco do motorista" de maneira não autoritária, ou seja, sem forçar nem lutar contra essa parte sua que está aprisionada. Você e ela são uma só, mas ela ainda não é capaz de entender isso, porque o lugar dimensional onde você está é muito diferente do lugar dimensional onde *ela está*. Mas, vocês partilham o mesmo corpo e a mesma consciência, por isso esse estado de *superposição* pode acontecer e ela pode *tentar impedir* o que você quer fazer, por meio de tensão. Você relaxar é absolutamente aviltante e inseguro para ela, por isso, por desespero, ela tentará assumir o banco do motorista e impedir você de *soltar as parcas determinações de segurança que ela tem*. Não lute contra, essa é uma consciência que está assustada e imatura, ela não representa perigo a você. Apenas relaxe e dirija seu querer, com sua intenção, para onde você quer. Relaxe e *siga desejando* o estado no qual você quer viver, porque há uma necessidade *íntima e honesta* de você viver isso.

Conforme você relaxa e sente que está fluindo para esse lugar, para esse novo estado do devir desejado, *sustente isso e sinta essas correntes parassimpáticas, de relaxamento, percorrerem o seu corpo*. No início elas podem ser muito tênues, por isso, verifique se elas *existem* em você em ato. Quando você se entrega ao seu devir desejado em ato, *porque ele é importante e necessário para você*, então correntes parassimpáticas de prazer começam a percorrer o seu corpo. Assim, quando as encontrar, *concentre-se* nelas.

Em seu livro *Orgasmic Blueprint* (Projeto Orgásmico), Schwenteck (2021) descreve como "acordar as mãos" através do *sentir consciente dos influxos sensórios orgásmicos do corpo*[331]. Contudo, aqui, estamos aprendendo a desenvolver *a capacidade da consciência de*

[331] Como disse o autor a respeito de seu livro *Orgasmic Blueprint* (Projeto Orgásmico): "Este livro apresenta a você uma mudança na maneira como você experimenta seu sentido do tato — e *tudo* é baseado nessa

gerar formas nela mesma através da condução relaxada de influxos orgásmicos pelo corpo. As sensações orgásmicas das correntes vegetativas do corpo somente acontecem em estados de ativação da inervação *parassimpática ventral*, como disse Porges (2012), que é acompanhada da experiência direta de estados de *segurança, conexão, tranquilidade e confiança* no aqui e agora[332]. Por isso, para a geração de constructos relaxados, que podem se tornar novos espaços-tempos no plasma da consciência, é necessário saber gerar correntes vegetativas parassimpáticas, e isso se faz apenas ao *desejar em ato e relaxar*. A convecção catéxica de correntes acontece e, com isso, a própria consciência *passa a existir nesse lugar*. Essa translocação temporal é uma *mudança de devir*, pois não há deslocamento entre espaços no interior da consciência. O que ocorre é que a *ação gravitacional* do desejar conflui correntes elétricas para a geração desse novo constructo e, com isso, a *presença* da consciência que observa *passa a existir nele e a estar sujeita às suas regras branáticas*. Quem flui aqui é o *conatus* e o *conatus* é *você*. A sua intenção e a sua convecção são você.

Sinta a energia do *conatus* fluindo através do seu corpo na forma de correntes parassimpáticas de prazer, enquanto você deseja, relaxa e sente-se a si mesmo(a). Sua intenção

---

mudança. Ele não vai lhe ensinar uma nova técnica, mas sim despertar sua capacidade de perceber o influxo físico e sensorial da sua pele. Quando esse sentido desperta, ele abre a porta para uma mina de ouro de consciência e prazer. Essa prática melhora neurologicamente sua capacidade de sentir fisicamente. Ela leva a um aumento na inteligência emocional, autoconhecimento e confiança interior relaxada. Isso estabelece autoconfiança, aterramento, a capacidade de possuir seus desejos e limites e expressá-los livremente. Ela cria tranquilidade, intimidade, excitação, diversão, frescor e fluxo no relacionamento com os outros" (Schwenteck, 2021, p. 27). [Traduzido livremente do inglês: "This book introduces you to a change in the way you experience your sense of touch — and *everything* is based on that change. It's not going to teach you a new technique, but rather wake up your ability to notice the physical, sensory inflow from your skin. When this sense awakens, it opens the door to a gold mine of awareness and pleasure. This practice neurologically upgrades your ability to physically feel. It leads to an increase in emotional intelligence, self-knowledge and relaxed inner trust. This establishes self-confidence, grounding, the ability to own your desires and limits and express them freely. It creates ease, intimacy, excitement, fun, freshness and flow in relationship with others"].

O autor chamou de "acordar as mãos" o processo de ativação dos caminhos neurais de ação (eferentes) e o influxo de sensações (aferentes) através das mãos para gerar *correntes parassimpáticas ventrais orgásmicas* através do corpo e, a partir daí, podemos nos *entregar e relaxar nelas*. Essa experiência é absolutamente *nutritiva* para a experiência consciente no corpo e para a ativação de regulação do Sistema Nervoso Central, uma vez que ajuda a *equalizar as tensões vegetativas retidas em excesso no corpo*, bem como *ativar estados de segurança e prazer internos*. O que chamo aqui de "geração de constructos relaxados" envolve a ativação dos influxos orgásmicos no corpo, por meio de um estado de atenção a eles, relaxamento e entrega ao que se deseja. Essa geração é uma aplicação dos conceitos de Schwenteck e, por isso, recomendo fortemente a leitura de seu livro.

[332] Cf. Schwenteck (2021, p. 257): "Os três troncos" (*The three branches*), ao referir-se à Teoria Polivagal de Porges. Como disse: "A Teoria Polivagal de Stephen Porges só foi reconhecida recentemente pela comunidade científica. É muito mais do que uma compreensão expandida de como o sistema nervoso autônomo funciona. […] Ela também fornece um discernimento inacreditável de *como podemos influenciar* processos normalmente inconscientes para aumentar muito nosso bem-estar" (grifos do autor). [Traduzido livremente do inglês: "Stephen Porges' The Polyvagal Theory has only recently been acknowledged within the scientific community. It is much more than an expanded understanding of how the autonomic nervous system works. […] It also provides incredible insight into *how we can influence* normally unconscious processes to greatly enhance our well-being"].

conduz o *conatus* para a forma do devir desejado e são as correntes parassimpáticas de prazer e relaxamento que geram essa nova forma dimensional. Portanto, sinta essa energia, solte-se nela e deixe que ela te conduza na direção dessa forma que você quer. Talvez aqui você consiga perceber com clareza essa relação de *joint venture* ou aventura compartilhada que mencionei: você diz em ato, sem palavras, ao *conatus onde quer ir* e *ele conduz* você, enquanto fluxo, para esse devir desejado.

Conforme gera esse novo espaço dimensional com o seu desejo, com o seu fluir e relaxar na direção dele, *observe as regras que você transporta para esse lugar com o seu sentir*. Você está usando desejo em ato de suas próprias correntes, *não racionalização*. Por isso, observe se durante esse processo de geração, você está usando *tensões simpaticotônicas (de luta ou fuga) ou admoestações* (autopunições, "não devo", "não posso", "deveria", "tenho que") para gerar esse novo constructo. Perceba se está carregando ou imprimindo esse tipo de informação nele. Se estiver, tal como acontece em um novo sistema social que é gerado e confluído pelo desejo das pessoas, *as novas regras branáticas desse espaço ou contexto estarão imbuídas de "sementes de condenações"* que são os "germens de fascismo" aportados para o novo sistema, como bem expuseram Deleuze e Guattari[333]. A diferença entre gerar um constructo tenso, por meio do qual você escraviza o *conatus* e se autoescraviza, e um constructo no qual o *conatus* pode ser seu professor e te ensinar o caminho da liberdade interior, *é a tensão restritiva que você exerce e as admoestações que você imprime como regras dimensionais*. Por isso, preste atenção às correntes do seu corpo e observe se você está trazendo esse tipo de excitação e informação para o novo constructo.

Se estiver sentindo *incômodo, pressão e tensão desconfortáveis, esforço ou qualquer tipo de sensação de "mau encaixe", desconfie* que isso podem ser admoestações tensionais e que você pode estar gerando um constructo que, de fato, não quer. Se isso ocorrer, você não precisa (ao menos por enquanto) parar e se dedicar a investigar por que isso está ocorrendo. Apenas observe que se trata de uma nova (ou anterior) consciência aprisionada tentando assumir a determinação do seu corpo e mente no aqui e agora (o "banco do motorista") e apenas *relaxe* e volte sua *atenção e relaxamento* para o estado do devir desejado que você *intimamente quer*. Você pode sentir essa tentativa de "sobrepujamento" (*takeover, tomar conta de*) da consciência aprisionada, como uma espécie de "arraste" ou "abdução" da sua intenção e focalização para algum tipo de constructo prisional *já gerado dentro de você*. Em "caso de incêndio", a consciência menos madura se alarma e tenta tomar *agência* de maneira forçada,

[333] Cf. "Capítulo 1 – As máquinas desejantes" e "Capítulo 4 – Introdução à esquizo-análise" (Deleuze; Guattari, 2004, p. 31-35; 361-367).

enquanto que a consciência do aqui e agora se submete a essas regras também por *assustar-se*, então, ambas *entram em acordo em utilizar estratégias de sobrevivência já conhecidas*.

Isso ocorre por conta da *translocação cruzada* que mencionei, quando existe uma *superposição* de dois espaços-tempos da consciência e há um grau de imaturidade caracterial que previne a pessoa de *discernir* esses dois estados. Nesse momento, há o risco de a pessoa perder império ou autodeterminação de si. Contudo, aprender a gerar e habitar um constructo relaxado *é uma prática de império* e é isso que fazemos aqui. É por essa razão que as práticas terapêuticas que abordei no Capítulo 5 (seção 5.8) de *relaxamento de tensões vegetativas e reorganização de catexias elétricas*, como os *actings* da Vegetoterapia, são benéficos, pois provocam uma *desconfiguração das tensões e uma soltura nos acordos internos (não verbais) de sustentação dessas tensões*. Sobretudo, se o grau de imaturidade caracterial for muito intenso, é possível que esses *estados de pânico interno* sejam facilmente ativados e a pessoa não saiba como sair deles. Por isso, o *império* não depende apenas de a pessoa saber *gerar constructos relaxados*, mas depende de *aprender a entrar em contato com o que sente e relaxar*, primeiro. Conforme as estruturas tensas são relaxadas, por meio de uma metabolização e digestão interna dos bloqueios emocionais geradores de tensão, então a pessoa pode aprender a *querer, relaxar e ficar* em outro espaço, pois sente-se capaz disso e assim *o deseja*. *Querer, relaxar e saber ficar são coerência*.

Quando essa *coerência* começar a ser gerada (saber o que quer, relaxar e querer ficar nesse estado que deseja), *apenas queira estar nesse lugar*. Observe *quem é você* nesse lugar, observe *como se sente* imerso nele e, ao fazer isso, observe *quais possibilidades passam a se tornar reais e existir para você* nesse lugar. A geração de um constructo relaxado ocorre pela compreensão do seu desejo focalizado (saber por que quer e querer) e pela capacidade de *conveccionar* esse lugar com a *ajuda* do *conatus*. Contudo, essa geração não ocorre de maneira linear, como seria a construção material de um edifício ou quarto de habitação: primeiro constrói-se o radier de sustentação, uma laje de concreto armado que serve de sustentação e distribui a carga da estrutura sobre o solo, logo erguem-se as paredes e estruturas verticais com vigas de amarração e alvenarias estruturais etc. Esse tipo de construção requer a execução e atualização linear do que foi definido na planta baixa, em uma ordem.

Quando tratamos de *constructos virtuais gerados pelo desejo*, essa geração é *não linear*, pois os elementos do espaço virtual gerado são construídos segundo a geração de novos parâmetros de segurança e possibilidades. Imagine que esse novo espaço dimensional desejado *se auto-organiza eletricamente* de maneira não linear conforme a consciência *deseja habitá-lo*. No início, há uma ideia vaga e difusa que vai sendo gerada. Seria como se partes da fundação,

partes do telhado, partes das paredes e partes da decoração começassem a ser geradas *simultaneamente* fora de ordem. Em princípio, isso não faria sentido, se visto do exterior, pois não estariam em uma forma coerente, para um visitante externo. Contudo, *segundo o desejo que é a forma do devir desejado e que já existe em um grau de virtualidade atual muito sutil*, mas não completamente atualizado em termos de *reorganização elétrica*, há uma perfeita ordem e coerência naquilo que é desejado. Aqui o construtor, que é o *demiurgo dessa realidade*, comanda a geração dessa construção ao *conatus* pelo seu próprio desejo de ficar nessa construção e que ela exista, pois é *necessária* a ele. Por isso, o *ficar* é importante, pois ele dá vida a esse *carrossel*, enquanto o constrói catexicamente.

Enfatizo este ponto: querer e relaxar dá vida a um carrossel (constructo virtual quadridimensional) *relaxado*, assim como querer e tensionar dá vida a um carrossel *tenso*. Sustentar a catexia (o investimento) e ficar nele, dá-lhe nova vida e o *reatualiza*, razão pela qual ele *dura* (tem duração temporal) e não desaparece (irradia centrifuga e completamente a tensão previamente acumulada). Observe que essa energia não veio de fora, veio de sua própria consciência. Ela é disponibilizada pela própria gestão econômico-energética do *conatus*. Por isso, em conformidade com que Reich falou, o orgone e a superposição de correntes energéticas *não são animismo*.

O animismo envolve um *dualismo*, pois trata-se de uma energia alheia ao corpo, que vem de fora, penetra no corpo e o anima. Há um ente de um lado e a energia cósmica de outro, como se houvesse um espaço físico de um lado e um tempo em fluxo inteligente de outro. No entanto, isso não acontece; tudo está imerso e constituído pelo desejo em ato da Consciência universal única que é Deus e *registrado* em seu *oceano cósmico de ondas*. Igualmente, todas as formas geradas no interior de uma consciência particular ou individuada *também estão imersas e constituídas pelo desejo dessa consciência e gravadas (registradas, retidas) em seu próprio plasma vortexial*. As convecções e reconvecções internas, cujos vetores dissipativos emanam e irradiam ao exterior[334] constituem o que Reich chamou de *economia energética* ou *economia sexual*, o que se torna claro quando compreendemos que as catexias elétricas são *desejo*.

A função da economia é distribuir e alocar *quanta* de energia para *gerar os recursos internos* da consciência para sua perseverança. Como disse, tais recursos podem ser a *geração de correntes* que determinam nossos ímpetos autônomos, nossos funcionamentos emocionais (emoção, e-moção, *ex-movere*, mover-se para), a movimentação de corpos biológicos (íons, moléculas, fluidos, plasma) através do corpo, bem como a emissão ativa dessas correntes,

[334] Esse espaço externo Reich denominou de camada mais externa do caráter, que é uma camada de enação tanto não verbal quanto narrativa.

através de nossas mãos, pele e olhos, por exemplo. Também podem ser a *geração de constructos, mundos-brana, contextos, objetos e dispositivos energético-virtuais* que podem durar implantados e estabilizados no corpo, como os nossos bloqueios. Todas essas gerações não vieram do exterior, elas são desejo em ato. Se elas persistem e duram no interior de uma consciência é porque tais formas foram *copiadas, reproduzidas e reinvestidas* no interior da consciência por ela mesma. Isso somente pode ocorrer porque a energia do *conatus* é energia cósmica focalizada e energia cósmica focalizada é *você em ato*. Nós não fluímos para fora, nós fluímos por nós, para nós e através de nós.

Quando configuramos um espaço sem autocondenações, com a clareza do tipo de espaço no qual queremos viver *e sob quais regras* de possibilidades queremos viver, esse espaço é o próprio projeto ou planta baixa que se torna *um guia dimensional ao conatus*. Quando relaxamos podemos ser *um com esse espaço e, logo, o conatus se esforça para que ele se torne a nossa configuração de corpo e de mente* em atualização. Isso também é certo para nossos espaços tensos: quando partes nossas estão encarceradas e utilizam esses espaços como suas *adaptações desejadas*, tornam-se *um com tais espaços*. Tanto quanto sejam reinvestidos e conveccionados, *tornam-se nossas novas configurações de atualização de corpo e mente*.

Nossos constructos relaxados são os espaços de bem-aventurança que podemos utilizar como *ponto de origem* para sentir, pensar e agir, isto é, para *gerar engajamento e propostas de intervenção no meio social, assim como estratégias para resolver impasses e organizar soluções criativas*. Nos permitem ter mais clareza sobre como *dispersar amor*. Ninguém pensa sozinho, mas *com* múltiplas consciências dentro de si e unido a elas, assim como ninguém pensa sem estar *imerso* em um ambiente virtual, o que torna nosso pensamento submetido a regras e restrições de possibilidades de alguma forma. Estarmos cientes disso caminha no sentido de nossa autodeterminação.

A chave do império de si, tanto segundo Lao Tse, quanto Spinoza, conforme a aproximação que aqui faço, é *não fazer força*, mas atualizar o desejo prévio gerado pelo querer. Quando desejamos mudar um padrão de comportamento, cuja origem é um estado continuado de *impotência*, não é funcional fazermos *força contrária* para mudar esse padrão, nem tentar *combatê-lo* gerando normas rígidas e novas autoadmoestações. *Não fazemos força, mas aprendemos a gerar um novo mapa*, um constructo relaxado em ato, *cuja atualização visível dele é a nova atitude espontânea. Muitas vezes, também pode ser a cura espontânea de uma biopatia*. Como disse, o novo mapa vem do "*querer, mesmo que não se saiba ainda como isso será obtido*".

No exemplo que dei, no início deste capítulo, da "pessoa que não sabe por que se calou e apenas desejou ir embora sem sentir que podia fazer outra coisa", imaginemos que essa *atitude* caracterial é a *atualização* de seu mapa ou contrato de realidade que foi utilizado como guia de perseverança. Essa pessoa poderia chegar em um espaço clínico ou terapêutico e se autoadmoestar: "eu não consigo fazer de outra maneira, eu gostaria, mas me sinto impotente!". Ela poderia dizer que tentara de diversas formas se *forçar* a fazer diferente, tentara se posicionar, pleitear, gerar clarezas, mas algo a travava e não a permitia ser capaz de fazer isso.

Então, após ter se debruçado sobre seu próprio querer, ter observado seus contratos de sobrevivência e o porquê de eles existirem e seguirem ativos, *ela muda a decisão* e passa a aprender a gerar constructos relaxados dentro de si. Isso não ocorre magicamente, pois o próprio questionamento de "se era isso o que ela queria fazer" e a capacidade de "observar *quando-onde* e *como* está presa" *a ajudam a desmistificar esse decreto de impotência* e, então, percebe que se foi capaz de gerar um mundo-brana prisional, também é capaz de gerar um mundo-brana *não prisional*.

Essa geração de novo mundo-brana passa a ocorrer de maneira *não linear*, enquanto cada sessão ou encontro terapêutico também servia para que ela *continuasse gerando esse desejo de sair, ao mesmo tempo em que gerava outra forma de devir desejado*. Como ela está reorganizando bioeletricamente seus circuitos de *catexias elétricas em ato*, através do relaxamento, porém através de um desejo firme e constante, *e está translocando temporalmente sua consciência para esse novo constructo em ato, permanecendo nele, logo, os efeitos de atualização passam a se auto-organizar "sem esforço".*

É claro que há esforço, porque há *conatus*, mas *ele não é tenso, é relaxado*. Assim, nesse exemplo hipotético, "um belo dia", *naturalmente (espontaneamente),* o desejo de se posicionar socialmente aparece, a vontade de comunicar-se de maneira clara e aberta aparece, *ainda que ela saiba que riscos existem*, porque essa *nova forma da atitude* nada mais é do que a *materialização atual* de um outro constructo gerado previamente como forma do desejo ou *constructo dimensional de possibilidades*.

Também é claro, como mencionei, que essa determinação ou focalização precisa *em saber gerar um novo constructo e mantê-lo em convecção requer um pouco de agressividade*, isto é, emoção de raiva *vinda do cerne*, isto é, necessária, coerente e produtiva. A emoção da raiva também é catéxica. Por isso, pode ser que parte de seu trabalho interno de *observar seus contratos de sobrevivência e bloqueios emocionais* tenha passado por observar *como, historicamente, tenha optado por abrir mão de sua agressividade*, ou raiva vinda do cerne, para se adaptar e sobreviver.

Trago essa questão para enfatizar que *a autodeterminação ou império de si apenas é possível quando as emoções básicas de medo, raiva, tristeza e alegria vindas do cerne biológico também podem ser expressas sem refreamento ou travas, conforme seja necessário*. O bloqueio de expressões emocionais vindas do cerne (portanto espontâneas e com razão funcional no aqui e agora) é um dos principais sintomas de que a pessoa está presa, porque ela não está autodeterminada, mas *está determinada pelas constrições prismáticas do espaço de sobrevivência onde-quando está retida* e igualmente determinada *pela necessidade de se adaptar e sobreviver a esse espaço*. Bloquear a si mesmo(a) é uma forma comum de sobrevivência.

Imperium é poder estabelecer autorregulação[335] de maneira consciente. O *conatus* é a consciência em ato. A consciência que tem *imperium* é capaz de *direcioná-lo*, porque é capaz de direcionar a si mesma. A chave é não fazer força e desejar de maneira consciente. O *conatus é uma inteligência autônoma. Ele vem de Deus e quer retornar a Deus.* É por isso que ele indica o caminho para a consciência, *a direção adequada de sua perseverança e de sua liberdade*. Esse é o anseio cósmico da consciência, como disse Reich. O anseio cósmico é um anseio de relaxamento, de entrega e orgástico. É somente quando a consciência *deseja* relaxar que ela concede *autorização* ao *conatus* para que ele a conduza para a liberdade.

A relação entre uma consciência e seu *conatus*, na medida em que um *é* outro e um *é diferente de outro*, é o estabelecimento de uma relação de *parceria*. Se é a consciência quem *comanda* o *conatus*, faz-lhe pedidos internos e concede-lhe permissão para agir, em certa medida, é a consciência quem faz *a gestão econômico-energética* do *conatus* e tem sobre ele *imperium*. Por conseguinte, uma consciência que tem *imperium* sobre o próprio *conatus*, tem *imperium* sobre si. A consciência aprende a controlar ela mesma, justamente quando ela aprende a não *forçar* nada e a não *controlar* nada, senão apenas *desejar, querer e se autorizar a querer*. Isso não é feito com a mente apenas, ou seria "livre decisão". Isso é feito com o *corpo*,

[335] Selecionei dois trechos do *Tao Te Ching* (TSE, 2013), que demonstram igualmente o movimento autorregulatório que provém do *Wu Wei*: "43. O ensinamento sem palavras: Aquilo que é macio sempre triunfará ante o que é rígido. O etéreo penetra até onde não há frestas. Esta é a vantagem da inércia. Poucos no mundo compreendem o ensinamento sem palavras; e a virtude que nasce do não agir (p. 42)"; "57. A simplicidade primitiva: [...] Mas um Império só pode ser conquistado pela liberdade da ação que não anseia por seu resultado. Como sei se isto é verdade? Vamos aos fatos: Num reinado, a multiplicidade das restrições acarreta a pobreza do povo. Quanto mais incentivos para aumentar o lucro são dados, maior a desordem no clã e no Estado. [...] Quanto mais leis são criadas, mais ladrões aparecem. Dessa forma, o sábio governante nada faz com ansiedade por algum resultado, e o povo se transforma por si mesmo. O sábio governante se mantém na Tranquilidade, e o povo retifica a si mesmo. O sábio governante não intervém nos negócios e afazeres, e o povo prospera por si mesmo. O sábio governante se encontra livre de desejos, e o povo alcança por si mesmo a simplicidade primitiva" (p. 49-50).

por meio de uma *necessidade*. AUTOGERAR UMA NECESSIDADE É GERAR UM MUNDO-BRANA ONDE ESSA NECESSIDADE EXISTA. SE A CONSCIÊNCIA HABITA ESSE MUNDO-BRANA, O *CONATUS* SABE, ENTÃO, O QUE FAZER. Forçar e controlar são *a geração de tensões e o sustentar essas tensões*. As tensões que não são desfeitas são a fonte de todas as prisões.

Gostaria de finalizar este capítulo tratando do tema da *beatitude ou conhecimento de Deus*[336] e qual é sua relação com o *esforço em perseverar na existência*, uma vez que ambos são duas direções éticas e simultâneas do *conatus*. O que parece ser esquecido ou não fica claro em determinadas tradições espirituais ou de investigação da natureza interior, é que o conhecimento da natureza divina *é um estado de êxtase*[337]. O estado de êxtase é o próprio *conatus* quando atua de maneira livre, e é permitido a ele conduzir a consciência para a própria liberdade. Digo isso porque a direção ética do *conatus* pode ser sentida no corpo com maior nitidez através das *correntes elétricas vegetativas quando elas podem fluir livremente*. É ele quem nos ensina, pouco a pouco, tanto quanto permitamos, a nos elevar a Deus e sermos "um com Ele". Essa elevação não se refere a nenhum tipo de idealização e não é dependente de nenhuma doutrina específica, *ela é o caminho espontâneo quando a consciência sente a necessidade de experienciar maiores estados de entrega, relaxamento e êxtase*, na busca de como encontrar a saída dos constructos prisionais. O anseio cósmico é um anseio de entrega à Fonte. É por meio desses estados que nossa consciência se transporta ao divino e pode aprender a sair das admoestações reativas (como decretos autopunitivos, autodepreciativos e autocondenatórios que geramos) que nos encarceram em constructos prisionais.

Na parte V da Ética, Spinoza (2007) traz o conceito de "amor intelectual a Deus", como representação do estado mais elevado de compreensão e felicidade humana. Para o filósofo, esse amor não é uma emoção comum, mas um modo de conhecer e se unir racionalmente à realidade divina. O "amor intelectual a Deus" é um estado de compreensão profunda da realidade no qual uma pessoa percebe que sua mente é parte do entendimento infinito de Deus e, por isso, experimenta a beatitude ou bem-aventurança, que é uma felicidade que não depende de fatores externos. O termo "intelectual" não significa que esse estado seja uma aspiração intelectual, no sentido de racionalizada, mas *um desejo consciente de buscar Deus*. Isso não significa seguir nenhum tipo de doutrina espiritual, mas *nutrir a decisão racional de querer ser um com Deus conscientemente.* No entanto, essa decisão ocorre por uma *necessidade*.

[336] Cf., Spinoza, 2007, p. 155-157 (Ética II, Prop. 49, Escólio).
[337] Há tradições que, entretanto, tornam claro que a busca pelo divino envolve a abertura do corpo e da mente para os estados de êxtase, como, por exemplo, o Mahamudra Tantra e o Sufismo de Rumi.

O professor para isso é o *conatus*. Quando uma pessoa aprende a entregar-se a ele e sentir suas correntes pelo corpo e *deseja* não trancafiá-lo em constructos prisionais e *permitir* que ele a conduza, então, o *conatus* passa a conduzir imediatamente essa pessoa para a Fonte. Esse é o outro lado do que significa "o livre fluxo da energia vital pelo corpo". A direção livre é sempre a da expansão da consciência e da união íntima a Deus. Não importa se chamamos de Deus, Brahman, Tao, Shiva, Si-Mesmo, Eu Verdadeiro, Cerne, Ser, Coração, Fulcro da existência ou outros nomes, o contato com esse Centro somente começa a acontecer quando uma pessoa se cansa de dar voltas e voltas em constructos prisionais e começa a se questionar sobre o que ela está fazendo e o que ela está buscando.

Essa decisão, que advém dessa necessidade, começa a gerar um outro tipo de objetivo que também tem uma forma dimensional e um devir desejado. Essa forma passa a servir ao *conatus* como "planta baixa" (*blueprint*) para que ele busque para a consciência aquilo que ela deseja. Quanto mais firme e relaxada for essa decisão, com maior clareza o *conatus* recebe instruções para que conduza a consciência para esse lugar, ou melhor, para a forma desse devir desejado. Como essa planta baixa somente pode ser obtida por meio de um estado de relaxamento, de entrega e orientação clara do que se deseja, as catexias geradas pelo *conatus* serão prazerosas, parassimpaticotônicas e de profunda conexão. É assim que o estado de *êxtase* é gerado.

Cabe dizer que prazer e êxtase não são iguais, mas são estágios de entendimento de uma mesma função. O prazer é a sensação de entrega e de descompressão parassimpática em convulsões rítmicas, que sentimos quando estamos determinados e habitando algum tipo de constructo compressivo. Portanto, qualquer descarga e liberação de amarras constritivas nos permite convulsionar parassimpaticamente, e isso gera ondas rítmicas no corpo de descompressão e, na mente, sensações de prazer. Mas isso não implica, necessariamente, nenhum tipo de estado transcendente de posições egoicas ou de qualquer busca consciente pela Fonte. Uma pessoa pode se libertar parcialmente de uma tensão e se regozijar com sensações orgásmicas *enquanto permanece contida em constructos que a condicionam e a constringem.*

O prazer indica o caminho, mas ele pode se tornar um fim em si mesmo se a pessoa se tornar demasiado adaptada aos condicionamentos prisionais. Assim, ela pode se fixar nos prazeres sensoriais e nas experimentações por definir que não há nada além disso. Mesmo que essa pessoa acredite conceitualmente na transcendência do ego, nos benefícios de não estar totalmente identificada com seus "si-mesmos" prisionais e condicionados, cada experiência de

"prazer pelo prazer" pode se tornar apenas uma forma de tornar as prisões internas onde vive mais confortáveis, como bem explicitou Reich[338].

No entanto, se o prazer nos fizer questionar: "que sensação é essa que eu sinto de entrega, de relaxamento e de leveza? Que correntes são essas que eu sinto em meu corpo que me fazem sentir derreter e abandonar as disputas e contendas?", então esse é o caminho orgásmico que nos ensina o que é nos libertarmos, o que é o desenrolar suave e convulsivo das tensões constritivas. Se esse questionamento for levado a sério, então o *conatus* será capaz de ensinar o caminho. São as correntes que nos ensinam o caminho para fora da prisão, pelo abandono e pela entrega, como defendeu Reich. Então, pode ser que, tal como previsto no pensamento hermético e alquímico, essas correntes tornem volátil o espírito cristalizado e ele passe a buscar a Fonte. Assim, a matéria se eleva em estado de prazer e êxtase. Êxtase é o que se sente quando nos desenrolamos centrifugamente dos constructos prisionais e nos elevamos de maneira volátil em direção à Fonte. Em termos alquímicos, é a volatilização de um sal[339], é a libertação do espírito das amarras prismáticas da terra.

[338] N'*O assassinato de Cristo* (1999 [1953]), Reich expôs com clareza a questão: "Pode-se enfeitar a prisão a fim de a tornar mais habitável. Isto fazem-no os Miguel Ângelos, os Shakespeares, os Goethes. Podem-se inventar artifícios para prolongar a vida na prisão. Isto fazem-no os grandes cientistas e médicos, os Meyers, os Pasteurs, e os Flemings. Pode aparecer alguém muito hábil em tornar a soldar os ossos quebrados dos que caem na armadilha. Mas o essencial ainda é: encontrar a saída da prisão" (p. 14).

[339] Na Alquimia, o princípio Sal indica um corpo cristalizado, cuja natureza é fixa e incapaz de voar ou ascender.

CONCLUSÃO

O recorte clínico que pretendi demonstrar foi o de uma perspectiva "energético-política", que é pensar em conjunto a *orgonomia* e a *política reichianas.* Em suas últimas obras, em especial *O assassinato de Cristo* (1999 [1953]), Reich trabalhou com essas distinções, costuradas com um fio vermelho que atravessou toda sua obra. Não era mais possível separar *energia, plasma corporal, função de superposição cósmica e para onde direcionar os projetos políticos*. Por isso, a perspectiva *energético-política* que exploro é uma *inquirição clínica* sobre o que as pessoas fazem nos meios políticos, relacionais e sociais a partir do que acontece em seus "espaços branáticos da couraça de caráter". Isso nos abre a possiblidade de pensarmos em uma análise dos propósitos, o que estamos planejando e almejando internamente quando tomamos ações políticas, quais necessidades surgem quando sentimo-nos livres ou aprisionados internamente, para onde podemos dirigir projetos clínico-políticos e sobre a necessidade de *falarmos sobre corpo, sentimentos e sensações na política*. Neste trabalho defino apenas algumas bases dessa perspectiva e entendo a necessidade de desenvolvimentos posteriores. Essa é a contribuição que eu gostaria de fazer ao pensamento pós-reichiano, à psicologia política e à psicologia clínica, porque acredito serem planos contínuos de exploração.

Uma *aplicação clínica* da possibilidade de *poder ver* os lugares prisionais de origem das necessidades e as condições existenciais das consciências que habitam esses espaços temporais prisionais precisa ser feita de maneira gradual e com todo o cuidado clínico para evitar *descompensações*. A análise de traços caracteriais e a análise de contexto podem ser bastante confrontativas, na medida em que se tornam um "choque de realidade". Não que esse "choque" seja imposto autoritariamente por alguém (ainda que haja esse risco), mas já é um choque, em si, *confrontar as próprias debilidades emocionais e os pactos de compensação que fazemos por viver sob o jugo dessas debilidades, medos, dores e impotências*.

No entanto, com essas bases quero deixar provocações e algumas direções para trazer aprofundamentos a um tema que é pouco abordado nos espaços comuns de discussão política, que é o *sentir responsável* ou a *responsabilidade pelo que se sente e o que se produz socialmente com o que se sente*. Aqui não pleiteio uma via de investigação clínica por uma *psicopatologia funcional*, mas por uma *política funcional*, que parte da *análise das posturas internas assumidas*, por uma ótica não moralista. Por isso, uma proposta *clínico-político-funcional* faz-se sobre os temas da liberdade, autogestão, contato com o que se sente, honestidade interna, o saber relaxar e não controlar e, ao mesmo tempo, o assumir uma postura *sui juris*, que é estar sob a jurisdição ou a determinação de si mesmo.

A perspectiva energético-política não faz ênfase na análise semântica dos discursos políticos, mas na origem do movimento caracterial que gera as ações e pleitos políticos. Como vimos, pode ser muito útil pensarmos as análises psicológico-políticas a partir de dois eixos: um, pelas narrativas, pois elas constroem realidades com "práticas do dizer", como bem disse Tedesco (2006), e dois, pelos investimentos catéxicos que as pessoas geram a partir de seus mundos-brana prisionais, com suas regras de sobrevivência, suas normas de restrição de possibilidades e suas necessidades, na maioria das vezes, agonizantes.

Por um ponto de vista energético, podemos compreender que os mundos-brana podem *expandir-se* e tornarem-se contextos para ações políticas, *porque as pessoas expandem* as dores, medos e necessidades prisionais do próprio caráter. Como não analisar isso? As políticas, tal como realizadas no senso comum, *por meio de disputas de narrativas*, são convites às pessoas jogarem jogos *sem tornarem claras as regras de onde elas partem e o que, de fato, elas querem*, o que abre margens para todos os tipos de comportamentos clandestinos. Como a cultura política padrão *é centrar-se na narrativa e não entrar em contato com a realidade do corpo*, ela torna-se muito perigosa, porque é um meio de autoengano e automanipulação constantes. O que anuímos fazer conosco, anuímos fazer com outros.

Uma perspectiva energético-política torna necessário trazermos à discussão em *espaços políticos* temas como: defesas e reatividades caracteriais, contratos de realidade/sobrevivência, mecanismos de ratificação de prisões, organização de espaços que permitam o sentir e a responsabilidade sobre o que se produz com o que se sente, relações de campo social (3º campo) adultas e maduras e a necessidade de abordar esses temas para que as intenções não fiquem ocultas. Esses parâmetros *são benéficos não apenas para a geração de espaços políticos maduros, como também por serem distinções terapêuticas na clínica.*

Um exemplo é o seguinte: o que uma pessoa faz com um traço de caráter mesquinho, carente, sádico, passivo ou compulsivo do qual ela padeça? Esses traços são um problema individual ou social? Se o traço defensivo for tratado apenas na perspectiva de uma clínica individual, não política, essa pessoa não compreenderá *o que ela produz socialmente com o traço de caráter defensivo do qual padece*. A prisão e a agonia *onde* sua consciência está posicionada *geram* prisão e agonia para as pessoas ao seu redor, e é certo que sua própria couraça se esforçará por invisibilizar essa percepção, uma vez que ela compreenda que é *imatura* para suportar ver. Ao atuar de maneira inconsciente no meio social, ela gera contextos relacionais prisionais (como uma expansão de si própria) que rapidamente tornam-se estressores para ela e que a levarão a *ratificar* a necessidade de suas próprias defesas.

A perspectiva energético-política é uma *outra porta de entrada para o trabalho com as couraças e os bloqueios.* Ela inclui algumas perguntas: *O que a pessoa gera no seu campo relacional social que depois gerará as relações das quais ela irá se alimentar? Qual é o nível de consciência e responsabilidade que a pessoa tem ao notar o que produz/reproduz no seu campo socioafetivo?* São perguntas clínicas importantes. Lembro-me de duas questões que meu terapeuta trabalhou exaustivamente comigo, o que me permitiu compreender onde eu estava preso: "você faz contato com o que você gera no seu meio social?" e "você já se perguntou como as pessoas te percebem e como elas sentem a parceria com você?". Essas perguntas me motivaram por anos e esse presente trabalho é uma investigação dessas perguntas. Depois de um tempo, compreendi que elas se estendiam a outras duas: "o que você quer?" e "qual é o propósito?".

Existe uma ética e uma responsabilidade em *como* excitamos outros sistemas. Que efeitos pretendemos gerar neles com nossas intervenções? Quanto menos consciência tivermos do que geramos com nosso "como" de perseverança, pior. Em Reich, um traço de caráter é sempre social. Não há adoecimento somatopsíquico que não seja político, assim como a análise de traços de caráter estará incompleta se for pensada apenas por uma via psicopatológica. O tratamento clínico não é apolítico. Um traço de caráter mesquinho, como disse, é um traço gerado por uma história no tempo interno do corpo. Como ele é um modo de sobrevivência a um contexto (o contexto do mundo-brana onde a consciência quadridimensional está retida), se esse traço não for abordado diligentemente e flexibilizado (por contato emocional e consciência do traço), então "sempre" será um *mapa de reativação* para modular contextos sociais e respostas emocionais também.

Em outros termos, há pessoas que se referem ao processo de encouraçamento como *cristalização*, no sentido de *fixação*. Concordo com esse sentido do termo, mas não creio que exista uma necessária negatividade nisso. Constructos elétricos são cristalizações virtuais, são prismas de tempo que servem de planta baixa arquitetônica para a atualização da matéria. Utilizando as compreensões funcionais obtidas com as pesquisas de Michael Levin, sinalizei como isso ocorre no corpo a partir da formatação de redes bioelétricas e morfoespaços que servem como *memória futura* para os processos de autorregulação, crescimento e forma. Sem uma planta arquitetônica gravada no plasma da matéria viva, ela não sabe biologicamente para onde ir, em que direção deve se esforçar ou o que deve atualizar.

Por um lado, somos capazes de *com o desejo*, organizar plantas baixas arquitetônicas em nosso sistema de couraças caracteriais e musculares. Por outro, essas estruturas são apenas convecções de forças (*momenta*, impulsos) centrípetas e, portanto, é possível *desorganizar*

igualmente essas plantas baixas elétricas, *organizá-las* em outras formas, e mesmo *gerar novas*, o que faz com que nossos sistemas de autorregulação passem a "perseguir" ou se "esforçar" a outros fins de forma e função desejados. Então, de forma espontânea e sem "fazermos força", de repente percebemos que as nossas ideias, ímpetos, emoções, afetos e relações se encaixam ou se atualizam de forma diferente em nossa vida. É o *conatus* quem nos ajuda, o nosso Daimon[340], como diriam Platão ou Sócrates.

Tanto os constructos tensos quanto os relaxados são, no plasma da consciência, essas *memórias futuras*, as memórias do que ainda será atualizado. Dado que o passado é apreendido por seus *registros que duram*, o passado é uma duração catéxica que também é um *presente contínuo*, na medida em que é desejado. Portanto, no que tange ser guia de atualização para as formas e objetivos da unidade corpomental, *a forma do presente contínuo é uma memória futura que não tem duração no futuro, mas no presente*.

É como lermos um padrão caracterial como um evento futuro, justamente porque ele é um presente contínuo. Por exemplo, imaginemos uma pessoa que desenvolveu um padrão caracterial *arrogante e controlador* para sobreviver a regras dimensionais que determinam que seu final previsto é ela ser *destruída pelo menosprezo e punições por não ser capaz de fazer coisas que deveria fazer*. Imaginemos que esse padrão seja nela *forte demais*, pois recebe catexias demais devido a um alto grau de imaturidade caracterial e grande afiliação (como um acordo interno) à sua própria decisão de que é apenas assim que será capaz de escapar e

[340] Na Grécia Antiga, os Daimones eram considerados espíritos intermediários entre os deuses e os humanos, atuando como guias espirituais, protetores e agentes do destino. Também podiam ser forças benéficas ou maléficas, dependendo do contexto. Na obra *Apologia de Sócrates* (1999 [399 a.C.]), Platão relata que Sócrates menciona seu Daimon pessoal, uma voz interior que o guiava, impedindo-o de cometer erros. Esse Daimon não era uma deidade, mas uma espécie de consciência ou intuição divina, uma força interior espiritual. Já na obra *A República* (1993 [380 a.C.]), Platão apresenta o Daimon como um ente interior que estava relacionado ao destino. Por fim, no *Timeu* (1977 [360 a.C.]), o filósofo menciona que a alma humana possui uma parte divina que pode ser guiada pelo Daimon. A meu ver, todas essas descrições são bastante compatíveis com o conceito spinoziano de *conatus*, pois trata-se de um *esforço autônomo que não é consciente, no sentido de ser uma entidade independente, mas no sentido de que é catexia elétrica guiada pelos desejos ou propósitos de uma consciência, o que o torna inteligente*. Ele só é *autônomo* porque *trabalha para a própria pessoa.* As formas finais que ele deve perseguir, como estado de atualização, dependem das regras geométricas que foram desenhadas e sustentadas pelo desejo. Como expliquei na analogia que fiz na seção 5.3, o *conatus* e a consciência individuada formam uma relação de *joint venture*, de parceria e aventura compartilhada. Nesse sentido, uma parceria entre uma pessoa e seu Daimon. O *conatus* é ao mesmo tempo nosso guardião e orientador, assim como o Daimon o é. Se o Daimon se torna maligno ou um *gênio do mal*, é sempre por *desejo e pedido* de uma consciência que está aprisionada, desesperada, e que decreta a si mesma como *sem saída* e, então, recorre ao próprio *conatus* ou Daimon, para que atenda a seus desejos *enquanto está dentro de seu próprio submundo infernal*. Mas o Daimon pode ser uma força divina, que nos ensina a sustentar virtudes sem que para isso tenhamos que *lutar ou fazer força*, bastando que compreendamos que tipo de regras de realidade estamos desejando e fornecendo como parâmetro. Na meditação do Tengui, de Santana Júnior (2022), o Daimon é chamado de Dragão, uma energia divina que percorre o corpo na forma de correntes. Acredito que o Daimon e o Dragão sejam o que Spinoza denominou por *conatus*, já que é um esforço (ou propulsão/catexia) sem objeto conduzido pelo desejo em ato de uma consciência.

sobreviver. Portanto, enquanto essa decisão durar, esse padrão caracterial, que é um constructo prisional, também *estará sempre sendo* o futuro dessa pessoa.

No constructo ou projeto de realidade não é a memória *do passado* que dita as regras de como o futuro será, mas é a memória que *está sempre sendo*, enquanto que os desejos que a organizam não mudam. Isso significa que o padrão de comportamento caracterial que uma pessoa porta em si como *guia agora* indica como será o comportamento dela no presente, em outras situações futuras e em diversos campos diferentes da vida, como nas relações de trabalho, amorosas, com o conhecimento, com seus desejos e objetivos de vida, dentre outros. Esse padrão sempre será forte, tanto quanto seja forte a *necessidade* para que ele exista como acordo interno e promessa de segurança e estabilidade.

Dito isso, é certo que uma pessoa pode aprender a escolher qual de seus padrões gerados será utilizado como *ponto de origem* para seu pensamento, de modo que não fique restrita e condicionada a apenas um deles. A mudança de maturidade, a mudança de decisão e a mudança de ponto de origem onde o sentimento, o pensamento e a ação são necessários, *não destroem as construções prisionais já geradas, apenas as tornam irrelevantes*. Uma pessoa pode aprender a gerar outros espaços-tempos dentro de si, aprender a se translocar para eles e exercer seu centro de gravidade neles, ao aprender a relaxar nessas construções menos tensas, isto é, aprender a *ficar* nelas sem se dispersar.

Felizmente, como as formas dimensionais prismáticas são desejos, elas podem ser dissolvidas, irradiadas e expandidas, logo, um constructo apenas é perene tanto quanto dure seu desejo de coesão nessa forma específica. Em outros termos, a perenidade dos constructos prisionais crônicos é o sistema de couraças crônicas do plasma da consciência.

Aqui falo da *consciência vortexial* como um todo, que se expressa em uma estrutura aproximada de partes conjuntas de uma *galáxia espiral*: o núcleo galáctico (centro, fulcro ou cerne da superposição, por onde os influxos do *conatus* são recebidos [imagine um *buraquinho*]), o bulbo galáctico, que é a estrutura esférica ao redor do núcleo (a forma do cerne, que é a forma mais livre e espontânea da nossa consciência individuada), o disco galáctico (estrutura giratória ao redor do núcleo que distribui, convecciona e reconvecciona as catexias do *conatus*, onde duram e são retidos os constructos), o halo galáctico (que são os campos relacionais e contextos sociais gerados pela expansão e determinações gerativas do disco galáctico) e a coroa galáctica (camada mais exterior do caráter que dissipa e emana a energia de expressão das formas de todas as estruturas anteriores, simultaneamente).

Cabe dizer que os influxos do *conatus* são recebidos pelo cerne, mas a própria superposição ou consciência vortexial recebe múltiplos fluxos constantemente, derivados de

vetores ou correntes cósmicas advindos de outras superposições ou consciências vortexiais. Tais vetores exercem *pressões do exterior*, com maiores e menores velocidades e diferentes tipos de informação, *mas os que são copiados (e reproduzidos continuamente) e não debelados e dissipados são aqueles que são desejados, por necessidade, pela própria consciência*.

As informações e excitações absorvidas do exterior, dessa maneira, são integradas ao disco galáctico e utilizadas para propósitos econômico-energéticos de perseverança da consciência. É dessa maneira que fluxos que chegam do exterior tornam-se *influxos* e tornam-se retidos internamente. Pensarmos em *cópia e reprodução internas* nos ajuda a prevenir o risco de nos sentirmos *vítimas* quando portamos constructos e informações absorvidas do exterior, dentro de nós. As impressões que recebemos do meio ambiente e as que *duram* dentro de nós *não têm relação direta uma com a outra. Elas duram porque decidimos selecionar, reter e reproduzir partes dessas informações/excitações recebidas dentro de nós*.

Por isso, a consciência vortexial não contém apenas estabilizações de padrões de forma dentro de si, mas contém o fulcro ou cerne desse vórtex que *não é constrito por formas dimensionais*. Ele é a passagem por onde os influxos do *conatus* penetram na consciência e se estruturam nela conforme suas necessidades. A inserção de "*indeterminação na matéria*", como disse Albertini (2003, p. 82, grifos nossos), ao referir-se ao *élan vital* de Bergson, penetra pelo centro da superposição cósmica, ao qual Reich chamou de *cerne biológico*.

O cerne é o centro da bios (βίος, *víos*), da vida dessa forma-consciência específica. Não é necessariamente o centro do corpo biológico, mas o centro da unidade funcional corpomental que é a consciência vortexial individuada. *Energeticamente, é o que chamamos de Coração*. Por isso, não apenas as dissoluções prismáticas são fonte de libertação da consciência, quanto também o é a *decisão de caminhar em direção ao cerne*, ao fulcro da superposição. Reich já havia previsto isso: a verdadeira liberdade é obtida ao se desfazer as amarras crônicas e saber caminhar, para dentro de si, na direção do próprio cerne biológico.

Cabe dizer que maturidade e imaturidade caracterial não são posições absolutas em uma pessoa, são *prevalências*. Pode haver partes nossas que se superpõem e se imiscuem de maneira inconsciente com nossa parte que habita o aqui e agora corrente, de modo a sentirmos, pensarmos e agirmos reativamente sem sabermos quando-onde estamos. E existem partes nossas que, ao tentarem sobrepujar, anular ou sobrepor (*override*) nossa consciência do aqui e agora, nos acendem um alerta e, então, paramos esse processo de sobreposição. Isso depende, em grande parte: 1. de quantas distinções fomos capazes de gerar a respeito dos infernos que portamos dentro e como eles funcionam e se expressam, e 2. de quantas tensões fomos capazes de dissipar e equalizar, bem como quantas admoestações (automolestações) fomos capazes de

debelar. Esses dois pontos podem ter sido conquistados através de experiências durante a vida e/ou catalisados por processos terapêuticos, clínicos e/ou de autoconhecimento bem-sucedidos.

Uma pessoa, de modo geral, *imatura*, possui *muitas* dessas consciências aprisionadas tomando o controle do aqui e agora *com frequência*, em um processo de *invisibilização ou inconscientização* de si, isto é, de como esses processos estão ocorrendo. Uma pessoa, de modo geral, *madura*, possui poucas consciências aprisionadas que buscam soprepujar e tomar controle, porque seus estados de pânico internos ou inexistem ou são trabalhados e notadamente reduzidos. Também há um maior estado de alerta em relação *aos acordos que gera dentro de si e com os desejos inconscientes e imaturos de outras pessoas no meio social*. Em geral, uma pessoa *madura* sente a necessidade de buscar esses processos de conhecimento dentro de si. Já uma pessoa com um grau maior de *maturidade* busca fazer contato, relaxar e *conveccionar sua presença* na direção de seu *cerne*. Essa posição de maturidade não se torna estabelecida, mas é desejada continuamente. Se esse desejo e exercício mudarem, então ela passará a construir outros tipos de constructo e estará submetida às regras dimensionais deles.

Flexibilizar a couraça *muscular* é tão necessário quanto conscientizar, por meio do contato, os traços de caráter sociais e os lugares onde as consciências estão presas. A somatopsicopatologia gera política a todo tempo. Quando pensamos em uma "psicoterapia corporal" é comum pensarmos nas intervenções sobre o corpo e nas ativações emocionais com o corpo e isso nos conduz ao risco de pensarmos a clínica por parâmetros individuais ou relacionais com o terapeuta no *setting*, *mas não por parâmetros sociais*. Nesse sentido, o termo "psicoterapia corporal" pode ser um termo capcioso, pois corre o risco de remover a dimensão política. Pode haver a ideia de que a política *faz parte* do contexto reichiano, mas isso pode não acontecer na prática clínica. Como disse, aprendi esse ponto de vista com Rudi Reali, que foi meu terapeuta didata na EFEN e trabalhou muitos anos com Navarro. Ele ensinou: "uma das maneiras mais diretas de fazer uma pessoa lidar com os seus traços de caráter, é fazê-la olhar para o que esses traços fazem com o outro". Por experiência própria, posso afirmar que é uma intervenção muito potente e direta de tratamento.

Uma necessidade é sempre de auto-organização, autorregulação e autogestão, pois é a capacidade de um sistema membranático *aferir* o que necessita e *propelir* energeticamente na direção do que necessita, assim como propelir novos engenhos, isto é, dispositivos dentro de si, com a possibilidade de ejetá-los ou expandi-los para fora de si. O Si, como disse, é uma delimitação membranática: de uma necessidade, de uma focalização e de uma autorregulação. Uma superposição cósmica organizada é uma consciência em ato.

O *conatus* é um "empréstimo" que tomamos das correntes cósmicas, pois já nascemos imersos dentro delas. De uma maneira spinoziana e um tanto hermética, poderíamos dizer que *o conatus é o amor de Deus em ato*. É o empréstimo da potência infinita de Deus para que todos os seres sejam capazes de gerar a partir do que necessitam e realizar os engenhos que necessitam. As correntes cósmicas do *conatus* fluem dentro do Si-sistema e tornam-se uma *joint venture* com ele. Nós reconveccionamos essas correntes para moldar nossos ímpetos, nossos engenhos/dispositivos, nossas autorregulações, nossas formas de corpo, nossas formas de mente, nossas ondas de excitação e nossas emoções bioenergéticas. Essas focalizações inteligentes do *conatus* (cósmico) são nossa consciência individual. Por isso, nada *tem conatus*, assim como nada *tem self*. Os sistemas viventes são *conatus* focalizados, auto-organizados e são *selves*, mas não há nenhuma posse, apenas condições *ad hoc* e temporárias.

A questão é que todos nós somos demiurgos, fazemos e desfazemos universos prisionais. Os impactos emocionais não metabolizados (convulsionados clonicamente, irradiados e liberados) em momentos ontológicos de imaturidade e poucos recursos internos de posicionamento, enfrentamento e ajuste social, *conduzem ao pânico* e o pânico conduz às autopunições, autoadmoestações e cisões de realidade como esperança de controlar os estados de pânico. Essas *esperanças mistificadas* e *fixidezes de controle*, por meio de tensões, por sua vez, levam à geração e à duração de constructos prisionais. Essa é uma sequência causal que ocorre *todos os dias*, em larga escala, no mundo.

Todos os seres são *acumuladores orgonóticos*, como disse Reich, por isso todos são *geradores de energia*. Eles concentram em si, centripetamente, por necessidade e desejo, os influxos vitais que recebem na forma de *desejo e amor da Mente de Deus* e os *redistribuem igualmente*, segundo suas necessidades e desejos. Todos os seres são *estações de concentração e redistribuição de energia contínua* e isso *bombeia* os fluxos e influxos do Universo através de correntes cósmicas. Como disse em *Para conhecer, escute seu corpo* (Carnero, 2021), "a fórmula do orgasmo é uma *bomba negentrópica*, isto é, ciclos constantes de tensão-carga-descarga-relaxamento mantêm o[s] sistema[s] vivo[s] em um contínuo metabolismo de energia vital (orgone)" (p. 299). Isso parece estar em acordo com a proposta cosmológica de formação das estrelas no Universo Elétrico, como vimos no Capítulo 3 (seção 3.3), e sua redistribuição através das Correntes de Birkeland pelo Universo. É um Universo que *pulsa* porque ele concentra e redistribui, concentra e redistribui. Esse *processo orgástico cósmico* também é *conatus*.

Spinoza certamente não denominou o *conatus* como correntes cósmicas, nem Reich o fez, mas essa é a hipótese que estou defendendo, quando digo que: 1. o *conatus* tem um

propósito diretamente divino; 2. ele é propulsivo como convecções de ondas; 3. ele gera desejos centrípetos (de contração) e desejos centrífugos (de expansão); 4. o *conatus* pode existir de maneira *aberta* e *fechada* em sistemas metaestáveis; e 5. o *self* e o *conatus* (esforço) são ambos desejo em ato. Por isso, falamos em sistemas auto-organizados, pois são conscientes em ato, não conscientes reflexivamente.

Há também os sistemas entendidos como não auto-organizados, mas isso tampouco significa que não tenham consciência. Se existem, perseveram em ato, estão em Deus, portanto, são superposições de correntes. O mesmo *conatus*/onda, que é a força de coesão e de perseverança dos sistemas ditos não auto-organizados, é o *conatus*/onda dos sistemas ditos auto-organizados. Não pode haver dois tipos diferentes de *conatus*. Isso significa que a diferença entre uma cadeira e um verme que se move é que ambos *são e modulam uma força cósmica dentro de si*, contudo, o *conatus* da primeira *está confinado por regras geométricas muitíssimo mais estritas do que o conatus do segundo.* Não são propriedades do *conatus* de cada um, mas da *forma do processo de individuação de cada um.* As regras geométricas da cadeira são tão estritas que elas são apenas capazes de permitir durar de algumas maneiras, mas não gerar os recursos que necessita para se auto-organizar, reparar, evoluir. A meu ver, a diferença está nas regras branáticas.

As regras são o princípio de funcionamento comum de todas as prisões e não há como estar nesse universo em que estamos sem estarmos contidos por alguns sistemas de regras. Assim, a questão do conhecimento mais importante, que também é a questão política mais importante e a questão gnóstica mais importante é: como podemos modificar as prisões e libertar-nos em direção a Deus? Uma maneira são os processos contínuos de *desconfigurar (formas densas e disfuncionais), retificar (tensões e delusões) e reconfigurar (formas em ordens mais funcionais).* O que é chamado na Bíblia de *inferno* ou de *céu* são estados vibracionais e eles dependem do quanto aderimos a prisões densas e profundas ou quanto desejamos, *por meio de relaxamento e imperium*, libertar-nos delas.

Nossa questão, enquanto *Homo sapiens sapiens* (o homem que sabe que sabe ou, pelo menos, que é capaz de saber, caso assim o deseje) é *quão clara* é nossa compreensão do que estamos gerando e o que queremos gerar. O primeiro passo para isso é aprendermos a sair das relações dramáticas do *triângulo do drama*. Se eu digo: "as coisas me acontecem e eu não participo delas", cabe observar se isso não é uma posição de *vítima inconsciente*. Se eu digo: "eu participo da produção de alguns fenômenos, mas não tenho nada a ver com isso", cabe verificar se não há uma posição de *algoz inconsciente*. E se eu digo: "eu vejo muitas coisas erradas e disfuncionais no mundo, mas sou superior a elas e não participo delas", cabe verificar

se não há uma posição de *salvador inconsciente*. Repetirei uma frase de Reich que expressa a necessidade dos exercícios de *auto-observação*: "*o prazer e a alegria da vida são inconcebíveis sem luta, sem experiências dolorosas e desagradáveis autoavaliações*" (Reich, 1988, p. 175, grifos do autor). A maior parte dos mestres, de diferentes tradições espirituais e de autoconhecimento, assim como Cristo, apontou para um único eixo de observação repetidamente: *postura, postura e postura*. Qual é a postura de sua ação? De seu pensamento? De seu sentir? E o que você faz de prático com elas?

Se possuímos capacidades de gerar realidades através de convecções elétricas ("eixo do orgasmo") e histórias com ou sem palavras ("eixo da narrativa") por meio de nossa capacidade reflexiva, ela pode tanto nos aprisionar em mundos-brana com durações longuíssimas, quanto pode nos dar possibilidades de gerar espaços com maiores possibilidades de gerar conexão com Deus. A chave, como disse, É PODERMOS SABER O QUE SENTIMOS, POR QUE SENTIMOS E QUAL É O PROPÓSITO DO QUE SENTIMOS. Essa é a bússola que nos possibilita *imperium* ou autodeterminação.

Por fim, creio que toda a tese político-energético-gnóstica de Reich está resumida em *O assassinato de Cristo* (Capítulo I – A armadilha), onde expõe o problema da servidão humana:

> Por onde lançamos nossos olhares, vemos o homem correndo em círculos, como se, preso numa armadilha, tentasse em vão escapar de sua prisão e de seu desespero. *Escapar de uma armadilha é possível*. Mas, para alguém sair de uma prisão, primeiro precisa reconhecer que *está numa prisão. A armadilha é a estrutura emocional do homem, sua estrutura de caráter*. Pouco adianta elaborar sistemas de pensamento sobre a natureza da armadilha, quando a única coisa para sair da armadilha é conhecê-la e encontrar a saída (Reich, 1999 [1953], p. 4, grifos do autor).

A armadilha são os espaços e tempos da couraça que geramos para sobreviver. Por isso, só há uma maneira de escapar: perseverar em direção a Deus, pelo êxtase, pelo relaxamento e pela geração de amor e comunhão com as pessoas. Ao fazermos isso, automaticamente dirigimos nossas consciências para mundos-brana de maior bem-aventurança e passamos a habitar neles.

REFERÊNCIAS

3 POWERS. Disponível em: https://3powers.mystrikingly.com/. Acesso em: 19 fev. 2025.

ADEE, Sally. **We are electric**: the new science of our body's electrome. Edinburgh: Canongate Books, 2023.

ADVENTURES in Awareness. Events, courses, podcasts and other resources to support curious and courageous enquiry in the nature of self, perception and reality. Disponível em: https://www.youtube.com/@adventuresinawareness. Acesso em: 19 fev. 2024.

ALBERTINI, Paulo. **Reich**: história das idéias e formulações para a educação. São Paulo: Ágora, 1994.

ALBERTINI, Paulo. Reich e a possibilidade do bem-estar na cultura. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 61-89, 2003. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0103-65642003000200006. Acesso em: 29 jan. 2023.

ALBERTINI, Paulo. **Na psicanálise de Wilhelm Reich**. Tese (Livre-Docência) – Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

ALFVÉN, Hannes. **Cosmic plasma**. Boston: D. Reidel Publishing Company, 1981.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**: DSM-5-TR. 5. ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2023.

ANDREASEN, Nancy. **Admirável cérebro novo**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

BACH, Edward. **Os remédios florais do Dr. Bach**: incluindo cura-te a ti mesmo. Uma explicação sobre a causa real e a cura das doenças e os doze remédios. São Paulo: Pensamento, 1990.

BAKER, Elsworth F. **O labirinto humano**: as causas do bloqueio da energia sexual. São Paulo: Summus, 1980.

BARRETO, André Valente. **A revolução das paixões**: os fundamentos da psicologia política de Wilhelm Reich. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2000.

BARRETO, André Valente. **A luta encarnada**: corpo, poder e resistência nas obras de Foucault e Reich. 2007. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2007.

BBC. **Homeopathy**: The Test: programme summary. 26 nov. 2002a. Disponível em: https://www.bbc.co.uk/science/horizon/2002/homeopathy.shtml. Acesso em: 26 fev. 2024.

BBC. **Homeopathy**: The Test: transcript. 26 nov. 2002b. Disponível em: https://www.bbc.co.uk/science/horizon/2002/homeopathytrans.shtml. Acesso em: 26 fev. 2024.

BEDANI, Ailton. **Energética e epistemologia no nascimento da obra de Wilhelm Reich**. 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia de São Paulo, São Paulo, 2007.

BERGSON, Henri. **Ensaio sobre os dados imediatos da consciência**. Lisboa: Edições 70, 1988.

BERGSON, Henri. **O pensamento e o movente**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BERTANI, Silvia. Irmão vota em irmão. **Veja**, 17 set. 2018. Disponível em: https://complemento.veja.abril.com.br/pagina-aberta/irmao-vota-em-irmao.html. Acesso em: 26 set. 2024.

BÍBLIA Sagrada. Tradução: João Ferreira Almeida. Rio de Janeiro: King Cross Publicações, 2008.

BLACKISTON, Douglas J.; LEVIN, Michael. Ectopic eyes outside the head in Xenopus tadpoles provide sensory data for light-mediated learning. **The Journal of Experimental Biology**, v. 216 (Pt 6), p. 1031-1040, 2013. Disponível em: https://doi.org/10.1242/jeb.074963.

BLACKISTON, Douglas J.; SHOMRAT, Tal; LEVIN, Michael. The stability of memories during brain remodeling: A perspective. **Communicative & Integrative Biology**, v. 8, n. 5, e1073424, 2015.

BONARDEL, Françoise. **Filosofar pelo fogo**: antologia de textos alquímicos. Tradução: Idalina Lopes. São Paulo: Madras, 2012.

BOVE, Laurent. Spinoza e a questão ético-social do desejo: estudos comparativos com Epicuro-Lucrécio e Maquiavel. **Fractal**, Revista de Psicologia, v. 24, 3, dez. 2012. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1984-02922012000300002. Acesso em: 31 jan. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS)**. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/saps/pics. Acesso em: 15 mar. 2024.

BREAKING the Science Barrier: The Electric Universe's Bold Push Against "Big Science" (Full Movie). 1 vídeo (1h:36min:42s). Disponível em: https://youtu.be/kXVhWWpfTb8?si=yzQ2D43FD32pK6Ub. Acesso em: 19 fev. 2025.

BRENNER, Eric *et al*. Plant neurobiology: an integrated view of plant signaling. **Trends in Plant Science**, v. 11, n. 8, p. 413-419, 2006. Disponível em: https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1360138506001646. Acesso em: 3 jan. 2024. DOI: http://dx.doi.org/10.1016/j.tplants.2006.06.009.

BURGIERMAN, Denis Russo. **O fim da guerra**: a maconha e a criação de um novo sistema para lidar com as drogas. São Paulo: Leya, 2011.

BUSSE, Sera M.; MCMILLEN, Patrick T., LEVIN, Michael. Cross-limb communication during Xenopus hindlimb regenerative response: non-local bioelectric injury signals. **Development**, v. 145, dev164210, 2018. DOI: https://doi.org/10.1242/dev.164210.

CALLAHAN, Clinton. **Directing the power of conscious feelings**: living your own truth. Hohm Press, 2010. Edição do Kindle.

CALLAHAN, Clinton. **Spark 227**. 2021a. Disponível em: http://sparks.nextculture.org/res/sparks/Spark-227-en.pdf. Acesso em: 13 out. 2023.

CALLAHAN, Clinton. **Healing with clarity**. 2021b. Disponível em: https://medium.com/next-culture/healing-with-clarity-af3f2c7c82ed. Acesso em: 8 ago. 2022.

CALLAHAN, Clinton. **Noticing**. 2022. Disponivel em: https://noticing.mystrikingly.com. Acesso em: 13 out. 2023.

CALLAHAN, Clinton. **Set Context**: Consciously establishing the basis... of each interaction. Disponível em: https://setcontext.mystrikingly.com. Acesso em: 16 mar. 2024.

CALLAHAN, Clinton. **Sentimentos conscientes**: um guia para uma revolução pessoal, relacional e cultural. Tradução: Luís Trindade. [*S. l.*]: Possibility Management, 2025.

CÂMARA, Marcus Vinicius. A propósito da (des)construção de alguns conceitos na teoria de Wilhelm Reich: a perspectiva deleuzeana. *In*: GIBIER, Luiz; MALUF Jr., Nicolau (org.). **Reich contemporâneo**: perspectivas clínicas e sociais. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1998. Disponível em: https://ifp-wreich.com.br/wp-content/uploads/2022/07/Cap.Livro-A-proposito-da-desconstrucao.pdf. Acesso em: 4 jan. 2024.

CÂMARA, Marcus Vinicius. **Reich**: grupos e sociedade. São Paulo: Annablume, 2009.

CARNERO, José Vicente. **Para conhecer, escute seu corpo**: diálogos entre Wilhelm Reich e Baruch Spinoza. Curitiba: Editora UFPR, 2021.

CESSE NETO, João da Mata Rosa. **A arte-luta da capoeira angola e práticas libertárias**. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

CHAMOVITZ, Daniel. **O que uma planta sabe**: um guia de campo para os sentidos vegetais. Tradução: Cláudia Gerpe Duarte. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2013.

CHANG, Liangtang, ZHANG, Shikun; POO, Mu-ming; GONG, Neng. Spontaneous expression of mirror self-recognition in monkeys after learning precise visual-proprioceptive association for mirror images. **Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America**, v. 114, p. 3258-3263, 2017. DOI: https://doi.org/10.1073/pnas.1620764114.

CHAUI, Marilena. Imperium ou moderatio? **Cadernos de História e Filosofia da Ciência**, Campinas, Série 3, v. 12, n. 1-2, p. 9-43, jan./dez. 2002.

CHAUI, Marilena. **Espinosa**: uma filosofia da liberdade. São Paulo: Moderna, 2005.

CHAUI, Marilena. **Contra a servidão voluntária**. Organizador: Homero Santiago. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

CHIKRAMANE, Prashant Satish; SURESH, Akkihebbal K.; BELLARE, Jayesh Ramesh, KANE, Shantaram Govind. Extreme homeopathic dilutions retain starting materials: a nanoparticulate perspective. **Homeopathy**, v. 99, issue 4, p. 231-242, 2010.

CHURCHLAND, Patricia S.; SEJNOWSKI, Terrence J. **The computational brain**. Cambridge, MA: The MIT Press, 1992.

CIÊNCIA marginal. *In*: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Editada pela última vez em 28 de agosto de 2024. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ci%C3%AAncia_marginal. Acesso em: 10 out. 2024.

CLARAGE, Michael. **Michael Clarage**: Why it is worthwhile to change my experience of time? [RTF Lecture]. Rising Tide Foundation, 2023. Vídeos de conferência (1h:43min:17s). Disponível em: https://youtu.be/5LnL--2VshU?si=qys0HvFuaQFViDse.

CONSCIOUSNESS. **Crises; general/specific; responsibility; matrix; will; observation; waking state; experiments**. Disponível em: https://consciousness.mystrikingly.com/. Acesso em: 18 fev. 2025.

COSTA, Marcelo; ALMEIDA, Felipe. O corpo intensivo e a educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 40, n. 1, p. 3-9, 2018. Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.rbce.2017.06.002. Acesso em: 6 out. 2023.

COSTA, Magali de Moraes Rego; SIGELMANN, Élida. O problema da consciência no pensamento de Wilhelm Reich. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 51, n. 3, p. 60-74, 1999.

CRICK, Francis; KOCH, Christof. Towards a neurobiological theory of consciousness. **Seminars in the Neurosciences**, v. 2, p. 263-275, 1990.

CURT JAIMUNGAL. Theories of Everything. Exploring theoretical physics, consciousness, Ai, and God in a rigorous (and playful) manner. Disponível em: https://youtube.com/@theoriesofeverything. Acesso em: 15 fev. 2024.

DELEUZE, Gilles. O que é um dispositivo? *In*: DELEUZE, Gilles. **O mistério de Ariana**. Lisboa: Veja, 1996. p. 83-96.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. São Paulo: Graal, 2006a.

DELEUZE, Gilles. **A lha Deserta e outros textos**. Tradução: Luiz B. Orlandi. São Paulo: Editora Iluminuras, 2006b.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução: Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2006c.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. v. 2.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996. v. 3.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo**: capitalismo e esquizofrenia 1. Tradução: Joana Varela e Manuel Maria Carrilho. Lisboa: Assirio & Alvim, 2004.

DISTINCTION. You have the capacity to distinguish. Disponível em: https://distinction.mystrikingly.com/. Acesso em: 16 fev. 2024.

DYCZKOWSKI, Mark S. G. **A doutrina da vibração**: uma análise da filosofia espiritual do shivaísmo da Caxemira. Tradução: João Carlos B. Gonçalves. Edição independente, 2023.

EHRET, Matthew. **Science unshackled**: restoring causality in a world of chaos. 2023. Disponível em: https://amz.onl/9QlktK5.

FARAH, Martha. The neural basis of mental imagery. *In*: GAZZANIGA, M. S. (org.). **The Cognitive Neurosciences**. Cambridge: MIT Press, 1999.

FERREIRA, Wilson. **O caos semiótico**: ensaios críticos de estudos da comunicação. São Paulo: Livrus, 2010.

FERRI, Genovino; CIMINI, Giuseppe. **Psicopatologia e caráter**: a psicanálise no corpo e o corpo na psicanálise. São Paulo: Editora Escuta, 2011.

FERRI, Genovino. Anxiety and Panic in Reichian Analysis. **International Body Psychotherapy Journal: The Art and Science of Somatic Praxis**, v. 11, n. 1, p. 41-50, 2012.

FERRI, Genovino. Ansia, angoscia e panico: una psicoterapia tra corpo, neuroscienze e psicopatologia. **Psicoterapia Analitica Reichiana**: Rivista semestrale dela Società Italiana di Analisi Reichiana, n. 1, 2019. Disponível em: https://www.analisi-reichiana.it/psicoterapiaanaliticareichiana/index.php/21-rivista/numero-1-2015/144-ansia-angoscia-e-panico.

FERRI, Genovino. **O tempo no corpo**: ativações corporais em psicoterapia. Curitiba: Appris, 2022.

FERRI, Genovino. I 500 giorni della relazione oggettuale primaria:Nocicezione e dolore. **Psicoterapia Analitica Reichiana**: Rivista semestrale dela Società Italiana di Analisi Reichiana, n. 2, 2023. Disponível em: https://www.analisi-reichiana.it/ psicoterapiaanaliticareichiana/index.php/home-page/35-rivista/numero-2-2020/335-i-500-giorni-della-relazione-oggettuale-primaria-nocicezione-e-dolore.

FEYNMAN, Richard P. **The Character of Physical Law**. Cambridge: The MIT Press, 1965.

FEYNMAN, Richard P. **QED**: a estranha teoria da luz e da matéria. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Intrínseca, 2018. [publicado originalmente em 1985].

FIELDS, Chris; LEVIN, Michael. Competency in navigating arbitrary spaces as an invariant for analyzing cognition in diverse embodiments. **Entropy**, v. 24, n. 819, 2022. DOI: https:// doi.org/10.3390/e24060819.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução: Roberto Machado. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

FOUCAULT, Michel. Sobre a genealogia da ética. *In*: ESCOBAR, Carlos Henrique (org.). **O dossier**: últimas entrevistas. Rio de Janeiro: Taurus, 1984. p. 7-40.

FRANCO, Vera. **Navigating into territories of fear**. Possibility Management, 2021a. Workshop. 1 vídeo (1h55min). Disponível em: https://youtu.be/Tzz_-VpcIZY?si=_Svd0iT6keQ17evm.

FRANCO, Vera. **It's not your fear that cripples you**. Medium, 2021b. Disponível em: https://medium.com/@veraluisafranco/its-not-your-fear-that-cripples-you-7f18f4f44735.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio de prazer (1920)**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 18.

FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão**. Porto Alegre: L&PM, 2010.

GAIAN GAMEWORLDS. **Gameworld Theory**. Disponível em: https://gameworldtheory.mystrikingly.com/. Acesso em: 11 jun. 2023.

GAMEWORLD BUILDER. **Gameworlds**? Disponível em: https://gameworldbuilder.mystrikingly.com/. Acesso em: 11 jun. 2023.

GIL, José Nuno. **Metamorfoses do corpo**. Lisboa: Relógio d'Água; 1997.

GIL, José Nuno. **Movimento total**: o corpo e a dança. Lisboa: Relógio d'Água, 2001.

GIL, José Nuno. O corpo paradoxal. *In*: LINS, D.; GADELHA, S. (ed.). **Nietzsche e Deleuze**: o que pode o corpo. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002. p. 131-47.

GIL, José Nuno. Abrir o corpo. *In*: FONSECA, T. M. G.; ENGELMAN, S. (ed.). **Corpo, arte e clínica**. Porto Alegre: UFRGS; 2004. p. 13-28.

GUATTARI, Félix. **Caosmose**: um novo paradigma estético. São Paulo: Editora 34, 1992.

GUATTARI, Félix. El nuevo paradigma estético. *In*: SCHNITMAN, D. Fried. **Nuevos paradigmas, cultura y subjetividad**. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1994.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

GOETHE, Johann Wolfgang von. **Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister**. Tradução: William Lagos. São Paulo: Editora Unesp, 2016. [1795-1821].

GOETHE, Johann Wolfgang von. **Fausto**: uma tragédia. Tradução: Jenny Klabin Segall. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018. [Parte I, 1808 e Parte II, 1832].

GOETHE, Johann Wolfgang von. **A metamorfose das plantas**. Tradução: Maria Filomena Molder. São Paulo: Edipro, 2019. [1790].

GÜMBEL, Dietrich. **Fundamentos da terapia holística com óleos essenciais das plantas**. São Paulo: Editora Laszlo, 2016.

GUROWITZ, Edward M. Energy considerations in treatment of the drama triangle. **Transactional Analysis Bulletin**, v. 8, n. 1, p. 16-18, 1978. DOI: https://doi.org/10.1177/036215377800800104.

HAHNEMANN, Samuel. **Organon da arte de curar**. Tradução para o português da 6ª edição alemã. São Paulo: G. E. H. Benoit Mure, 2007.

HAMZELOU, Jessica. Bioelectric tweak makes flatworms grow a head instead of a tail. **New Scientist**, v. 23, maio 2017. Disponível em:

https://www.newscientist.com/article/2132148-bioelectric-tweak-makes-flatworms-grow-a-head-instead-of-a-tail/ . Acesso em: 7 jun. 2024.

HARDING, Emma J.; PAUL, Elizabeth S.; MENDL, Michael. Animal behavior: cognitive bias and affective state. **Nature**, v. 427, p. 312, 22 jan. 2004.

HARRIS, Annaka. **Conscious**: a brief guide to the fundamental mystery of the mind. New York: Harper Collins, 2019.

HARRIS, Annaka. **Science is shattering our intuitions about consciousness**. Big Think interview, 22 nov. 2024. 1 vídeo (10min13s). Disponível em: https://youtu.be/m0UjqT45JsQ. Acesso em: 24 nov. 2024.

HEIL, Martin. Indução de defesas indiretas em plantas: dos mecanismos ao ecossistema. *In*: **Chemical ecology**: the ecological impacts of plant secondary metabolites. Berlim: Springer, 2008. p. 360-386.

HIGGINBOTHAM, Adam. The Unbelievable Skepticism of the Amazing Randi. **The New York Times Magazine**, 7 nov. 2014. Disponível em: https://www.nytimes.com/2014/11/09/magazine/the-unbelievable-skepticism-of-the-amazing-randi.html. Acesso em: 16 fev. 2023.

HOSSENFELDER, Sabine. **Lost in Math**: how beauty leads physics astray. New York: Basic Books, 2018.

HUANG LONG INSTITUTO. **Seminário Internacional de Qi Gong Médico - Nível I**. 1 vídeo (1min:41s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=y_icxGgYjRc. Acesso em: 19 fev. 2025.

HUR, Domenico Uhng. **Psicologia, política e esquizoanálise**. 2. ed. Campinas: Alínea, 2019. *e-PUB*.

HUSSERL, Edmund. **Leçons pour une phénoménologie de la conscience intime du temps**. Traduction: Henri Dussort. Paris: Presses Universitaires de France, 1964.

IMPROBABLE RESEARCH. **Ig® Nobel Prize Winners**. Disponível em: https://improbable.com/ig/winners/. Acesso em: 15 fev. 2023.

INGOLD, Tim. The textility of making. **Cambridge Journal of Economics**, Cambridge (UK), v. 34, n. 1, p. 91-102, 2010.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 18, n. 37, p. 25-44, 2012.

JAFFE, Lionel; NUCCITELLI, Richard. An ultrasensitive vibrating probe for measuring steady extracellular currents. **The Journal of Cell Biology**, v. 63, p. 614-628, 1974. DOI: https://doi.org/10.1083/jcb.63.2.614.

JAMES, William. **As variedades da experiência religiosa**: um estudo sobre a natureza humana. São Paulo: Cultrix, 2017.

JAMES RANDI EDUCATIONAL FOUNDATION (JREF). **JREF Status**. 9 jan. 2015. Disponível em: https://web.randi.org/home/jref-status. Acesso em: 08 fev. 2023.

JAMES Randi, Magician Who Debunked Paranormal Claims, Dies at 92. **The New York Times**, Obituaries, 21 out. 2020. Disponível em: https://www.nytimes.com/2020/10/21/obituaries/james-randi-dead.html. Acesso em: 16 fev. 2023.

JAMMER, Max. **Conceitos de força**: um estudo sobre os fundamentos da dinâmica. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2011.

JENNY, Hans. **Cymatics**: a study of wave phenomena and vibration. San Francisco: Macromedia Publishing, 2007.

JOÃO DA CRUZ, São. **Noite escura da alma**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2018.

JOB, Nelson. **Confluências entre magia, filosofia, ciência e arte**: a ontologia onírica. Rio de Janeiro: Cassará, 2013.

JOB, Nelson. **Vórtex**: modulações na unidade dinâmica. [*S. l.*: *s. n.*], 2021a. Edição do Kindle.

JOB, Nelson. **Por uma clínica da ninguendade**: programa de libertação da esquizoanálise. Instituto Gregório Baremblitt, 2021b. Disponível em: https://igbbh.com.br/por-uma-clinica-da-ninguendade/. Acesso em: 10 out. 2023.

JOHNSON, Bob; JOHNSON, Jim. **Essential Guide to the EU – Chapter 6**: Currents, Filaments and Pinches. 06 dez. 2011. Disponível em: https://www.thunderbolts.info/wp/2011/12/06/essential-guide-to-the-eu-chapter-6/. Acesso em: 07 fev. 2024.

JOHNSON, Bob; JOHNSON, Jim. **Essential Guide to the EU – Chapter 8**: Current Sheets, Perpendicular Currents and Electric Circuits. 17 jan. 2012. Disponível em: https://www.thunderbolts.info/wp/2012/01/17/essential-guide-to-the-eu-chapter-8/. Acesso em: 07 fev. 2024.

JORDAN, Henry; NAVARRO, Daniel M.; STRINGER, S. The formation and use of hierarchical cognitive maps in the brain: a neural network model. **Network**, v. 31, n. 1-4, p. 37-141, fev./nov. 2020. DOI: 10.1080/0954898X.2020.1798531. PMID: 32746663.

JUNIUS, Manfred. **Espagiria**: introdução à preparação alquímica das substâncias vegetais. São Paulo: Editora Laszlo, 2019.

KAKU, Michio. **A equação de Deus**. Tradução: Alexandre Cherman. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2022. Recurso eletrônico.

KARAM, Maria Lúcia. A esquerda punitiva. **Revista Discursos Sediciosos**: Crime, Direito e Sociedade, v. 1, n. 1, p. 79-92, 1996.

KARBAN, Richard. Comunicação entre plantas: indução, emissão e percepção de sinais voláteis. *In*: KARBAN, Richard; BALDWIN, Ian T. **Induced Responses to Herbivory**. Chicago: University of Chicago Press, 1997. p. 105-146.

KARPMAN, Stephen. Fairy tales and script drama analysis. **Transactional Analysis Bulletin**, v. 26, n. 7, p. 39-43, 1968. Disponível em: https://karpmandramatriangle.com/pdf/DramaTriangle.pdf.

KINUPP, Valdely Ferreira; LORENZI, Harri. **Plantas alimentícias não convencionais (PANC) no Brasil**. São Paulo: Plantarum, 2014.

KLEIN, Melanie. **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KNIGHT, Kalimah Redd; COLLINS, Patrick. **The face of a frog**: time-lapse video reveals never-before-seen bioelectric pattern. Tufts University press release, 18 jul. 2011. Disponível em: https://now.tufts.edu/2011/07/18/face-frog-time-lapse-video-reveals-never-seen-bioelectric-pattern . Acesso em: 7 jun. 2024.

KNUDSEN, Eric I., DU LAC, Sascha; ESTERLY, Steven D. Computational maps in the brain. **Annual Review of Neuroscience**, v. 10, p. 41-65, 1987. DOI: 10.1146/annurev.ne.10.030187.000353. PMID: 3551761.

KRAGH, Helge. The Vortex Atom: a Victorian Theory of Everything. **Centaurus**, v. 44, p. 32-114, 2002.

LAMME, Victor *et al*. The role of primary visual cortex (V1) in visual awareness. **Vision Research**, v. 40, issues 10-12, p. 1507-1521, 2000. DOI: https://doi.org/10.1016/S0042-6989(99)00243-6.

LEMBKE, Anna. **Nação Dopamina**: Por que o excesso de prazer está nos deixando infelizes e o que podemos fazer para mudar. São Paulo: Vestígio, 2022.

LEVIN, Michael. Bioelectric networks: the cognitive glue enabling evolutionary scaling from physiology to mind. **Animal Cognition**, v. 26, n. 6, 2023a. DOI:10.1007/s10071-023-01780-3.

LEVIN, Michael. **What is the field of Diverse Intelligence (DI)?** All Possible Intelligent Agents. Entrevista concedida a Tevin Naidu, 19 ago. 2023b. 1 vídeo (1h56min08s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kMxTS7eKkNM. Acesso em: jul. 2024.

LEVIN, Michael. **Adam named the animals in the Garden of Eden**: forms of life, forms of mind. 2024a. Disponível em: https://thoughtforms.life/adam-named-the-animals-in-the-garden-of-eden/. Acesso em: 4 maio 2024.

LEVIN, Michael. **What if you had an eye on your butt?** Forms of life, forms of mind, 2024b. Disponível em: https://thoughtforms.life/what-if-you-had-an-eye-on-your-butt/. Acesso em: 4 maio 2024.

LEVIN, Michael. Self-improvising memory: a perspective on memories as agential, dynamically reinterpreting cognitive glue. **Entropy**, v. 26, n. 4, p. 481, 2024c. Disponível em: https://www.mdpi.com/1099-4300/26/6/481. Acesso em: 5 jul. 2024.

LEVINE, Peter. **Waking the Tiger-Healing Trauma**. California: North Atlantic Book, 1997.

LEX FRIDMAN. Lex Fridman Podcast and other videos. Disponível em: https://www.youtube.com/lexfridman. Acesso em: 15 fev. 2023.

LIPTON, Bruce. **A biologia da crença**. São Paulo: Butterly Editora, 2007.

LOVELOCK, James. Atmospheric homeostasis by and for the biosphere: the Gaia hypothesis. **Tellus**, v. XXVI, p. 1-2, 1974. Disponível em: https://www.jameslovelock.org/atmospheric-homeostasis-by-and-for-the-biosphere-the-gaia-hypothesis/.

LUHMANN, Niklas. **O direito da sociedade**. São Paulo: Martins Editora e Livraria, 2016.

MACIEL JR., Auterives. **O todo-aberto**: tempo e duração em Henri Bergson. 1. ed. Rio de Janeiro: Arquimedes Edições, 2017.

MACIEL JR., Auterives. A consciência da obra de arte e o devir-outro do criador. *In*: ROSA, Luiz Pinguelli *et al*. (org.). **A transdisciplinaridade da consciência**. Rio de Janeiro: HCTE/UFRJ, 2018. Disponível em: https://www.academia.edu/59704822/A_Transdisciplinaridade_da_Consciência. Acesso em: 11 out. 2023.

MANN, W. Edward. **Orgônio, Reich & Eros**: a teoria da energia vital de Wilhelm Reich. São Paulo: Summus, 1989.

MANUILA, L. *et al*. **Dicionário médico**. Adaptação e revisão da edição portuguesa: João Alves Falcato. Lisboa: Climepsi Editores, 2004.

MARANDOLA JR., Eduardo. Lugar e lugaridade. **Mercator**, Fortaleza, v. 19, p. 1-12, 2020.

MELO, Maria de. Prefácio. *In*: FERRI, Genovino. **O tempo no corpo**: ativações corporais em psicoterapia. Curitiba: Appris, 2022.

MATA, João da. Anarquismo da vida cotidiana e subjetividades libertárias. *In*: FERREIRA, José Maria Carvalho; MATA, João da; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de. **Anarquia e**

anarquismos: práticas de liberdade entre histórias de vida. São Paulo: Nau Editora, 2021. Edição do Kindle.

MCTAGGART, Lynne. **O campo**: em busca da força secreta do universo. Tradução: Claudia Gerpe Duarte. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

MESA, Natalia. Luc Montagnier, virologist who codiscovered HIV, dies at age 89. **The Scientist**, 11 fev. 2022. Disponível em: https://www.the-scientist.com/luc-montagnier-virologist-who-codiscovered-hiv-dies-at-age-89-69699. Acesso em: 24 fev 2024.

METZINGER, Thomas. **Being no one**: the self-model theory of subjectivity. Cambridge, MA: MIT Press, 2004.

MICHAEL Levin: The electrical blueprints that orchestrate life |TED.|. The TED Talks Channel, 31 mar. 2021. 1 vídeo (19min40s). Disponível em: https://youtu.be/XheAMrS8Q1c. Acesso em: 15 fev. 2024.

MILGRAM, Stanley. **Obediência à autoridade**: um estudo experimental. Tradução: Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Blucher, 2016.

MIZOGUCHI, Danichi Hausen; SOUZA, Alice De Marchi Pereira de. A urgência das inquietações: uma improrrogável militância. **Revista Polis Psique**, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 25-48, abr. 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-152X2017000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 3 jul. 2021.

MOLLERI, Natália *et al*. Aspectos relevantes da integração sensorial: organização cerebral, distúrbios e tratamento. **Revista Neurociências**, v. 6, n. 3, jul./set. 2010.

NAVARRO, Federico. **Somatopsicodinâmica das biopatias**: interpretação reichiana das doenças com etiologia "desconhecida". Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1991.

NAVARRO, Federico. **Embriologia segundo a visão funcional**. [Manuscrito datilografado]. Arquivo do Instituto de Orgonomia Ola Raknes (IOOR), Rio de Janeiro, 1993.

NAVARRO, Federico. **Caracterologia pós-reichiana**. São Paulo: Summus, 1995a.

NAVARRO, Federico. **A somatopsicodinâmica**: sistemática reichiana da patologia e da clínica médica. São Paulo: Summus, 1995b.

NAVARRO, Federico. **Metodologia da vegetoterapía carátero-analítica**: sistemática, semiótica, semiologia, semântica. São Paulo: Summus, 1996.

NETTLE, Daniel; BATESON, Melissa. The evolutionary origins of mood and its disorders. **Current Biology**, v. 22, n. 17, local. R712-21, 2012. DOI: 10.1016/j.cub.2012.06.020. PMID: 22975002.

NEUHOF, Moran; LEVIN, Michael; RECHAVI, Oded. Vertically-and horizontally-transmitted memories: the fading boundaries between regeneration and inheritance in planaria. **Biology Open**, v. 5, n. 9, p. 1177-1188, 2016. DOI: https://doi.org/10.1242/bio.020149.

NHAT HANH, Thich. **O coração da compreensão**. São Francisco de Paula: Bodigaya, 2014.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. Tradução: Mário da Silva. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

NOVELLO, Mário. A Terceira Revolução na Física. **Cosmos & Contexto**, 6 jun. 2022. Disponível em: https://cosmosecontexto.org.br/a-terceira-revolucao-na-fisica/. Acesso em: 6 junho 2022.

OGDEN, Thomas. **Os sujeitos da psicanálise**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

OLIVEIRA, José Guilherme Couto de; SIGELMANN, Elida. O outro lado do orgon: uma complementação ao conceito proposto por Reich de uma energia cósmica universal. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 48, n. 3, p. 54-68, jul./set. 1996.

ORDINE, Nuccio. **A utilidade do inútil**. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

ORLANDI, Luiz B. L. Reich em o Anti-Édipo. **Revista Reichiana**, São Paulo, n. 15, p. 56-66, 2006.

OS TRÊS INICIADOS. O Caibalion: estudo da filosofia hermética do Antigo Egito e da Grécia. São Paulo: Editora Pensamento, 2021.

OVIEDO, Néstor J. *et al*. Long-range neural and gap junction protein-mediated cues control polarity during planarian regeneration. **Developmental Biology**, v. 339, n. 1, p. 188-199, 2009. DOI: https://doi.org/10.1016/j.ydbio.2009.12.012.

PLATÃO. **Timeu**. Tradução: Carlos Alberto Nunes. Belém: Editora Universitária UFPA, 1977. [360 a.C.].

PLATÃO. **A República**. Tradução: Maria Helena da Rocha Pereira. 7. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993. [380 a.C.].

PLATÃO. **Apologia de Sócrates**. Tradução: Jaime Bruna. São Paulo: Nova Cultural, 1999. [399 a.C.].

POLLACK, Gerald. **EZ Water Primer**. Disponível em: https://www.ebnerandsons.com/. Acesso em: 28 fev. 2024.

POPPER, Karl. **A lógica da pesquisa científica**. São Paulo: Cultrix, 1972.

PORGES, Stephen. **Teoria polivagal**: fundamentos neurofisiológicos das emoções, apego, comunicação e auto-regulação. Rio de Janeiro: Senses Aprendizagem e Comunicação, 2012.

POSSIBILITY MANAGEMENT. Upgrading Human Thoughtware. Disponível em: https://possibilitymanagement.org/home. Acesso em: 05 jan. 2019.

POURHASAN, Razieh; AFSHORDI. Niayesh; MANN, Robert B. Out of the white hole: a holographic origin for the Big Bang. **Journal of Cosmology and Astroparticle Physics**, 2014. IOP Publishing. DOI:10.1088/1475-7516/2014/04/005.

PRIGOGINE, Ilya. **O fim das certezas**: tempo, caos e leis da natureza. São Paulo: Editora Unesp, 1996.

RAKNES, Ola. **Wilhelm Reich e a orgonomia**. São Paulo: Summus, 1988.

RAMACHANDRAN, Vilayanur. Francis Crick's. **Edge**: 2006: what is your dangerous idea?. Disponível em: https://www.edge.org/response-detail/11940. Acesso em: 3 mar. 2024.

RAMALHO, Simone Aparecida. **Psicologia de massa do fascismo**: Reich e o desenvolvimento do pensamento crítico. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

RAMALHO, Simone Aparecida. **Uma alegria subversiva**: o que se aprende em uma escola de samba? 2010. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

RAMEY, Joshua. **The hermetic Deleuze**: philosophy and spiritual ordeal. Durham: Duke University Press, 2012.

RANDALL, Lisa. **Warped passages**: unraveling the mysteries of the universe's hidden dimensions. New York: Ecco Harper Collins, 2005.

RAUTER, Cristina. Clínica transdisciplinar: afirmação da multiplicidade em Deleuze/Spinoza. **Trágica**: Estudos de Filosofia da Imanência, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 45-56, jan./abr. 2015. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/tragica/article/view/26802. Acesso em: 11 out. 2022.

RAUTER, Cristina. Autonomia e subordinação do povo brasileiro no século XIX: resistência e colonização de corpos e mentes no momento da independência. **Trágica**: Estudos sobre Nietzsche, v. 14, p. 9-26, 2021.

RAZIN, Shmuel. lsolation and characterization of mycoplasma membranes. *In*: BARILE, M. F.; RAZIN, Shmuel (ed.). **The Mycoplasmas**. Academic Press, 1979. v. 1. p. 213-227.

REGO, Ricardo Amaral do. Apontamentos para uma abordagem integrada em psicoterapia reichiana. **Revista Reichiana**, v. 1, p. 100-117, 1992a.

REGO, Ricardo Amaral do. Conceitos de bioenergia. **Revista de Homeopatia**, São Paulo, v. 57, n. 1-4, p. 3-19, 1992b.

REGO, Ricardo Amaral do. A clínica pulsional de Wilhelm Reich: uma tentativa de atualização. **Psicologia USP**, v. 14, n. 2, 2003. Dossiê: Wilhelm Reich. DOI: https://doi.org/10.1590/S0103-65642003000200005.

REICH, Wilhelm. **The Oranur Experiment, First Report (1947-1951)**. Rangeley: Orgone Institute Press, 1951.

REICH, Wilhelm. **Contact with Space**: Oranur Second Report 1951-1956, OROP Desert Ea 1954-1955. Cream Ridge, NJ: Core Pilot Press, 1957.

REICH, Wilhelm. Concerning the energy of drives. **Early Writings**, v. 1: Farrar, Straus and Giroux, 1975. [Publicado originalmente em 1923].

REICH, Wilhelm. **The bion experiments on the origin of life**. Translation: Derek and Inge Jordan. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1979. [Publicado originalmente em 1938].

REICH, Wilhelm. **A função do orgasmo**. Tradução: Maria da Glória Novak. 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988. [Publicado originalmente em 1927, com edição revisada em 1942].

REICH, Wilhelm. **Orgonomic Functionalism**: A journal devoted to the work of Wilhelm Reich, v. 1. Rangeley: The Wilhelm Reich Infant Trust Fund, 1990. [Publicado originalmente a partir de trabalhos das décadas de 1940 e 1950].

REICH, Wilhelm. **Orgonomic Functionalism**: A journal devoted to the work of Wilhelm Reich, v. 3. Rangeley: The Wilhelm Reich Infant Trust Fund, 1991. [Publicado originalmente em 1944].

REICH, Wilhelm. **Análise do caráter**. Tradução: Ricardo Amaral do Rego. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. [Publicado originalmente em 1933, com edições em 1949 e 1952].

REICH, Wilhelm. **O assassinato de Cristo**: volume um de A peste emocional da humanidade. São Paulo: Martins Fontes, 1999. [Publicado originalmente em 1953].

REICH, Wilhelm. **Psicologia de massas do fascismo**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. [Publicado originalmente em 1933, com edições em 1934, 1946 e 1953].

REICH, Wilhelm. **O Éter, Deus e o Diabo seguido de a superposição cósmica**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. [Publicados originalmente em separado em 1951].

REICH, Wilhelm. **Escuta, Zé-Ninguém!** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. [Escrito originalmente em 1946 e publicado em 1948 pelo Orgone Institute Press].

REICH, Wilhelm. **A biopatia do câncer**. 1. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009. [Publicado originalmente em 1948].

REICH, Wilhelm. **The bioelectrical investigation of sexuality and anxiety**. New York: WRM Press, 2023. Edição do Kindle. [Publicado originalmente em três estudos realizados em 1934 e 1937].

RIO, Sinomar Ferreira do. **Vida e evolução no pensamento de Henri Bergson**. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Guarulhos, 2019.

ROBINSON, James. **The hypostasis of the Archons (the reality of the rulers)**. Tradução para o inglês: Bentley Layton. San Francisco: Harper Collins, 1990. Disponível em: http://www.gnosis.org/naghamm/hypostas.html. Acesso em: 10 jan. 2023.

ROCHA, Mirella. Psicologia política do racismo no Brasil: formação social e relações raciais em debate. *In*: COPENE – CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISADORES/AS NEGROS/AS, 11., 2020, Curitiba. **Anais** [...]. Curitiba: Associação de Pesquisadores(as) Negros(as), 2020. v. 11. p. 580-591.

ROQUE, Tatiana. Geologia da linguística e definição de máquina abstrata por Deleuze e Guattari. **Estudos da Linguagem**, Vitória da Conquista, v. 15, n. 1, p. 101-113, 2017. Disponível em: https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/2422/2005. Acesso em: 11 fev. 2024.

ROUDINESCO, Elizabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

ROVELLI, Carlo. A Critical Look at Strings. **Foundations of Physics**, v. 43, n. 1, p. 8-20, 2013. Disponível em: https://arxiv.org/abs/1108.0868. Acesso em: 4 out. 2024.

ROVELLI, Carlo. Físico Carlo Rovelli fala dos erros que cometemos em nossa ideia de tempo. Entrevista concedida a Henrique Gomes. **Folha de S.Paulo**, 2 abr. 2017. Disponível em: https://www.ihu.unisinos.br/categorias/186-noticias-2017/566413-fisico-carlo-rovelli-fala-dos-erros-que-cometemos-em-nossa-ideia-de-tempo. Acesso em: 4 out. 2024.

RUSSELL, Walter. **A New Concept of the Universe**. Virgínia: University of Science & Philosophy, 1989. [Publicado originalmente em 1953].

RUSSELL, Walter. **The Secret of Light**. 3. ed. Virgínia: University of Science & Philosophy, 1994. [Publicado originalmente em 1947].

RYDEN, B. **Introduction to cosmology**. [*S.l.*]: Cambridge University Press, 2017.

SAFIRE. Original website for the Safire Project. Disponível em: https://www.safireproject.com/#. Acesso em: 15 fev. 2024.

SAGAN, Carl. **O mundo assombrado pelos demônios**: a ciência vista como uma vela no escuro. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SANTANA JÚNIOR. **Tengui**: aula 1. Disponível em: https://santanajr.pro.br/home/tengui/tengui-aula-1/. Acesso em: 23 out. 2022.

SCHILDER, Paul. **The image and the appearance of the human body**: studies in the constructive energies of the psyche. Oxon: Routledge, International Universities Press, 1950.

SCHWENTECK, Matthias. **Orgasmic Blueprint**. [*S. l.*: *s. n.*], 2021. Edição do Kindle.

SCIALANCA, Sergio. **La comunicazione energetica**. Napoli: Istituto Federico Navarro, 2001.

SEMON, Richard. **The Mneme**. London: George Allen & Unwin Ltd., 1921. Disponível em: https://ia601305.us.archive.org/32/items/cu31924100387210/cu31924100387210.pdf. Acesso em: 15 set. 2021.

SEN, Akshay Kumar. **A maravilha que é Sri Ramakrishna**. Tradução de Pravartaka. 2021. [Sri Ramakrishna Mahima, 1910]. Disponível em: https://estudantedavedanta.net/A_Maravilha_Sri_Ramakrishna_Akshay_Kumar_Sen.pdf. Acesso em: 3 out. 2024.

SETH, Anil Kumar. The real problem. **AEON Psyche Digital Magazine**, nov. 2016. Disponível em: https://aeon.co/essays/the-hard-problem-of-consciousness-is-a-distraction-from-the-real-one.

SHELDRAKE, Rupert. **Uma nova ciência da vida**: a hipótese da causação formativa e os problemas não resolvidos da Biologia. São Paulo: Cultrix, 2016.

SILVA, Gabriel Gonçalves Serafim. **Aprendizagens com o Daime na Barquinha da madrinha Francisca**: cartografias dos saberes encantados. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Psicologia, Niterói, 2022.

SIMARD, Suzanne. **A teia da vida**: como as árvores se comunicam e protegem umas às outras. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. São Paulo: Editora Sextante, 2021.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Fogo no mato**: a ciência encantada das macumbas. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

SIMONDON, Gilbert. **A individuação à luz das noções de forma e de informação**. Tradução: Luiz Eduardo Ponciano Aragon e Guilherme Ivo. São Paulo: Editora 34, 2020.

SLOAN, Michael. Aristotle's Nicomachean Ethics as the Original Locus for the Septem Circumstantiae. **Classical Philology**, v. 105, n. 3, p. 236-251, July 2010. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/10.1086/656196. Acesso em: 31 jan. 2024.

SMITH, Stephen. **Marklund Convection**. Thunderbolts Project website. 10 dez. 2019. Disponível em: https://www.thunderbolts.info/wp/2019/12/10/marklund-convection-2/.

SMOLIN, Lee. **The trouble with Physics**: The Rise of String Theory, the fall of a science, and what comes next. Boston: Houghton Mifflin, 2006.

SPINOZA, Baruch. **Tratado da reforma da inteligência**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SPINOZA, Baruch. **Ética**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SPINOZA, Baruch. **Tratado político**. São Paulo: WMF Martins fontes, 2009.

SPINOZA, Baruch. **Princípios da filosofia cartesiana e pensamentos metafísicos**. Tradução: Homero Santiago e Luís Cesar Guimaraes Oliva. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

STARTOVER.XYZ. The Game. **StartOver.xyz**: The Bubble Map. Disponível em: https://startoverxyz.mystrikingly.com/. Acesso em: 16 fev. 2019.

STORY WORLD. Disponível em: https://storyworld.mystrikingly.com/. Acesso em: 17 fev. 2024.

STREY, Frederico Luiz. **Cosmologia de universos emergentes de mundos-brana**. Defesa de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Física da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), 2018. [A dissertação pode ser baixada diretamente no repositório da UFES em:
https://sappg.ufes.br/tese_drupal//tese_12113_Disserta%EF%BF%BD%EF%BF%BDo%20final%20Frederico%20Luiz%20Stey%20-%20PPGFis.pdf]. Acesso em: 16 jan. 2021.

SWINBURNE UNIVERSITY. **Constructive Interference**. Study Astronomy Online at Swinburne University. Disponível em:
https://astronomy.swin.edu.au/cosmos/c/Constructive+Interference. Acesso em: 10 abr. 2024.

TALBOTT, David. **Plasma Scientist Anthony Peratt Meets the Electric Universe**. Abr. 2016. Disponível em: https://www.thunderbolts.info/wp/2016/04/08/plasma-scientist-anthony-peratt-meets-the-electric-universe/. Acesso em: 8 abr. 2023.

TEDESCO, Silvia. As práticas do dizer e os processos de subjetivação. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 10, n. 2, p. 357-362, jul./dez. 2006.

TEMPLE, Robert. **A new science of heaven**: how the science of plasma changes our understanding of physical and spiritual reality. London: Hodder & Stoughton, 2022.

TEVIN NAIDU. Mind-Body Solution. Disponível em: https://youtube.com/@mindbodysolution. Acesso em: 15 fev. 2023.

THE INSTITUTE OF NOETIC SCIENCES (IONS). Inspired by Science, Transformed by Experience. Disponível em: https://noetic.org/. Acesso em: 16 fev. 2022.

THE NOBEL PRIZE. **Nobel Prize in Physiology or Medicine 2008**. Disponível em: https://www.nobelprize.org/prizes/medicine/2008/summary/. Acesso em: 15 fev. 2023.

THE PLASMA UNIVERSE. **Plasmoid**. Disponível em: https://www.plasma-universe.com/plasmoid/#cite_note-bostick1956-8. Acesso em: 10 abr. 2024.

THE PLASMA UNIVERSE. **Plasma Universe / Big Bang comparison**. Disponível em: https://www.plasma-universe.com/plasma-universe-big-bang-comparison/. Acesso em: 13 fev. 2024.

THE PLASMA UNIVERSE. **Charged particle drift**. Disponível em: https://www.plasma-universe.com/charged-particle-drift/. Acesso em: 13 fev. 2024.

THE THUNDERBOLTS PROJECT. YouTube Channel. Disponível em: https://www.youtube.com/user/ThunderboltsProject. Acesso em: 15 fev. 2024.

THORNHILL, Wallace; TALBOTT, David. **The Electric Universe**. Oregon: Mikamar Publishing, 2007. [O Capítulo 1 do livro pode ser acessado no site oficial do Projeto Thunderbolts em: https://www.thunderbolts.info/EU%20Intro%20and%20Chap1.pdf].

TRISMEGISTO, Hermes. **Corpus hermeticum**. Tradução, edição, introdução e notas: Américo Sommerman. São Paulo: Polar Editora, 2019.

TSE, Lao. **Tao Te Ching**: o livro do caminho e da virtude. Tradução: Rafael Arrais. [*S. l.: s. n.*], 2013. Edição do Kindle.

TURIN, Luca. **The secret of scent**. New York: Harper Collins Publishers, 2006.

TYSON, Neil deGrasse. **We live in a four dimensional world**. Canal de YouTube Medium, 2023. 1 vídeo (14min:58s). Disponível em: https://youtu.be/UgN1X0zrV7c?si=37Ndh_Cn7TnUzuuq. Acesso em: 20 out. 2024.

TYSON, Neil deGrasse. **Neil deGrasse Tyson Explains Dimensions**. Canal de YouTube Startalk, 2024. 1 vídeo (10min:47s). Disponível em: https://youtu.be/IYXX98GFcsQ?si=oQRQe5p7IWc8im2q. Acesso em: 23 out. 2024.

ULLMAN, Dana. **Luc Montagnier, Nobel Prize winner, takes homeopathy seriously**. 30 jan. 2011. Disponível em: https://www.huffpost.com/entry/luc-montagnier-homeopathy-taken-seriously_b_814619. Acesso em: 24 fev. 2024.

UNO, Gordon. Botanical literacy: what and how should students learn about plants? **American Journal of Botany**, v. 96, n. 10, p. 1753-1759, 2009.

URTUZUÁSTEGUI, J. V. Prólogo. *In*: MONROY, Erick Daniel Granados. **Fundamentos de Psicología Política de Wilhelm Reich**. Zaragoza: Universidad Nacional Autónoma de México, FES, 2016.

VANDENBERG, Laura N; ADAMS, Dany S.; LEVIN, Michael. Normalized shape and location of perturbed craniofacial structures in the Xenopus tadpole reveal an innate ability

to achieve correct morphology. **Developmental Dynamics**, v. 241, n. 5, p. 863-878, 2012. DOI: https://doi.org/10.1002/dvdy.23770.

VARELA, Francisco; THOMPSON, Evan; ROSCH, Eleanor. **A mente incorporada**: ciências cognitivas e experiência humana. Porto Alegre: Artmed, 1992.

VIVEKANANDA, Swami. **Inspired talks**. Madras: The Ramakrishna Mission, 1908.

VOLPI, José Henrique. **Federico Navarro fala de seu "encontro" com Reich**. Curitiba: Centro Reichiano, 2004. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos.htm. Acesso em: 10 out. 2024.

WAGNER, Cláudio Mello. **Freud e Reich**: continuidade ou ruptura? São Paulo: Summus, 1996.

WATTS, Alan. **The Nature of Consciousness (Part 1)**. 1969. Disponível em: ttps://www.organism.earth/library/document/out-of-your-mind-1#ch4. Acesso em: 19 fev. 2025.

WEINMANN, Amadeu O. A psicologia política de Wilhelm Reich. **Revista Reichiana**, São Paulo, ano XII, n. 12, p. 64-71, 2003.

WIKIPEDIA CONTRIBUTORS. Conditional (computer programming). *In*: WIKIPÉDIA: The Free Encyclopedia. 2023a. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Conditional_(computer_programming). Acesso em: 14 out. 2023.

WIKIPEDIA CONTRIBUTORS. Control flow. *In*: WIKIPÉDIA: The Free Encyclopedia. 2023b. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Control_flow. Acesso em: 14 out. 2023.

WIKIPEDIA CONTRIBUTORS. Infinite loop. *In*: WIKIPÉDIA: The Free Encyclopedia. 2023c. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Infinite_loop. Acesso em: 14 out. 2023.

WIKIPEDIA CONTRIBUTORS. Ola Raknes. *In*: WIKIPÉDIA: The Free Encyclopedia. 2023d. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Ola_Raknes. Acesso em: 17 out. 2023.

WITTEN, Edward. String Theory Dynamics in Various Dimensions. **Nuclear Physics B**, v. 443, n. 1-2, p. 85-126, 1995. Disponível em: https://arxiv.org/abs/hep-th/9503124. Acesso em 18 jan. 2021.

WOLFFENBÜTTEL, Andréa. O que é? Joint-venture. **Ipea Desafios do Desenvolvimento**, edição 25, ano 3, 2006. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2110:catid=28&Itemid=#:~:text=Joint%2Dventure&text=Traduzindo%2Dse%20ao%20pé%20da,delas%20perca%20a%20identidade%20própria. Acesso em: 5 fev. 2024.

WORMS, Frédéric. **Bergson ou os dois sentidos da vida**. Tradução: Aristóteles Angheben Predebon. São Paulo: Editora Unifesp, 2010.

XAVIER, Donizete. Teologia do domínio: a influência religiosa e o perigo da imagem do caos. **Teocomunicação**, v. 54, n. 1, p. 1-15, 2024. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/teo/article/view/46944. Acesso em: 2 dez. 2024.

YABIR, Abu Omar. **Criterium naturae**: epitome de chemicina y espagiria. Madrid: Mandala Ediciones, 2014.

ZAMBONI, Jésio; DE BARROS, Maria Elizabeth Barros. Um clínico da atividade desejante no campo social: Félix Guattari. **Polis e Psique**, v. 2, n. 1, p. 23-42, 2012.

ZIMBARDO, Philip. **O efeito Lúcifer**: entendendo como pessoas boas se tornam más. Tradução: Ana Beatriz Rodrigues e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Editora Vetor, 2018.

ZOURABICHVILI, François. **O vocabulário de Deleuze**. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro, 2004.